



GISLANE AZEVEDO
REINALDO SERIACOPI

HISTÓRIA • ENSINO MÉDIO

HISTÓRIA

passado e presente

3

DO SÉCULO XX AOS DIAS DE HOJE



MANUAL DO
PROFESSOR

ea

editora ática

HISTÓRIA • ENSINO MÉDIO

HISTÓRIA

passado e presente

DO SÉCULO XX AOS DIAS DE HOJE

3

GISLANE AZEVEDO

- Mestre em História Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.
- Professora universitária, pesquisadora e ex-professora de História dos ensinos Fundamental e Médio nas redes privada e pública.
- Coautora da coleção Teláris (Editora Ática) para alunos do Ensino Fundamental II.

REINALDO SERIACOPI

- Bacharel em Língua Portuguesa pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo e em Jornalismo pelo Instituto Metodista de Ensino Superior (IMS-SP).
- Editor especializado na área de História.
- Coautor da coleção Teláris (Editora Ática) para alunos do Ensino Fundamental II.



editora ática

Diretoria editorial
Lidiane Vivaldini Olo

Gerência editorial
Luiz Tonolli

Editoria de Ciências Humanas
Heloisa Pimentel

Edição
Marina de Sena Nobre,
Solange Mingorance, Mariana Renó Faria (estag.)
e Thamirys Gênova da Silva (estag.)

Gerência de produção editorial
Ricardo de Gan Braga

Arte
Andréa Dellamagna (coord. de criação),
Adilson Casarotti (progr. visual de capa),
Sílvio Testa (progr. visual de miolo),
Claudio Faustino (coord.),
Yong Lee Kim (edição), Luiza Massucato (assist.)
e Dito e Feito Comunicação (diagram.)

Revisão
Hélia de Jesus Gonsaga (ger.),
Rosângela Muricy (coord.),
Gabriela Macedo de Andrade, Heloísa Schiavo,
Patrícia Travanca e Paula Teixeira de Jesus;
Brenda Moraes e Gabriela Miragaia (estagiárias)

Iconografia
Sílvio Kligin (superv.), Denise Durand Kremer (coord.),
Iron Mantovanello (pesquisa), Cesar Wolf e Fernanda
Crevin (tratamento de imagem)

Cartografia
Eric Fuzii, Loide Edelweiss Iizuka
e Marcelo Seiji Hirata

Fotos da capa: Construção do Muro de Berlim,
em junho de 1961.

Keystone-France/Getty Images
Queda do muro de Berlim, em 1989.
Tom Stoddart/Shutterstock

Protótipos
Magali Prado

Direitos desta edição cedidos à Editora Ática S.A.
Avenida das Nações Unidas, 7221, 3ª andar, Setor A
Pinheiros – São Paulo – SP – CEP 05425-902
Tel.: 4003-3061
www.atica.com.br / editora@atica.com.br

2016

ISBN 97885 08 17983 1 (AL)
ISBN 97885 08 17984 8 (PR)
Cód. da obra CL 713427
CAE 566 705 (AL) / 566 706 (PR)

1ª edição
1ª impressão
Impressão e acabamento



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Azevedo, Gislane
História : passado e presente / Gislane
Azevedo, Reinaldo Seriacopi. -- 1. ed. --
São Paulo : Ática, 2016.

Obra em 3 v.
Conteúdo: V.1 Dos primeiros humanos ao
Renascimento -- v.2 Do mundo moderno ao século
XIX -- v.3 Do século XX aos dias de hoje.

1. História (Ensino médio) I. Seriacopi,
Reinaldo. II. Título.

16-02954

CDD-907

Índices para catálogo sistemático:

1. História : Ensino médio 907

APRESENTAÇÃO

Digo adeus à ilusão
mas não ao mundo. Mas não à vida,
meu reduto e meu reino.
Do salário injusto,
da punição injusta,
da humilhação, da tortura,
do terror,
retiramos algo e com ele construímos
[um artefato
um poema
uma bandeira.

Ferreira Gullar

Observe ao seu redor: praticamente tudo o que está à nossa volta e utilizamos na escola, em casa ou no trabalho foi construído por seres humanos. Pense também no sistema político que rege nossa sociedade, nas leis que regulam nossas relações e em tudo o que con-

sideramos justo ou injusto, certo ou errado: todos esses princípios e valores também foram estabelecidos por pessoas ao longo do tempo.

Estudar História não é apenas conhecer e entender os caminhos trilhados pelos seres humanos no passado. Graças ao estudo da História, podemos fazer uma leitura crítica de nosso presente e compreender como e por que nossa sociedade encontra-se hoje constituída da maneira que a conhecemos.

Com base nessa visão, procuramos elaborar um livro que, ao tratar de assuntos do passado, tivesse como ponto de partida o presente. Com essa proposta, você verá como a História está intimamente relacionada a aspectos centrais do mundo contemporâneo e de nossa vida, constituindo um assunto extremamente interessante e instigante.

O texto central do livro é complementado por boxes e seções. Na seção *Eu também posso participar*, discutimos, com base em contextos históricos específicos, quanto os atos de cada um de nós pode interferir no destino da humanidade. A seção *Olho vivo*, por sua vez, é voltada para o trabalho com imagens e oferece uma ampla leitura das informações contidas em pinturas, esculturas e outros materiais iconográficos. Já a seção *Enquanto isso...* revela que não existe uma história linear e única da humanidade.

Todos os volumes desta coleção estão permeados de imagens, mapas, documentos e diferentes tipos de atividades que vão auxiliá-lo a refletir sobre o passado e o presente.

Nossa proposta é oferecer instrumentos para interpretar e analisar criticamente a realidade de nosso mundo. Você perceberá que a História exerce um papel privilegiado no processo de consolidação da cidadania e na construção de uma sociedade mais solidária, fraterna e tolerante.

Os autores

CONHEÇA SUA COLEÇÃO

Esta coleção é composta de três volumes. A seguir mostraremos algumas das principais características da obra.

UNIDADE 3 Violência

Você sabe reconhecer a violência? Ela pode ser definida como qualquer tipo de ação que provoque lesões físicas, morais e psíquicas em um indivíduo ou em um grupo de pessoas. Sua manifestação se dá de diversas maneiras: assaltos, agressões domésticas, ações arbitrárias da polícia, guerras, atentados terroristas, etc. Há registros de conflitos violentos desde os primeiros agrupamentos humanos.

As tentativas de dominação de povos por Estados em processo de expansão territorial, como ocorreu no colonialismo e na formação de impérios também são fenômenos recorrentes. O governo detém – mesmo em sociedades democráticas – o poder de usar legitimamente a violência contra a população, que se dá por meio da polícia. Outros exemplos da violência de Estado ocorrem em ditaduras, que suprimem direitos civis e utilizam métodos repressivos, como prisão, tortura e execução, para intimidar seus opositores.

Situações de dominação estrangeira ou de opressão interna tendem a provocar reações violentas por parte de grupos rebeldes. Nesses casos, há violência revolucionária, que pode assumir proporções maiores ou menores, como ocorreu na Revolução Francesa (1789) e na Revolução Russa (1917).

Nesta Unidade, veremos como a violência de Estado e a violência revolucionária se manifestaram em diversos lugares do mundo no decorrer da segunda metade do século XX.



Desenho que faz parte da exposição 'CHNY' de Vin Van Goo (A vida de uma criança de Guará, 2011. Projeto da artista Saira Johnson, junho de 20 de desenhos de crianças palestinas).

COMO DE CONVERSA

1. A violência pode assumir formas muito variadas, como violência física, psicológica e social, entre outras. Com base nisso, descreva os tipos de violência que você observa com mais frequência no seu cotidiano.
2. Existem muitas formas de violência que ocorrem dentro do ambiente escolar. Uma delas é conhecida atualmente como bullying. Por que você considera que isso ocorre? Que medidas podem ser tomadas para evitar esse tipo de prática?

- 1 Abertura das Unidades:** apresenta sempre um texto introduzindo um conceito importante para os dias de hoje – como cidadania, ética, violência – e que será trabalhado ao longo da Unidade. O texto vem acompanhado de fotos e da seção de atividades *Começo de conversa*.
- 2 Abertura dos capítulos:** relaciona um assunto atual com algo do passado a ser visto no capítulo,

mostrando que a História está presente em nosso dia a dia. Em *Objetivos do capítulo*, você é informado sobre os principais tópicos abordados nas páginas seguintes.

3 Fechando a Unidade: de forma multidisciplinar, a seção utiliza diferentes documentos, como quadrinhos, poema, relatório, fotografia, etc. O conceito da Unidade é retomado por meio de atividades.

CAPÍTULO 13 Desafios para um Brasil democrático

Em abril de 1996, 19 sem-terra foram assassinados pela polícia do estado do Pará, no município de Eldorado dos Carajás. Até maio de 2016 ninguém havia sido punido. O caso e a impiedade de seus mandantes representam uma página negra da história do campo. Em 2015 o Brasil ganhou, pela quarta vez consecutiva, o primeiro lugar no ranking mundial de violência no campo, segundo o *DNIC Internacional Global Witness*.

Além da violência no campo, a população brasileira sofre com diversos outros tipos de violência, promovidos pela ação ou omissão dos governos – frequentemente, as ações policiais são abusivas, principalmente contra jovens pobres e negros. Outras violências são perpetuadas por preconceitos e intolâncias. No Brasil, a média anual de mortes no trânsito – provocadas quase sempre por excesso de velocidade e/ou embriaguez – por exemplo, é de 45 mil pessoas. Além disso, o tráfico no país a vida de quase 3 mil mulheres e a homofobia é responsável pela morte de 400 pessoas todos os anos.

Embora o Brasil tenha alcançado diversas conquistas nos últimos anos – como ter saído do “vale do fim” –, ainda há muito a ser feito para que se torne um país mais justo, igualitário e tolerante. Neste capítulo estudaremos algumas das contradições que marcam o Brasil contemporâneo.

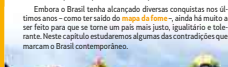
OBJETIVOS DO CAPÍTULO

Analisar as principais tendências socioeconômicas e políticas do Brasil a partir da década de 1980.

Caracterizar alguns aspectos da Constituição de 1988 em termos fundamentais para o fortalecimento da democracia no Brasil.

Compreender as disputativas de constitucionalidade da Constituição atual, além dos conflitos de poderes e de competências em âmbito nacional.

Resgatar os conceitos de liberdade civil, um importante pilar constitucional da República, e analisar os desafios das relações individuais e sociais.



FECHANDO A UNIDADE

DOCUMENTO 1 - Livro

Ampliei, você encontrará três documentos que abordam a questão da ética. O primeiro deles é um trecho do livro da filósofa brasileira Maria Tliout. Como sabemos com um dilema, no qual a vontade associada democrática com ética é discutida sob o ponto de vista. O segundo documento é um quadrinho da artista Cacilda e Haroldo, criado por Bill Werhane. Já o terceiro é um trecho de um artigo do cientista político brasileiro Wanderley Guilherme dos Santos, no qual ele discute a questão da corrupção no Brasil. Após a leitura de cada documento, responda ao que se pede.

DOCUMENTO 1 - Livro

O dilema que antecede a democracia é político, no sentido mais amplo: produção de valores, valores, transformação. Tudo isso é entendido nesse contexto que democracia é a forma como a vontade se manifesta em um processo de alguma coisa que tem em comum o dilema. Há um dilema que se apresenta: o dilema da ética e da política. Como de qualquer coisa a política. Então, a vontade política se manifesta no dilema da ética. Então, a vontade política se manifesta no dilema da ética. Então, a vontade política se manifesta no dilema da ética.

DOCUMENTO 2 - Quadrinho

DOCUMENTO 3 - Artigo

Tal como se propõe mundo afine, a mal-estar de grande segmento de sociedade decorre da existência de um sentimento contrário, ou abstrato, ou abstrato, ou recusa do indivíduo, não está relacionado ao termo. Há, contudo, a noção que a existência de um sentimento contrário de parte dos segmentos da população política. Há a noção de que existe um conflito de valores entre a vontade política e a vontade política.

Se a vontade política pública de governo puder ser entendida como a vontade política, então, a vontade política pública de governo é a vontade política. Então, a vontade política pública de governo é a vontade política. Então, a vontade política pública de governo é a vontade política.

REFLITA E RESPONDA

1. Maria Tliout faz uma associação entre a democracia e a prática cotidiana que pode ser entendida com uma postura ética diante da vida e do outro. Explique como ela faz essa associação.
2. No documento 2, o personagem Litzen é associado por um questionamento ético. Qual é esse questionamento e qual é a implicação ética dessa associação proposta no quadrinho?
3. Em um artigo, Wanderley Guilherme dos Santos afirma que uma reforma política não basta para superar os problemas políticos do Brasil. Por que ele afirma isso?
4. Existe uma relação entre o quadrinho de Cacilda e Haroldo que se refere ao texto de Wanderley Guilherme dos Santos. Qual é essa relação?
5. Como tem na leitura dos três documentos, elaborar um texto explicando por que a democracia e a ética são duas posturas relacionadas que exigem um esforço contínuo para se realizar individual e coletivamente.

SEÇÕES

OLHO VIVO

A barbárie nazifascista, segundo Picasso

Em abril de 1937 a pequena cidade de Guernica, no norte da Espanha, foi alvo de um intenso bombardeio a serviço do general Franco. Em 1981, Guernica chegou a Miami, onde se encontra até hoje, no Museu de Arte de Nova York.



Reprodução da obra de Picasso, Guernica. Disponível em: <https://www.museu.gov.br/>

As pedras fr para a Espanha quando a democracia voltou a vigorar no país. Isso só ocorreu em 1975, após a morte do general Franco. Em 1981, Guernica chegou a Miami, onde se encontra até hoje, no Museu de Arte de Nova York.

Quando não deve ser visto como uma obra de arte, Guernica pode ser visto como uma representação pictórica da Guerra Civil Espanhola. Na obra há uma cena central de um avião bombardeando uma cidade. Há uma figura central de uma criança morta, e uma mulher chorando. Há uma figura central de uma criança morta, e uma mulher chorando.

4

4 OLHO VIVO - Foto de comunicação da rede

PASSADO PRESENTE

O futuro da África

O processo de colonização e o saque das riquezas da África, desde o século XV, transformaram o continente nos últimos 500 anos, transformando-o em um dos mais pobres do mundo. Apesar da grande diversidade, nem todos os africanos compartilham a ideia de que a história do continente seja um movimento que afirma sua África e seu futuro.



4 Europeus na Ásia

Durante o período de expansão comercial da Europa, iniciado no século XV, a interdição europeia no Ásia se restringiu à Índia e à China. As relações se tornaram mais próximas na região do Sudeste Asiático. O comércio de especiarias tornou-se o principal motivo para a chegada dos europeus à região.

Alguns países, porém, não permitiram a presença dos europeus. De acordo com estudos recentes, a taxa anual de crescimento econômico da África tem sido superior à da América Latina. Segundo o Departamento de Economia da África Ocidental e do Sul, em 2015, a taxa de crescimento do continente foi de 4,3%, maior que a registrada mundial, que foi de 3,7%.

A África tem potencialidades que permitem superar o quadro atual, ainda muito marcado pela pobreza. Além de ações concretas, como a criação de escolas, por exemplo, muitos líderes africanos afirmam que uma maior participação do continente no comércio internacional é essencial para sua recuperação. Dessa maneira, se os países africanos não participarem do comércio internacional, eles não poderão desenvolver suas economias.

Essas possibilidades, contudo, estarão na prática, dependendo da atuação dos países europeus, visto que a presença dos países africanos no comércio internacional depende da atuação dos países europeus. Portanto, os países africanos não podem depender apenas dos países europeus para superar o quadro atual.

5 OLHO VIVO - Imagem de comunicação da rede

4 Olho vivo: a seção oferece uma ampla leitura das informações contidas em pinturas, esculturas e outros materiais iconográficos.

5 Passado presente: por meio desta seção, percebemos que assuntos do passado influenciam no presente muito mais do que imaginamos.

6 Enquanto isso...: trabalha a simultaneidade histórica, revelando que a história da humanidade não é única nem linear.

7 Esquema-resumo: síntese esquemática do capítulo que auxilia na revisão do conteúdo abordado. Acompanha atividade.

Eu também posso participar: por meio de contextos históricos específicos, a seção discute quanto os atos praticados por cada um de nós podem interferir no destino da humanidade.

Você sabia?: texto complementar ao tema central, que traz alguma curiosidade a respeito dele.

Minha biblioteca: rica e diversificada seleção de sites, livros, filmes e HQs relacionados ao conteúdo do capítulo.

ENQUANTO ISSO...

A Revolução Mexicana

Esqueça as ideias conservadoras de debaixo da colonização de países da América no início do século XIX. Uma revolução derrubou o ditador mexicano Porfirio Díaz em 1911, que encerrava a época de poder no país desde 1876. Até então, quase todo o território mexicano pertencera aos latifundiários. Porfirio quis acabar com a desigualdade social e o privilégio das elites e destruir relações com o Estado mexicano.

Desafiantemente, a revolução de 1910 se tornou um movimento popular e a maior da grande maioria, tornando o processo político, desde então, um sistema de controle social e político de oposição ao sistema. Muitos foram os obstáculos para a criação de um novo governo. Muitos foram os obstáculos para a criação de um novo governo. Muitos foram os obstáculos para a criação de um novo governo.

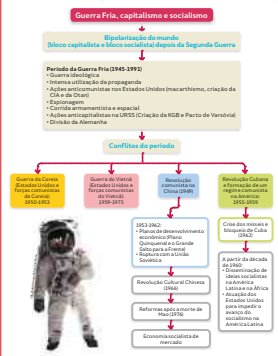
Uma ideia central da Revolução Mexicana foi a criação de um novo governo. Muitos foram os obstáculos para a criação de um novo governo. Muitos foram os obstáculos para a criação de um novo governo.



6

6 ENQUANTO ISSO... - Foto de comunicação da rede

ESQUEMA-RESUMO



7 OLHO VIVO - Imagem de comunicação da rede

ATIVIDADES

Dentro dos boxes temos quatro tipos de atividade: **Sua opinião**, **Sua comunidade**, **Diálogos** e **De olho no mundo**, cada um com objetivo bem específico. Diálogos, por exemplo, trabalha a interdisciplinaridade, e Sua comunidade, a relação entre o local e o global.

Ao final do capítulo temos:

- Organizando as ideias** – retoma o conteúdo visto no capítulo.
- Interpretando documentos** – trabalha a capacidade de leitura e interpretação de diferentes tipos de documento, como fotografias, mapas, gráficos, tabelas, charges, textos impressos, etc.
- Teste seu conhecimento** – perguntas de múltipla escolha extraídas dos principais vestibulares do Brasil e do Enem.
- Hora de refletir** – atividade que relaciona o capítulo com o conceito da Unidade.

No decorrer dos capítulos se encontram: **Sugestões de filmes e livros:** acompanhadas de breves resumos, localizam-se na margem da página em que se aborda o assunto relacionado a elas.

Glossário: as palavras marcadas no texto ganham uma explicação aprofundada no glossário.

DIALOGANDO COM... GEOGRAFIA

Esse ícone indica que o texto ou a atividade em questão permitem desenvolver trabalho interdisciplinar.

SUMÁRIO

UNIDADE 1 Ciência e tecnologia 8

CAPÍTULO 1

Do neocolonialismo

à Belle Époque

1. Segunda Revolução Industrial	11
2. Belle Époque	12
3. A ação imperialista	14
4. África em pedaços	16
5. Europeus na Ásia	17
6. O Japão entra em cena	19
7. Democratização da Europa e dos Estados Unidos	21
Esquema-resumo	24
Atividades	25
Minha biblioteca	28

CAPÍTULO 2

Primeira Guerra Mundial

e Revolução Russa

1. A paz armada	30
2. Primeira Guerra Mundial	32
3. Acordos de paz	34
4. A Rússia no início do século XX	36
5. As Revoluções de 1917	37

6. A formação da URSS	39
Esquema-resumo	41
Atividades	42
Minha biblioteca	45

CAPÍTULO 3

Brasil: do final do século XIX

à Revolução de 1930

1. Economia brasileira no início do século XX	47
2. Imigração: encontro de culturas	51
3. A urbanização excludente das cidades	52
4. Política: nas mãos da elite	54
5. Movimentos messiânicos	58
6. A República oligárquica em crise: insatisfação e revoltas	62
7. Derrocada da República oligárquica em 1930	66
Esquema-resumo	67
Atividades	68
Minha biblioteca	71

FECHANDO A UNIDADE	72
--------------------	----

UNIDADE 2 Meios de comunicação de massa 74

CAPÍTULO 4

O período entre guerras

e a ascensão do totalitarismo

1. Estados Unidos após a Primeira Guerra Mundial	77
2. Queda da Bolsa de Nova York	79
3. New Deal	80
4. Origens e características do totalitarismo	82
5. Fascismo na Itália	83
6. Ascensão do nazismo	85
7. Totalitarismo soviético	87
8. Guerra Civil Espanhola	88
Olho vivo	90
Esquema-resumo	93
Atividades	94
Minha biblioteca	97

CAPÍTULO 5

Segunda Guerra Mundial

1. O mundo entreguerras	99
2. A maior de todas as guerras	101
3. O pós-guerra	109
Esquema-resumo	110
Atividades	111
Minha biblioteca	114

CAPÍTULO 6

O Brasil durante o governo Vargas

1. Governo provisório (1930-1934)	116
2. Entre duas Constituições: de 1934 a 1937	119
Olho vivo	122
3. O Estado Novo (1937-1945)	123
Esquema-resumo	126
Atividades	127
Minha biblioteca	130

CAPÍTULO 7

Guerra Fria, capitalismo

e socialismo

1. As superpotências: Estados Unidos e União Soviética	132
2. Polarização ideológica	133
3. Terror nuclear e a corrida espacial	136
4. A China vermelha	140
5. Revolução Cubana	142
6. Socialismo na América Latina	145
7. Socialismo africano	146
Esquema-resumo	147
Atividades	148
Minha biblioteca	151

FECHANDO A UNIDADE	152
--------------------	-----

UNIDADE 3 Violência 154

CAPÍTULO 8

África, Ásia e América Latina: independência política

1. A independência nos países da África e da Ásia	157
2. Movimentos nacionalistas pela independência na África	157
3. Golpes militares em países da África	159
4. O <i>apartheid</i> na África do Sul	161
5. Movimentos nacionalistas pela independência da Ásia	162
6. O nacionalismo e o populismo latino-americano	166
7. América Latina a caminho da industrialização	167
8. Guerra ao comunismo	167
9. Ditaduras militares	168
Olho vivo	170
Esquema-resumo	173
Atividades	174
Minha biblioteca	177

UNIDADE 4 Ética 204

CAPÍTULO 10

Décadas de 1970 e 1980: crise e conflito

1. Expansão e crise econômica no pós-guerra	207
2. Revolução teocrática	211
3. Retorno dos judeus à Palestina	213
Esquema-resumo	220
Atividades	221
Minha biblioteca	226

CAPÍTULO 11

O fim do bloco comunista

1. URSS: o início do fim	228
2. Cai a “cortina de ferro”	230
3. Fim da União Soviética	233
Esquema-resumo	236
Atividades	237
Minha biblioteca	241

CAPÍTULO 12

Mundo globalizado

1. Tempos de globalização	243
2. Novos laços econômicos e comerciais	243

CAPÍTULO 9

Da renúncia de Vargas

às Diretas Já!	178
1. Reorganização política	179
2. Período desenvolvimentista	182
3. Parlamentarismo no Brasil	185
4. Reformas de base e golpe civil-militar	185
5. Implantação do governo civil-militar	187
6. Generais “linha-dura” no governo	189
7. Mais um general no poder (1974-1979)	193
8. O fim da ditadura	194
Esquema-resumo	197
Atividades	198
Minha biblioteca	201

FECHANDO A UNIDADE



Diego Rivera/Museo Mural Diego Rivera, México

3. Um mundo desigual	245
4. Ciranda financeira	248
5. Ascensão do fundamentalismo religioso	249
Esquema-resumo	254
Atividades	255
Minha biblioteca	258

CAPÍTULO 13

Desafios para um

Brasil democrático	259
1. Consolidação democrática	260
2. Década perdida	262
3. Do protecionismo ao neoliberalismo	265
4. Entre avanços e dificuldades sociais	267
5. Violência urbana e corrupção	271
Esquema-resumo	273
Atividades	274
Minha biblioteca	277

FECHANDO A UNIDADE

QUESTÕES DO ENEM

BIBLIOGRAFIA

Ciência e tecnologia

Somos surpreendidos diariamente com novos inventos e novas descobertas nas áreas da ciência e da tecnologia: mapeamento genético, vacinas para doenças graves como tuberculose, tétano e pneumonia, robôs capazes de realizar cirurgias delicadas, redes de computadores que possibilitam a comunicação instantânea entre pessoas separadas por milhares de quilômetros, etc. permitem que os seres humanos vivam por mais tempo e com mais conforto. Tantas novidades, entretanto, suscitam perguntas: esses avanços têm apenas aspectos positivos? Todas as pessoas vivenciam esse progresso da mesma maneira? Eles tornam as pessoas mais felizes, tolerantes e solidárias? Quais são os limites éticos dos pesquisadores em nome das conquistas científicas e tecnológicas?

Essas são preocupações de muitas pessoas na sociedade contemporânea. O que se discute, muitas vezes, diz respeito aos limites e usos da ciência.

É certo que os avanços científicos e tecnológicos ocorridos nos últimos tempos provocaram diversas mudanças nos hábitos e costumes da população. Entretanto, se colocados em prática sem critérios éticos, muitos deles podem pôr em risco o equilíbrio entre as sociedades humanas e o meio ambiente.

Nesta Unidade veremos de que maneira, a partir da segunda metade do século XIX, novos inventos e novas descobertas – a energia elétrica, o cinema, o automóvel e o anestésico – aumentaram o entusiasmo em torno das infinitas possibilidades da ciência e da capacidade humana. As promessas de felicidade e progresso que permeavam o discurso científico-tecnológico pareciam irrefutáveis, até que uma de suas primeiras grandes consequências negativas abalou o mundo: a Primeira Guerra Mundial.

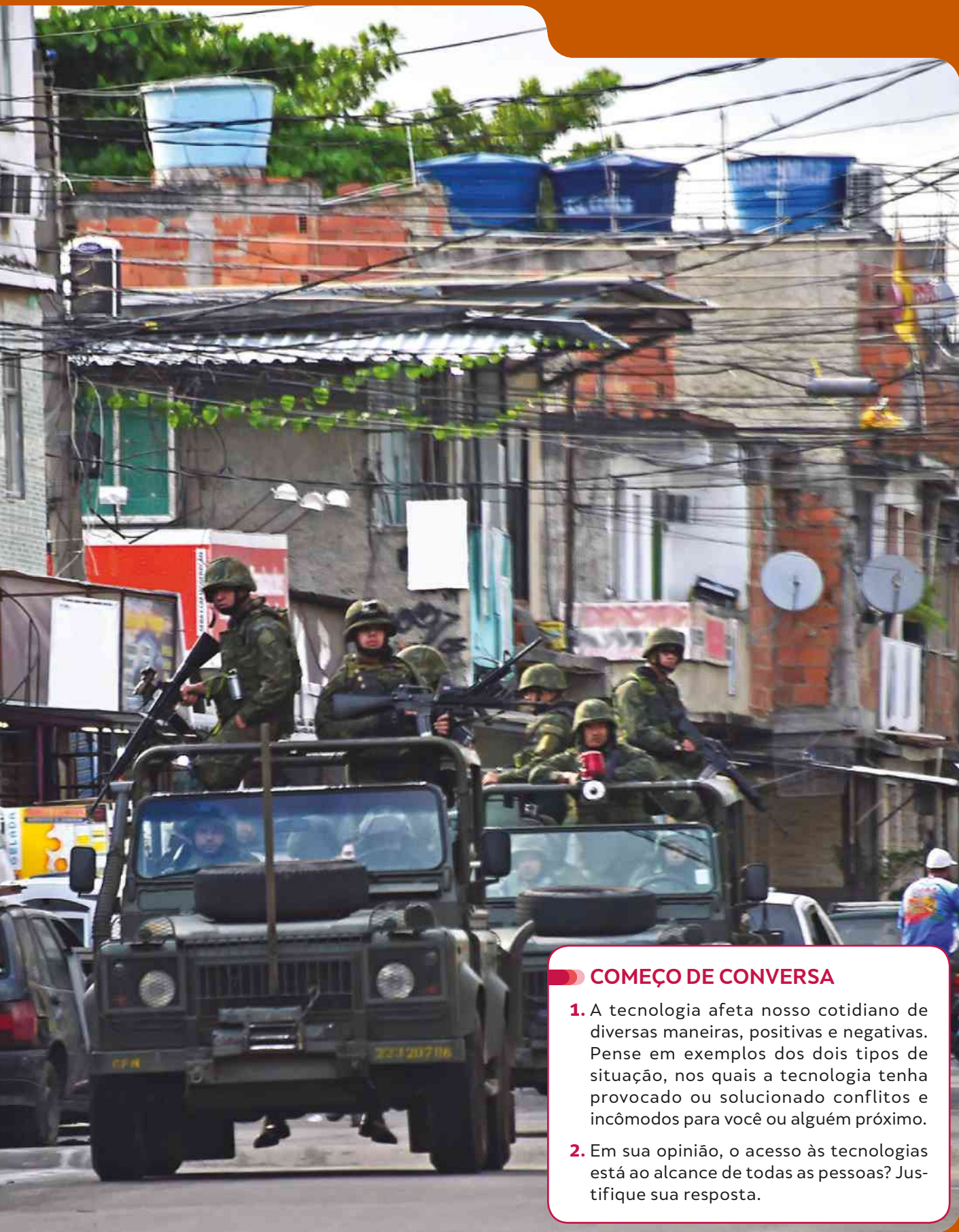
Algumas importantes tecnologias para o ser humano, considerando a maneira como vivemos atualmente, foram desenvolvidas em tempos de guerra, como o GPS, os serviços de ambulâncias e os antibióticos.

Na foto, na Favela da Maré (Rio de Janeiro), uma patrulha militar usa carro que permite visualização total dos policiais e alta velocidade em situações de perseguição. Foto de 2014.



A pesquisadora brasileira Priscila Kosaka, que desenvolveu uma técnica não invasiva capaz de detectar um câncer antes do primeiro sintoma. Na foto, ela está no Laboratório de Bionanomecânica, em Madri, Espanha, 2014.





COMEÇO DE CONVERSA

1. A tecnologia afeta nosso cotidiano de diversas maneiras, positivas e negativas. Pense em exemplos dos dois tipos de situação, nos quais a tecnologia tenha provocado ou solucionado conflitos e incômodos para você ou alguém próximo.
2. Em sua opinião, o acesso às tecnologias está ao alcance de todas as pessoas? Justifique sua resposta.

Do neocolonialismo à Belle Époque

As imagens a seguir têm mais de cem anos de diferença. Uma delas é uma gravura de 1820 e representa cidadãos britânicos carregados em liteiras por habitantes da colônia da costa do Ouro, atual Gana, na África. A outra é uma fotografia de 2012, feita na ilha Tuvalu, ao sul do oceano Pacífico, e retrata o duque de Cambridge, William, sendo carregado em uma espécie de trono.

É importante observar que tanto a costa do Ouro como a ilha Tuvalu no final do século XIX foram dominadas pela Inglaterra e só recuperaram sua autonomia no século XX. Nesse período, outros territórios da África, da Ásia e algumas ilhas da Oceania estiveram sob o domínio de nações europeias.

Neste capítulo estudaremos o processo de colonização da África e da Ásia e seus impactos sobre os povos dos dois continentes.

O duque de Cambridge, príncipe William da Inglaterra, é carregado por nativos durante visita à ilha de Tuvalu, na Polinésia, em visita ao país em 2012.

Britânicos são carregados em liteiras em litografia de William Hutton, 1820.



Litografia. Reprodução do Departamento de Coleções Especiais, Biblioteca da Universidade do Virgínia, EUA.



Samir Hussein/WireImage/Getty Images

OBJETIVOS DO CAPÍTULO

- Entender os desdobramentos tecnológicos e políticos da Segunda Revolução Industrial, relacionando questões do passado e do presente pelo viés da ética e da justiça social.
- Compreender o processo de expansão territorial imperialista europeu e estadunidense e sua relação com o desenvolvimento industrial.
- Compreender de que maneiras as teorias racistas foram utilizadas para justificar ações imperialistas dos países europeus a partir da segunda metade do século XIX.
- Analisar as novas demandas sociais e o aumento da participação política no final do século XIX e início do século XX, na Europa e nos Estados Unidos.

1 Segunda Revolução Industrial

A Revolução Industrial iniciada em meados do século XVIII (1750, aproximadamente) na Inglaterra deu origem ao **modo capitalista de produção**, baseado no trabalho assalariado, na fábrica como unidade de produção e na livre competição entre as empresas no mercado. Esse foi o período do **capitalismo competitivo**.

Nos cem anos seguintes as inovações tecnológicas continuaram surgindo. Em meados do século XIX, pela abrangência do seu uso e pelo profundo impacto que causaram na economia e na produção industrial, passaram a caracterizar a chamada **Segunda Revolução Industrial**, que repercutiu em diversas áreas. Por exemplo:

- Em 1856, a Inglaterra aperfeiçoou o processo de produção do aço, que substituiu o ferro na construção civil e passou a ser empregado também na construção de ferrovias e de navios, além da fabricação de armamentos cada vez mais potentes.
- Em 1859, na região da Pensilvânia, costa leste dos Estados Unidos, foi descoberto petróleo, que passou a ser explorado industrialmente e utilizado para diversos fins.
- Em 1879, foi inventada a lâmpada elétrica, que mudou radicalmente muitos hábitos da população quando seu uso se tornou abrangente na iluminação de ambientes.

Com as novas transformações tecnológicas, acentuou-se a **concentração do capital**, com a formação de empresas cada vez maiores, que absorviam as menores e monopolizavam ramos inteiros da produção, eliminando a concorrência.

Ao mesmo tempo, formavam-se grandes bancos, que uniam seu capital (o capital financeiro) ao capital industrial. O sistema econômico dominante deixava de ser, assim, o capitalismo competitivo. Em seu lugar, a economia das nações com larga produção industrial adotava a forma de **capitalismo monopolista**.

Inglêses diante da iluminada estação de metrô de Londres, em 1900. A iluminação elétrica e o metrô eram novidades na virada do século XIX para o XX.



Modo capitalista de produção: forma de organização da produção baseada na propriedade privada dos meios de produção de riqueza (terras, fábricas, bancos, etc.), no qual o capitalista, detentor dos meios de produção, utiliza a força de trabalho de terceiros para que esta resulte na produção de mercadorias e de lucro. Para Karl Marx (1818-1883), esse processo é marcado pela diferença entre o valor pago ao trabalhador e a riqueza que ele produz, gerando lucro. Essa disparidade é chamada de mais-valia.

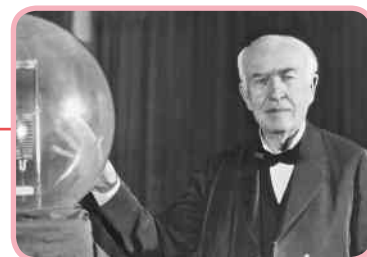
Capitalismo monopolista: na segunda metade do século XIX, houve uma grande concentração dos meios de produção nas mãos de grandes corporações. Bancos se uniram a indústrias e passaram a controlar um setor inteiro da economia de alguns países, exercendo um monopólio.

VOCÊ SABIA?

DIALOGANDO
COM... FÍSICA

Novas fontes de energia

A lâmpada elétrica inventada pelo estadunidense Thomas Edison (1847-1931) em 1879 substituiu, rapidamente, as velas feitas de sebo que eram usadas na iluminação das residências à noite.



Underwood Archives/Getty Images

O inventor estadunidense Thomas Edison com sua invenção, a lâmpada incandescente, em foto de 1929.

DIÁLOGOS

- Tem crescido em quase todos os países a procura por fontes alternativas de energia com o objetivo de reduzir o impacto ambiental causado pela queima de combustíveis fósseis (carvão e petróleo). Reúna-se em grupo e, com o auxílio do professor de Física, façam juntos uma pesquisa sobre a diversidade de fontes de energia alternativas aos combustíveis fósseis. Elaborem um texto que descreva seus aspectos positivos e negativos e compartilhem suas conclusões com a turma toda.

2 Belle Époque

A Segunda Revolução Industrial causou impacto também na vida social e na mentalidade, no modo de pensar, das pessoas da época. Para muitos, havia uma sensação de infinitude da capacidade criativa humana, o que trazia a convicção de que esses seres inventivos, urbanos e industriais construiriam um mundo cada vez melhor. Por isso, o período compreendido entre a segunda metade do século XIX e os primeiros anos do século XX ficou conhecido como *Belle Époque* (“bela época”, traduzido do francês).

A área de transportes, por exemplo, foi uma das que mais se transformou nessa época. Em poucas décadas foram inventados a bicicleta (1861), o metrô (1863), o bonde elétrico (1874), a locomotiva elétrica (1879) e o automóvel (1886) (leia a seção *Eu também posso participar*). Foram ainda construídas grandes ferrovias, como a Transcontinental (1869), que cortou os Estados Unidos de leste a oeste, e a Transiberiana (1903), que ligou as cidades russas de Moscou (na Europa) e Vladivostok (na Ásia). Na virada do século XIX para o XX, os experimentos dos irmãos estadunidenses Orville (1871-1948) e Wilbur Wright (1867-1912), nos Estados Unidos, e do brasileiro Alberto Santos Dumont (1873-1932), em Paris, culminaram na invenção do avião.

Na área das comunicações, pode-se destacar a invenção do telefone (1876), do fonógrafo (1877), do telégrafo sem fios (1895) e do cinema (1895), inventado pelos irmãos franceses Auguste (1862-1954) e Louis Lumière (1864-1948). O rádio – surgido nas primeiras décadas do século XX – e o cinema abririam caminho para o lazer de massa como conhecemos na sociedade moderna, acessível à maioria das camadas sociais. Graças ao baixo preço das entradas, o proletariado compunha grande parte do público das salas de cinema nos primeiros anos após sua invenção.



Photo12.com/Agência France-Press

Charlie Chaplin, diretor britânico que costumava abordar em seus filmes os contrastes sociais do mundo capitalista. Nessa obra vemos em cena o mais famoso personagem criado por Chaplin, Carlitos, um representante das camadas baixas da população. Foto de divulgação do filme *Tempos modernos*, de 1936.



Meios de transporte no mundo contemporâneo

A partir da segunda metade do século XIX, a eletricidade e as novas fontes de energia derivadas do petróleo possibilitaram a invenção de várias máquinas para o transporte de cargas e pessoas.

Esse foi o caso do metrô, cuja construção só foi possível graças ao desenvolvimento de máquinas como a perfuratriz movida a ar comprimido (1861), utilizada para abrir os túneis subterrâneos.

Outro exemplo: o alemão Gottlieb Daimler (1834-1900) desenvolveu o motor de combustão interna a gasolina que lhe permitiu criar a primeira motocicleta em 1885 e o primeiro automóvel logo no ano seguinte.

Os veículos automotores são apontados atualmente como principais responsáveis pelos problemas urbanos da vida moderna: acidentes, poluição atmosférica, aquecimento global, problemas respiratórios e auditivos, estresse, etc.

Para diminuir esses problemas, recomenda-se a adoção de alguns costumes diários, com uma mudança de hábitos. Veja alguns exemplos.

- Sempre que possível, utilize o transporte coletivo e contribua ativamente para a conservação dos equipamentos desse serviço público.
- Para escapar dos congestionamentos, procure sair fora dos horários de pico.
- Quando o trajeto for curto, prefira ir a pé ou de bicicleta.
- Se precisa usar o carro para fazer trajetos rotineiros (por exemplo, casa-trabalho ou casa-escola), procure organizar um sistema de carona com outras pessoas.
- Informe-se sobre melhorias no transporte público de sua cidade e sempre exija dos governantes medidas que priorizem esse tipo de transporte.

SUA COMUNIDADE

- Em grupos, elaborem uma campanha publicitária que incentive as pessoas de sua comunidade ou os alunos da escola a utilizar o transporte público ou alguma alternativa de transporte no lugar do automóvel particular. Demonstrem, com argumentos consistentes, as vantagens dessas mudanças de hábitos.

A indústria também passou por transformações. No começo do século XX, foi criada a linha de montagem na fábrica de automóveis Ford, nos Estados Unidos. Com ela, surgiu a produção em série **fordista**, que levou a um extraordinário aumento da produtividade e à diminuição do preço dos produtos. Ao mesmo tempo, foram criadas novas formas de pagamento, como as vendas a crédito, e surgiram os primeiros grandes magazines, como a rede parisiense *Au Bon Marché* (1876), precursores das lojas de departamentos.

Descobertas importantes também ocorreram na área médica e de saúde. Os bacteriólogos Robert Koch (1843-1910), da Alemanha, e Louis Pasteur (1822-1895), da França, por exemplo, descobriram que as doenças eram causadas por agentes infecciosos microscópicos, como as bactérias. Até 1890, vários cientistas já haviam identificado os agentes de diversas doenças (tuberculose, cólera, febre tifoide e tétano, entre outras) e vinham desenvolvendo vacinas para combatê-las. Esses novos tratamentos contribuíram para reduzir o elevado número de mortes provocadas por elas.

Além disso, a constatação de que o uso de antissépticos, por exemplo, era essencial para impedir infecções pós-operatórias reduziu sensivelmente a taxa de mortalidade decorrente das intervenções cirúrgicas. Já a descoberta dos anestésicos possibilitou aos médicos não só o alívio da dor de seus pacientes, mas também a realização de cirurgias mais demoradas, impraticáveis até então.

Fordismo: sistema de linha de produção e de gestão baseado em inovações técnicas e organizacionais que se articulam tendo em vista a produção e o consumo em massa, idealizado pelo empresário estadunidense Henry Ford (1863-1947).

DIALOGANDO COM...
BIOLOGIA

3 A ação imperialista

Vaso de guerra: tipo de navio muito resistente e bem armado, predominantemente militar ou preparado para guerra. Outras expressões para esse tipo de navio são: nau de linha ou navio de linha.

Colônia: posse de um Estado fora de seu território, que mantenha ligações administrativas, políticas e econômicas com a metrópole.

Protetorado: território ou país que, embora conserve alguns aspectos de Estado independente, é colocado sob a autoridade de outro Estado, principalmente no que se refere às relações exteriores e à segurança. Marrocos e Tunísia, por exemplo, foram protetorados franceses.

Para que fosse possível absorver o aumento da capacidade produtiva das indústrias – principalmente nos Estados Unidos e na Europa – foi preciso aumentar o número de consumidores para bens e produtos, além de ampliar as fontes de matérias-primas (carvão, ferro, petróleo) que mantinham o ritmo das fábricas.

Com o processo de concentração de capitais, as grandes empresas e os bancos passaram então a fazer investimentos em regiões da África, da Ásia e da América Latina, com o **apoio dos seus Estados nacionais**, associando forças político-militares ao poder econômico, o que fortalecia o controle sobre esses territórios.

De fato, as potências europeias tinham grande interesse geopolítico na formação de impérios coloniais. Em caso de guerra, seria uma maneira de garantir a posse de recursos importantíssimos, como carvão e outros minérios, homens para seus exércitos e o controle de portos nos quais poderiam abastecer navios mercantes e **vasos de guerra**.

Surgiu assim um novo tipo de **imperialismo**, de expansão econômica e militar perpetrada pelos Estados europeus. Na **África** e na Ásia, essa política imperialista tomou a forma de **neocolonialismo**, com a conquista de vastos territórios por meio da **ação militar**. Muitos desses territórios foram transformados em **colônias** ou em **protetorados**.

Esse processo foi muito rápido. Por volta de 1800, antes da expansão, os países europeus, mais os Estados Unidos, controlavam 35% da superfície terrestre; em 1878, esse índice havia subido para 67%; em 1914, quando irrompeu a Primeira Guerra Mundial (1914-1918), o índice já era da ordem de 84%, ou seja, apenas 15% das terras ocupadas no mundo não estavam sob o domínio europeu ou estadunidense.

Com exceção da Etiópia, da Libéria e de parte do Marrocos, no final do século XIX o continente africano encontrava-se dividido entre Inglaterra, Alemanha, França, Bélgica, Itália, Portugal e Espanha (veja o mapa da página 16). Angola e Moçambique eram colônias de Portugal desde o século XVI, e a Argélia estava sob o controle da França desde 1857.

Na Ásia e nas ilhas do Pacífico, na Oceania, além de britânicos, franceses, alemães e holandeses, vieram somar-se à dominação colonialista os Estados Unidos e, logo depois, o Japão.

Governos e grupos dominantes da Europa, quando instigados a justificar as ações militares ou apenas de ocupação dessas regiões, recorriam ao argumento de uma suposta **missão civilizadora**, pela qual os europeus deviam levar aos chamados povos “primitivos” ou “bárbaros” os valores da civilização ocidental e cristã (veja a seção *Passado presente*).

Do ponto de vista cultural, esse processo resultou na destruição de tradições e valores milenares dos povos africanos e asiáticos e na sua substituição pelos europeus. A ação de missionários católicos e protestantes provocou a desestruturação das crenças religiosas de muitas sociedades nos dois continentes subjulgados, convertendo-as ao cristianismo.

DIALOGANDO
COM...
GEOGRAFIA

FILMES

Veja o filme ***As montanhas da Lua***, de Bob Rafelson, 1989. O filme narra as expedições de dois exploradores em busca da nascente do Nilo em meados do século XIX, em um continente africano ainda bastante desconhecido pelos europeus.

Veja o filme ***Zulu***, de Cy Endfield, 1964. Trata-se da história da surpreendente batalha entre apenas uma centena de soldados britânicos, que enfrentaram 4 mil guerreiros Zulu, no final do século XIX.



Gravura de 1878 (de autor desconhecido) representa uma lotada seção de seda da famosa loja de departamentos parisiense Au Bon Marche, revelando a popularidade desse tipo de loja na época.



Ciência e racismo

A penetração europeia na África e na Ásia ocorreu em uma época na qual muitos cientistas debatiam as teorias evolucionistas registradas no livro *A origem das espécies*, do naturalista britânico Charles Darwin (1809-1882). Lançada em 1859, essa obra procurava explicar do ponto de vista da ciência — e não da religião — como tinham surgido os seres vivos na Terra.

Segundo Darwin, a diversidade biológica do planeta seria fruto de um processo de evolução, que se manifesta de forma gradual por meio da seleção natural. É o processo de seleção natural que faz com que as espécies transmitam às gerações seguintes as características que aumentam suas possibilidades de sobrevivência, de modo que lhes assegure a existência.

As ideias de Darwin e de outros evolucionistas da época foram aproveitadas por muitos cientistas e pensadores europeus para afirmar que a espécie humana era composta de várias raças. Essas várias raças foram classificadas em superiores e inferiores, mais fortes e mais fracas, etc. Segundo esses pensadores, os brancos europeus pertenceriam às raças “superiores”, enquanto os não europeus pertenceriam às raças “inferiores”. Alguns cientistas, como Ernst Haeckel (1834-1919), afirmavam que na base dessa escala encontravam-se os judeus e os negros.

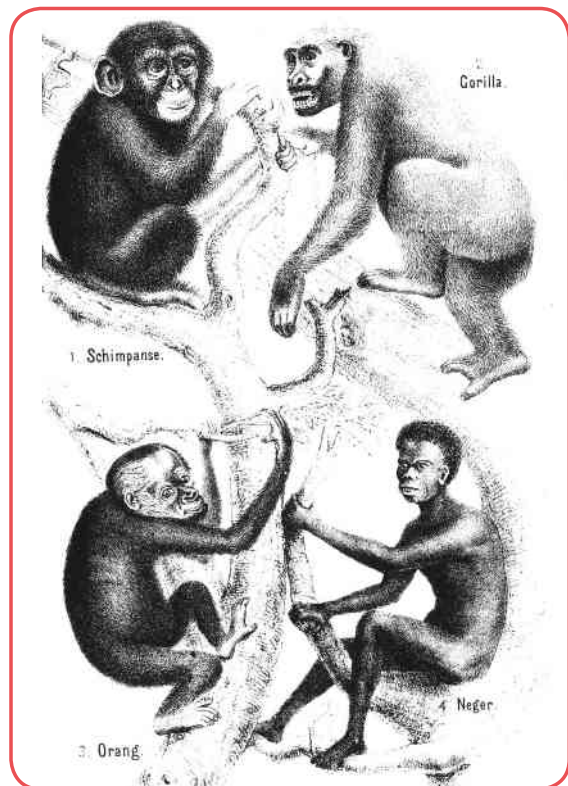
Essas teorias racistas que se diziam amparadas nas ciências são chamadas de **racismo científico**. Elas serviram para justificar a colonização da África e da Ásia pelos europeus a partir do século XIX, uma vez que, aos olhos de muitos colonizadores, os habitantes desses continentes seriam seres “inferiores, atrasados, preguiçosos e selvagens”. Ficava justificada, assim, a “missão civilizadora” dos europeus nesses continentes.

Durante o século XX, novos trabalhos científicos mostraram a **inconsistência do racismo científico**. Foi comprovado, por exemplo, que

DIALOGANDO
COM...
BIOLOGIA

as diferenças genéticas entre dois indivíduos não chega a 1% e que as variações de aparência física — como a cor da pele ou dos olhos — são resultado da adaptação humana às condições ambientais. Já as diferenças culturais decorrem dos processos histórico-sociais distintos de cada povo. Ou seja, **a espécie humana não tem subdivisões de raça**.

Texto elaborado com base em: COSTA, Sérgio. *Dois Atlânticos: teoria social, antirracismo, cosmopolitanismo*. Belo Horizonte: UFMG, 2006; MAIO, Marcos C.; SANTOS, R. V. (Org.). *Raça, ciência e sociedade*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz/CCBB, 1996.



Rolf Speckner/Deutsches Historisches Museum, Berlin, Alemanha.

Ilustração da obra *Antropogenia ou História da evolução do homem* (1874), de Ernst Haeckel, que compara um homem negro a alguns primatas. Imagens pseudocientíficas como essa ajudaram na propagação do racismo.

DE OLHO NO MUNDO

- Os termos “racismo”, “preconceito” e “discriminação” têm significados diferentes.
 - a) Pesquise e redija um texto que explique essas expressões.
 - b) Em seguida, reúna-se em grupo e, juntos, montem uma lista com os grupos sociais ou étnicos que vocês consideram as principais vítimas dessas práticas no Brasil.
 - c) Ao final, elaborem propostas para impedir a perpetuação dessas práticas na sociedade e apresentem o resultado à classe.

4 África em pedaços

A partilha da África no século XIX teve início em 1876, quando os belgas, governados pelo rei Leopoldo II, estabeleceram-se na bacia do rio Congo – uma vasta região rica em minérios – e subjugaram a população ao domínio da Bélgica.

A partir de então, iniciou-se uma verdadeira corrida entre as nações europeias interessadas em conquistar um pedaço do continente africano. Para resolver os problemas advindos dessa disputa, foi realizada na Alemanha, entre 1884 e 1885, a **Conferência de Berlim**, na qual foram decididas as regras para a partilha da África entre as nações europeias. O continente foi inteiramente retalhado entre seus pretendentes (veja o mapa abaixo).

A partilha da África (1876-1914)



Adaptado de: WORLD History Atlas: Mapping the Human Journey. London: Dorling Kindersley, 2005.

Charge inglesa ironiza o sonho de Cecil Rhodes, colonizador e homem de negócios inglês, de ver as possessões britânicas na África se estenderem do extremo sul do continente até o Egito, no norte. Criada por Edward Sambourne, a charge foi publicada pela primeira vez em 1892, na revista satírica inglesa *Punch*.



Punch, Londres/Arquivo da editora

Em menos de duas décadas, muitas fronteiras foram estabelecidas para atender às necessidades dos países imperialistas, sem considerar as divisões étnicas e culturais dos povos africanos. Dessa maneira, povos que originalmente viviam em conflito étnico e cultural foram agrupados em um mesmo território. De modo inverso, grupos que compartilhavam o espaço geográfico harmoniosamente foram separados. Tal situação repercutiria em terríveis conflitos étnicos posteriormente, por exemplo, entre hutus e tútsis em Ruanda, ocorridos em 1994.

A **resistência africana à colonização europeia** foi intensa, o que gerou guerras em diversas regiões. Apesar disso, os africanos foram suplantados pela superioridade militar e tecnológica dos colonizadores, que dispunham de canhões e metralhadoras.

Apenas na segunda metade do século XX os países africanos começariam a reconquistar sua independência. Algumas regiões, como Angola e Moçambique, permaneceram na condição de colônia até a década de 1970 (veja a seção *Passado presente a seguir*).



O futuro da África

O processo de colonização e usurpação das riquezas da África, levado a cabo pelos europeus nos últimos 500 anos, transformou o continente no mais pobre do mundo. Apesar da gravidade dos fatos, nem todos os africanos compartilham a ideia de que a situação do continente seja insólvel. Nos últimos anos, vem ganhando força um movimento que afirma que a **África tem futuro**.

Alguns dados justificam a importância do movimento. De acordo com estudos recentes, a taxa anual de crescimento econômico da África tem sido superior à da média mundial. Segundo o departamento de estatística do Banco Africano de Desenvolvimento, em 2015, a taxa de crescimento do continente foi de 4,5%, maior que a expansão média mundial, que foi de 3,5%.

A África tem potencialidades que permitem reverter o quadro atual, ainda muito marcado pela miséria. Além de ações concretas,

como a criação de escolas, por exemplo, muitos líderes africanos afirmam que uma maior participação do continente no comércio internacional ajudaria na sua recuperação. Dessa maneira, se os países responsáveis pela pilhagem do continente adquirissem as mercadorias da região, a situação melhoraria.

Essa possibilidade, contudo, esbarra na política protecionista estabelecida pelos países europeus sobre seus próprios produtos agrícolas. Nos termos dessa política, os governos europeus impõem pesadas taxas alfandegárias sobre artigos estrangeiros similares para impedir que concorram com produtos europeus.

Entretanto, as pressões para que a Europa flexibilize essa política e adote medidas de ajuda aos povos africanos têm crescido nos últimos anos.



Reprodução/Worldreader.org

A ONG espanhola Worldreader visa incentivar a leitura em países em desenvolvimento. A organização já distribuiu mais de 10 mil leitores digitais e *smartphones* em países africanos. Crianças do Quênia com seus leitores digitais, em foto de 2013.

5 Europeus na Ásia

Durante o período de expansão comercial da Europa, iniciado no século XV, a interferência estrangeira na Ásia se restringiu à instalação de **feitorias** (principalmente portuguesas) na Índia e na China. As exceções a essa regra eram Java e Bornéu (na região hoje pertencente à Indonésia), ilhas colonizadas pelos holandeses a partir do século XVII. Essa situação se alterou com a Revolução Industrial, quando as nações industrializadas europeias começaram a conquistar territórios na Ásia e na Oceania (veja mapa na página 19).

Feitoria: posto comercial, geralmente fortificado e armado, instalado em portos das colônias, e provido de armazéns, galpões, alojamentos, etc., onde eram armazenados suprimentos e negociados produtos e mercadorias.

FILMES

Veja o filme **Índia, mistério, amor e guerra**, de Peter Duffel, 1984. O filme conta a história de amor entre uma princesa indiana e um oficial inglês e mostra os preconceitos que envolvem os dois povos em meio a um conflito colonial.

Veja o filme **55 dias em Pequim**, de Nicholas Ray, 1963. A história se passa durante a Rebelião dos Boxers, na China, em 1900. O filme mostra a ação de um fuzileiro naval estadunidense que ajuda os ingleses da embaixada inglesa a resistir ao sítio.

Veja o filme **O último imperador**, de Bernardo Bertolucci, 1987. O filme conta a história de Pu Yi, aclamado imperador chinês aos três anos de idade, que vive na Cidade Proibida e é deposto no século XX por um golpe que fez surgir a República da China.

Ópio: droga produzida pela extração de substâncias da papoula (*Papaver somniferum*), que produz ação analgésica e hipnótica, causa apatia e indisposição extremas e provoca embotamento moral e sensitivo.

Ingleses na Índia

Em 1599, quando foi criada na Inglaterra a Companhia das Índias Orientais, os ingleses estabeleceram comércio regular com a Índia e outros países do Sudeste Asiático e instalaram feitorias em diversas cidades do subcontinente indiano (Madras, Bombaim, Calcutá, etc.).

Com o tempo, o território indiano foi colocado na área de influência dos ingleses e, mais tarde, anexado à Inglaterra. No início do século XIX, embora o imperador mongol fosse o governante nominal da Índia, o país havia se tornado um protetorado da Inglaterra.

A **presença britânica** afetou a cultura, os costumes locais e a economia indiana, o que, somado à opressão política, alimentou o ódio aos ingleses na população indiana. Em 1857, a insatisfação acumulada eclodiu na Revolta dos Cipaios, nome pelo qual eram conhecidos os soldados indianos, promotores do levante. A rebelião se espalhou pela Índia setentrional e só foi contida dois anos depois. Em 1876, o território indiano foi oficialmente incorporado ao Império Britânico.

A China sob o imperialismo

Até o início do século XIX, apenas dois portos na China – Macau e Cantão – estavam abertos para o comércio internacional.

Em 1839, o governo chinês determinou a destruição de carregamentos de **ópio**, que era contrabandeado por comerciantes ingleses em barcos de bandeira britânica. A Inglaterra, alegando violação do pacto de **livre-comércio**, declarou guerra à China. Era o começo da **Guerra do Ópio** (1839-1842), vencida pelos ingleses, que fizeram valer seus interesses comerciais: em 1842, a China teve de abrir seus portos aos produtos britânicos e entregar à Inglaterra a ilha de Hong Kong, que só lhe seria devolvida em 1997.

Mais tarde a China se envolveria em um conflito armado contra o Japão, entre 1894 e 1895. Novamente derrotada, foi dividida em áreas administradas por Inglaterra, Alemanha, França, Rússia e Japão (veja o mapa da página 19).

Para resistir ao domínio das potências internacionais, os integrantes de uma sociedade secreta nacionalista – os **Boxers** – realizaram vários atentados contra estrangeiros em território chinês. Em represália, tropas formadas por ingleses, alemães, franceses, russos, japoneses e estadunidenses atacaram a China, deflagrando a **Guerra dos Boxers**, em 1900. Derrotados mais uma vez, os chineses tiveram de fazer novas concessões às potências imperialistas.

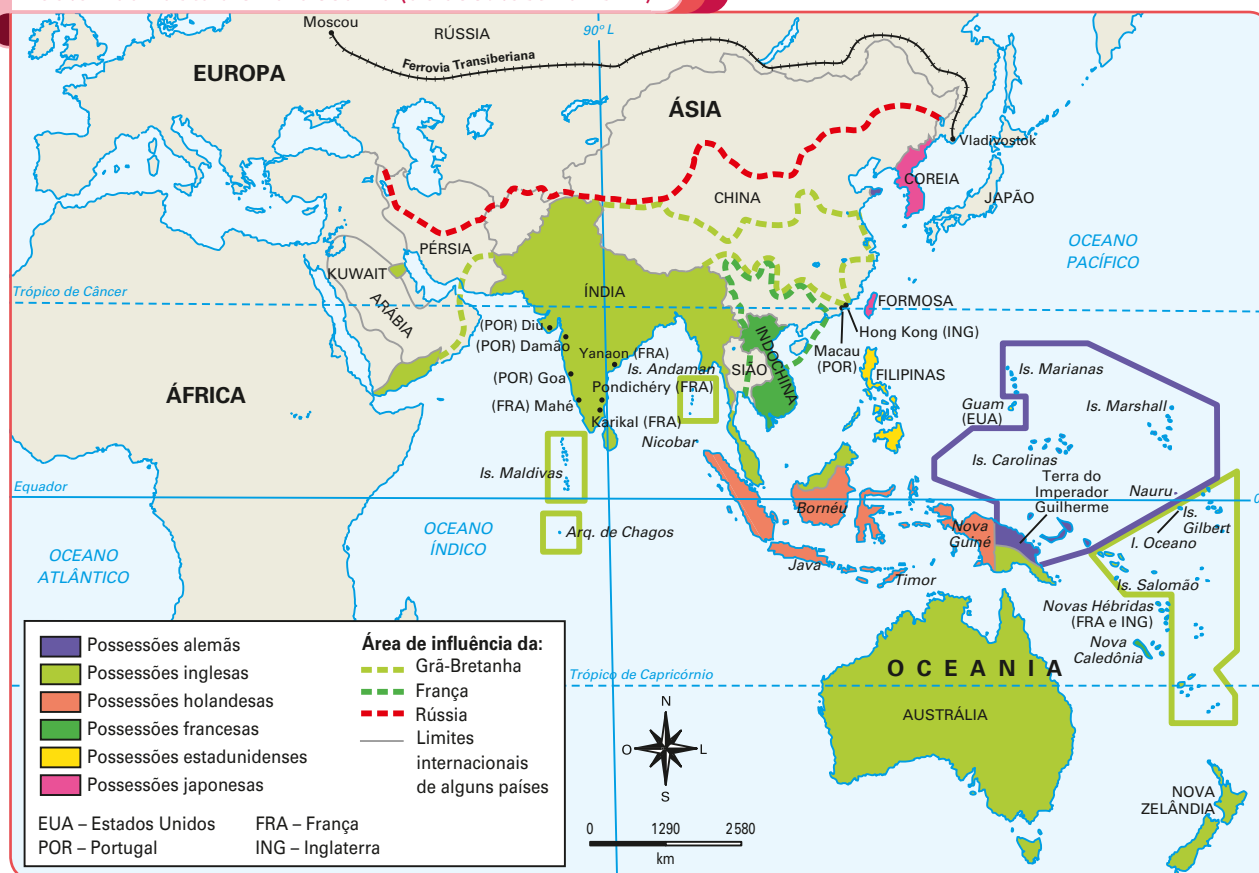
Em 1911, o Partido Nacionalista Chinês (o **Kuomintang**) derrubou o imperador **Pu Yi**, de apenas 6 anos, e proclamou a República, pondo fim ao império e à dominação estrangeira.

Tropas estrangeiras prestes a tomar de assalto o castelo de Pequim durante a Guerra dos Boxers, em gravura de Torajirô Kasai publicada em 1900, o mesmo ano da guerra.



Torajirô Kasai/Library of Congress, Washington, EUA.

Colônias na Ásia e na Oceania (do século XV a 1914)



Adaptado de: DUBY, Georges. *Grand atlas historique*. Paris: Larousse, 2006.

6 O Japão entra em cena

Assim como a China, o Japão encontrava-se, no início do século XIX, fechado ao comércio internacional, contrariando os interesses dos países industrializados, especialmente dos Estados Unidos.

Em 1854, sob a ameaça dos canhões de oito vasos de guerra estadunidenses ancorados no litoral, o governo japonês foi forçado a abrir negociações comerciais com os **Estados Unidos**. Pouco depois, países como Holanda, França, Inglaterra e Rússia também firmaram acordos semelhantes com os japoneses.

Em 1868, após uma guerra civil, o imperador Mutsuhito (1852-1912) assumiu o poder no Japão, dando início à **Era Meiji**. Decidido a modernizar o país, ele aboliu o antigo sistema semifeudal que ainda vigorava no Japão, promulgou uma Constituição, instituiu um parlamento com duas câmaras, estimulou a implantação de fábricas e a construção de ferrovias e adotou o calendário europeu. Oficiais franceses foram contratados para reestruturar o Exército e militares britânicos, para modernizar a Marinha japonesa.

Seguindo o modelo europeu, o Japão também tinha pretensões imperialistas. Depois de conquistar algumas regiões do Pacífico, em 1894 declarou guerra à China para se apoderar da região da Manchúria – entre 1904 e 1905 – e derrotou os russos, que disputavam o mesmo território. Foi a primeira vez que um país asiático venceu uma nação europeia: o Japão havia se tornado uma nova potência mundial.

FILME

Veja o filme **O último samurai**, de Edward Zwick, 2003. O filme narra as relações de amizade entre um capitão estadunidense e um líder samurai.

- 1 As inovações tecnológicas de meados do século XIX provocaram mudanças importantes na organização do sistema econômico capitalista e no modo de vida das pessoas. Aponte algumas dessas inovações e explique como alteraram o funcionamento do capitalismo no período.
- 2 O chamado “capitalismo monopolista”, na segunda metade do século XIX, ampliou significativamente a concentração de capitais nas mãos de grandes empresas e bancos. Em que medida essa nova etapa do capitalismo influenciou a expansão do domínio europeu e estadunidense sobre os demais continentes?
- 3 O avanço imperialista foi marcado pela partilha da África e pela ocupação de grandes territórios asiáticos pelas potências europeias. Explique como ocorreu esse processo, destacando o papel da Conferência de Berlim e o modo como se deu a ocupação da Índia e da China.

INTERPRETANDO DOCUMENTOS: IMAGEM

ATIVIDADE

- Observe atentamente a imagem a seguir. Trata-se de uma litografia intitulada *Café da manhã*. Ela foi produzida pelo inglês William Tayler, funcionário civil da Companhia Britânica das Índias Orientais, que viveu em territórios da Inglaterra na Índia durante o século XIX. Essa litografia faz parte de uma série de obras com diversas imagens do cotidiano da Índia registradas por ele e publicadas em 1842. Com base na observação da imagem, responda ao que se pede.

- a) Descreva a imagem e os personagens que foram representados.
- b) A proposta do artista foi representar uma situação cotidiana nas famílias inglesas abastadas: o café da manhã em família. Porém, a litografia fornece elementos para indicar que essa situação cotidiana não ocorre em território inglês, mas nas regiões ocupadas da Índia. **Formule uma hipótese** para explicar o interesse do artista em representar tal situação.
- c) Apesar de representar uma situação cotidiana, a imagem também cria uma mensagem política sobre as relações entre ingleses e indianos no contexto da expansão imperialista. Explique o sentido político que pode ser interpretado nessa imagem.



Erich Lessing/Album/Latinstock/Biblioteca Britânica, Londres.

Café da manhã, litografia de W. Tayler, 1842.

7 Democratização da Europa e dos Estados Unidos

O desenvolvimento e a consolidação do modo de produção capitalista, as descobertas científicas e as invenções tecnológicas em vários países da Europa no final do século XIX foram essenciais para o crescimento de movimentos sociais de luta pela **democracia**. De certa forma, esses movimentos cresceram internamente nos países dominadores, em oposição às ações imperialistas destes nos países dominados da África e da Ásia.

Entre as conquistas mais significativas desse período na Europa destacam-se a expansão da quantidade de eleitores e a generalização do direito de ser votado, que passou a estender-se às pessoas pertencentes às classes de baixa renda. Diversas leis de reforma ao sistema eleitoral foram aprovadas na Inglaterra, Bélgica, Noruega, Suécia, etc. Com elas, os primeiros partidos políticos modernos foram fundados, compostos de pessoas que não representavam apenas as elites, e que se transformaram em centros de reflexão, responsáveis por formular e popularizar doutrinas e ideologias.

As mulheres intensificaram suas antigas reivindicações pelo **direito de votar e de concorrer a eleições**. No decorrer dessa luta, elas fundaram associações e participaram de protestos em várias partes do mundo.

Como decorrência dessas e de outras mobilizações, o sufrágio universal foi progressivamente adotado em várias partes do mundo. O primeiro país do mundo a adotar o voto feminino foi a Nova Zelândia, em 1893. Na Europa, o país pioneiro foi a Finlândia, em 1906. Em muitas nações – como na Inglaterra (1918), nos Estados Unidos (1920) e no Brasil (1932) – essa conquista só foi obtida depois da Primeira Guerra Mundial.

A nova burguesia europeia

As mudanças político-econômicas provocaram novos arranjos entre as classes sociais na Europa e em outras regiões do mundo. Formada por empresários, industriais, banqueiros, grandes comerciantes, etc., a burguesia detinha boa parte do poder econômico e financeiro e captava o poder político de modo mais ou menos rápido.

Outro setor que conquistava um espaço político importante, embora não diretamente no poder, era a classe média. Faziam parte dela pequenos comerciantes, profissionais liberais, artesãos, lojistas, professores, funcionários públicos, etc. Eram pessoas com padrão de vida variado, pois entre elas havia assalariados não proletários, pequenos empresários, pessoas que trabalhavam por conta própria, entre outros. Sua importância política se devia ao fato de terem participação eleitoral decisiva e de constituírem a parte majoritária da opinião pública.

Democracia:

a democracia moderna nasceu na Europa do século XVIII, em oposição ao absolutismo. Atualmente, a prática democrática pode se manifestar de diferentes maneiras: a democracia direta, na qual se supõe o exercício de poder político pelo povo através de assembleias; a democracia *representativa* ou *indireta*, que ocorre quando se elegem representantes para tomar as decisões políticas; e a democracia *participativa* ou *semidireta*, com elementos das outras formas, como plebiscitos e referendos.



Bettmann/Corbis/Latinstock

Emmaline Pankhurst (1858-1928), líder do movimento sufragista e uma das fundadoras da União Social e Política das Mulheres, discursa para uma multidão de 5 mil pessoas em Boston, Estados Unidos, em 1918.



Post (P) iSSPL/Getty Images

As mobilizações operárias sacudiram vários países da Europa no final do século XIX. Esta foto, de 1893, retrata uma manifestação de mineiros em greve na cidade de Barnsley, na Inglaterra, reivindicando melhores condições de trabalho.

FILME

Veja o filme **1900**, de Bernardo Bertolucci, 1976. No filme, são retratadas as histórias de dois amigos na cidade de Parma, na Itália: o rico e perdulário Alfredo e o pobre Olmo, um líder trabalhador, acusado de crimes políticos.



The Bridgeman Art Library/Keystone

A revolta de Haymarket, óleo sobre tela, de autor desconhecido, do século XIX. A cena pintada é uma representação da manifestação de trabalhadores ocorrida em 1886 em Chicago, nos Estados Unidos, na qual se verificam sangrentos confrontos com a polícia. Um dos desdobramentos dessa manifestação foi a definição do dia 1º de maio como Dia do Trabalho.

A classe operária

P No Procedimento Pedagógico deste capítulo apresenta-se uma proposta de **Atividade Alternativa** para trabalhar as classes sociais do século XIX a partir do filme *Germinal* (1993).

Surgido com a Revolução Industrial da segunda metade do século XVIII, o **proletariado**, ou **classe operária**, era formado por mineiros, ferroviários, portuários, trabalhadores industriais, etc. Era a classe mais numerosa da Europa e a que mais sofria com as desigualdades sociais decorrentes da Revolução Industrial.

No início do surgimento do **proletariado**, os operários eram, em sua maioria, camponeses que haviam abandonado a zona rural e se mudado para as cidades em busca de melhores condições de vida (emprego, fartura de alimentos, moradias melhores, entre outras). Uma vez nas cidades, porém, tinham de se submeter ao estafante trabalho das fábricas e às péssimas condições sanitárias das moradias operárias.

Diante da exploração, os trabalhadores passaram a se organizar em associações de classe e a lutar por melhores condições de vida e de trabalho. Na França, essa luta levou a uma intensa participação política da classe trabalhadora, que se expressou na quantidade de votos em grupos socialistas, e nas tentativas de insurreições, como ocorreu em 1848 e em 1871, com a Comuna de Paris. No restante da Europa, a mobilização do proletariado culminou na criação da **Associação Internacional de Trabalhadores (AIT)**, que reunia representantes da classe provenientes de diversos países do mundo.

Como resultado da Internacional de Trabalhadores, ainda em 1864 o governo francês reconheceu o direito de greve. Três anos depois, permitiu que os trabalhadores formassem cooperativas de trabalho. Na Inglaterra, em 1875, o governo reconheceu o direito dos operários de se organizarem em sindicatos. Na Alemanha, a partir de 1880, foram aprovadas leis que garantiriam a proteção social dos trabalhadores, como os seguros contra acidentes e doenças profissionais, aposentadoria, etc.

No final do século XIX, a classe operária também se organizava nos Estados Unidos. No dia 1º de maio de 1886, os trabalhadores iniciaram uma greve que reivindicava “oito horas de trabalho, oito horas de descanso e oito horas para fazer o que der vontade”. Mais de 350 mil pessoas paralisaram suas atividades em todo o país. Os protestos se estenderam durante os dias seguintes, e no dia 4 de maio houve um confronto entre os trabalhadores e a polícia que deixou doze pessoas mortas e um grande número de feridos. Oito líderes anarquistas foram presos e quatro deles, enforcados.

Em homenagem a essas pessoas, o dia 1º de maio passou a ser lembrado todos os anos, no mundo inteiro, como um marco da luta dos trabalhadores. No Brasil, em 1º de maio de 1890 ocorreram manifestações operárias em diversos pontos do país e, em 1925, a data foi transformada em feriado nacional.

P Professor, no Procedimento Pedagógico deste capítulo apresenta-se uma **Atividade Alternativa** para explorar mais o tema dos movimentos e lutas sociais que pode também servir de instrumento de avaliação do processo de aprendizagem.



A Revolução Mexicana

Enquanto as nações europeias se debatiam pela colonização de partes da África no início do século XX, uma revolução derrubava o ditador mexicano Porfírio Díaz (1830-1915), que se encontrava à frente do poder no país desde 1876. Até então, quase todo o território mexicano pertencia a cerca de 840 latifundiários. Porfírio assumiu o poder para legitimar e garantir os privilégios das elites e destruir rebeliões com seu Estado militarizado.

O analfabetismo, a escassez de terras para os pequenos agricultores e a miséria da grande maioria, somados à opressão política, deram origem a vários grupos de caráter social e popular de oposição ao *status quo*, fortemente sufocados pelas tropas governamentais.

Mesmo com as dificuldades impostas pelo “porfirismo”, camponeses e operários oprimidos, maioria da população, tiveram força política suficiente para provocar a renúncia de Porfírio Díaz, em 1911. Em meio à promessa de erradicação da segregação social, Francisco Madero (1873-1913), um aristocrata liberal defensor de reformas, foi eleito com o apoio da população. Os camponeses esperavam a prometida reforma agrária, a ampliação dos direitos sociais e o aumento da visibilidade indígena na sociedade mexicana. Os trabalhadores rurais foram liderados por Emiliano Zapata — caudilho da região sul — e Pancho Villa, camponês pobre da parte meridional com o lema “terra e liberdade”.

Entretanto, as promessas de Madero jamais se realizaram e as revoltas se intensificaram, sob a liderança de Zapata e Villa, que queriam uma reforma agrária que extinguisse os latifúndios, enquanto o presidente buscava uma conciliação não violenta. Em 1913, Madero foi assassinado pelo general Huerta, que tentava militarizar o México mais uma vez, contendo os trabalhadores revoltosos. No entanto, um ano depois as ações dos camponeses e a ocupação estadunidense do Porto de Vera Cruz forçaram a queda de Huerta e possibilitaram um novo governo constitucional, estabelecido com a eleição (por meio de um acordo, sem eleições) de um revolucionário, Venustiano Carranza.

Em 1917 foi aprovada uma nova Constituição e uma Lei Agrária que autorizava a desapropriação de grandes propriedades e a distribuição de terras entre os camponeses. Dois anos depois, Zapata foi assassinado em uma emboscada armada por forças do governo de Carranza, que também seria morto em 1920 por soldados a serviço do general Álvaro Obregón, que em seguida se elegeria presidente da República. Terminava assim a Revolução Mexicana.

FILME

Veja o filme *Viva Zapata!*, de Elia Kazan, 1952. O filme retrata a época e narra a vida do revolucionário mexicano Emiliano Zapata, envolvido na Revolução Mexicana de 1910.

Emiliano Zapata, aqui representado em afresco de Diego Rivera (1886-1957), foi, com Pancho Villa, um dos líderes camponeses da Revolução Mexicana. Foi assassinado em 1919, em uma emboscada montada por tropas de Venustiano Carranza.



Palácio de Cortéz/México



ESQUEMA-RESUMO

A Segunda Revolução Industrial e o Imperialismo

Segunda Revolução Industrial: a partir de meados do século XIX

Inovações tecnológicas
(comunicação, produção,
transporte, Medicina)

• Capitalismo
monopolista
• Imperialismo

Democratização
da Europa e dos
Estados Unidos

Processo de
concentração de
capitais

Avanço nacionalista
na África e na Ásia



Bettmann/Corbis/Lainmstock

África:
• Conferência de
Berlim (1884-1885)
decidiu partilha do
continente entre
as potências
europeias

Ásia:
• Transformação da
Índia em
protetorado inglês
(século XIX)
• Avanço de
potências
imperialistas na
China (1839)
• Transformação do
Japão em potência
imperialista (1868)

• Organização do
movimento
operário
• Luta por direitos
políticos das
mulheres
• Formação de
partidos políticos
modernos
• Fortalecimento da
burguesia e da
classe média

- A Segunda Revolução Industrial provocou importantes transformações na organização da sociedade em diversas partes do planeta a partir de meados do século XIX. Essas transformações, porém, tiveram efeitos desiguais no planeta. Com base na observação do esquema-resumo, explique quais foram as principais mudanças provocadas por esse processo e de que modo afetaram as diferentes partes do planeta no período.



ATIVIDADES

ORGANIZANDO AS IDEIAS



- 1 Descobertas importantes ocorridas na área médica e da saúde ajudaram a melhorar as condições de vida da população a partir do final do século XIX. Cite algumas dessas descobertas e suas consequências.
- 2 Explique as contradições entre o processo de dominação econômico-militar dos continentes africano e asiático por parte dos europeus e sua justificativa ideológica baseada no argumento da “missão civilizadora”.
- 3 A luta pela democracia na Europa a partir de meados do século XIX resultou em importantes conquistas para a população de diversos países. Cite algumas dessas conquistas e explique como beneficiaram os grupos sociais mais pobres e as mulheres.
- 4 Os operários e os trabalhadores não proletários sofriam com as desigualdades sociais nas grandes cidades. Explique como o proletariado se configurou como uma classe social a partir da Revolução Industrial.
- 5 A luta dos trabalhadores, ao longo da primeira metade do século XIX, resultou na criação da Associação Internacional de Trabalhadores. Explique o que foi esse movimento e aponte alguns dos desdobramentos que ele teve para os direitos dos trabalhadores em diversos países do mundo.

INTERPRETANDO DOCUMENTOS: IMAGEM

- 1 Observe a imagem ao lado. Trata-se de um cartaz francês em favor do direito feminino ao voto, produzido na década de 1920. Na parte superior do cartaz, a frase diz: “Para tempos novos, sufrágio novo”. Essa frase é seguida pela expressão “A mulher deve votar” e uma série de tópicos que explicam o que melhoraria se as mulheres tivessem esse direito: “para evitar a guerra; proteger a infância; melhorar a higiene; suprimir os cortiços; frear a imoralidade; reformar o Código Civil; diminuir o custo de vida; combater o alcoolismo e as doenças evitáveis”. Na parte inferior do cartaz, há descrições de como apoiar a causa e garantir o direito político das mulheres. Com base nisso, responda ao que se pede.
 - a) A imagem defende que o voto feminino pode ajudar a transformar alguns aspectos da sociedade. Aponte quais aspectos são esses e formule uma **hipótese** para explicar por que o cartaz associa esses aspectos com a figura feminina.
 - b) O cartaz é um exemplo de ação realizada em busca do sufrágio universal. Explique como o movimento feminista, desde meados do século XIX, se organizou para garantir a efetivação do sufrágio universal.



The Bridgeman Art Library/Keystone Brasil/Biblioteca Marguerite Durand, Paris, França.

“A mulher deve votar”, diz o cartaz francês da década de 1920, incentivando as mulheres a lutar por seu direito ao sufrágio.

- c) O sufrágio universal foi apenas um passo para a igualdade de direitos políticos entre homens e mulheres. Houve muitas outras lutas, que se desenrolam até o presente, para garantir a igualdade entre os gêneros, inclusive com a proporcionalidade na representação política de homens e mulheres nos cargos dos poderes Executivo e Legislativo. Pesquise como se apresenta, atualmente, essa relação e discuta se a sociedade brasileira garante uma situação política de igualdade.

TESTE SEU CONHECIMENTO



1 (Cefet-MG)

Ontem estive no East-End (bairro operário de Londres) e assisti a uma assembleia de desempregados. Ao ouvir ali discursos exaltados, cuja nota dominante era: pão! pão!, e ao refletir, de regresso a casa, sobre o que tinha ouvido, convenci-me, mais do que nunca, da importância do imperialismo... A ideia que acalento representa a solução do problema social: para salvar os 40 milhões de habitantes do Reino Unido de uma mortífera guerra civil, nós, os políticos coloniais, devemos apoderar-nos de novos territórios; para eles enviaremos o excedente de população e neles encontraremos novos mercados para os produtos das nossas fábricas e das nossas minas. O império, sempre o tenho dito, é uma questão de estômago. Se quereis evitar a guerra civil, deveis tornar-vos imperialistas.

Cecil Rhodes apud CATANI, Afrânio Mendes. *O que é imperialismo*. São Paulo: Brasiliense, 1982, p. 36.

Cecil Rhodes foi um personagem influente para a consolidação do projeto imperialista britânico. Com base nesse texto, é correto afirmar que

- a) a pressão exercida pelos sindicatos ingleses garantiu direitos aos trabalhadores africanos.
- b) a redução das fontes de matérias-primas estagnou o processo de industrialização britânico.
- c) a expansão das grandes empresas em regiões africanas contou com o apoio militar estatal.
- d) a ampliação dos mercados consumidores conduziu a uma crise industrial frente ao aumento da demanda.

2 (Unesp)

A África só começou a ser ocupada pelas potências europeias exatamente quando a América se tornou independente, quando o antigo sistema colonial ruiu, dando lugar a outras formas de enriquecimento

e desenvolvimento das economias mais dinâmicas, que se industrializavam e ampliavam seus mercados consumidores. Nesse momento foi criado um novo tipo de colonialismo, implantado na África a partir do final do século XIX [...].

SOUZA, Marina de Mello. *África e Brasil africano*, 2007.

O “novo tipo de colonialismo”, mencionado no texto, tem, entre suas características,

- a) a busca de fontes de energia e de matérias-primas pelas potências europeias, associada à realização de expedições científicas de exploração do continente africano.
- b) a tentativa das potências europeias de reduzir a hegemonia norte-americana no comércio internacional e retomar posição de liderança na economia mundial.
- c) o esforço de criação de um mercado consumidor global, sem hierarquia política ou prevalectimento comercial de um país ou continente sobre os demais.
- d) a aquisição de escravos pelos mercados africanos, para ampliar a mão de obra disponível nas colônias remanescentes na América e em ilhas do oceano Pacífico.
- e) o estabelecimento de alianças políticas entre líderes europeus e africanos, que favorecessem o avanço militar dos países do Ocidente europeu na Primeira Guerra Mundial.

- 3 (UPE) O último Estado independente da Índia, o reino de Panjab, foi conquistado no período de 1846-1848; daí por diante, a dominação inglesa se estendeu por todo o território. Apesar da completa sujeição em que se encontravam reinos e Estados, o povo indiano empreendeu vários esforços para recobrar a liberdade. Sobre a dominação inglesa na Índia, assinale a alternativa correta.

- a) As revoltas pela libertação nacional da Índia obtiveram pleno êxito no século XIX, devolvendo a independência ao país em 1898.
- b) A Grande Revolta de 1857-1858 foi promovida pela classe liberal indiana, preocupada em recuperar seus poderes perdidos para o proletariado inglês.
- c) Durante a segunda metade do século XX, a Índia foi, de fato e de direito, uma possessão britânica, gerida para seu exclusivo interesse.
- d) A Índia oferecia um mercado de monopólio à Inglaterra no momento em que esta se encontrava em plena expansão industrial.
- e) A administração inglesa colonial vetou que indianos assumissem qualquer cargo na administração pública.

4 A Segunda Revolução Industrial foi um processo relacionado com inúmeras transformações tecnológicas ocorridas a partir do final do século XVIII e durante o século XIX. Leia as seguintes afirmativas sobre esse tema e escolha a opção correta. Em seguida, justifique o erro das afirmativas incorretas.

- I. Esse período foi marcado por grandes transformações na área de transportes, com a invenção da bicicleta, do metrô, do bonde elétrico, da locomotiva elétrica, do automóvel e do avião.
- II. Durante a Segunda Revolução Industrial, o aço foi substituído pelo ferro, material mais resistente e eficiente para a construção de máquinas e armamentos.
- III. O desenvolvimento de novas tecnologias para a comunicação também é uma característica da Segunda Revolução Industrial. A partir da segunda metade do século XIX, por exemplo, o telefone, o fonógrafo, o telégrafo sem fios e o cinema foram inventados
- IV. A Medicina se transformou bastante durante a segunda metade do século XIX, com a invenção de novos medicamentos

e conhecimentos sobre aspectos epidemiológicos das doenças.

- a) Apenas a afirmativa III está correta.
- b) Apenas a afirmativa II está correta.
- c) As afirmativas I, II e IV estão corretas.
- d) As afirmativas II, III e IV estão corretas.
- e) As afirmativas I, III e IV estão corretas.

5 O século XIX ficou marcado por intensas lutas em torno da democracia e dos direitos sociais das populações em diversas regiões do mundo. Leia as seguintes afirmativas sobre esse tema e escolha a opção correta. Em seguida, justifique o erro das afirmativas incorretas.

- I. Apesar do avanço das políticas imperialistas, cresceram em muitos países europeus movimentos que lutavam por direitos democráticos que se opunham às políticas de expansão colonial.
 - II. Diversos países europeus fizeram reformas legislativas para ampliar os direitos democráticos, o que resultou na formação dos partidos políticos modernos e que defendiam os interesses de parcelas maiores da população.
 - III. As mulheres conquistaram o direito ao voto no final do século XIX na maioria dos países democráticos. Apenas nas colônias das potências europeias as mulheres não conseguiram garantir o direito ao voto.
 - IV. Enquanto as classes médias passaram a ganhar força nas disputas políticas das democracias europeias, os operários foram perseguidos e não conseguiram conquistas sociais importantes ao longo do século XIX. Na maioria dos países europeus, o direito de realizar greves legítimas só foi conquistado após a Primeira Guerra Mundial, no início do século XX.
- a) Apenas a afirmativa III está correta.
 - b) Apenas a afirmativa II está correta.
 - c) As afirmativas I e II estão corretas.
 - d) As afirmativas II e III estão corretas.
 - e) As afirmativas I e IV estão corretas.

HORA DE REFLETIR



P Professor(a), no Procedimento Pedagógico deste capítulo apresenta-se uma **Atividade Alternativa** que une à reflexão aqui proposta uma análise de mapas e de dados estatísticos.

- Em seu livro *A era das revoluções*, o historiador Eric Hobsbawm, ao analisar a importância do trabalho agrícola em meados do século XIX, afirma que o que acontecia à terra determinava a vida e a morte da maioria dos seres humanos. Atualmente, a produtividade do trabalho no campo é bastante elevada.

Calcula-se que a capacidade de produção de alimentos em escala global é muito superior às necessidades de alimentação do conjunto dos habitantes do planeta. No entanto, de acordo com a FAO, organismo da ONU para a agricultura e alimentação, em 2015 ainda havia no mundo cerca de 795 milhões de pessoas passando fome. Na África subsaariana estão 23,2% das pessoas famintas no mundo: quase uma a cada quatro pessoas passam fome nessa região. No sul da Ásia, a fome atinge 15,7% da população.

Com base nessas informações, reflita em grupo: quais as razões para que o problema da fome ainda persista em nosso planeta? Após o debate em grupo, produzam um texto-síntese com os pontos centrais levantados e apresentem à classe.



A ref Kairimi/Agência France-Press

Considerado um dos países mais pobres do planeta, segundo dados da ONU, o Afeganistão passou anos sofrendo com guerras internas que afetaram toda a população. Na foto, de 2013, mendigos afegãos numa rua da cidade de Herat.



MINHA BIBLIOTECA

PARA NAVEGAR

Expositions. Site (em inglês) com informações sobre a Exposição Internacional de Londres, na Inglaterra, realizada em 1851, apresentando os grandes avanços tecnológicos do período. Disponível em: <www.ndl.go.jp/exposition/e/s1/1851.html>. Acesso em: 4 fev. 2016.

The Centennial Exhibition. Site (em inglês) com informações sobre a Exposição Internacional realizada em 1876, na Filadélfia, nos Estados Unidos, apresentando as novidades tecnológicas da época. Disponível em: <libwww.library.phila.gov/CenCol/index.htm>. Acesso em: 4 fev. 2016.

PARA LER

Santô e os pais da aviação (história em quadrinhos), de Spacca, Companhia das Letras. O cartunista Spacca narra, por meio de história em quadrinhos, o desenvolvimento das tecnologias que culminaram na invenção coletiva do avião, em 23 de outubro de 1906, por Santos-Dumont e os irmãos Wright.

No coração da África: as aventuras épicas de Livingstone e Stanley, de Martin Dugard, Record. O livro relata as aventuras de Henry Stanley, jornalista, que realiza uma viagem à África, à procura de David Livingstone, explorador, que se encontrava desaparecido no continente africano.

Primeira Guerra Mundial e Revolução Russa

P Professor(a), veja no Procedimento Pedagógico deste capítulo uma sugestão de **texto complementar**, uma discussão historiográfica sobre o “breve século XX”, conforme conceituado pelo historiador Eric Hobsbawm.

Aviões imperceptíveis a radares, robôs movidos a controle remoto que localizam e desarmam bombas, submarinos nucleares e muito mais. Desde a segunda metade do século XIX, com o desenvolvimento de diversos segmentos industriais, as grandes potências mundiais investem grandes porções de suas receitas em pesquisa e desenvolvimento de equipamentos e na compra de novidades da indústria de armas. Você já pensou em por que se gasta tanto na “indústria da guerra” e tão pouco na “cultura da paz”? Quais interesses estão por trás desses investimentos?

A corrida armamentista já provou ter um custo muito alto para a humanidade: entre 1914 e 1918, países dos cinco continentes se envolveram em uma guerra que matou mais de 8 milhões de pessoas. Era a Primeira Guerra Mundial, que estudaremos neste capítulo. Também analisaremos o processo que pôs fim à monarquia na Rússia e levou ao poder o Partido Bolchevique, responsável por instaurar o comunismo no país, um regime que vigorou até 1991.



O Departamento de Defesa dos Estados Unidos apresenta o robô armado, uma tecnologia bélica criada nos laboratórios do Pentágono. Foto de 2015.

OBJETIVOS DO CAPÍTULO

- Compreender as causas e as consequências da Primeira Guerra Mundial.
- Entender as origens do nacionalismo presente em parte da Europa no início do século XX.
- Analisar as mudanças geopolíticas ocorridas na Europa após a Primeira Guerra Mundial.
- Conhecer a importância dos aparatos tecnológicos e das estratégias bélicas para a violência e o desenrolar do conflito, assim como sua repercussão no desenvolvimento atual da indústria bélica.
- Relacionar o início do processo de industrialização na Rússia à formação de uma classe operária urbana que resultaria em uma série de levantes revolucionários no início do século XX.
- Perceber a mudança de rumos na implantação do comunismo na Rússia.



O mercado mundial de armamentos movimenta aproximadamente 1,5 trilhão de dólares todos os anos. Os Estados Unidos são responsáveis por metade desse mercado, cerca de US\$ 750 bilhões. Na foto, um balígrafo, tipo de caneta feita com balas vazias de fuzis usados em combates reais, numa ação conjunta em 2016 entre o governo da Venezuela e uma agência de publicidade. A frase impressa na bala-caneta diz: “As balas escreveram nosso passado. A educação, nosso futuro.”

1 A paz armada

No final do século XIX e início do século XX, a partilha de territórios da Ásia e da África entre alguns países europeus e o acelerado processo de industrialização do continente europeu estabeleceram um novo equilíbrio de forças. Inglaterra, França, Alemanha, Rússia, Império Austro-Húngaro e Itália projetaram-se como as maiores potências do continente devido ao declínio do Império Turco Otomano.

Para assegurar-se de que não haveria ameaças mútuas, as grandes potências europeias passaram a modernizar e fortalecer seus exércitos: instituíram o serviço militar obrigatório, fortificaram suas fronteiras e investiram em armas cada vez mais sofisticadas. Além disso, buscaram formar alianças a fim de se fortalecerem ainda mais. Em 1882, a Alemanha, o Império Austro-Húngaro e a Itália formaram a **Tríplice Aliança**. Em resposta, em 1907, a Inglaterra, a França e a Rússia se uniram por meio da **Tríplice Entente** (veja o mapa abaixo).

Embora evitassem o confronto direto, vigorava entre as potências europeias uma paz tensa e instável. Por isso, esse período ficou conhecido como o da **paz armada**.



Detalhe de charge de 1885 que ironiza a chamada "paz armada": Bismarck (à esquerda, representando a Alemanha), Tio Sam (à direita, símbolo dos Estados Unidos) e John Bull (no centro, personificação da Grã-Bretanha) trocam farpas, mas não chegam a se enfrentar.

Bettmann/Corbis/Latinstock

Banco de imagens/Arquivo da editora

Alianças militares europeias em 1914



Adaptado de: DUBY, Georges. *Grand atlas historique*. Paris: Larousse, 2006.

Nacionalismo acirra conflitos

Nacionalismo é a ideologia que enaltece o Estado nacional como valor maior de um país e de sua sociedade. Valoriza aquilo que é tido como culturalmente próprio da nação, os elementos formadores de sua identidade. Quando exacerbado pode ser associado à ideia de xenofobia – aversão ou rejeição a quem é estrangeiro ou ao que é externo à própria cultura.

O nacionalismo assumiu diversas configurações ao longo da História, de acordo com os

interesses daqueles que o preconizavam. Sua exacerbação no século XX contribuiu para a formação de regimes totalitários, como os da Alemanha nazista e da Itália fascista – no Brasil, houve uma iniciativa inspirada no fascismo, fundada em 1932, a Ação Integralista Brasileira (AIB). Na América Latina, o nacionalismo assumiu um caráter populista, sendo uma das principais bandeiras levantadas por líderes como Getúlio Vargas, no Brasil, e Juan Domingo Perón, na Argentina, por exemplo.



As ideias nacionalistas se disseminaram na América Latina durante o século XX, associadas a um projeto de desenvolvimento econômico e a um pensamento de esquerda, de caráter anti-imperialista, que defendia a indústria nacional. Na Argentina, o peronismo eclode com essas bases. À esquerda, Eva Perón (em foto de 1950), esposa do presidente argentino Juan Perón, saúda uma multidão em Buenos Aires. À direita, comemoração do Primeiro de Maio no governo Vargas, em foto de 1944.

O forte nacionalismo dos povos europeus instigava a rivalidade entre as nações. Os franceses, por exemplo, nunca se resignaram ao fato de ter perdido a Alsácia e a Lorena para os alemães no fim da Guerra Franco-Prussiana (1870). Os alemães e os italianos, por sua vez, passaram pelo processo de unificação territorial tardiamente e, por isso, ficaram insatisfeitos com a parte que lhes coube dos territórios da África e da Ásia.

Nos Bálcãs viviam povos de diversas etnias e culturas, como gregos, eslavos, sérvios, croatas, turcos e búlgaros, que estavam sob o domínio do Império Turco Otomano desde o século XV, aproximadamente. Ainda no século XIX, eles começaram a se mobilizar pela emancipação. Os primeiros a obter êxito foram os gregos, cuja independência foi conquistada em 1821. Em 1878, Sérvia, Montenegro e Romênia também conquistaram sua autonomia política, apoiados pelos russos, que buscavam aumentar sua influência naquele território.

Em 1908, a Bósnia-Herzegovina foi formalmente anexada ao Império Austro-Húngaro. A medida reacendeu o nacionalismo dos povos da península. Os sérvios – interessados no território – foram os principais opositores da anexação.

P Professor(a), veja no Procedimento Pedagógico deste capítulo uma sugestão de **Atividade Alternativa** que ajuda a ressaltar o impacto tecnológico, militar e social do conflito mundial.

2 Primeira Guerra Mundial

As rivalidades explodiram no dia 28 de junho de 1914, quando o arquiduque Francisco Ferdinando – herdeiro do trono do Império Austro-Húngaro – e sua esposa foram assassinados por um estudante bósnio simpatizante da Sérvia, quando estavam em visita à cidade de Sarajevo, na Bósnia. O atentado foi considerado o estopim da Primeira Guerra Mundial.

Um mês depois, em 28 de julho, o governo do Império Austro-Húngaro declarou guerra à Sérvia, acusando o país de conivência com o assassino do arquiduque. Os outros países da Europa se alinharam a um ou outro lado e o conflito tomou grandes proporções, devido às alianças militares.

Contra os austro-húngaros ficaram os russos – aliados da Sérvia –, franceses e ingleses – pertencentes à Tríplice Entente –, além dos japoneses, que estavam interessados nas posses alemãs do Pacífico. Do outro lado ficaram os alemães – parceiros da Áustria na Tríplice Aliança – e os turcos otomanos – opositores dos russos. A Itália, que fazia parte da Tríplice Aliança, inicialmente manteve-se neutra, mas alinhou-se à Entente, dando apoio à França, Inglaterra e Rússia em 1915.

O Brasil declarou-se neutro logo no início do conflito, mas ao final decidiu entrar na guerra.

Os efeitos da guerra sobre a população civil

Na Primeira Guerra Mundial as populações civis, longe de qualquer campo de combate, foram muito vulneráveis à fome e à doença induzidas pela guerra.

Em 1915, os berlinenses foram os primeiros alemães a receber cartões de racionamento de pão. A carne, os laticínios, a batata, o açúcar, os cereais e o sabão também foram racionados. O inverno de 1916-1917 ficou conhecido como “inverno dos nabos”, porque depois de uma colheita desastrosa de batatas, nabos e beterrabas tornaram-se alimentos básicos.

Na Rússia, em 1917, havia filas intermináveis para receber suprimentos mínimos e provisões básicas. As filas para pão em Petrogrado funcionavam como centros de informação não oficiais e tornaram-se incubadoras da Revolução Russa, iniciada em 1917.

Na Grã-Bretanha, a guerra representou mais privação do que fome. No início de 1918, a intensificação da guerra com submarinos afetou seriamente a importação de alimentos e foi introduzido o racionamento por pessoa, principalmente de açúcar, chá, margarina, bacon, queijo, manteiga e carne.

A guerra foi também um estímulo para a abertura de novas oportunidades de emprego. Em 1918, mais de um milhão de **mulheres** francesas trabalhavam em setores como defesa nacional, armamento e aeronáutica. No

Império Austro-Húngaro, em 1916, 42,5% dos trabalhadores na indústria pesada eram mulheres – a título de comparação, eram 17,5% em 1913. O mesmo aconteceu na Alemanha, onde, em 1918, as mulheres compunham 35% da força de trabalho industrial.

As mulheres passaram ainda a exercer atividades antes restritas aos homens, como dirigir ônibus e ambulâncias, e também foram para as frentes de batalha.

Texto elaborado com base em: WILLMOTT, H. P. *Primeira Guerra Mundial*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008. p. 124-130.



A indústria de guerra ganha impulso com os grandes conflitos mundiais. Trabalhadores durante expediente em uma indústria de bombas em Nottinghamshire, Inglaterra, 1917.

Horace Nicholls/WW/Getty Images

Brutalidade sem precedentes

O conflito durou quatro anos, envolveu muitas nações e foi marcado por uma brutalidade sem precedentes. Além de armamentos já conhecidos, como morteiros, granadas, canhões e metralhadoras, pela primeira vez utilizaram-se armas químicas, submarinos e lança-chamas. Pela primeira vez, aviões foram empregados para bombardear tropas em terra.

As rivalidades entre as nações foram acirradas também pelas campanhas publicitárias, muitas delas mentirosas, criadas nos dois lados das frentes de batalha. Cartazes e pôsteres procuravam retratar o inimigo como “selvagem” ou “bárbaro” e estimulavam o nacionalismo e a xenofobia da população.

No início, o conflito caracterizou-se pela chamada **guerra de movimento**: as tropas procuravam se mobilizar rapidamente em campo aberto, com o propósito de conquistar territórios. A tática, porém, revelou-se infrutífera: os avanços territoriais eram pequenos e as perdas humanas eram muito grandes.

Os chefes militares adotaram, então, a guerra de **posições** ou de **trincheiras**. Utilizada durante quase todo o conflito, essa tática consiste em abrir valas estreitas, profundas e de grande extensão – protegidas por rolos de arame farpado – no terreno. Eram as trincheiras. Nelas, os combatentes mantinham fogo permanente contra o inimigo, mas se defrontavam com novas adversidades: lama, frio, ratos, doenças, etc.

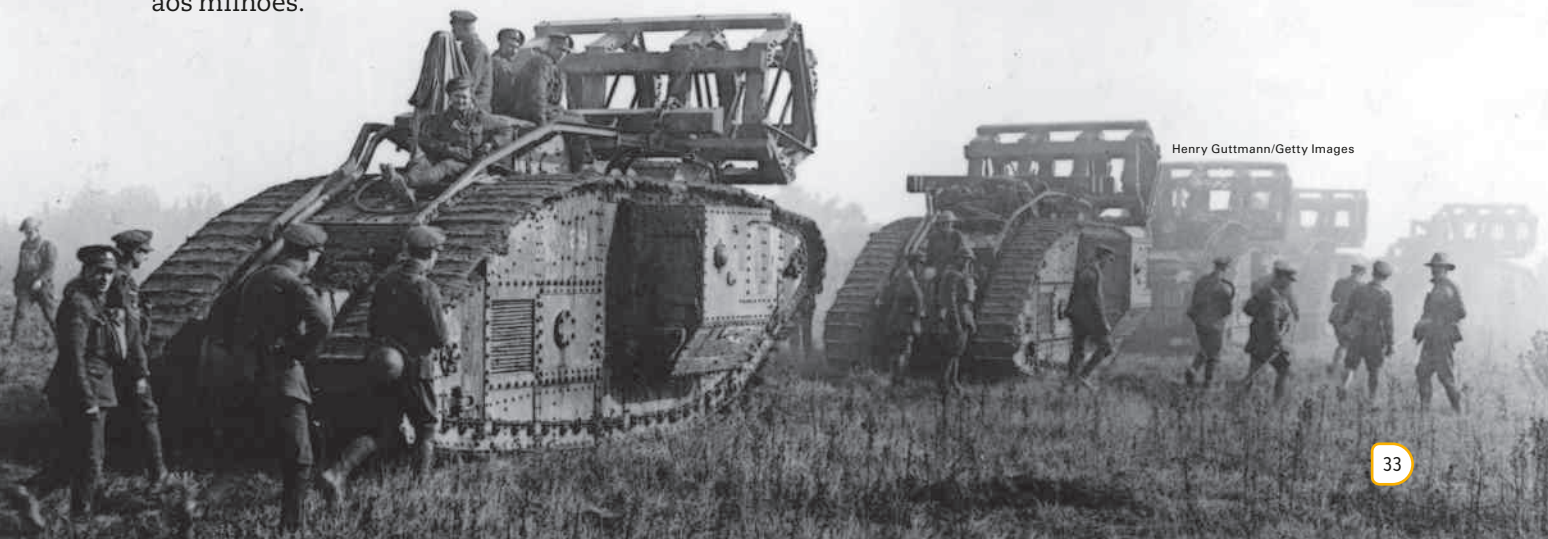
Dois fatos foram cruciais para o fim da guerra. Um deles foi a entrada dos Estados Unidos, em abril de 1917, ao lado dos países da Entente – chamados genericamente de **aliados**. O outro ocorreu em março de 1918, quando o governo da Rússia decidiu sair da guerra (leia o item sobre a **Formação da URSS** mais adiante).

Os Estados Unidos declararam guerra à Alemanha graças a um anúncio feito pelo imperador Guilherme II, que afirmou que iniciaria uma guerra total com submarinos, ameaçando inclusive afundar sem aviso prévio os navios neutros a caminho dos portos britânicos. Com a entrada dos estadunidenses os aliados tiveram êxito devido ao grande número de soldados enviados pelo presidente Woodrow Wilson, o que obrigou os adversários a recuar.

Em 30 de outubro de 1918, o governo turco otomano se rendeu; pouco depois, em 3 de novembro, foi a vez de o governo austro-húngaro firmar sua rendição; no dia 11 de novembro, finalmente, os alemães também se renderam, reconhecendo a derrota.

A Primeira Guerra Mundial chegou ao fim depois de ter provocado, segundo estimativas, a morte de oito milhões de pessoas, além da invalidez de outras 20 milhões. O número de órfãos, desempregados e desabrigados também chegou aos milhões.

O tanque, idealizado para a invasão das trincheiras alemãs, foi introduzido pelas tropas da Inglaterra. Esta foi uma das grandes inovações tecnológicas da Primeira Guerra Mundial. Em 1918, os tanques Mark IV (foto) foram colocados em ação ao lado dos oficiais ingleses.



Henry Guttman/Getty Images

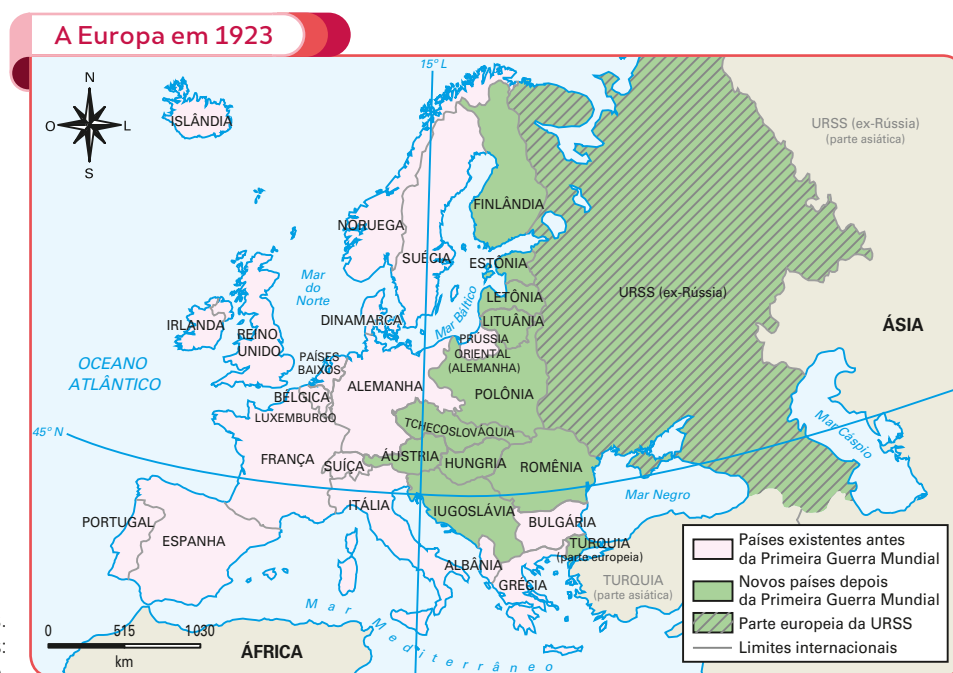
3 Acordos de paz

Ao fim dos combates, iniciaram-se os acordos diplomáticos que defini-ram o novo mapa europeu e os termos da paz mundial. O mais conhecido deles foi o **Tratado de Versalhes**, firmado em junho de 1919.

Em seu conjunto, os acordos de paz alteraram substancialmente a configuração geopolítica da Europa naquele momento:

- A Alemanha foi o país que sofreu o maior número de sanções. O país foi obrigado a devolver os territórios da Alsácia e da Lorena à França, perdeu suas colônias, e suas forças armadas sofreram importantes restrições: não poderiam ultrapassar mais de 100 mil homens nem ter armamentos estratégicos, como canhões e submarinos, por exemplo. Além disso, o governo alemão teve de pagar uma indenização de 269 milhões de marcos aos países vencedores. A dívida foi reduzida a 132 bilhões de marcos com um acordo feito em 1929.
- O Império Austro-Húngaro desintegrou-se, dando origem a três novos países: Áustria, Hungria e Tchecoslováquia.
- O Império Turco Otomano também desapareceu e deu origem à Turquia. Seu território foi desmembrado e boa parte dele passou para o controle de franceses e ingleses.
- Por proposta do presidente estadunidense Woodrow Wilson, em 1920 foi criada a **Liga das Nações**, associação de vários países com sede em Genebra, na Suíça, destinada a garantir a paz e a segurança mundial.

Em termos econômicos, a guerra deixou a Alemanha arrasada e trouxe vantagens importantes para os Estados Unidos. Enquanto se mantiveram neutros, os estadunidenses obtiveram lucros enormes com a venda de armas e alimentos aos governos dos países envolvidos no conflito. Ao mesmo tempo, fizeram vultosos empréstimos aos governos da França e da Inglaterra. Assim, ao terminar a guerra, os Estados Unidos haviam se transformado na maior potência econômica do mundo, passando a ocupar o posto que até então pertencera à Inglaterra.



Adaptado de: DUBY, Georges.
Grand atlas historique. Paris:
Larousse, 2006.

Banco de imagens/Arquivo da editora

ORGANIZANDO AS IDEIAS



ATIVIDADES

- 1 O início da Primeira Guerra Mundial está relacionado com diferentes fatores, entre os quais se destacam a “paz armada”, os nacionalismos e o desenvolvimento tecnológico a partir da segunda metade do século XIX. Explique por que tais fatores estão relacionados com o início da guerra.
- 2 Durante os quatro anos da Primeira Guerra Mundial, o conflito passou por diferentes fases. Explique as principais características desses períodos e indique qual foi o impacto do ingresso dos Estados Unidos para o desenvolvimento da guerra.
- 3 O Tratado de Versalhes, assinado em junho de 1919, foi um dos principais acordos firmados entre as nações participantes da Primeira Guerra. Destaque algumas das medidas que evidenciam as severas sanções à Alemanha.
- 4 Os tratados e acordos de paz firmados ao final da Primeira Guerra Mundial redefiniram o mapa europeu. Observe o mapa da página 34 e descreva algumas mudanças geopolíticas ocorridas na Europa após a Primeira Guerra Mundial.

DIALOGANDO COM... GEOGRAFIA

INTERPRETANDO DOCUMENTOS: IMAGEM

ATIVIDADE

- 1 Observe a imagem a seguir. Trata-se de uma fotografia produzida em maio de 1916 em Berlim. A multidão de pessoas está formando fila para receber a sopa que era distribuída aos necessitados. Com base nisso, responda ao que se pede.



SZ Photo/Schenf/ The Bridgeman Art Library/Keystone Brasil

Alemães amontoam-se em busca de alimento (sopa) em Berlim. Foto de 1916.

- a) Descreva a imagem e **formule uma hipótese** para explicar por que existem mais mulheres na fila da sopa.
- b) Analisando a imagem, é possível dizer que a Primeira Guerra Mundial também significou sofrimento e dificuldades para as populações civis não mobilizadas diretamente no conflito? Justifique sua resposta.
- c) Além dos efeitos negativos sobre as populações civis, a Primeira Guerra também acabou por influenciar novas formas de participação da mulher na sociedade europeia. Como se podem explicar essas mudanças sociais, com relação ao conflito?
- d) A Primeira Guerra Mundial afetou direta e indiretamente toda a população europeia. No caso dos idosos, o conflito causou uma grande taxa de mortalidade, tanto por causa dos desdobramentos dos combates (como bombardeios a populações civis), quanto por efeitos indiretos da guerra (epidemias, fome, frio, etc.), o que evidencia a vulnerabilidade desse grupo em situações de conflito ou tensão social. Atualmente, apesar de não existirem guerras no Brasil, a **população idosa** continua enfrentando problemas causados pela escassez de políticas públicas adequadas para o cuidado e o bem-estar desse grupo. Pesquise alguns dos principais problemas que afetam as pessoas idosas no Brasil e, em grupo, montem um mural sobre o tema em sala de aula.

P Professor(a), veja no Procedimento Pedagógico deste capítulo uma proposta de início de abordagem do processo revolucionário russo, partindo da análise da aquarela *Leilão de servos*, de 1910.

Aquarela *Leilão de servos*, de 1910, do pintor russo Klavdiy Vasiliyevich Lebedev, mostra servos (à direita) à espera de serem leiloados. Ao fundo, possíveis compradores. Cenas desse tipo foram comuns até 1861, ano em que a servidão foi extinta na Rússia.

Klavdiy Vasiliyevich Lebedev/Arkhangel'sk Museum, Moscou



Membros da tendência bolchevique do Partido Operário Social-Democrata Russo (POSDR) em fotografia de 1915. Entre eles, encontra-se Josef Stalin (primeiro, da esquerda para a direita), que viria a ser dirigente da União Soviética após a morte de Lenin (no meio), em 1924.



Universal History Archive/UiG/Getty Images

Marxismo: corrente ideológica que se opõe radicalmente à propriedade privada dos meios de produção, ao lucro e à exploração da classe operária.

4 A Rússia no início do século XX

A Rússia se consolidou como Estado monárquico absolutista no final do século XVI, sob o governo de Ivan IV, conhecido como “o Terrível”, que adotou o título de czar. Ele deu início à expansão territorial do país, que se prolongou até o final do século XIX.

No início do século XX, a economia russa permanecia predominantemente baseada nas atividades rurais: 85% da população total do país era constituída por camponeses pobres e a maioria deles vivia sob o regime feudal de servidão. A abolição do feudalismo, em 1861, não contribuiu para melhorar a situação da população, que continuou a viver sob o domínio dos grandes proprietários rurais.

O processo de industrialização na Rússia teve início no final do século XIX. Nessa época, enquanto a Inglaterra e outros países europeus já contavam com parques industriais, em plena Segunda Revolução Industrial, a Rússia dispunha de poucos centros fabris. Os operários trabalhavam em ambientes insalubres, com salários extremamente baixos e enfrentavam jornadas de até 14 horas diárias.

A industrialização russa concentrou-se em três pontos, todos na porção europeia do país: na capital, São Petersburgo, em Moscou e na região do rio Don.

No começo do século XX, ainda como um país predominantemente camponês com alguns pontos de alta concentração industrial, o sistema político da Rússia era arcaico – uma autocracia absolutista –, o governo não demonstrava interesse na elaboração de reformas políticas e sociais, enquanto se esforçava para coibir seus opositores. Entretanto, mesmo com a repressão e o autoritarismo, havia grupos clandestinos de oposição ao governo, defensores de mudanças estruturais que favorecessem toda a população.

Bolcheviques e mencheviques

Com o crescimento industrial, as cidades russas se desenvolveram consideravelmente: entre 1860 e 1914, a população urbana passou de 6 milhões para quase 19 milhões de pessoas.

Vivendo e trabalhando em péssimas condições, os operários começaram a se organizar em associações. Em 1898, intelectuais e membros da classe trabalhadora formaram o **Partido Operário Social-Democrata Russo (POSDR)**, um grupo clandestino de orientação **marxista**.

Em 1903, o POSDR agrupava membros com duas tendências ideológicas. Uma delas era a dos **bolcheviques**, liderada por Lenin (pseudônimo de Vladimir Ilitch Ulianov). Essa divisão propunha a formação de uma aliança operário-camponesa cuja resposta era implantar o socialismo por meio de uma revolução dos trabalhadores.

A outra tendência era a dos **mencheviques**. Mais moderados do que os bolcheviques, eles defendiam que era preciso apoiar a burguesia por meio de uma revolução democrática. Apenas depois disso a classe operária seria capaz de se organizar para concretizar uma reforma socialista.

A Revolução de 1905

Em janeiro de 1905, durante a Guerra Russo-Japonesa (1904-1905), os problemas internos da Rússia se agravaram devido à falta de alimentos, requisitados para as tropas. Aproximadamente 200 mil pessoas realizaram uma manifestação pacífica em São Petersburgo, capital russa, cuja demanda era a implantação de uma Assembleia Constituinte e melhores condições de vida e de trabalho. Forças do governo dispararam contra a multidão, matando cerca de mil pessoas.

Conhecido como **domingo sangrento**, o massacre repercutiu em toda a Rússia. Nas grandes cidades foram criados os **soviets**, conselhos formados por representantes dos trabalhadores que decidiam quais seriam as manobras políticas da luta contra o czarismo (veja a seção *Eu também posso participar*, na página seguinte). O soviete mais importante era o da capital, presidido por Lev Davidovich Bronstein, conhecido como Leon Trotski.

Os soviets organizaram greves, saques e manifestações, que eclodiram por toda parte. No mar Negro, os marinheiros do encouraçado Potenkim se sublevaram. Em outubro, uma greve geral paralisou o país.

Encurralado pelo movimento, o czar Nicolau II legalizou os partidos políticos e concedeu poderes legislativos à Duma (uma espécie de Parlamento). No entanto, ao mesmo tempo, reprimiu duramente os soviets e o movimento grevista. Trotski, líder do soviete de São Petersburgo, e outros líderes foram presos.

A Revolução de 1905 não chegou a derrubar o governo czarista, mas transformou a Rússia em uma monarquia constitucional. Entretanto, o governo de Nicolau II manteve características autoritárias: a polícia permaneceu exercendo o papel de instituição censora das liberdades civis e o czar tinha o poder de dissolver a Duma a qualquer momento.

5 As Revoluções de 1917

No dia 27 de fevereiro de 1917, a população de Petrogrado (novo nome da capital, a antiga São Petersburgo) e de outras cidades se revoltou. O czar se viu obrigado a abdicar e foi implantado um governo provisório eleito pela Duma. Ao mesmo tempo, operários, camponeses, soldados e marinheiros se organizaram em soviets por todo o país.

Os novos governantes, de orientação menchevique, aboliram a censura à imprensa, legalizaram os partidos, libertaram presos políticos e os exilados puderam retornar ao país. O czar e sua família foram presos.

Mesmo assim, a Rússia continuou envolvida na Primeira Guerra, e a principal reivindicação dos camponeses, operários e soldados de baixa patente não foram atendidas. Esses grupos sociais perceberam que pouco havia sido modificado nas condições de vida após a Revolução de Fevereiro, e a insatisfação popular crescia progressivamente.

Lenin liderou violentos protestos contra o governo provisório, proclamando os lemas **Paz, pão e terra** e **Todo o poder aos soviets!** Trotski aderiu ao Partido Bolchevique e foi eleito presidente do soviete de Petrogrado.

Os bolcheviques conquistaram rapidamente o apoio das lideranças da maioria dos soviets e, em outubro de 1917, derrubaram o governo provisório.



Bettmann/Corbis/Latinstock

Policiais atiram contra a multidão durante manifestação ocorrida em julho de 1917, em Petrogrado (Rússia). Três meses mais tarde, os revolucionários bolcheviques assumiram o poder.



Os sovietes e a democracia participativa

Os sovietes surgiram inicialmente como um conselho de trabalhadores, democraticamente eleitos pelos grupos que representavam: operários, camponeses, soldados e intelectuais. Eram muito atuantes e assumiram diversas demandas políticas e econômicas da população russa, desempenhando um papel de protagonismo com relação à política nacional russa no início do século XX.

No Brasil contemporâneo, esse tipo de participação popular se dá por meio de instâncias variadas, como cooperativas, sindicatos, associações de bairro, organizações não governamentais etc. Nesses espaços os cidadãos conseguem, por exemplo, definir prioridades para o destino dos gastos públicos, propor projetos de lei ou alterações na legislação vigente, cobrar dos representantes políticos no governo o cumprimento das promessas de campanha eleitoral, saber quais foram os investimentos feitos a partir da utilização dos impostos arrecadados, etc.

São espaços de **democracia participativa**, assegurados à população brasileira com a promulgação da Constituição de 1988. Veja a seguir alguns exemplos de como se pode pôr em prática o direito à atividade política e outras maneiras de reivindicar os direitos dos cidadãos.

- Entidades da sociedade civil, ONGs, sindicatos, associações e órgãos de classe podem ajudar a decidir quais os projetos de lei devem ser debatidos no Congresso. Basta entrar em contato (inclusive por meio da internet) com a Comissão de Legislação Participativa (CLP) da Câmara dos Deputados, em Brasília, e enviar sugestões de leis e de emendas para a avaliação dos deputados e senadores.
- Muitas prefeituras praticam o **orçamento participativo**. Por meio dele, os munícipes podem influenciar o governo municipal na

utilização das verbas do orçamento público. Caso esse mecanismo exista na sua cidade, procure se envolver nas assembleias nas quais as melhorias para seu município são discutidas coletivamente.

- Os conselhos tutelares são órgãos públicos municipais de caráter autônomo e permanente que recebem denúncias e queixas sobre violações dos direitos de crianças e adolescentes. São formados por cinco pessoas eleitas pela comunidade, que têm um mandato de três anos. Todas as pessoas com mais de 21 anos podem participar do conselho tutelar da cidade em que vivem.
- Por meio da participação em agremiações, associações de bairro e organizações não governamentais, é possível obter mais informações sobre as necessidades de sua comunidade e cidade.
- É possível acompanhar a atuação de senadores, deputados e vereadores por meio do correio eletrônico desses políticos. Os endereços de *e-mail* estão disponíveis nos *sites* das câmaras municipais, das assembleias estaduais e do Congresso Nacional.

Disponível em: <www2.camara.leg.br/participe/fale-conosco/fale-com-o-deputado/ e www.senado.gov.br/transparencia/LA/scrh/parla_inter.pdf>. Acesso em: 8 fev. 2016.



Alex Ferreira/Câmara dos Deputados

O projeto Parlamento Jovem Brasileiro, iniciativa da Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro, tem como objetivo aproximar os jovens da atuação política. Para isso, as escolas estaduais elegem um representante por município por meio de votação. Foto da 12ª edição do Parlamento Jovem Brasileiro, ocorrido na Câmara dos Deputados, em Brasília, 2015.

SUA COMUNIDADE

- Reúnam-se em grupo e, a partir das informações do texto, realizem um levantamento sobre os **instrumentos efetivos de participação política** em sua cidade, comunidade ou bairro. Pesquisem na prefeitura e na Câmara Municipal quais são os conselhos organizados atualmente. Informem-se sobre o que fazem e como estão estruturados. Busquem também informações sobre associações, ONGs ou outros grupos sociais atuantes na cidade. Organizem a pesquisa de maneira que cada grupo fique responsável por um aspecto, por exemplo: educação, conselho de jovens, transporte público, etc. Compartilhem as informações obtidas com toda a sala de aula e discutam a seguinte questão: Em quais órgãos, instituições ou conselhos vocês poderiam participar a fim de contribuir para o aperfeiçoamento da democracia em sua cidade?

6 A formação da URSS

Depois da Revolução de Outubro, o novo governo, comandado por Lenin, estatizou fábricas, estradas de ferro e bancos e confiscou os bens da Igreja. As grandes propriedades foram expropriadas e distribuídas aos camponeses. No que diz respeito à política externa, russos e alemães assinaram um tratado de paz, o Tratado de Brest-Litovsky (1918), e os russos saíram da Primeira Guerra Mundial.

Logo em 1918, porém, o país mergulhou em uma sangrenta guerra civil que colocou em confronto o Exército Vermelho, organizado e comandado por Trotski, e o Exército Branco, mobilizado pelas antigas classes dominantes (senhores de terras, grandes empresários, generais do exército czarista) e reforçado por tropas enviadas pela Inglaterra, Estados Unidos, Canadá, Japão e França, cujos governos temiam a propagação do comunismo russo pelo mundo. A guerra civil terminaria apenas em fevereiro de 1921, com a vitória dos bolcheviques, liderados por Trotski.

Com o fim do conflito interno, o governo de Lenin adotou um plano de recuperação do país, que combinava princípios comunistas com medidas capitalistas. O governo adotou medidas de centralização do poder em torno do Partido Bolchevique, agora chamado de Partido Comunista.

Foi implantada uma rígida disciplina nas fábricas; a imprensa passou a ser controlada; os partidos políticos foram colocados na ilegalidade e a liberdade de discussão (até mesmo no interior do Partido Comunista) foi restringida. Os soviets deixaram de ser um espaço para a discussão democrática e se transformaram em executores das ordens do Partido. Muitos opositores do novo regime foram presos. O czar Nicolau II e sua família foram executados.

Em 1922, o novo país passou a se chamar **União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS)**. Lenin sofreu um ataque cardíaco e afastou-se pouco a pouco do poder, até morrer, em 1924. O secretário-geral do Partido Comunista, Josef Stalin, passou a disputar com Leon Trotski a liderança da União Soviética.



Topical Press Agency/Getty Images

Rússia, Alemanha, Áustria-Hungria e seus aliados assinam o Tratado de Brest-Litovsky em 1918. Pelo acordo, a Rússia reconheceu a independência da Polônia, da Ucrânia, da Geórgia e dos países bálticos. O Tratado foi anulado pelo armistício de novembro do mesmo ano porque a Rússia se tornou um dos aliados vencedores. Como representante de assuntos externos, Leon Trotski está presente (em pé, segundo a partir da direita).

Formação da URSS (1922)



Banco de imagens/Arquivo da editora

Adaptado de: DUBY, Georges. *Grand atlas historique*. Paris: Larousse, 2004; SIMIELLI, M. E. *Geoatlas*. São Paulo: Ática, 2008.



O regime stalinista foi marcado pelo personalismo e pela idolatria, reforçados pelo excessivo uso da imagem do dirigente como propaganda do regime. *Vamos lutar pela paz*, litografia de 1951, de Jules Perahim Jules, representa uma multidão de patriotas e trabalhadores heroicos segurando bandeiras da União Soviética e uma imagem de Stalin.

O comunismo na URSS

Vencedor da disputa interna com Trotski, Stalin tinha a seu serviço a burocracia do Estado e do partido e passou a dominar o país com mão de ferro. Uma de suas medidas foi eliminar todos os seus adversários, que eram presos ou executados. Trotski, por exemplo, foi expulso da União Soviética em 1929 e obrigado a exilar-se no México, onde morreu, em 1940, assassinado a mando de Stalin.

Sob o novo governo, a União Soviética isolou-se do mundo e se transformou em uma potência mundial. A industrialização teve grande impulso por meio de planos quinquenais. Entretanto, a formação de uma sociedade igualitária, um dos ideais dos primeiros socialistas, foi esquecida. Em lugar do socialismo, surgiu uma sociedade burocratizada, controlada por uma elite de funcionários privilegiados – a burocracia soviética –, enquanto a maior parte da população vivia em condições precárias e se via excluída dos órgãos de participação e decisão política. No topo dessa sociedade estava o Partido Comunista, que controlava integralmente todos os órgãos do Estado. O chefe desse partido, Stalin, era considerado infalível, e seus opositores eram duramente reprimidos.



ENQUANTO ISSO...

O genocídio armênio

A Primeira Guerra Mundial ainda estava em sua fase inicial, quando a população armênia foi vítima daquele que é considerado o primeiro genocídio do século XX. O assassinato indiscriminado de armênios aconteceu em 1915 em território da atual Turquia, que desde 1908 encontrava-se sob o controle do Comitê de União e Progresso, partido de tendência liberal, popularmente conhecido como Jovens Turcos. Ao assumirem o governo, seus líderes puseram em prática uma política de caráter nacionalista e racista, pregando a existência de uma nação turco-muçulmana.

O primeiro fato concreto dessa perseguição aconteceu no dia 24 de abril de 1915, quando os principais intelectuais armênios que residiam na cidade de Constantinopla foram presos e executados pelas forças turcas. Depois disso, iniciou-se o assassinato sistemático dos armênios: centenas de milhares de homens, mulhe-



Album/Ag. images/Pictures
From History/Latinstock

Refugiados armênios em situação de fome e abandono em foto de 1918. O genocídio armênio refere-se a massacres da população armênia, promovidos pelo Império Otomano durante e logo após a Primeira Guerra Mundial. Segundo o Consulado Armênio de São Paulo, cerca de 1,5 milhão de armênios foram vítimas do genocídio entre 1915 e 1923.

res e crianças foram massacrados ou não resistiram às ações sistemáticas de perseguição da polícia turca. Seus bens materiais foram confiscados e suas igrejas, destruídas.

Pesquisas indicam que, no ano de 1915, 1,5 milhão de armênios foram mortos pelos perseguidores turcos e centenas de milhares imigraram para a Europa, Ásia e América. Até hoje, o governo turco se recusa a reconhecer a ocorrência dessa matança em massa.

P Professor(a), veja no Procedimento Pedagógico deste capítulo uma sugestão de **Atividade de inclusão** com base na discussão sobre o texto desta seção.

SUA OPINIÃO

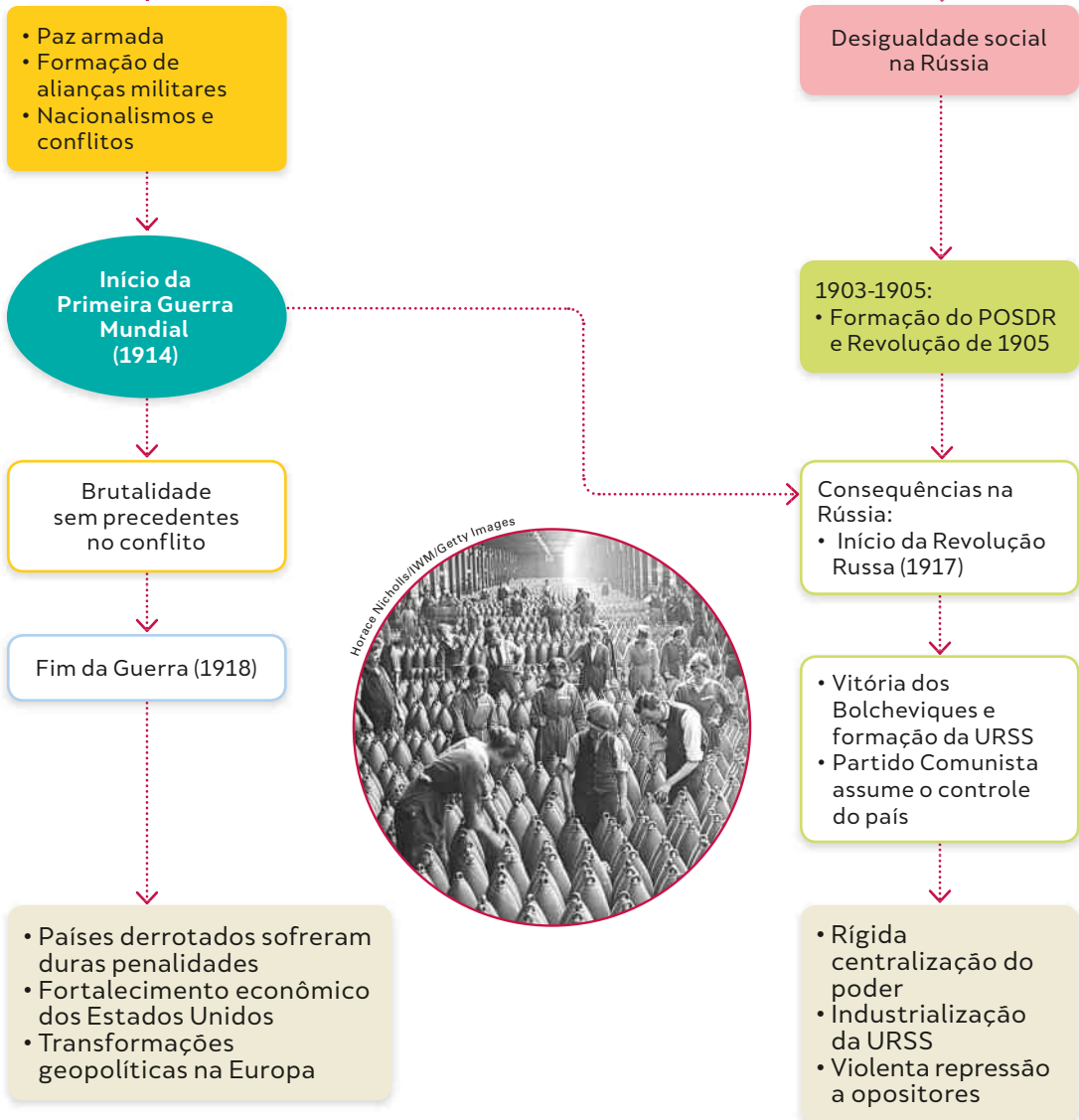
- A intolerância étnica e religiosa está entre as causas do genocídio do povo armênio. Essa situação de convivência intercultural tornou-se ainda mais frequente com o aumento das migrações das últimas décadas. Reúna-se em um grupo e discutam o assunto. Definam três princípios fundamentais para um convívio pacífico entre povos diferentes que vivem na mesma região. Escrevam esses princípios e apresentem para a classe.



ESQUEMA-RESUMO

Primeira Guerra Mundial e Revolução Russa

Final do século XIX e início do século XX



Com base nas informações do esquema-resumo, explique como processos sociais e políticos iniciados no final do século XIX provocaram grandes transformações na organização do continente europeu e nos territórios russos no início do século XX.



ATIVIDADES

ORGANIZANDO AS IDEIAS



- 1 Relacione as condições políticas, sociais e econômicas da Rússia no final do século XIX e início do século XX com o surgimento das correntes políticas dos **bolcheviques** e dos **mencheviques** dentro do Partido Operário Social-Democrata Russo (POSDR).
- 2 Em 1905, os russos promoveram uma revolução no país. Faça um resumo desse movimento, explicitando suas principais causas, como ocorreu e as mudanças ocorridas (ou não) ao final da Revolução.
- 3 Segundo o historiador Marc Ferro, os soviets se constituíram como uma espécie de poder paralelo dentro da Rússia, antes da Revolução. Explique o significado dessa afirmação.
- 4 Em fevereiro de 1917, o czar Nicolau II abdicou e um governo provisório assumiu o poder político. Explique como se desenrolou

o processo revolucionário a partir de então e aponte quais foram as principais medidas colocadas em prática pelos bolcheviques ao chegar ao poder.

- 5 Os grupos sociais ligados ao antigo regime czarista uniram suas forças e se organizaram para derrubar o governo bolchevique que ascendeu ao poder da Rússia em 1917. Cite as consequências dessa disputa.
- 6 Escreva um texto destacando a importância que assumiu o Partido Comunista russo após a Revolução de Outubro de 1917.
- 7 A vitória do Partido Comunista durante a Revolução Russa provocou uma profunda redefinição das fronteiras da região, dando origem à União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS). Observe o mapa da página 39 e descreva as mudanças ocorridas.

DIALOGANDO COM... GEOGRAFIA

INTERPRETANDO DOCUMENTOS: TEXTO

- Leia os dois documentos a seguir. São trechos de cartas pessoais escritas em 1916 por dois soldados mobilizados durante a Primeira Guerra Mundial. Com base nas informações dos documentos, bem como em seus conhecimentos, responda ao que se pede a seguir.

Documento 1

Querida Sophie!

Isto não é um ataque, é uma carnificina. Você já sabe do nosso fracasso. Não pode pôr a culpa nos soldados, eles fizeram tudo que estava a seu alcance. Tampouco podemos culpar os oficiais do *front*. A culpa toda é do quartel-general. Para dizer a verdade, esse último ataque me fez perder a vontade de continuar lutando. Já vi gente pôr em risco milhares de vidas, apenas com o intuito de ganhar a própria medalha. No momento não há a menor possibilidade de derrotarmos os alemães. Talvez mais adiante, quando fizerem mudanças no Exército. Basta deste assunto. Agora faço parte da reserva e passo os meus dias deitado na grama, aquecendo-me ao sol e ouvindo o canto dos pássaros.

Documento 2

Caros pais!

No mesmo dia que eu lhes enviei uma carta daqui, acabei caindo e torcendo o dedo médio da mão esquerda, como Misse já deve ter lhes contado. O transporte que me levaria para casa já se foi, mas dentro de uma semana o dedo deve estar em boas condições de novo. Ele na verdade se curou bem rápido. Tenho caminhado por aqui, aproveitando a vida e a natureza. Minha lavadeira me emprestou um bom romance francês e, quando canso da leitura, fico desenhando. Pretendo mandar-lhes alguns desenhos meus. Já mandei um para a tia Dorothea. Não que seja um grande presente, mas não há nada para fazer por aqui, a vida está muito aborrecida e não sei como agir quanto a isso. Creio que este meu estado de apatia seja proveniente da nossa má alimentação. Nunca recebemos outra coisa para comer que não seja sopa de aveia, sempre a mesma sopa de aveia! Sem falar no pão e naquela intragável geleia.

ENGLUND, Peter. *A Beleza e a Dor*: uma história íntima da Primeira Guerra Mundial. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

- a) De que maneiras os dois soldados descrevem a guerra e suas experiências diante do conflito? Justifique sua resposta com elementos dos documentos.
- b) A história da Primeira Guerra Mundial foi construída a partir da **análise de diferentes documentos**. Exemplos disso são os documentos diplomáticos, os tratados entre países, os registros militares, as evidências arqueológicas da guerra, fotografias, jornais, entre muitos outros. Com base nisso, aponte que tipo de informação

documentos como cartas e diários pessoais fornecem sobre o conflito e diferencie essas informações daquelas disponíveis em documentos oficiais, como textos diplomáticos e tratados políticos.

- c) Documentos como essas cartas são utilizados pelos historiadores para analisar aquilo que foi chamado de **história do cotidiano**, ou seja, aspectos cotidianos da vida e das sociedades humanas ao longo do tempo. Por que é importante estudar e conhecer tais aspectos?

TESTE SEU CONHECIMENTO

- 1 (Unicamp-SP) O relato a seguir é parte da biografia de um homem que passou sua infância no atual Mali.

“Em novembro de 1918, a África, como a metrópole, festejou o fim da Grande Guerra Mundial e a vitória da França e seus aliados [...]. Estávamos orgulhosos do papel desempenhado pelos soldados africanos na frente de batalha. [...] Os sobreviventes que voltaram em 1918-1919 foram a causa de um novo fenômeno social que influenciou na evolução da mentalidade nativa. Estou falando do fim do mito do homem branco como ser invencível e sem defeitos.”

BÂ, Amadou Hampâté. *Amkoullel, o menino fula*. São Paulo: Palas Athena/Casa das Áfricas, 2003, p. 312-313.

Considerando o relato acima, é correto afirmar que

- a) a presença dos soldados africanos contribuiu para construir uma identidade africana sustentada nos princípios bélicos do imperialismo europeu.
- b) a presença de soldados africanos nos conflitos contribuiu para o questionamento do mito da superioridade do homem branco.
- c) o autor, ao apresentar a fragilidade do homem branco, instaurou um discurso inverso de superioridade dos africanos.
- d) o autor, ao apresentar o norte da África como parte da França, exaltou o projeto imperialista francês e suas estratégias de integração cultural.

- 2 (Unesp)

“A influência e o domínio do povo pelo ‘partido’, isto é, por alguns recém-chegados (os ideólogos comunistas procedem dos centros urbanos), já destruiu a influência e a energia construtiva desta promissora instituição que eram os soviets. No momento atual, são os comitês do partido e não os soviets que governam a Rússia. E sua organização padece de todos os defeitos da organização burocrática.”

KROPOTKIN, Piotr. Carta a Lênin (04.03.1920)
Textos escolhidos. 1987.

As críticas do anarquista Kropotkin a Lênin, presentes nessa carta de 1920, indicam a sua

- a) crença de que o partido bolchevique consiga reconhecer o poder supremo dos soviets e extinguir a injustiça social, a hegemonia burguesa e o autoritarismo.
- b) insatisfação em relação à diminuição da influência das associações de soldados e trabalhadores e ao aumento da influência política das lideranças bolcheviques.
- c) disposição de anular a influência dos soviets, para que o Estado russo seja eliminado e se instale uma nova organização política, baseada na supressão de toda forma de poder.
- d) avaliação de que o partido social-democrata se tornou, após a Revolução de





Outubro de 1917, o único grupo político capaz de conter as manifestações sociais e reestruturar o Estado russo.

- e) discordância diante do esforço organizativo do país, empreendido pelos bolcheviques, e sua aposta no retorno da monarquia parlamentar derrubada pela Revolução de Outubro de 1917.
- 3** (UFPR) O lema dos bolcheviques a partir de abril de 1917 era “Paz, Pão e Terra”, conhecido também como Teses de Abril. Assinale a alternativa que identifica e justifica corretamente qual entre as palavras do lema tem correspondência direta com os acontecimentos da Primeira Guerra Mundial.
- a) A palavra é “Paz”, pois reivindicava que a Rússia conduzisse o Tratado de Versalhes, e retirasse vantagens dos países perdedores.
- b) A palavra é “Terra”, pois reivindicava que a Rússia fizesse reforma agrária nas terras conquistadas durante o conflito.
- c) A palavra é “Terra”, pois reivindicava que a Rússia anexasse territórios para a constituição da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas.
- d) A palavra é “Paz”, pois reivindicava que a Rússia se retirasse imediatamente da guerra, para livrar sua população do sofrimento e iniciar uma nova ordem socialista.
- e) A palavra é “Pão”, pois reivindicava que a Rússia se retirasse da guerra para cessar o desabastecimento que ocorreu no país após a invasão alemã.
- 4** A Primeira Guerra Mundial chegou ao fim após a assinatura de acordos de paz entre os países envolvidos no conflito. Leia as seguintes afirmativas sobre esse tema e escolha a opção correta. Em seguida, justifique o erro das afirmativas falsas:
- I. O Tratado de Versalhes foi o único tratado assinado para encerrar o conflito e envolveu todos os países que participaram do conflito.
- II. Os tratados assinados após a guerra mantiveram a configuração geopolítica da Europa existente antes do conflito.
- III. Um dos desdobramentos dos tratados assinados foi a desintegração dos impérios Austro-Húngaro e Turco Otomano, sendo substituídos por novos países, como a Áustria, Hungria e Tchecoslováquia e a Turquia.
- IV. Além de encerrar a guerra, os tratados firmados ao final do conflito também criaram a Liga das Nações em 1920, uma associação de vários países com a finalidade de garantir a paz e a segurança mundiais.
- a) Apenas a afirmativa III está correta.
- b) Apenas a afirmativa II está correta.
- c) As afirmativas I e II estão corretas.
- d) As afirmativas II e III estão corretas.
- e) As afirmativas III e IV estão corretas.
- 5** A Revolução de Outubro resultou na criação de um novo governo na Rússia. Leia as seguintes afirmativas sobre esse tema e escolha a opção correta. Em seguida, justifique o erro das afirmativas falsas:
- I. O novo governo, liderado por Lenin, estatizou fábricas, estradas de ferro e bancos, e confiscou bens da Igreja.
- II. O governo revolucionário assinou o Tratado de Brest-Litovsky com a França para sair da Primeira Guerra Mundial.
- III. Apesar da vitória na Revolução, o governo de Lenin precisou enfrentar uma sangrenta guerra civil contra as antigas classes dominantes até fevereiro de 1921.
- IV. Em 1921, o Partido Bolchevique passou a ser chamado de Partido Comunista e adotou medidas para reforçar os poderes dos soviets e outros órgãos democráticos existentes no território russo.
- a) Apenas a afirmativa II está correta.
- b) As afirmativas I e II estão corretas.
- c) As afirmativas I e III estão corretas.
- d) As afirmativas II e III estão corretas.
- e) As afirmativas I e IV estão corretas.



HORA DE REFLETIR



- O desenvolvimento tecnológico e o crescimento da produção de armas ajudam a entender o início da Primeira Guerra Mundial, já que a indústria da guerra foi um dos fatores que contribuíram para desestabilizar as relações políticas entre os países industrializados desde o final do século XIX. A indústria da guerra ainda desempenha um papel importante em conflitos contemporâneos. Os dados do comércio mundial de armas indicam, inclusive, um crescimento na circulação de equipamentos bélicos. Entre 2010 e 2014, o comércio de armas convencionais cresceu aproximadamente 16%. Nesse cenário, os Estados Unidos ocupam a primeira posição como exportador de armas, controlando 31% das vendas. O Brasil também ocupa uma posição destacada nesse comércio, ficando em quarto lugar nas exportações. Em grupo, pesquisem a **indústria de armas no mundo contemporâneo e os desdobramentos políticos e sociais desse comércio**. Em seguida, montem um cartaz com as informações pesquisadas. Ao final, discutam com seus colegas os principais problemas causados pelo comércio de armas e que tipo de medida pode ser tomada para minimizar tais problemas.



MINHA BIBLIOTECA

PARA NAVEGAR

Primeira Guerra – Site (em inglês) com diversos conteúdos multimídia sobre a Primeira Guerra Mundial. Disponível em: <www.firstworldwar.com/index.htm>. Acesso em: 8 fev. 2016.

Seventeen moments in Soviet history – Site (em inglês) sobre dezessete momentos marcantes na história da União Soviética ao longo do século XX. Na parte referente à Revolução Russa, diversos textos e documentos. Disponível em: <<http://tinyurl.com/cv9ju8m>>. Acesso em: 8 fev. 2016.

PARA ASSISTIR

Flyboys. Direção: Tony Bill. Reino Unido / Estados Unidos, Imagem Filmes, 2006, 140 min. O filme é inspirado na história real de jovens aviadores, os primeiros da história, que lutaram na Primeira Guerra Mundial.

Feliz Natal. Direção: Cristian Carion. França / Alemanha / Reino Unido, Columbia Pictures, 2005, 115 min. O filme narra a história de soldados alemães, franceses e escoceses que, no Natal, cansados da Guerra, deixam suas armas de lado, saem das trincheiras, apertam suas mãos e vão juntos jogar futebol.

Lawrence da Arábia. Direção: David Lean. Reino Unido, Sony Pictures, 1962, 216 min. No filme, a história de um tenente inglês da Primeira Guerra Mundial (T. E. Lawrence) é narrada em *flashbacks* a partir de sua morte, em 1935.

Johnny vai à guerra. Direção: Dalton Trumbo. Estados Unidos, Silver Screen, 1971, 111 min. Neste filme – o único dirigido por Dalton Trumbo, perseguido pelo macarthismo –, é narrada a história do soldado anônimo, representação de todos os homens que morreram em uma guerra.

O retorno do soldado. Direção: Alan Bridges. Reino Unido, 1982, 99 min. No filme, o capitão da Primeira Guerra Mundial, que pertence a uma família inglesa tradicional, retorna da guerra e não se lembra da mulher nem dos amigos, mas quer se encontrar com sua primeira namorada.

O encouraçado Potemkin. Direção: Sergei Eisenstein. URSS, Continental Home Video, 1925, 66 min. O filme conta a história do levante de marinheiros, em 1905, no navio de guerra Potemkin, contra os maus-tratos e as más condições de vida.

Reds. Direção: Warren Beatty. Estados Unidos, Paramount, 1981, 188 min. O filme se passa durante a Primeira Guerra Mundial, quando um jornalista e uma mulher casada se envolvem em disputas trabalhistas nos Estados Unidos e vão para a Rússia participar da Revolução de Outubro de 1917.

Câmera olho: Réquiem a Lenin. Direção: Dziga Vertov. Continental, 1924, 78 min. Este documentário reúne várias imagens de Lenin, feitas por Dziga Vertov, considerado o cineasta favorito do líder russo, que soube reunir as aspirações da classe operária aos objetivos do Partido Comunista.

PARA LER

Dez dias que abalaram o mundo, de John Reed, L&PM. Este livro é um testemunho da Petrogrado nos dias da Revolução Russa de 1917, narrado por John Reed, que conviveu e conversou com os líderes Lenin e Trotski.

A revolução dos bichos, de George Orwell, Companhia das Letras. A história é uma fábula na qual uma fazenda é tomada pelos animais que nela vivem. Aos poucos a intenção de uma vida em harmonia e solidária é posta de lado, em uma parábola sarcástica da Revolução Russa, que levou a classe operária ao governo na Rússia, em 1917.

Brasil: do final do século XIX à Revolução de 1930

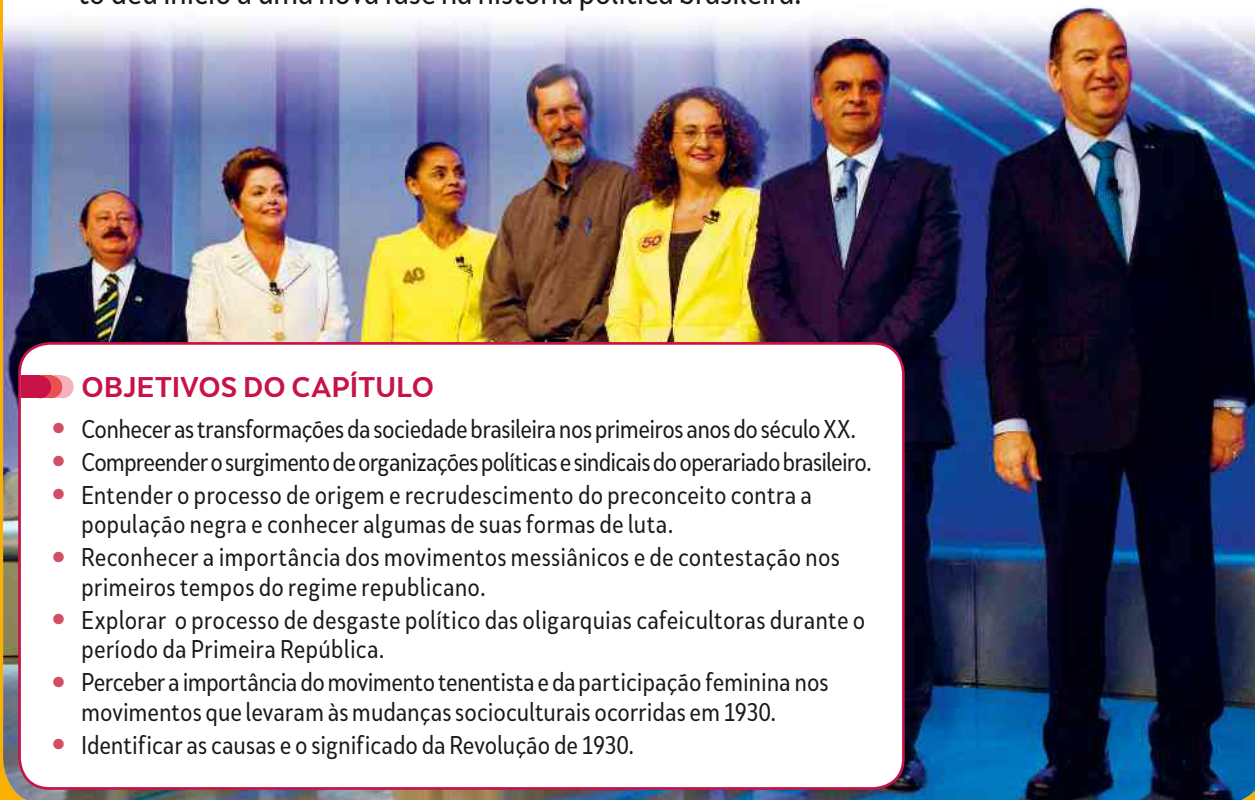
No Brasil, as eleições presidenciais, que ocorrem a cada quatro anos, podem ser realizadas em até dois turnos. Desde 1989, ano em que esse sistema eleitoral entrou em vigor, as eleições têm sido bastante disputadas, com grande número de candidatos. Em 1989, por exemplo, 22 pessoas disputaram a Presidência no primeiro turno. Em 1998, eram doze os postulantes ao cargo; em 2006, oito; em 2010, nove; e em 2014, sete.

Essa é uma situação bem diferente das eleições presidenciais realizadas no início do século XX. Até 1929, apenas duas eleições tiveram uma disputa acirrada — em 1910 e 1919. Nas demais, em razão de acordos políticos entre as **oligarquias**, alguns “candidatos” — como Venceslau Brás, em 1914, e Washington Luís, em 1926 — nem sequer chegaram a enfrentar adversários nas urnas.

Acordos políticos entre as oligarquias marcaram um período da história brasileira conhecido como República Oligárquica (ou Primeira República), que só acabou em 1930, quando Getúlio Vargas assumiu a Presidência. Como veremos neste capítulo, tal movimento deu início a uma nova fase na história política brasileira.

Oligarquia: governo de poucas pessoas pertencentes a um mesmo grupo social e ligadas a um mesmo partido, família ou clã.

Desde 1989, as eleições presidenciais são muito disputadas. Em 2014, foram sete candidatos. Da esquerda para a direita: Levy Fidelix, Dilma Rousseff, Marina Silva, Eduardo Jorge, Luciana Genro, Aécio Neves e pastor Everaldo posam para foto antes do debate presidencial de 2 de outubro de 2014.



OBJETIVOS DO CAPÍTULO

- Conhecer as transformações da sociedade brasileira nos primeiros anos do século XX.
- Compreender o surgimento de organizações políticas e sindicais do operariado brasileiro.
- Entender o processo de origem e recrudescimento do preconceito contra a população negra e conhecer algumas de suas formas de luta.
- Reconhecer a importância dos movimentos messiânicos e de contestação nos primeiros tempos do regime republicano.
- Explorar o processo de desgaste político das oligarquias cafeicultoras durante o período da Primeira República.
- Perceber a importância do movimento tenentista e da participação feminina nos movimentos que levaram às mudanças socioculturais ocorridas em 1930.
- Identificar as causas e o significado da Revolução de 1930.

1 Economia brasileira no início do século XX

Na passagem do século XIX para o século XX, a economia brasileira se apoiava principalmente na exportação do café. Aproximadamente 75% de toda a produção mundial tinha origem nos cafezais brasileiros. Apenas no curto período compreendido entre 1895 e 1915 a borracha fez concorrência ao café em relação à produção de riquezas no Brasil.

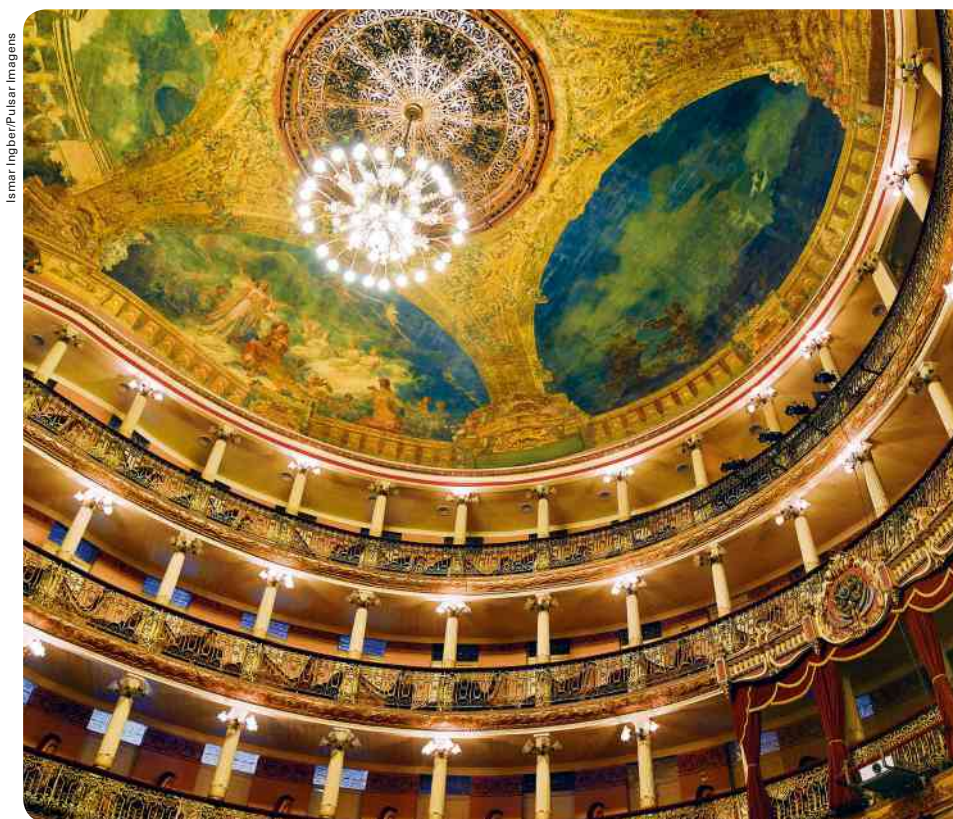
A extração do látex – destinado à produção de borracha – era realizada nos seringais da região amazônica, nas terras que atualmente pertencem aos estados do Amazonas, Pará, Acre e Rondônia. Com a invenção do automóvel e a necessidade de fabricação de pneus, essa atividade teve um aumento significativo a partir de 1886. O Brasil, nesse período, respondia por 90% de toda a produção mundial do látex, e o produto chegou a representar 40% das exportações brasileiras.

Ascensão e queda da borracha

Segundo a historiadora estadunidense especializada em história da América Latina e do Caribe, Barbara Weinstein, durante o auge da extração da borracha na Amazônia, entre 1895 e 1915, o faturamento com as exportações do produto gerou um enriquecimento rápido da região, o que possibilitou o surgimento de uma elite formada, sobretudo, por seringalistas, grandes comerciantes e banqueiros. Manaus e Belém se tornaram cidades modernas, com a construção de largas avenidas, praças, mercados e edifícios imponentes, como o Palácio do Governo e o Teatro Amazonas, ambos localizados em Manaus.

A euforia com as possibilidades de geração de riquezas por meio da produção de borracha, entretanto, não durou muito. Atraídos pela perspectiva de lucros ainda maiores, os ingleses transplantaram mudas de seringueiras para o Ceilão (atual Sri Lanka) e Cingapura, onde a planta passou a ser cultivada em grandes propriedades que faziam uso de técnicas para o aumento da produção, enquanto no Brasil ela permanecia crescendo espontaneamente na floresta. Com esse processo, em pouco tempo os asiáticos passaram a liderar a produção mundial do látex, desbancando os produtores brasileiros. Em 1919, as vendas brasileiras no mercado externo não chegavam a 10% das exportações mundiais do produto.

O Teatro Amazonas, construído em 1896, é hoje um símbolo do período de riqueza e esplendor observado na região amazônica, durante o ciclo da borracha. Foto de 2015.



A questão do Acre

No final do século XIX, quando a produção da borracha estava no auge, o governo brasileiro buscou uma solução para as disputas de terras fronteiriças à Bolívia, inclusive o território do Acre. A questão territorial existia desde os tempos do Império, graças a um acordo realizado durante a Guerra do Paraguai.

A região pertencia à Bolívia, que a arrendou, em 1901, a uma empresa estadunidense de produção de borracha, a Bolivian Syndicate. Em 1903, tropas bolivianas tentaram expulsar grupos de brasileiros que ocupavam boa parte da região. Liderados pelo militar gaúcho Plácido de Castro, os brasileiros derrotaram as tropas bolivianas e proclamaram a independência do Acre.

A disputa pelo controle da região terminou após a assinatura do **Tratado de Petrópolis**, em 1903. Para ficar com o Acre, o governo brasileiro se comprometeu a pagar 110 mil libras de indenização à Bolivian Syndicate e 2 milhões de libras ao governo boliviano. Também concordou em construir a **Estrada de Ferro Madeira-Mamoré**, que ligaria a Bolívia ao oceano Atlântico, facilitando o transporte da borracha a ser exportada.

Início da expansão industrial

No início do século XX, alguns fazendeiros do oeste paulista, enriquecidos pela produção e exportação de café, começaram a investir parte de seus lucros no comércio e na indústria. A atividade industrial também recebeu investimentos de grandes comerciantes e de imigrantes, que vinham para o Brasil em busca de oportunidades.

Em 1907, o Brasil contava apenas com 3 120 estabelecimentos industriais. A maioria das fábricas era de pequeno e médio portes e produzia, principalmente, bens de consumo não duráveis, como tecidos, roupas, calçados, chapéus, massas alimentícias, sabão, bebidas, etc. O setor têxtil, então o mais dinâmico, tinha as maiores unidades fabris.

Entre todas as cidades brasileiras, o Rio de Janeiro concentrava o maior número de fábricas. São Paulo começava a despontar como um polo industrial e logo viria a consolidar-se como o principal centro de circulação de

produtos de exportação e importação e como um ponto de distribuição de bens de consumo. Em 1920, quando já havia mais de 13 mil indústrias no Brasil, sua importância já estava solidificada.



As transações portuárias ganharam fôlego com o incremento da indústria no país. Carregamento de sacas de café no porto de Santos, São Paulo. Foto de 1922.

A vida dos trabalhadores urbanos

A maioria dos trabalhadores urbanos – balconistas, empregados domésticos, motoristas de bondes, mascates e ambulantes – encontrava-se empregada no setor de serviços, mas o número de operários fabris crescia no mesmo ritmo da produção industrial.

Não havia, em nenhuma fábrica, proteção legal para amparar os trabalhadores. Os donos de fábrica estabeleciam as próprias regras, que serviam apenas para impor deveres e obrigações aos funcionários.

DIALOGANDO
COM... SOCIOLOGIA



A nascente indústria brasileira reproduzia os métodos do início da Revolução Industrial: contratava operários com baixos salários e extensas jornadas diárias de trabalho. A foto, de 1925, retrata interior de uma empresa de caixas de joias em Juiz de Fora, Minas Gerais.

Não existia **legislação trabalhista** como hoje. As jornadas de trabalho duravam, em média, de 10 a 14 horas por dia. Não havia descanso semanal remunerado nem férias ou aposentadoria. Tampouco havia indenização para os casos de acidentes de trabalho, muito frequentes em virtude da frágil condição física dos trabalhadores – debilitados pela má alimentação e pelas escassas horas de repouso – e da falta de equipamentos de proteção. O ambiente de trabalho era quase sempre insalubre, mal ventilado e precariamente iluminado, o que facilitava a propagação de doenças.

Muitas fábricas contratavam **mulheres e crianças, com salários inferiores aos dos homens**. Era possível encontrar crianças de até 5 anos nas linhas de produção, muitas recrutadas em asilos de órfãos e instituições de caridade. Pequenas faltas cometidas por meninos e meninas eram punidas com castigos físicos. As mulheres eram vítimas constantes do assédio sexual de patrões e capatazes.

Com os baixos salários, muitos trabalhadores residiam em cortiços, porões e pensões, em condições tão precárias quanto às das fábricas. Atividades de lazer eram limitadas pelo pouco tempo de descanso e pela falta de dinheiro de que dispunham.

Os operários que moravam em bairros pobres, localizados na periferia das cidades, tinham como principais diversões atividades gratuitas, geralmente promovidas pela igreja do bairro, como quermesses, bailes, procissões e romarias.



Nesta foto, do início do século XX, veem-se alguns homens ao lado de várias crianças e, ao fundo, um grupo de mulheres, todos operários de uma fábrica de tecidos alagoana.

O operariado brasileiro se organiza

Nas últimas décadas do século XIX, surgiram as primeiras **associações de ajuda mútua**, que reuniam trabalhadores do mesmo ofício e tinham por objetivo angariar recursos para amparar os associados e suas famílias em casos de doença, desemprego ou morte. Elas foram o germe das ligas operárias e, mais tarde, dos sindicatos, influenciados por ideias trazidas por imigrantes europeus, como o socialismo, o anarquismo e o anarcossindicalismo.



Vagão com destino ao bairro da Penha, Zona Leste da capital de São Paulo, transporta operários grevistas no início do século XX.

Arquivo/Agência Estado



Reminiscências/Aervo Iconographia

Sob a influência das novas ideias, diversas greves irromperam nos primeiros anos da República. Em 1906, por exemplo, uma **greve geral em Porto Alegre**, no Rio Grande do Sul, mobilizou aproximadamente 5 mil trabalhadores que reivindicavam jornada de oito horas diárias por 21 dias. Outra paralisação bastante significativa ocorreu em 1907, quando trabalhadores de várias categorias suspenderam o trabalho por alguns dias e praticamente pararam a cidade de São Paulo, reivindicando direitos como férias, aposentadoria e assistência médica, hoje considerados básicos e garantidos por lei.

Um dos períodos de maior concentração de movimentos grevistas ocorreu entre 1917 e 1920. Esses quatro anos foram marcados por intensa agitação nos meios operários e por greves generalizadas em São Paulo, Rio de Janeiro, Curitiba, Porto Alegre, Recife e Salvador.

O governo respondia com a repressão, de diversas maneiras. Como muitas lideranças operárias eram de origem europeia, em 1907 foi aprovada a **Lei Adolpho Gordo**, que autorizava a expulsão de estrangeiros sob o pretexto de serem “perigosos para a ordem social”. Com base nessa lei, diversos líderes anarquistas e socialistas foram obrigados a sair do país.

Primeira página do número 48 do jornal anarquista *Guerra Sociale*, publicado em São Paulo, em maio de 1917. Jornais operários divulgavam os princípios de anarquistas, socialistas e anarcossindicalistas e estimulavam os trabalhadores a lutar por melhores condições de trabalho e de vida.

Em 1922, sob a influência dos acontecimentos da Revolução Russa de 1917, militantes anarquistas dissidentes fundaram o Partido Comunista do Brasil (PCB). A partir desse momento, os comunistas entraram na disputa pela liderança do movimento operário nos principais estados brasileiros. Assim como os anarquistas, eles defendiam o fim da sociedade burguesa, mas acreditavam que isso não poderia ser feito de uma hora para outra. Para eles, era preciso que o proletariado tomasse o poder por meio de uma revolução e substituísse o governo capitalista por um governo operário, dirigido pelo Partido Comunista.

2 Imigração: encontro de culturas

Ao lado dos Estados Unidos, Canadá e Argentina, o Brasil foi, na virada do século XIX para o século XX, um dos principais destinos dos imigrantes europeus que se mudavam para o continente americano em busca de trabalho e ascensão social.

Entre 1887 e 1930 chegaram ao Brasil 3,8 milhões de estrangeiros. Os imigrantes italianos representavam 35,5% desse contingente; os portugueses, 29%; espanhóis, 14,6%; alemães, 3,7%. A partir de 1908, os japoneses começaram a chegar. Estes – com o apoio do governo japonês, que provia agrônomos e maquinário – introduziram novas técnicas e melhoramentos genéticos, assim como novas espécies de frutas e vegetais, na produção agrícola brasileira.

No começo, os imigrantes vieram ao Brasil principalmente para trabalhar nas lavouras de café do Sudeste. Com o tempo, diante das dificuldades encontradas – salários baixos, falta de infraestrutura, violência dos fazendeiros –, muitos deles se mudaram para as cidades, sobretudo para São Paulo, onde passaram a trabalhar em fábricas ou executar serviços diversos, tornando-se alfaiates, barbeiros, sapateiros, padeiros, etc. Outros voltaram para suas terras ou decidiram tentar a sorte em outros lugares. No início do século XX, cerca de 90% dos operários de São Paulo eram estrangeiros.

A chegada dos imigrantes transformou o perfil da sociedade brasileira. Por um lado, os estrangeiros assimilaram hábitos e costumes vigentes no Brasil; por outro, contribuíram para modificar os modos de pensar, de se alimentar e de se divertir da população local, transformando-se em um dos componentes da formação do povo brasileiro.

A discriminação étnica contra a população negra e afrodescendente

De acordo com doutrinas racistas estadunidenses e europeias, parte da elite brasileira acreditava que a composição étnica da população brasileira seria alterada, “embranquecida”, por meio da troca de nacionalidade dos imigrantes. Entendiam que, com o fim da escravização dos africanos e a nova onda imigratória europeia, que trazia um grande contingente de brancos, a população brasileira se tornaria predominantemente mais clara.

Essas ideias eram, de fato, uma expressão de **discriminação** contra a população negra e uma tentativa de “reenquadrar os segmentos da população não identificados à tradição europeia”, como afirmam os historiadores Mary del Priore e Renato Pinto Venâncio.



Museu Histórico da Imigração Japonesa/Arquivo da editora

Imigrantes japoneses interrompem o trabalho e posam para fotógrafo no início do século XX.

P Professor(a), veja no Procedimento Pedagógico deste capítulo, na **Atividade Alternativa**, uma sugestão de abordagem da questão da discriminação racial.



Os jornais criados pela comunidade negra traziam à baila questões de interesse dos afrodescendentes, como aspectos da vida cultural, associativa e social, bem como denúncias de violência e de racismo. Em suas páginas, havia espaço para escritores e poetas negros publicarem seus textos e eram reproduzidas notícias sobre a comunidade negra internacional. Também era um espaço de defesa da integração social, da igualdade étnica e do direito do negro de ter acesso à educação e a outros instrumentos que lhe possibilitassem ascensão social. Fac-símile de uma página de *O Baluarte*, órgão do Centro Literário dos Homens de Cor, publicado em Campina, São Paulo, em 1903.

No começo do século XX, depois da abolição, a elite e os poderes públicos passaram a combater hábitos e costumes da população afrodescendente brasileira. O Código Penal de 1890, por exemplo, transformou a capoeira e as práticas religiosas africanas em ações criminosas, e a culinária de origem africana passou a sofrer reprovação médica. Além disso, alguns jornais de grande circulação costumavam representar a população negra brasileira negativamente, repleta de estereótipos, o que dificultava ainda mais a construção de uma imagem positiva do negro na sociedade brasileira.

Os negros e os afrodescendentes reagiram a mais essa forma de discriminação étnica fundando jornais que, entre outras atividades, procuravam valorizar o negro, reforçar os laços de identidade étnica, contribuir para a autovalorização das características físicas e culturais dos afrodescendentes, de maneira que eles se sentissem seguros para reivindicar seus direitos de cidadãos.

3 A urbanização excludente das cidades

DIALOGANDO COM... **BIOLOGIA**

No início do século XX, as cidades brasileiras – incluindo as capitais de estado e, até, a capital federal, o Rio de Janeiro –, de modo geral, eram pequenas e acanhadas. Não contavam com sistemas de esgoto nem de abastecimento de água; as ruas eram malcheirosas, não tinham calçamento nem iluminação elétrica; os transportes coletivos públicos eram quase inexistentes. A população, principalmente a que vivia nos cortiços do centro, era frequentemente atingida por doenças como febre amarela, varíola, cólera e peste bubônica.

Em 1902, Rodrigues Alves assumiu a Presidência da República e iniciou uma remodelação urbana da capital da República. As ruas centrais foram alargadas e passaram a circular alguns bondes elétricos por elas. Lâmpioes a gás foram substituídos por postes de iluminação elétrica. Foram construídos alguns edifícios públicos, como a Biblioteca Nacional e o Teatro Municipal.

Em uma ação que ficou conhecida como **Bota-Abaixo**, promovida pelo então prefeito do Rio de Janeiro, Francisco Pereira Passos, centenas de pequenas casas e cortiços da região central foram derrubados. Os moradores que residiam nesses imóveis se mudaram para os morros ou para bairros periféricos, aonde a reforma urbanística não chegava.

Além do Rio de Janeiro, outras cidades, entre as quais Salvador, Recife e Belo Horizonte, passaram também por remodelações urbanísticas que, da mesma maneira, provocaram a expulsão dos pobres da região central, obrigando-os a se instalarem em moradias precárias na periferia.

As elites brasileiras combinavam o ideal modernizador dos novos tempos sem alterar as antigas desigualdades sociais.



Típico cortiço da capital do Rio de Janeiro, em foto de 1904. As construções, subdivididas internamente, eram alugadas como moradia de trabalhadores urbanos. Em destaque, aspecto da construção com varandas de acesso a cada unidade domiciliar e a presença de muitos moradores, predominantemente crianças.

A Revolta da Vacina

A reurbanização da região central da cidade do Rio de Janeiro foi acompanhada de uma campanha de saúde pública liderada pelo médico sanitarista Oswaldo Cruz, que pretendia erradicar os focos transmissores de doenças.

Como parte dessa campanha, em 1904, o governo aprovou lei que tornava a vacinação contra a varíola obrigatória. Segundo essa lei, a vacina poderia ser aplicada à força em quem se recusasse a recebê-la. Além disso, o comprovante da vacinação poderia ser exigido em vários momentos, por exemplo, ao matricular filhos nas escolas, candidatar-se a empregos, registrar-se em hotéis e realizar casamentos.

No dia 10 de novembro de 1904, a população da cidade do Rio de Janeiro revoltou-se e saiu às ruas para protestar. Barricadas foram erguidas e houve confrontos sangrentos com a polícia. As manifestações continuaram nos dias seguintes, com depredações, saques, tiroteios, invasões de repartições públicas, etc. Em resposta, o governo decretou o **estado de sítio**. Para acalmar os ânimos dos revoltosos, no dia 16 de novembro a obrigatoriedade da vacinação foi revogada. A **Revolta da Vacina**, como ficou conhecida, deixou um saldo de 23 mortos e cerca de 900 pessoas detidas; metade delas acabou deportada para o Acre.

Estado de sítio:

instrumento legal de emergência que pode ser aplicado pelo presidente da República em caso de uma agressão armada estrangeira, ou de grave comoção interna que coloque em risco a ordem social. No estado de sítio, o governo assume poderes que são normalmente atribuição do Legislativo e do Judiciário e suspende ou restringe os direitos dos cidadãos, ou seja, o governo pode determinar a busca e apreensão em domicílio, a suspensão de liberdade de reunião, a censura aos meios de comunicação, a obrigação de residência em determinada região.

Cena comum durante a Revolta da Vacina (1904) no Rio de Janeiro. Em desafio à polícia, manifestantes viram bonde na praça da República.





- 1 No final do século XIX, a extração de látex e a produção de borracha geraram um surto de riqueza na Amazônia. Aponte as causas e as consequências dessas atividades.
- 2 A indústria brasileira começou a se desenvolver entre o final do século XIX e o início do século XX. Explique como ocorreu esse impulso e aponte as principais características da indústria brasileira nos primeiros anos da República.
- 3 Nas primeiras décadas da República brasileira, teve início a organização do movimento operário brasileiro. Explique como eram as condições de trabalho dos operários e como se deu a organização do movimento operário no período.
- 4 Com a abolição da escravatura e a proclamação da República, havia esperanças de que ocorreriam muitas melhorias na situação de vida de boa parte da população negra no Brasil. Porém, revelou-se grande o preconceito contra o negro na sociedade brasileira. Nesse contexto, explique a importância dos jornais criados e mantidos por negros nas primeiras décadas do século XX.

P Professor(a), veja no Procedimento Pedagógico deste capítulo uma sugestão de abordagem da proclamação do novo regime, relacionando o momento histórico a questões do eixo conceitual "Ciência e Tecnologia".

4 Política: nas mãos da elite

Em termos sociais, durante o período conhecido como **República Oligárquica**, **República Velha** ou **Primeira República**, nada foi feito para atender às necessidades da população mais pobre. Do ponto de vista econômico, embora a indústria estivesse crescendo, a base ainda era a grande propriedade rural, produtora de culturas destinadas à exportação.

Politicamente, esse período foi caracterizado pelo controle do país exercido por forças econômicas e políticas, sobretudo nos estados de São Paulo, Minas Gerais, Rio Grande do Sul, Rio de Janeiro, Bahia e Pernambuco. Suas lideranças influenciaram significativamente todas as escolhas presidenciais desse período, marcadas por fraudes eleitorais e por uma forte repressão aos movimentos populares. Durante a República Oligárquica, segmentos do Exército, responsáveis pela liderança em uma série de movimentos que exigiam mudanças políticas no país, também foram influentes.

Governo Provisório

Proclamada a República em 1889, o marechal Deodoro da Fonseca anunciou a criação de um **Governo Provisório** que comandaria o Brasil até a aprovação de uma nova Constituição, que só ocorreria em 1891.

Logo nos primeiros dias de governo, Deodoro dissolveu o Senado e a Câmara dos Deputados, enquanto muitos suspeitos de defender a monarquia foram presos. As antigas províncias foram transformadas em estados. Os presidentes de estado (como eram chamados os atuais governadores) seriam indicados pelo presidente até que a Constituição fosse elaborada.

Em setembro de 1890, eleições foram realizadas para escolher os representantes que fariam parte de uma **Assembleia Constituinte**, responsável por elaborar a primeira Constituição da República, promulgada apenas em fevereiro do ano seguinte.

Constituição de 1891

A primeira Constituição republicana traduzia boa parte dos anseios dos cafeicultores paulistas, o grupo socioeconômico de maior expressão daquele momento. No texto foi assegurado o **sistema federativo**, o **presidencialismo** foi definido como forma de governo e se estabeleceu a divisão do Estado em três poderes – Legislativo, Executivo e Judiciário –, “harmônicos e independentes entre si”. O cargo de senador deixou de ser vitalício e foi definida a separação entre o Estado e a Igreja.

A nova Carta estabeleceu também o voto (não mais censitário) masculino, para maiores de 21 anos e alfabetizados. Não teriam direito ao voto analfabetos (80% da população), mendigos, soldados, membros de ordens religiosas e mulheres.

A duração do mandato presidencial foi fixada em quatro anos. A escolha do presidente da República, dos presidentes de estados e prefeitos deveria ser feita por meio de eleições diretas. A exceção seria o primeiro presidente, cuja eleição coube à própria Assembleia Constituinte. Promulgada a nova Carta, os constituintes escolheram para presidente e vice-presidente da República, respectivamente, os marechais Deodoro da Fonseca e Floriano Peixoto, que tomaram posse em fevereiro de 1891, pondo fim ao Governo Provisório.



Gravura de Dionísia Gonçalves Pinto (1810-1885), de cerca de 1885. Nascida no Rio Grande do Norte, foi escritora, poetisa e educadora. Em uma sociedade e em uma época que excluíam a mulher de várias esferas da vida, como a da política, foi uma ardente defensora dos direitos femininos. Adotou o pseudônimo de Nísia Floresta Brasileira Augusta.

Sistema federativo: segundo a definição do jurista José Afonso da Silva, é aquele formado sob a base de uma repartição de competências entre o governo federal e os governos estaduais, de sorte que a União tenha a supremacia sobre os estados-membros, e estes sejam entidades dotadas de autonomia constitucional.

Encilhamento: nome dado à política monetária instituída no Brasil, no Governo Provisório de Deodoro da Fonseca, pelo ministro da Fazenda Rui Barbosa. O termo é uma referência ao lugar do hipódromo onde são feitas as apostas nos cavalos.

Encilhamento e a renúncia

Para incentivar o desenvolvimento industrial do país, o ministro da Fazenda nomeado por Deodoro da Fonseca, o jurista Rui Barbosa, permitiu que bancos privados emitissem moeda. A medida contribuiu, de fato, para a expansão do crédito, mas a especulação cresceu significativamente e, em 1891, muitos bancos – que não receberam o pagamento dos empréstimos concedidos – e estabelecimentos empresariais faliram. Tal política, conhecida como **encilhamento**, lançou o Brasil em uma profunda crise econômica e financeira.

Em meados de 1891, deputados e senadores aprovaram medidas que restringiam o poder do presidente. Inconformado, Deodoro da Fonseca fechou o Congresso em novembro de 1891 e decretou estado de sítio. As reações contra essas medidas foram tão generalizadas que, poucas semanas depois, o presidente renunciou ao cargo e o vice-presidente Floriano Peixoto assumiu a chefia do governo.

FILME

Veja o filme **O preço da paz**, de Paulo Morelli, 2003. Um golpe de Floriano fecha e reabre o Congresso Nacional, com o objetivo de colocar à mesa de decisões um grupo de correligionários. No sul do país, inconformados, os maragatos se insurgem e avançam para o Rio de Janeiro, com o intuito de se juntarem às tropas do almirante Saldanha para depor o presidente.

Revolução Federalista e a Revolta da Armada

Em 1893, irrompeu no Rio Grande do Sul uma rebelião armada: a **Revolução Federalista**. O objetivo dos **rebeldes** era derrubar o presidente do estado Júlio de Castilhos, um aliado de Floriano Peixoto. Conhecidos como **federalistas** ou **maragatos**, eles lutavam também pela instauração do parlamentarismo no Brasil. Seu principal líder era Gaspar Silveira Martins.

Júlio de Castilhos e seus seguidores, os chamados **pica-paus**, reagiram e teve início uma sangrenta guerra civil que levou o presidente Floriano Peixoto a deslocar tropas do Exército para o Rio Grande do Sul, em apoio ao presidente do estado.

A guerra civil gaúcha se estendeu para Santa Catarina e Paraná e teve reflexos na capital federal (Rio de Janeiro) ainda em 1893, quando uma rebelião da Marinha brasileira se uniu à causa.

Oficiais da Marinha liderados pelo almirante Custódio de Melo, que pretendia assumir a Presidência da República, exigiram o afastamento do presidente Floriano Peixoto alegando que, pela Constituição, ele não poderia exercer o cargo: como Deodoro da Fonseca renunciara antes de completar dois anos de mandato, novas eleições deveriam ser convocadas para a escolha do novo presidente. Amotinados, os oficiais rebeldes e alguns marinheiros se apossaram de barcos fundeados na baía de Guanabara e bombardearam a cidade do Rio de Janeiro entre setembro de 1893 e março de 1894.

Tanto a **Revolta da Armada**, como ficou conhecido esse movimento, quanto a Revolução Federalista foram duramente reprimidas pelo governo federal. A primeira terminou em abril de 1894. Já a guerra civil gaúcha estendeu-se até meados de 1895, quando um acordo pôs fim aos combates e Júlio de Castilhos voltou ao governo do estado.

Essa guerra civil deixou um saldo de aproximadamente 12 mil mortos. Muitos dos combatentes morreram degolados, quando capturados pelos inimigos.

Política dos Governadores

Depois de Floriano Peixoto, a Presidência da República foi ocupada pelo fazendeiro paulista Prudente de Moraes (1894-1898). Com a saída de um militar e a entrada de um cafeicultor na Presidência, o poder retornou às oligarquias do sudeste, que haviam exercido enorme influência no governo durante boa parte do Império.

Agora, os oligarcas já não precisavam se submeter às imposições do imperador, e seu poder político consolidou-se no mandato do presidente Campos Sales (1898-1902), quando foi estabelecida a chamada **Política dos Governadores**, criada com o objetivo de administrar os conflitos no interior das elites pelo controle do poder.

Essa política tinha por base um **pacto de reciprocidade** entre os governadores e o presidente da República. Pelo acordo, seriam feitos esforços para que fossem eleitos apenas deputados federais que apoiassem o presidente da República no Congresso. Em troca, ele concederia verbas para a realização de obras nos estados, usaria sua influência para impedir o avanço de grupos de oposição nessas regiões e garantiria aos governadores **ampla autonomia política**.

Coronelismo

No âmbito estadual, a base de apoio dessa política era a **aliança entre os governadores e os coronéis** do interior. Os coronéis eram, geralmente, grandes proprietários de terra, mas havia também entre eles comerciantes e até padres. Eram chefes políticos locais que, por meio do **clientelismo**, exerciam sua influência não apenas sobre as camadas mais baixas da população, mas também entre os representantes do Poder Judiciário e as forças policiais de sua região. De modo geral, eles controlavam os resultados nas eleições, dando sustentação para a Política dos Governadores.

O **coronelismo** foi uma das características mais marcantes da República Oligárquica. Embora existisse em todo o país, foi mais forte no nordeste, no norte e no centro-oeste, onde as oligarquias eram comandadas por pequenos grupos familiares. Ele se apoiava nas condições de vida das populações do interior, geralmente de extrema pobreza, que as faziam dependentes dos grandes proprietários de terra locais.

Para manter as pessoas sob seu controle, os coronéis não admitiam contestações à sua autoridade e era comum o uso da força física, com ameaças e ações violentas contra indivíduos que não se subjugavam, ou contra outros grupos oligárquicos, devido a disputas de poder. Os conflitos armados envolviam os **jagunços**, como eram chamados os integrantes dos exércitos particulares de coronéis e oligarcas (o texto da página 58 estabelece uma relação entre jagunços e cangaceiros no nordeste).



Ludgero Jardim/Fundação Joaquim Nabuco

Paulino Veloso Freire, senhor dos engenhos Pará, Salgado, Araçá e Laranjeiras, em Pernambuco, típico coronel do interior, em foto do início do século XX.

Clientelismo: política de troca de favores, que envolve comprometimento do voto do eleitor em troca de benefícios (empregos, acesso a escolas públicas, atendimento hospitalar ou remédios) a serem concedidos pelo político eleito ou por seu mandatário local.

VOCÊ SABIA?

A batina e o poder

Uma das figuras mais emblemáticas do coronelismo brasileiro foi o padre Cícero Romão Batista (1844-1934) — o “padim Ciço” —, que atuou na região do Cariri, no estado do Ceará. Além de vigário da paróquia de Juazeiro, padre Cícero era dono de terras e, em 1911, com a elevação de Juazeiro a município, tornou-se o primeiro prefeito da cidade. Durante seu tempo como prefeito assumiu, com outros líderes políticos cearenses, o compromisso de apoiar o presidente do Ceará, o oligarca Antônio Pinto Nogueira

Accioly, na disputa contra o então presidente da República Marechal Hermes da Fonseca.

Desde 1889, os seguidores do padre Cícero o consideravam um santo milagreiro, pois, durante uma missa, uma hóstia branca teria ficado vermelha em suas mãos. Para os fiéis, a hóstia havia sido tingida pelo sangue de Cristo. Em pouco tempo, as pessoas passaram a se dirigir a Juazeiro em busca de milagres. A fé de seus seguidores era alimentada também pelos sermões do religioso, que prometia paz, justiça e prosperidade à população.

O cangaço

O cangaço tem suas origens históricas por volta do século XVIII, época em que os grandes proprietários de terra do nordeste recrutavam jagunços para expulsar os indígenas do sertão. A partir de um período longo de seca que assolou a região em 1877, os fazendeiros passaram a contratar jagunços para proteger suas propriedades das invasões de retirantes famintos em busca de comida.

Com o tempo, muitos jagunços tornaram-se independentes dos fazendeiros e passaram a andar em grupos ou isolados: assaltavam fazendas, sequestravam coronéis e saqueavam comboios e armazéns. Ficaram conhecidos como **cangaceiros**. Embora temidos, alguns eram estimados pelos sertanejos, que os viam

como justiceiros capazes de enfrentar a polícia, roubar das pessoas ricas e poderosas e desafiar as autoridades.

O auge do cangaço ocorreu entre 1919 e 1927, quando aproximadamente 25 grupos atuavam no Sertão nordestino. Um dos primeiros chefes do cangaço a ficar famoso em todo o país foi **Antônio Silvino**, pseudônimo de Manuel Batista de Morais (1875-1944). O mais célebre de todos os cangaceiros, porém, foi Virgulino Ferreira da Silva (1900?-1938), conhecido como **Lampião**. Em 1938, Lampião e seu bando sofreram uma emboscada e foram mortos pela polícia no sertão de Sergipe. O último líder do cangaço foi Cristiano Gomes da Silva Cleto, mais conhecido como Corisco, morto pela polícia em 1940.

O Convênio de Taubaté

Desde o final do século XIX, a produção cafeeira de São Paulo crescia sem parar, aumentando a oferta de café no mercado internacional. A consequência imediata disso foi a queda no preço do produto para exportação. Em 1906, durante o mandato do presidente Rodrigues Alves (1902-1906), representantes dos estados de São Paulo, Minas Gerais e Rio de Janeiro – os três maiores produtores de café do país na época – firmaram em Taubaté, cidade do interior paulista, um acordo conhecido como **Convênio de Taubaté**, que exigiu do governo federal medidas para valorizar o café, de modo a proteger da crise o principal produto brasileiro de exportação.

Pelo acordo, as sobras de exportação seriam compradas a preço fixo pelos governos estaduais. Isso faria com que a oferta de café no mercado internacional parasse de crescer, permitindo a estabilização dos preços. Caberia à União criar mecanismos para que os estados obtivessem empréstimos no exterior para financiar essa política de valorização do café, que seria mantida até 1924.



Reprodução/Fundação Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro

Camponeses do interior do Brasil viviam sob extrema pobreza no início da República. Flagelados da seca em foto no Ceará entre 1877 e 1879.

5 Movimentos messiânicos

A situação de pobreza e abandono em que vivia a população do campo sob a República Oligárquica fez com que milhares de pessoas buscassem nas cidades, principalmente nas capitais, melhores condições de vida. Porém, essas pessoas encontraram ainda mais dificuldades nos centros urbanos e acabaram numa situação de miséria extrema.

Em outras ocasiões, a situação de miséria enfrentada pela população rural levou muitas dessas pessoas a buscar amparo de líderes místicos que se diziam porta-vozes de Deus. Surgiram, assim, os **movimentos messiânicos** em estados como Bahia, Paraná e Santa Catarina, assunto que abordaremos a seguir. **P** Professor(a), veja no Procedimento Pedagógico deste capítulo uma sugestão de **Atividade Alternativa** que não apenas esses movimentos sociais, mas todos os assuntos tratados neste capítulo, à prática da cidadania.

Canudos, na Bahia

Nascido no Ceará, Antônio Vicente Maciel (1828-1897) começou a perambular pelo sertão da Bahia por volta de 1870, pregando o amor a Deus e dando conselhos às pessoas, que começaram a acompanhá-lo em suas peregrinações, chamando-o de **Antônio Conselheiro**. Em 1893, fundou um povoado conhecido como **Arraial de Belo Monte** em uma fazenda abandonada da região de **Canudos**, no interior da Bahia, às margens do rio Vaza-Barris.

A seus seguidores, Antônio Conselheiro criticava a república e elogiava a monarquia, prometendo o retorno do rei de Portugal, dom Sebastião (morto no norte da África em 1578), que iria restaurar a ordem pública. Atraídas por sua pregação, dezenas de milhares de sertanejos fixaram-se na região, onde passaram a viver da agricultura de subsistência.

Acusada de monarquista, a comunidade começou logo a inquietar a oligarquia estadual, o governo federal e a Igreja – apesar de suas crenças, Antônio Conselheiro não era um religioso, o que ameaçava as hierarquias católicas. Para reprimi-la, em 1896 o governo enviou a Canudos uma expedição militar com pouco mais de cem homens. Fustigada pelos seguidores de Antônio Conselheiro, a improvisada tropa foi derrotada. Mais três expedições seriam enviadas até o final de 1897, quando, com mais de 8 mil soldados, o Exército sairia vitorioso.

A **Guerra de Canudos**, como o conflito ficou conhecido, deixou um saldo de aproximadamente 30 mil sertanejos mortos e foi acompanhada de perto pelo jornalista Euclides da Cunha, que posteriormente a descreveu no livro *Os sertões*.

FILME

Veja o filme **Guerra de Canudos**, de Sérgio Rezende, 1997. Antônio Conselheiro e seus seguidores se tornam uma preocupação para a recém-proclamada República. O governo decide enviar vários destacamentos militares para destruí-los. Os fatos históricos são narrados sob o ponto de vista de uma família com opiniões conflitantes sobre Conselheiro.

Flávio de Barros/Museu da República, Rio de Janeiro, RJ.



Mulheres, homens feridos, idosos e crianças se rendem ao Exército em Canudos. Foto de 1897.

Barros, Flávio de/Acervo Instituto Moreira Salles



Soldados da Brigada Policial do Amazonas que combateram na Guerra de Canudos, em foto de 1897.

Canudinho de Lages, em Santa Catarina

Em julho de 1897, um grupo de sertanejos formou um povoado na região de Lages, em Santa Catarina. Eram liderados por um homem conhecido como dom Miguel ou Miguelito, que praticava rezas, receitava remédios e determinava penitências para a população.

Seus seguidores acreditavam que o mundo acabaria na virada do século XIX para o século XX e cultuavam uma rocha que, segundo eles, era uma santa encantada.

Além dos doentes e pobres, diversas pessoas que haviam participado da Revolução Federalista (1893-1895), lutando ao lado dos rebeldes maragatos, estabeleceram-se na comunidade. A população chamava o lugar de **Canudinho de Lages** e dizia que seu líder seria um emissário de Antônio Conselheiro.

Preocupado com o crescimento do povoado, o governador catarinense Hercílio Luz ordenou a destruição da comunidade. No primeiro ataque, em agosto de 1897, os soldados foram rechaçados à bala. Duas semanas depois, contando com o apoio de tropas gaúchas, aconteceu a segunda investida. Canudinho de Lages foi incendiado, e muitos de seus moradores, mortos.

Contestado, entre Paraná e Santa Catarina

Por volta de 1910, um novo movimento messiânico surgiu no estado de Santa Catarina, na divisa com o Paraná. Essa região – onde viviam cerca de 60 mil pessoas em condição de grande miséria – era conhecida como Contestado por ser reivindicada pelos dois estados desde o Império.

Em meio à miséria, a população buscou refúgio nas palavras do “monge” José Maria. Dizendo-se um eleito de Deus e prometendo o advento de um reino de justiça, que muitos identificavam com a monarquia, o beato passou a ser seguido por milhares de fiéis. A reunião de um número tão grande de pessoas em uma mesma região assustava os coronéis locais, temerosos de que essas pessoas fizessem exigências políticas contrárias aos seus interesses. O assassinato de José Maria por forças policiais em 1912 não enfraqueceu o movimento. Seus adeptos passaram a seguir as palavras das moças virgens que diziam ser videntes.

A partir de 1913, por várias vezes tropas dos governos estadual e federal lançaram ataques contra os redutos rebeldes. Em setembro de 1914, uma tropa federal composta de 7 mil soldados ocupou a região. Usando armamentos pesados, os soldados tiveram de enfrentar encarniçada resistência dos rebeldes, munidos de velhas espingardas, foices e facões. Somente em janeiro de 1916 o último líder dos sertanejos foi preso e a **Guerra do Contestado** chegou ao fim. Cerca de 20 mil pessoas morreram no conflito.

Em agosto de 1916, os governos de Santa Catarina e Paraná firmaram um acordo dividindo entre si as terras do Contestado. Boa parte desse território acabou colonizada por imigrantes europeus, principalmente italianos e alemães que viviam no Rio Grande do Sul.



Acervo Orty de Magalhães Machado/Arquivo da editora

Grupo de rebeldes presos por forças policiais e militares no final da Guerra do Contestado, em 1916. Entre eles está Alemãozinho (no centro da foto, mão no bolso do paletó), que se tornou um dos chefes militares dos rebeldes depois de desertar de um navio alemão.

ORGANIZANDO AS IDEIAS



ATIVIDADES

- 1 A primeira Constituição da República brasileira foi aprovada em 1891. Resuma suas principais características, indicando os novos aspectos em relação à Constituição anterior.
- 2 Ao implantar a Política dos Governadores, o governo do presidente Campos Sales consolidou o poder político dos grandes produtores de café. Como funcionava a Política dos Governadores e como ela possibilitou o exercício do clientelismo dos grandes proprietários rurais?
- 3 No início do século XX, em diversas cidades brasileiras, principalmente nas capitais, a população mais pobre viu-se obrigada a sair da região central para morar nas periferias. Explique o que provocou essa situação.
- 4 Que relação pode ser estabelecida entre as guerras de Canudos e do Contestado e as condições de vida da população envolvida nesses conflitos?
- 5 Elabore um texto explicando as relações entre jagunços, cangaço e coronelismo.

INTERPRETANDO DOCUMENTOS: TEXTO

ATIVIDADE

- 1 O texto a seguir é um trecho do Código Penal Brasileiro de 1890. Este foi a primeira compilação de leis penais do Brasil republicano. A **legislação penal** é aquela utilizada para reprimir crimes e delitos, bem como estabelecer as punições e outros meios considerados necessários para a manutenção da ordem do país. O trecho selecionado trata da questão da responsabilidade criminal das crianças e adolescentes. Leia atentamente o documento e, em seguida, responda ao que se pede.

Código Penal Brasileiro de 1890

Art. 27. Não são criminosos:

§ 1º Os menores de 9 anos completos;

§ 2º Os maiores de 9 e menores de 14, que obrarem sem discernimento;

§ 3º Os que por imbecilidade nativa, ou enfraquecimento senil, forem absolutamente incapazes de imputação;

§ 4º Os que se acharem em estado de completa privação de sentidos e de inteligência no ato de cometer o crime;

§ 5º Os que forem impelidos a cometer o crime por violência física irresistível, ou ameaças acompanhadas de perigo atual;

[...]

Art. 29. Os indivíduos isentos de culpabilidade em resultado de afecção mental serão entregues a suas famílias, ou recolhidos a hospitais de alienados, se o seu estado mental assim exigir para segurança do público.

Art. 30. Os maiores de 9 anos e menores de 14, que tiverem obrado com discernimento, serão recolhidos a estabelecimentos disciplinares industriais, pelo tempo que ao juiz parecer, contanto que o recolhimento não exceda a idade de 17 anos.

Disponível em : <www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1824-1899/decreto-847-11-outubro-1890-503086-publicacaooriginal1-pe.html>.

Acesso em: 11 fev. 2016. [Texto atualizado ortograficamente pelos autores]

- a) O Código Penal estabelecia que os indivíduos considerados incapazes de discernir a responsabilidade de suas ações não deveriam receber punições iguais àquelas destinadas a quem fosse considerado capaz de fazê-lo. O que previa o Código no caso desses indivíduos que não poderiam ser responsabilizados pelos seus atos?
- b) A partir de que idade uma criança ou adolescente poderia ser legalmente penalizado? Qual era a medida prevista para a penalização?
- c) A idade para a responsabilização criminal no início da República não era a mesma que a idade necessária para o pleno exercício da cidadania, conquistado apenas a partir de 21 anos de idade. O que essa informação permite dizer sobre a organização social dessa sociedade? **Formule uma hipótese** e justifique sua resposta.
- d) É possível relacionar o Código Penal Brasileiro com o processo de desenvolvimento industrial que ocorria no Brasil no período? De que modo os dois estão relacionados? Justifique sua resposta.

6 A República Oligárquica em crise: insatisfação e revoltas

Em razão dos acordos políticos vigentes, com a Política dos Governadores sustentada pelos coronéis, as primeiras eleições presidenciais ocorridas no Brasil foram pouco disputadas. Em geral, o candidato indicado pelo presidente da República acabava se tornando seu sucessor. A partir do final da década de 1910, no entanto, o pacto entre as elites começou a dar sinais de esgotamento.

Manifestações de insatisfação agitavam vários setores da sociedade, entre os quais a classe trabalhadora, as camadas médias urbanas, alguns representantes das oligarquias e os militares, especialmente os jovens oficiais, genericamente chamados de **tenentes**. O clima de descontentamento também se refletia na esfera cultural, como veremos a seguir.

Devido aos castigos corporais, à má alimentação oferecida e aos baixos salários, marinheiros do Rio de Janeiro se rebelaram sob a liderança de João Cândido Felisberto, o Almirante Negro. O motim ficou conhecido como Revolta da Chibata, em referência às chibatadas utilizadas para castigar os marinheiros. Em foto de 1910, João Cândido aparece ao centro, junto a outros marinheiros.

Revolta na Marinha

No início do século XX, poucos eram os jovens interessados em ingressar na Marinha. As razões desse desinteresse variavam. Os salários eram baixos, a carga de trabalho intensa, a alimentação de péssima qualidade, o tempo de serviço era longo – entre nove e quinze anos – e o sistema disciplinar se baseava em castigos físicos.

Entre esses castigos estava a palmatória, a prisão a ferros, a solitária e o mais temido de todos eles, a chibata. Em protesto contra essa prática, desde 1890 eram frequentes rebeliões de marinheiros. Em 1910, no Rio de Janeiro, ocorreu a mais significativa delas, com a participação de 2 300 marujos, que assumiram o controle de vários navios de guerra e mataram cinco oficiais.

O estopim para a **Revolta da Chibata** – como ficou conhecida a rebelião – foi a pena de 250 chibatadas imposta ao marujo Marcelino Rodrigues Menezes, acusado de introduzir duas garrafas de pinga no encouraçado Minas Gerais, ancorado na baía de Guanabara, no Rio de Janeiro. Sob a liderança do marinheiro João Cândido, a rebelião iniciou-se no dia 22 de novembro de 1910 e imediatamente se estendeu para outras embarcações de guerra. Os amotinados exigiam o fim dos castigos físicos e a melhoria da alimentação e das condições de trabalho na Marinha.

O governo se comprometeu a atender às reivindicações e a conceder anistia aos revoltosos. No entanto, após deporem as armas, João Cândido e outros líderes da revolta foram presos, julgados e condenados. Muitos deles foram enviados para o Acre. João Cândido ficou detido na ilha das Cobras, no Rio de Janeiro, e chegou a ser enviado a um hospício. Foi libertado em 1912.

Como resultado da rebelião, o uso da chibata na Marinha foi extinto.



Photo 2/10/Getty Images

Reação Republicana

Em 1919, o paraibano Epitácio Pessoa foi eleito para Presidência da República e, em 1922, ao aproximar-se o fim de seu mandato, ele lançou à sua sucessão a candidatura de Artur Bernardes, ex-presidente do estado de Minas Gerais.

Em oposição ao candidato apoiado, os líderes dos partidos republicanos do Rio Grande do Sul, Bahia, Pernambuco e Rio de Janeiro uniram-se pela candidatura do fluminense Nilo Peçanha. Apoiado pelos militares, esse movimento de oposição ficou conhecido como **Reação Republicana**. Tensa e tumultuada, a campanha eleitoral levou a crise entre as oligarquias para os quartéis.

Em maio de 1922, eclodiu no Recife uma luta armada entre os seguidores de Artur Bernardes e de Nilo Peçanha. O marechal Hermes da Fonseca, ex-presidente da República, apoiou os partidários de Nilo Peçanha. Em represália, o governo decretou a prisão do marechal.

Cartão-postal de propaganda da candidatura de Nilo Peçanha à Presidência da República, em oposição à de Artur Bernardes, em 1922.



Coletânea Monsenhor Jamil Abib/Arquivo da editora

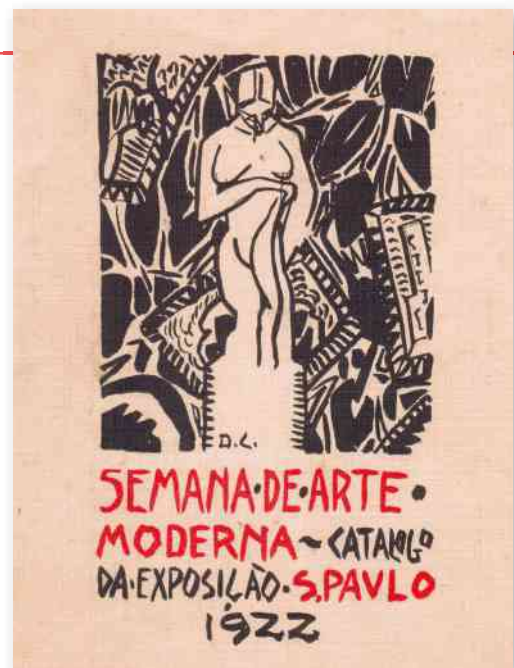
VOCÊ SABIA?

Semana de Arte Moderna

Nos dias 13, 15 e 17 de fevereiro de 1922, um grupo de jovens artistas, patrocinados por membros da elite paulista, promoveu no Teatro Municipal de São Paulo a **Semana de Arte Moderna**. O evento reuniu os escritores Mário de Andrade, Oswald de Andrade, Menotti del Picchia, o músico Heitor Villa-Lobos, os pintores Di Cavalcanti e Anita Malfatti, além de diversos outros artistas.

Influenciados pelo Modernismo europeu, eles apresentaram quadros e esculturas, leram obras poéticas e executaram peças musicais que destoavam por completo daquilo que a plateia e os críticos conservadores entendiam por arte. A reação do público foi violenta, com vaias e objetos sendo arremessados ao palco.

Com toda a sua irreverência, ao investir contra as formas acadêmicas impostas pela arte consagrada, a Semana de 1922, como ficou conhecida, tornou-se um marco na renovação das artes no Brasil, criando novos referenciais para a produção artística posterior.



Acervo Iconographia/Reminiscências

Capa do catálogo da exposição divulgado durante a Semana de Arte Moderna de 1922. O palco do Teatro Municipal de São Paulo foi o primeiro ambiente erudito a receber as obras de Villa-Lobos, que passou a ser reconhecido internacionalmente nos anos seguintes ao evento.

Tenentes se rebelam: Os 18 do Forte

No dia 5 de julho de 1922, logo depois da prisão de Hermes da Fonseca, 302 jovens militares do Forte de Copacabana, no Rio de Janeiro, se sublevaram. Para reprimi-los, o governo enviou aproximadamente 3 mil soldados, que cercaram a fortaleza.

Em desvantagem numérica, a maioria dos amotinados se rendeu, mas 28 deles saíram pelas ruas de armas em punho. No meio do caminho, alguns mais debandaram, sobrando apenas dezoito homens, que ganharam a adesão de um civil. Nos tiroteios que se seguiram, apenas dois rebeldes sobreviveram: os tenentes Siqueira Campos e Eduardo Gomes. O acontecimento ficou conhecido como **Os 18 do Forte** e marcou o início de um movimento conhecido como **tenentismo**, que pregava a moralização dos costumes políticos, o fim das oligarquias, a centralização do poder, a implantação do voto secreto, uma política nacionalista e o fortalecimento da instituição militar.

Em 1924, no mesmo dia 5 de julho, eclodiu uma nova revolta tenentista na cidade de São Paulo. Por três semanas, a capital paulista esteve ocupada pelos revoltosos e viveu um clima de guerra, com tiroteios e bombardeio aéreo praticado pelas forças legalistas. Depois de 23 dias de combates, os tenentes abandonaram a capital e, com a ajuda dos ferroviários, se deslocaram em direção ao rio Paraná, no oeste do estado, seguindo depois para Foz do Iguaçu (veja o mapa na página seguinte).

Esta é a fotografia mais famosa do movimento tenentista: *Os 18 do Forte de Copacabana*, de 1922. Da esquerda para a direita, os tenentes Eduardo Gomes, Siqueira Campos, Milton Prado e o civil Otávio Correia caminham por Copacabana junto aos seus companheiros, momentos antes de entrarem em confronto com as tropas legalistas.

Acervo Iconographia/Reminiscências



Coluna Prestes

Movimentos semelhantes eclodiram em outros estados, como Mato Grosso, Sergipe, Amazonas e Rio Grande do Sul. O governo federal procurou sufocá-los e muitos militares foram presos e condenados a trabalhos forçados.

Em abril de 1925, na região de Foz do Iguaçu, no Paraná, os rebeldes paulistas, liderados pelo major Miguel Costa, uniram-se aos gaúchos, comandados pelo capitão Luís Carlos Prestes. Surgiu assim a **Coluna Prestes-Miguel Costa**, que chegou a reunir cerca de 1.500 pessoas e percorreu, por mais de dois anos, 25 mil quilômetros pelo interior do Brasil, combatendo as forças do governo e defendendo os ideais tenentistas.

Em fevereiro de 1927, a Coluna Prestes estava reduzida a pouco mais de seiscentas pessoas mal armadas e esgotadas pela longa marcha. Além disso, não havia recebido o auxílio de novas rebeliões tenentistas, como esperavam. Seus líderes decidiram então se refugiar na Bolívia. Algum tempo depois, Luís Carlos Prestes entraria em contato com o marxismo, doutrina política à qual passou a se dedicar a partir de 1930. Em 1934, ele se filiaria ao Partido Comunista do Brasil (PCB), sendo seu principal dirigente por muitos anos.



Candido Portinari/Coletânea particular, Rio de Janeiro

Coluna Prestes, óleo sobre tela de Candido Portinari, de 1950.

A grande marcha da Coluna Prestes (1924 a 1927)



Banco de imagens/Arquivo da editora

Adaptado de: ATLAS histórico escolar. Rio de Janeiro: MEC, 1996.

7 Derrocada da República Oligárquica em 1930



Cartaz de propaganda dos candidatos da Aliança Liberal nas eleições de 1930, Getúlio Vargas (para presidente da República) e João Pessoa (para vice-presidente).



Getúlio Vargas é retratado em um cavalo, acompanhado de uma mulher representando a democracia. A charge de Storni, publicada na revista *Careta*, faz referência à participação de Getúlio Vargas no movimento que depôs o presidente Washington Luís, em 1930. Tem como legenda: “Se a carreira for limpa, ganharemos de boqueirão, mas se nos atravessarem cachorro na cancha...”

O governo do presidente Washington Luís (1926-1930) vinha sendo relativamente tranquilo quando ocorreu a queda da Bolsa de Nova York, em outubro de 1929.

Na economia, o Brasil – assim como outros países que mantinham relações comerciais intensas com os Estados Unidos – entrou em uma de suas maiores crises: muitas fábricas faliram, milhares de pessoas foram demitidas. A economia nacional, apoiada na produção e exportação do café, foi abalada: o preço da saca do café despencou de 200 mil réis para 21 mil réis em poucos meses. Os cafeicultores não receberam a concessão de novos financiamentos do governo e ficaram extremamente insatisfeitos.

No plano político, os preparativos para as eleições presidenciais marcadas para março de 1930 tumultuaram-se. De acordo com os pactos acordados pelas oligarquias, o presidente Washington Luís deveria apoiar um mineiro para sucedê-lo; porém, ele rompeu o acordo e indicou o nome do governador de São Paulo, Júlio Prestes.

Inconformados, alguns líderes políticos de Minas Gerais, Rio Grande do Sul, Paraíba e São Paulo se uniram para formar um grupo de oposição, a **Aliança Liberal**, que lançou a candidatura do gaúcho Getúlio Vargas à Presidência

da República e do governador paraibano João Pessoa à Vice-Presidência.

Júlio Prestes saiu vencedor nas eleições realizadas em março de 1930. Os líderes da Aliança Liberal aceitaram o resultado das urnas, mas setores tenentistas que apoiavam Getúlio Vargas passaram a articular um movimento insurrecional.

No dia 26 de julho, um fato inesperado proporcionou o estopim para o início da ação militar: João Pessoa, ex-candidato à Vice-Presidência na chapa da Aliança Liberal, foi assassinado no Recife, Pernambuco. O crime ocorreu por motivos pessoais, mas os integrantes da Aliança Liberal responsabilizaram o presidente Washington Luís. O movimento revolucionário que vinha se articulando ga-

nhou força e a Revolução irrompeu no dia 3 de outubro de 1930.

O movimento iniciado no Rio Grande do Sul e em Minas Gerais alastrou-se para outros estados, como Paraíba, Pernambuco e Paraná. No dia 24 de outubro, os generais Tasso Fragoso, Mena Barreto e Leite de Castro e o almirante Isaías de Noronha depuseram Washington Luís e constituíram uma junta provisória de governo que, no dia 3 de novembro, entregou a Presidência a Getúlio Vargas. A República Oligárquica chegava ao fim.



ESQUEMA-RESUMO

Brasil, do final do século XIX à Revolução de 1930

Brasil: na passagem do século XIX para o XX

Economia

- Economia apoiada na agroexportação do café
- Curto período de expansão da extração da borracha (1895-1915)
- Início da expansão industrial (centros urbanos como RJ e SP)

Sociedade

- Crescimento do número de operários e organização do movimento sindical
- Grande número de imigrantes europeus e asiáticos
- Discriminação étnica contra população negra e afrodescendente
- Urbanização excludente nas cidades

Política

- Constituição de 1891
- Crise econômica (encilhamento) e política (renúncia de Marechal Deodoro e Revolução Federalista) marcam o início da República
- Política dos governadores e práticas coronelísticas: garantia de controle político pelas elites

Movimentos de contestação da ordem

- Revolta da Vacina (1904)
- Cangaço (auge entre 1919 e 1927)
- Movimentos messiânicos: Canudos (1896-1897), Canudinho de Lages (1897) e Contestado (1910-1916)
- Revolta da Chibata (1910)

A partir do final da década de 1910:
crise da República Oligárquica

- Semana de Arte Moderna (1922)
- Reação Republicana (1922)
- 18 do Forte (1922)
- Revolta tenentista em SP (1924)
- Coluna Prestes (1925-1927)

**Crise de 1929:
econômica, política e
social resulta na Revolução
de 1930 e marca o fim da
República Oligárquica**

- O período entre 1889 e 1930 é conhecido como o período da República Oligárquica no Brasil. A partir das informações do esquema-resumo, descreva as principais características sociais, econômicas e políticas desse período e aponte como os diversos movimentos de contestação ocorridos no período abalaram o controle político das elites e resultaram na Revolução de 1930.



ATIVIDADES



ORGANIZANDO AS IDEIAS

- 1 Até a década de 1930, o Brasil foi um dos principais destinos de imigrantes de várias partes do mundo. Explique quais foram as transformações culturais observadas no Brasil em decorrência da imigração.
- 2 A República, fundada em 1889, esteve nas mãos das oligarquias até a Revolução de 1930. Entretanto, diversas manifestações de descontentamento em relação ao poder oligárquico se verificaram durante os anos 1910 e, sobretudo, no decorrer da década de 1920. Contextualize os principais exemplos de descontentamento no período, aponte os grupos sociais que estiveram envolvidos nesses movimentos e destaque as críticas que eles faziam ao governo.
- 3 Dois acontecimentos marcaram decisivamente o movimento tenentista nos anos 1920: Os 18 do Forte e a Coluna Prestes. Explique o que foram esses dois eventos históricos.
- 4 No fim do mandato do presidente Washington Luís (1926-1930), uma grave crise econômica mundial se somou à crise política nacional. Faça uma síntese desse contexto histórico, levando em conta as duas crises mencionadas.
- 5 Elabore uma síntese dos acontecimentos políticos que conduziram à Revolução de 1930, considerando o processo eleitoral daquele ano.

INTERPRETANDO DOCUMENTOS: IMAGEM

- 1 Observe atentamente a imagem da página 64. Trata-se de uma fotografia que se tornou uma representação clássica dos militares envolvidos na ação dos 18 do Forte, no episódio que marcou o início do movimento tenentista. A imagem se tornou um elemento importante na construção da memória sobre o acontecimento e a ação dos indivíduos envolvidos na contestação ao regime oligárquico. A partir da observação atenta da imagem, responda ao que se pede.
 - a) **A fotografia, como outras formas de representação** artística, constrói uma narrativa sobre a realidade. Formule uma hipótese para descrever a narrativa que foi produzida nessa fotografia.
 - b) Essa imagem, assim como todo tipo de imagem ou documento, expressa ideias políticas e projetos sociais dos indivíduos ou grupos que a produziram e a colocaram em circulação. Assim, ela não pode ser lida apenas como um retrato da realidade. Tendo em vista a organização de movimentos insatisfeitos com a República brasileira no período de produção dessa fotografia, qual seria o propósito político de uma imagem como essa? Formule uma hipótese para responder a tal questionamento.

TESTE SEU CONHECIMENTO

- 1 (Unicamp-SP)

‘O Rio civiliza-se!’ eis a exclamação que irrompe de todos os peitos cariocas. Temos a Avenida Central, a Avenida Beira Mar (os nossos Campos Elíseos), estátuas em toda a parte, cafés e confeitarias [...], um assassinato por dia, um

escândalo por semana, cartomantes, médiuns, automóveis, autobus, autores dramáticos, grandmonde, demi-monde, enfim todos os apetrechos das grandes capitais.

“O Chat Noir”, em *Fon-Fon!* n.º 41, 1907. Extraído de <www.objdigital.bn.br/acervo_digital/div_periodicos/fonfon/fonfon1907>.

A partir do excerto, que se refere ao período da *Belle Époque* no Brasil, no início do século XX, é correto afirmar que:

- a) O Rio de Janeiro procurava apagar aspectos da época do Império e impulsionar a cultura francesa, renegada por D. Pedro II.
- b) A cidade expressava as contradições de um processo de transformações urbanas, sociais e políticas nas primeiras décadas da República.
- c) Os costumes franceses eram elementos incorporados pela sociedade carioca como sinônimo da modernização republicana obtida pelo tenentismo.
- d) A modernização representou um processo de exclusão social e cultural, patrocinado pelo governo francês, que financiava obras públicas e impunha os produtos franceses à população brasileira.

2 Observe a tabela:

Imigração: Brasil, 1881-1930 (em milhares)	
Ano	Chegadas
1881-1885	133,4
1886-1890	391,6
1891-1895	659,7
1896-1900	470,3
1901-1905	279,7
1906-1910	391,6
1911-1915	611,4
1916-1920	186,4
1921-1925	386,6
1926-1930	453,6
Total	3.964,3

BETHELL, Leslie (Ed.), *The Cambridge History of Latin America*, vol. IV. Adaptado.

Os dados apresentados na tabela se explicam, entre outros fatores,

- a) pela industrialização significativa em estados do nordeste do Brasil, sobretudo aquela ligada a bens de consumo.

- b) pela forte demanda por força de trabalho criada pela expansão cafeeira nos estados do sudeste do Brasil.
- c) pela democracia racial brasileira, a favorecer a convivência pacífica entre culturas que, nos seus continentes de origem, poderiam até mesmo ser rivais.
- d) pelos expurgos em massa promovidos em países que viviam sob regimes fascistas, como Itália, Alemanha e Japão.
- e) pela supervalorização do trabalho assalariado nas cidades, já que no campo prevalecia a mão de obra de origem escrava, mais barata.

3 (Enem)

Texto I

Canudos não se rendeu. Exemplo único em toda a história, resistiu até o esgotamento completo. Vencido palmo a palmo, na precisão integral do termo, caiu no dia 5, ao entardecer, quando caíram os seus últimos defensores, que todos morreram. Eram quatro apenas: um velho, dois homens feitos e uma criança, na frente dos quais rugiam raivosamente cinco mil soldados.

CUNHA, E. *Os sertões*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1987.

Texto II

Na trincheira, no centro do reduto, permaneciam quatro fanáticos sobreviventes do extermínio. Era um velho, coxo por ferimento e usando uniforme da Guarda Católica, um rapaz de 16 a 18 anos, um preto alto e magro, e um caboclo. Ao serem intimados para deporem as armas, investiram com enorme fúria. Assim estava terminada e de maneira tão trágica a sanguinosa guerra, que o banditismo e o fanatismo traziam acesa por longos meses, naquele recanto do território nacional.

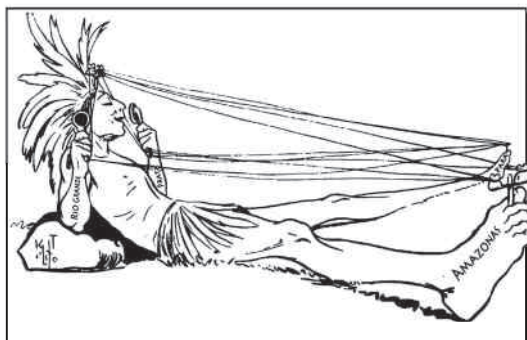
SOARES, H. M. *A Guerra de Canudos*. Rio de Janeiro: Altina, 1902.

Os relatos do último ato da Guerra de Canudos fazem uso de representações que se perpetuariam na memória construída sobre o conflito. Nesse sentido, cada autor caracterizou a atitudes de sertanejos, respectivamente, como fruto da

- a) manipulação e incompetência.
- b) ignorância e solidariedade.
- c) hesitação e obstinação.
- d) esperança e valentia.
- e) bravura e loucura.

4 (Enem)

A rede telephonica



Reprodução/Fundação Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro.

Em breve, já poderá o Brasil esticar as canellas sem receio de não ser ouvido dos pés á cabeça.

Fon-Fon!, ano IV, n. 36, 3 set. 1910. Disponível em: <objdigital.bn.br>. Acesso em: 4 abr. 2014.

A charge, datada de 1910, ao retratar a implantação da rede telefônica no Brasil, indica que esta:

- permitiria aos índios se apropriarem da telefonia móvel.
 - ampliaria o contato entre a diversidade de povos indígenas.
 - faria a comunicação sem ruídos entre grupos sociais distintos.
 - restringiria a sua área de atendimento aos estados do norte do país.
 - possibilitaria a integração das diferentes regiões do território nacional.
- 5 O Acre só foi incorporado ao território brasileiro no início do século XX, durante o período de expansão da produção de borracha. Leia as seguintes afirmativas sobre esse tema e escolha a opção correta. Em seguida, justifique o erro das afirmativas falsas:
- Um dos desdobramentos da expansão da extração da borracha foi a decisão do governo brasileiro de resolver as disputas na região de fronteira com a Bolívia, onde atualmente está localizado o estado do Acre.
 - O governo brasileiro passou a controlar a região do Acre após comprá-la da empresa americana que explorava a borracha nesse território. O governo boliviano não recebeu nada na negociação desse território.

III. Os governos brasileiro e boliviano assinaram o Tratado de Petrópolis para resolver a disputa pelo controle do Acre em 1903. O Brasil assumiu o compromisso de indenizar tanto a empresa americana que explorava a borracha no território quanto o governo boliviano.

IV. Uma das cláusulas previstas no Tratado de Petrópolis foi a construção da ferrovia Madeira-Mamoré, que ligaria o território boliviano ao oceano Atlântico.

- As afirmativas I, II e IV estão corretas.
- As afirmativas II, III e IV estão corretas.
- As afirmativas I, III e IV estão corretas.
- As afirmativas I e II estão corretas.
- As afirmativas I e IV estão corretas.

6 A Revolta da Vacina foi um dos movimentos de contestação da ordem que ocorreram durante o período republicano. Leia as seguintes afirmativas sobre esse tema e escolha a opção correta. Em seguida, justifique o erro das afirmativas falsas:

I. A Revolta da Vacina está relacionada com o processo de reurbanização da região central do Rio de Janeiro, já que uma de suas medidas foi a campanha de saúde pública liderada por Oswaldo Cruz.

II. Para garantir o sucesso da erradicação de doenças, o governo aprovou uma lei que tornava obrigatória a vacinação contra a varíola.

III. As medidas adotadas pelo governo para garantir a vacinação estimularam a insatisfação popular e deram início à revolta em 10 de novembro de 1904. Para acalmar a população, o governo suspendeu a obrigatoriedade da vacinação.

IV. A Revolta da Vacina provocou a morte de 23 pessoas e a prisão de grande número de pessoas. Uma parte dessas pessoas foi deportada para o Acre como forma de punição.

- As afirmativas I e III estão corretas.
- As afirmativas I, III e IV estão corretas.
- As afirmativas II, III e IV estão corretas.
- As afirmativas I e II estão corretas.
- Todas as afirmativas estão corretas.

HORA DE REFLETIR



- O desenvolvimento industrial brasileiro, que começou a ganhar força na passagem do século XIX para o XX, introduziu uma série de novidades tecnológicas que promoveram importantes avanços na economia brasileira. Entretanto, esses mesmos avanços também foram acompanhados por mudanças ambientais. Atualmente, sabe-se que a exploração industrial é responsável por diversos desequilíbrios ecológicos e por impactos no modo de vida de comunidades humanas e de outros seres vivos. Diversos grupos ambientalistas criticam as práticas industriais que degradam o ambiente e defendem a adoção de tecnologias mais limpas e sustentáveis.
- 1 Com base nessas informações, reflita sobre a seguinte questão: Até que ponto o uso da tecnologia industrial resulta em melhorias para o ser humano?
 - 2 Elabore um texto breve sintetizando suas ideias.



Detalhe de foto de 1925 que retrata interior de uma empresa de caixas de joias em Juiz de Fora, Minas Gerais.



MINHA BIBLIOTECA

PARA NAVEGAR

Ferrovias paulistas. Site do Arquivo do Estado de São Paulo sobre a história das ferrovias do estado de São Paulo. Disponível em: <www.arquivoestado.sp.gov.br/exposicao_ferrovias>. Acesso em: 12 fev. 2016.

100 anos de imigração japonesa no Brasil. Site com a história da imigração japonesa no Brasil. Disponível em: <www.ndl.go.jp/brasil/pt/index.html>. Acesso em: 12 fev. 2016.

O Malho. Site com a versão digitalizada da revista *O Malho*, importante periódico do início do século XX. Disponível em: <www.casaruibarbosa.gov.br/omalho/?lk=50>. Acesso em: 12 fev. 2016.

Careta. Site com a versão digitalizada da revista *Careta*, periódico influente do início do século XX. Disponível em: <www.memoriaviva.com.br/careta/>. Acesso em: 12 fev. 2016.

Museu do Contestado. Site com passeio virtual em 360° mostrando o acervo do Museu do Contestado, em Caçador (SC). Disponível em: <www.museudocontestado.com.br>. Acesso em: 12 fev. 2016.

Casa Rui Barbosa. Site da fundação que presta homenagem ao jurista Rui Barbosa. Abriga também um grande acervo virtual de literatura em cordel. Disponível em: <www.casaruibarbosa.gov.br>. Acesso em: 12 fev. 2016.

Memória da destruição: Rio – Uma história que se perdeu (1889-1965). Este livro *on-line* permite vislumbrar um Rio de Janeiro diferente do que existe hoje. A obra foi produzida pela Gerência de Pesquisa do Arquivo da Cidade do Rio de Janeiro. Disponível em: <www.rio.rj.gov.br/dlstatic/10112/4204430/4101439/memoria_da_destruicao.pdf>. Acesso em: 12 fev. 2016.

PARA LER

Galvez, imperador do Acre, de Márcio Souza, Record. Este livro é uma novela de folhetim no qual é narrada a vida de Dom Luiz Galvez Rodrigues de Aria nas terras amazônicas e a sua conquista do território acreano, no fim do século XIX.

Anarquistas, graças a Deus, de Zélia Gattai, Companhia das Letras. A obra narra a história de uma família de imigrantes italianos na capital paulista, do ponto de vista da pequena Zélia. Nos relatos das histórias familiares, misturam-se lembranças reais e imaginárias.

Chibata! – João Cândido e a revolta que abalou o Brasil (história em quadrinhos), de Hemetério (ilustração) e Olinto Gadelha (texto), Conrad. Neste álbum, é narrada a história não só da Revolta da Chibata – em que marinheiros tomaram o controle de navios de guerra e puseram em xeque o governo do marechal Hermes da Fonseca –, mas também de João Cândido, chamado de Almirante Negro, filho de escravos, que foi preso, torturado e encarcerado em hospício por lutar para ser reconhecido como homem livre.

FECHANDO A UNIDADE

Os documentos a seguir abordam os caminhos da ciência e da tecnologia. O primeiro é uma reportagem com a opinião de Stephen Hawking e outros cientistas sobre as implicações do uso de tecnologias de inteligência artificial para a vida humana. O segundo é uma representação do artista Albert Robida (1848-1926), produzida no final do século XIX, que indica o modo como ele imaginava o futuro humano. O terceiro documento é a imagem de uma cena de um filme de ficção científica contemporâneo que representa o futuro da humanidade. Finalmente, o quarto documento é um trecho do conto “Segunda variedade”, escrito pelo autor estadunidense Philip K. Dick (1928-1982). Após a leitura, responda ao que se pede.

DOCUMENTO 1 – Reportagem

[...] Hawking fez a advertência ao responder uma pergunta sobre os avanços na tecnologia que ele próprio usa para se comunicar, a qual envolve uma forma básica de inteligência artificial.

O físico britânico, que sofre de esclerose lateral amiotrófica (ELA), uma doença degenerativa, está usando um novo sistema desenvolvido pela empresa Intel para se comunicar.

Especialistas da empresa britânica Swiftkey também participaram da criação do sistema. Sua tecnologia, já empregada como um aplicativo para teclados de *smartphones*, ‘aprende’ a forma como Hawking pensa e sugere palavras que ele pode querer usar em seguida.

Hawking diz que as formas primitivas de inteligência artificial desenvolvidas até agora têm se mostrado muito úteis, mas ele teme eventuais consequências de se criar máquinas que sejam equivalentes ou superiores aos humanos.

“(Essas máquinas) avançariam por conta própria e se reprojetariam em ritmo sempre crescente”, afirmou. ‘Os humanos, limitados pela evolução biológica lenta, não conseguiriam competir e seriam desbancados.’

[...]

Nem todos os cientistas, porém, compartilham da visão negativa de Hawking sobre a inteligência artificial.

‘Acredito que continuaremos no comando da tecnologia por um período razoável de tempo, e o potencial dela de resolver muitos dos problemas globais será concretizado’, opinou o especialista em inteligência artificial Rollo Carpenter, criador do Cleverbot, cujo *software* aprende a imitar conversas humanas com crescente eficácia.

Carpenter disse que ainda estamos longe de ter o conhecimento de computação ou de algoritmos necessário para alcançar a inteligência artificial plena, mas acredita que isso acontecerá nas próximas décadas.

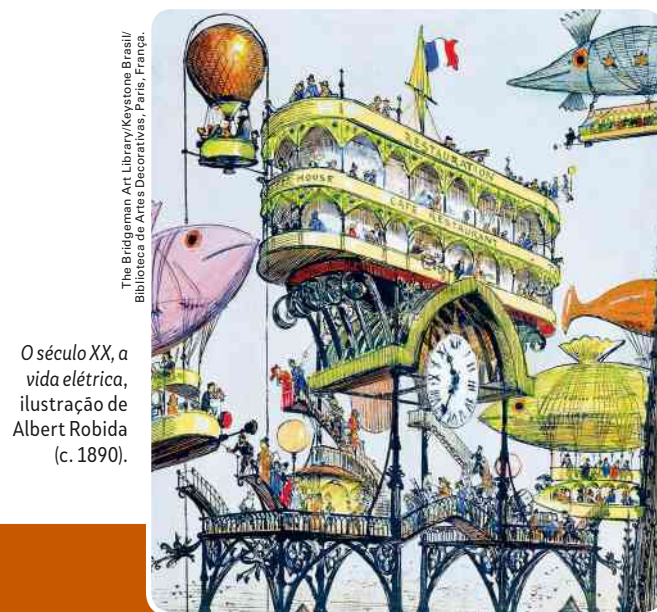
‘Não podemos saber exatamente o que acontecerá se uma máquina superar nossa inteligência, então não sabemos se ela nos ajudará para sempre ou se nos jogará para escanteio e nos destruirá’, disse Carpenter, que apesar disso vê o cenário como otimismo por acreditar que a inteligência artificial será uma força positiva.

Ao mesmo tempo, Hawking não está sozinho em seu temor.

No curto prazo, há preocupação quanto à eliminação de milhões de postos de trabalho por conta de máquinas capazes de realizar tarefas humanas; mas líderes de empresas de alta tecnologia, como Elon Musk, da fabricante de foguetes espaciais Space X, acreditam que, a longo prazo, a inteligência artificial se torne ‘nossa maior ameaça existencial’.

HAWKING, Stephen. Inteligência artificial pode destruir a humanidade. Disponível em: <www.bbc.com/portuguese/noticias/2014/12/141202_hawking_inteligencia_pai>. Acesso em: 12 fev. 2016.

DOCUMENTO 2 – Imagem



O século XX, a vida elétrica, ilustração de Albert Robida (c. 1890).

DOCUMENTO 3 – Imagem

Cena de *Mad Max: estrada da fúria*, filme de ficção científica de 2015, dirigido por George Miller.



Kennedy Miller Productions/Archives Du 7ème Art/Photo12/AFP

DOCUMENTO 4 – Romance

Ele respirou fundo e saiu para o terreno cinzento, coberto de escombros. [...] A paisagem estava imóvel. Nada se mexia. Podia ver a quilômetros, cinzas e escória intermináveis, ruínas de construções. Algumas árvores sem folhas nem galhos, somente troncos. [...]

Ele chegou ao topo da pequena colina e ergueu o binóculo. As linhas russas estavam a alguns quilômetros. Tinham um posto de comando avançado ali, de onde o mensageiro saía.

Um robô atarracado com braços ondulantes passou por ele, balançando os braços de modo inquiridor. E prosseguiu, desaparecendo sobre alguns escombros. Hendricks observou seu afastamento. Nunca vira esse modelo antes. Estava começando a haver cada vez mais espécimes que ele nunca vira.

[...] Era interessante o uso de formas artificiais nas operações de guerra. Como haviam começado? Necessidade. A União Soviética obtivera grande sucesso inicial, como é comum acontecer ao lado que começava a guerra. A maior parte da América do Norte havia desaparecido do mapa. A retaliação chegou rápido, claro. O céu estava repleto de discos-bombardeiros muito antes do início da guerra, estavam lá no alto há anos. Os discos começaram a navegar sobre toda a Rússia horas depois de ter sido dominada por Washington.

[...] Os governos do bloco americano se mudaram para a Base Lunar no primeiro ano. Não havia muita opção. [...] A maior parte da América do Norte estava imprestável; nada podia ser plantado, ninguém podia viver ali.

DICK, Philip K. Segunda variedade. In: *Realidades adaptadas*. São Paulo: Aleph, 2012. p. 51-52.

REFLITA E RESPONDA

1. Quais são as preocupações expressas no documento 1 quanto às aplicações do conhecimento científico?
2. O documento 4 é um trecho de uma ficção científica que descreve o surgimento de armas inteligentes, que foram utilizadas durante uma guerra geral entre os países na Terra. Porém, as armas saíram do controle e passaram a atacar todos os seres humanos. De que maneira isso pode ser relacionado com as preocupações do documento 1?
3. Os documentos 2 e 3 são representações visuais do futuro das sociedades humanas e do impacto do avanço tecnológico nesse processo. Compare e aponte as diferenças existentes entre as duas representações.
4. Os quatro documentos são reflexões sobre o futuro das sociedades humanas e o modo como a tecnologia afeta esse futuro. Tais reflexões apontam duas perspectivas distintas quanto ao avanço tecnológico. Identifique-as e explique o que as diferencia. Em seguida, aponte qual delas é mais convincente e justifique sua resposta.
5. Como você imagina o ser humano do futuro? Para você, a humanidade terá algumas de suas características atuais modificadas no futuro? Produza uma charge que expresse sua opinião sobre o assunto.

Meios de comunicação de massa

Ao assistir a um programa de televisão, escutar uma entrevista no rádio, ler um jornal ou navegar na internet, cria-se uma conexão indireta entre milhões de pessoas. A informação que chega até você – seja ela uma notícia, uma música, um programa de entretenimento, uma propaganda, etc. – é a mesma que milhões de pessoas, que podem estar em qualquer parte do planeta, também recebem. A esse fenômeno dá-se o nome de **comunicação de massa**.

Em virtude desse enorme poder de disseminação por meio da **mídia**, sua capacidade de influência sobre a opinião e o comportamento das pessoas pode ser preocupante. Por isso, estudiosos do assunto advertem sobre a necessidade de manter um olhar permanentemente crítico em relação às informações e aos valores transmitidos por esses meios.

Uma campanha publicitária elaborada e bem dirigida, por exemplo, pode levar as pessoas a comprar produtos de que não precisam. Muitas pessoas adquiriram o vício do tabagismo porque este foi, por muitos anos, “glamourizado” no cinema e nas propagandas, associado à beleza e ao bem-estar. Uma notícia pode transmitir – na forma de verdade absoluta e inquestionável – uma posição ideológica e contribuir para consolidar essa ideologia junto ao público.

Esse poder dos meios de comunicação de massa é um fenômeno da sociedade industrial. Surgiu e se consolidou com o desenvolvimento tecnológico verificado entre as últimas décadas do século XIX e meados do século XX, quando o cinema, o rádio e a televisão foram inventados. Hoje, com a internet, a possibilidade de difusão e propagação de informações é ainda maior.

Veremos, nesta Unidade, de que maneiras esses meios de comunicação foram fundamentais para a consolidação de regimes totalitários na primeira metade do século XX.





Quarterflash/Vantage News/AP Images/Glow Images

O poder dos meios de comunicação de massa gerou os *paparazzi*, repórteres que fotografam famosos sem autorização. Nesta foto de 2015, a atriz e socialite Kim Kardashian é bombardeada por *flashes* no aeroporto de Los Angeles, nos Estados Unidos.



Imaginechina/Corbis/Latinstock

Os *smartphones* são considerados indispensáveis para muitas pessoas. Na China existem cerca de 1,3 milhão de *smartphones*. No metrô de Beijing (Pequim), passageiros estão atentos aos seus telefones móveis. Foto de 2015.

COMEÇO DE CONVERSA

1. Quais são os meios de comunicação que você mais utiliza? Para você é importante ter acesso a várias fontes de informação? Por quê?
2. Que tipo de postura você adota para analisar criticamente as informações divulgadas pelos meios de comunicação de massa?
3. Alguns meios de comunicação de massa – como as redes sociais e os programas de compartilhamento de mensagens – podem ser utilizados para atacar e agredir outras pessoas. Tais práticas são denominadas *cyberbullying*. Que tipo de medida você acredita que deva ser adotado para inibir tais práticas?
4. As redes sociais podem ser utilizadas como formas de potencializar a democracia e o voto consciente. Como você imagina que elas podem ser utilizadas com tal finalidade? Justifique sua resposta.

O período entreguerras e a ascensão do totalitarismo

Ataques a estrangeiros ou a pessoas com posição ideológica ou política diferente da sua; agressões a grupos marginalizados (como negros ou a população LGBTI); discurso autoritário em defesa de regimes totalitários. Essas são algumas das características de pessoas ou grupos nomeados fascistas ou neofascistas.

O fascismo e o nazismo foram regimes totalitários surgidos na Europa alguns anos depois da Primeira Guerra Mundial. Aproveitando-se da situação de miséria e fragilidade que vivia a população, seus mentores difundiram ideologias que se baseavam em um forte discurso nacionalista e, entre outros aspectos, numa disciplina rígida e na existência de um partido único.

Neste capítulo veremos como os princípios defendidos por esses regimes totalitários provocaram a morte de milhões de pessoas. Veremos também a situação dos Estados Unidos no pós-guerra e durante a crise econômica de 1929 e a Guerra Civil Espanhola.

LGBTI: sigla que compreende todas as orientações de gênero e sexo minoritárias. Respectivamente, inclui lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais e intersexuais.

Anarquistas, punks e skinheads protestam no centro de São Paulo contra o sistema político vigente no país. Eles são contra os governos de esquerda e de direita. Foto de 2016.

OBJETIVOS DO CAPÍTULO

- Compreender o papel dos meios de comunicação de massa (rádio, televisão e cinema) na difusão de valores e ideologias.
- Verificar as razões da quebra da Bolsa de Valores de Nova York e suas consequências.
- Analisar o contexto histórico que possibilitou o surgimento e consolidação de Estados totalitários na Europa no período entre as guerras mundiais.
- Avaliar as semelhanças e as diferenças entre o **fascismo** italiano, o **nazismo** alemão e o **stalinismo** soviético.
- Identificar as causas da Guerra Civil Espanhola e as diferenças entre os principais grupos envolvidos no conflito.
- Perceber a importância dos meios de comunicação de massa para o fortalecimento de regimes totalitários, assim como seu poder de influência sociopolítica na atualidade.



Cris Faga/NurPhoto/Getty Images

1 Estados Unidos após a Primeira Guerra Mundial

Entre 1914 e 1920, a riqueza dos Estados Unidos aumentou em 250% devido às exportações de gêneros alimentícios, armamentos e outros produtos industrializados para a Europa durante a Primeira Guerra, e ao crescimento do comércio com a América Latina e a Ásia. A agricultura se mecanizou, as fábricas aumentaram sua produção, as mercadorias chegavam às lojas com preços mais acessíveis ao consumidor.

Tudo isso marcou o início de um período conhecido como *Roaring Twenties*, os “vibrantes anos vinte”. Nessa época, difundiu-se pelo país a ideia de que a prosperidade estava ao alcance de todos. Tratava-se, entretanto, de uma ideia ilusória, já que 90% da renda nacional estava concentrada nas mãos de apenas 13% da população. Cerca de seis milhões de famílias viviam com apenas três dólares por dia. A maior parte desse contingente era formada por negros.

Os produtos inovadores e a abundância alimentar, símbolos da prosperidade dos “vibrantes anos vinte” foram aproveitados apenas pelas classes média e alta, que dispunham do poder aquisitivo necessário para o consumo das inúmeras novidades das fábricas: automóveis, geladeiras, fogões elétricos, aspiradores de pó, aparelhos de rádio, etc.

Estimulados pela publicidade, os estadunidenses saíam às compras em ritmo frenético. Essa incessante procura por novos bens duráveis deu origem ao fenômeno do **consumismo**.

Esse estilo de vida, conhecido como *American way of life*, era encarado pela classe média estadunidense como o que havia de melhor e mais moderno em todo o mundo. Os jovens iam para a faculdade, as residências e seus jardins ficaram cada vez mais amplos, o automóvel logo se transformou no artigo de consumo mais desejado da época – e logo foi considerado uma necessidade.



Em 1920, cerca de 9 milhões de veículos circulavam pelas ruas dos Estados Unidos; dez anos mais tarde, esse número já era três vezes maior. Foto de uma rua de Nova York em 1923.



Cartaz publicitário do filme *Women Men Marry* (Mulheres com quem os homens casam), uma das primeiras produções hollywoodianas. Mudo e em preto e branco, foi dirigido por Edward Dillon e estreou nos Estados Unidos em 1922.

FILME

Veja o filme **Sacco e Vanzetti**, de Giuliana Montaldo. Itália/França, 1971. O filme conta a história, no início dos anos 1920, de Nicola Sacco e Bartolomeo Vanzetti, imigrantes italianos anarquistas, acusados de assassinato. O julgamento deles, mais do que fatos, envolveu questões políticas por ambos serem estrangeiros e se oporem ao conservadorismo.



Entre 1920 e 1933, a Lei Seca vigorou nos Estados Unidos. Toda bebida alcoólica produzida era ilegal e deveria ser descartada, como o vinho nessa foto de 1921, em Nova York.

Manifestações culturais e comerciais

As opções de lazer também se ampliaram, com uma vida noturna mais intensa – casas de espetáculos, teatros, bares e restaurantes. A primeira estação de rádio com fins comerciais começou a funcionar em 1920. Famílias inteiras se reuniam ao redor de um aparelho de rádio para acompanhar os mais diversos programas e ouvir a música de artistas como Billie Holiday e Louis Armstrong, que expressava a cultura dos bairros negros.

Entretanto, a principal diversão dos estadunidenses era o cinema. Ricos e pobres formavam filas para assistir aos lançamentos dos estúdios cinematográficos de Hollywood. Eram filmes mudos – o primeiro filme sonoro, *O cantor de jazz*, estreou somente em 1927 –, que exibiam artistas como Charlie Chaplin, Buster Keaton, Mary Pickford, Rodolfo Valentino e muitos outros. As fitas, difundidas em todo o mundo, logo se transformaram no mais importante veículo de propaganda do *American way of life*.

Tempos de intolerância nos Estados Unidos

Até as primeiras décadas do século XX, os imigrantes podiam entrar livremente no território dos Estados Unidos. Durante o período pós-guerra, porém, a situação se inverteu e uma **onda de xenofobia** (aversão a culturas e pessoas estrangeiras) tomou conta do país.

Os imigrantes começaram a ser vistos como uma ameaça ao emprego dos trabalhadores locais. E, como alguns eram adeptos de ideias **anarquistas** e socialistas, o governo passou a encará-los também como uma ameaça à ordem social e ao sistema político. Como resultado, diversas leis foram criadas para restringir a entrada e a permanência de estrangeiros.

A intolerância espalhou-se pelo país. Nessa época, a sociedade secreta **Ku Klux Klan**, criada após a Guerra de Secessão (1861-1865) com o objetivo de salvaguardar “a supremacia branca”, chegou a reunir 5 milhões de integrantes. Eles perseguiram e assassinavam negros, judeus, imigrantes, líderes trabalhistas, etc. A discriminação racial e o preconceito contra os negros acentuaram ainda mais as tensões sociais. Violentos conflitos raciais irromperam em diversas regiões.

Ligas e associações de defesa da moral e dos bons costumes surgiram por toda parte. Alegando a necessidade de “libertar as classes inferiores” do perigo do álcool, o governo aprovou uma lei em 1919 que proibia a fabricação, a venda e o transporte de bebidas alcoólicas – a Lei Seca. Entretanto, o decreto não extinguiu o consumo de bebidas, que, com a proibição, estimulou a produção e venda clandestina de “*moonshine*”, como eram conhecidos os destilados ilícitos à época. Como se tratava de um mercado ilegal, acabou favorecendo a expansão do crime organizado. Surgiram quadrilhas (chamadas **gangues**) que, além de contrabandear bebidas alcoólicas, controlavam prostíbulos, casas de jogo e o tráfico de drogas.

A trepidante vida noturna, a euforia consumista, a Lei Seca, a prosperidade e a alta criminalidade fizeram os anos 1920 serem também conhecidos como os “anos loucos”.

2 Queda da Bolsa de Nova York

P Professor(a), veja no Procedimento Pedagógico deste capítulo uma sugestão de texto complementar que discute as causas da crise de 1929.

Entre 1925 e 1929, o valor das ações na **Bolsa de Valores** de Nova York passou de 27 bilhões de dólares para 67 bilhões de dólares. O presidente Herbert Hoover (1929-1933) chegou a afirmar no começo de 1929 que os Estados Unidos eram a nação que estava mais próxima do fim da proeza em toda a história mundial.

Contudo, em outubro de 1929 teve início a pior crise econômica da história dos Estados Unidos e do mundo capitalista até então: a **Grande Depressão**.

Como foi possível passar da prosperidade para o colapso econômico em tão pouco tempo? Basicamente, os estadunidenses produziram muito mais do que eles próprios – e o resto do mundo – eram capazes de consumir. Houve uma **crise de superprodução** e, por causa dos estoques altos, as fábricas começaram a demitir muitos trabalhadores. Toda a linha de produção, comércio e consumo foi afetada.

Na Bolsa de Valores, os preços mais baixos das ações de algumas empresas afetaram o equilíbrio entre compradores e vendedores. No dia 24 de outubro de 1929, o preço das ações despencou porque não havia compradores, o que causou o **crash** (quebra) da Bolsa de Nova York.

O impacto do **crash** para a economia estadunidense foi catastrófico. A renda nacional reduziu-se à metade. Mais de 5 mil bancos fecharam, deixando seus clientes sem dinheiro. Oitenta mil fábricas e 32 mil casas comerciais faliram. Cerca de 15 milhões de trabalhadores ficaram desempregados. No campo, milhares de fazendas faliram e muitos agricultores, sem ter como pagar as dívidas, tiveram de abandonar suas terras.



O jornal *Daily News* noticia o **crash** com uma manchete na primeira página "Bancos confirmam a quebra de Wall Street", em 25 de outubro de 1929.

PASSADO PRESENTE

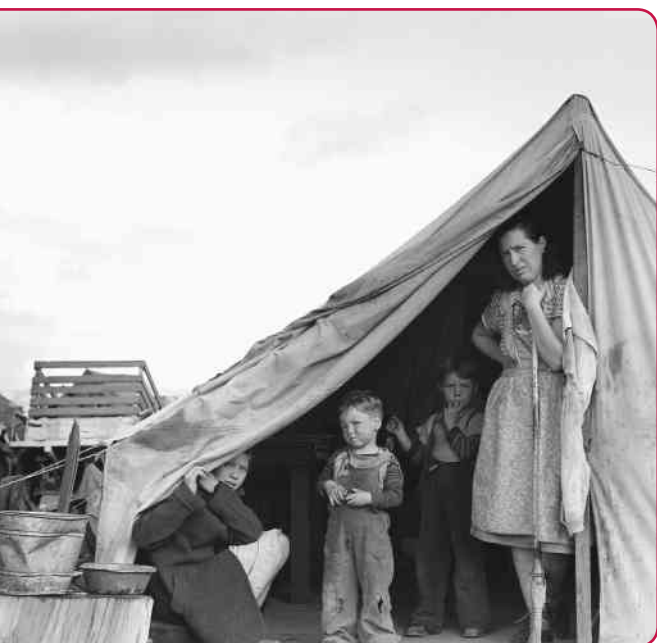
Bolsa de Valores

As Bolsas de Valores são instituições públicas ou privadas destinadas às operações de compra e venda de ações – título que representa a menor fração do capital de uma empresa.

As bolsas surgiram na Bélgica, no século XIV, quando as transações de compra e venda de ações, ou o seu equivalente, passaram a ser consideradas respeitáveis e as negociações deixaram de ser realizadas na rua. A origem do termo se deve ao local onde os grupos de comerciantes se encontravam para fazer negócios: diante da casa de uma família de nome "Bursen", na

cidade de Bruges, que possuía na porta um desenho de brasão com um escudo e três bolsas. A casa ficou conhecida como a "casa das bolsas".

Na Inglaterra, no século XVIII, os corretores e investidores se encontravam em cafés para realizar seus negócios; em 1773, eles criaram a primeira Bolsa de Valores inglesa. A Bolsa de Nova York, a mais importante do mundo atual, foi estabelecida em 1792. No Brasil, a primeira Bolsa a ser fundada foi a do Rio de Janeiro, em 1845. Hoje a Bovespa, de São Paulo, é a mais importante do país.



Dorothea Lange/Corbis/Lainstock

Abrigo do governo durante a Grande Depressão. Em busca de trabalho na colheita de batatas, família de trabalhadores migrantes vive em um acampamento móvel. Foto de 1939.

Miséria e crise mundial

A fome e a miséria espalharam-se pelo país. Em diversas cidades surgiram favelas, onde iam morar os milhões de sem-teto, que também se dirigiram para os abrigos do governo, constantemente lotados, instituições de caridade serviam sopas populares aos milhares de famintos. As perseguições a estrangeiros e grupos étnicos minoritários, que também buscavam trabalho, aumentaram.

O comércio mundial desestruturou-se. Os preços mundiais dos produtos agrícolas desabaram. Nações como o Brasil, cujas economias dependiam principalmente das exportações agropecuárias para os Estados Unidos e para a Europa, foram duramente atingidas. Um dos poucos países a escapar da crise foi a União Soviética, cuja economia, de tipo estatal (ou socialista-burocrática), obedecia a um rígido planejamento, e não às leis do mercado como as economias capitalistas.

3 New Deal

Em 1933, Franklin Roosevelt assumiu a Presidência dos Estados Unidos e propôs um plano, conhecido como *New Deal* (Novo Acordo), que articulava as ações do governo com as da iniciativa privada, tendo entre seus objetivos elevar a renda dos trabalhadores. Diversas medidas foram adotadas:

- desvalorização do dólar para tornar as exportações mais competitivas;
- empréstimos aos bancos para evitar novas falências;
- implantação de um sistema de seguridade social, com a criação do seguro-desemprego;
- criação de um vasto programa de obras públicas com o intuito de gerar novos empregos;
- contratação de três milhões de jovens para o desenvolvimento de projetos ambientais;
- salário mínimo e direito de organização sindical;
- estímulo à produção agrícola.

A economia do país foi reaquecida, e a **indústria** voltou a produzir. Mais de 8 milhões de postos de trabalho foram criados e milhares de obras públicas (como estradas, escolas e barragens) foram concluídas.

Apesar dessa recuperação econômica, estudos mais recentes mostram que o *New Deal* não chegou a estimular o crescimento econômico aos níveis anteriores à Primeira Guerra Mundial. Além disso, as conquistas resultantes desse programa não foram democraticamente distribuídas, pois privilegiaram principalmente os donos de complexos industriais.

A exclusão racial também permaneceu: os negros estadunidenses foram o grupo social que mais sentiu os efeitos da crise de 1929, mas não foram objeto de preocupação do governo Roosevelt. A economia teria sido impulsionada, de fato, pela deflagração da Segunda Guerra Mundial (veja o Capítulo 5), em 1939, que permitiu elevados níveis de crescimento à indústria dos Estados Unidos.

FILME

Veja o filme *Tempos modernos*, de Charles Chaplin. Estados Unidos, 1936. O filme conta a história de um operário de uma linha de montagem, vítima de uma crise nervosa devido ao ritmo estressante de seu trabalho. Ele é internado em um sanatório e, quando sai, está desempregado. Sem querer, é confundido com o líder comunista de uma manifestação de trabalhadores.

ORGANIZANDO AS IDEIAS



ATIVIDADES

- 1 A Primeira Guerra Mundial (1914-1918) afetou profundamente o desenvolvimento econômico e social dos países europeus. Entretanto, os Estados Unidos saíram do conflito com uma economia muito mais próspera do que quando entraram. Descreva as transformações daquele contexto e aponte como isso resultou no período conhecido como os “vibrantes anos vinte”.
- 2 Por que os Estados Unidos transformaram radicalmente sua política imigratória a partir dos anos 1920? Quais foram os sinais de intolerância que explicitaram o apoio social às novas medidas?
- 3 Explique o que foi a queda da Bolsa de Nova York, a maneira como ela afetou a economia mundial e como a política adotada pelo governo Roosevelt procurou combater essa crise a partir de 1933.

INTERPRETANDO DOCUMENTOS: IMAGEM

ATIVIDADE

- 1 Observe a imagem a seguir. Trata-se da propaganda de um aparelho de rádio elaborada nos anos 1930 nos Estados Unidos. A partir da análise da imagem, bem como de seus conhecimentos, responda ao que se pede.
 - a) A propaganda realiza uma associação entre um prazer duradouro, bem-estar familiar e a utilização de um bem durável. Como ela realiza essa associação?
 - b) Tendo em vista o cenário econômico dos Estados Unidos nos anos 1930, por que era importante utilizar a propaganda como uma maneira de estimular o consumo?
 - c) De que forma essa propaganda pode ser associada com os ideais do *American Way of Life*?
 - d) Atualmente, as propagandas continuam realizando associações entre o consumo e o bem-estar. Pesquise uma **propaganda contemporânea** que faça essa associação e analise de que modo ela realiza tal procedimento. Você considera que esse tipo de postura ajuda na criação de práticas de consumo consciente entre os indivíduos? Justifique sua resposta.

What other gift could possibly bring so much of lasting pleasure!



No gift can surpass the modern radio as a source of lasting pleasure. And now the new General Motors Radio enables you to give the best at moderate price.

There are five different period styles of these exceptional radios and radio-phonographs. All models are equipped with the Visual Tone Selector, a distinctive General Motors Radio feature with which you can actually “tune” reception to please your ear! Choose from among these splendid new instruments and you will make your gift one long to be remembered—for General Motors Radio cabinets are *permanent* furniture. Any future chassis or speaker will be so designed as to permit installation in the cabinets of the present models.

Thus, a General Motors Radio owner can always enjoy the latest technical developments at the lowest possible cost.

Call on the General Motors Radio dealer in your community. See and hear how much is offered in these admirable new radios and radio-phonographs.

GENERAL MOTORS RADIO CORPORATION
DAYTON, OHIO



In performance the new General Motors Radio provides everything that advanced design and precision manufacture can contribute to complete radio enjoyment

“Qual outro presente poderia trazer um prazer tão duradouro!” Litografia de um anúncio de rádio de 1930, divulgado no *The Literary Digest*, que estimula a aquisição do aparelho.

4 Origens e características do totalitarismo

Embora o final da Primeira Guerra Mundial tenha provocado, nos Estados Unidos, uma onda de euforia econômica sem precedentes, no restante do mundo a situação era bem diferente.

A África continuava subjugada pelas nações europeias. No restante da América, imperava uma elite agrária excludente e exploradora. A Europa se esforçava para reconstruir seus países. Ao mesmo tempo, a Rússia – que se tornaria parte da União Soviética a partir de 1922 – ampliava seu fascínio entre os trabalhadores de vários países, representando um Estado forte e um futuro de igualdade e justiça social.

Embora tivessem características antagônicas do ponto de vista ideológico, os movimentos autoritários surgidos na Europa e o governo soviético, centralizado na figura de Josef Stalin a partir de 1924, convergiram para uma nova forma de organização do Estado, que fazia oposição ao liberalismo vigente: o **totalitarismo**. Nenhum regime anterior, nem mesmo o absolutismo monárquico, se assemelhou a essa nova forma de controle do poder.

Uma das características marcantes do totalitarismo é a **concentração de poder** nas mãos de um pequeno grupo de pessoas, que se organizam em um partido único. Esse partido se apoia também em uma base popular, mas apenas seus líderes têm poder de decisão e são eles que ocupam os postos médios e altos da administração pública. Assim, partido e Estado se confundem e, por meio da repressão policial – que eles também controlam –, exercem poder sobre os indivíduos. Assim, todas as liberdades são suprimidas e instala-se um regime baseado no terror e na obediência.

Outra característica marcante do Estado totalitário é o uso da **propaganda ideológica**, que exalta o regime, o governo e o líder, personificados no chefe do Estado, líder máximo do governo, retratado com qualidades quase sobre-humanas.

As características de controle do Estado totalitário, portanto, se resumem ao terror, à propaganda e à supressão dos direitos individuais e coletivos, que são impostos também à vida privada dos cidadãos.

Fazendo amplo uso da censura, da delação, da violência – principalmente contra as minorias: como ciganos, judeus, LGBTI, imigrantes, etc. –, os regimes totalitários se estabeleceram em diversos países europeus após a Primeira Guerra Mundial. A seguir, estudaremos três formas de manifestação do totalitarismo na Europa: o fascismo italiano, o nazismo alemão e o stalinismo soviético.



Larry Limnidis/Getty Images

Essa ilustração de uma pessoa que possui, no lugar da boca, uma cadeia com ela mesma aprisionada faz alusão aos métodos usados pelo totalitarismo para controlar a população. O desenho é do canadense Larry Limnidis (sem data).

5 Fascismo na Itália

Aliados tardios das nações vencedoras da Primeira Guerra Mundial, os italianos não obtiveram compensações territoriais importantes após o fim do conflito, como a anexação de alguma das antigas colônias alemãs na África ou das regiões mais próximas nos Balcãs. Assim, não valeu a pena ter entrado na Guerra, levando-se em consideração a grave crise econômica, a inflação, a carestia e o desemprego decorrentes do conflito. Essa situação favoreceu vários movimentos sociais e de trabalhadores em revoltas contra o governo.

Em 1919, um ex-combatente, Benito Mussolini (1883-1945), fundou o *Fascidi Combattimento*, um grupo nacionalista de extrema direita. Eles defendiam a instauração de um governo forte e autoritário capaz de conter os grupos de esquerda (comunistas e socialistas) e de pôr fim às greves e manifestações operárias (liberais).

Com cerca de 320 mil adeptos no início dos anos 1920, os *Fascidi Combattimento* contavam com os **camisas negras** – milícias armadas e uniformizadas com camisas pardas –, que agiam cruelmente contra os opositores: assassinavam militantes de esquerda, dissolviam manifestações operárias e intimidavam políticos de orientação democrática, tudo sob o olhar complacente do governo do rei Vítor Emanuel III.

Em 1921, os *Fascidi Combattimento* se unificaram em torno da autoridade de Mussolini e constituíram o **Partido Nacional Fascista**. Sua base de apoio era formada, sobretudo, por desempregados, ex-combatentes, integrantes da classe média, industriais e proprietários de terra temerosos de que a Itália se transformasse em palco de uma revolução comunista. Nas eleições parlamentares de 1921, 35 fascistas foram eleitos deputados. Entre eles, Mussolini.

Em 1922, numa demonstração de força, cerca de 30 mil camisas negras, sob a chefia de Mussolini, invadiram a capital italiana, ocupando prédios públicos e estações ferroviárias. O episódio ficou conhecido como **Marcha sobre Roma**. Dois dias depois, o fascismo chegaria ao poder: o rei Vítor Emanuel III convidou Mussolini para ocupar o cargo de primeiro-ministro, que ele ocupou até sua morte, após o fim da Segunda Guerra Mundial.

Gradativamente, Mussolini ampliou seus poderes e se impôs como ditador. O Partido Nacional Fascista tornou-se o partido único, todos os outros foram extintos. O governo também passou a censurar os meios de comunicação e suprimiu o direito de greve. Todas as organizações que não tinham inclinações fascistas tornaram-se ilegais. No início dos anos 1930, o *duce* (guia, em português), como era conhecido Mussolini, já centralizava todo o poder.



Militantes fascistas, os chamados “camisas-negras”, marcham em estrada italiana que dá acesso a Roma, em 1922.

Ditador italiano Benito Mussolini (1883-1945) saúda multidão durante pronunciamento público em frente a um dos Arcos do Triunfo de Roma. Foto de 1938.



Keystone/Gettyimages

FILME

Veja o filme *Um dia muito especial*, de Ettore Scola, 1977. O filme retrata o encontro entre Antonietta, ignorada pelo marido fascista, e Gabrielle, um radialista que foi demitido por ser homossexual. Eles se conhecem no dia em que Roma celebra a visita de Adolf Hitler a Benito Mussolini.

Culto a Mussolini

Para doutrinar as crianças e os jovens na ideologia fascista, os professores de escolas e universidades tinham como obrigação exaltar as realizações do regime e aspectos da vida do *duce*. Também foram criadas organizações para promover festas, competições, acampamentos, atividades ao ar livre, de modo que transmitissem aos jovens a **ideologia fascista**.

Mussolini valeu-se também dos meios de comunicação de massa – jornais, programas de rádios e documentários – para divulgar os feitos de seu governo e disseminar o culto à sua figura, de um homem viril, atlético e trabalhador.

P Professor(a), veja no Procedimento Pedagógico deste capítulo uma sugestão de **Atividade Alternativa** que propõe um debate sobre o tema do totalitarismo no presente.

Consolidação do fascismo na Itália

Dois outros aspectos da política fascista contribuíram para sua consolidação entre a população italiana. O primeiro foi a intervenção maciça do Estado na economia, principalmente depois do *crash* da Bolsa de Nova York em 1929. Para se preservar da crise, o Estado fascista lançou um amplo programa de construção de obras públicas (estradas, pontes, etc.) e incentivou a produção de armas. Essas medidas fizeram baixar os níveis de desemprego.

O segundo aspecto dessa política foi a instituição, em 1927, da *Carta del Lavoro* (**Carta do Trabalho**), na qual concessões aos trabalhadores misturavam-se com medidas de controle policial. A Carta estabelecia, por exemplo, o seguro contra acidentes de trabalho e garantia a jornada de oito horas, mas proibia greves e extinguiu sindicatos.

Em 1935, Mussolini ordenou a invasão da Etiópia, que era um dos dois países africanos (o outro era a Libéria) ainda não dominados pelos europeus. No ano seguinte, interveio na Guerra Civil Espanhola, enviando tropas em apoio às forças do general espanhol Francisco Franco (assunto abordado mais adiante).

Os princípios fascistas não ficaram, entretanto, restritos à Itália. Com a consolidação do governo de Mussolini, começaram a despontar ditaduras de extrema direita também em outros países da Europa, como Portugal, Hungria e Polônia. Este foi o contexto da ascensão do nazismo, em 1933, na Alemanha.

P Professor(a), veja no Procedimento Pedagógico deste capítulo uma sugestão de texto complementar que relaciona o contexto alemão após a Primeira Guerra Mundial com o surgimento do nazismo.

6 Ascensão do nazismo

Ao fim da Primeira Guerra Mundial, a Alemanha entrou em uma crise socioeconômica e política de grandes proporções: rebeliões armadas de grupos socialistas, que tentavam tomar o poder; a economia arrasada pelas multas impostas pelo Tratado de Versalhes; e uma das maiores inflações de todos os tempos. Além disso, havia um sentimento de humilhação e desonra decorrente dos duros termos do tratado de paz.

Nessas condições, em 1919, formou-se o Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães (que, em alemão, daria origem à expressão **nazista**), liderado pelo austríaco Adolf Hitler (1889-1945). Com orientação **ultranacionalista**, o Partido Nazista propunha a instauração de um governo capaz de unificar os alemães e recuperar a grandeza nacional. Suas fileiras eram compostas de comerciantes arruinados pela **crise pós-guerra**, desempregados, ex-militares, etc., que se organizavam em grupos paramilitares. As milícias nazistas alemãs eram conhecidas como SA, sigla em alemão para “tropas de assalto”. Além de reprimir violentamente os comunistas e os socialistas, as SA garantiam a segurança dos comícios nazistas.

Em novembro de 1923, Hitler, apoiado pelo Partido, tentou dar um golpe de Estado, fracassou e foi preso. Na cadeia, escreveu o livro *Mein Kampf* (Minha luta), no qual sistematizou a ideologia nazista. No livro, ele defendeu a suposta pureza e superioridade dos povos arianos – dos quais os alemães seriam descendentes – sobre judeus, eslavos, ciganos, negros e outros grupos étnicos. O livro alega ainda o direito dos alemães a um “espaço vital”, ou seja, um território na Europa que reunisse os povos germânicos em um só Império.

Hitler não obteve um apoio significativo inicialmente. Entretanto, a partir de 1930, o *crash* da Bolsa de Nova York e a Grande Depressão arruinaram a classe média, e milhões de trabalhadores alemães ficaram desempregados. Dessa maneira, a crise causou uma descrença generalizada nos princípios liberais. Com sua exaltação da “raça ariana”, Hitler parecia ser o líder predestinado, capaz de resgatar a “honra nacional” e de colocar a Alemanha outra vez entre as grandes potências. O Partido Nazista passou a crescer vertiginosamente.

Assim, entre 1930 e 1932, o número de deputados nazistas no Parlamento alemão aumentou de 170 para 230. No ano seguinte, o presidente da Alemanha, marechal Paul von Hindenburg, convidou Hitler para ocupar o cargo de **chanceler** (primeiro-ministro) de seu governo (Veja a seção *Eu também posso participar*, a seguir).

Com a nomeação de Hitler, os nazistas chegaram ao poder na Alemanha, dando início ao que consideravam o **Terceiro Reich alemão**. Após a morte do marechal Hindenburg, em agosto de 1934, Hitler unificou os cargos de chanceler e de presidente, adotando assim o título de *führer* (chefe).



“O golpe final”. Nesse cartaz da campanha eleitoral do Partido Nazista alemão para o pleito de 1933, fica clara a intenção de Hitler de como lidar com o Partido Católico e os comunistas.

FILME

Veja o filme ***O ovo da serpente***, de Ingmar Bergman. Alemanha/Estados Unidos, 1979. A história se passa em 1923, em Berlim, pouco antes de os nazistas chegarem ao poder. No filme, um trapezista estadunidense e sua cunhada viúva tentam sobreviver durante a recessão econômica e, sem querer, se empregam em uma clínica que faz estranhas experiências.

Terceiro Reich alemão: em português, *reich* significa império ou reino. Na história da Alemanha, o *Primeiro Reich* corresponde ao Sacro Império Romano-Germânico, entre 962 e 1806; e o *Segundo Reich*, ao que se formou com a unificação alemã, entre 1870 e 1918.



A importância do voto consciente

De certa maneira, pode-se dizer que o colapso da democracia na Alemanha começou nas eleições de 1932, quando os nazistas conquistaram: o controle de quatro governos estaduais, a maioria no *Reichstag* (Parlamento alemão), com 230 cadeiras, e 13 milhões de votos. Vitorioso nas eleições, no ano seguinte Hitler assumiria o controle total do país.

A rápida ascensão do nazismo nas urnas (e nos valores do povo alemão) revela quão importante é escolher bem um candidato nas eleições. O voto em candidatos ao Poder Executivo é um sinal de confiança em sua capacidade de dirigir corretamente a cidade, o estado ou o país. Por isso, é importante saber em quem confiar.

Infelizmente, em razão de uma série de denúncias de corrupção envolvendo políticos brasileiros, há um grande número de eleitores descredenciados do poder de seu voto e dispensam pouca atenção às propostas dos candidatos e aos programas de governo dos partidos políticos. Uma das maneiras de evitar a vitória de políticos pouco preocupados com a ética e com as questões públicas é se informar bem antes de digitar o número do candidato na urna eletrônica. Veja a seguir alguns aspectos importantes que devem ser considerados para votar de maneira consciente:

- Antes de escolher um candidato, pesquise seu passado. Saiba a que partidos ele já esteve filiado, se já ocupou algum cargo político, as causas que defendeu, as suas realizações etc.
- Conheça as propostas do candidato e analise, principalmente, se existem recursos e condições para que essas “promessas de campanha” sejam realizadas.
- Assegure-se de que o candidato é uma pessoa íntegra, que nunca renunciou a um cargo político para evitar cassação nem esteve envolvido em esquemas de corrupção. Informações a esse respeito podem ser encontradas, por exemplo, nos sites *Transparência Brasil* <www.transparencia.org.br/> e *Voto Consciente* <www.votoconsciente.org.br/>. Acesso em: 17 fev. 2016.

- Caso descubra que o seu candidato esteve envolvido em atos ilícitos ou antiéticos, ou ainda se não cumpriu promessas de campanha, avalie seriamente se ele merece sua confiança novamente.
- Nunca venda seu voto em troca de favores ou presentes. O candidato que faz uma proposta desse tipo está praticando um ato de corrupção. Denuncie essa prática à Justiça Eleitoral.
- Muita atenção nos debates políticos. Desconfie de candidatos que não respondem objetivamente às questões sobre assuntos polêmicos ou que se esquivam em sua resposta.
- Também é válido assistir a debates promovidos por diferentes canais de televisão e buscar informações sobre a campanha dos candidatos em meios de comunicação diversos e alternativos. Assim, evita-se o “filtro ideológico ou político” de uma única empresa de comunicação.
- Lembre-se de que em um regime democrático, o papel dos cidadãos vai além do voto. É direito e dever de todos exigir dos candidatos a realização das promessas de campanha e a prestação de contas de sua gestão. Sempre que julgar necessário, entre em contato com os políticos; muitos deles disponibilizam o telefone de seus gabinetes e seus endereços eletrônicos.



Participantes do Dia do Basta, no vão livre do Museu de Arte de São Paulo (Masp) em São Paulo, em 2013. O protesto pede transparência na política brasileira, voto aberto dos parlamentares e fim da corrupção.

Elio Rizzo/Futura Press

Perseguições nazistas e uso da propaganda

Ao assumir o poder, Hitler anulou a Constituição democrática de 1919, instituiu a censura, suspendeu os direitos e as garantias civis e instituiu o antissemitismo como política oficial do Estado. Membros da Gestapo (polícia secreta alemã) e das SS (tropa de elite nazista) passaram a perseguir, prender e torturar padres, ciganos, LGBTI, judeus, líderes sindicais, comunistas e opositores em geral. Alcoólatras e pessoas com deficiência eram internados à força e submetidos a cirurgias de esterilização.

Além do terror e da repressão, a propaganda ideológica nazista, sob os cuidados do ministro Joseph Goebbels (1897-1945), era transmitida por meio de documentários cinematográficos, programas de **rádio**, pôsteres e cartazes. Os comícios de Hitler, que reuniam milhares de pessoas, eram minuciosamente preparados para demonstrar a grandeza do *führer* e do povo alemão.

A doutrinação também envolvia as crianças na sala de aula. Desde pequenas, elas aprendiam a ter orgulho de pertencer à raça ariana, além de venerar e prestar obediência ao *führer*.

A popularidade do regime cresceu ainda mais com a recuperação econômica do país. Devido à intervenção do Estado, realizavam-se obras públicas, a indústria de armamentos foi impulsionada e o planejamento econômico renovado. Com a expansão do crédito, políticas fiscais e políticas específicas de investimento, além do acesso da população a bens de consumo duráveis, os impostos sobre muitos produtos foram reduzidos, visando estimular a indústria. O investimento em obras públicas, como a construção de estradas e a manutenção de edifícios, por sua vez, gerou um grande número de empregos. Grandes capitalistas internacionais e nacionais também ajudaram financeiramente o governo nazista.

Com o crescimento econômico e com o apoio da população, Hitler começou a violar as determinações do Tratado de Versalhes, assinado ao fim da Primeira Guerra Mundial: remilitarizou a Alemanha e colocou em prática uma política territorial expansionista. Abria caminho, assim, para a Segunda Guerra Mundial.

7 Totalitarismo soviético

Em dezembro de 1925, pouco mais de um ano depois da morte de Lenin, Josef Stalin assumiu oficialmente o comando da União Soviética. O novo líder centralizou cada vez mais o poder, aboliu os recursos democráticos dos soviets, suprimiu os direitos individuais, prendeu e assassinou seus opositores e criou um Estado totalitário de partido único – o **Partido Comunista da União Soviética (PCUS)** – rígido e burocrático.

Para modernizar o país e fazê-lo crescer economicamente, Stalin pôs em prática, a partir de 1928, os chamados **planos quinquenais**, que consistiam em programas de desenvolvimento baseados na planificação econômica estatizada.

O governo investiu na indústria de máquinas e equipamentos em detrimento da indústria de bens de consumo. Foram construídas siderúrgicas, indústrias químicas e petrolíferas, fábricas de tratores e de equipamentos agrícolas. No campo, foi aplicada uma política de **coletivização forçada**, com a estatização das propriedades rurais, transformadas em imensas fazendas coletivas (*soukhoses*) e grandes cooperativas (*kolkhoses*).

FILME

Veja o filme ***A era do rádio***, de Woody Allen. Estados Unidos, 1987. No filme, o garoto Joe Needleman, de apenas 10 anos, mistura as histórias fantásticas que ouviu no rádio sobre guerras sangrentas e mulheres famosas com sonhos de aventuras, como o dia em que ele verá os espíões inimigos: os submarinos alemães.

Repressão e tortura

O governo promoveu ainda uma reforma educacional que praticamente acabou com o analfabetismo no país. Os sistemas de transporte, habitação e saúde tornaram-se acessíveis à população.

Contudo, os direitos individuais e coletivos foram praticamente extintos, as greves proibidas e o terror de Estado transformado em um dos fatores da vida soviética. A polícia secreta perseguiu os opositores do regime e até mesmo antigos aliados. Entre 1936 e 1938, mais de cinco milhões de soviéticos foram detidos; muitos acabaram executados.

Os camponeses que reagiram à coletivização forçada foram igualmente presos e assassinados. Cerca de 11 milhões dessas pessoas acabaram deportadas. Muitos foram enviados para os *gulags*, campos de trabalhos forçados criados em todo o país para abrigar os opositores do regime.

O stalinismo também silenciou uma geração extremamente criativa de intelectuais e artistas, como o cineasta Sergei Eisenstein (1898-1948) e a poeta Anna Akhmatova (1889-1966). Desiludidos com o stalinismo e atormentados pela polícia secreta, muitos se suicidaram, como foi o caso do poeta Vladimir Maiakovski (1893-1930).

Controlada pelo governo, a imprensa tornou-se mera propagandista do regime. Graças a ela e aos departamentos de propaganda do Estado, Stalin era cultuado por meio de paradas militares e imensos retratos em todas as regiões do país. Com ele, o sonho de uma sociedade igualitária e democrática dos primeiros socialistas se transformou no pesadelo de um Estado policial ferreamente controlado pela liderança do Partido Comunista.



Donald Weber/VIIICorbis/Latinstock

Gulag de Vorkuta, um campo de trabalhos forçados soviético, em foto de 2008. Para os *gulags* eram enviados (e, muitas vezes, assassinados) os opositores do regime. O complexo de Vorkuta foi um dos maiores assentamentos soviéticos. Hoje a região é povoada por descendentes dos antigos prisioneiros e funcionários da prisão.

8 Guerra Civil Espanhola

Entre 1923 e 1930, a Espanha esteve sob uma ditadura militar de inspiração fascista liderada por Primo de Rivera, que assumiu o poder com o aval do rei Alfonso XIII. Em 1931, ocorreram eleições para uma Assembleia Constituinte. Unidos, anarquistas, comunistas e socialistas conquistaram cerca de 70 por cento dos votos. O rei renunciou ao trono e, em abril de 1931, a Assembleia proclamou a República.

Como afirma o historiador Josep Buades, surgia uma Espanha democrática, modernizadora e igualitária. Os novos governantes puseram em prática uma série de mudanças: promoveram a separação da Igreja e do Estado – o que desagradou a muitos cristãos – e implantaram as reformas educacional, trabalhista e agrária – desagradando as elites espanholas, que temiam uma revolução de esquerda no país.

A Espanha dividiu-se em dois grupos antagônicos. De um lado, a **Frente Popular** (esquerda) reunia setores democráticos republicanos e grupos de esquerda apoiados pelos trabalhadores e por uma parte da classe média. Do outro, a **Falange** (direita), de tendência fascista, agrupava militares, grandes proprietários de terra e representantes da Igreja e da burguesia urbana.

Golpe de Estado e franquismo

A direita venceu as eleições de 1933 e procurou anular todas as leis aprovadas a partir de 1931. Três anos depois, em 1936, a esquerda conquistou a maioria de votos e voltou ao poder. O novo governo concedeu anistia aos presos políticos, aumentou o salário dos trabalhadores e retomou o processo de reforma agrária. A polarização política na Espanha atingiu seu ponto culminante.

O assassinato de um líder monarquista por atiradores de esquerda serviu de estopim para um levante armado contra o governo. Em julho de 1936, tropas espanholas lideradas pelo general Francisco **Franco** (1892-1975), ligado à Falange, se rebelaram no Marrocos, que era uma colônia espanhola na África. Tinha início, assim, a Guerra Civil Espanhola, que dividiu o território espanhol (Veja o mapa a seguir).

Os militares acreditavam que teriam uma vitória rápida, mas foram surpreendidos pela forte resistência da população, que se armou e montou barricadas nas ruas de várias cidades espanholas.

FILME

Veja o filme *O labirinto do fauno*, de Guillermo del Toro. Espanha/México/Estados Unidos, 2006. A história se passa em 1944 e narra as aventuras fantásticas de Ofélia, uma garota de 13 anos que cria em sua imaginação um reino mágico para superar a crueldade do mundo do padrasto, um militar franquista.

A divisão da Espanha (julho de 1936)



Adaptado de: HISTÓRIA Viva, n. 70. São Paulo: Duetto, 2009. p. 35.



A barbárie nazifascista, segundo Picasso

Em abril de 1937, a pequena cidade de Guernica, no norte da Espanha, foi alvo de um intenso bombardeio a serviço do general Francisco Franco: foram lançadas mais de 2,5 mil bombas incendiárias sobre a cidade. Guernica ficou em ruínas; 1 600 pessoas morreram e cerca de noventa e cinco ficaram feridas.

A destruição da cidade levou o artista espanhol Pablo Picasso – que na época vivia em Paris – a pintar *Guernica*, reproduzida abaixo. Com 7,81 metros de largura e 3,5 metros de altura, a tela, pintada em preto, branco e nuances de cinza, é um libelo contra a barbárie nazifascista e contra a desumanização das pessoas causada pela guerra.

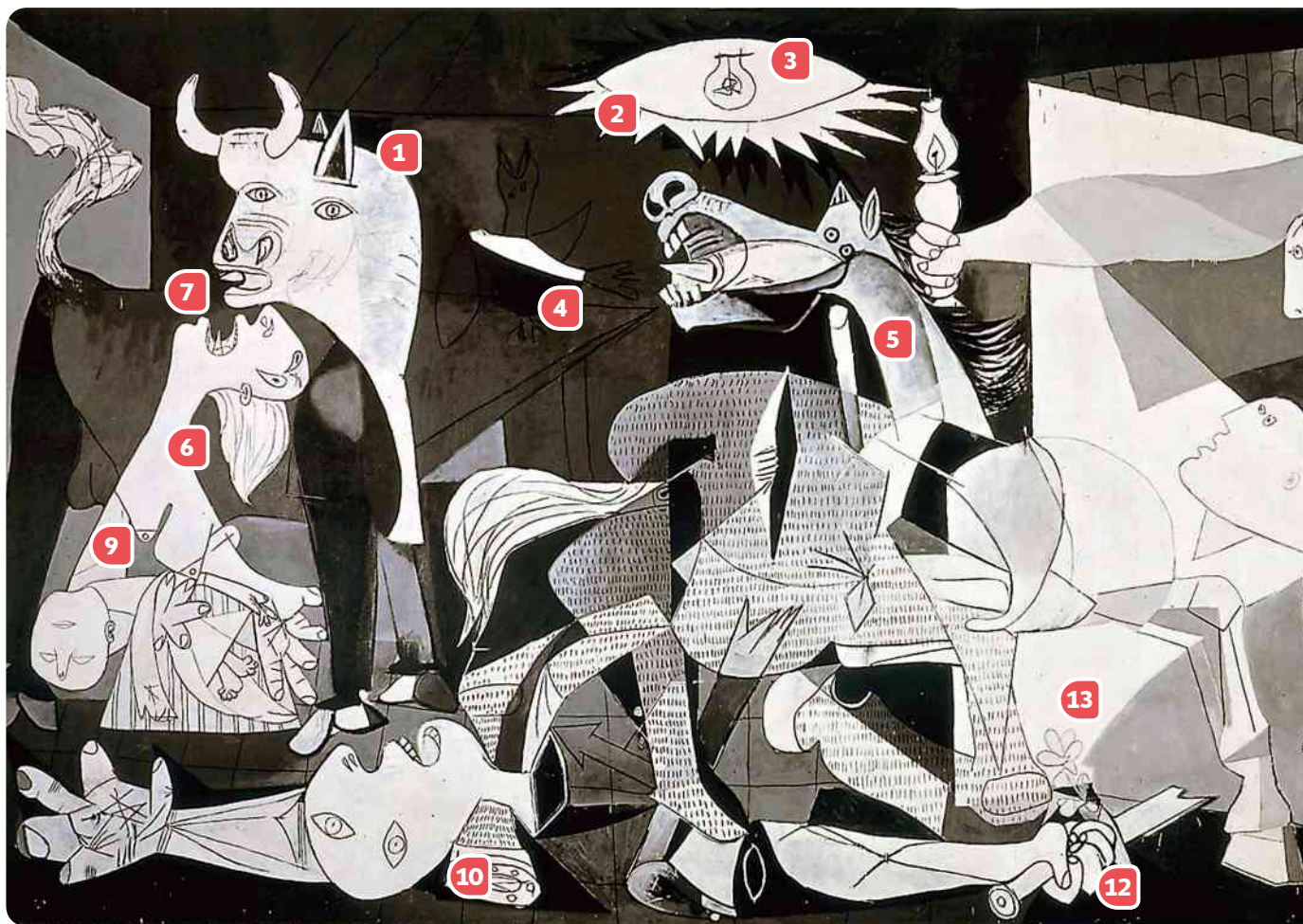
Por décadas a tela permaneceu fora da Espanha atendendo a um desejo de Picasso: *Guernica*

só poderia ir para a Espanha quando a democracia voltasse a vigorar no país. Isso só ocorreria em 1975, após a morte do general Franco. Em 1981, *Guernica* chegou a Madri, onde se encontra até hoje, no Museu Rainha Sofia.

O quadro não deve ser visto como uma crônica dos acontecimentos reais, mas como uma representação pictórica da Guerra Civil Espanhola. Não há nele uma narrativa cronológica (de começo, meio e fim); o que prevalece é a ideia de simultaneidade: tudo ocorre ao mesmo tempo. Veja a seguir algumas das principais características da obra.

- 1 O touro (e sua associação com o Minotauro) é uma figura recorrente na obra de Picasso. É também o símbolo da Espanha.

Pablo Picasso/Museu Nacional Centro de Arte Rainha Sofia, Madri.



Guernica, óleo sobre tela de 1937, do pintor espanhol Pablo Picasso.

- 2 Esta luz simboliza a razão, a inteligência, a vida, a liberdade, uma tentativa de instaurar a ordem no meio do caos. É uma metáfora da energia física e espiritual.
- 3 A lâmpada, que ilumina toda a tela, parece observar a cena de forma onisciente: aparece como símbolo do olho divino, como uma testemunha muda dos acontecimentos.
- 4 A pomba, símbolo da paz, aparece ferida. Trata-se de uma metáfora do triunfo da violência.
- 5 O cavalo atingido por uma lança e com uma grande ferida aberta simboliza o povo espanhol, que agoniza na guerra.
- 6 As mulheres e o cavalo olham em direção à figura do touro. Dessa maneira, Picasso conduz o olhar do observador da obra da direita para a esquerda, contrariando as convenções tradicionais de que a



leitura da imagem se faz da esquerda para a direita (no mundo ocidental).

- 7 As bocas abertas dos personagens, representando o grito de dor e de pânico das vítimas, tornam o quadro quase sonoro e ainda mais dramático.
- 8 Os braços e pescoços alongados e as torções de corpos desarticulados dão movimento à cena.
- 9 A mulher com a criança morta representa todo o sofrimento da guerra. Segundo alguns autores, a posição de ambos remete à escultura *Pietà*, de Michelângelo.
- 10 O guerreiro morto, com a cabeça decepada, tendo na mão uma lança quebrada, pode ser visto como uma metáfora da violência destrutiva da agressão nazifascista.
- 11 Este personagem reforça a ideia da morte de inocentes na Guerra Civil Espanhola ao fazer um diálogo com o quadro *Os fuzilamentos de 3 de maio de 1808*, de Francisco de Goya. O personagem central da pintura de Goya, que simboliza o assassinato de inocentes, foi representado com os braços para o alto, gesto repetido por Picasso em *Guernica*.



Francisco de Goya Y Lucientes/
Museo del Prado, Madrid.

Os fuzilamentos de 3 de maio de 1808, óleo sobre tela de Francisco de Goya, 1814.

- 12 Apesar de morto, o guerreiro não soltou a lança, simbolizando, dessa maneira, a resistência do povo espanhol contra os franquistas.
- 13 Em meio a tanta tragédia, uma flor aparece na região central do quadro, como um símbolo da esperança de dias melhores.

PLAZA, Julio. Análise da pintura *Guernica*. Disponível em: <<http://hrenatoh.net/curso/textos/analisesemioticaguernica.pdf>>. Acesso em: 18 fev. 2016; CUMMING, Robert. *Para entender a arte*. São Paulo: Ática, 2000. p. 98-99; HENSBERGEN, Gijs van. *Guernica: a história de um ícone do século XX*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2009.

Ajuda internacional e vitória falangista

Desobediência civil:

forma de protesto que consiste em violar deliberadamente a lei sem fazer uso de violência. O objetivo é chamar a atenção para uma lei injusta ou para uma causa justa, apelar para a consciência da população e forçar as autoridades a negociar ou a reconhecer sua exigência como legítima. Trata-se de um ato político não violento, que pretende uma mudança nas leis ou na política.

Ao perceberem que a resistência republicana seria longa, os militares recorreram ao auxílio externo. Com isso, a guerra na Espanha ganhou dimensões internacionais. Os governos da Itália e da Alemanha enviaram soldados, armas, munições, tanques e veículos blindados em apoio às tropas franquistas. O governo de Portugal, que se encontrava sob a ditadura de Antônio Salazar, enviou 13 mil soldados para enfrentar os republicanos, enquanto empresas dos Estados Unidos forneceram armamentos, caminhões e principalmente petróleo às forças do general Franco.

O governo da União Soviética, por sua vez, colaborou com os republicanos, fornecendo-lhes armas, munições, aviões, veículos de guerra e encaminhando-lhes especialistas em armamentos e combates. Além disso, aproximadamente 50 mil voluntários vindos de 53 países formaram as **Brigadas Internacionais** e lutaram contra os falangistas.

Apesar de contar com a simpatia dos intelectuais, o governo republicano espanhol não conseguiu o apoio das democracias europeias e do governo dos Estados Unidos, que preferiram adotar uma política de não intervenção. Para agravar a situação, a partir de 1938 o governo soviético reduziu cada vez mais sua presença no conflito, o que enfraqueceu significativamente a força dos republicanos. A guerra terminou em 1939, deixando um saldo de um milhão de mortos. Os falangistas venceram, e Franco assumiu o poder como ditador, que foi mantido até sua morte, em 1975.

O escritor e jornalista estadunidense Ernest Hemingway foi correspondente durante a Guerra Civil Espanhola e lutou ao lado dos rebeldes. Nessa foto de 1937, na Espanha, um grupo de correspondentes se reúne em uma trincheira. Hemingway é o homem de bigode e óculos.



Hulton-Deutsch Collection/Corbis/L. einestock



ENQUANTO ISSO...

Gandhi e a desobediência civil

Na mesma época em que tinha início a Grande Depressão nos Estados Unidos e na Europa ocidental, se iniciava na Índia uma nova fase para os movimentos de libertação do jugo colonial inglês. Em 1930, o líder Mahatma Gandhi iniciou uma campanha de **desobediência civil** com um gesto que ganhou repercussão em todo o mundo. Gandhi inspirou-se nas obras de Leon Tolstói, Henry Thoreau e John Ruskin para propor sua vitoriosa campanha de desobediência civil na Índia. Hoje, ele é considerado, assim como Martin Luther King, um dos principais formuladores dos princípios da desobediência civil.

No dia 12 de março de 1930, à frente de um grupo de oitenta pessoas, Gandhi saiu de Ahma-

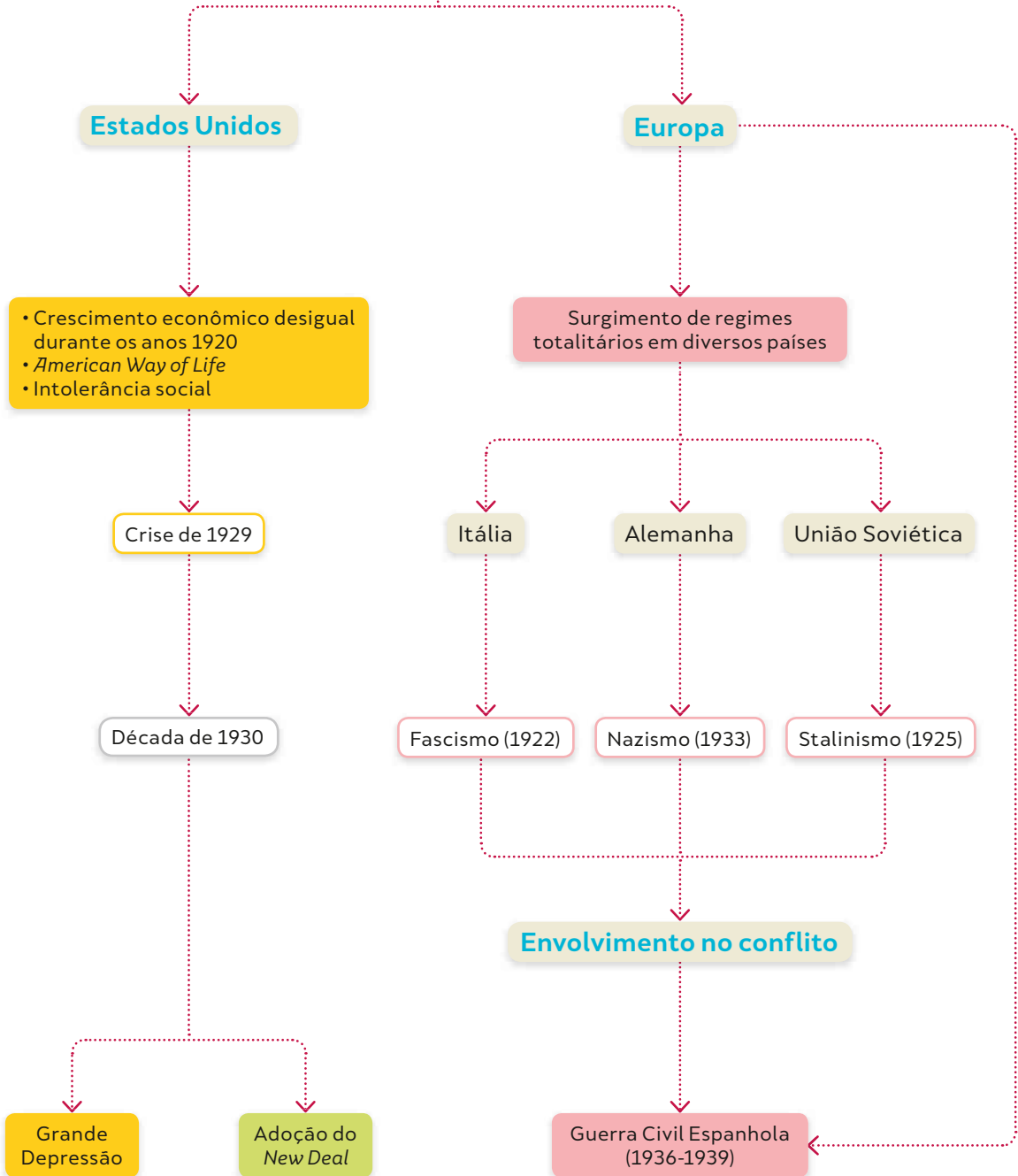
dabad, onde morava, e caminhou 400 quilômetros até Dandi, na costa oeste do país, aonde chegou no dia 6 de abril. Dirigindo-se ao mar, recolheu o sal que secara na areia. Fazer isso era proibido, pois havia uma lei que dava à Inglaterra o monopólio sobre a produção e o comércio do sal.

O governo britânico tentou ignorar o ato, mas não conseguiu conter a onda de protestos que se seguiu ao gesto de Gandhi: piquetes, passeatas, assaltos às salinas. Cerca de 60 mil pessoas foram presas, entre elas o próprio Gandhi. Momentaneamente derrotado, o movimento de desobediência civil não violenta logo ressurgiria sob a liderança de Gandhi, culminando na independência da Índia, em 1947.



ESQUEMA-RESUMO

O período entreguerras e a ascensão do totalitarismo



- Com base na observação do esquema-resumo, bem como em seus conhecimentos, explique de que maneira o período entreguerras (1919-1939) foi afetado por crises econômicas e políticas e como isso originou regimes totalitários em diversas regiões da Europa.



ATIVIDADES

ORGANIZANDO AS IDEIAS



- 1 Na história das sociedades humanas, houve diversos tipos de Estados tirânicos e autoritários, baseados na excessiva centralização do poder e no controle sobre a sociedade. O totalitarismo foi uma dessas expressões. Defina suas características centrais.
- 2 Explique como os fascistas chegaram ao poder em 1922 na Itália e descreva as medidas adotadas por Mussolini para centralizar gradativamente o poder fascista sobre a sociedade italiana.
- 3 A sociedade alemã atravessou uma grave crise política, social e econômica entre 1919 e 1933. Defina as linhas gerais dessa crise e explique sua relação com o surgimento do nazismo alemão.
- 4 Explique quais foram as principais medidas políticas e econômicas tomadas por Hitler à frente do Estado alemão a partir do momento em que ele se tornou o *führer* alemão.
- 5 Pode-se dizer que o governo de Stalin transformou o sonho dos socialistas de uma sociedade igualitária e democrática no pesadelo do Estado policial controlado pela liderança do Partido Comunista. Explique essa afirmação, com base na estrutura de governo de Stalin, na URSS.
- 6 A Guerra Civil Espanhola começou em 1936 e se estendeu por três anos, deixando um saldo de 1 milhão de mortos. Explique por que essa guerra foi deflagrada e aponte razões que expliquem suas dimensões internacionais.

INTERPRETANDO DOCUMENTOS: TEXTO E IMAGEM



- 1 O trecho do texto a seguir foi escrito pela filósofa alemã e judia Hannah Arendt, em 1945. Nele, a autora reflete sobre o que levou a população comum, que ela ilustra na figura do pai de família, a apoiar o regime nazista. Leia atentamente o trecho e, em seguida, responda ao que se pede.

Estávamos tão acostumados a admirar ou ridicularizar levemente o bondoso interesse e a séria dedicação do pai de família ao bem-estar de seus entes queridos, sua determinação solene de facilitar a vida para a esposa e os filhos, que quase nem percebemos que esse devotado [pai de família], preocupado principalmente com sua segurança, se transformou, sob a pressão das condições econômicas caóticas de nossos tempos, num aventureiro involuntário que, apesar de todo o seu cuidado e dedicação, nunca pode ter certeza do que lhe trará o dia seguinte.[...] Ficou evidente que esse tipo de homem, para defender sua aposentadoria, o seguro de vida, a segurança da esposa e dos filhos, se disporia a sacrificar suas convicções, sua honra e sua dignidade humana. Foi necessário apenas que o gênio satânico de **Himmler** descobrisse que, após essa degradação, ele estava totalmente preparado para fazer qualquer coisa depois de entregar o que tinha, e era a pura existência da família que estava sob ameaça.

ARENDR, Hannah. *Compreender: formação, exílio e totalitarismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008. p. 157.

Himmler: Heinrich Luitpold Himmler (1900-1945) foi um dos principais líderes políticos do Partido Nazista e comandante militar da SS.

- a) De que forma Hannah Arendt justifica o apoio da população comum ao regime nazista?
- b) A autora menciona as “condições econômicas caóticas de nossos tempos”. Que condições seriam essas?
- c) Em suas reflexões, Hannah Arendt estava preocupada com o problema da responsabilidade dos indivíduos que permitiram a formação do regime nazista. Pode-se dizer que a filósofa considera que a população comum tinha sua dose de responsabilidade pelas ações adotadas pelo governo nazista. Você concorda com essa posição? Justifique sua resposta.

- 2 Observe as duas imagens a seguir. São fotografias produzidas pelo regime nazista em 1937 e 1939, respectivamente. As imagens mostram pessoas que participavam da organização nazista Liga das Moças Alemãs. A partir da análise das imagens, responda ao que se pede.



Jovens alemãs treinam em centro esportivo do governo nazista. Foto de 1939.



Crianças da Juventude Hitlerista apresentam-se com cães pastores em Berlim, Alemanha. Foto de 1937.

- Que atividades as crianças e adolescentes representadas nas imagens estão desempenhando?
- As duas fotografias eram exemplos de propaganda nazista. Por que era importante para o regime disseminar propaganda utilizando adolescentes? Qual é a associação entre essa importância e as atividades desempenhadas nas imagens?
- Um elemento que pode ser destacado nas imagens é que a participação de jovens era importante para que o Partido Nazista se sustentasse no poder. Com base nisso, que tipo de postura os jovens podem adotar no presente para **fortalecer a democracia** e evitar a colaboração com regimes ou grupos políticos que defendam medidas autoritárias ou antidemocráticas?

TESTE SEU CONHECIMENTO

- (FGV-SP) O *New Deal* caracterizou-se por um conjunto de medidas econômicas que visavam:
 - superar a crise econômica da década de 1920 com medidas liberais que dessem maior autonomia à dinâmica dos mercados internacionais.
 - estabelecer acordos entre patrões e operários com o objetivo de redistribuir rendas e permitir experiências de cogestão administrativa.
 - diminuir o consumo e estimular a recessão econômica como forma de diminuir os altos índices de inflação registrados na década de 1920.
 - reformular a economia soviética planificada duramente afetada pela crise econômica registrada a partir de 1929.
 - garantir mais empregos através da intervenção do Estado na economia, sobretudo através do financiamento de obras públicas.

2 (Cefet-MG) A propaganda política do nazismo concretizou-se também na arquitetura, que foi utilizada de forma ideológica. Essa ação

- a) valorizou o conhecimento artesanal popular, apoiando obras de ações comunitárias.
- b) reforçou o sentimento de unidade e orgulho nacional, construindo monumentos grandiosos.
- c) cultivou no povo o amor à arte moderna, patrocinando projetos revolucionários de artistas nacionais.
- d) demonstrou a competência e a engenhosidade alemãs, solucionando os problemas das moradias populares.
- e) expressou a grandeza do regime e a memória heroica de seu povo, desprezando o passado clássico grecoromano.

3 (UTFPR) O Fascismo se configurou no século XX a partir da crise que a sociedade capitalista viveu após a Primeira Guerra Mundial. O Nazismo foi o regime fascista totalitário mais intenso, pregava a raça pura e a eliminação sistemática de outros povos. Estas ideias, porém nasceram em séculos anteriores. Germes das ideias nazistas podem ser apontados em correntes de pensamento como:

- a) o determinismo biológico que explicava as diferenças entre os povos pelas características raciais.
- b) o evolucionismo que explicava a superioridade da raça europeia.
- c) a teoria da cultura que confirmava a superioridade da população europeia.
- d) o Fascismo presente no Imperialismo do século XIX.
- e) o Franquismo nascido na Espanha que visava eliminar a população basca.

4 (Enem)

As Brigadas Internacionais foram unidades de combatentes formadas por voluntários de 53 nacionalidades dispostos a lutar em defesa da República espanhola. Estima-se que cerca de 60 mil cidadãos

de várias partes do mundo – incluindo 40 brasileiros – tenham se incorporado a essas unidades. Apesar de coordenadas pelos comunistas, as Brigadas contaram com membros socialistas, liberais e de outras correntes político-ideológicas.

SOUZA, I. I. A Guerra Civil Europeia. *História Viva*, n. 70, 2009 (fragmento).

A Guerra Civil Espanhola expressou as disputas em curso na Europa na década de 1930. A perspectiva política comum que promoveu a mobilização descrita foi o(a):

- a) crítica ao stalinismo.
- b) combate ao fascismo.
- c) rejeição ao federalismo.
- d) apoio ao corporativismo.
- e) adesão ao anarquismo.

5 (Enem) Os regimes totalitários da primeira metade do século XX apoiaram-se fortemente na mobilização da juventude em torno da defesa de ideias grandiosas para o futuro da nação. Nesses projetos, os jovens deveriam entender que só havia uma pessoa digna de ser amada e obedecida, que era o líder. Tais movimentos sociais juvenis contribuíram para a implantação e a sustentação do nazismo, na Alemanha, e do fascismo, na Itália, Espanha e Portugal.

A atuação desses movimentos juvenis caracterizava-se

- a) pelo sectarismo e pela forma violenta e radical com que enfrentavam os opositores ao regime.
- b) pelas propostas de conscientização da população acerca dos seus direitos como cidadãos.
- c) pela promoção de um modo de vida saudável, que mostrava os jovens como exemplos a seguir.
- d) pelo diálogo, ao organizar debates que opunham jovens idealistas e velhas lideranças conservadoras.
- e) pelos métodos políticos populistas e pela organização de comícios multitudinários.

HORA DE REFLETIR



- A publicidade foi amplamente utilizada para divulgar a ideologia dos regimes totalitários. Atualmente, estudos analisam o impacto das estratégias de *marketing* no resultado das eleições. Em sua opinião, os eleitores votam com base em suas convicções políticas e ideológicas ou suas posições são realmente influenciadas pelo *marketing* político? As propostas dos candidatos se baseiam em suas próprias ideias ou no que eles acham que o eleitor gostaria de ouvir? Como o eleitor pode conhecer, de fato, o que está por trás das propostas dos candidatos?

Depois de responder individualmente às perguntas, junte-se a seu grupo de colegas e aborde o assunto com eles na forma de panfleto a ser distribuído a possíveis eleitores em época de campanha eleitoral. Elabore o material com um texto curto, mas também utilize imagens para reforçar a mensagem elaborada.



MINHA BIBLIOTECA

PARA NAVEGAR

Nazi and East German Propaganda. Site (em inglês) com conteúdo variado sobre o material de propaganda do regime nazista. Disponível em: <www.calvin.edu/academic/cas/gpa/>. Acesso em: 18 fev. 2016.

Punch. Página (em inglês) de uma revista de humor que circulou na Inglaterra entre 1841 e 2002. No *link* selecionado, mais de duas centenas de charges a respeito do comunismo e do fascismo na Europa. Disponível em: <<http://punch.photoshelter.com/gallery/-/G00002FEZ1ZL9wMY/1>>. Acesso em: 18 fev. 2016.

PARA LER

A morte do caixeiro-viajante (peça de teatro), de Arthur Miller, Companhia das Letras. A peça conta a história de Willy Loman, um vendedor que, ao chegar à velhice, percebe o fracasso de sua vida, apesar de todos os sonhos de grandeza. A relação com o filho Biff, para quem ele transfere suas expectativas, é um dos conflitos principais da peça.

As vinhas da ira, de John Steinbeck. Best Bolso. Trata-se da história de uma família, na época da Grande Depressão, que é expulsa de suas terras e tem que trabalhar como boias-frias (empregados temporários) para sobreviver, enfrentando a pobreza e diversas privações. O filme homônimo baseado no livro, de direção de John Ford (Estados Unidos, Vintage Films, 1940, 129 min.), é considerado um clássico.

Poesia russa moderna. Perspectiva. Trata-se de uma antologia, considerada clássica, com poemas russos desde o Simbolismo até as tendências contemporâneas. A tradução foi feita pelos irmãos Augusto e Haroldo de Campos, também poetas, e por Boris Schnaiderman, que conseguiram captar a palavra e o som da poesia russa.

Por quem os sinos dobram, de Ernest Hemingway. Bertrand Brasil. A história se passa durante a Guerra Civil Espanhola e narra alguns dias da vida de Robert Jordan, um estadunidense que se envolve no conflito pelas Brigadas Internacionais, ao lado do governo democrático e republicano. O filme homônimo conta com excelentes críticas às atuações de Gary Cooper e Ingrid Bergman (direção de Sam Wood. Estados Unidos, Paramount/Universal, 1943, 159 min.).

Os fuzis da senhora Carrar (peça de teatro), de Bertolt Brecht. Paz e Terra. A peça foi escrita em 1937 e narra a história de Tereza Carrar, que, depois perder o marido na Guerra Civil Espanhola, tenta impedir que o filho mais velho também se envolva no conflito.



Cena de *Os fuzis da senhora Carrar*, encenada em Recife, em 2010.

Val Lima/Acervo pessoal

O livro *O diário de Anne Frank* inspira milhões de pessoas no mundo inteiro a lutar contra a opressão antisemita.

A obra é um relato de Anne Frank sobre os horrores que ela, sua família e outros judeus enfrentaram enquanto viviam escondidos dos nazistas em um “anexo” de um escritório em Amsterdã, na Holanda.

Anne e os ocupantes desse esconderijo foram descobertos, e presos pelos nazistas em 1944 e levados para campos de concentração espalhados por toda a Europa. Foi em um desses locais que Anne Frank morreu aos 15 anos, em 1945. Seu pai foi o único sobrevivente entre os ocupantes do esconderijo.

O regime nazista alemão promoveu uma intensa perseguição a judeus e a outras minorias (como ciganos, homossexuais e deficientes) e foi responsável pelo extermínio de milhões de pessoas na Europa, durante a Segunda Guerra (1939-1945). Esse confronto envolveu países dos cinco continentes e deixou pelo menos 50 milhões de mortos, como veremos neste capítulo.

A casa onde viveu Anne Frank, em Amsterdã (os dois prédios ao centro) foi reformada e hoje é um museu dedicado a ela. Foto de 2013.

OBJETIVOS DO CAPÍTULO

- Assimilar o contexto político e econômico da Alemanha antes do início da Segunda Guerra Mundial.
- Relacionar a Guerra à política expansionista da Alemanha sob o comando de Hitler e às reações que esta causou nos outros países envolvidos no conflito.
- Compreender o desenrolar da Segunda Guerra Mundial, reconhecendo a formação dos países em blocos.
- Reconhecer as formas de luta e resistência contra o nazismo na Alemanha e em outros países.



Peter Horree/Alamy Stock Photo/Latinstock

1 O mundo entreguerras

Em razão do impacto provocado nas nações envolvidas na Primeira Guerra Mundial (1914-1918), acreditava-se que um confronto bélico de proporções gigantescas como aquele não se repetiria. Entretanto, após o fim do conflito, a situação política, social e econômica de diversos países se tornou muito problemática.

Os vários tratados de paz alteraram os limites territoriais de algumas nações e novos países surgiram da fragmentação de antigas potências. Alguns povos e etnias até então unidos foram separados arbitrariamente pelas novas divisões políticas internacionais. Estados se sentiram prejudicados ou espoliados de seus territórios, historicamente construídos.

Quando os países europeus apenas começavam a se reestruturar economicamente, após o fim da Primeira Guerra Mundial, a queda da Bolsa de Nova York (1929) provocou uma crise econômica ainda mais grave. A crise se alastrou pelo mundo e atingiu a maioria das nações durante os anos 1930, deixando um quarto da população mundial sem trabalho.

De modo geral, o precário equilíbrio político entre as nações depois da Primeira Guerra era garantido por três blocos de nações com algumas afinidades político-ideológicas. No primeiro grupo estavam os países capitalistas com regimes totalitários ou autoritários, como Itália, Alemanha, Polônia, Áustria, Espanha, Grécia e Turquia. No segundo, estavam as democracias liberais, alinhadas com Inglaterra, França e Estados Unidos. O terceiro grupo era formado basicamente pela União Soviética, país socialista totalitário e politicamente isolado do restante da Europa.



Adaptado de: DUBY, Georges. *Grand atlas historique*. Paris: Larousse, 2006.

Políticas expansionistas

Para fazer valer seus interesses mais imediatos, países de orientações antagônicas estabeleciam entre si acordos político-econômicos e pactos de não agressão bélica. Assim, foram assinados tratados entre a Inglaterra e a Alemanha nazista e entre a França e a União Soviética. Em 1936, os governos da Alemanha nazista e da Itália fascista firmaram um acordo de amizade, o **Eixo Roma-Berlim**. No mesmo ano, alemães e japoneses assinaram o **Pacto Anti-Komintern**, de combate ao comunismo, cuja ação era orientada pelo combate à Internacional Comunista (ou Komintern, com sede em Moscou). Na prática, o acordo se traduzia em uma postura ofensiva dos dois países em relação à União Soviética.

Ao longo da década de 1930, ações expansionistas foram realizadas por vários países, buscando aumentar o seu domínio político e econômico, com a criação de novos mercados consumidores e fontes de matérias-primas. Em 1931, tropas do Império Japonês ocuparam a Manchúria, que pertencia à China. Em 1937, os japoneses lançaram uma ofensiva militar diretamente contra a China.

Em 1936, o exército italiano ocupou a Etiópia e, em 1939, invadiu a Albânia. Hitler, por sua vez, violando o Tratado de Versalhes, reorganizou o exército e a indústria bélica alemã e, em 1936, ordenou a ocupação da Renânia, região entre a França e a Alemanha. Em 1938, a Áustria também seria anexada ao território alemão. A Tchecoslováquia foi invadida aos poucos: em 1938, foi feita a ocupação da região dos Sudetos e, em 1939, da Boêmia e da Morávia. (Veja abaixo o mapa da expansão alemã.)

Em fins de agosto, os governos da Alemanha e da União Soviética assinaram um acordo de não agressão: o **Pacto Ribentrop-Molotov** – o que causou a renúncia do Japão ao Pacto Anti-Komintern. Em setembro de 1939, os alemães invadiram a Polônia, provocando uma resposta dos governos da Inglaterra e da França, que declararam guerra ao governo alemão. Começava a Segunda Guerra Mundial (veja a seção *Eu também posso participar*, na página 102).



Adaptado de: WORLD History Atlas: Mapping the Human Journey. London: Dorling Kindersley, 2005.

2 A maior de todas as guerras

Logo no início da guerra, a Alemanha demonstrou um poderio bélico insuperável. Utilizando uma grande força aérea – a Luftwaffe – e empregando a estratégia de ataques-surpresa – **blitzkrieg** –, em poucos meses as tropas alemãs conquistaram diversos países do continente europeu: Noruega, Dinamarca, Luxemburgo, Bélgica e Holanda.

Em meados de 1940, os alemães ocuparam a França, que foi dividida em duas partes: o norte, incluindo Paris, diretamente sob o controle alemão; e o sul, com capital na cidade de Vichy, governada por franceses pró-nazistas, os chamados **colaboracionistas** (veja o boxe *Resistência*, a seguir).

Mussolini, percebendo o sucesso nazista, abandonou a neutralidade e, em junho de 1940, a Itália entrou no conflito ao lado dos alemães. No mesmo ano, o **Eixo** Roma-Berlim ganhou a adesão do Japão.

Disposto a dominar toda a Europa, Hitler lançou-se contra a Inglaterra que, após a ocupação da França, estava isolada. A partir de agosto de 1940, os alemães bombardearam o território britânico de modo sistemático, principalmente a capital, Londres.

Com a resistência inglesa, os alemães se voltaram para outras regiões, como o Mediterrâneo, os Bálcãs e o norte da África. No início de 1941, eles já haviam conquistado a Grécia, a Iugoslávia e a Albânia, e estabelecido Estados-satélites – ou governos-fantoches, que estavam sob o domínio político ou ideológico de outra potência – na Romênia, na Bulgária e na Hungria.

Resistência

Resistência é o nome dos grupos civis que lutaram contra os nazifascistas durante a Segunda Guerra Mundial. Esses grupos surgiram por toda a Europa e eram formados por operários, membros da aristocracia, do exército, da administração pública, eclesiásticos, intelectuais, etc. Eles realizavam vários tipos de **ação**, desde ataques com armas até ações de espionagem.

Na França, o líder da Resistência era o general Charles de Gaulle, que estava exilado na Inglaterra. De lá, ele enviava instruções a seus compatriotas da Resistência por intermédio da rádio BBC de Londres.

Na Alemanha, a resistência contra o regime nazista assumiu diversas formas. Os exemplos mais comuns eram pessoas que praticavam atos de desobediência civil, participando de missas e procissões proibidas pelo regime; enquanto outras escondiam judeus em suas residências ou os ajudavam a fugir do país.

A Resistência alemã também fazia boicote ao recrutamento militar e se organizava em grupos de denúncia. Por meio de **panfletos**, seus integrantes publicavam os horrores da guerra, que o Partido escondia da população – incluindo o extermínio dos judeus –, e as arbitrariedades do regime. Além disso, foram organizados atentados contra a vida de Hitler e de seus aliados.

Blitzkrieg: termo alemão que significa ‘guerra-relâmpago’. A tática militar, empregada pelos alemães durante a Segunda Guerra Mundial, consistia no emprego coordenado da infantaria, dos tanques e da aviação em ataques fulminantes.

FILMES

Veja o filme **Um ato de liberdade**, de Edward Zwick, 2008. O filme, baseado em fatos reais, conta a história de três irmãos que se refugiam numa floresta para escapar da guerra e conseguem não apenas sobreviver, mas também salvar centenas de pessoas.

Veja o filme **Uma mulher contra Hitler**, de Marc Rothemund, 2005. Em 1943, em Munique, os irmãos Sophie e Hans Scholl são membros de uma organização que luta contra o nazismo. Quando eles são pegos pela Gestapo e interrogados, Sophie tenta manter vivos seus ideais e, ao mesmo tempo, proteger os outros membros da organização.



Cornell Capar/Magnum Photos/Latinstock

Na França, grande número de homens e mulheres civis pegou em armas para lutar contra a ocupação nazista em território francês. Alguns deles foram registrados nesta foto de 1944, do fotógrafo húngaro Robert Capa.



Mercado paralelo: em situações de crise econômica aguda ou de guerras, muitos produtos desaparecem do mercado. Nesse contexto, alguns comerciantes passam a vender esses produtos (muitas vezes contrabandeados) ilegalmente e por preços muito mais altos, criando assim um mercado paralelo.

A falta de alimentos é um dos grandes reflexos de uma guerra. Dezenas de ingleses aguardam sua vez na fila para adquirir peixe durante a Segunda Guerra Mundial, em 1940.

A criatividade da população civil para superar dificuldades

Durante a Segunda Guerra Mundial, a produção industrial dos países envolvidos no conflito esteve voltada, primordialmente, para a fabricação de armas e materiais bélicos. Alguns produtos deixaram de ser fabricados; outros se tornaram escassos e caros e muitos passaram a ser encontrados apenas no **mercado paralelo**.

A produção de alimentos diminuiu drasticamente e as pessoas enfrentavam longas filas para comprar um único ovo. Muitas famílias passaram a criar galinhas e coelhos a fim de garantir o consumo de ovos e carne, ainda que limitado. Outras cultivavam pequenas hortas em seus quintais.

Durante os seis anos de guerra, a improvisação e a criatividade marcaram os hábitos da população. O reaproveitamento de materiais serviu para mostrar que muitos objetos, aparentemente sem serventia, podem se tornar extremamente úteis em uma emergência.

No Brasil, há muitas entidades de caráter assistencial que recebem doações e dispõem de oficinas para consertar eletrodomésticos, computadores e outros aparelhos eletrônicos com defeito ou para fazer reparos em roupas e calçados usados. Uma vez recuperados, esses artigos são doados ou vendidos em bazares a preços simbólicos. Com o dinheiro arrecadado, essas associações desenvolvem diversas atividades e ações educativas. Veja como é possível participar.

- Periodicamente, procure separar e doar roupas, sapatos, cobertores fora de uso.
- Se eletrodomésticos e móveis tornaram-se obsoletos, procure alguém que precise ou encaminhe-os para alguma instituição.
- Mesmo equipamentos e computadores com defeito podem ser doados, pois as peças que estiverem em boas condições podem ser reaproveitadas.
- No [site <www.filantropia.org>](http://www.filantropia.org) (acesso em: 19 fev. 2016) é possível encontrar entidades de diversas regiões do Brasil que fazem a coleta de doações.



Rolls Press/Popperfoto/Getty Images

ORGANIZANDO AS IDEIAS



ATIVIDADES

- 1 O período entreguerras ficou marcado por diversas tensões em grandes regiões do mundo. Essas tensões eram desdobramentos da Primeira Guerra Mundial e também da crise econômica que afetou o capitalismo na década de 1930. Explique quais eram as principais tensões que abalavam o equilíbrio mundial no período.
- 2 A Segunda Guerra Mundial relaciona-se diretamente com o expansionismo da Alemanha, do Japão e da Itália, os países do Eixo. Quais eram as características da política expansionista desses países?
- 3 O início da Segunda Guerra Mundial foi caracterizado pelo rápido avanço militar do Eixo. Descreva as principais características desse avanço nos dois primeiros anos do conflito.

INTERPRETANDO DOCUMENTOS: IMAGEM

ATIVIDADE

- 1 Observe atentamente a imagem ao lado. Trata-se de uma charge do artista anglo-egípcio Kimon Evan Marengo (1904-1988) produzida em 1939, que trata das alianças firmadas antes do início da Segunda Guerra Mundial. Com base na análise da imagem, responda ao que se pede.

- a) A charge representa dois líderes políticos do período. Identifique-os e aponte os regimes que representam.
- b) De que modo a charge representa a aliança entre os dois líderes? Essa representação é positiva ou negativa?
- c) O trabalho de Marengo foi produzido na Inglaterra. Durante a guerra ele trabalhou no Ministério de Informação produzindo cartazes, panfletos e outros materiais com propaganda política semelhante a essa imagem.
Formule uma argumentação para explicar a importância desse tipo de propaganda durante a guerra.



Charge de 1939 satiriza o pacto de não agressão assinado entre União Soviética e Alemanha.

The Bridgeman Art Library/Keystone Brasil/Coletão Peter Newark

Alemanha invade URSS

Em junho de 1941, Hitler rompeu o Pacto Ribentropp-Molotov firmado com a URSS em 1939, que determinava a não agressão entre os dois países, e pôs em prática a operação **Barbarossa**, dando início à invasão da União Soviética. Em setembro de 1941, os alemães estavam às portas de Moscou, capital do país.

Diante da invasão iminente, Stalin conseguiu mobilizar a população contra os alemães e, em pouco tempo, milhares de civis se alistaram e passaram a lutar ao lado das tropas soviéticas.

Os nazistas também tiveram de lutar contra o clima. Com a chegada do inverno, as tropas alemãs precisaram enfrentar temperaturas de até 21 graus negativos, para as quais não estavam preparadas. Em dezembro de 1941, os alemães começaram a retirada de Moscou. Era o primeiro sinal de que eles não eram imbatíveis.

Estados Unidos e Japão entram na guerra

Até dezembro de 1941, os Estados Unidos permaneceram à margem do conflito, embora o governo estadunidense demonstrasse simpatia em relação aos **Aliados**, termo que se referia aos países que lutavam contra o nazifascismo.

Pouco antes, em 1940, depois de a França ter sido ocupada pelos nazistas, o governo alemão cedeu o domínio da Indochina, antiga colônia francesa no Extremo Oriente, aos japoneses. Temendo o expansionismo japonês, que punha em risco a segurança de sua costa oeste, o governo estadunidense impôs sanções comerciais ao Japão e exigiu que as tropas japonesas saíssem da China, invadida desde 1937.

Em resposta, no dia 7 de dezembro de 1941 os japoneses desfecharam um fulminante ataque aéreo contra **Pearl Harbor**, base militar estadunidense no Pacífico. A ofensiva foi a justificativa do governo estadunidense para declarar guerra ao Japão e aos outros países do Eixo. Ao mesmo tempo, passou a pressionar os governos de outros países, ainda neutros, entre os quais o brasileiro, para que fizessem o mesmo.

FILME

Veja o filme ***A um passo da eternidade***, de Fred Zinnemann, 1953. O filme mostra a vida de várias pessoas na base naval de Pearl Harbor e como ela é drasticamente alterada com o ataque japonês, em 1941, que levou os Estados Unidos a entrar na Guerra.

O estopim para que os Estados Unidos entrassem na Guerra: o ataque japonês à base militar estadunidense Pearl Harbor em dezembro de 1941.



Keystone/Getty Images

Rendição alemã

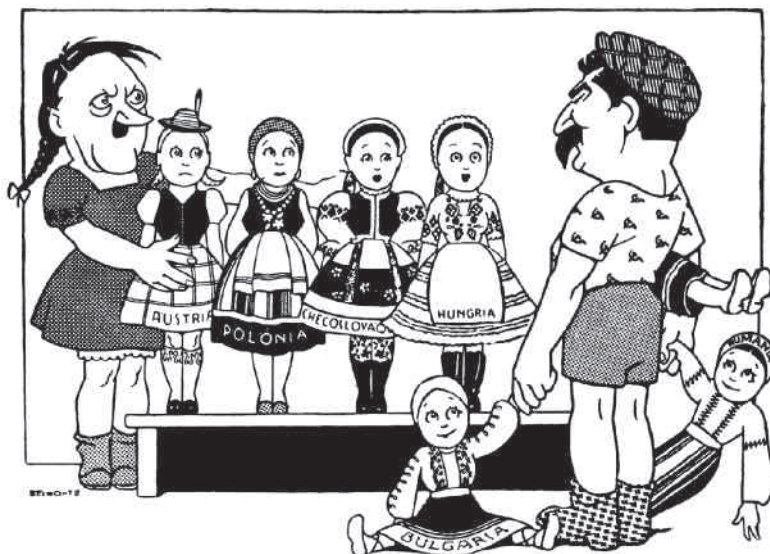
A entrada das tropas estadunidenses e soviéticas no conflito desestabilizou as forças dos países do Eixo.

Em outubro de 1942, no norte da África, tropas alemãs foram derrotadas por forças anglo-estadunidenses. Em fevereiro de 1943, os soviéticos conseguiram expulsar os alemães de **Stalingrado** e deram início a seu avanço em direção a Berlim. A caminho da Alemanha, libertaram diversos territórios subjugados pelos alemães: Polônia, Romênia, Bulgária, Noruega, Hungria e parte da Tchecoslováquia.

Em junho de 1943, os estadunidenses ocuparam a Sicília e outras regiões da Itália. Mussolini foi deposto e se refugiou no norte do país, onde fundou a efêmera República Social Italiana.

Um ano depois, no dia 6 de junho de 1944 – Dia D, conforme o código secreto dos militares –, cerca de três milhões de soldados anglo-estadunidenses, contando com o apoio de 5 mil aviões e 6400 navios, desembarcaram nas praias da Normandia, no litoral norte da França. No dia 26 de agosto, as tropas aliadas chegaram a Paris. A derrocada nazista era uma questão de tempo.

Em abril de 1945, Berlim foi dominada pelo Exército Vermelho. Hitler, sua esposa e vários generais nazistas se suicidaram. Diante da derrota alemã, Mussolini tentou fugir para a Suíça, mas no dia 28 de abril foi preso e fuzilado por combatentes da Resistência italiana. Em 7 de maio de 1945, o alto comando alemão rendeu-se incondicionalmente aos Aliados.



Belmonte/Meioramentos

De costas, à direita, Stalin, ditador da União Soviética, repreende Adolf Hitler, vestido de menina, à esquerda, em charge do brasileiro Belmonte (1896-1947), datada de 17 de janeiro de 1945. Na charge havia a inscrição: “Chega, Adolfinha. Você já brincou muito com as bonecas.”. As “bonecas” são os países anexados por Hitler e posteriormente libertados pelas tropas soviéticas.

FILME

Veja o filme **Stalingrado, a batalha final**, de Joseph Vilsmaier, 1993. Durante a sangrenta batalha de Stalingrado, no auge da Segunda Guerra Mundial, seis soldados e amigos enfrentam os inimigos, vivem histórias de amor e lutam para manter a cidade longe das tropas alemãs.

A guerra na Europa e no norte da África (1943-1945)



Adaptado de: WORLD History Atlas: Mapping the Human Journey. London: Dorling Kindersley, 2005.

Paz na Europa

Com a rendição alemã, os líderes dos Estados Unidos, da União Soviética e da Inglaterra – os chamados **Três Grandes** – reuniram-se entre os meses de julho e agosto de 1945 em Potsdam, nos arredores de Berlim, para discutir os termos da paz. A **Conferência de Potsdam** determinou a divisão da Alemanha em quatro zonas de influência, sob controle dos Estados Unidos, França, Inglaterra e União Soviética. Berlim, que ficaria situada na zona soviética, sofreria o mesmo tipo de divisão em quatro partes.

Decidiu-se ainda que a Alemanha pagaria 20 bilhões de dólares de indenização aos países vencedores e que os líderes nazistas seriam julgados por uma corte internacional, o **Tribunal de Nuremberg**.

Além da divisão, uma nova entidade internacional, destinada a preservar a paz e garantir o entendimento entre os povos foi criada: a **Organização das Nações Unidas (ONU)**. Com sede em Nova York, a ONU foi fundada em 26 de junho de 1945, em substituição à Liga das Nações.

FILME

Veja o filme ***O julgamento de Nuremberg***, de Stanley Kramer, 1961. Depois do fim da Segunda Guerra Mundial, o mundo volta-se para Nuremberg, na Alemanha, onde ocorre o julgamento dos oficiais nazistas pelos crimes que cometeram nos campos de concentração durante a Guerra.

Corbis/Latinstock



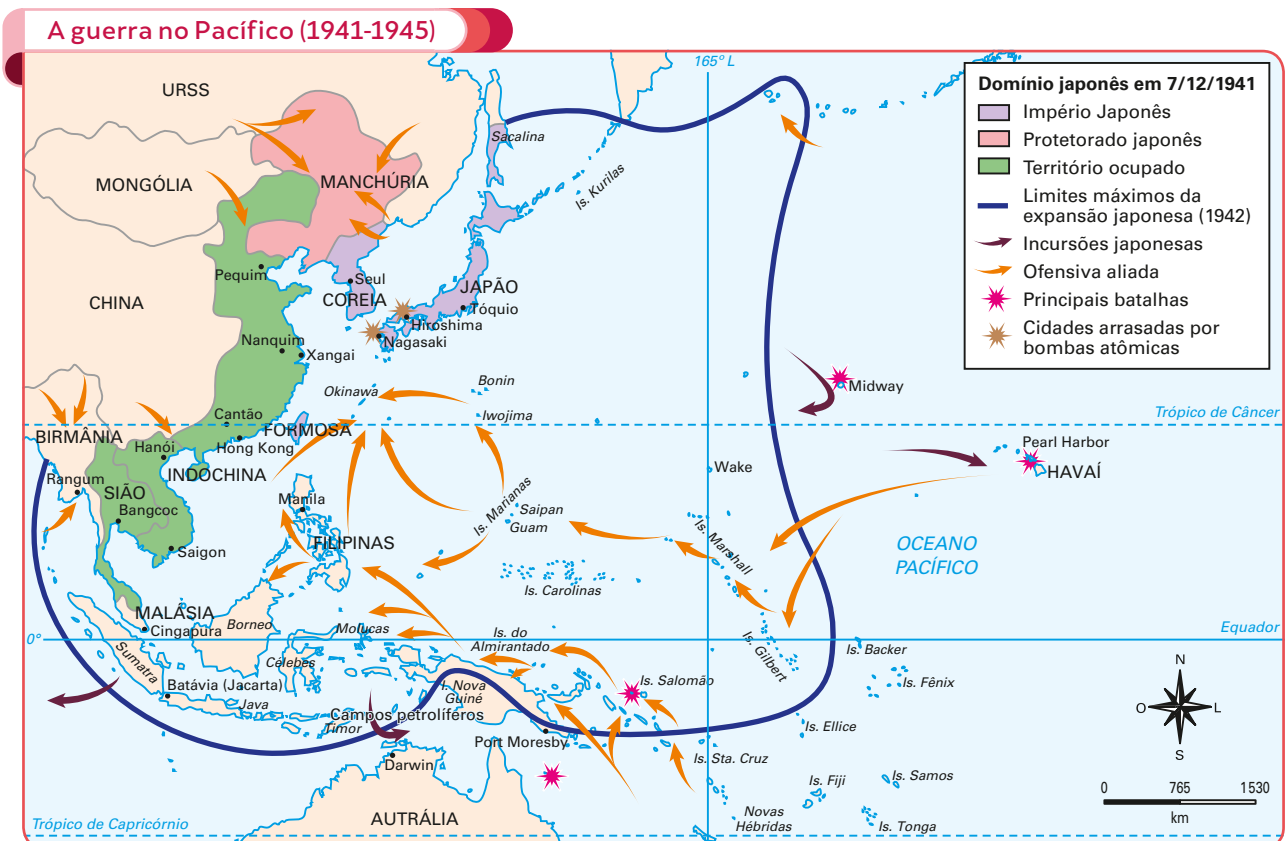
Winston Churchill (primeiro-ministro britânico, à esquerda), Harry Truman (presidente dos Estados Unidos, no centro) e Josef Stalin (líder da União Soviética, à direita), durante a Conferência de Potsdam (1945), em Berlim. O encontro deu origem aos blocos de países comunistas e capitalistas que dominariam a geopolítica mundial por mais de quatro décadas.

Bomba atômica no Japão

A rendição dos alemães não significou o fim do conflito, pois estadunidenses e japoneses continuavam em guerra no Pacífico. Entre dezembro de 1941 (ataque a Pearl Harbor) e maio de 1942, o Japão conquistou, sucessivamente, Filipinas, Cingapura, Hong Kong, Índias Orientais Holandesas (atual Indonésia) e outras regiões.

Em junho de 1942, contudo, a frota japonesa foi derrotada pela esquadra estadunidense na batalha de Midway (veja o mapa a seguir). A partir de então, as forças dos Estados Unidos passaram a se concentrar na guerra no Pacífico. Para selar sua vitória, nos dias 6 e 8 de agosto de 1945, aviões estadunidenses lançaram sobre as cidades japonesas de Hiroshima e Nagasaki a maior e mais letal arma até então desenvolvida: a bomba atômica.

Segundo alguns historiadores, as duas explosões foram também uma demonstração de força e tiveram a finalidade de intimidar a União Soviética, dissuadindo o governo soviético de fomentar revoluções em países ocidentais. As bombas causaram a morte instantânea de mais de 200 mil pessoas e arrasaram as duas cidades. No dia 2 de setembro de 1945, o Japão assinava sua rendição incondicional. A Segunda Guerra Mundial chegou ao fim com números aterradores: 50 milhões de mortos, dos quais 15 milhões correspondem a militares e os outros 35 milhões, a civis. A União Soviética perdeu 20 milhões de habitantes. Cerca de seis milhões de judeus morreram nos campos de concentração nazistas (veja o boxe *Holocausto*, na página seguinte).



Adaptado de: WORLD History Atlas: Mapping the Human Journey. London: Dorling Kindersley, 2005.

Holocausto

Professor(a), veja no Procedimento Pedagógico deste capítulo uma sugestão de texto complementar para discutir a questão do holocausto.

Em 1º de setembro de 1939, Adolf Hitler invadiu a Polônia e deu início ao processo que levaria ao holocausto, o extermínio sistemático de judeus.

Aproximadamente 10% (3,3 milhões) dos poloneses eram judeus. Após a invasão, os nazistas passaram a confinar essas pessoas em **guetos** – bairros de grandes cidades policiados e cercados.

Treze guetos e 42 áreas de confinamento foram criados em território polonês entre 1939 e 1941. Nesses lugares, os judeus eram alvo constante da violência dos soldados nazistas, eram submetidos a trabalhos forçados,

recebiam alimentação insuficiente e não tinham condições de manter padrões mínimos de higiene e saúde.

No dia 20 de janeiro de 1942, o Departamento de Segurança Alemão decidiu pelo extermínio em massa dos judeus, que seriam transferidos para campos de concentração e, posteriormente, executados em câmaras de gás (política genocida chamada de **Solução Final**).

Quando o exército soviético libertou os prisioneiros dos campos de concentração poloneses, entre 1944 e 1945, foram encontrados milhões de cadáveres e apenas 500 mil sobreviventes.

Adaptado de: SZTERLING, Silvia. *O nazismo: história de um sobrevivente*. 2. ed. São Paulo: Ática, 2003. p. 58-61.



Fine Art Images/Heritage Images/Getty Images

Judeus sobreviventes no portão do campo de concentração Auschwitz I, na Polônia, no dia da libertação do campo pelo Exército Vermelho, em 27 de janeiro de 1945. Um médico (ao centro) acompanha o grupo.

3 O pós-guerra

Terminada a guerra, muitos países, como França, Inglaterra, Alemanha, União Soviética e Japão, encontravam-se em escombros, com cidades destruídas, campos devastados, rodovias e ferrovias inutilizadas. Em muitos lugares, fome e doenças dizimavam a população. Na África e na Ásia, os povos de diversas regiões começaram a lutar por sua independência.

Divisão territorial da Europa e da URSS (1925)



Adaptado de: GEACRON - Atlas histórico mundial e linhas de tempo desde 3000 a.C. Disponível em: <<http://geacron.com/home-pt/?lang=pt-pt>>. Acesso em: 19 fev. 2016.

Divisão territorial da Europa e da URSS (1948)



Adaptado de: GEACRON - Atlas histórico mundial e linhas de tempo desde 3000 a.C. Disponível em: <<http://geacron.com/home-pt/?lang=pt-pt>>. Acesso em: 19 fev. 2016.

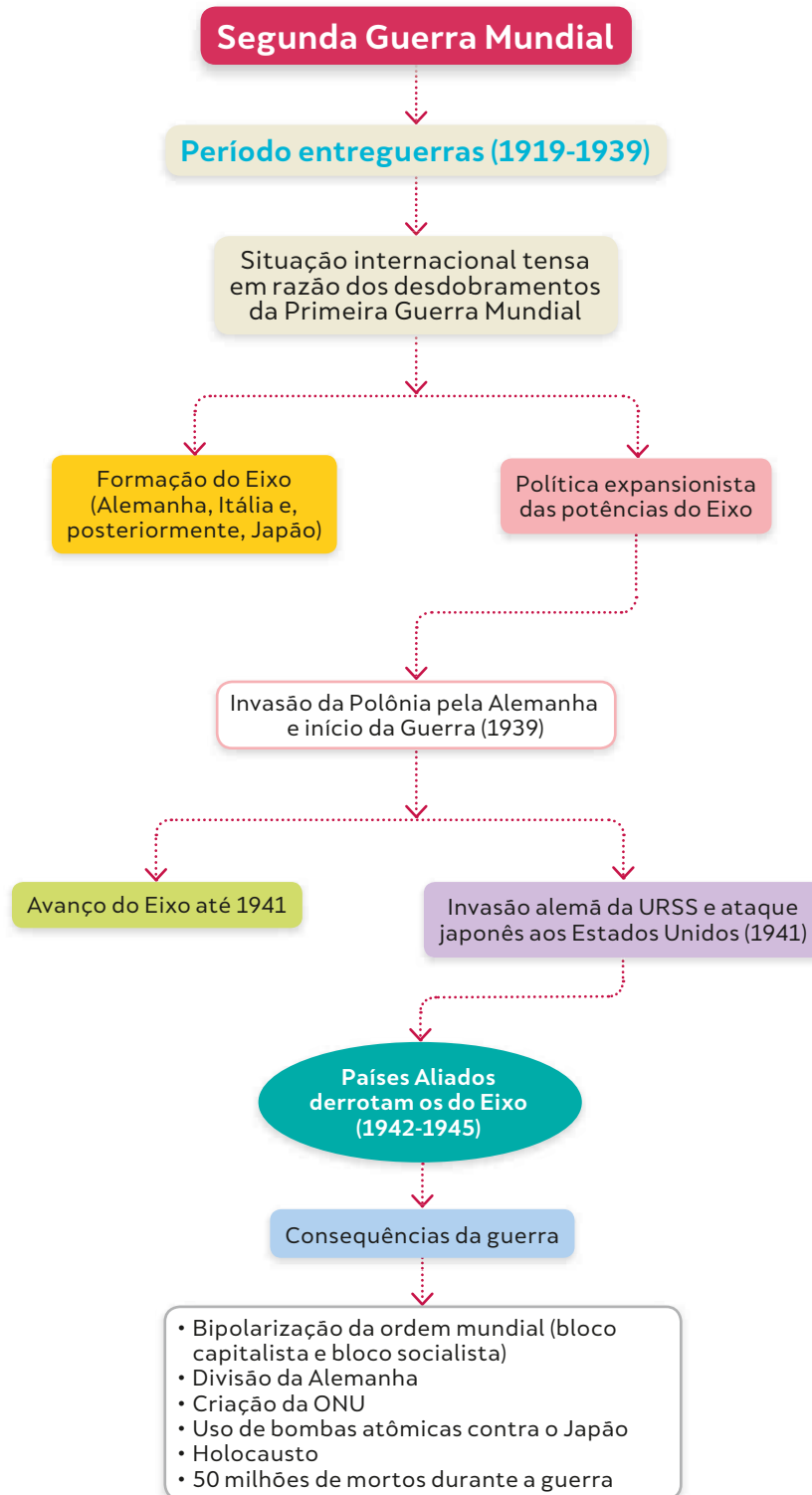
Mapas: Banco de imagens/Arquivo da editora

Em 1948, os países-membros da ONU assinaram a **Declaração Universal dos Direitos Humanos**, documento que estabeleceu princípios de validade universal para o convívio em sociedade, como o direito à vida, à liberdade e à igualdade entre todos os seres humanos. Embora sua aceitação não represente obrigatoriedade legal por parte dos Estados, ela serviu de base para dois tratados sobre direitos humanos da ONU, estes sim de força legal: o **Tratado Internacional dos Direitos Civis e Políticos** e o **Tratado Internacional dos Direitos Econômicos, Sociais e Culturais**.

No rearranjo de forças, os Estados Unidos e a União Soviética consolidaram-se como as duas maiores potências do planeta. Em torno desses centros de poder formaram-se dois blocos antagonônicos: o **bloco capitalista**, de liderança estadunidense, e o **bloco socialista**, capitaneado pela União Soviética. O antagonismo entre as duas superpotências daria origem à Guerra Fria, que se estenderia até a dissolução da União Soviética, em 1991.



ESQUEMA-RESUMO



Com base nas informações do esquema-resumo, explique como teve início a Segunda Guerra Mundial, a forma como o conflito se desenrolou e aponte quais foram suas principais consequências.



ATIVIDADES

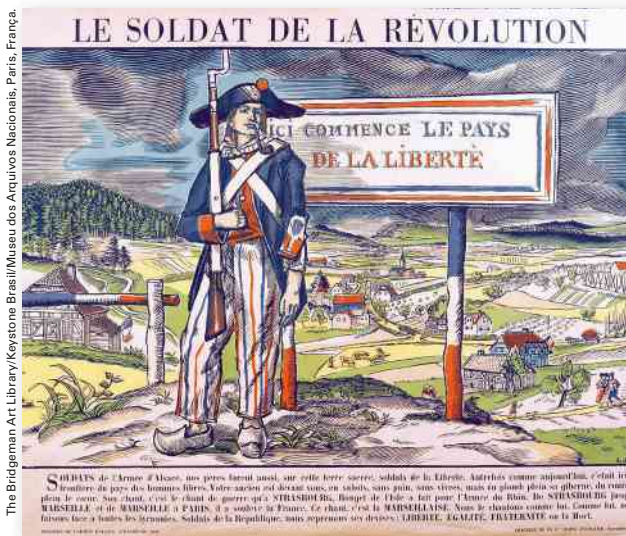
ORGANIZANDO AS IDEIAS



- 1 As relações entre Alemanha e União Soviética durante a Segunda Guerra foram marcadas por dois eventos centrais: o Pacto Ribentropp-Molotov e a operação Barbarossa. Explique o que foram esses eventos e de que modo eles definiram o conflito ao leste da Europa.
- 2 Elabore um texto explicando de que maneiras a população civil resistiu à expansão do nazismo na Europa.
- 3 Considerando o mapa *A guerra no Pacífico entre 1941 e 1945* (página 107) e o texto do capítulo, quais foram os principais países beligerantes na região do Pacífico e que eventos marcaram esse cenário da Segunda Guerra Mundial?
- 4 Faça uma síntese dos acordos de paz que puseram fim à Segunda Guerra Mundial e cite os países cujos governos estavam diretamente envolvidos na elaboração desses acordos.
- 5 A entrada dos Estados Unidos e da União Soviética foi decisiva para mudar os rumos da guerra. Explique por quê.
- 6 Com o fim da Segunda Guerra Mundial, as relações internacionais sofreram mudanças significativas. Quais foram essas mudanças?

INTERPRETANDO DOCUMENTOS: IMAGEM

- 1 Observe as duas imagens a seguir. São cartazes produzidos na França, em períodos diferentes, durante a Segunda Guerra Mundial. Com base na análise atenta das imagens, responda ao que se pede.



“O soldado da Revolução”. Na ilustração do cartaz, de 1939, lê-se: “Aqui começa o país da liberdade”.



“Vitória. A cruzada contra o bolchevismo”, de 1941.

The Bridgeman Art Library/Keystone Museu dos Arquivos Nacionais, Paris, França.

The Bridgeman Art Library/Keystone Museu dos Arquivos Nacionais, Paris, França.



- a) Os dois cartazes foram elaborados em momentos distintos da guerra. Observe a data de elaboração de cada um deles e contextualize a posição da França no conflito.
- b) Os cartazes defendem o mesmo lado no conflito? Justifique sua resposta com base nos elementos da imagem.
- c) Os dois cartazes mobilizam representações históricas distintas para defender suas propostas políticas. Identifique quais elementos históricos são mobilizados e relacione esses elementos com as propostas defendidas pelos documentos.

- d) Por um longo período da História, os cartazes desempenharam uma função de comunicação muito importante em diversos contextos sociais. Atualmente, com o avanço tecnológico, novos meios de comunicação são utilizados para divulgar propostas políticas e ideias. **Formule uma argumentação** para explicar a utilização de cartazes ao longo da História e aponte quais meios de comunicação você acredita que cumprem uma função semelhante no presente.

TESTE SEU CONHECIMENTO



- 1 (Uerj) Os mapas constituem uma representação da realidade. Observe, na imagem abaixo, dois mapas presentes na reportagem intitulada “Um estudo sobre impérios”, publicada em 1940.



Adaptado de MONMONIER, M. *How to lie with maps* [Como mentir com mapas]. Chicago/Londres: The University of Chicago Press, 1996.

O uso da cartografia nessa reportagem evidencia uma interpretação acerca da Segunda Guerra Mundial. Naquele contexto é possível reconhecer que essa representação cartográfica tinha como finalidade:

- a) criticar o nacionalismo alemão.
- b) justificar o expansionismo alemão.
- c) enfraquecer o colonialismo britânico.
- d) destacar o multiculturalismo britânico.

- 2 (Unesp)

A viagem levou uns vinte minutos. O caminhão parou; via-se um grande portão e, em cima do portão, uma frase bem iluminada (cuja lembrança ainda hoje me atormenta nos sonhos): ARBEIT MACHT FREI – o trabalho liberta. Descemos, fazem-nos entrar numa sala ampla, nua e fracamente aquecida. Que sede! O leve zumbido da água nos canos da calefação nos enlouquece: faz quatro dias que não bebemos nada. Há uma torneira e, acima, um cartaz: proibido beber, água poluída. Besteira: é óbvio que o aviso é um deboche. “Eles” sabem que estamos morrendo de sede [...]. Bebo, e convido os companheiros a beber também, mas logo cuspo fora a água: está morna, adocicada, com cheiro de pântano. Isto é o inferno. Hoje, em nossos dias, o inferno deve ser assim: uma sala grande e vazia, e nós, cansados, de pé, diante de uma torneira gotejante, mas que não tem água potável, esperando algo certamente terrível acontecer, e nada acontece, e continua não acontecendo nada.

LEVI, Primo. *É isto um homem?* Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1988.

A descrição, por Primo Levi, de sua chegada a Auschwitz em 1944 revela

- a) o reconhecimento da própria culpa, por um prisioneiro recolhido a um campo de concentração nazista.
- b) o alívio com o fim da viagem em direção à prisão e a aceitação das condições de vida existentes no campo de concentração.

- c) a expectativa de que, apesar dos problemas na chegada, houvesse tratamento digno aos prisioneiros dos campos de concentração.
- d) a falta de entendimento do funcionamento do campo de concentração e a disposição de colaborar com as autoridades nazistas.
- e) a sensação de horror, angústia e submissão que caracterizavam a condição dos prisioneiros nos campos de concentração nazistas.

3 (Fuvest-SP)

Quando a guerra mundial de 1914-1918 se iniciou, a ciência médica tinha feito progressos tão grandes que se esperava uma conflagração sem a interferência de grandes epidemias. Isso sucedeu na frente ocidental, mas a leste o tifo precisou de apenas três meses para aparecer e se estabelecer como o principal estrategista na região [...]. No momento em que a Segunda Guerra Mundial está acontecendo, em territórios em que o tifo é endêmico, o espectro de uma grande epidemia constitui ameaça constante. Enquanto estas linhas estão sendo escritas (primavera de 1942) já foram recebidas notificações de surtos locais, e pequenos, mas a doença parece continuar sob controle e muito provavelmente permanecerá assim por algum tempo.

SIGERIST Henry E., *Civilização e doença*. São Paulo: Editora Hucitec, 2010, pp. 130-132.

O correto entendimento do texto acima permite afirmar que

- a) o tifo, quando a humanidade enfrentou as duas grandes guerras mundiais do século XX, era uma ameaça porque ainda não tinha se desenvolvido a biologia microscópica, que anos depois permitiria identificar a existência da doença.
- b) parte significativa da pesquisa biológica foi abandonada em prol do atendimento de demandas militares advindas dessas duas guerras, o que causou um generalizado abandono dos recursos necessários ao controle de doenças como o tifo.
- c) as epidemias, nas duas guerras mundiais, não afetaram os combatentes dos países ricos, já que estes, ao contrário dos combatentes dos países pobres, encontravam-se imunizados contra doenças causadas por vírus.
- d) a ameaça constante de epidemia de tifo resultava da precariedade das condições de higiene e saneamento decorrentes do enfrentamento de populações humanas submetidas a uma escala de destruição incomum promovida pelas duas guerras mundiais.
- e) o tifo, principalmente na Primeira Guerra Mundial, foi utilizado como arma letal contra exércitos inimigos no leste europeu, que eram propositadamente contaminados com o vírus da doença.

4 As relações entre a União Soviética e a Alemanha nazista foram marcadas por importantes alterações ao longo da guerra. Leia as seguintes afirmativas sobre esse tema e escolha a opção correta. Em seguida, justifique o erro das afirmativas incorretas.

- I. A invasão da Polônia e da União Soviética pelas forças nazistas marcou o início da Segunda Guerra Mundial no continente europeu.
 - II. O Pacto Ribentropp-Molotov previa a formação de uma aliança militar entre a Alemanha e a União Soviética com o objetivo de enfraquecer as forças do Eixo, que ameaçavam os interesses dos dois países.
 - III. A Operação Barbarossa marcou o fim do pacto firmado anteriormente entre a Alemanha e a União Soviética, já que implicou na invasão do território soviético pelas forças nazistas.
 - IV. A invasão nazista da União Soviética, a partir de 1941, foi detida pela intensa mobilização da população soviética contra os invasores. Isso resultou na primeira grande derrota de Hitler.
- a) As afirmativas I e III estão corretas.
 - b) As afirmativas I, III e IV estão corretas.
 - c) As afirmativas II, III e IV estão corretas.
 - d) As afirmativas III e IV estão corretas.
 - e) Todas as afirmativas estão corretas.

HORA DE REFLETIR

- A transmissão de informação foi muito importante durante a Segunda Guerra Mundial. A organização da Resistência francesa, por exemplo, dependia de transmissões de rádio. Atualmente, a informação e a comunicação continuam sendo muito importantes para a organização política de diversos grupos sociais, os quais usam as mais diversas tecnologias, como internet, aparelhos celulares, rádios e programas televisivos, entre muitos outros. Com base nisso, reúna-se em grupo e discuta com seus colegas as seguintes questões: vocês acreditam que existam canais de comunicação que ajudem na organização política dos jovens? Quais seriam esses canais? O que precisaria ser melhorado para que os jovens possam se informar mais sobre questões políticas? Qual o impacto da mobilização política dos jovens em nossa sociedade? Com base nas reflexões sobre essa temática, gravem em áudio uma pequena vinheta ou um comentário com a opinião do grupo sobre o assunto e exibam o resultado para a classe.



MINHA BIBLIOTECA

PARA NAVEGAR

Museu virtual da FEB. Blog sobre as Forças Expedicionárias Brasileiras na Segunda Guerra Mundial. Disponível em: <museuvirtualfeb.blogspot.com.br>. Acesso em: 19 fev. 2016.

Painel Guerra e Paz. Site que permite explorar o painel *Guerra e Paz*, de Candido Portinari, que se encontra na sede da ONU, em Nova York. Disponível em: <www.guerraepaz.org.br>. Acesso em: 19 fev. 2016.

Segunda Grande Guerra. Site com diversos documentos sobre a Segunda Guerra Mundial. Disponível em: <<http://pt.worldwar-two.net>>. Acesso em: 19 fev. 2016.

PARA LER

O diário de Anne Frank, de Anne Frank. Record. Trata-se do diário escrito pela jovem Anne Frank durante o período em que ela e sua família viveram escondidos dos nazistas. O diário é considerado um dos documentos mais duradouros produzidos neste século, mas é também uma narrativa emocionante de uma jovem adolescente.

O menino do pijama listrado, de John Boyne. Companhia das Letras. O livro conta a história de Bruno, um menino de 8 anos, filho de um oficial do exército alemão que é transferido para uma área desolada, fora de Berlim. Em um de seus frequentes passeios, ele conhece Shmuel, um garoto da mesma idade dele, que vive do outro lado de uma cerca e está sempre vestindo um pijama listrado. Bruno passa a visitá-lo frequentemente e entre os dois nasce uma grande amizade. A história foi adaptada para o cinema, dirigida por Mark Herman e lançada em 2008 (Reino Unido/Estados Unidos, Imagem Filmes, 94 min).

O último trem de Hiroshima, de Charles Pellegrino. Leya. Neste livro, o autor usa uma combinação de documentos oficiais de época, depoimentos de japoneses que sobreviveram à bomba e de aviadores estadunidenses para reconstruir os dois dias em que armas nucleares foram detonadas no Japão. O livro, conta também a trágica história das trinta pessoas que, ao escapar de Hiroshima, depois da bomba, chegaram a Nagasaki a tempo de presenciar a segunda explosão. Nesse grupo esteve Tsutomu Yamaguchi (que morreu em janeiro de 2010, aos 93 anos), tido como a única pessoa que sobreviveu a duas bombas atômicas.



Reprodução: Editora Leya

O Brasil durante o governo Vargas

Palmeiras e Cruzeiro. Existe alguma coisa em comum entre esses dois clubes de futebol? O primeiro foi fundado em São Paulo, em 1914. O segundo é de Belo Horizonte, onde foi criado em 1921. A resposta é sim, e os fatos em comum entre eles são: além de terem conquistado vários títulos nacionais e internacionais, ambos nasceram no seio da comunidade italiana e receberam originalmente o mesmo nome: *Società Sportiva Palestra Italia* (Sociedade Esportiva Palestra Itália).

Em 1942, o Brasil entrou na Segunda Guerra Mundial, lutando contra os países do Eixo – Itália, Alemanha e Japão. Na ocasião, o governo brasileiro publicou um decreto proibindo o uso de termos e denominações derivados de expressões originárias dos países inimigos. Com isso, os dois clubes se viram obrigados a mudar de nome, ganhando as denominações que mantêm até hoje.

A exigência da adoção de novos nomes serve para exemplificar a perseguição que italianos, alemães, japoneses e seus descendentes sofreram no Brasil durante o período em que o país esteve envolvido na Guerra. Naquela época, o presidente era Getúlio Vargas. Neste capítulo estudaremos os quinze anos em que ele foi o chefe do Estado brasileiro.

Nascido entre imigrantes italianos e seus descendentes, o Cruzeiro é hoje uma equipe de muitos títulos. Festa do Cruzeiro como tetracampeão brasileiro ao final da partida entre Cruzeiro e Fluminense, em 2014.

OBJETIVOS DO CAPÍTULO

- Compreender os diferentes momentos políticos do extenso governo de Getúlio Vargas, que durou quinze anos (entre 1930 e 1945).
- Entender o processo histórico que culminou na participação brasileira na Segunda Guerra Mundial.
- Relacionar as mudanças socioeconômicas ocorridas no período à participação de mulheres e negros, à legislação trabalhista e à formação de sindicatos.
- Perceber o uso que o governo Vargas fez dos meios de comunicação de massa durante o período ditatorial.



P Professor(a), veja no Procedimento Pedagógico deste capítulo uma sugestão de introdução ao tema “governo Vargas” a partir de uma atividade que considere o conhecimento prévio dos alunos e desenvolva uma discussão sobre propaganda governamental, que também se aproxima de questões do eixo conceitual Meios de comunicação de massa.

1 Governo provisório (1930-1934)

Ao assumir a chefia do governo provisório em 1930, apoiado pelos militares, Getúlio Vargas aboliu a Constituição de 1891, dissolveu o Congresso Nacional, as Assembleias Legislativas estaduais e as Câmaras municipais e instituiu um regime de emergência.

Com exceção do governador Olegário Maciel, de Minas Gerais, todos os demais (na época, chamados de **presidentes de estado**) foram substituídos por interventores, pessoas da confiança do presidente, escolhidos por ele entre os egressos do movimento tenentista.

Em São Paulo, a nomeação do tenentista pernambucano João Alberto Lins de Barros para interventor provocou descontentamento entre as elites, que passaram a exigir um interventor civil e paulista. Os desdobramentos do descontentamento da população em relação a Vargas levaram à deflagração da **Revolução Constitucionalista**, em julho de 1932.

Devido à debilidade de suas convicções ideológicas, o tenentismo perdeu muito de sua influência junto ao governo Vargas. Vários de seus representantes voltaram para os quartéis, outros se aliaram ao comunismo ou a grupos simpatizantes do fascismo. Os que continuaram no governo permaneceram subordinados ao presidente.



Arquivo/Agência Estado

A Revolução Constitucionalista de 1932 foi o movimento ocorrido no estado de São Paulo que defendia o fim do governo provisório de Getúlio Vargas e a convocação de uma Assembleia Nacional Constituinte. Na foto, de 1932, soldados e enfermeiras hasteiam a bandeira do estado de São Paulo.

Ajuda aos cafeicultores

O café ainda era o principal produto de exportação do Brasil. Para apoiar os cafeicultores e recuperar os preços internacionais do produto – estável desde 1929 – por meio da redução da oferta, o governo passou a comprar o excedente produzido e a queimá-lo. Entre 1931 e 1944, quando essa política chegou ao fim, foram destruídos 78,2 milhões de sacas de café, o equivalente a três anos de consumo mundial.



Reprodução/Arquivo da editora

Queima de café em Santos (SP), patrocinada pelo governo Vargas, no início da década de 1930. Devido ao excesso de produção interna e visando recuperar o apoio dos cafeicultores, o governo optou por eliminar parte da safra.

Uma nova educação

Com a criação do **Ministério da Educação e Saúde** em novembro de 1930, teve início uma reforma pedagógica que, como salienta o historiador Boris Fausto, tinha por objetivo formar uma elite mais bem preparada intelectualmente. Assim, o Ensino Secundário (atual Ensino Médio) passou a ser composto de dois cursos: o fundamental, de formação humanística, e o complementar, organizado em dois anos e obrigatório para os que desejassem continuar os estudos no Ensino Superior.

O governo lançou também as bases do sistema universitário brasileiro, que passou a ser voltado para a pesquisa e o ensino. Foram criadas: em 1934, a Universidade de São Paulo (USP) e a Universidade de Porto Alegre, atual Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), e, em 1935, a Universidade do Distrito Federal (UDF), organizada pelo educador Anísio Teixeira, no Rio de Janeiro, que mais tarde foi incorporada à Universidade do Brasil, atual Universidade Federal do Rio de Janeiro.



Fachada da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo (USP), na região central da capital paulista, em 1940.

Legislação trabalhista

Embora a reforma na educação tenha sido muito significativa, a obra pela qual o governo de Getúlio Vargas é mais lembrado é a **legislação trabalhista**, iniciada com a criação do **Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio**, em novembro de 1930.

As **leis de proteção ao trabalhador** regularam o trabalho de mulheres e crianças, estabeleceram jornada máxima de oito horas diárias de trabalho, criaram o descanso semanal remunerado e garantiram o direito a férias (já concedido anteriormente, em 1923, porém nunca colocado em prática) e à aposentadoria, entre outras novidades. Esse conjunto de leis seria sistematizado em 1943, com a **Consolidação das Leis do Trabalho (CLT)**.

Ao mesmo tempo, em 1931 o governo aprovou a **Lei de Sindicalização**, que estabelecia o **controle do Ministério do Trabalho sobre a ação sindical**. Os sindicatos passaram a ser órgãos consultivos do poder público; só podiam funcionar com autorização do Ministério do Trabalho, que, por sua vez, tinha poderes de intervenção tão importantes nas atividades sindicais que podia até afastar diretores. Assim, anarquistas e comunistas foram afastados do movimento sindical pelo governo e reagiram à lei, considerada autoritária, por meio de greves e manifestações. Aos poucos, porém, diversos setores sindicais passaram a acatá-la.

A legislação trabalhista – apresentada à população como uma “dádiva do governo” – e a aproximação em relação aos sindicatos faziam parte de um tipo de política que seria caracterizado como **populista**, anos mais tarde. Apresentado como autor magnânimo das leis trabalhistas, Getúlio era chamado de “pai dos pobres”, uma espécie de protetor da classe trabalhadora, desconsiderando as conquistas como resultado das lutas dos trabalhadores.

Populismo: prática política na qual o governante atende às reivindicações e vontades do povo ao mesmo tempo que atende às reivindicações das classes privilegiadas, num jogo de alternâncias constante, de modo que mantém o poder e a imagem carismática. Mesmo quando concede direitos a uma camada da população, o faz de maneira a atrelá-la ao Estado. Getúlio Vargas, como populista, manipulava as vontades do povo, da oligarquia cafeeira e da burguesia industrial que surgia.

A Frente Negra Brasileira

Em 1931, representantes da “elite negra” fundaram na cidade de São Paulo a Frente Negra Brasileira (FNB), que logo se tornou a mais importante entidade de afrodescendentes do Brasil na primeira metade do século XX. Vale ressaltar que não se tratava, de fato, de uma elite, mas de um grupo de negros que era diferente da maioria por serem alfabetizados, conscientes da opressão racial e dispostos a discuti-la. Suas ações sociais e políticas tinham por objetivo principal combater o preconceito e a discriminação, além de acabar com as desigualdades entre brancos e negros no Brasil (veja a seção *Interpretando documentos* na página 127).

Em seu auge, a Frente Negra Brasileira (FNB) mantinha escolas para possibilitar os estudos à população negra, além de cursos profissionalizantes. Foto feita entre 1931 e 1937, em frente à sede da Delegação da FNB.



Reprodução/Fundação Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro, RJ.

A Frente Negra Brasileira mantinha uma escola primária e promovia o ensino de música, inglês, educação física, teatro, corte e costura, entre outros. As mulheres frente-negrinas se organizavam em dois segmentos internos: as Rosas Negras, que cuidavam da organização de bailes e festivos; e a Cruzada Feminina, que se dedicava a funções assistencialistas. Os frente-negrinos contavam ainda com uma milícia composta de capoeiristas e divulgavam suas ações por meio do jornal *A voz da raça*, com tiragem de até cinco mil exemplares.

Do ponto de vista ideológico, a FNB abrigou tendências divergentes: socialistas, integralistas (sobre o integralismo, veja adiante) e até monarquistas. Mas, de modo geral, seus representantes eram simpatizantes do governo de Getúlio Vargas, principalmente em razão das novas leis trabalhistas.

De São Paulo, a Frente Negra espalhou-se pelo país e, em 1936, somava sessenta representações em estados como Bahia, Rio Grande do Sul e Pernambuco – com cerca de 200 mil filiados em todo o Brasil. Naquele ano, ela se tornou um partido político que, no entanto, foi extinto no ano seguinte, com a instauração do Estado Novo (que será estudado mais adiante).



Arquivo/Agência Estado

Foto de 1965 do poeta e folclorista Solano Trindade. Nascido na capital pernambucana, ele idealizou em 1934 o I Congresso Afro-Brasileiro, Recife.

A Constituição de 1934

Em 1932, Getúlio Vargas ainda governava sob um **regime de exceção**. Em fevereiro do mesmo ano, o governo aprovou um novo **Código Eleitoral** que trazia algumas novidades:

- criava a Justiça Eleitoral, para coibir as fraudes eleitorais;
- instituía o voto secreto, principalmente para minar a influência dos coronéis sobre os eleitores (releia o Capítulo 3);
- reduzia de 21 anos para 18 a idade mínima do eleitor;
- garantia o direito de voto às mulheres, antiga reivindicação dos grupos feministas, que tinham entre suas principais militantes a enfermeira Bertha Lutz (1894-1976).

Pressionado por diversos setores da sociedade, juntamente com a divulgação do novo Código Eleitoral, o governo convocou eleições para maio de 1933, visando à formação de uma **Assembleia Constituinte**. Entre os 254 constituintes eleitos encontrava-se a médica Carlota Pereira de Queirós, candidata por São Paulo e primeira deputada do Brasil.

Promulgada em julho de 1934, a nova Constituição incorporou a legislação trabalhista em vigor, acrescentando a ela a instituição do salário mínimo (que seria criado somente em 1940) e criou o **Tribunal do Trabalho**. Pela nova Carta, analfabetos e soldados continuavam proibidos de votar.

Ainda em julho de 1934 os constituintes elegeram Getúlio Vargas para a Presidência da República, pondo **fim ao governo provisório**. De acordo com a Constituição, o mandato presidencial se estenderia até 1938, quando um novo presidente escolhido por voto livre e direto assumiria o cargo.

2 Entre duas Constituições: de 1934 a 1937

Os anos 1930 foram marcados por uma forte polarização política, com o surgimento de dois movimentos antagônicos: a **Ação Integralista Brasileira** (AIB), de direita, e a **Aliança Nacional Libertadora** (ANL), de esquerda.

A exemplo do que acontecia na Europa, onde a população geral estava desacreditada da democracia liberal – o que favorecia o surgimento de regimes totalitários em diversos países (releia o Capítulo 4) –, surgiram no Brasil grupos que reivindicavam a implantação de uma ditadura de direita, semelhante à de Mussolini na Itália.

Em 1932, foi formada a Ação Integralista Brasileira, de inspiração fascista, liderada pelo escritor **Plínio Salgado** e composta de intelectuais, religiosos, alguns ex-tenentistas e setores das classes médias e da burguesia.

Tendo como lema “Deus, Pátria e Família” (veja a seção **Olho vivo**, na página 122), o integralismo era um movimento de caráter nacionalista, anti-liberal, anticomunista e contrário ao capitalismo financeiro internacional. Os integralistas defendiam o controle do Estado sobre a economia e o fim de instrumentos democráticos, como a pluralidade partidária e a democracia representativa.

Nas eleições municipais de 1936, os integralistas elegeram vereadores em diversos municípios brasileiros e conquistaram várias prefeituras, entre elas as de Blumenau (SC) e Presidente Prudente (SP).

Regime de exceção (ou Estado de exceção): é decretado pelo governo ou por autoridades governamentais em situações excepcionais, por exemplo, quando há risco à segurança da nação ou à população. Nesse caso, os direitos constitucionais são suspensos temporariamente e há concentração de poderes no chefe do Poder Executivo (no caso do Brasil, o presidente da República), que assume características autoritárias.

FILME

Veja o filme **Soldados de Deus**, de Sérgio Sanz, 2005. O documentário trata do integralismo no Brasil e de Plínio Salgado, seu principal líder. Há vários depoimentos de integrantes e de opositores ao movimento que mobilizou cerca de um milhão de pessoas e teve 500 mil filiados.

Direita e esquerda

Os termos “direita” e “esquerda” têm origem na Revolução Francesa e estão relacionados ao lado que os grupos sociais e políticos se sentavam na Assembleia: os revolucionários mais radicais sentavam-se à esquerda; os mais conservadores, à direita. Gradativamente o termo “direita” passou a indicar um alinhamento ideológico com o mundo capitalista, representado principalmente pelos Estados Unidos. A palavra “esquerda”, por sua vez, passou a ser associada a pessoas ou grupos que tinham um

alinhamento ideológico com o mundo socialista, representado, no século XX, principalmente pela União Soviética.

Por causa do fim da polarização entre Estados Unidos e União Soviética na década de 1980/1990 (ver Capítulo 7) e da diversidade política gerada por essa ruptura, que criou ideologias mais moderadas (“de centro”), algumas pessoas defendem que essas expressões perderam sentido. Ainda assim é comum serem usadas para classificar posicionamentos políticos.

Cartão-postal com propaganda anticomunista editado provavelmente na década de 1930. Ao mostrar um capataz com chicote e revólver, a imagem propaga a ideia de que nos países comunistas vigorava o regime de trabalho forçado.



Coletânea Waldir da Fontoura Cordovil Pires/Arquivo da editora



Arquivo/Agência O Globo

Prisioneiros são encaminhados ao presídio da Ilha das Flores (Rio de Janeiro) após Intentona Comunista. Foto de 1935.

A Aliança Nacional Libertadora surgiu em março de 1935, e tinha como presidente de honra o líder comunista Luís Carlos Prestes. O Partido Comunista do Brasil (PC do B) tinha grande ascendência sobre a ANL, mas o movimento reunia em suas fileiras grupos de variadas tendências: socialistas, liberais, anti-integralistas, intelectuais independentes, estudantes e ex-tenentistas descontentes com o autoritarismo do governo Vargas.

Seu programa político era nacionalista e anti-imperialista. Entre suas principais bandeiras estavam a suspensão do pagamento da dívida externa, a nacionalização de empresas estrangeiras e a reforma

agrária. A ANL cresceu rapidamente, chegando a reunir entre 70 mil e 100 mil filiados, segundo estimativas do historiador Robert Levine. Quatro meses depois de fundada, foi declarada ilegal pelo presidente Vargas. A partir de então, seus militantes passaram a agir na clandestinidade.

Em novembro de 1935, setores da ANL ligados ao PC do B lideraram, sob orientação da Internacional Comunista, insurreições militares nas cidades de Natal, Recife e Rio de Janeiro, com o intuito de tomar o poder e implantar o comunismo no Brasil.

Mal articulados, os levantes fracassaram e a **Intentona Comunista**, como ficou conhecido o episódio, levou o presidente a decretar estado de sítio e determinar a prisão de mais de 6 mil pessoas – entre as quais um senador e quatro deputados.

Entre os detidos encontravam-se Luís Carlos Prestes (posteriormente condenado a dezesseis anos de reclusão) e sua mulher, a judia alemã Olga Benário. Ela, grávida de sete meses, foi deportada para a Alemanha nazista em setembro de 1936, onde morreu em um campo de concentração em 1942.

ORGANIZANDO AS IDEIAS



ATIVIDADES

- 1 Ao assumir o governo, Getúlio Vargas utilizou-se de algumas estratégias que garantiram a sua permanência no poder, durante o governo provisório. Cite quais foram essas estratégias e as decisões tomadas por Vargas para retornar à legalidade constitucional em 1934.
- 2 Explique por que Vargas ficou conhecido como “pai dos pobres” e por que essa expressão é objeto de críticas.
- 3 Durante o chamado Governo Constitucional (1934-1937), as tensões ideológicas entre a Ação Integralista Brasileira e a Aliança Nacional Libertadora marcaram o cenário da política nacional. Quais eram os fundamentos e as propostas políticas dessas duas agremiações?

INTERPRETANDO DOCUMENTOS: TEXTO

ATIVIDADE

- Os documentos a seguir tratam da reforma do ensino secundário, realizada no início do governo Vargas, em 1931. O primeiro documento é um trecho da *Exposição de Motivos* escrita por Francisco Campos, então ministro da Educação e Saúde do governo Vargas. O segundo documento é um trecho do Decreto nº 19890, de 18 de abril de 1931, que estabeleceu a organização do novo ciclo educacional criado pelo governo.

Documento 1

A finalidade do ensino secundário é, de fato, mais ampla do que a que se costuma atribuir-lhe. Via de regra, o ensino secundário tem sido considerado entre nós como um simples instrumento de preparação dos candidatos ao ensino superior, desprezando-se, assim, a sua função eminentemente educativa que consiste, precisamente, no desenvolvimento das faculdades de apreciação, de juízo, de critério, essenciais a todos os ramos da atividade humana, e, particularmente, no treino da inteligência em colocar os problemas nos seus termos exatos e procurar as suas soluções adequadas. [...] Em resumo [até a reforma], o ensino secundário é um simples curso de passagem e um mero sistema de exames, destituído de virtudes educativas e reduzido às simples linhas essenciais de sua estrutura estreitamente pragmática e utilitária de instrumento de acesso aos cursos superiores.

Disponível em: <www.ppge.ufpr.br/teses/D06_martins.pdf>. Acesso em: 29 fev. 2016.

Documento 2

Art. 1º. O ensino secundário, oficialmente reconhecido, será ministrado no Colégio Pedro II e em estabelecimentos sob regime de inspeção oficial.

Art. 2º. O ensino secundário compreenderá dois cursos seriados: fundamental e complementar.

Art. 3º. Constituirão o curso fundamental as matérias abaixo indicadas, distribuídas em cinco anos, de acordo com a seguinte seriação:

1ª série: Português - Francês - História da civilização - Geografia - Matemática - Ciências físicas e naturais - Desenho - Música (canto orfeônico).

2ª série: Português - Francês - Inglês - História da civilização - Geografia - Matemática - Ciências físicas e naturais - Desenho - Música (canto orfeônico).

3ª série: Português - Francês - Inglês - História da civilização - Geografia - Matemática - Física - Química - História natural - Desenho - Música (canto orfeônico).

4ª série: Português - Francês - Latim - Alemão (facultativo) - História da civilização - Geografia - Matemática - Física - Química - História natural - Desenho.

5ª série: Português - Latim - Alemão (facultativo) - História da civilização - Geografia - Matemática - Física - Química - História natural - Desenho.

Art. 4º. O curso complementar, obrigatório para os candidatos à matrícula em determinados institutos de ensino superior, será feito em dois anos de estudo intensivo, com exercícios e trabalhos práticos individuais, e compreenderá as seguintes matérias: Alemão ou Inglês, Latim, Literatura, Geografia, Geofísica e Cosmografia, História da Civilização, Matemática, Física, Química, História natural, Biologia geral, Higiene, Psicologia e Lógica, Sociologia, Noções de Economia e Estatística, História da Filosofia e Desenho.

Disponível em: <www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1930-1949/D19890impressao.htm>. Acesso em: 29 fev. 2016.

- a) De acordo com Francisco Campos, qual era o objetivo do ensino secundário e por que ele critica a concepção de ensino secundário existente até então?
- b) De que maneira é possível relacionar as propostas da reforma educacional indicadas nos documentos com os objetivos políticos do governo Vargas para uma nova educação para o Brasil?



As blusas-verdes

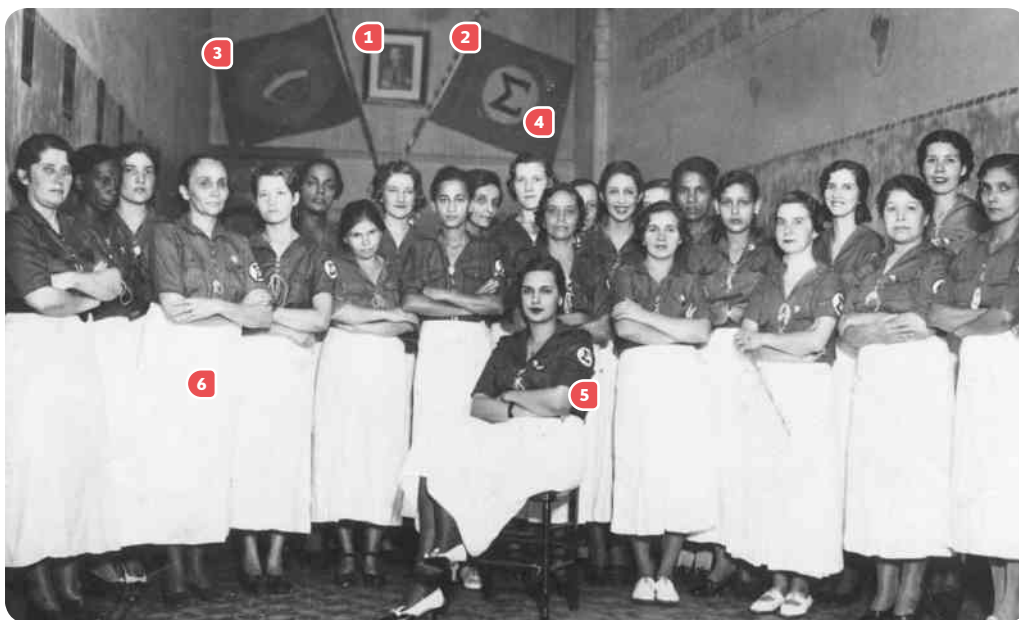
Sua saudação era uma palavra de origem indígena, *Ahauê*, que deveria ser proferida com o braço direito levantado.

A Ação Integralista Brasileira surgiu em 1932, no mesmo ano em que as mulheres conquistaram o direito de voto no Brasil, e o integralismo tentou atrair um número cada vez maior de mulheres para suas fileiras.

Para os integralistas, a participação social das mulheres devia se limitar a atividades assistenciais e filantrópicas, consideradas “essencialmente femininas”. Por isso, foi grande

o número de “blusas-verdes” que trabalharam como enfermeiras, assistentes sociais ou como professoras para a alfabetização de adultos. A fotografia reproduzida abaixo retrata um desses grupos. Alguns detalhes do registro estão repletos de símbolos, uma característica marcante do movimento integralista.

Para divulgar sua doutrina, os integralistas usavam frases com forte apelo emocional: “Nós despertaremos a Pátria. Nós a erguemos. De pé, a frente erguida, ela dará o primeiro passo e marchará”.



Alb/Aperj – Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro/Arquivo da editora

Encontro de “blusas-verdes”, nome pelo qual eram conhecidas as mulheres que participavam do movimento integralista. Foto da década de 1930.

- 1 Com estrutura rigidamente hierarquizada, o integralismo tinha no topo, como Chefe Nacional, Plínio Salgado, cuja fotografia é colocada em lugar de destaque, entre a bandeira nacional e a bandeira integralista, reforçando a ideia de respeito e obediência ao líder.
- 2 A bandeira integralista era um retângulo azul, com um círculo branco no centro, com a letra grega sigma em seu interior, símbolo do movimento que remete à suástica nazista.
- 3 A presença da bandeira nacional e da bandeira integralista reforça o nacionalismo, um dos princípios que caracterizavam o movimento.
- 4 Na Matemática, a letra sigma indica somatória. Para os integralistas, traduzia a ideia de totalidade, o desejo de formar uma unidade nacional acima dos regionalismos.
- 5 Semelhantes aos “camisas-negras” do fascismo e aos “camisas-pardas” do nazismo, os integralistas também trajavam uniforme. As mulheres vestiam blusa verde e saia branca ou azul. Na manga das blusas usavam uma braçadeira com a letra sigma.
- 6 A militância integralista era um corpo único, homogêneo, sem individualismos, o que era enfatizado pelo uniforme e pela padronização da postura. Em quase todas as fotos coletivas, as mulheres aparecem em posição ereta e de braços cruzados.

Texto elaborado com base em: CAVALARI, Rosa Maria Feiteiro. *Integralismo: ideologia e organização de um partido de massa no Brasil (1932-1937)*. Bauru: Edusc, 1999; BULHÕES, Tatiana da Silva. “Visualizando” a militante integralista através das fotografias produzidas pela Ação Integralista Brasileira. Disponível em: <www.historiaimagem.com.br/edicao1setembro2005/integralista.pdf>. Acesso em: 29 fev. 2016.

A caminho do golpe de Estado

Em meio a esse clima de repressão à esquerda, teve início, em 1937, a campanha eleitoral para a escolha do sucessor de Getúlio Vargas. O presidente, contudo, articulava sua permanência no poder junto às Forças Armadas e aos governadores.

No final de 1937, o capitão integralista Olímpio Mourão Filho elaborou um plano de uma conspiração comunista para a tomada do poder e o entregou à cúpula das Forças Armadas. Era o **Plano Cohen**, nome de seu suposto autor. O documento era falso, mas serviu de pretexto para um **golpe de Estado**. No dia 10 de novembro de 1937, o presidente ordenou o fechamento do Congresso por tropas do Exército.

Pelo rádio, Vargas declarou canceladas as eleições presidenciais e anunciou a instauração do **Estado Novo**, que ele definiu como “um regime forte, de paz, justiça e trabalho”. A seguir, foi outorgada uma nova Constituição, que logo passaria a ser chamada de **Polaca**, em alusão a suas semelhanças com a Constituição polonesa, de inspiração fascista.

As garantias individuais foram suspensas e o direito de reunião, abolido. A população ficou proibida de se organizar, reivindicar seus direitos e de manifestar livremente suas opiniões. Sem reação popular, começava uma nova fase do governo getulista: a de uma ditadura declarada, centralizada em torno da figura de Getúlio Vargas.

Golpe de Estado:

tomada de um governo ignorando as regras de sucessão. Um golpe de Estado é uma forma ilegítima de tomada do poder, geralmente perpetrada com o apoio das Forças Armadas ou partes delas.

3 O Estado Novo (1937-1945)

Vargas passou a governar por meio de **decretos-lei**. Todos os partidos políticos foram extintos, incluindo a Ação Integralista, que apoiara o golpe. A ideologia do Estado Novo enfatizava principalmente a ideia de reconstrução da nação – pautada na ordem, na obediência à autoridade e na aceitação das desigualdades sociais – e a de tutela do Estado sobre a nacionalidade brasileira.



Arquivo Iconographia/Reminiscências

Manifestação cívica no dia 1º de maio de 1941, no estádio Vasco da Gama, Rio de Janeiro (RJ).



Nos moldes da propaganda nazista e stalinista, durante o Estado Novo o Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) lançou cartilhas enaltecendo a figura de Getúlio Vargas. A cultura de massa era posta a serviço do Estado e da ideologia dominante. Na foto, capa de livro para crianças sobre a vida de Vargas.

O DIP

Em 1939, foi criado o Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), inspirado no serviço de comunicação da Alemanha nazista. Os agentes do DIP controlavam os meios de comunicação por meio da censura a jornais, revistas, livros, rádio e cinema. Eles também elaboravam a propaganda oficial do Estado Novo, produzindo peças publicitárias que mostravam o presidente como uma figura paternal, bondosa, severa e exigente a fim de agradar à opinião pública.

O DIP elaborava também cine documentários, como o *Cinejornal Brasileiro* – exibido obrigatoriamente em todos os cinemas, antes do início dos filmes –, livros e cartilhas escolares enaltecendo a figura de Vargas e transmitindo noções de patriotismo e civismo (veja a imagem acima e o box sobre a era do rádio).

Em meio ao ambiente de controle e repressão, a Polícia Especial de Getúlio Vargas ganhou força. Comandada pelo ex-tenentista Filinto Müller, ela ficou conhecida por suas prisões arbitrárias e pela prática de tortura contra os presos.

A era do rádio no Brasil

As primeiras transmissões radiofônicas brasileiras foram realizadas em 1922, durante os festejos do primeiro centenário da Independência do Brasil.

Em um primeiro momento, as estações de rádio funcionavam como um clube, cujos sócios pagavam mensalidades para manter as emissoras funcionando. Os aparelhos de rádio eram importados e caros.

P Professor(a), veja no Procedimento Pedagógico deste capítulo uma sugestão de Atividade Alternativa para explorar o uso político do rádio no governo Vargas, e que pode também se desenvolver como Atividade de inclusão.

Entre 1922 e 1928, surgiram dezenove estações de rádio no Brasil. Em 1932, o governo brasileiro regulamentou a distribuição de concessões de rádio e permitiu a divulgação de comerciais durante a programação, o que deu novo impulso à produção radiofônica brasileira.

Em pouco tempo, as emissoras se popularizaram, graças aos programas de auditório, radionovelas, seriados, programas humorísticos e de radiojornalismo.

Em 1940, o governo encampou a Rádio Nacional, líder de audiência no país, e a transformou em instrumento de apoio ao Estado Novo e de divulgação dos valores nacionais. A década de 1940 ficaria conhecida como a Era de Ouro do rádio brasileiro.

Com a popularização do rádio, diversos artistas se transformaram em ídolos nacionais, como ocorreu com os cantores Francisco Alves, Orlando Silva, Mário Reis e Cármen Miranda.

Osamba se popularizou e músicas de compositores como Noel Rosa, Lamartine Babo, Almirante, Dorival Caymmi, Ari Barroso, Pixinguinha, Atilfo Alves, Assis Valente, Herivelto Martins e outros se tornaram conhecidas em todo o país.



A grande aceitação do rádio nas casas brasileiras contribuiu também para o surgimento de estrelas da música. Na foto, da década de 1940, o auditório da Rádio Nacional com o apresentador César de Alencar e estrelas do rádio, entre elas Emilinha Borba.

Brasil na Segunda Guerra Mundial

Em 1940, Vargas fez um discurso elogiando o sucesso das tropas nazistas na Europa. Entretanto, embora se aproximasse dos países do Eixo por suas posturas autoritárias, o governo de Getúlio Vargas manteve uma postura ambígua sobre a Segunda Guerra Mundial, pois mantinha relações econômicas com os Estados Unidos. Para impedir a influência europeia sobre o Brasil, o governo estadunidense pôs em prática a **política de boa vizinhança**, que se manifestou por meio do fim do intervencionismo político e da colaboração econômica e militar.

O rompimento definitivo com o bloco nazifascista ocorreu em 1942, quando navios mercantes brasileiros foram afundados por submarinos alemães. Em agosto daquele ano, após manifestações populares e estudantis exigindo que o governo entrasse no conflito ao lado das democracias, Getúlio declarou guerra aos países do Eixo.

Em julho de 1944, aproximadamente 25 mil soldados, integrantes da Força Expedicionária Brasileira (FEB) **desembarcaram na Itália**.

A redemocratização do Brasil

Em 1942, as manifestações estudantis e populares lideradas pela **União Nacional dos Estudantes (UNE)**, a favor da participação do Brasil na guerra contra o nazifascismo, deram início a um lento processo de distensão no clima sufocante do Estado Novo.

Outras manifestações ocorreram, agora pelo fim do Estado Novo e pela volta da democracia. Em 1943, houve o **Manifesto dos Mineiros**, de um grupo de políticos e intelectuais de Minas Gerais durante um congresso da **Ordem dos Advogados do Brasil (OAB)**. No início de 1945, foi a vez dos participantes do **Primeiro Congresso Brasileiro de Escritores**.

Ainda em 1945, Getúlio pôs fim à censura da imprensa, anistiou presos políticos – entre eles, Luís Carlos Prestes – e convocou eleições para uma Assembleia Constituinte.

Surgiram então diversos partidos políticos, entre os quais a **União Democrática Nacional (UDN)**, formada por setores das classes médias e altas, o **Partido Social Democrático (PSD)**, composto de antigos coronéis e interventores nos estados e o **Partido Trabalhista Brasileiro (PTB)**, constituído por líderes sindicais ligados ao Ministério do Trabalho, além do **Partido Comunista do Brasil (PC do B)**, que voltou a ser legalizado.

Durante a campanha eleitoral, líderes do PTB e de alguns sindicatos, com o apoio do Partido Comunista e com o aval do predesente, passaram a defender a permanência de Getúlio Vargas na Presidência. A expressão “Queremos Getúlio!”, repetida em coro pelos partidários desse grupo, deu nome ao movimento: **queremismo**. Para evitar a permanência de Vargas no poder, os generais Góis Monteiro e Eurico Gaspar Dutra exigiram sua renúncia. Com o afastamento de Getúlio em outubro de 1945, o Estado Novo chegava ao fim.



Acervo Iconographia/Reminiscências

Embarque dos chamados “pracinhas” da FEB para a Itália durante a Segunda Guerra Mundial, em 1944. “Pracinha” era o termo pelo qual ficaram conhecidos os soldados brasileiros enviados para a guerra.

FILME

Veja o filme **Senta a pua!**, de Erik de Castro, 1999. O documentário traz imagens de arquivo, fotos, ilustrações e alguns depoimentos dos pilotos brasileiros, veteranos que participaram da Segunda Guerra Mundial, integrando o Primeiro Grupo de Aviação de Caça do Brasil.



Acervo Iconographia/Reminiscências

Com o objetivo de defender a permanência de Getúlio Vargas na Presidência da República e adiar as eleições presidenciais, o movimento queremista ganhou adeptos pelo país. Manifestação do movimento queremista no Largo da Carioca, durante a campanha presidencial de 1945.



ESQUEMA-RESUMO

O Brasil durante o governo Vargas

1930-1934

- Governo provisório
- Período de fortalecimento do Poder Executivo
- Medidas de ajuda aos cafeicultores
- Criação do Ministério da Educação
- Criação do Ministério do Trabalho
- Reformas eleitorais e formação de uma Assembleia Constituinte

1934-1937

- Nova Constituição (1934)
- Polarização política (AIB e ANL)
- Intentona Comunista
- Golpe de 1937 e instauração do Estado Novo

1937-1945

- Regime autoritário e repressivo
- Criação do DIP para controlar os meios de comunicação
- Envolvimento do Brasil na Segunda Guerra Mundial a partir de 1944
- Movimentos a favor da redemocratização em 1942

Fim do Estado Novo e surgimento de diversos partidos políticos (1945)

- O governo Vargas pode ser dividido em diferentes etapas, com características próprias. Com base nas informações do esquema-resumo, bem como nos seus conhecimentos, explique quais são as principais etapas do governo Vargas e aponte quais foram suas principais características.



ATIVIDADES

ORGANIZANDO AS IDEIAS



- 1 Em meio à crise institucional e política que eclodiu no fim de 1935, as forças políticas que apoiavam Getúlio Vargas começaram a gestar o golpe do Estado Novo. Descreva os acontecimentos que conduziram Vargas ao golpe de Estado.
- 2 O Estado Novo (1937-1945) contou com um forte aparato de propaganda e controle dos meios de comunicação, centralizado no Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP). Quais eram as principais estratégias utilizadas pelo governo para garantir esse controle e difundir a ideologia do Estado Novo?
- 3 A década de 1940 ficou conhecida como a Era de Ouro do rádio brasileiro. Explique como se desenvolveu a transmissão de rádio no Brasil e aponte por que a década de 1940 ficou conhecida como o período de ouro do rádio no país.
- 4 Durante a Segunda Guerra Mundial, a posição do governo Vargas oscilou entre os países do Eixo e os dos Aliados. Descreva esse jogo político e explique quais fatores foram importantes para a participação do Brasil na guerra.
- 5 Narre os acontecimentos que conduziram ao fim do Estado Novo e ao início da redemocratização do país, entre 1942 e 1945.
- 6 Em 1945, surgiram diversos partidos políticos no Brasil. Descreva quais foram os principais partidos que surgiram no período e aponte o que foi o movimento do *queremismo*.

INTERPRETANDO DOCUMENTOS: IMAGEM

- 1 Você vai ver a seguir três versões de uma fotografia feita em 1931, na sede da Associação dos Bancários. Elas registram a entrega do documento oficial que transformaria a Associação em Sindicato dos Bancários, conforme definia a Lei de Sindicalização. A **imagem 1** é a foto original. A **imagem 2** é uma fotomontagem que se encontrava no arquivo do Sindicato e foi descoberta recentemente pelo pesquisador Marcelo Alves. A **imagem 3**, finalmente, foi publicada pelo jornal do Sindicato, *Vida Bancária*, em junho de 1931, para divulgar o evento. Observe-as e identifique as diferenças entre elas. Depois, responda às questões.

Foto 1

Arquivo do Sindicato dos Bancários de São Paulo/Arquivo de editora



Cerimônia de entrega do Estatuto do Sindicato dos Bancários de São Paulo ao ministro do Trabalho, Lindolfo Collor, em 1931.

Foto 2



Arquivo do Sindicato dos Bancários de São Paulo/Arquivo da editora

Fotomontagem com base na foto 1.

Foto 3



Arquivo do Sindicato dos Bancários de São Paulo/Arquivo da editora

A mesma fotografia publicada no jornal *Vida Bancária*, do Sindicato dos Bancários de São Paulo, em junho de 1931.

ALVES, Marcelo. Fotografia em “preto e branco”. In: IOKOI, Zilda (Org.). *História e linguagens*. São Paulo: Humanitas/FFLCH-USP, 2002.

- Qual é a diferença entre a foto 1 e as outras duas? Com base em seus conhecimentos, levante uma hipótese para explicar essa diferença.
- Faça uma análise da organização da foto, independentemente das mudanças produzidas pela fotomontagem. Considere a disposição física das pessoas e o objetivo do evento.
- Em sua opinião, práticas semelhantes a essa ainda são comuns no Brasil?

TESTE SEUS CONHECIMENTOS



- (UPF-RS) No contexto do Estado Novo (1937-1945), a política externa do governo Vargas oscilou entre aproximar-se da Alemanha e dos Estados Unidos. Com a eclosão da Segunda Guerra Mundial, Brasil e Estados Unidos acabaram por negociar pragmaticamente condições para o alinhamento. Assinale a alternativa que apresenta questões que estavam envolvidas na agenda de discussões entre os dois países.
 - A cessão das bases do Nordeste do Brasil para o estacionamento de tropas norte-americanas, a concessão de financiamento norte-americano para a modernização das Forças Armadas brasileiras e a criação da Companhia Siderúrgica Nacional.
 - O financiamento para reabertura do Banco do Brasil e a concessão da base de Alcântara para lançamento de satélites norte-americanos.
 - O ensino obrigatório da língua inglesa nas escolas brasileiras e a proibição do idioma italiano e alemão.
 - A implementação do ALCA (Acordo de Livre-Comércio das Américas) e a venda de materiais estratégicos brasileiros – bauxita, berilo, cromita, ferro-níquel, diamantes industriais, minério de manganês, mica, cristais de quartzo, borraça, titânio e zircônio.
 - O fim do desmatamento da Amazônia pelo Brasil, a diminuição da emissão de gás carbono e a liberação da navegação do rio Negro pelos Estados Unidos.
- (Uepa) Leia o texto para responder à questão.

O Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio, criado em novembro de 1930 e batizado, no discurso de posse de seu primeiro titular, Lindolfo Collor, do Ministério da Revolução, apresentou, nos seus primeiros anos de existência, um conjunto de anteprojetos relativos à duração da jornada de trabalho, regulamentação

do trabalho feminino e de menores, férias para comerciários e industriais, convenções coletivas de trabalho, salário mínimo, juntas de conciliação e julgamento, porcentagem de estrangeiros empregados nas empresas [...].

LUCA, Tânia Regina de. Direitos Sociais no Brasil. In: PINSKY, Jaime & Carla. História da Cidadania. São Paulo: Contexto, 2008. p. 478.

A intervenção do governo Vargas no campo das relações de trabalho fica evidente no texto. Essa postura contribuiu para:

- a) estimular a produção, especialmente nas indústrias onde os direitos trabalhistas foram imediatamente implantados.
- b) fortalecer os sindicatos, estimulando o movimento grevista e a conquista de direitos por parte dos trabalhadores.
- c) incentivar o corporativismo, característica do anarcossindicalismo incorporado pelo governo Vargas em sua política trabalhista interventora.
- d) controlar os trabalhadores, através da carteira de trabalho e da lei de sindicalização que propiciaram o esvaziamento dos sindicatos.
- e) desarticular as oposições, encaminhando a elaboração de uma legislação social que favorecia operários, camponeses e o próprio empresariado.

3 (Enem)

Bandeira do Brasil, é hoje a única. Hasteada a esta hora em todo o território nacional, única e só, não há lugar no coração do Brasil para outras flâmulas, outras bandeiras, outros símbolos. Os brasileiros se reuniram em torno do Brasil e decretaram desta vez com determinação de não consentir que a discórdia volte novamente a dividi-lo!

Discurso do Ministro da Justiça Francisco Campos na cerimônia da festa da bandeira, em novembro de 1937. Apud OLIVEN, R. *A parte e o todo: a diversidade cultural do Brasil Nação*. Petrópolis, 1992.

O discurso proferido em uma celebração em que as bandeiras estaduais eram queimadas diante da bandeira nacional revela o pacto nacional proposto pelo Estado Novo, que se associa à

- a) supressão das diferenças socioeconômicas entre as regiões do Brasil, priorizando as regiões estaduais carentes.

- b) orientação do regime quanto ao reforço do federalismo, espelhando-se na experiência política norte-americana.
- c) adoção de práticas políticas autoritárias, considerando a contenção dos interesses regionais dispersivos.
- d) propagação de uma cultura política avessa aos ritos cívicos, cultivados pela cultura regional brasileira.
- e) defesa da unidade do território nacional, ameaçado por movimentos separatistas contrários à política varguista.

4 A luta pela redemocratização, durante o Estado Novo, conseguiu acabar com o regime de exceção de Vargas em 1945. Leia as seguintes afirmativas sobre esse tema e escolha a opção correta. Em seguida, justifique o erro das afirmativas falsas:

- I. O processo de redemocratização do país teve início em 1943, após a publicação do *Manifesto dos Mineiros*. O resultado desse manifesto foi que o governo Vargas foi obrigado a convocar imediatamente uma Assembleia Constituinte para restabelecer a democracia no país.
 - II. Em 1945, o governo Vargas pôs fim à censura da imprensa, concedeu anistia a presos políticos e convocou eleições para uma Assembleia Constituinte.
 - III. Com o início da redemocratização, surgiram diversos partidos políticos no país. O PTB, por exemplo, era formado por líderes sindicais contrários ao governo Vargas e que defendiam eleições diretas imediatamente. Por isso, esse grupo iniciou o movimento do *queremismo*.
 - IV. O Estado Novo chegou ao fim após o afastamento de Getúlio Vargas por conta da pressão de generais do exército brasileiro.
- a) As afirmativas I e III estão corretas.
 - b) As afirmativas III e IV estão corretas.
 - c) As afirmativas II e IV estão corretas.
 - d) As afirmativas I e IV estão corretas.
 - e) As afirmativas I e II estão corretas.

HORA DE REFLETIR

P Professor(a), veja no Procedimento Pedagógico deste capítulo uma sugestão de abordagem do tema “censura econômica” que pode ser usada como meio de avaliação.

NÃO
ESCREVA
NO
LIVRO

Durante o Estado Novo, o Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) controlava as informações veiculadas pelos meios de comunicação. Atualmente, não existe mais esse tipo de censura política. Entretanto, alguns analistas falam de “censura econômica”, que seria promovida pelos grandes anunciantes. São estes que, com seus anúncios e outras peças de propaganda, dão lucro aos meios de comunicação: jornais, revistas, emissoras de rádio, televisão e também redes sociais. Nesse último caso, os conteúdos pagos e os anúncios se misturam aos conteúdos produzidos pelos usuários, conseguindo até mesmo uma exposição maior que aqueles conteúdos que não foram pagos para terem divulgação. Juntamente com seu grupo de colegas, reflita sobre isso, tendo em mente a seguinte questão: As

corporações (instituições ou empresas) que pagam a publicidade dos meios de comunicação influenciam ou interferem na divulgação de notícias ou no compartilhamento de conteúdos exibidos pelas televisões, rádios ou na internet? O grupo deve escolher alguns exemplos para relacionar com a discussão proposta na questão e montar uma apresentação visual sobre o tema. Nesta, além de destacar a questão do peso das corporações, é importante que o grupo pense em estratégias que possam ser utilizadas para que os usuários lidem de forma consciente com o peso da publicidade. A apresentação visual pode ser feita na forma de cartaz, vídeo, apresentação digital, postagem de rede social, entre outras. Ao final, apresente o resultado de seu trabalho para seus colegas de classe.



MINHA BIBLIOTECA

PARA NAVEGAR

1932: a guerra paulista. Exposição sobre a Revolução Constitucionalista de 1932, no site do Arquivo do Estado de São Paulo. Disponível em: <www.arquivoestado.sp.gov.br/exposicao_1932/exposicao.php>. Acesso em: 22 fev. 2016.

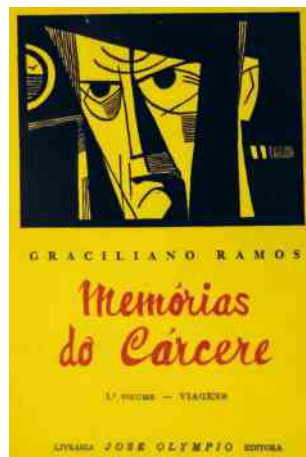
Estado Novo. Exposição virtual sobre o Estado Novo no site do Arquivo Nacional. Disponível em: <www.exposicoesvirtuais.arquivonacional.gov.br/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?sid=152>. Acesso em: 22 fev. 2016.

Nas ondas do rádio. Exposição virtual sobre a era do rádio no site do Arquivo Nacional. Disponível em: <www.exposicoesvirtuais.arquivonacional.gov.br/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?sid=172>. Acesso em: 22 fev. 2016.

PARA LER

Olga, de Fernando Morais. Companhia das Letras. A biografia de Olga Benário Prestes, alemã, membro do Komintern russo, que veio ao Brasil para participar da Revolução Socialista, na década de 1930. Ela tornou-se mulher de Luís Carlos Prestes. Mais tarde, quando a Intentona Comunista fracassou, foi presa e deportada para a Alemanha pela Polícia Especial de Filinto Müller, durante o governo de Vargas. O livro foi adaptado para o filme *Olga*, dirigido por Jayme Monjardim (Brasil, Europa Filmes, 2004, 141 min).

Memórias do cárcere, de Graciliano Ramos. Rio de Janeiro, Record, 2008. O livro, autobiográfico, narra o período em que Graciliano Ramos foi preso, por suas convicções políticas, pela polícia repressiva de Getúlio Vargas, em 1936, antes do Estado Novo. O livro foi escrito dez anos depois e foi publicado postumamente. *Memórias do cárcere* foi adaptado para o cinema, sob a direção de Nelson Pereira dos Santos (Brasil, Bretz Filmes, 1984, 185 min).



Reprodução/Coleção Brasileira Itaú

Guerra Fria, capitalismo e socialismo

Na imagem abaixo vê-se um dejeito espacial caído na superfície terrestre. De acordo com a Agência Espacial dos Estados Unidos, a Nasa, nos últimos cinquenta anos, cerca de 6 mil satélites foram colocados na órbita da Terra, mas apenas oitocentos estão ativos. Os demais, depois de explosões voluntárias ou involuntárias, tornaram-se sucata espacial. Esse lixo que gira em torno do planeta polui o espaço e põe em risco futuras missões espaciais, uma vez que pode colidir com foguetes, provocando sérias avarias.

A poluição do espaço sideral começou na década de 1950, quando os governos da União Soviética e dos Estados Unidos desenvolveram programas espaciais para fins científicos e comerciais. Essa época foi marcada por uma intensa **polarização política e ideológica** entre o mundo capitalista – liderado pelos Estados Unidos – e o mundo comunista – liderado pela União Soviética. Essa tensão, conhecida como **Guerra Fria**, só terminaria em 1991, com a dissolução da União Soviética. Mesmo com o fim da polarização, as relações entre Estados Unidos e Cuba, país da América Central de **ideologia socialista**, só foram reatadas em 2015.

Ideologia: sistema de ideias e crenças (políticas, econômicas, culturais, etc.) de um grupo ou pessoa. Por exemplo, os que se alinham com a ideologia capitalista defendem a propriedade privada. Os que partilham da ideologia socialista (ou comunista) costumam pensar que a propriedade dos meios de produção deve pertencer ao Estado.

Moradores de Salinópolis, Pará, encontraram detritos de uma nave espacial lançada de um porto espacial europeu em Kourou, na Guiana Francesa, em 2014. É possível ver o logotipo da Agência Espacial do Reino Unido e da Arianespace, empresa europeia de lançamento de satélites.

OBJETIVOS DO CAPÍTULO

- Compreender o significado do termo “Guerra Fria” e relacioná-lo com o período de tensão política extrema entre os blocos comunista e capitalista (1947 a 1991).
- Assimilar as consequências da polarização político-ideológica no cotidiano das pessoas.
- Perceber como se deu a consolidação das duas superpotências – Estados Unidos e União Soviética – e a interferência direta de ambas sobre diversos países.
- Refletir, tanto em relação ao passado como ao presente, sobre o poder de influência dos meios de comunicação de massa.



1 As superpotências: Estados Unidos e União Soviética

No período que se seguiu ao final da Segunda Guerra Mundial, os Estados Unidos e a União Soviética se firmaram como potências hegemônicas mundiais, com suas respectivas esferas de influência: o *bloco capitalista* e o *bloco socialista* (veja o mapa abaixo).

Durante a guerra, os Estados Unidos lograram uma relativa expansão econômica e não sofreram prejuízos territoriais (com exceção de Pearl Harbor, no Havaí). Com o esforço de guerra, sua produção industrial duplicou entre 1939 e 1945. Essa expansão foi acompanhada de grandes avanços tecnológicos e científicos. Com o poderio financeiro, bélico e tecnológico, o país assumiu uma posição de liderança mundial, predominantemente imperialista, a partir do período pós-guerra.

O governo da União Soviética, sob o comando de Stalin, também havia conseguido definir uma importante e intensa área de influência sobre os países do Leste Europeu. Esse processo foi iniciado quando o Exército Vermelho, depois de vencer os alemães em território soviético, marchou em direção à Alemanha e não apenas libertou a maioria dos países do leste e do centro da Europa dos nazistas, mas também os ocupou militarmente. No período pós-guerra, esses países passaram a ser liderados por governos de orientação socialista e formaram o **bloco comunista**.

Liderado pela URSS, o bloco comunista era formado por Polônia, Tchecoslováquia, Hungria, Romênia, Bulgária, Albânia e pela antiga Alemanha Oriental. A Jugoslávia, cuja libertação do nazismo foi resultado da resistência sob o comando do comunista Josip Broz Tito – e não do Exército Vermelho –, adotou um modelo socialista mais flexível, assimilado pelos outros países do Leste Europeu. Em 1948, o governo iugoslavo, sob o comando de Tito, **rompeu** com a URSS.

FILME

Veja o filme **Quando papai saiu em viagem de negócios**, de Emir Kusturica, 1985. Enquanto seu pai está preso em um campo de trabalhos forçados por causa de uma charge em defesa dos ideais stalinistas, publicada logo após o rompimento entre Tito e Stalin, Malik se vê obrigado a lidar com suas crises pessoais, familiares e políticas.

Zonas de influência na Europa (após a Segunda Guerra Mundial)



Adaptado de: DUBY, Georges. *Grand atlas historique*. Paris: Larousse, 2006.

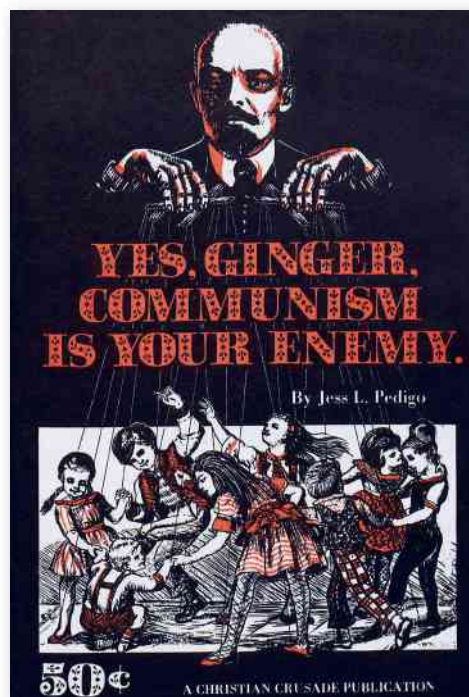
2 Polarização ideológica

Para os Estados Unidos, a expansão do regime comunista arriscava a democracia e a livre-iniciativa. Para a União Soviética, o aumento da influência estadunidense sobre outras nações do planeta era o tipicamente imperialista e punha em risco a ideia de igualdade entre os indivíduos e o fim da exploração dos trabalhadores, ideais da Revolução Socialista.

Nessa guerra ideológica, a propaganda foi uma das armas mais utilizadas pelos dois blocos.



Charge da Rússia Soviética publicada em 1960, durante a Guerra Fria.



Esta brochura de 1972 dirigia-se às crianças, afirmando no título que “o comunismo é seu inimigo”. A propaganda anticomunista foi predominante nos Estados Unidos durante a Guerra Fria.

Macarthismo

Em março de 1947, o presidente estadunidense Harry Truman fez um pronunciamento no qual declarava que os Estados Unidos deveriam “ajudar os povos livres” a lutar contra “movimentos agressivos que buscam impor-lhes regimes totalitários”. Era uma alusão à União Soviética. Para muitos historiadores, esse discurso marcou o início da **Guerra Fria**.

O discurso fazia parte da **Doutrina Truman**, que consistia em oferecer sustentação econômica, política e militar aos países ocidentais, de modo a criar forças de contenção ao comunismo.

Com o mesmo objetivo, em 1947, foi criada a **Agência Central de Inteligência** (CIA, em inglês), serviço secreto de inteligência que tinha poderes para agir nos Estados Unidos e na política interna de outros países. Em 1949, os estadunidenses lideraram a criação da **Organização do Tratado do Atlântico Norte** (Otan), aliança militar formada, naquele momento, por doze países capitalistas, entre eles a Inglaterra e a França.

VOCÊ SABIA?

O termo “Guerra Fria” se refere ao período de tensão ideológica entre Estados Unidos e União Soviética, que se estendeu para a área político-econômica, opondo os projetos capitalista e socialista e afetando a organização social e cultural dos países alinhados a um ou a outro lado. Apesar de toda a tensão, não houve nenhum ataque ou intervenção militar declarada – o que justifica o nome “Guerra Fria”. A disputa teve início após o fim da Segunda Guerra Mundial – entre 1945 e 1947, aproximadamente – e terminou com a dissolução da União Soviética, em 1991.



O ator e diretor britânico Charles Chaplin foi uma das pessoas que sofreram com o macarthismo. Acusado de propagar a ideologia comunista e criticar o capitalismo em seus filmes, foi expulso dos Estados Unidos e teve seus bens confiscados pelo governo. Foto de cerca de 1930.

Em 1950, o senador Joseph McCarthy assumiu a liderança do **Comitê de Atividades Antiamericanas**, criado para identificar e punir pessoas suspeitas de envolvimento com o comunismo. Ele deu início a uma intensa campanha de perseguição e intimidação dirigida a intelectuais, líderes trabalhistas e funcionários do governo acusados – ou simplesmente suspeitos – de “esquerdismo”. Essa campanha ficou conhecida como macarthismo.

Um dos alvos do macarthismo eram os artistas e intelectuais, principalmente os que se relacionavam com a indústria cinematográfica. Denúncias forjadas e provas falsas contra essas pessoas eram alguns dos meios de ação macarthista.

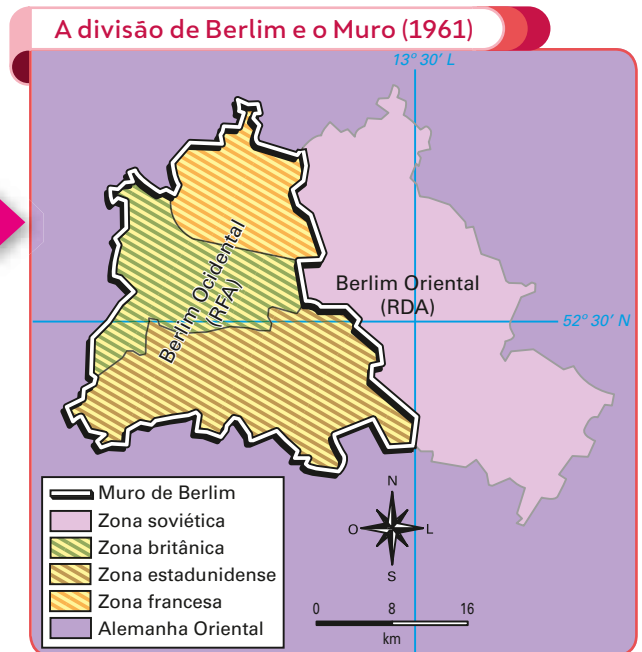
Divisão da Alemanha

Até 1948, a Alemanha foi administrada por Estados Unidos, França, Inglaterra e União Soviética. Em 1949, foram criados dois Estados alemães independentes: a República Federal da Alemanha (ou Alemanha Ocidental), que reunia as partes dos países de economia capitalista, e a República Democrática da Alemanha (ou Alemanha Oriental), de economia estatal-socialista. Nesse processo de divisão, deu-se um dilema: a cidade de Berlim, considerada a capital, estava situada na parte da Alemanha Oriental, e também passou por uma divisão em duas partes, uma socialista e outra capitalista. (Veja o mapa a seguir, à esquerda.)

Em 1961, para impedir o aumento de fugas da Berlim Oriental (socialista) para a Ocidental (capitalista), os soviéticos construíram um muro que dividiu a cidade ao meio. Extremamente fortificado e vigiado por soldados soviéticos, o chamado “**Muro da Vergonha**” acabou se transformando no principal símbolo da Guerra Fria (veja a seção *Passado presente* na página ao lado). Ao longo dos anos seguintes, o Muro de Berlim foi expandido até cercar completamente a porção ocidental da cidade. (Veja o mapa abaixo, à direita.)



Adaptado de: WORLD History Atlas: Mapping the Human Journey. London: Dorling Kindersley, 2005.



Adaptado de: WORLD History Atlas: Mapping the Human Journey. London: Dorling Kindersley, 2005.



Outros “muros da vergonha”

O Muro de Berlim foi derrubado em novembro de 1989, depois de manter a cidade alemã separada em duas partes por quase três décadas. Nesse período, ele separou famílias e amigos e, na tentativa de atravessá-lo, 18 mil e 300 pessoas foram presas e 270 morreram.

Entretanto, ainda hoje, novos muros são erguidos para separar pessoas, povos ou países com interesses diferentes. Veja alguns exemplos.

David Karliubowski/Corbis/Latinstock



Estadunidenses versus mexicanos: em 2006, o governo dos Estados Unidos iniciou a construção de um muro ao longo da fronteira que separa os dois países. O objetivo é impedir a entrada de imigrantes ilegais no país, principalmente mexicanos e centro-americanos. Muitos estudiosos sugerem que a construção tem caráter ideológico, pois impediria a integração entre povos desenvolvidos e subdesenvolvidos. Foto de Nogales, no estado do Arizona, 2013.

Jorge Guerrero/APP



Espanhóis versus marroquinos: as cidades de Ceuta e Melilla estão localizadas geograficamente no Marrocos, país no norte da África, mas politicamente fazem parte do território espanhol. A partir da década de 1990, o governo espanhol determinou a construção de barreiras em torno das duas cidades, de modo a impedir a entrada ilegal de imigrantes marroquinos. As duas barreiras, muro ou cercas de arame farpado, são fortemente vigiadas por militares e modernos equipamentos de segurança. Foto de 2015.

Israelenses versus palestinos: em 2002, o governo de Israel deu início à construção de um muro na fronteira entre seu país e a região palestina da Cisjordânia. Segundo as autoridades israelenses, a barreira pretende evitar a infiltração de suicidas palestinos no território israelense. Em 2004, o Tribunal Internacional de Justiça de Haia declarou o muro ilegal, uma vez que invade terras palestinas e deixa milhares de pessoas isoladas. Diante disso, o governo israelense alterou o traçado do muro, mas ainda assim ele invade aproximadamente 4,5% do território da Cisjordânia. O grafitti no muro, do artista Banksy, faz protesto à situação. Foto de 2005.



Marco Di Lauro/Getty Images

Ações anticapitalistas da URSS

Na União Soviética, o governo também desenvolveu um plano de auxílio econômico aos países do bloco comunista para isolá-los do capitalismo.

Com a morte de Stalin, em 1953, Nikita Krushev tornou-se o presidente da URSS. Em 1954, o governo soviético criou seu serviço de inteligência e espionagem internacional, a KGB, sigla em russo de **Comitê para a Segurança do Estado**. Em 1955, em reação à fundação da Otan, os países do bloco comunista formaram uma aliança militar denominada **Pacto de Varsóvia**.

P Professor(a), veja no Procedimento Pedagógico deste capítulo uma sugestão de discussão em sala de aula do tema da espionagem durante a Guerra Fria.

FILMES

Veja o filme **O dia seguinte**, de Nicholas Meyer, 1983. A União Soviética e os Estados Unidos lançam mísseis nucleares um contra o outro, na tentativa de vencer a guerra na década de 1980.

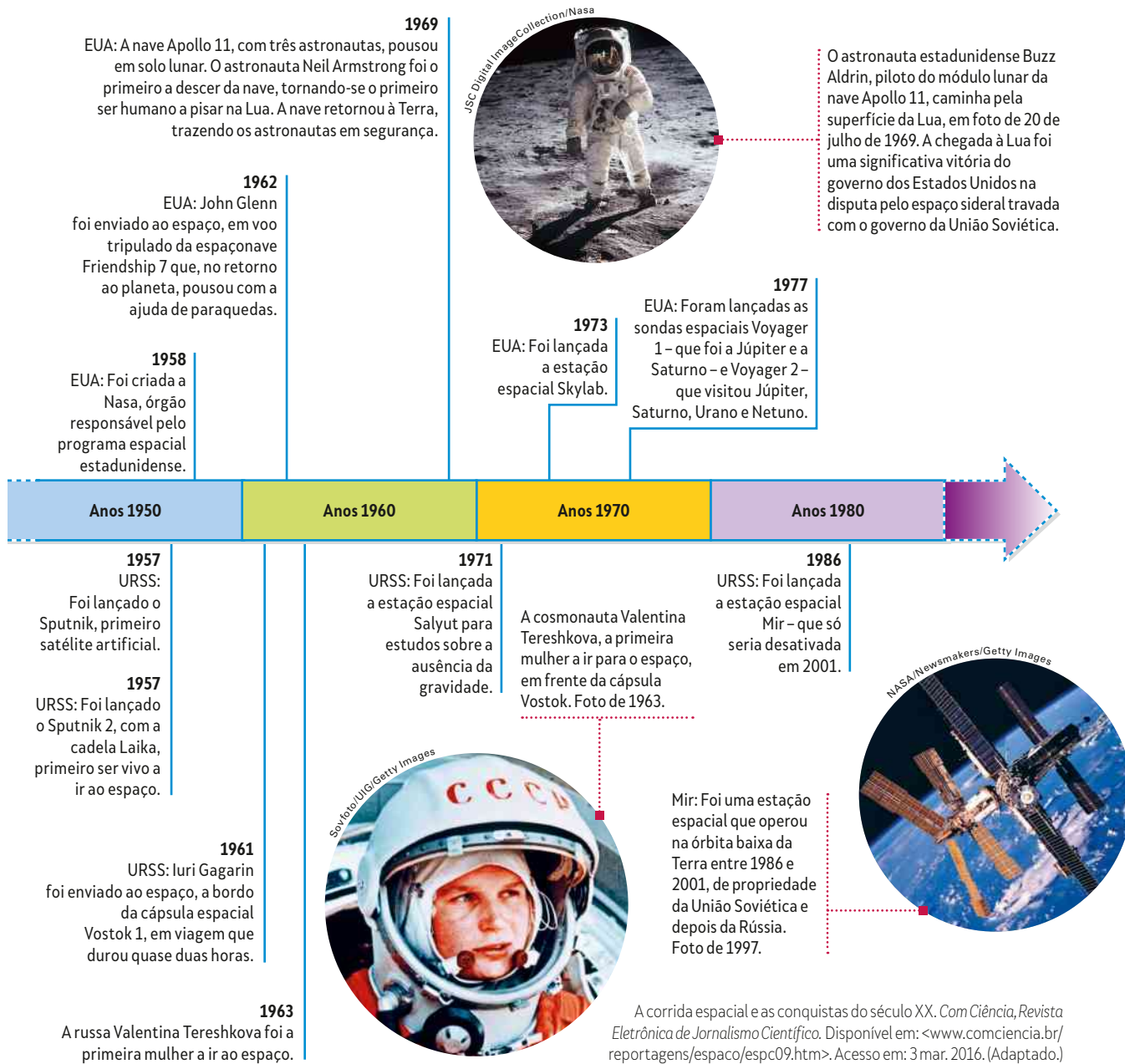
Veja o filme **Síndrome da China**, de James Bridget, 1979. Uma irregularidade em uma usina nuclear é encoberta enquanto uma repórter, seu cinegrafista e um engenheiro da usina tentam descobrir a verdade.

3 Terror nuclear e a corrida espacial

Em 1949, os soviéticos fizeram seu primeiro teste nuclear, explodindo uma bomba atômica no deserto do Casaquistão. A partir de então, teve início a corrida nuclear entre os governos dos Estados Unidos e da União Soviética, que passaram a investir na pesquisa e na produção de armas cada vez mais destrutivas, como a bomba de hidrogênio e os mísseis de longo alcance munidos de ogiva nuclear.

A corrida nuclear difundiu o medo por todo o planeta. Temia-se que a qualquer momento um dos dois países – para conter qualquer ação militar do outro – utilizasse essas armas contra seu rival, dando início a uma **guerra nuclear** de efeitos devastadores.

Um dos desdobramentos da competição entre as duas potências mundiais foi a corrida espacial, cujos principais eventos ocorridos nas décadas de 1950, 1960, 1970 e 1980 estão indicados na linha do tempo a seguir.



Guerras “quentes”

Apesar da tensão das relações internacionais na Guerra Fria, as forças armadas dos Estados Unidos e da União Soviética sempre evitaram o confronto direto. No entanto, em decorrência do velho colonialismo em declínio ou da própria Guerra Fria, desde o fim da Segunda Guerra Mundial eclodiram diversas **guerras localizadas**, conhecidas como guerras “quentes”. Nesses conflitos, a intervenção dos Estados Unidos e da União Soviética (URSS) se dava indiretamente, por meio de apoio material e político às forças em luta.

Em alguns casos, como na **Guerra da Coreia** (1950-1953), a intervenção estadunidense se deu sob a bandeira da ONU, cujo Conselho de Segurança aprovou o envio das tropas de quinze países – comandadas pelo general estadunidense Douglas MacArthur – em defesa da Coreia do Sul. Em 27 de julho de 1953, foi assinado um armistício mantendo a divisão entre as Coreias.

Em outros casos, o governo dos Estados Unidos utilizou a CIA para promover golpes de Estado, como ocorreu no Irã (1953) e na Guatemala (1954). Uma exceção a essa “regra” foi a **Guerra do Vietnã** (1959-1975), na qual as forças armadas dos Estados Unidos intervieram abertamente.

A União Soviética, por sua vez, também apoiou guerras de libertação nacional e levantes anti-imperialistas na África, na Ásia e na América Latina. Ao mesmo tempo, reprimiu movimentos democráticos e manifestações operárias que reivindicavam melhores condições de vida, eleições livres e liberdade de expressão nos países do Leste Europeu.

Em 1956, por exemplo, eclodiu na Hungria um movimento popular contra a presença de tropas soviéticas e um grupo de comunistas dissidentes criou um novo governo. Os soviéticos reprimiram a rebelião e executaram seus líderes.

Em 1968, tropas soviéticas ocuparam a **Tchecoslováquia** para impedir que o governo tcheco (comunista) continuasse a adotar medidas democratizantes. Em 1979, a União Soviética invadiu o Afeganistão, que se encontrava em meio a uma guerra civil, realizando a primeira intervenção direta fora dos países do bloco comunista desde a Segunda Guerra Mundial.

Os enormes gastos para manter as tropas no **Afeganistão** desestabilizaram a economia soviética, piorando as já precárias condições de vida da população. Esse e outros eventos, de ordem econômica e política, contribuíram para a desintegração da União Soviética, em 1991 (ver Capítulo 11).

FILMES

Veja o filme **Mash**, de Robert Altman, 1970. Durante a Guerra da Coreia, dois cirurgiões do hospital móvel do Exército vivem atormentados pela enorme tensão causada pelo grande número de soldados feridos que chegam dos campos de batalha.

Veja o filme **Nascido para matar**, de Stanley Kubrick, 1987. Um sargento treina seus recrutas de maneira sádica com a intenção de transformá-los em máquinas de guerra para combater na Guerra do Vietnã.

Veja o filme **Nascido em 4 de julho**, de Oliver Stone, 1989. Ron Kovic decide lutar no Vietnã por seu idealismo. Na guerra, ele fica paraplégico e retorna ao seu país como herói, mas logo vê a realidade dos deficientes físicos, mesmo os heróis de guerra.

Veja o filme **A confissão**, de Costa-Gavras, 1970. O vice-ministro de Relações Exteriores é preso sem explicação, sofre diversas torturas psicológicas para assinar uma confissão para um crime que ele não sabe se cometeu.

Veja o filme **Jogos do poder**, de Mike Nichols, 2007. No início dos anos 1980, a União Soviética invadiu o Afeganistão. Os Estados Unidos passaram a negociar uma aliança, na qual o país financiaria a resistência ao avanço soviético entre paquistaneses, egípcios e israelenses.

Reg. Lancaester/Express/Getty Images



Tropas soviéticas marcham em Praga, capital da Tchecoslováquia, durante a ocupação. Foto de 1968.

A Guerra da Coreia (1950-1953)



Depois da Segunda Guerra, a península da Coreia foi dividida em Norte (controle da URSS) e Sul (controle dos Estados Unidos). Em 1948, a tensão se agravou e resultou na divisão em dois países: a República da Coreia (Sul) e a República Popular Democrática da Coreia (Norte). Em 1950, teve início a guerra entre as duas Coreias. ONU e China interferiram no conflito: contra e a favor da Coreia do Norte, respectivamente. Apenas em 1953 foi assinado o armistício que manteve a divisão da península coreana.

- Intervenção chinesa, out. de 1950
- Avanço máximo das forças da ONU e dos Estados Unidos, 24 nov. de 1950
- Linha do armistício, 27 jul. de 1953
- Avanço máximo chinês e norte-coreano, 25 jan. de 1951
- Avanço máximo norte-coreano, 15 set. de 1950

Adaptado de: WORLD History Atlas: Mapping the Human Journey. London: Dorling Kindersley, 2005.

A Guerra do Vietnã (1959-1975)

Em 1954, a Indochina, uma colônia francesa na Ásia, conseguiu a independência da França e foi dividida em três países: Vietnã, Laos e Camboja. O Vietnã, por sua vez, foi dividido em Vietnã do Norte (comunista) e Vietnã do Sul (capitalista). Em 1959, teve início o conflito entre as duas partes e, em 1964, os estadunidenses intervieram ao lado do governo do Vietnã do Sul. Os comunistas do Norte reagiram e organizaram um exército de guerrilheiros – os vietcongues. Apesar do poderio das forças armadas dos Estados Unidos, que enviaram 500 mil soldados, armas e aviões, os vietcongues venceram a guerra: em 1973, o governo estadunidense saiu do conflito e em 1975 foi firmada a paz entre Hanói (capital do Norte) e Saigon (capital do Sul). Em 2 de julho de 1976, o Vietnã foi oficialmente reunificado sob o regime comunista.



- Trilha Ho Chi Minh*
 - ★ Bombardeios estadunidenses sobre o Vietnã do Norte
- * Rede de caminhos e trilhas que serviam como ligação logística entre o Vietnã do Norte e o Vietnã do Sul, passando por Laos e Camboja.

Adaptado de: WORLD History Atlas: Mapping the Human Journey. London: Dorling Kindersley, 2005.

Mapas: Banco de imagens/Arquivo da editora

ORGANIZANDO AS IDEIAS



ATIVIDADES

- 1 No fim da Segunda Guerra Mundial, Estados Unidos e União Soviética se tornaram as duas superpotências do planeta, o que resultou no início da Guerra Fria. Explique como isso aconteceu e aponte as principais características desse conflito.
- 2 O senador estadunidense Joseph McCarthy tornou-se célebre ao assumir a liderança do Comitê de Atividades Antiamericanas e iniciar uma campanha que ficou conhecida como macarthismo. Explique o contexto político que deu origem a essa campanha.
- 3 A Guerra Fria teve diversos desdobramentos políticos, como a divisão da Alemanha e as guerras na Coreia e no Vietnã entre 1950 e 1975. Explique o que foram esses processos e de que modo estavam relacionados com a Guerra Fria.

INTERPRETANDO DOCUMENTOS: IMAGEM

ATIVIDADE

- 1 Observe as duas imagens a seguir. São dois exemplos de propaganda produzidas durante a Guerra Fria. A da esquerda é a capa de uma revista estadunidense dos anos 1950. Já a da direita é uma litografia soviética produzida em 1951. A partir da análise das imagens, bem como de seus conhecimentos, responda ao que se pede.

DIALOGANDO COM... SOCIOLOGIA E FILOSOFIA



The Advertising Archives/Fotoarena



The Bridgeman Art Library/Keystone Brasil/Coleção Peter Newark

“Agressor imperialista americano”, escrito na camisa da figura no topo; “Capitalista monopolista britânico”, escrito na camisa da segunda figura; “Trabalhador”, escrito na camisa da figura que está na base.

“Apenas uma América forte pode evitar uma guerra atômica”, no topo da página; “Sua bomba errou, mas mesmo um pequeno erro será suficiente para aquele submarino vermelho quando eu ativar meus foguetes atômicos”, no balão de fala.

- a) Com base na definição de ideologia, explique por que essas duas imagens podem ser consideradas exemplos das diferenças ideológicas existentes no período da Guerra Fria.
- b) Que mensagem essas figuras querem passar sobre os blocos capitalistas e socialistas durante a Guerra Fria?

4 A China vermelha

O Partido Comunista ascendeu ao poder na China em 1949, depois de vencer uma guerra civil de 22 anos contra as forças do então presidente Chiang Kai-shek (1887-1975).

Chiang Kai-shek e seus correligionários refugiaram-se na ilha de Formosa (atual Taiwan), onde tentaram estabelecer um governo paralelo, com o apoio dos Estados Unidos. No dia 1º de outubro de 1949, Mao Tsé-tung (1893-1976) proclamou no continente a República Popular da China.

O Partido Comunista Chinês (PCC), entretanto, assumiu um país em ruínas. Apenas 0,6% da população trabalhava nas escassas indústrias chinesas. Na zona rural, a produção de alimentos era insuficiente para atender toda a população, de aproximadamente 580 milhões de habitantes. A fome se alastrava pelo país.

Em 1950, o governo chinês assinou um tratado de amizade com a União Soviética e começou a pôr em prática medidas radicais de transformação da estrutura social e econômica do país. Foram extintos os latifúndios, por meio de uma reforma agrária severa – criando, ao mesmo tempo, milhares de cooperativas de camponeses – e foram estatizadas as grandes empresas. Socialmente, a bigamia e o concubinato foram proibidos; o divórcio foi legalizado, e as mulheres passaram a ter os mesmos direitos políticos dos homens – direito à propriedade, ao voto, à candidatura política, à igualdade salarial, etc. – embora muitos não tenham se concretizado. Opositores ao novo regime foram proibidos de se manifestar.

O Grande Salto para a Frente

Inspirado na experiência soviética, em 1953 o governo chinês pôs em prática seu primeiro Plano Quinquenal (1953-1957), cujas metas foram atingidas: a produção de aço triplicou, a de carvão e eletricidade duplicou e o país cresceu 18% ao ano.

Com a coletivização da terra no final de 1956, as recém-criadas cooperativas agrícolas passaram a responder por 90% da produção agropecuária. Por essa época, os bancos, as grandes indústrias e o comércio já se encontravam estatizados.

Em 1958, o governo chinês lançou seu segundo Plano Quinquenal, conhecido como **Grande Salto para a Frente** (1958-1962), que pretendia transformar a China em um país tão desenvolvido quanto a Inglaterra em apenas 15 anos. A meta era fazer a produção industrial e agrícola da China crescer 75% ao ano até 1962.

Foram formadas unidades produtivas autossuficientes – as **comunas populares** –, que desenvolviam atividades agropecuárias, industriais, comerciais, administrativas e educacionais. Cada comuna era formada por cerca de 20 mil pessoas e tinha metas preestabelecidas para cumprir.

Moradores da comuna popular de MaCheo, a cerca de 40 quilômetros de Xangai, na China, almoçam diante de uma fotografia do líder chinês Mao Tsé-tung. Fundada em 1958, a comuna de MaCheo reunia 6,7 mil famílias, que viviam do plantio de grãos, frutas e algodão. Foto de 1964.



Rene Burri/Magnum Photos/Latinstock

Ainda em 1958, 500 milhões de chineses foram trabalhar na construção de rodovias, fábricas, cidades, diques, represas e lagos, o que contribuiu para o surgimento de pequenas indústrias no interior do país.

Na área agrícola, as metas estabelecidas no Grande Salto para a Frente não foram atingidas, devido à precária infraestrutura de escoamento da produção, ao esgotamento dos recursos naturais e às calamidades naturais. A produção agrícola se desorganizou e, segundo alguns historiadores, entre 20 milhões e 30 milhões de pessoas morreram de fome e exaustão nesse período.

Rompimento entre China e URSS

Nesse mesmo período, divergências político-ideológicas opuseram os governos da China e da União Soviética. Os soviéticos opunham-se a transferir conhecimentos na área nuclear para os chineses, que, apesar disso, testaram, em 1964, sua primeira bomba atômica e produziram a bomba de hidrogênio em 1967.

Outra fonte de divergências era a política de coexistência pacífica defendida pelo presidente da URSS, Nikita Krushev. Essa postura enfatizava a importância das negociações diplomáticas com o governo dos Estados Unidos ao mesmo tempo que reduzia o apoio aos movimentos de libertação nacional na África, Ásia e América Latina. Para o PCC, as prioridades deveriam ser os princípios da Revolução e o combate ao imperialismo estadunidense.

O rompimento entre os dois países comunistas ocorreu em 1960, quando os soviéticos retiraram seus consultores técnicos da China.

Everett Collection/Latinstock



Cartaz de 1968 enaltecendo a Revolução Cultural na China. No alto, Mao Tsé-tung; ao centro, jovem exhibe o *Livro Vermelho*, obra com pensamentos de Mao; embaixo, Li Wen Chung, considerado herói por ter morrido ao evitar que membros da Guarda Vermelha se afogassem durante a travessia de um rio.

Revolução Cultural e a abertura econômica

O fracasso do Grande Salto abalou o Partido Comunista. Em 1959, Mao Tsé-tung foi substituído por Liu Shaoqi na Presidência, mas manteve a influência política com o controle do PCC. Em 1966, com o apoio da Guarda Vermelha – formada por 10 milhões de jovens que o idolatravam –, ele deu início à **Revolução Cultural**.

Durante essa revolução, dirigentes do PCC, intelectuais e pessoas comuns foram perseguidos, humilhados publicamente, enviados para **campos de reeducação** ou mortos por supostamente defender valores burgueses. O número de pessoas que morreram nesse processo também é controverso, mas alguns especialistas estimam que aproximadamente um milhão de pessoas perderam a vida durante esse movimento, denominado Revolução Cultural.

FILME

Veja o filme *Balzac e a costureirinha chinesa*, de Sijie Daí, 2002. Dois jovens chineses são mandados a campos de reeducação por acusações contra seus pais, que seriam burgueses reacionários. No campo, conhecem uma costureira que guarda em segredo livros considerados subversivos.



Wang Shouxin, acusada de corrupção no PCC, aguarda sua execução em Harbin, na China. Foto de 1980.



Jovens leem o *Pequeno livro vermelho* de Zedong, enquanto esperam pelo transporte, uma cena comum na Revolução Cultural na China. Foto de 1968.

FILMES

Veja o documentário *Personal Che*, de Douglas Duarte e Adriana Marino, 2007. Gravado em quatro continentes, o documentário conta com relatos de diferentes pessoas que o descrevem como santo milagreiro, ídolo neonazista, herói e terrorista, entre outras denominações.

Veja o filme *Diários de motocicleta*, de Walter Salles Jr., 2004. Che Guevara decide viajar a América do Sul com um amigo em sua motocicleta. Durante a viagem, ele começa a questionar a validade do progresso econômico da região, que privilegia apenas uma pequena parte da população.

A Revolução Cultural desorganizou a economia do país. Com a morte de Mao, em 1976, o poder foi assumido por Deng Xiaoping, um dirigente mais moderado do PCC, que havia sido perseguido durante a Revolução Cultural. Ele deu início a reformas que, entre outras coisas, permitiram a criação de Zonas Econômicas Especiais (ZEEs) regidas por princípios capitalistas, e não pela ação do Estado. Formou-se, assim, uma economia socialista de mercado, que tem sido responsável pelo crescimento econômico da China desde então.

5 Revolução Cubana

Por volta de 1950, a economia de **Cuba** dependia das relações comerciais com os Estados Unidos, que comprava quase todo o açúcar, principal produto de exportação cubano. Pouco industrializada, Cuba importava quase tudo dos Estados Unidos. Os reflexos do fraco desenvolvimento e da dependência atingiam a população: **miséria**, analfabetismo, péssimas condições de higiene e saúde.

Em 1952, o ex-presidente e ex-sargento Fulgêncio Batista (1901-1973), assumiu o governo, suspendeu a Constituição e implantou uma ditadura por meio de um golpe de Estado apoiado pelos Estados Unidos. Ele estreitou as relações com os latifundiários produtores de açúcar e agravou o quadro de desigualdade social. A corrupção se generalizou, beneficiando as pessoas próximas do ditador.



Burt Glimm/Magnum Photos/Latinstock

Revolucionários cubanos chegam de tanque à cidade de Santa Clara, nos primeiros dias de janeiro de 1959, pouco tempo depois de terem assumido o poder em Havana, capital de Cuba.

Em 1955, o advogado cubano **Fidel Castro** e o médico argentino **Ernesto Guevara** (1928-1967) organizaram um grupo armado e tentaram um golpe para derrubar o governo de **Fulgêncio Batista**. Partiram do México, onde Fidel estava exilado, mas foram atacados no desembarque em Cuba. Refugiaram-se na floresta e, em menos de quatro anos, conseguiram organizar um movimento guerrilheiro, apoiado por camponeses e por grupos de resistência urbana. O movimento entrou em ação, tomou a capital, Havana, e chegou ao poder em janeiro de 1959.

Liderado por Fidel Castro, o governo revolucionário desapropriou os grandes latifúndios, distribuiu terras entre os camponeses e nacionalizou as grandes empresas, muitas delas de origem estadunidense. Em 1961, Fidel Castro reconheceu publicamente o caráter socialista da Revolução Cubana. Muitos de seus opositores foram mortos ou fugiram para os Estados Unidos.

Bloqueio a Cuba e a crise dos mísseis

Depois que o novo governo cubano declarou-se alinhado ao socialismo, os Estados Unidos romperam relações diplomáticas com Cuba. Em 1961, exilados cubanos tentaram invadir a ilha com o apoio da CIA, mas foram derrotados na baía dos Porcos. As relações entre os dois países tornaram-se ainda mais tensas.

Em 1962, o governo dos Estados Unidos descobriu – por meio de satélites – que mísseis nucleares soviéticos estavam sendo depositados em Cuba, que fica a apenas 150 quilômetros da Flórida, um estado estadunidense. O presidente dos Estados Unidos, John Kennedy, determinou o bloqueio de Cuba por terra e por mar.

FILMES

Veja o documentário ***¡Revolución! A verdade sobre Fidel Castro***, de Victor Pahlen, 1959. O documentário traz relatos de memória dos que participaram de *Soy Cuba* e de quem viveu tempos de intensa esperança e solidariedade na época da revolução.

Veja o filme ***Eu sou Cuba***, de Mikheil Kalatozishvili, 1964. Quatro histórias independentes traçam um painel de Cuba entre a derrubada do regime de Fulgêncio Batista e a Revolução Comunista.

Veja o filme ***Cidade perdida***, de Andy Garcia, 2005. Havana, em 1958, é considerada a capital dos prazeres e diversões para muitos, enquanto alguns estão descontentes com a ditadura de Fulgêncio Batista. O proprietário de uma elegante casa noturna tenta manter sua família unida em meio à tomada da cidade pelas forças revolucionárias.

FILME

Veja o filme **Guantanamo**, de Tomás Gutierrez Alea, 1994. Em uma viagem a Havana, em meio à crise dos combustíveis, um burocrata não mede esforços para transportar o cadáver de sua tia.

Em 2006, Fidel Castro afastou-se da Presidência do país transferindo o poder para seu irmão, Raúl Castro. Em 2015, o então presidente dos Estados Unidos, Barack Obama e Raúl Castro reuniram-se pela primeira vez em um encontro histórico. Na ocasião, o presidente estadunidense disse "A Guerra Fria acabou". Foto de 2016, em Havana, Cuba.



Naquele momento, em plena Guerra Fria, o mundo corria o risco de uma guerra atômica entre os blocos socialista e capitalista. Diante dessa realidade e da pressão estadunidense, os soviéticos retiraram os mísseis, uma vez que Kennedy garantiu que não invadiria Cuba, como tentara fazer um ano antes, no episódio da baía dos Porcos. A crise dos mísseis estava resolvida.

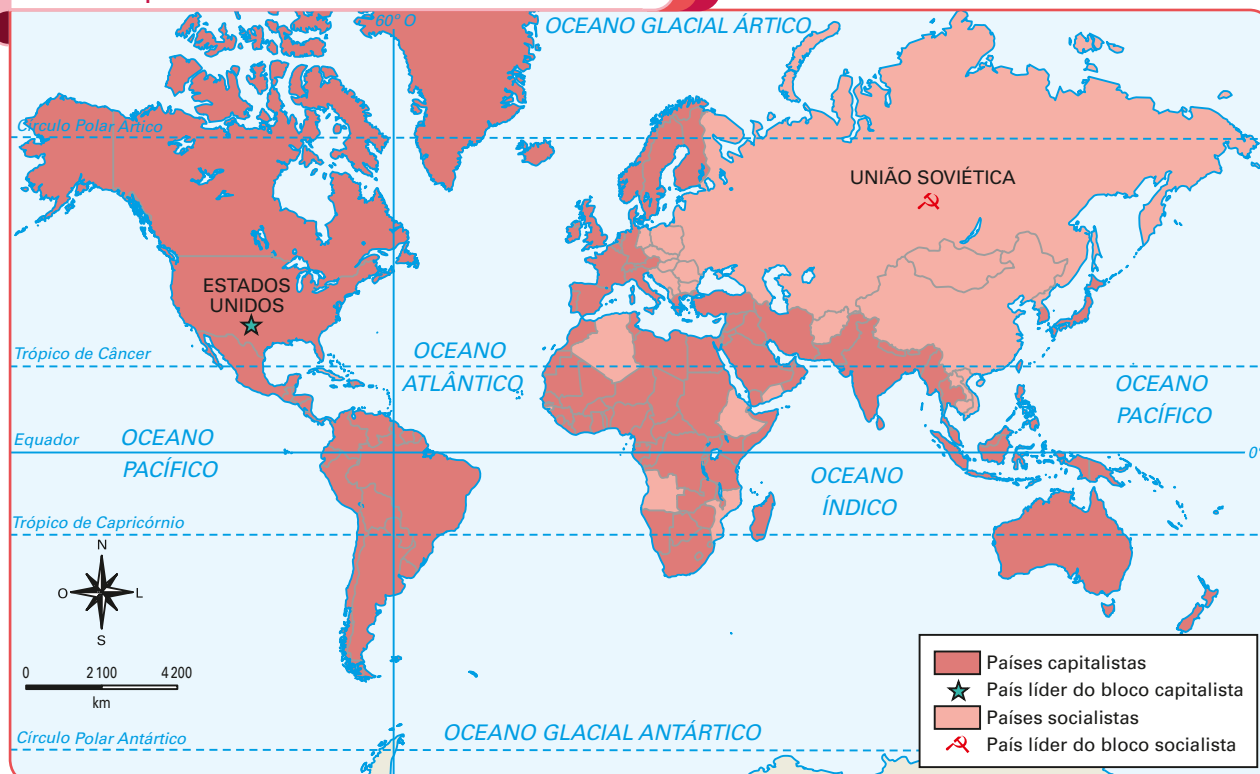
No entanto, ainda em 1962, os Estados Unidos conseguiram que Cuba fosse expulsa da Organização dos Estados Americanos (OEA), e o governo dos Estados Unidos decretou o bloqueio comercial e financeiro ao país.

Apesar das dificuldades criadas pelo bloqueio, com o apoio técnico, financeiro e comercial da União Soviética, o governo cubano conseguiu promover reformas e implantar importantes medidas nas áreas de educação e saúde. Do ponto de vista político, porém, o país continua governado pelo único partido permitido, o Partido Comunista Cubano, o que não permite a alternância no poder e reprime sistematicamente seus **opositores**.

Com o colapso da União Soviética em 1991 (leia o Capítulo 11), Cuba entrou em crise econômica, uma vez que dependia do apoio financeiro soviético. Nos anos seguintes, o país conseguiu se recuperar devido, principalmente, ao investimento de empresas e países que romperam o bloqueio imposto pelos Estados Unidos e ao desenvolvimento do turismo internacional.

Em 2011, o governo cubano começou uma reforma econômica para reduzir o número de funcionários públicos e cortar subsídios, entre outras medidas, visando fortalecer a economia do país. No final de 2014, os Estados Unidos e Cuba reataram as relações diplomáticas.

Países capitalistas e socialistas na década de 1980



Adaptado de: DUBY, Georges. *Grand atlas historique*. Paris: Larousse, 2006.

6 Socialismo na América Latina

Com o sucesso da **Revolução Cubana**, o governo apoiou ativamente movimentos guerrilheiros em outros países da América Latina, incluindo o Brasil. Também enviou militares para lutar na guerra civil de Angola, ao lado do Movimento Popular para a Libertação de Angola (veja *Socialismo africano*, mais adiante).

Adepto da ideia de levar a revolução a outros países, Che Guevara se envolveu diretamente em movimentos guerrilheiros no Congo (África) e na Bolívia (América do Sul).

No Chile, um governo democrático com tendências socialistas chegou ao poder em 1970, com a eleição de Salvador Allende (1908-1973) para a Presidência da República. Ele deu início a um programa de reforma agrária e nacionalizou bancos e empresas estrangeiras.

A reação do governo dos Estados Unidos à expansão do socialismo na América Latina não tardou. Na Bolívia, agentes da CIA treinaram os militares que, em outubro de 1967, capturaram e executaram Che Guevara. No Chile, os estadunidenses agiram diretamente no golpe de Estado perpetrado pelo general Augusto Pinochet que, em setembro de 1973, derrubou o presidente Allende e instalou uma ditadura militar no país.

Na Nicarágua, entre 1975 e 1978, o governo dos Estados Unidos forneceu ajuda militar ao governo do ditador Anastasio Somoza Debayle (1925-1980) para combater a ação das forças guerrilheiras da Frente Sandinista de Libertação Nacional (FSLN), na Revolução Sandinista. Apesar disso, em 1979 os sandinistas chegaram ao poder.

Uma vez no governo, os sandinistas empreenderam grandes mudanças socioeconômicas: promoveram a reforma agrária, combateram o analfabetismo, investiram na saúde, nacionalizaram bancos e companhias de seguro e fizeram a economia do país crescer 7% em menos de dois anos. Na política externa, a Nicarágua se aproximou de Cuba e da União Soviética, o que desagradou ainda mais ao governo dos Estados Unidos.

A partir de 1981, os Estados Unidos financiaram grupos paramilitares antissandinistas, dando início a uma guerra civil que só terminaria em 1987, com a assinatura de um acordo de paz.

Manifestantes vão às ruas de Manágua, capital da Nicarágua, em apoio à Revolução Sandinista, liderada pela Frente Sandinista de Libertação Nacional. Em primeiro plano, jovem segura cartaz com a caricatura dos membros da coalizão que assumiu o governo no país em 1979, após a queda do ditador Anastasio Somoza.

FILME

Veja o filme *Antes do anoitecer*, de Julian Schnabel, 2000. Educado na Cuba comunista, o premiado escritor Reynaldo Arenas é preso e exilado de seu país natal. O filme aborda a vida do escritor, incluindo a homofobia sofrida em Cuba e seu exílio em Nova York.



Susan Meiselas/Magnum Photos/Latinstock

7 Socialismo africano

A onda socialista que atingiu grande parte do mundo em meados do século XX também chegou à África. Jovens africanos que estudaram no exterior assimilaram as teorias socialistas e passaram a difundir-las em suas regiões de origem. Propagou-se assim a ideia de que apenas o socialismo poderia dar fim à opressão estrangeira no continente.

Entre as principais lideranças dessa corrente destacam-se o senegalês Leopold Senghor (1906-2001), ex-aluno da Universidade Sorbonne (França), o primeiro presidente eleito (em 1960) do Senegal independente; Amílcar Cabral (1921-1973), um dos líderes da luta contra o colonialismo português na Guiné e em Cabo Verde; e Agostinho Neto (1922-1979), uma das principais lideranças do Movimento Popular para a Libertação de Angola (MPLA) e primeiro presidente de Angola independente (em 1975).



ENQUANTO ISSO...

FILMES

Veja o filme *Ao balanço das horas*, de Fred Sears, 1956. Um promotor de grandes bandas frustrado e um músico decidem passar a noite em uma pequena cidade e descobrem um amável grupo de garotos dançando e cantando em um novo tipo de ritmo que eles chamam de *rock and roll*.

Veja o filme *Prisioneiro do rock and roll*, de Richard Thorpe, 1957. Após matar um homem acidentalmente, Vince Everett é preso. Na cadeia, conhece o ex-cantor Hunk Houghton, que o ensina a tocar violão. Após ser libertado, Vince inicia sua carreira musical.

Veja o filme *A fera do rock*, de Jim McBride, 1989. Filme biográfico de Jerry Lee Lewis, que era considerado o sucessor de Elvis nos anos 1950. Sua carreira foi muito abalada por seu casamento, com sua prima Myra, que tinha 13 anos à época.

Fundado em 1962, o grupo britânico de *rock* The Rolling Stones é um dos mais antigos e influentes ainda em atividade. Na foto, vemos a banda durante uma apresentação realizada em 1964, em Londres, Inglaterra.

Nasce o rock and roll

O período pós-Segunda Guerra Mundial foi uma época marcada por muitas incertezas e inseguranças. Mas foi também um período de efervescência cultural e muitas descobertas científicas.

No início da década de 1950, surgia uma onda que ia revolucionar a música, os costumes e a sociedade: o *rock and roll*. A primeira referência a esse estilo musical é de 1950, quando o grupo estadunidense Saddlemen gravou *Rock the joint*. Depois, o mesmo grupo, com o nome de Bill Halley and his comets, consagraria o novo ritmo ao gravar **Rock around the clock**, em 1955. Graças ao cinema e à televisão, o *rock* se espalhou. Na década de 1960, tornou-se o ritmo preferido dos jovens que se posicionavam contra a Guerra do Vietnã (1959-1975) e os costumes sociais mais tradicionais e conservadores.

Na primeira geração de **ídolos** da nova música destacam-se os estadunidenses Elvis Presley, Chuck Berry e Jerry Lee Lewis. Mais tarde, o universo do **rock** foi dominado por bandas, como The Doors, dos Estados Unidos; e os grupos The Beatles e The Rolling Stones, da Inglaterra.



Pepperfoto/Gettyimages



ESQUEMA-RESUMO

Guerra Fria, capitalismo e socialismo

Bipolarização do mundo
(bloco capitalista e bloco socialista) depois da Segunda Guerra

Período da Guerra Fria (1945-1991)

- Guerra ideológica
- Intensa utilização da propaganda
- Ações anticomunistas nos Estados Unidos (macarthismo, criação da CIA e da Otan)
- Espionagem
- Corrida armamentista e espacial
- Ações anticapitalistas na URSS (Criação da KGB e Pacto de Varsóvia)
- Divisão da Alemanha

Conflitos do período

Guerra da Coreia
(Estados Unidos e
forças comunistas
da Coreia):
1950-1953

Guerra do Vietnã
(Estados Unidos e
forças comunistas
do Vietnã):
1959-1975

Revolução
comunista na
China (1949)

Revolução Cubana
e formação de um
regime comunista
na América:
1955-1959



1953-1962:
• Planos de desenvolvimento econômico (Plano Quinquenal e o Grande Salto para a Frente)
• Ruptura com a União Soviética

Revolução Cultural Chinesa
(1966)

Reformas após a morte de Mao (1976)

Economia socialista de mercado

Crise dos mísseis e bloqueio de Cuba (1962)

A partir da década de 1960:
• Disseminação de ideias socialistas na América Latina e na África
• Atuação dos Estados Unidos para impedir o avanço do socialismo na América Latina

O período da Guerra Fria (1945-1991) foi marcado por intensos conflitos entre os blocos capitalistas e socialistas. Com base nas informações do esquema, descreva as principais características desse período e aponte os principais conflitos que se desenvolveram durante a Guerra Fria.



ATIVIDADES

NÃO
ESCREVA
NO
LIVRO

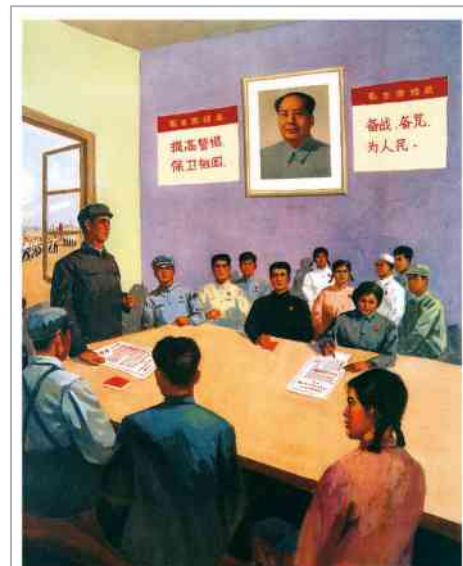
ORGANIZANDO AS IDEIAS

- 1 Explique como ocorreu o processo da Revolução Comunista na China, em 1949, e aponte quais eram as condições sociais do país nesse período.
- 2 Nas décadas de 1950 e 1960, o governo chinês tomou duas medidas importantes: a criação de planos de desenvolvimento econômico e o rompimento com a União Soviética. Explique o que foram tais medidas e por que elas foram adotadas nesse período.
- 3 O que foi a Revolução Cultural? Qual era sua finalidade política? Explique.
- 4 Faça uma síntese da Revolução Cubana de 1959, indicando também seus desdobramentos após a tomada do poder pelos revolucionários liderados por Fidel Castro.
- 5 Com o sucesso da Revolução Cubana, em 1959, o socialismo ganhou força na América Latina e em alguns países do continente africano. Explique como se deu esse processo nas duas regiões e aponte qual foi a reação do governo dos Estados Unidos diante do risco de crescimento do socialismo, especialmente em território latino-americano.
- 6 O que foi a Revolução Sandinista? Quais foram suas consequências e seus resultados? Faça um resumo.

INTERPRETANDO DOCUMENTOS: IMAGEM

- 1 Durante a Guerra Fria, a propaganda foi um instrumento largamente utilizado por todos os países socialistas como maneira de convencer e arregimentar a população. Especialmente por meio de cartazes e de programas de rádio, os Estados difundiam valores, ideias e concepções de mundo. O cartaz ao lado foi produzido pelo Departamento de Preparação para a Guerra do Comitê Revolucionário da cidade de Tianjin, na China, em 1971. Observe-o atentamente, leia a legenda e responda às questões.
 - a) Qual é o tema central do cartaz? Identifique os elementos na própria imagem e nas legendas que justifiquem a sua resposta.
 - b) A valorização da figura do líder era uma estratégia de dominação ideológica utilizada com frequência pelos Estados socialistas. Com base no que se observa no cartaz e nas legendas, indique quais características eram atribuídas aos líderes em propagandas desse tipo.

Cartazes com pensamentos de Mao Tsé-tung. "Aumentar a vigilância, defender a pátria", diz o da esquerda. "No interesse do povo, fazer provisões de cereais para a eventualidade de uma guerra ou catástrofe natural", recomenda o da direita. Embaixo: "Todos os chineses devem estar de prontidão para o caso de uma agressão imperialista".



毛主席教导说：“把战争的政治动员，变成经常的运动。这是一件伟大的事。战争首先靠它取得胜利。”要结合实际，经常和群众的思想，进行经常性的战备思想教育，牢固树立常备不懈的思想，做好御敌帝国主义、社会帝国主义侵略的准备。

Departamento de Preparação para a Guerra do Comitê Revolucionário da Cidade de Tianjin, 1971/Arquivo da editora

TESTE SEU CONHECIMENTO



1 (Enem)



Nos quadrinhos, faz-se referência a um evento que correspondia a um dos grandes medos da população mundial no período da Guerra Fria. Durante esse período, a possibilidade de ocorrência desse evento era grande em função do(a)

- a) acirramento da rivalidade Norte-Sul.
- b) intensificação da corrida armamentista.
- c) ocorrência de crises econômicas globais.
- d) emergência de novas potências mundiais.
- e) aprofundamento de desigualdades sociais.

2 (UPF-RS) A charge mostra Harry Trumann e Josef Stalin jogando futebol com uma bola que representa o planeta Terra. Trata-se de uma representação da chamada Guerra Fria, que pode ser definida como:



- a) política da 'paz armada', desenvolvida pelas grandes potências no final do século XIX, da qual resultaram tratados de alianças como a Tríplice Entente e a

Tríplice Aliança e que levou à Primeira Guerra Mundial.

- b) estado de tensão permanente entre o bloco capitalista, liderado pelos Estados Unidos, e o bloco socialista, liderado pela União Soviética, resultante da disputa entre essas duas potências por uma posição hegemônica no contexto internacional no período posterior à Segunda Guerra Mundial.
- c) tensão militar ocorrida entre Inglaterra e Alemanha, no final do século XIX, motivada pela disputa, entre os dois Estados Nacionais, pelo controle do comércio internacional.
- d) estratégia desenvolvida pelos Estados Unidos objetivando conter a expansão imperialista da União Soviética, nação que emergiu da Segunda Guerra Mundial como a maior potência econômica e militar do mundo.
- e) choque ocorrido entre as potências industrializadas europeias, entre o final do século XIX e o início do século XX, decorrente da disputa pelas colônias na África e na Ásia.

3 (Unicamp-SP) Em discurso proferido no dia 12/03/1947, o presidente dos Estados Unidos, Harry Truman, afirmou:

O governo grego tem operado numa atmosfera de caos e extremismo. A extensão da ajuda a esse país não quer dizer que os Estados Unidos estão de acordo com tudo o que o seu governo tem feito ou fará. No momen-

to atual da história do mundo quase todas as nações se veem na contingência de escolher entre modos alternativos de vida. E a escolha, frequentes vezes, não é livre.

Harold C. Syrett (org.), *Documentos Históricos dos Estados Unidos*. São Paulo: Cultrix, 1980. p. 316-317.

Considerando o discurso do presidente Truman, bem como os processos históricos do pós-Segunda Guerra Mundial, é correto afirmar que:

- a) a “contingência de escolher entre modos alternativos de vida” se referia à escolha entre o fascismo alemão e a democracia liberal.
 - b) o caos do governo grego era uma referência aos problemas da Grécia com o Mercado Comum Europeu e a necessidade de ajuda ao governo de Atenas.
 - c) o discurso é uma resposta ao Plano Marshall, que o governo de Londres tentava impor à Grécia, por meio do Banco Central Europeu.
 - d) o discurso nasceu do declínio do auxílio britânico na região da Grécia e da ascensão norte-americana no contexto da Guerra Fria.
- 4** Durante a Guerra Fria, o governo dos Estados Unidos adotou uma série de medidas para combater o fortalecimento do bloco comunista. Leia as seguintes afirmativas sobre esse tema e escolha a opção correta. Em seguida, justifique o erro das afirmativas falsas.
- I. O discurso feito pelo presidente estadunidense Harry Truman em março de 1947 é considerado por muitos historiadores como o início da Guerra Fria, já que ele expressava a posição do governo americano em lutar contra a expansão do socialismo pelo mundo.
 - II. Para combater a expansão do socialismo, o governo americano adotou aquilo que ficou conhecido como Doutrina Truman, que consistia em oferecer sustentação econômica, política e militar aos países ocidentais.
 - III. O governo dos Estados Unidos não adotou apenas medidas de ajuda econômica e política, mas também adotou medidas militares para conter o avanço do socialismo. Um exemplo disso foi a criação

da Organização do Tratado do Atlântico Norte (Otan), aliança militar formada inicialmente por doze países capitalistas.

IV. Internamente, os Estados Unidos criaram o Comitê de Atividades Antiamericanas, com o objetivo de identificar e punir as pessoas consideradas suspeitas de envolvimento com o comunismo.

- a) As afirmativas I, II e IV estão corretas.
- b) As afirmativas II, III e IV estão corretas.
- c) As afirmativas I, III e IV estão corretas.
- d) As afirmativas I e II estão corretas.
- e) Todas as afirmativas estão corretas.

5 O período da Guerra Fria foi marcado por diferentes formas de disputa entre os governos dos Estados Unidos e da União Soviética. Leia as seguintes afirmativas sobre esse tema e escolha a opção correta. Em seguida, justifique o erro das afirmativas falsas.

- I. A Guerra Fria foi marcada pela intensa corrida nuclear entre os governos dos Estados Unidos e da União Soviética, que disputavam o controle de novas tecnologias e armas mais modernas.
 - II. Além das disputas tecnológicas por armas mais eficientes e modernas, a Guerra Fria foi marcada pela crescente utilização de serviços de espionagem internacional, com a atuação de agentes em todo o mundo.
 - III. Durante a Guerra Fria, apenas os Estados Unidos desenvolveram tecnologias para viagens espaciais, o que deixou a União Soviética em grande desvantagem no período.
 - IV. A concorrência entre as duas potências do período resultou em inúmeros conflitos diretos entre as tropas americanas e as tropas soviéticas. Exemplo disso foi a Guerra da Coreia, quando os Estados Unidos derrotaram as forças soviéticas e impediram o avanço do comunismo na Ásia.
- a) As afirmativas II e IV estão corretas.
 - b) As afirmativas III e IV estão corretas.
 - c) As afirmativas I e IV estão corretas.
 - d) As afirmativas I e II estão corretas.
 - e) As afirmativas I e III estão corretas.

HORA DE REFLETIR

- Em 1950, tropas chinesas invadiram o Tibete e anexaram o território aos seus domínios, transformando-o em uma província da China. Desde então, o líder espiritual dos tibetanos, o dalai-lama Tenzin Gyatso, passou a liderar uma **campanha pacifista** pela libertação do Tibete. O pacifismo é um movimento mundial com raízes no século XIX que prega o fim da guerra como meio de resolver os conflitos e evitar o uso da violência. Atualmente, diversos movimentos pacifistas no mundo buscam, por meio de táticas alternativas à violência, fazer valer suas ideias.
- 1 Reúna-se com seus colegas e façam uma pesquisa sobre esse assunto. Identifiquem e localizem Organizações Não Governamentais (ONGs) ou instituições que têm o pacifismo como bandeira e expliquem suas propostas. Para terminar, debatam em sala de aula as seguintes questões: o pacifismo é de fato uma alternativa à violência na resolução de conflitos? Quais são os limites de sua atuação? Como a sua comunidade pode contribuir para ampliar a paz no mundo?
- 2 Ao final, produzam cartazes sobre o tema e sobre as ideias discutidas durante a realização da atividade.



MINHA BIBLIOTECA

PARA NAVEGAR

Museu Nacional da Força Aérea dos Estados Unidos. Passeio virtual pelo site do museu (em inglês). As salas são temáticas e podem ser acessadas a partir de um mapa. Há uma sala específica sobre o período da Guerra Fria. Disponível em: <www.nationalmuseum.af.mil/> (site do museu); <www.nmusafvirtualtour.com/full/tour-std.html> (link para passeio virtual); <www.nationalmuseum.af.mil/Visit/MuseumExhibits/ColdWarGallery.aspx> (link da Guerra Fria). Acesso em: 2 mar. 2016.

Berlin Hall History. Site sobre o Muro de Berlim (em inglês). Disponível em: <www.dailysoft.com/berlinwall>. Acesso em: 2 mar. 2016.

Cold War Files. Site com diversos documentos sobre o período da Guerra Fria (em inglês). Disponível em: <www.wilsoncenter.org/program/cold-war-international-history-project>. Acesso em: 2 mar. 2016.

Projeto Stuff in Space. Site que mostra em tempo real o lixo espacial que circula em torno da terra. Os pontos em cinza são detritos, os vermelhos são satélites, e os azuis, restos de foguetes espaciais. Clicando em um ponto, é possível ver detalhes de cada lixo, como nome, altitude, velocidade. Disponível em: <<http://stuffin.space/>>. Acesso em: 2 mar. 2016.

PARA ASSISTIR

Testa de ferro por acaso. Direção de Martin Ritt. Estados Unidos, Columbia Pictures, 1976, 71 min. Howard Prince se passa por um amigo roteirista que está na lista negra de McCarthy para conseguir trabalho em uma emissora de televisão.

Cine Majestic. Direção de Frank Darabont. Estados Unidos/Austrália, Warner Bros., 2001, 152 min. Um roteirista alvo do macarthismo perde seu emprego, sofre um acidente e perde a memória. Ele acaba sendo confundido com o filho do dono de uma sala de cinema, desaparecido na Segunda Guerra, e redescobre a magia do cinema.

PARA LER

A insustentável leveza do ser, de Milan Kundera. Companhia das Letras. Na cidade de Praga, em 1968, a história da vida de quatro personagens – Tereza e Tomas, Sabina e Franz – que se encontram e desencontram, por causa de suas escolhas ou por mero acaso. Como pano de fundo, a situação político-histórica da Tchecoslováquia naquele momento. O roteiro do filme homônimo foi assinado pelo autor, Milan Kundera, e dirigido por Philip Kaufman (Estados Unidos, Warner Bros., 1988, 171 min)

A boa terra, de Pearl S. Buck. Alfaguara Brasil. O livro retrata as profundas mudanças econômicas e sociais que transformaram a China de país agrário a potência emergente e retrata os costumes e o cotidiano das pessoas nesse período. O fio condutor é a história de vida de Wang Lung, que com dedicação e trabalho passa de humilde camponês a grande proprietário de terras.

A ilha, de Fernando Morais. Companhia das Letras. O livro é uma reportagem, o registro da viagem de três meses que o jornalista Fernando Morais fez a Cuba na década de 1970. Lançada em 1976, a obra tornou-se um ícone da esquerda brasileira, resistente à ditadura militar da época e, por isso, foi acusado de fazer apologia à Revolução Cubana.

FECHANDO A UNIDADE

Os documentos desta seção debatem o papel dos meios de comunicação nos dias de hoje. O primeiro deles é uma charge da artista brasileira Laerte sobre a relação entre a vida real e a vida digital nas plataformas de comunicação de massa existentes no presente. O segundo é um trecho da carta que Edward Snowden, responsável pela divulgação de dados do programa de grampos e espionagem secreto do governo dos Estados Unidos, escreveu para explicar suas ações. O terceiro é um trecho de um texto que discute as práticas de *cyberbullying* nas redes sociais no presente. Após a leitura dos textos, responda às questões propostas.

DOCUMENTO 1 – Charge



Charge de Laerte satiriza a influência da mídia digital nos dias atuais.

DOCUMENTO 2 – Carta

Olá. Meu nome é Ed Snowden. Há pouco mais de um mês, eu tinha família, uma casa no paraíso, e vivia em grande conforto. Eu também tinha a capacidade de, sem mandado algum, vasculhar, apreender e ler suas comunicações. A comunicação de qualquer um, a qualquer hora. Este é o poder de mudar o destino das pessoas.

Também é uma grave violação da lei. A 4ª e 5ª Emendas da Constituição do meu país, o Artigo 12 da Declaração Universal dos Direitos Humanos, e diversos estatutos e tratados proibiram sistemas invasivos assim de vigilância, em larga escala. Enquanto a Constituição americana estabelece que estes programas são ilegais, meu governo argumenta que decisões judiciais secretas, que o mundo não está autorizado a ver, de algum modo legitimam um tema ilegal. Tais decisões simplesmente corrompem a mais básica noção de Justiça – cujo cuidado deve ser de assegurá-la. O imoral não pode ser moralizado por meio de uma lei secreta.

Acredito no princípio declarado em Nuremberg em 1945: “Indivíduos têm deveres internacionais que trans-

cendem as obrigações de obediência nacionais. Assim, cidadãos têm o dever de violar leis domésticas para impedir crimes contra a paz e a humanidade.”

Com base nisso, fiz o que eu julgava certo e comecei uma campanha para corrigir este erro. Não procurava enriquecer. Não quis vender segredos dos Estados Unidos. Não me aliei a nenhum governo estrangeiro para garantir minha segurança. Em vez disso, levei o que eu sabia para o público, de forma que aquilo que afeta todos nós possa ser discutido por nós todos à luz do dia, e pedi justiça ao mundo.

Esta decisão moral de contar ao público sobre a espionagem que atinge a todos nós foi custosa, mas era a coisa certa a se fazer, e eu não me arrependo.

Desde então, o governo e os serviços de inteligência dos Estados Unidos da América têm tentado fazer de mim um exemplo, um alerta a todos que, como eu, podem fazer revelações. Fui transformado em um apátrida e caçado por meu ato de expressão política.

Leia a carta de Edward Snowden divulgada pelo Wikileaks. *UOL Notícias Internacional*, São Paulo, 12 jul. 2013. Disponível em: <<http://noticias.uol.com.br/internacional/ultimas-noticias/2013/07/12/leia-a-carta-de-edward-snowden-divulgada-pelo-wikileaks.htm>>. Acesso em: 2 mar. 2016.

DOCUMENTO 3 – Texto

Assim como ocorreu com o jornal, o rádio e a televisão, atualmente a internet vem modificando o hábito das sociedades. Paralelamente à sociedade real há uma sociedade virtual, movida por meio das novas tecnologias. Em função disso, hoje as pessoas também vivem vidas paralelas: uma real e uma virtual. Por meio da internet elas mantêm seu círculo de amizade, namoram, compram, trabalham, ganham dinheiro, estudam, escrevem bilhetes, cartas, pesquisam...

Por conta desse relacionamento cotidiano com o mundo virtual surgiram muitos termos não tão comuns no nosso dia a dia, que estão mais ligados à tecnologia da informação, como ciber mundo, ciber espaço, cibercultura, cibercidadão etc., que têm sua origem na palavra cibernética.

Dentre eles encontramos o *cyberbullying*, que é uma versão eletrônica do *bullying* praticado por meio de agressões verbais e escritas utilizando-se a internet. A vítima recebe mensagens ameaçadoras, conteúdos difamatórios, imagens obscenas, palavras maldosas e cruéis, insultos, ofensas, extorsão etc., e tudo isso pode alcançar milhões de pessoas em questão de segundos.

[...]

Existem pessoas que formam comunidades na internet para falar mal de determinados indivíduos. Os “amigos” criam tópicos na comunidade da escola falando mal de um jovem ou humilha-o por meio de *e-mails* ou recados nos sites de relacionamento, como *Orkut*, *Facebook*, *Twitter*, *Myspace*, *blogs*, *websites*, *fotologs*, vídeos no You-

Tube ou por transmissões eletrônicas instantâneas como *Messenger*, *chats* etc.

Para não serem identificados, os internautas criam *fakes* (perfil falso) para ameaçar as vítimas, porém é possível descobrir quem são.

[...] No *cyberbullying* o agressor usa as mesmas ameaças e ações do *bullying*, porém a diferença é que a vítima não apresenta provas reais. Não há ferimentos físicos ou roupas rasgadas, nem sumiço de objetos ou dinheiro. No entanto, não é difícil para os pais detectarem os sinais: o(a) filho(a) pode parecer nervoso(a), triste, amargurado(a), infeliz, a ponto de se isolar da própria família, depois de usar o computador ou depois de ver mensagens ou receber telefonemas pelo celular.

O lar já não é um lugar de refúgio; esse tipo de violência invasiva ramifica-se, sai da escola, vai para a rua, entra no transporte coletivo e chega a casa. E o perigo de sua natureza anônima é a rápida difusão e alcance mundial.

O QUE É *cyberbullying*. Disponível em: <<http://bullyingcyberbullying.com.br/bullying/o-que-e-cyberbullying/>>. Acesso em: 2 mar. 2016.



REFLITA E RESPONDA

1. Em sua carta, Edward Snowden justifica suas ações e acusa o governo dos Estados Unidos de utilizar os meios de comunicação de massa de forma ilegal. De que modo isso ocorre e por que Snowden considera tão grave as ações do governo dos Estados Unidos?
2. O documento 3 discute como as inovações tecnológicas promovem mudanças de hábitos na sociedade. De que forma ele explica isso? Essas mudanças são todas positivas? Justifique sua resposta.
3. O quadrinho do documento 1 faz uma crítica aos meios de comunicação por meio de um exemplo bastante comum no presente, os jogos de *videogame*. Qual é a crítica que a charge propõe?
4. Os documentos 2 e 3 destacam um dos efeitos do desenvolvimento crescente dos meios de comunicação no presente, a possibilidade que tais tecnologias oferecem para invadir a privacidade dos indivíduos. Você considera que a privacidade deveria ser defendida como um direito humano básico, assim como o direito à saúde e à educação? Justifique sua resposta.
5. O *cyberbullying*, assim como a divulgação de informações pessoais importantes nas redes sociais, pode criar problemas sérios para os indivíduos. Pensando nisso, elabore, em duplas, três propostas para incentivar um uso crítico, consciente e que não provoque sofrimentos em outros indivíduos dos meios de comunicação de massa, em especial as redes sociais.

P Professor(a), veja no Procedimento Pedagógico deste capítulo uma sugestão de **Atividade Alternativa** que aprofunda a discussão em torno do eixo conceitual da Unidade.

Você sabe reconhecer a violência? Ela pode ser definida como qualquer tipo de ação que provoque lesões físicas, morais e psíquicas em um indivíduo ou em um grupo de pessoas. Sua manifestação se dá de diversas maneiras: assaltos, agressões domésticas, ações arbitrárias da polícia, guerras, atentados terroristas, etc. Há registros de conflitos violentos desde os primeiros agrupamentos humanos.

As tentativas de dominação de povos por Estados em processo de expansão territorial, como ocorreu no colonialismo e na formação de impérios também são fenômenos recorrentes. O governo detém — mesmo em sociedades democráticas — o poder de uso legítimo da violência contra a população, que se dá por meio da polícia. Outros exemplos da violência de Estado ocorrem em ditaduras, que suprimem direitos civis e utilizam métodos repressivos, como prisão, tortura e execução, para intimidar seus opositores.

Situações de dominação estrangeira ou de opressão interna tendem a provocar reações violentas por parte de grupos rebeldes. Nesses casos, há violência revolucionária, que pode assumir proporções maiores ou menores, como ocorreu na Revolução Francesa (1789) e na Revolução Russa (1917).

Nesta Unidade, veremos como a violência de Estado e a violência revolucionária se manifestaram em diversos lugares do mundo no decorrer da segunda metade do século XX.



Reprodução/Ministério do Turismo/Secretaria de Direitos Humanos/Governo Federal do Brasil

Não desvie o olhar.



Fique atento. Denuncie.

PROTEJA

nossas crianças e
adolescentes da violência.

Procure o Conselho Tutelar ou disque 100

Ministério do
Turismo

Secretaria de
Direitos Humanos

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
PAÍS RICO E PAÍS SEM POBREZA

www.direitoshumanos.gov.br

Cartaz da campanha federal de 2015 destinada à proteção de crianças e adolescentes contra a violência.



Desenho que fez parte da exposição *A Child's View From Gaza* (A visão de uma criança de Gaza), 2011. O projeto da ativista Susan Johnson reúne 26 desenhos de crianças palestinas.

Reprodução/The Middle East Children's Alliance (MECA)

COMEÇO DE CONVERSA

1. A violência pode assumir formas muito variadas, como violências físicas, psicológicas e sociais, entre outras. Com base nisso, descreva os tipos de violência que você observa com mais frequência no seu cotidiano.
2. Existem muitas formas de violência que ocorrem dentro do ambiente escolar. Uma delas é conhecida atualmente como *bullying*. Por que você considera que isso ocorre? Que medidas podem ser tomadas para evitar esse tipo de prática?

África, Ásia e América Latina: independência política

Em geral, os homens costumam ter **privilégios sociais** em comparação às mulheres. Pesquisas indicam que a presença feminina em cargos políticos é muito baixa em comparação à masculina. Segundo pesquisa da ONG Inter-Parliamentary Union (IPU), *Women in Parliaments*, em 2014 apenas dois países no mundo tinham maioria de mulheres em suas câmaras legislativas: Ruanda (África) e Andorra (Europa). A mesma pesquisa indica que, dos 10 países cuja representação de mulheres na política é relevante (acima dos 40%), quatro são africanos: além de Ruanda, entraram na lista África do Sul, Seychelles e Senegal.

Embora problemas como a miséria, as doenças e a violência ainda existam, o continente africano vem passando por transformações que prometem um futuro melhor. A presença das mulheres na política é um exemplo.

Neste capítulo estudaremos as formas de resistência dos africanos à presença estrangeira em suas terras (neocolonialismo) até conquistarem sua autonomia. Veremos também os processos de luta pela liberdade nos países asiáticos e o nacionalismo e o populismo na América Latina.

Parlamentares ruandeses discutem uma petição nacional em Kigali, 2015. Ruanda tem o parlamento mais feminino do mundo: as mulheres ocupam 63,8% das vagas da Câmara e 40% das do Senado.



OBJETIVOS DO CAPÍTULO

- Conhecer as características do processo de independência dos países da Ásia e da África sob o domínio europeu, na segunda metade do século XX.
- Reconhecer a importância dos movimentos nacionalistas nos processos de independência e as vias possíveis para a conquista da autonomia.
- Observar o contexto socioeconômico e político em que foram instaurados regimes populistas e ditatoriais na América Latina.

1 A independência nos países da África e da Ásia

Antes da Segunda Guerra Mundial formaram-se diversos movimentos nacionalistas contra o colonialismo europeu que, desde o século XIX, dominava várias regiões da Ásia e da África – fenômeno também conhecido como *neocolonialismo*. Os países europeus visavam extrair as riquezas naturais das colônias e impôr seus produtos às populações nativas. As metrópoles não desenvolveram práticas que aperfeiçoassem o crescimento dessas regiões.

Com o início da Guerra Fria, tanto o governo soviético como o estadunidense (que buscavam hegemonia mundial) tinham interesse em atrair as colônias europeias na África e na Ásia para suas esferas de influência e, por isso, passaram a incentivar a **autodeterminação dos povos** nas colônias.

Até 1965, aproximadamente, a maior parte dos movimentos nacionalistas da Ásia e da África conquistaria a independência de seus países. Em alguns casos, essa conquista seria obtida pacificamente; em outros, isso só seria possível por meio da luta armada.

2 Movimentos nacionalistas pela independência na África

Em 1945, havia na África apenas quatro países independentes: Etiópia, Egito, África do Sul e Libéria. O restante do continente estava sob o domínio de cinco nações europeias: Inglaterra, França, Bélgica, Portugal e Espanha.

Entre as décadas de 1930 e 1940, formou-se no Quênia – que era colônia britânica – uma organização que agregava o maior grupo étnico da região: a Associação Central dos **Kikuyu**, que exigia a devolução das suas terras. Desse movimento surgiu a organização guerrilheira Mau-Mau, liderada por Jomo Kenyatta, que a partir de 1952 passou a promover ações armadas contra os ingleses. A independência do Quênia seria conquistada em 1963.

No norte da África, nacionalistas da Tunísia, do Marrocos francês e da **Argélia** se rebelaram contra a França entre 1952 e 1954. Em 1956, depois de alguns anos de luta armada, a Tunísia e o Marrocos se tornaram independentes. Na Argélia, a guerra só terminou em 1962, com o triunfo da Frente de Libertação Nacional (FLN) argelina.

A pretexto de reprimir a rebelião dos guerrilheiros Mau-Mau, no Quênia, as autoridades inglesas prenderam milhares de pessoas da etnia kikuyu entre 1952 e 1953. Na foto, tirada no dia 3 de abril de 1953, em Nairóbi, capital do Quênia, centenas de prisioneiros se concentram em um campo de detenção.



Bettmann/Corbis/Stock Photos

Autodeterminação dos povos:

expressão muito usada nos anos 1940 e 1950 que designa a capacidade de um povo se autogovernar, ou seja, de exercer sua soberania como nação independente e de decidir o próprio destino.

FILMES

Veja o filme *Simba*, de Brian Desmond Hurst, 1955. O jovem inglês Alan vai para a África na esperança de se reencontrar com seu irmão, David, que tem uma fazenda de criação de gado. David, no entanto, foi morto pelos Mau-Mau, uma sociedade da etnia kikuyu.

Veja o filme *Batalha de Argel*, de Gillo Pontecorvo, 1965. O filme mostra o processo de independência da Argélia por meio da história de Ali, líder da Frente de Libertação Nacional (FLN), desde que ele se une à organização até sua captura e execução, junto a outros líderes do movimento, pelo governo francês. O filme foi proibido no Brasil durante a ditadura civil-militar.

FILMES

Veja o filme ***A batalha de Paris*** (Noite Negra), de Alain Tasma, 2005. O filme conta diferentes pontos de vista dos acontecimentos ocorridos na noite de 17 de outubro de 1961, quando, durante manifestação pacífica de 20 mil pessoas pela independência da Argélia, centenas de manifestantes foram assassinados pela polícia francesa.

Veja o filme ***Diamante de sangue***, de Edward Zwick, 2006. Relata a união entre um contrabandista e um pescador no meio de uma guerra civil em Serra Leoa, em 1999, para recuperar um raro diamante rosa, de imenso valor, e resgatar o filho do pescador, feito soldado ainda criança.

Veja o filme ***Na cidade vazia***, de Maria João Ganga, 2004. O filme conta a história de N'dala, que, com outras crianças, foge da guerra civil e chega ao aeroporto de Luanda. Ele sonha voltar a sua terra natal para reencontrar seus parentes, todos mortos pela guerra.

Veja o filme ***Capitães de abril***, de Maria Medeiros, 2000. Apresenta a visão nostálgica da Revolução dos Cravos quando, em 25 de abril de 1974, as tropas rebeldes, sob o comando de jovens militares, tomaram os quartéis e entraram em Lisboa, sem desrespeitar os civis ou fazer uso da violência.

LIVRO

Leia o livro ***Mayombe***, de Pepetela, editora Dom Quixote. O romance aborda a guerra de libertação de Angola sob a ótica de guerrilheiros oriundos de diferentes regiões do país, pertencentes a diferentes etnias e grupos sociais.

A via pacífica

O surgimento de movimentos nacionalistas e o enfraquecimento da dinâmica de dominação foram suficientes para que algumas potências europeias começassem a negociar a independência política com as lideranças africanas. Seu objetivo era manter a dependência econômica das colônias tanto quanto fosse possível.

Essa política de independência controlada foi posta em prática principalmente pelo governo da Inglaterra. Pela via pacífica, ocorreram as emancipações políticas de diversas de suas colônias: Sudão (1956), Costa do Ouro (atual Gana, 1957), Nigéria (1960), **Serra Leoa** (1961), Quênia (1963), Zâmbia (antiga Rodésia do Norte, 1964) e Gâmbia (1965), entre outras (veja o mapa da página ao lado). Os novos países passaram a fazer parte da **Comunidade Britânica das Nações**, organismo que tinha sido criado em 1930 com o objetivo de reunir antigas colônias inglesas e preservar os interesses político-econômicos da Grã-Bretanha na África.

O governo da França também procurou administrar a emancipação de algumas de suas colônias de maneira pacífica. Em 1958, Guiné tornou-se independente e, em 1960, quase todas as colônias francesas estavam emancipadas: Camarões, Madagascar, Costa do Marfim, Senegal, Mali, etc. (veja o mapa da página ao lado).

P Professor(a), veja no Procedimento Pedagógico deste capítulo uma sugestão de **Atividade Alternativa** que propõe a criação de uma exposição fotográfica sobre a luta pela independência de Angola.

A via armada

Portugal, por ser muito dependente da exploração dos recursos e da mão de obra barata de suas colônias africanas, não concordava com a ideia de independência. Em função da impossibilidade de negociação, a partir de 1961 começaram a surgir movimentos guerrilheiros em todas elas. Em Cabo Verde e Guiné-Bissau, o marxista Amílcar Cabral (1924-1973) assumiu a liderança do movimento de emancipação; em Moçambique, o antropólogo Eduardo Mondlane (1920-1969) fundou a Frente de Libertação de Moçambique (Frelimo), também de orientação marxista.

Em **Angola**, o movimento emancipacionista dividiu-se em três facções: o Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA), de orientação marxista; a Frente Nacional para a Libertação de Angola (FNLA), anticomunista; e a União Nacional para a Independência Total de Angola (Unita), maoista no início e, posteriormente, anticomunista.

Desde 1926, Portugal vivia sob um regime ditatorial de direita. Em abril de 1974, jovens oficiais das Forças Armadas portuguesas, de tendência socialista, derrubaram a ditadura na **Revolução dos Cravos** e assumiram o poder. O novo regime reconheceu a independência de suas colônias africanas: Guiné-Bissau, ainda em 1974, e Cabo Verde, Moçambique e Angola, em 1975.

Em Angola, Agostinho Neto, líder do MPLA, assumiu a presidência e implantou um governo monopartidário de tendências socialistas, que foi combatido pelas outras facções. Foi o início de uma guerra civil que, apesar da instituição do regime democrático multipartidário com as eleições gerais de 1992, só terminaria em 2002, com um saldo de mais de um milhão de mortos.

Terminados os confrontos, Angola entrou em uma fase de reconstrução. Muitas empresas estrangeiras – incluindo as brasileiras –, vêm se instalando no país. Uma das presenças mais marcantes é a dos chineses, que têm realizado diversos serviços de infraestrutura.

Após a independência, algumas minorias tentaram conquistar sua autonomia nos Estados recém-formados. No Sudão, por exemplo, a população do sul, de maioria cristã, tentou separar-se do norte, de predominância muçulmana. Uma guerra civil foi mantida de 1955 até 1972, mas a unidade territorial sudanesa foi mantida até 2011, quando se formou o Sudão do Sul.

Na Nigéria, entre 1967 e 1970, um golpe de Estado sufocado pelo governo levou o país a uma violenta guerra civil, que deixou dois milhões de mortos, a maioria pertencente à etnia *ibo*.

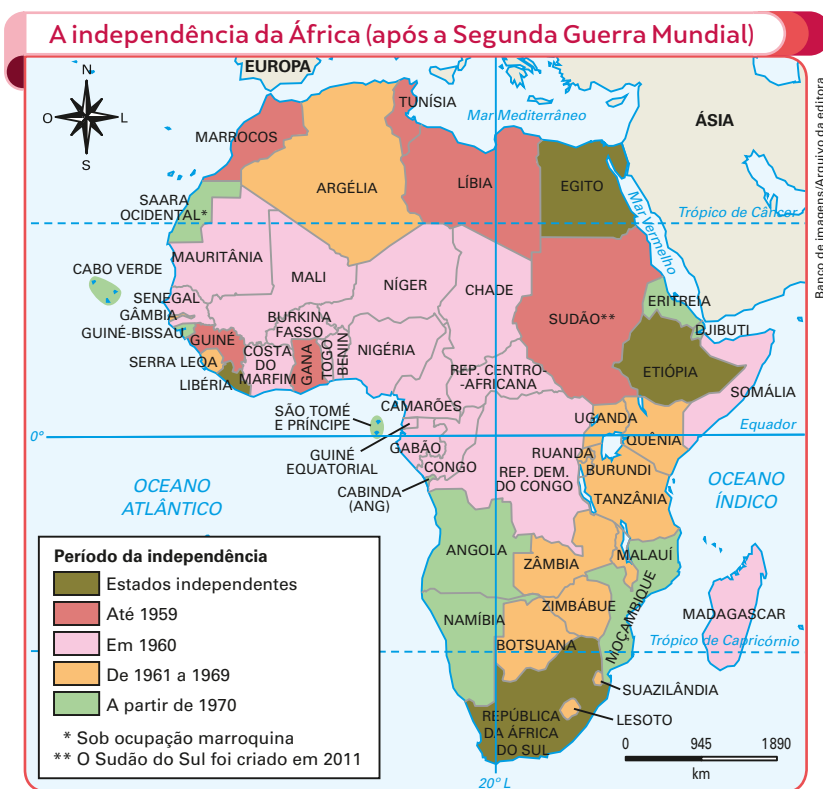
Em alguns países recém-formados, a necessidade de montar e equipar as Forças Armadas levou a um processo de militarização que colocou em evidência uma elite militar, considerada uma alternativa política para substituir os governantes civis que não conseguiam atender às necessidades da população.

Assim, no final dos anos 1960, a maior parte dos países africanos – entre os quais Nigéria, Argélia, Zaire, Gana, República Centro-Africana, Alto Volta (atual Burkina Fasso), Burundi e Uganda – era governada por oficiais do Exército, que implantaram regimes ditatoriais.

Angola: Image Bank/Kostadin Luchansky/Alamy Stock Photo/LatinStock



A cidade de Luanda ao cair da noite e a nova baía vista da fortaleza São Miguel, Museu das Forças Armadas de Angola. Foto de 2014.



Adaptado de: DUBY, Georges. *Grand atlas historique*. Paris: Larousse, 2006.

3 Golpes militares em países da África

Com a emancipação política dos países africanos, os grandes problemas do continente – muitos deles gerados pelo tráfico de escravos (que reduziu a população do continente) e pelos quase cem anos de colonização exploradora europeia – desencadearam diversas crises e guerras civis.

Uma das causas de conflitos entre países e/ou grupos e etnias foi a definição arbitrária das linhas de fronteira pelos europeus durante a colonização. Com isso, povos de diferentes culturas e costumes foram obrigados a coabitar uma mesma região, sob um mesmo governo. Com a independência e o nacionalismo, manifestaram-se rivalidades desses povos, o que muitas vezes culminou em confrontos violentos (veja o boxe da página 160).

Tútsis e hutus

Ruanda e Burundi são dois países vizinhos, habitados por duas etnias historicamente rivais: os tútsis e os hutus. No século XIX, a região foi colonizada pelos alemães, e os tútsis, que eram minoria, ganharam *status* de elite privilegiada, com acesso às Forças Armadas, à educação e à administração colonial. Após a derrota da Alemanha na Primeira Guerra Mundial, esses territórios passaram para o domínio belga, que fomentou a criação de uma elite hutu.

Ruanda tornou-se uma república governada pelos hutus; Burundi, uma monarquia tútsi. Os dois países se tornaram independentes em 1962. Perseguidos em Ruanda, os tútsis se refugiavam no Burundi. Com a derrubada da monarquia em 1965, Burundi também se tornou uma república, ainda sob o poder dos tútsis.

A rivalidade entre os dois povos atingiu o apogeu na década de 1990. Em abril de 1994, os presidentes de Ruanda e de Burundi — ambos da etnia hutu — morreram na queda do avião em que viajavam. A suspeita de que o acidente tenha sido provocado por um atentado aumentou a tensão, levando o conflito entre hutus e tútsis a assumir proporções devastadoras. Em Ruanda, 800 mil tútsis foram mortos entre abril e julho de 1994; outros 2,3 milhões refugiaram-se em países vizinhos.

FILME

Veja o filme **Hotel Ruanda**, de Terry George, 2004. O filme conta a história de Paul Rusesabagina, gerente de um hotel na capital de Ruanda. Durante o conflito entre tútsis e hutus em 1994, Paul abriga no hotel mais de 1200 adultos e crianças, salvando-os do genocídio.



Patrick Zachmann/Magnum Photos/Latinstock

DIÁLOGOS

- Reúna-se com seu grupo de colegas e escolham uma situação de conflito étnico, no qual haja refugiados. Façam uma pesquisa sobre o assunto e elaborem uma breve apresentação, identificando as seguintes características: etnia ou nação do(s) povo(s) refugiado(s), população refugiada estimada, início e fim (se houver) da fuga, tipo de deslocamento e motivo da fuga. Montem um esquema que possa ser visto pela classe. Um ponto de partida para a pesquisa pode ser o site do Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (Acnur), disponível em: <www.acnur.org/t3/#> (em espanhol), acesso em: 14 mar. 2016.

Em 1994, Ruanda foi palco de um verdadeiro genocídio praticado por indivíduos do grupo étnico hutu contra a população tútsi. Cerca de 800 mil tútsis morreram. Acima, ossadas de centenas dessas vítimas. Foto de 2000.

4 O apartheid na África do Sul

A África do Sul foi colonizada inicialmente pelos holandeses e, mais tarde, pelos ingleses. Em 1911, a minoria branca de origem holandesa – chamada de **africâner** ou **bôer** – aprovou diversas leis restringindo os direitos da maioria negra. No ano seguinte, sob a liderança do zulu Pixley ka Izaka Seme (1881-1951), os negros formaram um partido para defender seus direitos, o Congresso Nacional Africano (CNA).

Em 1931, a África do Sul tornou-se independente, mas os africâneres permaneceram no domínio político-econômico do país, mantendo as diferentes etnias negras alijadas de quaisquer instâncias governamentais.

A partir de 1948, a situação foi agravada pela instituição do **apartheid** (do africâner, que significa ‘separação’), uma política segregacionista que impedia que os negros possuíssem terras, participassem da política, tivessem acesso às áreas ou aos serviços restritos apenas aos brancos (como praias, ônibus, escolas, etc.), além de proibir o casamento entre brancos e negros.

Em 1960, durante um protesto pacífico, 69 negros foram mortos pela polícia. Em 1962, O CNA foi declarado ilegal e seu líder, Nelson **Mandela**, preso e condenado à prisão perpétua, acusado de sabotagem (o que ele admitiu) e de conspirar para ajudar outros países a invadir a África do Sul (o que ele negou).

Apenas a partir dos anos 1970, a comunidade internacional começou a se mobilizar contra a segregação. A África do Sul foi expulsa da Comunidade Britânica, a ONU submeteu o país a sanções políticas e econômicas e atletas sul-africanos foram impedidos de participar de competições internacionais. Os negros sul-africanos, por sua vez, deixaram de lado a política de não violência e partiram para o enfrentamento. Em 1984, em resposta a uma manifestação contra o **apartheid**, o governo decretou lei marcial.

A pressão de movimentos internos e internacionais aumentou. Em 1990 o presidente Frederik de Klerk determinou a libertação de Nelson Mandela e autorizou a legalização do CNA. Em 1994, o **apartheid** chegou ao fim. Nesse mesmo ano, Nelson Mandela (1918-2013) foi eleito presidente da África do Sul, e seu mandato durou até 1999.

FILMES

Veja o filme **Um grito de liberdade**, de Richard Attenborough, 1987. Na África do Sul, durante o período do **apartheid**, o editor Donald Woods, branco, torna-se amigo de Stephen Biko, líder ativista negro. Ao descobrir que Biko foi silenciado pela polícia, Woods foge da África do Sul para levar a história do amigo para o mundo.

Veja o filme **Em nome da honra**, de Philip Noice, 2006. Na África do Sul, durante o **apartheid**, o negro Patrick leva uma vida banal e longe da política até que é preso injustamente. Para obter uma confissão de Patrick, o policial branco, Nic Vos, prende e espanca também a mulher dele.

Veja o filme **Sombras do passado**, de Tom Hooper, 2004. A advogada sul-africana Sarah Barcant tenta obter justiça para Alex Mpondo, membro do Parlamento Sul-Africano e ex-ativista político durante o **apartheid**, quando seu processo de anistia é arquivado porque ele não consegue se lembrar das torturas sofridas na prisão.

Veja o filme **Mandela, a luta pela liberdade**, de Bille August, 2007. A história de Nelson Mandela, o líder negro sul-africano que ficou preso por mais de 20 anos, contada por meio das memórias de James Gregory, o guarda responsável por vigiar Mandela na prisão.



Protesto contra o **apartheid** em Londres, Grã-Bretanha. Foto de 1963.

5 Movimentos nacionalistas pela independência da Ásia

Assim como na África, ao fim da Segunda Guerra Mundial se formaram na Ásia movimentos nacionalistas pró-emancipação, alguns com orientação socialista.

Em 1945, forças nacionalistas proclamaram a independência da Indonésia, cujo território estava sob o controle da Holanda. A reação holandesa deu origem a uma guerra que só terminou em 1949, quando a autonomia dos indonésios foi reconhecida. Já as Filipinas, que desde 1898 encontravam-se sob o domínio estadunidense, conseguiram se emancipar em 1946.

A Indochina, que era colônia da França, tornou-se independente em 1954, após uma rebelião armada. O território indochinês foi dividido então em três países autônomos: Laos, Camboja e Vietnã. A região do Vietnã foi subdividida inicialmente em dois Estados: o Vietnã do Norte, comunista, e o Vietnã do Sul, capitalista. A unificação entre os dois países ocorreria em 1976, depois de uma sangrenta guerra com envolvimento dos Estados Unidos, que visavam controlar o avanço do comunismo naquela região.

Nas colônias britânicas, o processo de emancipação envolveu a via pacífica e a luta armada. A Índia tornou-se independente em 1947 (veja item na página a seguir); a Birmânia (atual Mianmar) e o Ceilão (atual Sri Lanka), em 1948; Butão, em 1949; e a Federação da Malásia, em 1957 — mais tarde esse país originaria dois novos: Cingapura e Malásia.

Sudeste asiático e subcontinente indiano (1945-1984)



Adaptado de: VICENTINO, Cláudio. *Atlas histórico: geral e Brasil*. São Paulo: Scipione, 2011.

Índia: o caminho da não violência

A presença inglesa na Índia remonta aos anos 1600, mas até meados de 1700 a Inglaterra não exercia um domínio completo na região. Nessa época, conflitos políticos e econômicos com Siraj ud-Daulah, o líder da província de Bengala, levaram os ingleses a ocupar militarmente essa região. Em meados do século XIX, a Inglaterra estendeu o domínio até o norte do país.

A resistência do povo indiano à dominação inglesa teve início na mesma época da dominação, mas ganhou mais força após o término da Primeira Guerra Mundial. A escassez gerada pelo conflito mundial fez com que os ingleses intensificassem a exploração da colônia. Como resultado, as condições de vida dos indianos pioraram exponencialmente: houve aumento nos preços dos produtos, propagação da miséria, disseminação de doenças, etc. Os impostos foram ainda mais elevados e a importação de artigos têxteis ingleses fez crescer o desemprego de tecelões e artesãos.

Em 1919, a Inglaterra promulgou um conjunto de leis que tinham como objetivo reduzir os direitos civis da população para enfraquecer a oposição. Ao receber a notícia, o advogado Mohandas Gandhi – conhecido como Mahatma (Grande Alma) Gandhi – liderou uma greve geral que paralisou as atividades econômicas da Índia. Começou, dessa maneira, a ganhar forma o movimento pela independência da Índia.

Defendendo a resistência pacífica, a não violência e a desobediência civil, Gandhi conquistou o apoio popular e o respeito internacional. Entre suas táticas de luta estavam o boicote aos produtos ingleses e o não pagamento de impostos.

Após a Segunda Guerra Mundial, com a crise econômica na Grã-Bretanha e o aumento da pressão popular, os movimentos que defendiam a emancipação da Índia ganharam popularidade em todo o mundo e a independência foi finalmente obtida em 1947.

Devido a conflitos religiosos, comuns na região, o território foi dividido em dois países: a Índia, de maioria hindu, e o Paquistão, de maioria muçulmana. Em 1948, Gandhi foi assassinado por um extremista hindu descontente com essa divisão. Em 1971, líderes do Paquistão Oriental – correspondente à província de Bengala, separada de sua parte ocidental pelo norte da Índia – proclamaram sua independência e formou-se um novo país, de nome Bangladesh (veja o mapa na página anterior).

Cerca de um milhão de pessoas foram às ruas acompanhar os funerais de Mahatma Gandhi, nas proximidades de Nova Délhi, em 1948. Assassinado por um extremista hindu, Gandhi teve seu corpo cremado. Suas cinzas encontram-se no Memorial Raj Ghat, na Índia.



Margaret Bourke-White/Time Life Pictures/Getty Images

As contradições de um país

A Índia de hoje é uma potência nuclear de 1,1 bilhão de habitantes e um vertiginoso crescimento econômico. Trata-se de uma república de pouco mais de meio século, com características contrastantes. Embora a Índia tenha mais bilionários do que a China, 81% da população vive com menos de US\$ 2 por dia. Ainda em Bombaim, apartamentos de um milhão de dólares têm vistas para favelas de um milhão de moradores. No centro comercial, diante dos mais luxuosos prédios de escritórios, pedintes abordam executivos em busca de esmolas e comida. Muitos vivem da venda de bugigangas nos sinais de trânsito, mas encaram esse destino apenas como rito de passagem para chegar ao “outro lado da rua”.

Texto elaborado com base em: AMBRÓSIO, Marcelo. Da tradição à tecnologia. *Revista História Viva*, n. 36. p. 49-51.



O centro de Mumbai (Índia) é um retrato da desigualdade com sua mistura de favelas e edifícios luxuosos. Foto de 2016.

ORGANIZANDO AS IDEIAS



ATIVIDADES

- 1 O processo de independência dos países africanos e asiáticos foi impulsionado por transformações econômicas e sociais e foi realizado por meio de dois processos políticos diferentes: a luta armada e a via pacífica. Faça uma síntese desses processos, identificando os países que se tornaram independentes nas décadas de 1950 e 1960.
- 2 A partir da guerra separatista na Nigéria, entre 1967 e 1970, reflita sobre os problemas políticos do continente africano após a independência. Escreva um resumo com suas conclusões.
- 3 Explique como e a partir de quando se constituiu o regime de *apartheid* na África do Sul e de que modo ele chegou ao fim, nos anos 1990.
- 4 Explique como se deu o processo de emancipação da Índia.

INTERPRETANDO DOCUMENTOS: TEXTO

ATIVIDADE

- 1 O texto a seguir traz trechos de uma entrevista com o escritor queniano Ngugi wa Thiong'o. Ele ficou conhecido por seu ativismo político no Quênia e por sua obra literária, que foi indicada ao Prêmio Nobel de Literatura em 2010. Na entrevista, ele discute a relação entre acontecimentos históricos e seu cotidiano, bem como o **papel da literatura na África durante a luta contra a dominação colonial**. Com base na leitura do texto, responda ao que se pede.

Quais são suas memórias da infância no Quênia durante a Segunda Guerra Mundial?

Como o Quênia era uma colônia britânica, muitos

quenianos tiveram que lutar ao lado de seus dominadores. Minhas memórias mais antigas são de comboios carregando soldados armados. Também lembro de prisioneiros de guerra italianos, que eram mandados para o Quênia depois de serem detidos na região da Somália disputada por britânicos e italianos. Eles vinham ao nosso vilarejo nos intervalos do trabalho forçado na construção de estradas. Tentavam comprar ovos e seduzir nossas mulheres.

Qual era o papel das histórias na sua família e na cultura *gikuyu*?

Cresci numa casa com quatro mães e um pai. Ele estava ausente da nossa vida a maior parte do tempo, mas as mães estavam sempre presentes. Eram elas que

nos davam comida, roupas e histórias. Essas histórias que elas contavam eram muito importantes para nós. As gerações atuais podem não ter dimensão disso, por causa da onipresença da TV, do rádio e da internet, mas naquela época o ato de contar histórias era uma atividade diária. À noite, antes ou depois do jantar, as pessoas contavam histórias, desde narrativas ficcionais até relatos de encontros do dia e acontecimentos políticos ou simplesmente boatos que circulavam pelo país. Eram como rituais em que sentávamos ao redor do fogo para ouvir as histórias do dia.

Como muitas famílias quenianas, a sua se viu envolvida na rebelião anticolonial Mau-Mau, nos anos 1950. Um de seus irmãos se juntou aos guerrilheiros e outro foi assassinado. Como enfrentaram esse período?

Mal acabou a Segunda Guerra, não fazia nem cinco anos que não víamos mais os soldados, começou a guerra por nossa libertação. É importante lembrar que o nome dos Mau-Mau era Exército, Terra e Liberdade. Foram os britânicos que criaram essa onomatopeia tola para que o movimento parecesse mambembe e sem foco. Mas o nome era claro: Exército, Terra e Liberdade. Muitas famílias quenianas se envolveram na guerra. A maioria ficou ao lado dos guerrilheiros Mau-Mau, mas algumas atuaram como força auxiliar da presença militar britânica. Foi declarado um estado de emergência no país entre 1952 e 1960, que instaurava a lei marcial no lugar da lei colonial “normal” – que já era uma espécie de lei marcial, é claro. Toda a população do país foi atingida pelas operações militares, de uma forma ou de outra. Famílias se partiram ao meio, casas foram destruídas, houve um imenso êxodo humano, comparável às maiores tragédias da História.

[...]

Nos anos 1960, muitos escritores africanos lidavam com os temas do colonialismo e da independência, como Wole Soyinka e Chinua Achebe, na Nigéria, ou José Craveirinha, em Moçambique. Qual é o legado da sua geração de escritores para a África?

Soyinka, Achebe, eu e vários outros éramos jovens nascidos sob o colonialismo e estávamos amadurecendo junto com nossos países. Éramos otimistas, não só em nosso discurso, mas também na energia com que nos entregávamos ao trabalho. Nossa energia refletia a energia da luta anticolonial em toda a África, mesmo quando criticávamos o que acontecia. Isso ajudou a criar um sentido de “nova África”, à qual nós demos voz. Nossa geração veio de uma tradição literária que ainda era muito ocidentalizada e ajudamos a formar uma geração cuja tradição literária é o nosso trabalho. Eles podem construir a partir do que nós construímos. Mas há um lado negativo nisso. Quase todos escrevíamos em inglês, francês ou português, então ajudamos a criar uma tradição literária africana na língua dos colonizadores, negligenciando nossas próprias línguas africanas.

Nos anos 1970, você mudou seu nome de James Ngugi para Ngugi wa Thiong’o e passou a escrever no idioma kikuyu. Como chegou a essa decisão?

Uma das contradições da condição pós-colonial é a descrença dos africanos quanto às nacionalidades nativas. Ironicamente, tínhamos mais fé em nós mesmos quando estávamos lutando pela independência. Depois, a classe média africana passou a ter mais fé no que vinha de fora, incluindo os idiomas. Minha posição é a seguinte: podemos fazer parte do mundo sem abandonar nossas bases. Não precisamos abrir mão de nossos idiomas para nos integrar ao resto do mundo. Devia ser justamente o contrário: nossa condição para fazer parte do mundo deveria ser a fidelidade às nossas bases, incluindo nossos idiomas.

[...]

Quais são os maiores desafios ainda enfrentados pelo Quênia e outros países do continente, décadas depois das independências?

É fundamental não subestimar a importância das independências africanas, mesmo com seus problemas. Mas elas nem sempre significaram a liberdade de um país ou sua real independência econômica. Até hoje, quem extrai o ouro, o diamante e o cobre da África? Quem lucra com isso? Os recursos africanos ainda são controlados por corporações estrangeiras. Um povo só pode dizer que é livre se controla sua economia, sua política e sua cultura. A descolonização só estará completa quando tivermos relações baseadas na troca, não na exploração.

Como é sua relação com o Quênia hoje, depois da prisão, do exílio e do ataque contra você e sua mulher em 2004?

O Quênia hoje tem um clima político melhor. Já não matam dissidentes, nem prendem por traição. A insegurança continua e a economia é instável, mas estou otimista. Hoje sinto que posso ir ao Quênia, já voltei outras vezes desde 2004 e vou de novo em junho. O país está mais aberto.

FREITAS, Guilherme. Atração da Flip 2015, escritor queniano Ngugi wa Thiong’o fala sobre dilemas da África. *O Globo*, Rio de Janeiro, 2 jun. 2015. Disponível em: <<http://tinyurl.com/zjy9464>>. Acesso em: 14 mar. 2016.

- Ngugi wa Thiong’o descreve como acontecimentos históricos ocorridos ao longo do século XX afetaram seu cotidiano no Quênia. De que forma ele faz isso?
- Segundo o escritor, qual é o papel da literatura africana na luta contra o colonialismo e em favor da independência dos países africanos?
- De que forma o escritor descreve a situação do Quênia no presente? Ele enxerga essa situação de forma positiva? Justifique sua resposta.

FILME

Veja o filme *Frida*, de Julie Taymor, 2002. História da mexicana Frida Kahlo, revolucionária política, artística e sexual, e de sua relação com Diego Rivera, seu mentor e marido, incluindo um ilícito romance com Leon Trotsky.

6 O nacionalismo e o populismo latino-americano

No início do século XX, uma **onda nacionalista** teve início no México, após a revolução de 1910, de onde se espalhou para o restante da América Latina.

Os nacionalistas rejeitavam a influência estrangeira e defendiam a valorização da cultura latino-americana em todas as suas manifestações – na culinária, literatura, pintura, música, dança, etc. Também celebravam a mestiçagem de brancos, negros e índios que deu origem à população do continente.

No México, a tradição asteca, a história nacional e a cultura popular foram objeto de inspiração para diversos artistas, entre os quais os pintores Diego Rivera (1886-1957) e **Frida Kahlo** (1907-1954) (veja a seção *Olho vivo*, nas páginas 170 e 171).

A partir de 1929 – com a quebra da Bolsa de Nova York, que provocou a Grande Depressão –, as potências capitalistas diminuíram drasticamente as importações de produtos latino-americanos, basicamente agropecuários e minérios. Como resultado, os preços desses produtos despencaram no mercado internacional, e a crise chegou à América Latina. O desemprego se alastrou e as desigualdades sociais se agravaram.

A crise econômica causou instabilidade política na maior parte dos governos latino-americanos e teve início uma sequência de golpes de Estado na região. O Chile, por exemplo, chegou a ter nove presidentes entre julho de 1931 e outubro de 1932. Em vários países, líderes carismáticos com discurso nacionalista ascenderam ao poder.

Os novos governantes criticavam as antigas elites oligárquicas – que tinham se mantido no poder após a conquista da emancipação política no século XIX –, os partidos políticos tradicionais e a influência estadunidense no continente. Eles se dirigiam diretamente à população, sem depender da mediação dos partidos. Apresentavam-se como defensores do “povo”, que tratavam como uma única massa homogênea, como se não houvesse divisões de classe ou grupos de interesses distintos. Dessa maneira, procuravam conquistar a lealdade das camadas populares, manipulando-as para que não se rebelassem.

Esse fenômeno político ficou conhecido como populismo. Entre os principais líderes populistas surgidos na América Latina nesse período, destacam-se: Getúlio Vargas, no Brasil (1930-1945 e 1951-1954); Lázaro Cárdenas, no México (1934-1940); José María Velasco Ibarra, no Equador (1934-1935; 1944-1947; 1952-1956); Jacobo Arbens, na Guatemala (1950-1954); e Juan Domingo Perón, na Argentina (1946-1955 e 1973-1974).

Frida Kahlo/Coleção particular



Autorretrato na fronteira entre o México e os Estados Unidos, de Frida Kahlo. Entre as referências a seu país, a pintora representou símbolos nacionalistas como a bandeira mexicana em suas mãos e uma construção, à esquerda, que remete aos templos e pirâmides astecas. Os Estados Unidos estão representados à direita. Óleo sobre metal, de 1932.

7 América Latina a caminho da industrialização

Com a crise decorrente da quebra da Bolsa de Valores de Nova York em 1929, além da diminuição das exportações, os artigos importados ficaram praticamente inacessíveis para a América Latina. Para atender a demanda interna e, ao mesmo tempo, criar novas frentes de trabalho, alguns governos substituíram a política de importação de produtos industrializados pelo estímulo à expansão das atividades industriais locais.

Esse estímulo se deu com a criação de indústrias estatais ou com incentivos para a iniciativa privada. Graças a essa política, em países como Brasil, México, Argentina e Chile surgiram usinas siderúrgicas, hidrelétricas e indústrias de bens duráveis. Tais medidas mudaram rapidamente o perfil desses países, que iniciaram processos de industrialização e de expansão urbana, estimulando o desenvolvimento econômico. Em 1950, Brasil, Argentina e México eram responsáveis por 72,4% de toda a produção industrial da América Latina.

Os países que investiram na industrialização distanciaram-se economicamente dos outros – como Haiti, República Dominicana, Honduras, Equador e Panamá – que continuaram com a economia atrelada à exportação de produtos agrícolas.

8 Guerra ao comunismo

Após a Segunda Guerra Mundial e com o advento da Guerra Fria os governos latino-americanos foram pressionados pelos Estados Unidos a intensificar a luta anticomunista. Em 1948, foi criada a Organização dos Estados Americanos (OEA), com sede em Washington, que colocava os países de todo o continente sob a liderança ideológica estadunidense. Em sua carta de princípios, a nova organização deixava claro seu propósito de garantir a segurança do continente diante da ameaça de subversão comunista.

Embora se mantivesse democrático, o governo estadunidense apoiava diversas ditaduras implantadas na América Central, como as de Rafael Trujillo, na República Dominicana; Anastasio Somoza García, na Nicarágua; e Fulgêncio Batista, em Cuba. Além disso, em 1954, forneceu armas e apoio para o golpe militar responsável pela queda do presidente Jacobo Arbenz, da Guatemala, que, naquele momento, colocava em prática medidas nacionalistas favoráveis ao desenvolvimento do país – fato que se repetiu em outros países, como Brasil e Chile.

Em 1961, depois da Revolução Cubana, o receio dos Estados Unidos de que esse sistema político-econômico se espalhasse pelo continente aumentou. Assim, para esvaziar a influência dos grupos de esquerda entre os trabalhadores, o governo estadunidense criou a **Aliança para o Progresso**, programa destinado a promover reformas (entre as quais a reforma agrária), em todo o continente. Ao mesmo tempo, as forças armadas treinavam militares latino-americanos para o combate às guerrilhas inspiradas em Cuba que começavam a surgir no continente.



AP Photo/Archivo Clarin/Glow Images

Maria Eva Duarte de Perón durante comício em Buenos Aires, Argentina, em 1951.

VOCÊ SABIA?

Maio de 1968, na França

Em maio de 1968, jovens universitários entraram em greve em Nanterre, reivindicando mudanças no ensino, e foram duramente reprimidos pela polícia.

O movimento se estendeu a Paris, e o que era apenas uma manifestação estudantil chegou às fábricas e tornou-se um protesto generalizado contra o governo do presidente Charles de Gaulle. Cerca de 10 milhões de pessoas entraram em greve. *Slogans* como “É proibido proibir”, “A imaginação ao poder” e “Sejam solidários e não solitários” mobilizavam a multidão.

Embora não tenham conseguido derrubar o governo, os jovens franceses descobriram a sua força e muitas das ideias de transformação da sociedade que defendiam influenciaram o pensamento da juventude de outros países.

Milhares de estudantes e operários cercaram o Arco do Triunfo em protesto contra a repressão policial e por mudanças na política governamental de segurança. Como medida de defesa, os manifestantes ergueram barricadas pela cidade. As movimentações de maio de 1968 em Paris impulsionaram greves e passeatas em diversas regiões da França e inspiraram jovens de outros países à mobilização política.



Carlo Bavagnoli/Time Life Pictures/Getty Images

FILMES

Veja o filme *Estado de sítio*, de Costa-Gavras, 1973. Durante a ditadura civil-militar, no Brasil, um grupo de guerrilheiros sequestra um diplomata brasileiro e um cidadão americano, exigindo a libertação de militantes presos. A história, narrada em *flashback*, relata as atividades do grupo, a repercussão internacional e a articulação dos meios de repressão ao movimento.

Veja o filme *A história oficial*, de Luiz Puenzo, 1985. Na Argentina, na década de 1980, Alicia leva uma vida banal com seu marido e Gaby, sua filha adotiva. O reencontro com uma amiga recém-chegada do exílio leva Alicia a conhecer a realidade do regime militar argentino, e a suspeitar do que julgava ser verdade.

P Professor(a), veja no Procedimento Pedagógico deste capítulo uma sugestão de **Atividade Alternativa** sobre o tema da Operação Condor criada durante a vigência de regimes autoritários em regiões da América Latina.

9 Ditaduras militares

A guerra contra o comunismo na América Latina culminou em uma onda de golpes militares, apoiados ou perpetrados indiretamente pelos Estados Unidos. No **Brasil**, as Forças Armadas, com apoio de civis, derrubaram o governo de João Goulart em março de 1964. Na sequência, outros países tiveram o mesmo destino: Bolívia (1964), Argentina (1966), Peru (1968), Panamá (1968), Uruguai (1973), Chile (1973), entre outros.

De modo geral, os regimes militares da América Latina foram extremamente autoritários e violentos, especialmente pela repressão aos movimentos de esquerda. Na **Argentina**, por exemplo, os militares criaram 340 campos de concentração, nos quais torturaram e mataram cerca de 20 mil pessoas. Outros nove mil argentinos foram presos e são considerados desaparecidos até hoje. Cerca de 500 bebês, filhos de prisioneiras assassinadas pelo regime militar, foram sequestrados e entregues a outras famílias, muitas delas de militares.

No **Chile**, onde os militares derrubaram o governo socialista do presidente Salvador Allende, em setembro de 1973, o número de presos políticos já nos primeiros dias era tão grande que eles foram levados a um estádio de futebol. Posteriormente, milhares deles foram fuzilados, enterrados em covas coletivas e considerados desaparecidos pelo governo do general Augusto Pinochet.

Na economia, os governos militares procuraram promover a recuperação dos países. Em alguns deles, foi colocada em prática uma política baseada no estímulo às exportações e na abertura para o mercado externo. Também foram adotadas medidas de ajuste econômico para combater o déficit público e a inflação. No Brasil, o período ficou conhecido como “milagre econômico”, durante o governo Médici. Com a crise do petróleo no início dos anos 1970 e a redução do apoio estadunidense (Jimmy Carter não deu tanto apoio aos regimes quanto seus antecessores), essa política econômica acarretou uma grave crise na América Latina. Houve um grande aumento da dívida externa e inflação, arrochos salariais, perda do poder aquisitivo de boa parte da população, desemprego e crescimento das desigualdades sociais.

A recessão econômica abalou as bases das ditaduras latino-americanas e contribuiu para enfraquecer os regimes militares a partir da década de 1980. Aos poucos, a democracia voltou a se instalar no continente. Entre 1979 e 1990, treze países retornaram ao regime democrático, entre eles, Bolívia (1982), Argentina (1983), Uruguai (1984), Brasil (1985), Guatemala (1985) e Chile (1990).

FILMES

Veja o filme *Chove sobre Santiago*, de Helvio Soto, 1975. A história do golpe militar no Chile, em 1973, é narrada do ponto de vista de um jornalista e mostra os anos do governo de Allende, e os detalhes violentos do dia do golpe, com a prisão dos suspeitos de subversão no Estádio Nacional.

Veja o filme *Desaparecido, um grande mistério*, de Costa-Gavras, 1982. O pai e a esposa de um escritor desaparecido no Chile dias após o golpe militar vão até o país para tentar encontrá-lo. Nessa busca, eles têm de lidar com todas as situações violentas que caracterizaram a ditadura militar no Chile.

Daniel Garcia/AFP



As Mães da Praça de Maio são uma associação de mulheres que tiveram seus filhos desaparecidos durante o regime militar argentino. Mesmo depois de quarenta anos de luta, elas ainda marcham na Praça, em Buenos Aires (Argentina), todas as quintas-feiras. Foto de 1982.



400 anos de história

Em 1948, o pintor mexicano Diego Rivera criou o mural *Sonho de uma tarde dominical na Alameda Central*. Com 15 metros de comprimento e 4,8 metros de altura, a obra conta a história do povo mexicano ao longo de 400 anos.

O passado colonial, o período entre os séculos XIX e XX e o período contemporâneo são retratados cronologicamente, da esquerda para a direita.

São quase 150 personagens, entre eles políticos, personalidades e líderes revolucionários, mas também muitas figuras anônimas: as minorias sociais, que compunham a maior parte da população mexicana.

1 A presença da Inquisição na América espanhola é indicada por meio das fogueiras, nas

quais morreram muitos dos condenados pela Igreja, do carrasco com chicote e das vítimas, representadas com chapéus em forma de cone.

2 No século XV, Hernán Cortez liderou a conquista espanhola do Império Asteca. Suas mãos estão sujas de sangue, numa alusão à matança que os espanhóis promoveram contra os astecas.

3 General mexicano entrega um jogo de chaves a um oficial estadunidense, uma alusão às terras do México que, no século XIX, foram anexadas aos Estados Unidos: os atuais territórios da Flórida, do Texas e da Califórnia.

4 Benito Juárez (1806-1872), líder indígena que, com algumas interrupções, presidiu o México entre 1858 e 1872. Tem nas mãos a Constituição mexicana.

5 Diego Rivera retratou a si mesmo como uma criança de cerca de nove anos.

6 Frida Kahlo (1907-1954), pintora mexicana que se casou com Diego Rivera em 1929.

7 A figura central do quadro é a caveira Catrina. Personagem tradicional do México, geralmente é representada como uma mulher elegante. Transmite a ideia de





Diego Rivera/Museo Mural Diego Rivera, México

Mural *Sonho de uma tarde dominical na Alameda Central* (1948), do pintor mexicano Diego Rivera.

que, apesar da aparente riqueza e elegância, todos são mortais. Figura onipresente, a caveira Catrina não é uma ameaça, mas representa uma figura amigável e, no mural, transmite a ideia de renascimento.

- 8 José Guadalupe Posada (1852-1913), gravurista mexicano, ficou célebre por seus desenhos e gravuras que tinham a morte como personagem.
- 9 O protagonismo de trabalhadores e indígenas está representado na figura dessa mulher indígena, próxima do centro, onde estão os representantes da elite. Ela observa as pessoas em uma posição ativa e desafiadora e pode ser entendida como um símbolo da resistência popular.
- 10 Homenagem ao aviador mexicano Joaquín de la Cantolla y Rico,

que, na segunda metade do século XIX, foi um dos pioneiros do voo com balões no México, tornando-se uma personalidade popular no país.

- 11 O ditador Porfirio Díaz (1830-1915), militar que governou o México por cerca 30 anos.
- 12 Policial (com traços indígenas) tenta impedir a população de se



aproximar da elite, no centro, numa alusão às questões sociais do país.

- 13 Emiliano Zapata (1879-1919), líder da Revolução Mexicana (1910), organizou as milícias camponesas revolucionárias no sul do país.
- 14 No alto, as indústrias representam o processo de industrialização pelo qual o México passou na primeira metade do século XX.
- 15 Francisco Madero (1873-1913), que derrubou Porfirio Díaz e assumiu a Presidência do México após a Revolução Mexicana (1910), saúda a população.

Texto elaborado com base em:
HAGEN, Rose Marie; HAGEN, Rainer.
Los secretos de las obras de arte.
Madrid: Taschen, 2005. v. 2. p. 710-715.



A igualdade de direitos civis – racismo e preconceito

Na África do Sul, o *apartheid* era uma política de Estado e, assim, segregava oficialmente a população negra. Embora essa instituição não existisse oficialmente nos Estados Unidos, os afrodescendentes estadunidenses também sofriam as consequências das leis segregacionistas criadas ainda na segunda metade do século XIX. Assim, os negros nos Estados Unidos não podiam frequentar as mesmas escolas, os mesmos hospitais nem outros lugares públicos reservados apenas aos brancos; seu direito de voto era restrito, e muitos deles sofriam constrangimentos ou eram vítimas de agressões e assassinatos por extremistas brancos.

A partir dos anos 1950, intensificaram-se os movimentos negros reivindicando igualdade de **direitos civis** entre brancos e afrodescendentes. Um dos líderes dessa luta foi Martin Luther King Jr. (1929-1968), que, em 1963, organizou um protesto reunindo 300 mil pessoas em Washington. Também ganharam destaque o ativista muçulmano **Malcolm X** (1925-1965) e o grupo **Panteras Negras**, surgido em 1966.

Em meados de 1963, o Congresso dos Estados Unidos aprovou a Lei dos Direitos Civis proposta pelo presidente John Kennedy (1929-1963). A lei estendia aos negros os mesmos direitos dos brancos. Apesar disso, ainda hoje negros e brancos estadunidenses continuam separados por profundas diferenças sociais.

Ed Clarity/NY Daily News Archive/Getty Images



Duzentos mil americanos participam do movimento por direitos civis na Marcha pela Liberdade, em Washington, Estados Unidos. Nos cartazes leem-se as demandas dos manifestantes: cidadania constitucional, direito ao voto, ao trabalho e à liberdade. O caminho percorrido pela marcha passou pela avenida da Constituição em direção ao Memorial do presidente Lincoln, onde todos puderam ouvir o famoso discurso de Martin Luther King: "Eu tenho um sonho". Foto de 1963.

FILMES

Veja o filme **O Sol é para todos**, de Robert Mulligan, 1962. O filme conta a história do advogado que, durante a Grande Depressão, em uma cidadezinha no sul dos Estados Unidos, defende um negro acusado de estupro. Apesar de o homem ser obviamente inocente, ninguém mais se atreve a defendê-lo.

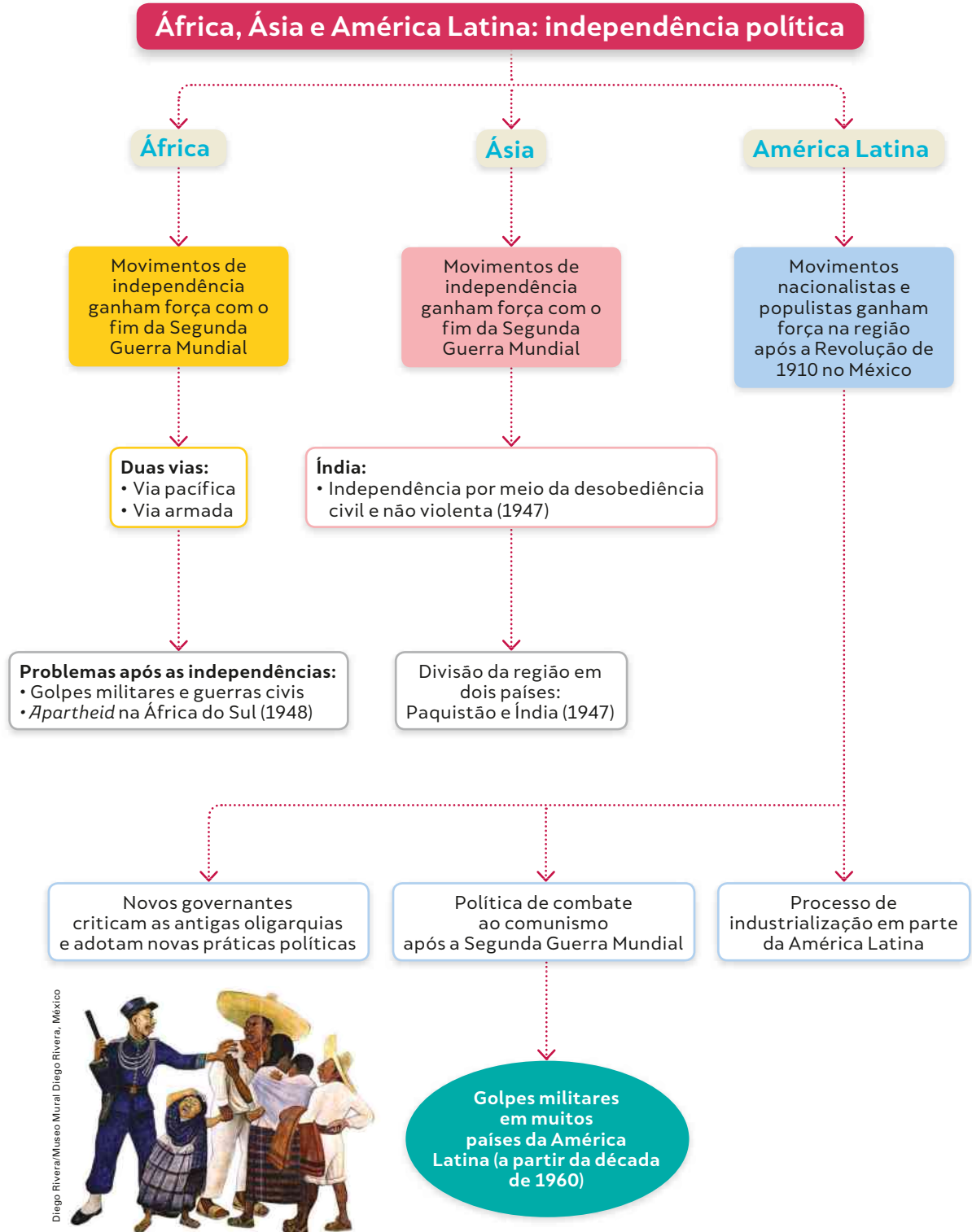
Veja o filme **Malcolm X**, de Spike Lee, 1992. No filme, é contada a história de vida do líder afro-americano Malcolm X que teve o pai, um pastor, assassinado pela Klu Klux Klan e sua mãe internada por insanidade. Convertido ao islamismo, seu ódio aos brancos se abrandou.

SUA OPINIÃO

- Embora no Brasil não existam leis segregacionistas, pesquisas mostram que os negros em nosso país sofrem preconceitos que se manifestam, na maior parte das vezes, camuflados principalmente na forma de humor. De que maneira você pode contribuir para pôr fim a essa situação de preconceito disfarçado?



ESQUEMA-RESUMO



- Com base nas informações do esquema-resumo, bem como em seus conhecimentos sobre o tema, descreva as transformações políticas e sociais da África, da Ásia e da América Latina ao longo do século XX.



ATIVIDADES

NÃO
ESCREVA
NO
LIVRO

ORGANIZANDO AS IDEIAS

- 1 As origens do nacionalismo latino-americano remontam ao início do século XX, especialmente no México. Quais foram as características mais marcantes dessa onda nacionalista?
- 2 Explique a formação e as características do populismo latino-americano entre as décadas de 1930 e 1970.
- 3 A industrialização dos países latino-americanos ocorreu tardiamente em relação aos países europeus, como Inglaterra e França. Como se deu o processo de industrialização na América Latina e como isso afetou o perfil desses países?
- 4 A criação da Organização dos Estados Americanos (OEA) é um exemplo da influência dos Estados Unidos na América Latina. Explique como se deu essa influência e como isso está relacionado com o combate ao comunismo na região.
- 5 Descreva cronologicamente o surgimento de ditaduras militares na América Latina e os traços políticos que marcaram esses governos.
- 6 Quais foram os resultados das políticas econômicas implantadas pelos regimes militares?

INTERPRETANDO DOCUMENTOS: IMAGEM

- 1 Observe a imagem a seguir. Trata-se do mural criado pelo artista mexicano Diego Rivera chamado *União da Expressão Artística do Norte e do Sul neste continente*, também conhecido como *Unidade Panamericana*. A obra foi criada em 1940 e fez parte da Exposição Internacional Golden Gate, ocorrida na cidade de São Francisco, nos Estados Unidos. A partir da análise da imagem, responda ao que se pede.



Diego Rivera/Licenciado por AUTVIS, Brasil, 2016.

Unidade Panamericana, mural de Diego Rivera, 1940.

- a) O mural elabora uma representação que aproxima diferentes tradições culturais americanas, além de combinar a importância do passado pré-colombiano com o desenvolvimento tecnológico do século XX. Explique como se realiza essa representação a partir de elementos da imagem.
- b) O movimento artístico conhecido como **muralismo** mexicano, do qual Diego Rivera fez parte, teve uma importância bastante grande no desenvolvimento de linguagens artísticas no México e teve grande influência em artistas no período. Em grupo, pesquise informações sobre o muralismo e

sobre os artistas mexicanos do período de modo a contextualizar o movimento e identificar suas principais propostas

estéticas e sociais. Com base nisso, monte um mural em sala de aula sobre esse movimento.

TESTE SEU CONHECIMENTO

NÃO
ESCREVA
NO
LIVRO

- 1 (Fuvest-SP) Examine a seguinte imagem, que foi inspirada pela situação da Índia de 1946.



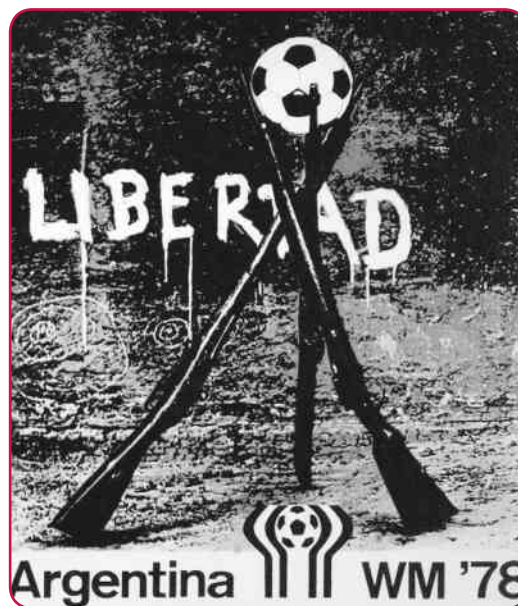
A leitura correta da imagem permite concluir que ela constitui uma crítica

- a) à passividade da ONU e dos países do chamado Terceiro Mundo diante do avanço do fundamentalismo hindu no sudeste asiático.
- b) à oficialização da religião muçulmana na Índia, diante da qual seria preferível sua manutenção como Estado cristão.
- c) ao colonialismo britânico, metaforicamente representado por animais ferozes prontos a destruir a liberdade do povo hindu.
- d) aos políticos que, distanciados da realidade da maioria da população, não seriam capazes de enfrentar os

maiores desafios que se impunham à união do país.

- e) à desesperança do povo hindu, que deveria, não obstante as dificuldades pelas quais passara durante anos de dominação britânica, ser mais otimista.

- 2 (FGV-RJ) Examine o seguinte cartaz:

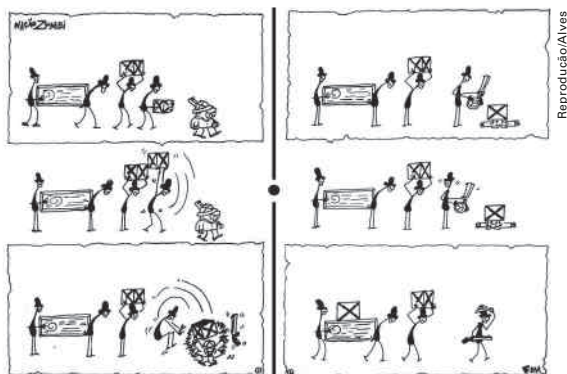


Este cartaz deve ser interpretado como:

- a) uma convocatória à oposição para que pegasse em armas contra o governo de Juan Domingo Perón.
- b) um apelo para que os militares argentinos libertassem os presos políticos durante a Copa do Mundo de futebol de 1978.
- c) uma provocação do governo brasileiro da época contra o regime autoritário que se instalara na Argentina.
- d) um alerta aos riscos de se visitar a Argentina após a Copa do Mundo, quando se instaurou a ditadura militar.

e) uma denúncia à violência da ditadura militar argentina, que organizava a Copa do Mundo de 1978.

- 3 (UPF-RS) Analise a charge abaixo que apresenta alguns elementos dos processos de descolonização ou libertação da África negra durante o século XX. Aponte a assertiva correta com base na imagem e na história do processo de independência das colônias africanas.



Reprodução/Alves

- A descolonização foi uma iniciativa dos colonizadores, que, conscientes da importância do princípio de autodeterminação dos povos, afastam-se para deixar que cada nação africana ainda regida por europeus seja independente.
- Muitas lideranças africanas implementaram ditaduras pautadas na força quando da sua independência em relação aos europeus.
- A luta anticolonial foi estimulada pela Segunda Guerra Mundial, quando soldados das colônias foram incorporados aos exércitos nas batalhas da Europa e obtiveram direitos políticos para suas nações em função de sua participação na derrocada do nazifascismo.
- Apesar de alguns líderes africanos terem se destacado na luta pela independência, o processo foi solucionado de forma pacífica, evidenciando a conscientização de todos os envolvidos.
- O pan-africanismo visava congregar as nações independentes em entidades desportivas que auxiliassem na sua afirmação identitária nacional, fazendo uso da Copa da África, Copa do Mundo e Olimpíadas para reforçar a união de suas populações.

- 4 Leia as seguintes afirmativas sobre o processo de independência dos países africanos durante o século XX. Em seguida, escolha a opção correta e justifique o erro das afirmativas incorretas.

- Em 1945, existiam apenas quatro países africanos independentes: Etiópia, Egito, África do Sul e Libéria.
 - Muitas colônias inglesas na África conquistaram suas independências por meios pacíficos, como foi o caso da Nigéria, do Quênia e de Angola.
 - A via armada quase não foi utilizada como meio de independência das colônias africanas. Isso somente ocorreu nos territórios coloniais alemães por conta da experiência nazista durante a Segunda Guerra Mundial.
 - A emancipação política dos territórios africanos não significou o fim dos conflitos sociais no continente. Na realidade, os quase cem anos de dominação europeia provocaram muitas tensões que vieram à tona após a independência, desencadeando crises e guerras civis em diversas regiões do continente.
- As afirmativas I, II e IV estão corretas.
 - As afirmativas II, III e IV estão corretas.
 - As afirmativas I, III e IV estão corretas.
 - As afirmativas I e IV estão corretas.
 - Todas as afirmativas estão corretas.

- 5 O fim da dominação colonial na Índia ocorreu após a Segunda Guerra Mundial. Leia as seguintes afirmativas sobre esse tema. Em seguida, escolha a opção correta e justifique o erro das afirmativas incorretas.

- Os ingleses estabeleceram uma longa dominação na região da Índia, que remonta a 1600. Porém, foi apenas no século XIX que a Inglaterra conseguiu estender seu domínio para amplas regiões da Índia, inclusive o norte do país.
- A resistência contra a dominação colonial inglesa ganhou força após o final da Primeira Guerra Mundial, já que esse conflito provocou a intensificação dos problemas sociais causados pela dominação inglesa da região.
- Para lutar contra a dominação inglesa, o advogado Mohandas Gandhi passou

a defender uma estratégia de resistência pacífica e não violenta, promovendo a desobediência civil. Essa estratégia conquistou apoio popular e respeito internacional, fortalecendo a liderança de Gandhi.

IV. Após a Segunda Guerra Mundial, a Grã-Bretanha decidiu dividir o território

indiano em dois países, dando origem à Índia e ao Paquistão.

- a) As afirmativas I, II e IV estão corretas.
- b) As afirmativas II, III e IV estão corretas.
- c) As afirmativas I, III e IV estão corretas.
- d) As afirmativas I e II estão corretas.
- e) Todas as afirmativas estão corretas.

HORA DE REFLETIR



1 A tortura foi uma prática sistemática das ditaduras militares da América Latina. Em 2004, a Anistia Internacional divulgou em seu informe anual que, no Brasil, a tortura é uma prática generalizada na maioria das prisões e delegacias de polícia. Mais recentemente, o relator especial do Conselho de Direitos Humanos da Organização das Nações Unidas afirmou que, em 2015, existe ainda um alto grau de tortura em interrogatórios de suspeitos detidos em delegacias brasileiras e que os responsáveis por tais atos não costumam ser punidos, o que revela a permanência de uma cultura que aceita abusos cometidos por agentes policiais.

1 Considerando que os presos se encontram sob a responsabilidade do Estado e que

cabe a este zelar por sua integridade física, bem como respeitar as leis que proíbem práticas de tortura e outras formas de violência contra os cidadãos, o que pode ser feito pela sociedade civil para combater esse tipo de prática? **Por que a tortura não condiz com os ideais de uma sociedade democrática, igualitária e justa?** Por que práticas como essa ainda persistem em nossa sociedade?

2 Após refletir sobre tais questões individualmente, reúna-se em grupo e debata com seus colegas as suas ideias sobre o tema. Em seguida, produzam um vídeo que sintetize a discussão e que apresente meios para estimular a sociedade civil a combater tais práticas no país.



MINHA BIBLIOTECA

PARA NAVEGAR

Casa das Áfricas. Instituto cultural de estudos sobre as sociedades africanas. Disponível em: <www.casadasafricas.org.br>. Acesso em: 19 maio 2016>.

Avós da Praça de Maio. Site que visa localizar e restituir às famílias legítimas as crianças sequestradas durante a ditadura argentina. Disponível em: <www.abuelas.org.ar>. Acesso em: 15 mar. 2016.

Memórias reveladas. Site que busca informações sobre os corpos dos desaparecidos políticos do Brasil. Disponível em: <www.memoriasreveladas.arquivonacional.gov.br>. Acesso em: 15 mar. 2016.

PARA ASSISTIR

Em minha terra. Direção: John Boorman. Reino Unido/Irlanda do Sul/África do Sul, 2004, 105 min. Na África do Sul, em 1996, dois jornalistas cobrem os feitos para a Comissão da Verdade e Reconciliação, que investigava abusos contra os direitos humanos cometidos por causa do *apartheid*.

PARA LER

Oscus de Judas, de António Lobo Antunes, editora Alfaguara Brasil. O autor narrou suas experiências em Angola assim que voltou da guerra naquele país.

Da renúncia de Vargas às Diretas Já!

Igreja de São Francisco de Assis, em Belo Horizonte; Estação Cabo Branco, em João Pessoa; Memorial da América Latina, em São Paulo; sede da Organização das Nações Unidas, em Nova York. Essas são algumas obras que levam a assinatura de Oscar Niemeyer, um dos mais famosos arquitetos brasileiros do século XX.

Morto em 2012, Niemeyer explorou ao máximo as linhas curvas, o que pode ser observado em prédios de Brasília, como o Palácio Itamaraty e o Palácio do Planalto.

Os prédios de Brasília foram inaugurados em 1960, no governo do presidente Juscelino Kubitschek, época em que o Brasil vivia em clima de prosperidade e otimismo. Uma nova capital estava sendo construída, o Brasil conquistara sua primeira Copa do Mundo de futebol, Tom Jobim e João Gilberto divulgavam a Bossa Nova ao redor do mundo. Entretanto, as desigualdades sociais permaneciam: alta inflação, proliferação das favelas nos centros urbanos e movimentos de camponeses exigiam uma reforma agrária no país. Neste capítulo estudaremos o período que vai de 1945 a 1985, uma época repleta de contradições.

OBJETIVOS DO CAPÍTULO

- Averiguar o processo de redemocratização do Brasil após o fim do Estado Novo e as causas de sua instabilidade.
- Assimilar a organização dos partidos políticos após 1945 e a polarização entre direita e esquerda.
- Conhecer as propostas dos governos para o desenvolvimento socioeconômico desse período.
- Entender o processo histórico que resultou na implantação e no recrudescimento da ditadura civil-militar no Brasil entre 1964 e 1985.
- Compreender a participação de vários setores políticos e sociais para legitimar e manter a ditadura civil-militar.
- Reconhecer a violência – conceito trabalhado nesta Unidade – como uma estratégia dos regimes ditatoriais para o controle sobre a sociedade.
- Perceber a importância dos movimentos de resistência à ditadura.

O Museu de Arte Contemporânea (MAC), em Niterói, Rio de Janeiro, foi projetado pelo arquiteto Oscar Niemeyer. O edifício do MAC de Niterói tornou-se um dos cartões-postais da cidade. Foto de 2013.



1 Reorganização política

Com a renúncia de Getúlio Vargas, em outubro de 1945, o Brasil retomou seu caminho rumo à democracia. Eleições foram marcadas para a escolha de um novo presidente e dos parlamentares que integrariam uma Assembleia Constituinte, que teria a função de elaborar uma nova Constituição. Com a reorganização, surgiram pelo menos três partidos com força significativa e objetivos diferentes, que reuniam membros oriundos de segmentos diversos. Veja o quadro com o resumo a respeito deles.

Configuração partidária brasileira (1945)

Partido político	Características
União Democrática Nacional (UDN)	<ul style="list-style-type: none">• Partido de direita (veja seção <i>Você sabia?</i> do Capítulo 6).• Opositora da herança varguista.• Defensora dos princípios liberais.• Defensora dos interesses dos grandes proprietários de terra e da indústria aliada ao capital estrangeiro.
Partido Social Democrático (PSD)	<ul style="list-style-type: none">• Partido de centro.• Remanescentes do Estado Novo.• Ex-interventores estaduais e controladores das máquinas político-administrativas do regime anterior.
Partido Trabalhista Brasileiro (PTB)	<ul style="list-style-type: none">• Partido de centro-esquerda.• Apoiado pela estrutura sindical oriunda do governo Vargas.• Com base na obra social e trabalhista do Estado Novo, atraía as camadas populares dos grandes centros urbanos.

Com essa organização partidária, a influência de Getúlio Vargas estendia-se tanto sobre o PSD quanto sobre o PTB. Nas eleições de dezembro de 1945, ficou evidente que a herança política de Vargas mantinha-se forte.

O candidato do PSD, **general Eurico Gaspar Dutra** – ex-ministro da Guerra de Vargas – foi eleito com 3,2 milhões de votos (55% do total). Dutra teve o apoio de Getúlio e do PTB. O candidato derrotado foi o brigadeiro Eduardo Gomes, da UDN. Nas eleições para o Legislativo, Vargas foi eleito deputado por sete estados e senador por dois.

Para muitos, a grande surpresa nessas eleições foi o desempenho do Partido Comunista, que elegeu um senador, Luís Carlos Prestes, e 15 deputados.

O texto final da **nova Constituição** ficou pronto em setembro de 1946. A nova Carta garantiu o direito de greve e assegurou o voto a todas as mulheres, mas manteve a restrição de voto aos analfabetos, que compunham quase a metade da população brasileira na época. As propostas encaminhadas pelo movimento negro para coibir a discriminação racial e étnica também não avançaram.

James Whitmore/The LIFE Images Collection/Getty Images



O general e então presidente da República, Eurico Gaspar Dutra, falando em sessão conjunta do Congresso na Câmara, em 1ª de maio de 1949.



O Teatro Experimental do Negro e a Constituição de 1946

De acordo com a atual Constituição brasileira, a prática de **racismo é crime inafiançável, imprescritível e sujeito a prisão**. Até 1988, quando a Constituição atual entrou em vigor, a discriminação racial era considerada apenas uma contravenção penal, um delito de pouca gravidade.

Em 1945 e em 1946, lideranças negras se articularam e realizaram, nas cidades de São Paulo e Rio de Janeiro, convenções nacionais que

defendiam a ideia de transformar o racismo em crime de lesa-pátria. Encaminhada ao Congresso, a proposta não vingou, mas permitiu que, em 1951, fosse aprovada a Lei Afonso Arinos, que classificava o racismo como contravenção penal, o que contribuiu para mostrar à sociedade que – ao contrário do que muitos afirmavam – existiam no Brasil, de fato, a discriminação étnica e o preconceito racial. A Lei Afonso Arinos vigorou até os anos 1980.

A pressão exercida sobre os constituintes de 1946 foi encabeçada pelos representantes do Teatro Experimental do Negro (TEN), grupo fundado e dirigido pelo economista e ativista social Abdias do Nascimento. O TEN surgiu em 1944 com a proposta de resgatar e afirmar os valores humanos e culturais dos afrodescendentes no Brasil por meio da arte, da educação e de outras iniciativas culturais. O TEN divulgava suas ações no jornal *O Quilombo*.

Ao mesmo tempo em que oferecia aulas de alfabetização, o TEN organizava palestras e montava peças de teatro. Sua primeira peça foi *O imperador Jones*, do dramaturgo estadunidense Eugene O'Neill, cuja estreia aconteceu em 1945, no Teatro Municipal do Rio de Janeiro: esta foi a primeira vez que atores negros se apresentaram no palco daquele Teatro, desde a inauguração do teatro, em 1909. Até 1968, quando as principais lideranças passaram a ser perseguidas pela ditadura civil-militar e o TEN foi extinto, o movimento se manteve bastante ativo no cenário cultural e político nacional, angariando importantes apoios entre os intelectuais brasileiros.



José Meireiros/Cedoc Fumarte

Elenco da peça *O filho pródigo*, de Lúcio Cardoso. Da esquerda para a direita: Roney da Silva, Ruth de Souza, Abdias Nascimento, José Maria Monteiro, Aguinaldo Camargo e Marina Gonçalves (Selene). Rio de Janeiro, RJ, 1947.

P Professor(a), veja no Procedimento Pedagógico deste capítulo uma sugestão de **Atividade Alternativa** que utiliza o humor produzido pelo Barão de Itararé no período.

Liberalismo e anticomunismo

O governo Dutra adotou os **princípios do liberalismo** como eixo da política econômica em seu governo. Assim, mostrou-se favorável à entrada de capital estrangeiro e favoreceu as importações. A indústria nacional sofreu um período de recessão. A inflação e o desemprego aumentaram e, como o valor do salário mínimo permaneceu inalterado, o poder aquisitivo da classe trabalhadora caiu. Manifestações de descontentamento coletivo e greves tornaram-se cada vez mais frequentes.

Na política, como reflexo da polarização ideológica da Guerra Fria, Dutra deu início a uma campanha anticomunista. Assim, em 1947, rompeu relações diplomáticas com a União Soviética e declarou o PCB ilegal. Em 1948, todos os parlamentares da bancada comunista no Congresso foram cassados.

Essas medidas provocaram insatisfação em muitos setores sociais. Logo, nas eleições presidenciais de 1950, Getúlio Vargas, candidato pelo PTB, saiu vitorioso com 48,73% dos votos válidos e reassumiu a Presidência no ano seguinte. A população celebrou o retorno de Getúlio cantando uma marchinha de Haroldo Lobo e Marino Pinto: “Bota o retrato do velho outra vez/Bota no mesmo lugar/O sorriso do velhinho faz a gente trabalhar”.

Getúlio Vargas, de novo

Com **Getúlio Vargas** mais uma vez na Presidência, o nacionalismo, o populismo e o trabalhismo retornaram ao centro da vida pública da nação. As práticas de intervenção do governo na economia também foram retomadas: em 1951, por exemplo, o governo fez investimentos altíssimos na **indústria de base**, em transporte e energia.

Enquanto isso houve protestos contra o aumento do custo de vida em meados de 1952 e, em 1953, uma greve paralisou 300 mil trabalhadores em São Paulo e no Rio de Janeiro.

Em 1954, o deputado Carlos Lacerda (UDN), por meio de seu jornal *Tribuna da Imprensa*, lançou uma agressiva campanha contra o presidente e seus auxiliares, aos quais acusava de corruptos. Instalou-se uma crise política e membros ligados à UDN e às Forças Armadas passaram a pedir o afastamento de Vargas da Presidência.

No dia 5 de agosto de 1954, Lacerda sofreu um atentado a tiros e as investigações apontaram seu guarda-costas, Gregório Fortunato, como mandante do crime. A crise política agravou-se e os parlamentares da UDN aumentaram a pressão pela renúncia do presidente. Pressionado, no dia 24 de agosto, Getúlio suicidou-se com um tiro.

A morte de Vargas agravou ainda mais a crise política. Ao longo dos meses seguintes, o Brasil foi governado por três presidentes. Nas eleições presidenciais de 1955, saiu vitorioso Juscelino Kubitschek (ex-governador de Minas Gerais) e o vice-presidente João Goulart (ex-ministro de Getúlio) que assumiram em janeiro de 1956.

Manchete do jornal *O Globo* de 7 de maio de 1947 informa sobre a decisão do governo de colocar o Partido Comunista na ilegalidade. A medida foi tomada no contexto da Guerra Fria. No ano seguinte, os mandatos de todos os parlamentares do PCB seriam cassados.

FILME

Veja o filme **Getúlio Vargas**, de Ana Carolina, 1974. Nesse documentário é narrado o período em que Getúlio Vargas ocupou o cargo de presidente do país. Há reproduções também de alguns de seus discursos mais memoráveis.

Indústria de base:

é o setor da economia que se dedica à produção de matérias-primas, produtos semielaborados, máquinas pesadas e equipamentos destinados à própria indústria, utilizados para a produção de outros bens. Desse setor fazem parte a siderurgia (produção de aço), a metalurgia, a petroquímica, a produção naval e de cimento. Também é chamada de indústria pesada e indústria de bens de produção.



Arquivo/Agência O Globo

2 Período desenvolvimentista

FILME

Veja o filme *Os anos JK*, de Sílvio Tendler. Brasil, 1980. O documentário retrata os anos em que, depois de 1954, Juscelino Kubitschek chega à presidência da República prometendo democracia e desenvolvimento.

O arquiteto Oscar Niemeyer (à esquerda) com o presidente Juscelino Kubitschek, em foto de 1959. Em 1956, Niemeyer foi convidado por JK para projetar os prédios públicos da nova capital do Brasil. Ele projetou os prédios do Congresso Nacional, Palácio da Alvorada, Palácio do Planalto, Supremo Tribunal Federal e da Catedral de Brasília. Esse trabalho levou à sua nomeação como diretor do departamento de arquitetura da Universidade de Brasília e como membro honorário do Instituto Americano de Arquitetos. Por causa de sua ideologia de esquerda e sua militância no Partido Comunista Brasileiro (PCB), deixou o país após o golpe civil-militar de 1964 e, posteriormente, abriu um escritório em Paris.



Reprodução/Folhapress

Juscelino Kubitschek chegou à Presidência prometendo realizar em cinco anos de mandato o que, segundo ele, outros presidentes levariam 50 anos para fazer. Para tanto, JK lançou o chamado **Plano de Metas**, conjunto de medidas destinado a promover o desenvolvimento global da economia brasileira.

O plano previa a aplicação de vultosos recursos nas áreas de energia, transporte, indústria de base, educação e alimentação. Em poucos anos foram construídas as usinas hidrelétricas de Furnas e de Três Marias, além da siderúrgica Usiminas. Também foram implantadas a indústria automobilística e a de construção naval.

Para promover a ocupação e o desenvolvimento do interior, foram construídos mais de 20 mil quilômetros de rodovias. A obra mais importante para o projeto de “interiorização do desenvolvimento” foi, entretanto, a construção da cidade de Brasília, no Planalto Central, concebida para ser a nova e mais moderna capital do Brasil.

Durante o governo de JK, o país apresentou elevados índices de crescimento: entre 1955 e 1961, a produção industrial registrou um aumento de 80%, entre 1957 e 1961 o Produto Interno Bruto (PIB) cresceu cerca de 7% ao ano. O aumento do poder aquisitivo fortaleceu as classes médias, que passaram a consumir eletrodomésticos, automóveis e objetos feitos de plástico e fibras sintéticas, novidades na época.

Por sua prosperidade e pelo otimismo que despertou na população, esse período ficou conhecido como anos dourados.

A **política desenvolvimentista** do governo Kubitschek, no entanto, tinha seus limites. A dívida externa cresceu e os gastos da construção de Brasília geraram enorme *deficit* nas contas públicas. Para cobrir as despesas, o governo passou a emitir papel-moeda em grande quantidade, o que provocou aumento da inflação. Em 1959, o aumento do custo de vida foi de quase 40%.

Os anos dourados

O otimismo do governo de JK refletiu-se também na área cultural.

O projeto urbanístico de Brasília foi a consolidação de uma **arquitetura** moderna que vinha sendo desenvolvida no Brasil havia alguns anos, como o complexo arquitetônico da Pampulha, projetado por Oscar Niemeyer, em Belo Horizonte, em 1943.

Na **música**, a grande novidade foi a Bossa Nova, cujas primeiras manifestações ocorreram em 1958. Primeiro, com o lançamento do disco *Canção do amor demais*, de Elizete Cardoso, no qual a música “Chega de saudade”, de Tom Jobim e Vinicius de Moraes, era acompanhada por João Gilberto, que apresentou a nova batida de violão. Depois, com o disco *Chega de saudade*, no qual o próprio João Gilberto interpretava canções de vários compositores, entre eles Tom Jobim e Vinicius de Moraes.

O **cinema** também apresentava novidades. Em 1953, o filme *O cangaceiro*, de Lima Barreto, recebeu no Festival de Cannes, na França, o prêmio de melhor filme de aventuras. E o Cinema Novo exibia nas telas as grandes contradições sociais do Brasil em uma linguagem simples e direta, sob a direção de vários cineastas, como Nelson Pereira dos Santos, Joaquim Pedro Andrade, Paulo César Saraceni, Alex Viany e Glauber Rocha, o nome mais conhecido do movimento, responsável, entre outros, pelo clássico *Deus e o diabo na terra do sol* (1964).

No **teatro**, Nelson Rodrigues vinha produzindo obras inovadoras desde os anos 1940. Outras novidades eram as peças montadas pelo Teatro Brasileiro de Comédia, o TBC, criado em 1948, em São Paulo. Também são dessa época o Teatro Experimental do Negro, o Teatro de Arena, fundado em 1953, que montava peças de autores nacionais, como *Eles não usam black-tie* (1958), de Gianfrancesco Guarnieri, e o Teatro Oficina que, segundo o crítico Sábado Magaldi, “distinguiu-se por ter absorvido, na década de 1960, toda a experiência cênica internacional [...]”.

Nessa mesma época, a **televisão** começou a se popularizar no Brasil. Inaugurada em 1950, dez anos depois já havia emissoras de TV nas principais capitais brasileiras. Com uma programação quase toda ao vivo, as emissoras transmitiam, entre outras atrações, telejornais e teleteatros, programas musicais, esportivos e infantis. Apesar da concorrência da televisão, o **rádio** continuou como importante veículo, com suas radionovelas, programas jornalísticos e humorísticos. Um dos maiores sucessos deste gênero foi o PRK-30, apresentado por Lauro Borges e Castro Barbosa, que faziam as vozes de mais de 25 personagens.

Foi também durante os anos dourados que surgiu a **poesia concreta** de Haroldo de Campos, Ferreira Gullar e outros. No âmbito da prosa de ficção, o maior impacto foi causado pelo lançamento, em 1956, de uma das maiores obras-primas da literatura brasileira, o romance *Grande sertão: veredas*, do escritor mineiro João Guimarães Rosa.

No **campo esportivo**, os êxitos também contribuíram para acentuar o clima de otimismo. Em 1958, na Suécia, a seleção brasileira de futebol, sob o comando de Didi e contando com o talento de Garrincha, Nilton Santos e Pelé, conquistou sua primeira Copa do Mundo, feito que seria repetido no Chile, em 1962. No boxe, o pugilista Éder Jofre sagrou-se campeão mundial em 1960, na categoria peso-galo.

Texto elaborado com base em: SANTOS, Joaquim Ferreira dos. *Feliz 1958: o ano que não devia terminar*. 5. ed. Rio de Janeiro: Record, 1998; CASTRO, Ruy. *Chega de saudade*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1990; *Nosso tempo*. São Paulo: O Estado de S. Paulo/Klick, 1998; MAGALDI, Sábado. *Teatro oficina*. Disponível em: <<http://vivaoteatro.blogspot.com/>>, postado em: 21 fev. 2007. Acesso em: 25 mar. 2016.

FILME

Veja o filme *Coisa mais linda*, de Paulo Thiago, 2005. Por meio de músicas da Bossa Nova, o documentário retrata a história dos anos 1950 no Brasil, com o apogeu do musical em 1962, antes do golpe civil-militar e da implantação da ditadura. Há apresentações e entrevistas com vários artistas que estavam muito envolvidos com a Bossa Nova naquela época.

O ator Leonardo Vilar em cena do filme *O pagador de promessas*, de 1962. Dirigido por Anselmo Duarte, o longa faz uma crítica à intolerância religiosa do período e foi o primeiro filme brasileiro a conquistar a Palma de Ouro no festival de cinema de Cannes.



Acervo Iconographia/Reminiscências

O Plano de Metas favoreceu o crescimento dos estados do Sudeste, provocando uma **corrente migratória** em direção a essa região. Os novos migrantes eram oriundos, em sua maioria, da zona rural nordestina, onde o governo não conseguiu sanar problemas causados pela miséria, seca e falta de empregos (veja o boxe *As Ligas Camponesas* a seguir).

Além disso, a expansão urbana desordenada, agravada pelo intenso êxodo rural, provocou o crescimento das favelas e o surgimento de bairros periféricos caracterizados pela pobreza e pela falta de infraestrutura, como água encanada e rede de esgotos.

A insatisfação com essas condições sociais, agravadas no período JK, refletiu-se nas urnas: em 1961, foi eleito presidente o candidato da oposição, o ex-governador de São Paulo **Jânio Quadros**, lançado pela UDN. À época, os votos para cargos de presidente e vice-presidente eram desvinculados e **João Goulart** foi reeleito para a vice-presidência.

As Ligas Camponesas

Em meados da década de 1950, **camponeses** do Nordeste começaram a se organizar para garantir o acesso à terra e conquistar melhores condições de trabalho e de vida. Essa mobilização deu origem às *Ligas Camponesas*, associações que reuniam, principalmente, pequenos proprietários rurais e trabalhadores não assalariados (boias-frias, parceiros, arrendatários, etc.).

A primeira e mais conhecida foi fundada em 1954, em Vitória de Santo Antão, em Pernambuco, reunindo cerca de 1200 pessoas. Apesar da repressão que sofriam dos fazendeiros e da polícia, a partir de 1958 as Ligas se disseminaram pelo Nordeste e, posteriormente, chegaram a Minas Gerais e ao interior do estado do Rio de Janeiro.

Tendo como lema “Reforma agrária na lei ou na marra”, eram lideradas pelo advogado e deputado estadual do Partido Socialista Brasileiro (PSB) Francisco Julião (1915-1999), que orientava os trabalhadores rurais sobre seus direitos.

Em 1961, realizou-se em Belo Horizonte o Primeiro Congresso Nacional de Lavradores e Trabalhadores Agrícolas, no qual os representantes das Ligas Camponesas e de sindicatos rurais de todo o país reivindicaram a reforma agrária e a extensão das leis trabalhistas ao campo. Com o golpe civil-militar de 1964 (veja mais adiante), a atuação das Ligas Camponesas foi proibida e o movimento extinguiu-se.

Acervo Iconographia/Reminiscências



Considerado um marco histórico dos movimentos camponeses, o I Congresso Nacional de Lavradores e Trabalhadores Agrícolas definiu várias reivindicações visando à reforma agrária. Foto de 1961.

FILME

Veja o filme ***Cabra marcado para morrer***, de Eduardo Coutinho, 1984. O documentário começa a ser produzido em fevereiro de 1964 e pretende contar a história do líder da Liga Camponesa de Sapé (PB), João Pedro Teixeira, assassinado em 1962. Mas, com o início da ditadura, em março daquele ano, a produção é interrompida e será retomada apenas em 1981, quando o diretor Eduardo Coutinho volta à região e reencontra a viúva de João Pedro, Elisabeth Teixeira, e muitos dos outros camponeses que já haviam atuado no documentário.

DE OLHO NO MUNDO

- Atualmente, mais de cinquenta organizações de trabalhadores rurais lutam pela implantação da reforma agrária e pela efetiva aplicação dos direitos sociais e trabalhistas no campo. Muitas vezes, as ações dessas organizações terminam em confrontos envolvendo trabalhadores rurais, fazendeiros e polícia.
- 1 Reúna-se em grupo e façam uma pesquisa sobre casos recentes desse tipo de violência.
- 2 Escolham um dos casos pesquisados e montem um quadro dos acontecimentos, identificando quando e que tipo de violência foi cometida, quem eram os envolvidos, como e quando o caso foi noticiado pela imprensa e quais foram as consequências políticas e judiciais. Organizem os dados em um painel (em papel ou no computador) e apresentem para a classe.

3 Parlamentarismo no Brasil

O governo de **Jânio Quadros** durou sete meses, até agosto de 1961, quando ele **renunciou ao mandato**. Segundo alguns historiadores, Jânio renunciou à Presidência esperando que os parlamentares mais conservadores e o alto comando das Forças Armadas não aceitassem o seu vice – João Goulart, politicamente ligado à esquerda e aos sindicatos – no poder. Dessa maneira, ele pretendia se fortalecer politicamente e retomar o governo mais independente, implantando medidas que considerasse necessárias.

O Congresso, entretanto, aceitou a renúncia. A Presidência foi ocupada interinamente pelo presidente da Câmara, o deputado Ranieri Mazzili, já que João Goulart encontrava-se na China.

Nas Forças Armadas, grupos conservadores ligados à UDN tentavam impedir a posse de Goulart. Ao mesmo tempo, no Exército, grupos ligados ao governador do Rio Grande do Sul, Leonel Brizola (PTB), ameaçavam resistir caso João Goulart fosse impedido de assumir a Presidência.

Alegando evitar que o país entrasse em uma guerra civil, o Congresso Nacional aprovou uma emenda constitucional criando o **parlamentarismo**. O governo seria exercido pelo primeiro-ministro, a ser escolhido pelo Congresso, e o presidente teria a função de chefe de Estado. João Goulart retornou ao Brasil e, no dia 7 de setembro de 1961, assumiu a Presidência com poderes limitados.



Antonio Ronek/OCruzeiro/EM/D.A. Press

O então governador do Rio Grande do Sul, Leonel de Moura Brizola, durante discurso pelo governo da legalidade, em 1961.

4 Reformas de base e golpe civil-militar

Entre setembro de 1961 e janeiro de 1963, o Brasil viveu um regime parlamentarista frágil, marcado por manifestações de insatisfação política e social. Três pessoas ocuparam o cargo de primeiro-ministro até que um **plebiscito**, em janeiro de 1963, decidiu pela volta do regime presidencialista ao país.

Como presidente, João Goulart apresentou um programa de governo que pretendia combater a inflação (que chegara a 54,8% em 1962), promover reformas sociais (como reforma agrária e direito de voto para analfabetos) e lançar as bases para a retomada do crescimento econômico e industrial brasileiro.

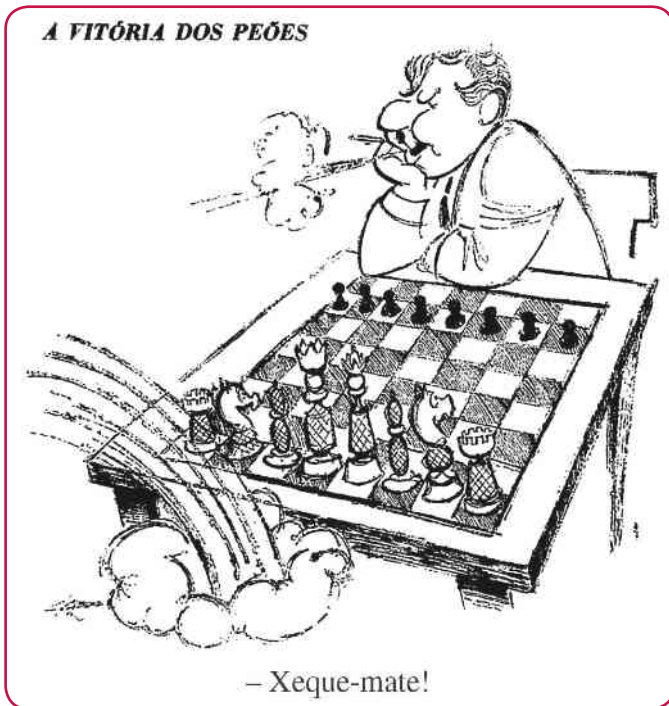
Chamadas **reformas de base**, as medidas dividiram a sociedade. De um lado, o apoio a elas vinha dos grupos de esquerda e dos setores trabalhistas, dos sindicalistas, dos integrantes das Ligas Camponesas e das entidades estudantis (lideradas pela União Nacional dos Estudantes-UNE). De outro lado, opunham-se os grupos conservadores, como as associações patronais, empresários, oficiais de alta patente das Forças Armadas, setores da alta hierarquia da Igreja católica, políticos de direita, etc. Para esses setores, as reformas de base implantariam o comunismo no Brasil. Inseguros, parlamentares do PSD – que somados ao PTB garantiam a base política do presidente no Congresso – aproximaram-se dos deputados da UDN, que faziam forte oposição ao governo de Jango.

No dia 13 de março de 1964, em frente à estação Central do Brasil, no Rio de Janeiro, foi realizado um grande comício com a presença de aproximadamente 150 mil pessoas, em apoio às reformas de base. Na ocasião, o presidente assinou decretos nacionalizando as refinarias de petróleo e anunciou a desapropriação de terras ao longo das rodovias federais como parte da política de reforma agrária.

Como resposta, em 19 de março do mesmo ano, a oposição levou às ruas de São Paulo aproximadamente meio milhão de pessoas em uma passeata conhecida como **Marcha da Família com Deus pela Liberdade**. Liderados por empresários, representantes da classe média e setores do clero, os manifestantes protestavam contra o “comunismo” do governo Goulart.

A passeata do dia 19 de março proporcionou o apoio político e social necessário para o golpe que derrubaria o presidente. Assim, no dia **31 de março de 1964**, o chefe do Estado-Maior do Exército, general Castelo Branco, colocou-se à frente de um golpe civil-militar, contando com o apoio do governo dos Estados Unidos, de alguns governadores de estado – como Carlos Lacerda, da Guanabara, Magalhães Pinto, de Minas Gerais, e Ademar de Barros, de São Paulo –, das lideranças udenistas, dos representantes dos meios de comunicação, dos empresários e de amplos setores das classes médias. Dessa forma, **João Goulart foi destituído do poder**.

Por duas semanas, o deputado Ranieri Mazzilli, presidente da Câmara, assumiu interinamente a Presidência da República. No dia 15 de abril, o governo foi entregue ao General Castelo Branco. Iniciava-se assim um dos períodos mais sombrios da história brasileira: a **ditadura civil-militar**, que se estenderia até 1985.



Letra/Jornal do Brasil/Hemeroteca Pública de Minas Gerais

Charge “A vitória dos peões”, publicada no *Jornal do Brasil* em 31 de março de 1964. As reformas de base, implementadas por João Goulart e aclamadas pelos “peões”, foram tema da caricatura do jornal diário na edição de um dia anterior ao golpe civil-militar brasileiro.

ORGANIZANDO AS IDEIAS



ATIVIDADES

- 1 Com a eleição do general Eurico Gaspar Dutra para a Presidência, em dezembro de 1945, e a promulgação de uma nova Constituição em 1946, o Brasil retomou a democracia. Faça uma síntese dos principais partidos políticos e do que mudou com a nova Carta constitucional.
- 2 Depois de uma transição turbulenta entre a morte de Vargas e a transmissão do cargo de presidente para Juscelino Kubitschek, em janeiro de 1956, iniciou-se o “período desenvolvimentista”. Caracterize essa política do governo JK e explique por que os anos 1950 ficaram conhecidos como anos dourados?
- 3 A partir da restauração do regime presidencialista, descreva o processo político que conduziu ao golpe civil-militar de 31 de março de 1964.

- Observe a imagem da página 180. Trata-se de uma fotografia de 1947 com o elenco da peça *O filho pródigo*, em montagem realizada no Teatro Ginástico, no Rio de Janeiro. Esse elenco fazia parte do Teatro Experimental do Negro, que surgiu em 1944. Com base nessas informações e na análise da imagem, responda ao que se pede:
- Descreva o elenco e aponte qual é a característica comum a todos os atores e atrizes que fazem parte dessa montagem. Formule uma hipótese para explicar essa característica.
 - Qual foi a importância do Teatro Experimental do Negro para o Brasil?
 - Atualmente, existem muitos movimentos que lutam por causas semelhantes ao do Teatro Experimental do Negro. Em grupo, pesquisem informações sobre alguns desses movimentos e discutam sobre a importância de ações como essas no Brasil contemporâneo.

5 Implantação do governo civil-militar

A chegada dos militares ao poder, em 1964, inaugurou um período de intensa repressão e violência no Brasil. Durante os 21 anos que se seguiram ao golpe de Estado que derrubou João Goulart, milhares foram perseguidos, **presos** e mortos. Muitos tiveram seus direitos políticos cassados e foram obrigados a se exilar no exterior. Outros foram torturados e mortos. A vida política passou a ser regida por dispositivos autoritários que cerceavam a liberdade, censuravam os meios de comunicação e concentravam o poder nas mãos do governo militar.

O primeiro desses dispositivos, o Ato Institucional número 1, o AI-1, de 9 de abril de 1964, instituiu a eleição presidencial indireta, concedeu ao presidente o direito de decretar estado de sítio sem aprovação prévia do Congresso, suspendeu temporariamente a estabilidade de todos os funcionários públicos e autorizou o governo a cassar mandatos de parlamentares e suspender os direitos políticos por dez anos, sem apelação judicial.

Dois dias depois da instauração do AI-1, o general Humberto de Alencar Castelo Branco foi promovido ao posto de marechal e eleito indiretamente, pelos parlamentares do Congresso Nacional, para a Presidência da República.

Professor(a), veja no Procedimento Pedagógico deste capítulo uma sugestão de **Atividade Alternativa** para analisar o material produzido pela Comissão Nacional da Verdade.

FILME

Veja o filme *Quase dois irmãos*, de Lúcia Murat, 2005. O filme narra a amizade, encontros e desencontros, entre Miguel e Jorge, que começa nos anos 1950. O primeiro é branco, filho de um jornalista apaixonado por samba. O segundo é negro, filho de um importante compositor do morro. Na década de 1970, Miguel torna-se preso político; Jorge, um assaltante de banco. Ambos vão se encontrar na mesma prisão.



Tanque do Exército estacionado próximo à casa do presidente deposto, João Goulart, no bairro Laranjeiras, Rio de Janeiro, RJ. O Golpe de 1964 submeteu o Brasil a uma ditadura civil-militar que durou até 1985.

Governo Castelo Branco (1964-1967)

Uma das principais preocupações do marechal-presidente foi controlar a inflação, que se aproximava dos 100% ao ano. Entre as principais medidas adotadas, estavam o corte dos gastos públicos e o aumento dos impostos e das tarifas dos serviços públicos. Ao mesmo tempo, o governo promoveu um arrocho salarial que afetou principalmente as camadas mais baixas da população e aumentou a concentração de renda nas mãos dos setores mais ricos da sociedade. Além disso, fomentou a entrada de capitais estrangeiros para fortalecer a indústria e a agricultura, o que aumentou a dívida externa brasileira.

Primeiro presidente da ditadura civil-militar, o general Humberto de Alencar Castelo Branco (acenando) toma posse em Brasília, em abril de 1964. Na foto, ele é acompanhado por militares e políticos, entre os quais o general Costa e Silva (na extrema direita), que governaria o Brasil entre 1967 e 1969, e o governador de Minas Gerais, Magalhães Pinto (segundo da direita para a esquerda).



Folha Imagem/Folhapress

Essas medidas, de fato, promoveram a queda da inflação e abriram caminho para a retomada do crescimento econômico, mas contribuíram também para aumentar a impopularidade do regime. Nas eleições de outubro de 1965, foram escolhidos governadores de onze estados: a oposição conseguiu vencer em cinco deles.

Diante dessa situação, uma ala das Forças Armadas, conhecida como “linha dura”, pressionou o governo para que fossem adotadas medidas ainda mais repressivas. O governo Castelo Branco decretou, no mesmo ano, o **Ato Institucional número 2 (AI-2)**, que extinguiu as associações políticas e implantou o bipartidarismo. Os dois partidos permitidos eram a Aliança Renovadora Nacional (Arena) – formado por parlamentares que apoiavam o militarismo e que eram sua base política – e o Movimento Democrático Brasileiro (MDB) – que reunia os opositores ao governo, de diversas tendências políticas.

Em 1966, o presidente decretou o **AI-3**, que estabeleceu eleições indiretas para governadores e prefeitos das capitais. Na eleição indireta para presidente da República – em março de 1967 – a maioria dos parlamentares escolheu um dos principais representantes da ala “linha dura”: o general Artur da Costa e Silva, ex-ministro da Guerra do governo Castelo Branco.

No início de 1967, o governo Castelo Branco promulgou uma Lei de Imprensa que cerceava a divulgação de informações, a **Lei de Segurança Nacional** que restringia ainda mais as liberdades civis, cassou vários parlamentares e fechou o Congresso. Em seguida, por meio do **AI-4**, reabriu o Congresso para que os parlamentares aprovassem, em 15 de março de 1967, uma **nova Constituição**, que ampliava ainda mais os poderes do Executivo.

6 Generais “linha-dura” no governo

Com a posse do general Costa e Silva, também em 15 de março de 1967, a “linha-dura” chegava ao poder.

Estudantes, trabalhadores, artistas e alguns setores da Igreja católica – que apoiara o golpe no princípio – intensificaram as manifestações contra a ditadura e a repressão aumentou para contê-las. O auge dessas manifestações ocorreu em junho, quando cerca de 100 mil pessoas saíram às ruas do Rio de Janeiro em passeata pelo fim da ditadura no país. Entre os presentes, estavam políticos da oposição, religiosos, estudantes, trabalhadores, donas de casa, intelectuais e artistas, como Chico Buarque, Milton Nascimento, Caetano Veloso e Gilberto Gil.



Wilton Júnior/Agência Estado

Luiz Armando Queiroz, Nelson Motta, Edu Lobo, Chico Buarque, Caetano Veloso, Nana Caymmi, Gilberto Gil, Paulo Autran e Leonardo Villar entre os manifestantes da Passeata dos Cem Mil, no Rio de Janeiro, em junho de 1968. Intelectuais e artistas uniram-se aos estudantes na luta contra a ditadura civil-militar.

Em outubro de 1968, os estudantes desafiaram mais uma vez a ditadura e organizaram, clandestinamente, o 30º Congresso da UNE (que estava proibida). Realizado em Ibiúna, na Grande São Paulo, o encontro foi descoberto pela polícia, que invadiu o local e prendeu centenas de estudantes.

Também em 1968, os trabalhadores organizaram duas grandes greves, com aproximadamente 15 mil operários em Contagem, Minas Gerais, e 10 mil metalúrgicos em Osasco, São Paulo. A resposta do governo foi violenta: centenas de pessoas foram presas e os sindicatos sofreram intervenção.

Diante das mobilizações populares, o governo decretou, no dia 13 de dezembro de 1968, o **Ato Institucional número 5, AI-5, o mais repressivo de todos**. Por meio dele, o presidente poderia fechar o Congresso e legislar sobre qualquer assunto, intervir nos estados, aposentar funcionários públicos e suspender o **habeas corpus** para os crimes que fossem considerados de caráter político. A censura à imprensa e à produção artística e editorial tornou-se ainda mais rígida.

Habeas corpus:

instrumento legal que protege direitos individuais diante das instituições legais, visando impedir que sejam realizadas prisões e detenções arbitrárias (sem mandado judicial). A expressão, de origem latina, significa “tenha seu corpo”.

Um país amordaçado

A ditadura procurou, das mais variadas maneiras, reprimir atos de seus opositores. A censura imposta aos meios de comunicação e aos artistas em geral foi um exemplo. Notícias, livros, filmes, músicas, peças de teatro só podiam chegar ao público depois de passar pelo crivo dos censores. Ao fazer isso, o governo alegava estar preservando a “segurança nacional” e a “moral da família brasileira”.

Em São Paulo, o jornal *O Estado de S. Paulo* substituía as matérias censuradas por receitas culinárias e trechos do poema *Os lusíadas*, de Camões, para explicitar a ação da censura. No Rio de Janeiro, o *Jornal do Brasil* simplesmente

deixava enormes espaços em branco no lugar das notícias censuradas. Alguns periódicos, como *O Pasquim* e *Opinião*, desobedeciam os censores e publicavam os artigos censurados. Em represália, a polícia retirava os exemplares à venda nas bancas e, com frequência, prendia os jornalistas.

A censura proibiu várias músicas de compositores como Chico Buarque, Caetano Veloso, Gilberto Gil e Geraldo Vandré, além de livros, como *Zero*, de Ignácio de Loyola Brandão, *Feliz Ano Novo*, de Rubem Fonseca, e a peça *Abajur lilás*, de Plínio Marcos. Muitos filmes só puderam ser exibidos depois de terem cenas cortadas.

DE OLHO NO MUNDO

- Reúna-se em grupo e façam uma pesquisa sobre um dos artistas e intelectuais citados no texto. Descubram suas opiniões a respeito da ditadura civil-militar. Apresentem a obra desse artista para a classe.

A luta armada no Brasil

Para muitos, o AI-5 representou um golpe dentro do golpe. Nesse clima repressivo, um grande número de jovens, muitos dos quais sob a liderança de dissidentes do **Partido Comunista Brasileiro (PCB)**, decidiram deixar de lado os protestos pacíficos e partir para a luta armada. Surgiram, assim, grupos guerrilheiros, com aproximadamente quinhentos combatentes, entre homens e mulheres, que tentavam derrubar o governo com ataques como assaltos, atentados, sequestros, etc.

Inicialmente, os guerrilheiros assaltavam bancos para arrecadar fundos para suas ações. Depois, passaram a sequestrar diplomatas estrangeiros exigindo, como resgate, a libertação de presos políticos. Como resultado de algumas dessas ações, 15 presos políticos foram trocados em 1969 e 40 em 1970.

Em 1970, o capitão do Exército Carlos Lamarca, da Vanguarda Popular Revolucionária (VPR), abandonou seu quartel em Quitaúna, no estado de São Paulo. Ele levou consigo 63 fuzis e três submetralhadoras e aderiu à luta armada. Perseguido, foi executado na Bahia em 1971, em uma ação comandada pelo major Nilton Cerqueira de Albuquerque.

Cartaz com os dizeres “Procura-se”, um número de telefone de denúncia e a imagem do ex-capitão do Exército, o guerrilheiro Carlos Lamarca. O cartaz, do final da década de 1960, também divulgava características de outros perseguidos políticos.

Partido Comunista Brasileiro (PCB)

fundado em 1922, o PCB surgiu como Partido Comunista do Brasil, em 1921. Esse nome mudou em 1962 para Partido Comunista Brasileiro, visando fortalecer o fato de ser um partido brasileiro, e não vinculado à União Soviética. O PCB foi reprimido e atuou clandestinamente até 1985, quando pôde ser legalizado.

PROCURA-SE

Se você souber do paradeiro de algum destes homens, telefone para 2-5898 ou dirija-se à Delegacia mais próxima

<p>Nome: CARLOS ROBERTO ZAMBATTO — apelido "CARBÃO". Profissão: Montador Elétrico e Instrutor de Tênis Zênitico. Profissão: ex-capitão do EB. Nascimento: em 09 Nov. 49. Natural de Curitiba — SP. CÔD. Brasil: CARLOS. CARTÃO: cartãozinho médio. ALTURA: 1,70 m. — Estado civil: solteiro.</p>	<p>Nome: JOSÉ MARIANI FERREIRA ALVES — apelido "MARIANI". Profissão: ex-capitão do EB. Filiação: Associação A. de Saúde e Bateria E. Alves. ALTURA: 1,77 m. CÔD. Brasil: CARLOS. CARTÃO: cartãozinho médio. DADOS: cartãozinho médio. Estado civil: solteiro.</p>	<p>Nome: DARCY RODRIGUES — apelido "DARCY". Profissão: ex-2º sargento do EB. Nascimento: em 19 Nov. 41. Natural de Juazeiro. Identidade: 40-514.427. ALTURA: 1,63 m. CÔD. Brasil: CARLOS. CARTÃO: cartãozinho médio. Filiação: Jorge Rodrigues e Doraci de Almeida Rodrigues. Estado civil: casado.</p>	<p>Nome: CARLOS LAMARCA — apelido "CARLOS". Profissão: ex-capitão do EB. Nascimento: em 27 Out. 37. Natural de Curitiba. Filiação: Antônio Lamarca e Geraciene de Cordeiro Lamarca. ALTURA: 1,76 m. CÔD. Brasil: CARLOS. CARTÃO: cartãozinho médio. DADOS: cartãozinho médio. Estado civil: casado.</p>
--	---	---	---

Entre 1968 e 1974, desenvolveu-se na região do **Araguaia** (divisa entre os atuais estados do Pará e Tocantins) um importante núcleo guerrilheiro organizado pelo Partido Comunista do Brasil (PCdoB). O grupo atuou na clandestinidade por quase quatro anos, até 1972, quando o Exército desarticulou o movimento em 1974. Os guerrilheiros foram torturados, presos e alguns foram mortos. Esse foi um dos poucos casos de guerrilha rural do Brasil. No fim do governo Médici, a guerrilha já havia sido praticamente desarticulada.

Anos de chumbo (1969-1974)

Oito meses depois de ter decretado o AI-5, Costa e Silva afastou-se da Presidência por problemas de saúde. Seu vice-presidente, o mineiro Pedro Aleixo, foi impedido de assumir o cargo (sofria de trombose). Uma Junta Militar composta dos ministros da Guerra, Marinha e Aeronáutica governou o Brasil até o final de outubro de 1969, quando um novo presidente foi eleito pelo Congresso: o **general Emílio Garrastazu Médici**.

Durante o governo Médici, uma rede de órgãos repressivos funcionava para manter os grupos de esquerda (e toda a sociedade) coagidos, por meio da censura e da repressão policial contínuas. Além do Serviço Nacional de Informações (SNI), órgão de vigilância e controle criado em 1964, o governo contava também com os Departamentos de Ordem Política e Social (Dops), que eram estaduais. Em 1969, criou-se a Operação Bandeirante (Oban), em São Paulo. Mais tarde, esta deu origem ao Departamento de Operações Internas e Centro de Operações de Defesa Interna (DOI-CODI).

FILME

Veja o filme *Araguaya, conspiração do silêncio*, de Ronaldo Duque, Brasil, 2004. O filme conta a história de Padre Chico, um religioso francês que, ao chegar à região do Araguaia no início dos anos 1960, presencia a batalha de militantes e camponeses contra o Exército, em uma região onde a miséria é predominante.

A ajuda dos empresários à repressão

A reestruturação da PE paulista e a Operação Bandeirante foram socorridas por uma “caixinha” a que compareceu o empresariado paulista. A banca achegou-se no segundo semestre de 1969, reunida com Delfim [Neto, Ministro da Fazenda] num almoço no palacete do clube São Paulo, velha casa de dona Vendiana Prado. O encontro foi organizado por Gastão Vidigal, dono do Mercantil de São Paulo e uma espécie de paradigma do gênero. Sentaram-se à mesa cerca de quinze pessoas. Representavam os grandes bancos brasileiros. Delfim explicou que as Forças Armadas não tinham equipamento nem verbas para enfrentar a subversão. Precisava de bastante dinheiro. Vidigal fixou a contribuição em algo

como 500 mil cruzeiros da época, equivalentes a 110 mil dólares. Para evitar pechinchas, passou a palavra aos colegas lembrando que cobriria qualquer diferença. Não foi necessário. Sacou parte semelhante à dos demais. “Dei dinheiro para o combate ao terrorismo. Éramos nós ou eles”, argumentaria Vidigal, anos mais tarde. Na Federação das Indústrias de São Paulo, convidavam-se empresários para reuniões em cujo término se passava o quepe. [...] Segundo Paulo Egydio Martins, que em 1974 assumiria o governo de São Paulo, “àquela época, levando-se em conta o clima, pode-se afirmar que todos os grandes grupos comerciais e industriais do estado contribuíram para o início da Oban”.

GASPARI, Elio. *A ditadura escancarada*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. p. 62.

Os agentes desses órgãos utilizavam sistematicamente torturas físicas, morais e psicológicas para obter confissões dos presos políticos. Há relatos de pessoas interrogadas junto de animais selvagens, como jacarés ou cobras, de mulheres estupradas repetidas vezes, de ameaças de morte aos parentes de presos, etc. Segundo dados da Comissão Especial sobre Mortos e Desaparecidos Políticos, durante a ditadura, pelo menos 200 militantes entre homens e mulheres foram assassinados pelo regime e outros 146 são considerados desaparecidos até hoje (veja a seção *Passado presente* a seguir).



Nas garras da ditadura

A repressão contra os opositores do regime alcançou números elevados. Só nos primeiros meses da ditadura, cerca de 50 mil pessoas foram presas. Calcula-se que, durante os seus 21 anos, aproximadamente 10 mil homens, mulheres e crianças refugiaram-se no exterior, e outras 130 pessoas foram banidas do país.

O governo costumava negar seus mortos. O regime alegava que esses militantes teriam se suicidado na prisão, morrido em confronto com a polícia ou sido atropelados em fugas. Sabe-se hoje que a maior parte dessas pessoas morreu na cadeia, vítima de torturas ou de execuções sumárias.

Em 1995, o governo brasileiro reconheceu a responsabilidade do Estado diante dessas mortes e desaparecimentos. Como reflexo dessa nova postura, o Executivo Federal aprovou a criação da Comissão Especial sobre Mortos e Desaparecidos Políticos. Esta tem três objetivos:

- Reconhecer formalmente cada um dos casos de morte ou desaparecimento por razões políticas;
- Aprovar a reparação indenizatória aos familiares dessas vítimas;
- Mobilizar esforços no sentido de tentar localizar os restos mortais dos desaparecidos, sempre que houvesse indícios quanto ao local onde esses corpos possam se encontrar.

Os resultados desse trabalho têm sido amplos. Com base em uma série de documentos, chegou-se a mais de 350 casos conhecidos de mortos e desaparecidos políticos e efetuou-se o pagamento das indenizações aos familiares das vítimas da ditadura.

Em 2009, o governo colocou no ar o site *Memórias reveladas* (<www.memoriasreveladas.gov.br>, acesso em 23 mar. 2016), que tem como um de seus objetivos coletar informações que ajudem a encontrar os restos mortais dos 146 desaparecidos políticos do Brasil.

Estes foram alguns dos militantes que morreram ou desapareceram na luta contra a ditadura.

Dilermano Mello do Nascimento (PB, 1920-RJ, 1964). Militar, ex-membro da Força Expedicionária Brasileira, lutou na Itália durante a Segunda Guerra. Preso no dia 12 de agosto de 1964, morreu três dias depois, durante interrogatórios.

Milton Soares de Castro (RS, 1940-MG, 1967). Metalúrgico, membro do Movimento Nacionalista Revolucionário (MNR), participou do primeiro movimento armado do país, organizado entre 1966 e 1967 na Serra do Caparaó, em Minas Gerais. Morreu sob tortura, depois de 28 dias preso. A versão oficial dizia que ele havia se suicidado. Foi enterrado como indigente. Somente em 2002 a família soube onde seu corpo estava enterrado.

Stuart Edgar Angel Jones (BA, 1945-RJ, 1971). Estudante de economia, era membro do grupo guerrilheiro MR-8. Filho da estilista de alta-costura **Zuzu Angel**, morreu torturado na base da Aeronáutica do aeroporto do Galeão, no Rio de Janeiro. O caso teve grande repercussão internacional. Seu corpo nunca foi encontrado.

Maria Lucia Petit da Silva (SP, 1950-PA, 1972). Professora primária, integrante do PCdoB, militava na guerrilha do Araguaia quando foi morta. Em 1991, seu corpo foi encontrado em um cemitério em Xambioá, no Tocantins. Estava envolto em um paraquedas. Sua identificação aconteceu apenas em 1996.

Esmeraldina Carvalho Cunha (BA, 1922-BA, 1972). Sua filha caçula, Nilda Carvalho Cunha, morreu aos 17 anos, após ter sido torturada pelos órgãos da ditadura, em 1971. Inconformada, Esmeraldina alardeava pelas ruas de Salvador que os militares haviam matado sua filha. Ela passou a receber ameaças até ser encontrada morta em casa. Os assassinos dependuraram o corpo de Esmeraldina para simular um enforcamento.

Texto elaborado com base em: Comissão Especial Sobre Mortos e Desaparecidos Políticos. Direito à memória e à verdade. Brasília: Secretaria Especial dos Direitos Humanos, 2007. Disponível em: <www.memoriasreveladas.gov.br>. Acesso em: 23 mar. 2013.

FILME

Veja o filme: **Zuzu Angel**, de Sérgio Rezende. Brasil, 2006. O filme é baseado na história real de Zuzu Angel, estilista de moda famosa no Brasil e no exterior, mãe de Stuart, jovem militante da luta armada. A captura e prisão de Stuart leva Zuzu Angel a uma árdua batalha contra a repressão da ditadura, arriscando a própria vida.



Integrantes da Comissão Nacional da Verdade reúnem-se em fevereiro de 2013 para prestar homenagem ao deputado Rubens Paiva (1929-1971), torturado e morto pela ditadura civil-militar.

José Cruz/AB/Radiobrás

“Milagre” econômico

Enquanto o Estado ceifava vidas entre os opositores do regime, a economia dava sinais de recuperação e entrava em um período de intenso crescimento. Assim, os “anos de chumbo”, foram também caracterizados pelo que ficou conhecido como “milagre econômico”.

A partir de 1967, o PIB cresceu a uma média de aproximadamente 11% ao ano, uma das maiores taxas do mundo. A base desse desenvolvimento eram os investimentos do governo em obras de infraestrutura e a expansão do mercado interno e das exportações.

Por meio de empresas estatais – somente no governo Médici surgiram 70 delas – o governo investia em setores básicos da economia, como as áreas de telecomunicações e geração de energia. Foram construídas obras de custos extremamente elevados, como a hidrelétrica de Itaipu, na fronteira do Brasil com o Paraguai, a ponte Rio-Niterói e a rodovia Transamazônica.

Empréstimos obtidos a juros baixos em bancos estrangeiros garantiram o aporte financeiro para a expansão industrial, mas triplicaram a dívida externa brasileira entre 1967 e 1972.

A oferta de mão de obra barata trouxe muitas multinacionais para o Brasil. Com a política de facilitação do crédito ao consumidor, as classes médias passaram a ter acesso a automóveis e eletrodomésticos. Já a população mais pobre sofria com o achatamento dos salários.

O governo civil-militar explorou os bons resultados da economia. Foram lançadas campanhas para fixar a imagem do Brasil como uma “grande potência econômica”, alimentada por *slogans* como “Ninguém segura este país” e “Pra frente, Brasil”, “Brasil: ame-o ou deixe-o”. Nesse contexto, a vitória da seleção brasileira de futebol na Copa do Mundo de 1970 no México, foi amplamente explorada pelo regime, com o intuito de criar uma imagem ufanista entre a população.

7 Mais um general no poder (1974-1979)

Nos primeiros meses de 1974, com o fim do mandato do presidente Médici, um Colégio Eleitoral, composto de membros do Congresso e das Assembleias Legislativas estaduais, elegeu o general **Ernesto Geisel** presidente.

Quando Geisel assumiu a Presidência, em março de 1974, o milagre econômico começava a dar sinais de esgotamento. Uma das razões para isso foi a crise mundial do petróleo no mundo, que logo se fez sentir na economia brasileira. A dívida externa e a inflação aumentaram e os reflexos disso seriam fortemente sentidos na década seguinte.

Arquivo/Agência Estado



Vista aérea das obras de construção da ponte Rio-Niterói, em 1971. Seu nome oficial – Ponte Presidente Costa e Silva – presta homenagem a um dos generais que presidiu o Brasil durante a ditadura civil-militar. Em 2012, um deputado federal do Rio de Janeiro apresentou um projeto de lei propondo mudar esse nome para ponte Herbert de Souza, em homenagem ao importante sociólogo defensor dos direitos humanos no Brasil.

Abertura “lenta, gradual e segura”

Ernesto Geisel era um representante de uma linha moderada das Forças Armadas e favorável a uma abertura política que culminaria na devolução do poder aos civis. Entretanto, os militares da “linha dura” detinham ainda grande influência no aparelho do Estado, pois eram eles que controlavam os principais órgãos de segurança. Na impossibilidade de confrontá-los, Geisel prometeu fazer uma abertura política “lenta, gradual e segura”.

Os militares da “linha dura”, por sua vez, continuavam agindo e desafiavam a política de abertura. Em outubro de 1975, o jornalista Vladimir Herzog foi assassinado sob tortura nas dependências do Segundo Exército, em São Paulo. Três meses depois, ocorreria a morte do metalúrgico Manuel Fiel Filho durante um interrogatório, na mesma instituição.

Em dezembro de 1977, Geisel conseguiu impedir que o general Sylvio Frota, militar da “linha dura”, lançasse sua candidatura à Presidência e indicou para sua sucessão o nome do general **João Baptista Figueiredo**, que foi eleito indiretamente em outubro de 1978.

Nos meses que antecederam a posse do novo presidente, marcada para março de 1979, o Congresso aprovou a revogação do AI-5, restabeleceu o direito de *habeas corpus* e suspendeu parcialmente a censura à imprensa, dando sinais de que as pressões populares em favor da abertura política estavam surtindo efeito.

FILME

Veja o filme **Linha de montagem**, de Renato Tapajós, 1982. Documentário sobre o movimento sindical de São Bernardo do Campo (SP) entre 1978 e 1981, quando ocorreram as maiores greves de metalúrgicos na região, desafiando a repressão do final da ditadura civil-militar.

8 O fim da ditadura

De fato, as manifestações pelo fim da ditadura vinham crescendo cada vez mais. Em 1978, nasceu nos bairros periféricos das grandes cidades o **Movimento do Custo de Vida**, que organizou um abaixo-assinado com mais de

1,3 milhão de assinaturas exigindo aumento salarial e congelamento dos preços dos gêneros de primeira necessidade. No mesmo ano, representantes do **Movimento Unificado contra a Discriminação Racial (MUCDR)**, protestaram a morte do jovem negro Robson Silveira da Luz, de 21 anos, preso e morto sob tortura nas dependências de uma delegacia na periferia paulistana.

No fim da década de 1970, o **movimento operário** começou a mostrar seu potencial de mobilização. Em 1978 e em 1979, milhares de trabalhadores entraram em greve em São Paulo.

Integrantes do Movimento Unificado Contra a Discriminação Racial (MUCDR) reúnem-se no centro de São Paulo, em julho de 1978, em protesto contra as práticas de discriminação étnica e de preconceito contra o negro observadas no Brasil.

Folha Imagem/Folhapress



As greves que abalaram o regime

Em 1978, ocorreu a primeira paralisação de grandes proporções desde 1968. No dia 12 de maio, cerca de dois mil metalúrgicos da Saab-Scania, em São Bernardo do Campo, entraram em greve reivindicando 20% de aumento salarial, sob a liderança de Luiz Inácio Lula da Silva. Em seguida, operários da Ford, Mercedes-Benz e Volkswagen também aderiram à paralisação.

Em 1979, a onda grevista alastrou-se para outras cidades paulistas com grande concentração industrial, como Osasco e Guarulhos. Depois, atingiu todo o país: além de metalúrgicos, professores, funcionários públicos, bancá-

rios, jornalistas, trabalhadores da construção civil, médicos, lixeiros e profissionais de outras categorias entraram em greve. Até 1980, cerca de dois milhões de pessoas haviam participado de paralisações. Os trabalhadores sofreram todo tipo de violência policial: três grevistas morreram em confrontos de rua com as forças de repressão. Sindicatos mais combativos, como o dos metalúrgicos de São Bernardo e o dos bancários de Belo Horizonte e Porto Alegre, sofreram intervenção. Dirigentes sindicais, entre eles Lula, foram presos, enquadrados na Lei de Segurança Nacional.

Ainda em 1979, a campanha em prol da **anistia** dos presos políticos, cassados e perseguidos pela ditadura ganhou força. Cedendo à pressão popular, em agosto de 1979 o Congresso aprovou a **Lei da Anistia**. A medida permitiu o retorno dos exilados, mas implicou também no perdão aos crimes cometidos pelos agentes da ditadura envolvidos em torturas e assassinatos de presos políticos.

Em novembro de 1979, o Congresso aprovou um projeto de lei que pôs fim ao bipartidarismo e regulamentou o pluripartidarismo. Arena e MDB foram extintos e surgiram outros partidos: o Partido Democrático Social (PDS); o Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB); o Partido Popular (PP); o Partido Democrático Trabalhista (PDT); e o Partido Trabalhista Brasileiro (PTB). Além deles, foi criado, em 1980, o Partido dos Trabalhadores (PT), que reunia sindicalistas, intelectuais, militantes de esquerda, setores da Igreja e políticos da ala mais à esquerda do antigo MDB.

Os militares da “linha dura”, junto com grupos paramilitares de direita, como o Comando de Caça aos Comunistas (CCC), a Aliança Anticomunista Brasileira (AACB) e a Falange Pátria Nova (FPN), passaram a organizar atentados terroristas com o objetivo de abortar o processo de redemocratização.

Uma das ações terroristas de maior repercussão foi um atentado fracassado no centro de convenções do Riocentro, no Rio de Janeiro, em 1981 durante um show em comemoração ao 1º de Maio, Dia do Trabalhador. Duas bombas explodiram antes do previsto, quando ainda estavam sendo montadas, dentro do carro onde se encontravam dois militares terroristas. Um deles morreu; o outro, o capitão Wilson Chaves Machado, ficou ferido. Um Inquérito Policial Militar (IPM) chegou a ser instaurado, mas o caso foi abafado pelo governo e os culpados jamais foram punidos.

Anistia: palavra de origem grega que significa “esquecimento”, “perdão” em sentido amplo. Juridicamente, a anistia é um ato do poder público que determina que os delitos praticados em um período de tempo, por motivos políticos, não são passíveis de punição.



Cartaz do Movimento Feminino pela Anistia no Brasil, 1975. Na imagem, mulheres clamam por liberdade no país.

Reprodução/Arquivo Público do Estado de São Paulo

Diretas Já!

Não bastasse o clima de terror, a sociedade sofria também com o agravamento da **crise econômica**. A inflação fugiu ao controle – em 1978, chegou aos 38,9%. Em 1980, atingiu 110%. Em 1981, o PIB apresentou um índice negativo. O Brasil passava por uma estagnação econômica aliada a inflação elevada.

Todos esses fatores contribuíam para aumentar a insatisfação da população com o governo militar. Em março de 1983, o deputado federal Dante de Oliveira, do PMDB, apresentou à Câmara uma emenda à Constituição que restabelecia as eleições diretas para a Presidência da República. Oito meses depois, o PT organizou o primeiro comício pelas eleições diretas em São Paulo, ao qual compareceram 10 mil pessoas. Em pouco tempo, a campanha das **Diretas Já!** se espalhou por todo o Brasil: houve comícios, *shows*, passeatas, manifestações que mobilizaram amplos setores da sociedade.

O número de pessoas que participavam das manifestações aumentou rapidamente. Formaram-se comícios gigantescos a favor da aprovação da emenda Dante de Oliveira em quase todas as grandes cidades do país. Entretanto, apesar da mobilização nacional, em abril de 1984 o Congresso Nacional rejeitou, por apenas 22 votos de diferença, a proposta de eleições diretas para presidente da República.

Alguns parlamentares, inconformados com o resultado dessa votação, se articularam para tentar impedir que o candidato do governo ganhasse a eleição, ainda indireta. Formou-se no Congresso um bloco de parlamentares denominado Aliança Democrática com membros do PMDB e dissidentes do PDS (o partido que dava sustentação ao governo, originário da antiga Arena). Juntos, lançaram a candidatura de Tancredo Neves, do PMDB, à presidência. Seu vice seria José Sarney, dissidente do PDS.

O governo, por sua vez, indicou Paulo Maluf (PDS) para a sucessão do general Figueiredo. Ele havia sido prefeito de São Paulo durante os “anos de chumbo”.

Nas eleições, ocorridas em janeiro de 1985, **Tancredo Neves venceu por 480 votos do Colégio Eleitoral** contra 180 de seu adversário. Um dia antes da posse, no dia 15 de março, Tancredo Neves adoeceu gravemente e faleceu no dia 21 de abril.

A Presidência foi ocupada por **José Sarney** – um político historicamente associado à Arena, o partido da ditadura. Chegava ao fim o regime civil-militar. Iniciava-se, dessa maneira, uma nova fase na história do Brasil.



O movimento das Diretas Já! foi marcado por gigantescos comícios envolvendo membros da classe artística, intelectuais e outros militantes. Manifestação pelas Diretas Já! em Belo Horizonte. Foto de 1984.



ESQUEMA-RESUMO

Da renúncia de Vargas às Diretas Já!

Fim do Estado Novo (1945):

- Reorganização política: novos partidos
- Nova Constituição
- Eleição de Dutra para a Presidência, governo marcado por medidas liberais e anticomunismo

Eleição de 1950: vitória de Vargas

Período conturbado e crise política: suicídio de Vargas (1954)

Eleição de JK (1955):

- Período desenvolvimentista
- Anos dourados

Crescimento da crise política nos governos Jânio Quadros e João Goulart (1961-1964)

Golpe civil-militar derruba o governo Goulart (1964)

1964-1974:

- Crescimento da violência do Estado contra a oposição
- Organização da luta armada contra o regime
- Milagre econômico

1974-1985:

- Período de abertura política lenta e gradual
- Fortalecimento de movimentos sociais contrários ao regime
- Crise econômica
- Lei da Anistia (1979)
- Diretas Já!

Fim do regime civil-militar (1985):
eleições indiretas e vitória da chapa de
Tancredo Neves e José Sarney

- Com base nas informações do esquema-resumo, explique como a democracia brasileira entrou em crise entre 1946 e 1964 e descreva a dinâmica do regime autoritário entre 1964 e 1985.

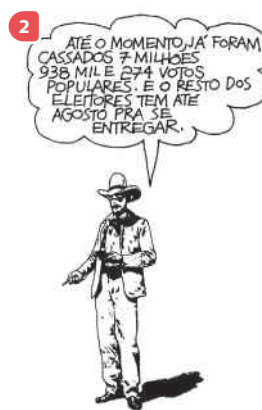
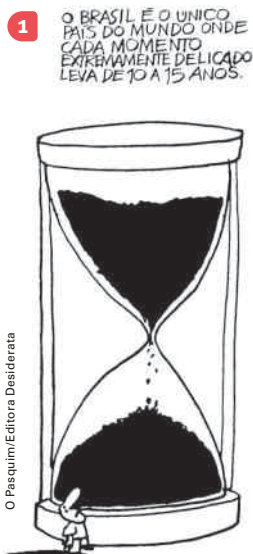


ORGANIZANDO AS IDEIAS

- 1 O golpe civil-militar que derrubou João Goulart, em 1964, instituiu um longo período de repressão e violência. Descreva quais foram as primeiras medidas políticas adotadas que caracterizaram o autoritarismo do novo regime.
- 2 A Guerrilha do Araguaia foi um movimento clandestino que existiu entre 1968 e 1974. Explique o que defendiam seus integrantes e por que esse movimento não alcançou seus objetivos.
- 3 Entre as diversas medidas repressivas da ditadura, o AI-5 entrou para a história como a mais violenta e autoritária. Explique o que foi o AI-5 e quais as consequências de sua implantação para a vida social e política brasileira.
- 4 A expressão “milagre econômico” designa um processo de crescimento acelerado da economia brasileira, entre 1969 e 1974. Aponte quais foram as principais características desse processo.
- 5 No final dos anos de 1970 e início dos anos 1980, dois movimentos ganharam força no país: a campanha pela aprovação da Lei da Anistia e a campanha das Diretas Já!. Explique a importância desses dois processos e seus objetivos.

INTERPRETANDO DOCUMENTOS: IMAGENS

- 1 Durante os anos de ditadura civil-militar, apesar da censura imposta à imprensa, algumas publicações de caráter humorístico sobreviveram e conseguiram manter certa regularidade. Uma das mais populares foi o jornal *O Pasquim*, publicado entre 1969 e 1991. Nesse periódico, o jornalista Ivan Lessa assinava uma coluna chamada *Gip! Gip! Nheco! Nheco!*, ilustrada por alguns dos principais chargistas do Brasil, como Henfil, Jaguar, Hubert, entre outros. A seguir, você verá três diferentes charges publicadas na coluna de Ivan Lessa. Observe os textos e as ilustrações e, depois, responda às questões.



- *Provérbios Brasileiros (Série 1977):* É da discussão que nasce a mordada e o monólogo.
- Para cada parlamentar cassado, temos mais três esperando a vez.



- 1 Charge publicada em *O Pasquim*, em 1977. O humor foi uma das formas de resistência à ditadura.
- 2 Charge e provérbios publicados no jornal *O Pasquim*, em 1977, ironizando a situação política brasileira da época.
- 3 Charge de Redi, publicada em 1976.

- a) Faça uma breve análise de cada uma das três charges, identificando aspectos relacionados ao contexto histórico estudado no capítulo.
- b) Na parte inferior da segunda charge, há dois textos irônicos, com a estrutura de provérbio, isto é, expressão popular dotada de grande sabedoria. Explique a ironia desses provérbios, considerando o que foi estudado neste capítulo.
- c) Com base em uma ou mais dessas charges, escreva uma reflexão sobre a importância da liberdade de imprensa para a constituição da democracia no Brasil.

- 2 Observe as duas fotografias a seguir. A da esquerda é a fotografia de um protesto organizado por atores contra a censura, no Teatro Municipal de São Paulo, em fevereiro de 1968. A da direita é uma fotografia de uma greve de metalúrgicos promovida na região do ABC paulista em 1978. A partir da análise e da comparação das imagens, responda ao que se pede.



Arquivo UH/Folhapress



Arquivo/Agência O Globo

Protesto no Teatro Municipal, São Paulo, 1968.

Greve de metalúrgicos, 1978.

- a) Com base nas duas imagens, o que se pode dizer sobre a luta da sociedade civil contra as medidas adotadas pelo governo militar no Brasil nas décadas de 1960 e 1970?
- b) As duas fotos foram produzidas com uma distância de dez anos. Contextualize a postura do governo militar diante de protestos da sociedade civil nos dois períodos.
- c) Qual foi a relevância das greves operárias de 1978 e 1979 naquele contexto político?

TESTE SEU CONHECIMENTO



- 1 (Unesp, adaptado) Em 1977, o Regime Militar, por meio da Agência Nacional de Comunicação, lançou uma propaganda que ensinava a população a fazer um cata-vento verde-amarelo e convocava-a a sair às ruas com esses brinquedos para comemorar a Semana da Pátria. Por meio de uma charge, o cartunista Henfil ironizou essa iniciativa do governo, sublinhando um outro problema enfrentado pelo país nessa época.



Reprodução/Henfil

Considerando o contexto histórico no qual a charge se insere, é correto afirmar que o cartunista chamava a atenção para

- a) a alienação social frente à falta de planejamento econômico.
- b) o gasto excessivo do governo no setor da energia eólica.
- c) a falta de investimento público no setor de transporte.
- d) os impactos ambientais em decorrência da mecanização.
- e) a abertura econômica do país ao capital estrangeiro.

- 2 (Enem) No período de 1964 a 1985, a estratégia do Regime Militar abordada na charge foi caracterizada pela



- a) priorização da segurança nacional.
b) captação de financiamentos estrangeiros.
c) execução de cortes nos gastos públicos.
d) nacionalização de empresas multinacionais.
e) promoção de políticas de distribuição de renda.
- 3 (Uern) Sobre as imagens apresentadas e o contexto da história do Brasil a que se referem, assinale a alternativa correta.



- a) Em ambas as imagens, embora com naturezas diversas (cômica e realista), percebe-se a propaganda subliminar do governo em prol da unidade nacional.
b) A primeira imagem sugere que amar o Brasil era ser favorável ao governo, enquanto a segunda sugere que o amor esperado era a obediência cega ou o exílio.
c) Na segunda imagem, ao contrário do que se apresenta na primeira imagem,

há uma apologia incondicional ao governo expressa na posição maometana em que se encontra o jovem.

- d) O uso intensivo da propaganda de massa, como fica explicitado tanto na primeira quanto na segunda imagem, colaborou para que o governo tivesse o apoio maciço da população às suas ações.
- 4 (Fuvest-SP)

Paralelamente à abertura da Transamazônica processa-se o trabalho da colonização, realizado pelo INCRA (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária). As pequenas agrovilas se sucedem de vinte em vinte quilômetros à margem da estrada, e nos cem hectares que cada colono recebeu são plantados milho, feijão e arroz. Já no próximo mês começará a plantação de cana-de-açúcar, cujas primeiras mudas, vindas dos canaviais de Sertãozinho, em São Paulo, acabaram de ser distribuídas. Jovens agrônomos, recém-saídos da universidade, orientam os colonos... No meio da selva começam a surgir as agrovilas. Vindos de diferentes regiões do país, os colonos povoam as margens da Transamazônica e espalham pelo chão virgem o verde disciplinado das culturas pioneiras. Os pastos da região são excelentes.

Revista Manchete, 15 de abril de 1972.

Segundo o texto, é correto afirmar que a Transamazônica, cuja construção se iniciou no regime militar (1964-1985), representou, inclusive,

- a) um projeto para eliminar o controle nacional e estatal dos recursos naturais da Amazônia, facilitando o avanço de interesses britânicos na região.
b) um esforço de ampliar as áreas de ocupação na Amazônia e de construir a ideia de que se vivia um período de avanço, integração e crescimento nacional.
c) uma superação das dificuldades de comunicação e deslocamento entre o Sul e o Norte do país, facilitando a migração e permitindo plena integração entre os oceanos Atlântico e Pacífico.
d) uma tentativa de reaquecer a economia da borracha, com a criação de rotas de escoamento rápido da produção em direção aos portos do Sudeste.
e) um projeto de utilização dessa estrada para delimitar as fronteiras entre os estados da região.

HORA DE REFLETIR



- O golpe civil-militar de 1964 representou o fim de um período de democracia política iniciado em 1945. Nos regimes democráticos, os níveis de violência do Estado contra os cidadãos são menores e sofrem maior fiscalização do que nos regimes ditatoriais. Além disso, há uma legislação que garante direitos para proteger os cidadãos da violência do Estado. Outro ponto importante é que nas democracias existem mecanismos para que os cidadãos acompanhem e controlem outras formas de violência, como a corrupção e o desvio de recursos públicos. Esse controle é impossibilitado em governos autoritários e os cidadãos possuem pouco ou nenhum recurso para questionar as ações do governo.

Atualmente, têm surgido discursos que defendem o retorno da ditadura civil-militar. Com base nisso e a partir de valores relacionados com os direitos humanos e com os direitos do cidadão, discuta com os colegas por que uma ditadura militar implicaria riscos para a cidadania e os direitos humanos no país. A partir dessa reflexão, produzam uma dramatização que problematize os discursos que defendem o retorno de governos ditatoriais no Brasil. Ao final, apresentem a dramatização aos colegas em sala de aula.



MINHA BIBLIOTECA

PARA NAVEGAR

50 anos de desenvolvimento nacional. Exposição virtual no site do Arquivo Nacional sobre o Brasil de 1950 a 1980. Disponível em: <www.exposicoesvirtuais.arquivonacional.gov.br/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?sid=126#>. Acesso em: 9 fev. 2016.

Museu virtual de Brasília. Site sobre Brasília, com diferentes informações sobre a cidade e passeios 360° de seus principais pontos. Disponível em: <www.museuvirtualbrasil.org.br/PT>. Acesso em: 9 fev. 2016.

Drama e euforia: o Brasil nas copas de 50 a 70. Exposição virtual no site do Arquivo Nacional sobre a participação da seleção em Copas do Mundo. Disponível em: <www.exposicoesvirtuais.arquivonacional.gov.br/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?sid=9>. Acesso em: 9 fev. 2016.

O Cruzeiro. Versão digitalizada de uma das mais importantes revistas brasileiras, que circulou entre 1928 e 1975. Disponível em: <www.memoriaviva.com.br/ocruzeiro>. Acesso em: 9 fev. 2016.

Última Hora. Versão digitalizada do jornal *Última Hora*, que circulou entre 1951 e 1971. Disponível em: <www.arquivoestado.sp.gov.br/uhdigital/index.php>. Acesso em: 9 fev. 2016.

Censura na ditadura. Sites que apresentam letras de músicas vetadas pela censura ou casos de censura durante a ditadura civil-militar. Disponível em: **Digitalização de documentos da ditadura revela canções inéditas.** <<http://oglobo.globo.com/cultura/musica/digitalizacao-de-documentos-da-ditadura-revela-cancoes-ineditas-17747347>>; **Democracia interrompida.** <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/especial/2014-03/democracia-interrompida>>;

A censura às músicas de Chico Buarque na ditadura (1964-1985). <<http://observatoriodaimprensa.com.br/diretorio-academico/a-censura-as-musicas-de-chico-buarque-na-ditadura-1964-1985/>>. Acesso em: 9 fev. 2016.

PARA ASSISTIR

Lamarca. Direção: Sérgio Rezende. Brasil, 1994, 130 min. No filme, são retratados os dois últimos anos da vida do capitão Lamarca, quando ele envia a mulher e os dois filhos para Cuba, a fim de mantê-los a salvo, e deserta do Exército em 1969, entrando definitivamente para a luta armada, contra a ditadura.

PARA LER

Agosto, de Rubem Fonseca. São Paulo, Companhia de Bolso, 2005. No livro, realidade e ficção se cruzam. Em agosto de 1954, enquanto um empresário é assassinado no Rio de Janeiro, um atentado contra o jornalista Carlos Lacerda é minuciosamente preparado pelo chefe da guarda pessoal de Getúlio Vargas. O atentado falha, o que leva a uma crise política que culminaria no suicídio de Vargas.

Os carbonários, de Alfredo Sirkis. Rio de Janeiro, Record, 1998. No fim de 1970, Alfredo Sirkis, um estudante envolvido na guerrilha urbana, escreveu suas memórias. Depois, com a anistia e o fim da ditadura, elas foram publicadas e, com elas, foi possível compreender muitas ações da ditadura, como o AI-5, as passeatas de 1968, os sequestros dos embaixadores e a libertação de presos políticos.

FECHANDO A UNIDADE

Nesta Unidade, abordamos diversos processos históricos nos quais a violência esteve no centro dos acontecimentos. Vimos, por exemplo, como ela abriu caminho do colonialismo na África e na Ásia para grupos contrários a essa dominação. Situação semelhante foi vivenciada pela população de diversos países da América Latina, que, a partir de 1964, se viu às voltas com a violência praticada por ditaduras militares.

Outro tipo de violência é a provocada pela exclusão social, da qual os jovens são algumas das principais vítimas. Um estudo publicado em 2015 revela que o Brasil teve um índice de 25,81 homicídios (chegando a 54,1 entre os jovens) para cada 100 mil habitantes. A OMS considera que taxas superiores a 10 por cem mil habitantes indicam um nível epidêmico de homicídios em um país.

Os documentos a seguir abordam o tema da violência contra os jovens no Brasil. O primeiro deles é uma tabela feita com base em dados da versão preliminar do *Mapa da violência 2015: adolescentes de 16 e 17 anos do Brasil*. O segundo documento é um texto do filósofo esloveno Slavoj Žižek e o terceiro, um trecho da canção “Sou mais você”, do grupo de rap Racionais MC’s. Após a leitura, responda ao que se pede.

DOCUMENTO 1 – Tabela

Óbitos, participação (%) e taxas de homicídio (por 100 mil) de adolescentes*

Item	Causas externas					Causas externas (total)	Causas naturais	Total de óbitos
	Acidentes (transporte)	Outros acidentes	Suicídios	Homicídios	Outros (externos)			
Óbitos	1 136	520	282	3 479	285	5 972	2 181	8 153
Participação (%)	13,9	6,4	3,5	46,0	3,5	73,2	26,8	100,0
Taxas	16,4	7,5	4,1	54,1	4,1	86,2	31,5	117,7

*De 16 e 17 anos de idade (Brasil, 2013).

Adaptado de: MAPA da violência 2015. Disponível em: <www.mapadaviolencia.org.br/pdf2015/mapaViolencia2015_adolescentes.pdf>. Acesso em: 31 mar. 2016.

DOCUMENTO 2 – Texto

Ray Tang/Anadolu Agency/Getty Images



Polêmico e considerado politicamente incorreto, Žižek tornou-se reconhecido nos anos 1990, após a publicação de sua obra *Eles não sabem o que fazem: o sublime objeto da ideologia*.

Opor-se a todas as formas de violência – da violência física e direta (exterminio em massa, terror) à violência ideológica (racismo, incitação ao ódio, discriminação sexual) – parece ser a maior preocupação da atitude liberal tolerante que predomina atualmente. Uma chamada SOS sustenta esse discurso, abafando todas as outras abordagens possíveis: todo o resto pode e deve esperar... Não haveria algo de suspeito, até mesmo sintomático, nesse foco sobre a violência subjetiva, a violência dos agentes sociais, indivíduos maléficos, aparelhos repressivos disciplinados, das multidões fanáticas? Não haveria aqui uma tentativa desesperada de desviar as atenções do verdadeiro lugar do problema, uma tentativa que, ao obliterar a percepção de outras formas de violência, se torne assim parte ativa delas?

Há uma anedota bem conhecida em que um oficial alemão visitou Picasso em seu estúdio em Paris durante a Segunda Guerra Mundial. Chocado com o “caos” vanguardista da Guernica, perguntou a Picasso: “Foi você que fez isto?” Ao que Picasso replicou, calmamente: “Não, isto foi feito por vocês!” Atualmente, muitos liberais, ao serem confrontados com explosões violentas como as desordens de 2005 nos subúrbios de Paris, perguntam aos poucos esquerdistas que ainda apostam numa transformação social radical: “Não foram vocês que fizeram isto? É isto que vocês querem?”. E nós deveríamos responder, como Picasso: “Não, foram vocês que fizeram isto! Este é o verdadeiro resultado da sua política!”.

ŽIŽEK, Slavjo. *Violência*. São Paulo: Boitempo, 2014.
Edição digital sem paginação.

DOCUMENTO 3 – Música

Sou mais você

[Voz de locutor de rádio] Bença, mãe
Estamos iniciando nossas transmissões
Essa é a sua Rádio Êxodos
Hey, hey
vamo' acordar
vamo' acordar
porque o sol não espera
demorô
vamo' acordar
o tempo não cansa
ontem à noite você pediu
você pediu
uma oportunidade, mais uma chance
como Deus é bom, num é não, nego?
olha aí, mais um dia todo seu
que céu azul louco, heim?
vamo' acordar
vamo' acordar
agora vem com a sua cara
sou mais você nessa guerra
a preguiça é inimiga da vitória

Racionais MC's

o fraco não tem espaço e o covarde morre sem tentar
não vou te enganar, o bagulho ta doido,
[ninguém confia em ninguém
nem em você
e os inimigos vêm de graça
é a selva de pedra
eles matam os humildes demais
você é do tamanho do seu sonho
faz o certo
faz a sua
vamo' acordar
vamo' acordar
cabeça erguida, olhar sincero
tá com medo de quê?
nunca foi fácil
junte seus pedaços e desce pra arena
mas lembre-se: aconteça o que aconteça,
[nada como um dia após o outro dia.

Racionais MC's. “Sou mais você” dos Racionais MCs – faixa 1 do CD 1 do álbum Nada como um dia após o outro dia / Chora agora (CD1) / Ri depois (CD2), São Paulo, 2002. Disponível em: <http://w3.ufsm.br/literatura_eautoritarismo/revista/dossie/art_02.php>. Acesso em: 23 fev. 2016.

REFLITA E RESPONDA

1. Descreva a situação narrada na canção “Sou mais você” e aponte de que modo ela aborda a questão da violência cotidiana.
2. Com base nos dados do documento 1, qual é o impacto dos homicídios na mortalidade de jovens no Brasil? Existe alguma região brasileira na qual os índices de homicídio de jovens estão abaixo daqueles considerados epidêmicos pela OMS?
3. Em sua opinião, que ações poderiam contribuir para proteger os jovens da violência?
4. De que forma Žižek reflete sobre o tema da violência? Como suas ideias podem ser relacionadas com a violência cotidiana que provoca a morte de jovens no Brasil?
5. Em dupla, escrevam um *rap* para incentivar o combate às várias formas de violência no Brasil. Depois, apresentem-no aos colegas.

Frequentemente nos deparamos com situações que nos obrigam a refletir. Como agir diante de tal fato? Será que essa atitude é justa? É correta? Posso prejudicar outras pessoas ou ser recriminado por essa conduta? Ao fazer esse tipo de questionamento, coloca-se em questão o caráter ético do comportamento.

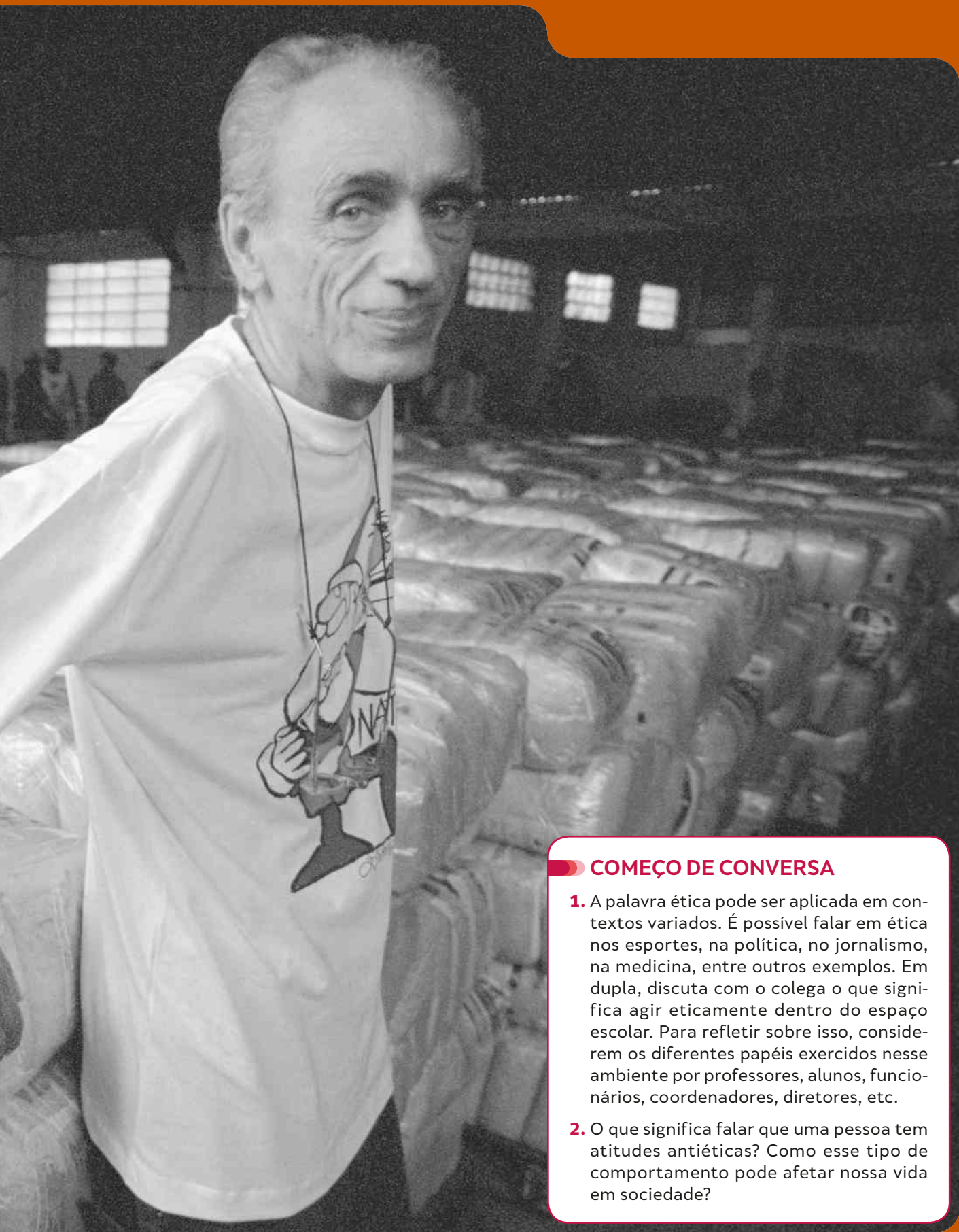
Ética é uma palavra de origem grega que é definida como conjunto de princípios e valores instituídos por uma sociedade com o objetivo de orientar e regular as relações humanas. Espera-se que os indivíduos orientem sua conduta de modo que sigam esse código de valores, em geral inspirado no que a ideologia do grupo social dominante considera certo ou errado, permitido ou proibido, virtuoso ou vicioso.

Os valores éticos estão vinculados às condições históricas, políticas e econômicas de cada sociedade. Por isso, não podem ser considerados imutáveis, uma vez que se transformam para se ajustarem a novas exigências culturais e sociais.

Esses princípios e valores devem ser válidos para todas as pessoas de dada sociedade. Assim, quando se institui que um indivíduo não pode escravizar outro, que os cientistas não podem fazer clonagem de seres humanos, que a corrupção e a pedofilia constituem crimes, etc., definem-se princípios éticos que, se forem desrespeitados, podem pôr em risco a convivência social ou a existência da própria sociedade.

Nesta Unidade analisaremos algumas das questões éticas centrais das sociedades contemporâneas. Veremos também como a ética depende também das ações individuais.

Herbert de Souza (Betinho), símbolo da luta por ética na política. Rio de Janeiro, 1995.



COMEÇO DE CONVERSA

- 1.** A palavra ética pode ser aplicada em contextos variados. É possível falar em ética nos esportes, na política, no jornalismo, na medicina, entre outros exemplos. Em dupla, discuta com o colega o que significa agir eticamente dentro do espaço escolar. Para refletir sobre isso, considerem os diferentes papéis exercidos nesse ambiente por professores, alunos, funcionários, coordenadores, diretores, etc.
- 2.** O que significa falar que uma pessoa tem atitudes antiéticas? Como esse tipo de comportamento pode afetar nossa vida em sociedade?

Décadas de 1970 e 1980: crise e conflito

Após a crise econômica de 1929 e, principalmente após a Segunda Guerra Mundial, as políticas de bem-estar social adotadas por diversos países conseguiram garantir numerosos direitos e benefícios à população, amenizando os sofrimentos provocados pela guerra ou crises econômicas.

Entretanto, após a década de 1970, outro modelo econômico e social, chamado de **neoliberalismo**, começou a substituir o **Estado de bem-estar social**. Entre as premissas básicas do neoliberalismo está a liberalização da economia (que envolve a privatização de empresas estatais, austeridade fiscal, etc.) e redução dos gastos públicos por meio da diminuição do atendimento público à população.

Ao mesmo tempo que o neoliberalismo permitiu lucros significativos às instituições financeiras e a outras grandes corporações, contribuiu para aprofundar ainda mais as desigualdades sociais. Essa “explosão de desigualdade” resulta em um mundo dividido. Segundo a ONG britânica Oxfam, 2016 foi o ano em que o patrimônio de 1% da população se tornou maior do que a soma da riqueza dos outros 99% dos habitantes do planeta.

Manifestantes protestam contra demissões no setor público na Praça de Maio, em frente à Casa Rosada, em Buenos Aires, Argentina. Foto de 2016.

OBJETIVOS DO CAPÍTULO

- Assimilar as crises socioeconômicas e políticas que marcaram as décadas de 1970 e 1980 em várias partes do mundo.
- Apropriar-se do conceito de neoliberalismo e perceber o impacto causado por sua aplicação sobre a economia das nações e o modo de vida das populações.
- Relacionar os aspectos religiosos e culturais às mudanças sociais e aos conflitos políticos em vários países nesse período.
- Compreender os processos históricos que deram origem aos conflitos políticos e religiosos entre árabes e israelenses na Palestina.
- Associar o conceito da Unidade – ética – a questões socioeconômicas e políticas, como degradação ambiental, corrupção e intolerância religiosa.



Eitan Abramovich/AFP

1 Expansão e crise econômica no pós-guerra

O período compreendido entre o fim da Segunda Guerra Mundial e o início da década de 1970 foi marcado por uma forte **expansão do sistema capitalista**. A produção de alimentos aumentou e a industrialização se expandiu pelo planeta. Nesse período, a disponibilidade de produtos quadruplicou e as transações comerciais entre os países cresceram significativamente. Essa expansão foi definida pelo historiador Eric Hobsbawm como uma “**era de ouro**” do **capitalismo** em seu livro *A era dos extremos: o breve século XX (1914-1991)*.

Em contrapartida, surgiram sérios **problemas ambientais**, como o aumento da poluição do ar e das águas, o desmatamento e o aquecimento global. Em reação a esse processo, organizações ambientalistas têm se mobilizado cada vez mais contra a degradação do meio ambiente (veja a seção *Eu também posso participar* na página 209).

Um dos principais fatores para a expansão das atividades industriais nesse período de expansão foi o baixo preço do petróleo, uma das principais fontes de energia das indústrias.

O período pós-guerra também foi marcado pela injeção de verbas para recuperar algumas economias e amparar grupos mais pobres da sociedade. Esses esforços se iniciaram com a crise de 1929 e se aprofundaram no pós-guerra. Foram criadas redes de proteção aos trabalhadores, com eficientes serviços estatais de saúde e educação, seguro desemprego, encurtamento das jornadas de trabalho, garantia de renda mínima e outras medidas que, em seu conjunto, ficaram conhecidas como **Estado de bem-estar social**. Nessa perspectiva cabe ao Estado regulamentar a vida social e política do país.

No período pós-guerra foi necessária a intervenção do Estado para controlar a grave crise social. Cidadãos de Hamburgo, na Alemanha, enfrentam filas entre as ruínas para garantir suas rações de sopa. Foto de 1946.



A força do petróleo e das políticas econômicas

O cenário econômico e social do planeta começaria a mudar em 1971, quando o governo dos Estados Unidos desvalorizou o dólar a fim de minimizar o impacto dos gastos com a Guerra do Vietnã na dívida nacional. Com isso, o valor de todas as outras moedas também foi alterado.

Em outubro de 1973, os Estados árabes da **Organização dos Países Exportadores de Petróleo (Opep)** conseguiram aprovar uma medida que provocou uma nova crise mundial: às vésperas da **Guerra do Yom Kippur** – conflito entre árabes e israelenses –, a organização dobrou o preço do barril de petróleo. Durante o conflito, a Opep chegaria a suspender a venda de petróleo aos países cujos governos apoiassem o governo de Israel. As indústrias dependentes do combustível reduziram seu ritmo de produção e demitiram trabalhadores. Milhares de pessoas perderam o emprego.

Reunião dos representantes dos países-membros da Opep em Viena, Áustria, em 1973. A concentração, à época, da produção em poucos países favoreceu o tabelamento do preço do petróleo.



AP Photo/Glow Images



AP Photo/Glow Images

A crise do petróleo levou a problemas de fornecimento de combustível para veículos e indústrias. Na foto, um dono de posto de combustíveis estadunidense faz uma placa para informar seus clientes da falta de gasolina, em 1973.

Na década de 1980, as principais potências capitalistas tiveram seu ritmo de crescimento econômico reduzido e uma grande alta na inflação disparou. Diversos países da África, Ásia e América Latina entraram em recessão e o desemprego aumentou (sobre a situação do Brasil, ver Capítulo 13). As **desigualdades sociais** em todo o mundo se acentuaram, e um grande número de pessoas passou a viver na miséria.



Consumo e degradação ambiental

Em 1972, a Organização das Nações Unidas (ONU) reuniu líderes de diversos países na Conferência de Estocolmo, na Suécia, para discutir questões ambientais. De lá para cá, outras conferências internacionais do gênero já foram realizadas, como a Rio-92, realizada no Rio de Janeiro, em 1992, e a Conferência do Clima, em Paris, no ano de 2015.

Entre os inúmeros problemas ambientais discutidos nesses encontros, os principais são: o aquecimento global e o efeito estufa, os danos à camada de ozônio, que protege a Terra dos raios solares, a chuva ácida e a extinção de espécies animais e vegetais. Suas causas são o excesso de dióxido de carbono e outros gases lançados na atmosfera, a liberação de clorofluorcarbonos, os altos níveis de óxidos de nitrogênio e de dióxido de enxofre, desmatamentos, queimadas, entre outras.

A necessidade de conscientização individual também tem se tornado cada vez mais evidente nessa questão. Muitos especialistas argumentam que se as pessoas tivessem hábitos responsáveis de consumo, as condições ambientais do planeta melhorariam significativamente.

Diversas campanhas de conscientização têm sido lançadas por organizações não governamentais (ONGs), movimentos ambientalistas e governos. Uma delas é a que propõe às pessoas o consumo racional de sacolas descartáveis. A primeira capital a legislar sobre o tema foi Belo Horizonte, que proibiu a distribuição de sacolas plásticas em 2008. Desde então, a maioria das grandes cidades brasileiras estabeleceu algum tipo de restrição a elas — que vão desde a substituição por sacolas biodegradáveis, produzidas a partir de etanol, até a cobrança de um valor adicional por sacola, para inibir o uso.

Só no Brasil, são consumidas anualmente entre 12 e 14 bilhões de sacolas descartáveis. No mundo inteiro, são necessários 120 milhões de barris de petróleo para produzir a exorbitante quantidade de aproximadamente um trilhão de sacolas plásticas. Por sua matéria-prima, as sacolas liberam uma grande quantidade de gás carbônico na atmosfera quando incineradas; se descartadas, levam cerca de 400 anos para se decompor. Quando vão parar em mares e oceanos, elas provocam a morte de muitos animais marinhos, que ingerem seus fragmentos.



Sergi Garcia Fernandez/Biosphoto/AFP

Tartaruga marinha tenta comer uma sacola plástica, que se assemelha a uma água-viva. Foto de 2015 da ilha de Tenerife, na Espanha.

Veja a seguir algumas sugestões de como diminuir o uso dessas sacolas no dia a dia.

- Leve sacolas retornáveis consigo quando fizer compras, como as de feira ou de pano.
- Acomode suas compras em caixas de papelão.
- Caso seja indispensável o uso de sacolas plásticas, utilize sua capacidade máxima, reutilize sacolas já usadas ou encaminhe-as para reciclagem. Peça a seus pais e outros parentes que façam o mesmo.

DE OLHO NO MUNDO

- Reúna-se em grupo e, com base no texto e em seus conhecimentos prévios e pesquisas, elaborem uma campanha de esclarecimento e incentivo ao uso racional das sacolas de supermercado. Escolham uma modalidade de peça publicitária (um esquete de rádio, um cartaz, um vídeo, uma imagem para camisetas, etc.). Ao final, apresentem o resultado do trabalho à turma.

P Professor(a), veja no Procedimento Pedagógico deste capítulo uma sugestão de **Atividade Alternativa** que aprofunda o tema da resistência de grupos sociais contra as políticas neoliberais.

As contradições do neoliberalismo

Diante da crise generalizada, muitos economistas passaram a defender uma nova política econômica. Para eles, como forma de reduzir gastos, os Estados deveriam privatizar empresas estatais do setor produtivo – as empresas estatais, quando em *deficit*, recorrem ao Tesouro Nacional, as privadas fazem ajustes na produção –, e deixar o mercado regular livremente o preço dos bens e serviços por meio da abertura das economias ao mercado externo.

Além disso, afirmava-se que o governo deveria reduzir sua participação nos serviços de assistência social, transferindo algumas atribuições às empresas privadas e eliminando outras. A legislação trabalhista, por exemplo, deveria ser substituída pela livre negociação entre patrões e empregados, enfraquecendo o papel dos sindicatos. Tais medidas estimulariam o crescimento econômico, levando a uma melhor distribuição da riqueza.

Essa teoria econômica, conhecida como **neoliberalismo**, praticada no Reino Unido durante o mandato da primeira-ministra Margareth Thatcher, entre 1979 e 1990. Nos Estados Unidos, o então presidente Ronald Reagan adotou práticas neoliberais durante seu mandato, de 1981 a 1989. Posteriormente, outros países aderiram à mesma política econômica.

A economia dos dois países cresceu, mas ao contrário das previsões dos economistas neoliberais, as **desigualdades sociais** se acentuaram. Só na Grã-Bretanha, em 1989, havia 400 mil sem-teto.

No Reino Unido, Thatcher aplicou a *poll tax*, um imposto comunitário que custearia os governos locais (semelhantes a prefeituras) por meio de uma taxa única. A *poll tax* foi considerada injusta, pois seu valor representava uma parte muito grande da renda das classes menos favorecidas. O sistema anterior calculava o imposto de acordo com o patrimônio, de maneira que os mais pobres pagavam um valor menor do que os mais ricos.

FILME

Veja o filme ***Ou tudo ou nada***, de Peter Cattaneo, 1997. Desempregados em uma cidade industrial inglesa em decadência econômica, seis homens tomam uma decisão inusitada: ensaiar um *show de strip-tease* para ganhar dinheiro, mesmo não se enquadrando no padrão de beleza dominante.



Manifestantes protestam em Londres contra a *poll tax*, de Margareth Thatcher. Foto de 1990.

VOCÊ SABIA?

O termo neoliberalismo é uma referência ao liberalismo, doutrina criada principalmente na Inglaterra, no século XVIII, que ia contra as formas do Estado absolutista e o Antigo Regime. Um dos princípios básicos do liberalismo é a defesa da liberdade individual (sem intervenção do Estado ou da Igreja) nos campos econômico, político e religioso. *Neo* é um prefixo de origem grega, significa “novo”. Assim,

neoliberalismo significa “novo liberalismo”. Formulado na segunda metade do século XX, o neoliberalismo resgatou alguns princípios do liberalismo econômico, defendendo a não intervenção do Estado na economia. A doutrina construiu-se e fortaleceu-se diante de pelo menos três processos históricos contemporâneos: o Estado nazista, o comunista e o de bem-estar social.

2 Revolução teocrática

As mudanças no mundo ocidental também produziram reflexos nos países muçulmanos. Nas décadas de 1950 e 1960, surgiram os **fundamentalistas islâmicos**, que fazem uma interpretação radical do **Alcorão** (livro sagrado) e se opõem à influência da cultura ocidental nos países de maioria islâmica.

A primeira Revolução islâmica dos últimos dois séculos aconteceu em 1979 no Irã, quando líderes **xiitas** (uma seita muçulmana) derrubaram o **xá** (monarca) Mohamed Reza Pahlevi.

Pahlevi, no poder desde meados de 1950, havia promovido uma ocidentalização dos costumes, suspendendo diversas restrições impostas às mulheres e estimulando a educação e a industrialização. Seu governo, no entanto, era acusado de beneficiar apenas a parcela mais rica da população, enquanto a maioria dos iranianos vivia em condições miseráveis. Também havia descontentamento com a corrupção e a ação truculenta da polícia secreta contra os grupos ortodoxos.

Em 1978, os protestos contra a monarquia se intensificaram. O principal líder da oposição era o **aiatolá** (título religioso) **xiita** Ruhollah Khomeini, que estava exilado em Paris. Em janeiro de 1979, o **xá** foi obrigado a fugir do Irã. Dias depois, Khomeini retornou ao país e instaurou uma República teocrática. Seguidores do **xá** foram presos ou assassinados, as **mulheres** voltaram a ser obrigadas a cobrir os cabelos em público e a música secular foi proibida, entre outras sanções inspiradas em interpretações fundamentalistas do **Alcorão**.

Fundamentalismo:

é uma forma de extremismo religioso que defende seus dogmas como verdade indiscutível. Há correntes fundamentalistas em muitas crenças religiosas, embora os mais conhecidos sejam os muçulmanos, graças a ataques terroristas promovidos por alguns poucos grupos, mas que geram preconceito e estigmatização para os muçulmanos em geral.

FILME

Veja o filme **Persépolis**, de Vincent Paronnaud e Marjane Satrapi, 2007. Animação baseada na HQ homônima conta a vida da jovem Satrapi desde o princípio da Revolução Iraniana, inicialmente apoiada por seus pais, até sua ida à Europa para escapar do ambiente repressivo do novo regime.



Reprodução/Arquivo Dr. Kaveh Farrakhi

Mulheres iranianas em uma universidade no Teerã, em 1971, antes da Revolução islâmica.

Política externa pós-Revolução islâmica

Em 1980, o Iraque (posteriormente apoiado pelos Estados Unidos) lançou-se em uma guerra contra o Irã que se estendeu até 1988, arrasou a economia dos dois países, deixou mais de 700 mil mortos e não teve vencedores. Com a morte de Khomeini, em 1989, grupos fundamentalistas e reformistas passaram a disputar o poder no Irã – os últimos desejando maior integração do país ao mundo globalizado e menor interferência dos religiosos em assuntos de Estado.

Em 1995 os Estados Unidos impuseram sanções comerciais ao Irã, como maneira de punir o país que supostamente apoiaria “práticas terroristas”, buscava desenvolver armas nucleares e fomentaria hostilidades no Oriente Médio. Somente em 2015, após a assinatura de um acordo com as principais potências mundiais, as sanções foram suspensas, em troca de diversas medidas que impedem o Irã de construir um arsenal nuclear.

O Irã e as grandes potências conseguiram concluir um acordo histórico em Viena, na Áustria, para limitar o programa nuclear iraniano. O objetivo é evitar que o Irã obtenha uma arma nuclear e garantir que o programa nuclear seja usado apenas para fins pacíficos. Em troca, serão retiradas as sanções internacionais contra o país.
Foto de 2015.



Joe Klammer/Reuters/Latinstock

ORGANIZANDO AS IDEIAS



ATIVIDADES

- 1 O período entre o final da Segunda Guerra Mundial e o início da década de 1970 é conhecido como a “era de ouro” do capitalismo, apesar de ter sido marcado por contradições e problemas sociais. Explique por que esse período foi denominado dessa forma e aponte um exemplo das contradições do desenvolvimento do capitalismo.
- 2 Uma série de acontecimentos provocou transformações no crescimento do capitalismo a partir da década de 1970. Explique quais foram esses acontecimentos e relacione as transformações do capitalismo na década de 1970 com os fundamentos da política neoliberal.
- 3 Em que contexto se realizou a Revolução Iraniana que conduziu o *aiatolá xiita* Ruhollah Khomeini ao poder em 1979?

O texto a seguir é um trecho da obra *O caminho da servidão*, escrita por Friedrich Hayek em 1944 e **considerada uma das bases teóricas do neoliberalismo**. O trecho selecionado explica a noção de individualismo defendida pelo autor e apresenta uma justificativa para a limitação da atuação do Estado com base nessa noção. A partir dessas informações e da análise do documento, responda ao que se pede:

O fundamental é que cada pessoa só se pode ocupar de um campo limitado, só se dá conta da premência de um número limitado de necessidades. [...] Este é o fato fundamental em que se baseia toda a filosofia do individualismo. [...] Parte apenas do fato incontestável de que os limites dos nossos poderes de imaginação nos impedem de incluir em nossa escala de valores mais que uma parcela das necessidades da sociedade inteira; e como, em sentido estrito, tal escala só pode existir na mente de cada um, segue-se que só existem escalas parciais de valores, as quais são inevitavelmente distintas entre si e mesmo conflitantes. Daí concluem os individualistas que se deve permitir ao indivíduo, dentro de certos limites, seguir seus próprios valores e preferências em vez dos de outrem; e que, nesse contexto, o sistema de objetivos do indivíduo deve ser soberano, não estando sujeito aos ditames alheios. É esse reconhecimento do indivíduo como juiz supremo dos próprios objetivos, é a convicção de que suas ideias deveriam governar-lhe tanto quanto possível a conduta que constitui a essência da visão individualista.

Esse ponto de vista não exclui, é claro, a existência de fins sociais ou, antes, a possibilidade de uma coincidência de objetivos individuais que torna oportuna a união de indivíduos na persecução destes. Limita, porém, essa ação comum aos casos em que as opiniões individuais coincidem.

[...] Quando os indivíduos se aliam num esforço conjunto para realizar objetivos que possuem em comum, são conferidos às organizações por eles formadas para este fim, como por exemplo o Estado, um sistema próprio de objetivos e seus próprios meios de ação. Entretanto, qualquer organização assim constituída continua sendo uma “pessoa” entre as demais – no caso do Estado, uma “pessoa”

muito mais poderosa que qualquer outra, é claro, mas que mesmo assim tem a sua esfera separada e limitada, dentro da qual seus objetivos serão supremos. Os limites dessa esfera são determinados pelo grau de consenso dos indivíduos acerca de objetivos específicos; e a probabilidade de que eles concordem sobre determinada linha de ação diminui à proporção que se amplia o âmbito da mesma. Os cidadãos serão praticamente unânimes em admitir o exercício de certas funções do Estado: acerca de outras, poderá existir o acordo de uma maioria considerável: e assim por diante, até alcançarmos esferas em que, embora cada indivíduo possa desejar que o Estado proceda desta ou daquela maneira, as opiniões sobre o que o governo deve fazer serão quase tão numerosas quanto as diferentes pessoas.

Só podemos contar com um acordo voluntário para orientar a ação do Estado na medida em que este se limite às esferas onde tal acordo existe. [...] Infelizmente não é possível estender de modo contínuo a esfera da ação comum sem reduzir ao mesmo tempo a liberdade do indivíduo em sua própria esfera. Quando o setor público, em que o Estado controla todos os meios, excede certa parte do todo, os efeitos de suas ações dominam o sistema inteiro.

HAYEK, F. A. *O caminho da servidão*. São Paulo: Instituto Ludwig von Mises Brasil, 2010. p. 77-78.

- Qual é a base da teoria do individualismo proposta por Hayek?
- Segundo ele, por que uma pessoa não pode interferir nas decisões de outra pessoa? E como essa noção de pessoa se aplica ao Estado na teoria de Hayek?
- De acordo com o texto, é possível afirmar que o neoliberalismo defende a completa inexistência do Estado?
- A teoria neoliberal defende uma ética individualista, na qual prevalece como critério de valor a necessidade individual sobre a necessidade coletiva. Você considera essa concepção de ética válida para a vida em sociedade? Justifique sua resposta.

3 Retorno dos judeus à Palestina

Durante o período do pós-Segunda Guerra também houve a escalada de um conflito na região da Palestina, no **Oriente Médio** (veja o mapa da página 216). Ao longo da história, esse território foi ocupado por diferentes povos, entre eles os hebreus, que foram expulsos da região no ano 70 d.C. por legiões romanas. Seus descendentes, os judeus, ficaram espalhados pelo mundo.

Oriente Médio: região entre a parte da Ásia mais próxima à Europa (Eurásia), da África, do mar Mediterrâneo e do oceano Índico.

A partir do final do século XIX, o **sionismo**, movimento que defende a criação de um Estado judeu na Palestina, ganhou força na Europa. Para os sionistas, a Palestina é a terra prometida por Deus ao povo hebreu. Nessa época, entretanto, a região estava sob o domínio do Império Turco Otomano e era habitada majoritariamente por árabes muçulmanos. Financiados por poderosas famílias judaicas, aproximadamente 12 mil famílias de judeus se fixaram na Palestina a partir do fim do século XIX.

O convívio pacífico entre judeus e árabes seria posto em risco a partir da Primeira Guerra Mundial. O governo inglês obteve ajuda dos chefes das comunidades árabes para expulsar os turcos otomanos da região. Em troca, prometeu apoiar a formação de um grande reino árabe que se estenderia da península Arábica até parte da Síria.

VOCÊ SABIA?

Muitos dos primeiros imigrantes sionistas organizaram fazendas coletivas na Palestina, os *kibutzim*, nos quais compartilham as mesmas moradias, refeições, escolas, etc. O modelo, de caráter coletivista, persiste ainda hoje.

Entretanto, os governos da Inglaterra e da França fizeram um acordo secreto que determinava a divisão dessas regiões do Oriente Médio igualmente entre os dois países. Ao mesmo tempo, os ingleses garantiram o amparo da comunidade judaica internacional

em troca do apoio na criação de um Estado judeu na Palestina.

Com o fim da Primeira Guerra Mundial, em 1918, a Palestina passou a ser administrada pelos britânicos e recebeu levas cada vez maiores de imigrantes judeus. O fluxo aumentou ainda mais nos anos 1930, depois que o regime nazista na Alemanha iniciou uma perseguição implacável à comunidade judaica (releia o Capítulo 4).

Sentindo-se ameaçados com esse afluxo, os árabes-palestinos passaram a hostilizar colônias e cidades judaicas. Ao mesmo tempo, as informações sobre o extermínio de judeus nos campos de concentração nazistas comoveram a opinião pública no mundo todo, abrindo caminho para iniciativas mais agressivas

do movimento sionista. Formaram-se desde organizações que introduziam judeus na Palestina sem a autorização das autoridades inglesas até grupos que promoviam ações terroristas contra alvos árabes e ingleses na região.

Sobreviventes do nazismo, 450 judeus chegam ao porto de Haifa, na Palestina, em junho de 1946, e exibem uma faixa com os dizeres: "Mantenham os portões abertos. Nós não somos os últimos."

Hulton-Deutsch Collection/Corbis/Latinstock



Divisão e conflitos

Em 1947, o governo da Inglaterra anunciou sua retirada da Palestina. Em novembro desse ano, a Organização das Nações Unidas aprovou um plano de partilha do território palestino em dois Estados. De acordo com o plano, 56,5% do território palestino deveria ser ocupado pelos judeus e 42,9% pelos árabes-palestinos. A cidade de Jerusalém, considerada sagrada pelos seguidores do islamismo, do judaísmo e do cristianismo, passaria a ser território internacional.

As principais lideranças judaicas concordaram com a proposta, mas os árabes não. Alegavam que os judeus não só haviam invadido terras, mas também haviam ficado com a maior porção na partilha da ONU. A população árabe-palestina na região (na época, 1,25 milhão de pessoas) era o dobro da judaica, e no próprio território destinado aos judeus os árabes totalizavam quase metade da população.

A tensão entre os dois povos cresceu. Cerca de 400 mil árabes que viviam nas terras destinadas aos judeus fugiram. No dia 14 de maio de 1948, Ben Gurion (1886-1973) anunciou a formação do **Estado de Israel**, tornando-se seu primeiro-ministro. No dia seguinte, a **Liga Árabe**, aliança militar formada pelos governos do Líbano, Síria, Iraque, Egito e Transjordânia (atual Jordânia), lançou suas tropas contra Israel. Começava assim a **primeira guerra entre árabes e israelenses**.

Ao final do conflito, em 1949, os árabes saíram derrotados e o Estado árabe na Palestina nem sequer chegou a se formar. O território antes destinado a ele foi dividido entre Israel, Egito e Transjordânia. Aproximadamente 75% dele, ocupado pelos judeus durante a guerra, passou para o domínio de Israel. A Jordânia ficou com a Cisjordânia. O Egito, por sua vez, anexou a faixa de Gaza (veja o mapa *A formação do Estado de Israel*, na página 216). A cidade de Jerusalém foi dividida entre Israel e Jordânia.

Expulsos de suas terras, cerca de 750 mil palestinos passaram a viver em campos de refugiados no Líbano, na Jordânia, na Síria e na faixa de Gaza. Os que permaneceram nas terras ocupadas por Israel tiveram seus direitos restringidos. Mesmo assim, a luta por um Estado autônomo palestino se acirrou.

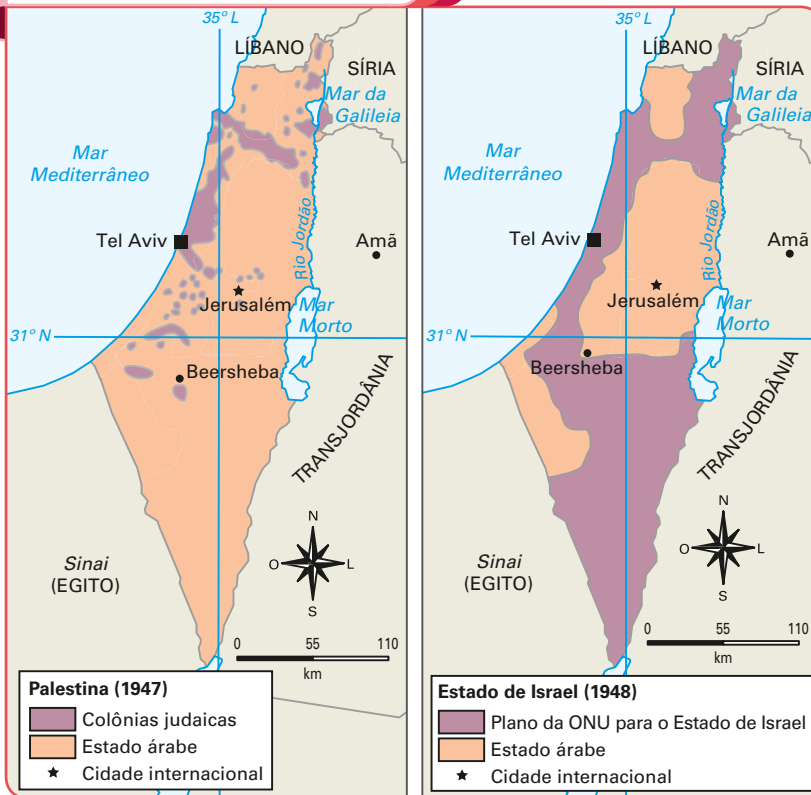
Os conflitos entre palestinos e judeus tornaram-se cada vez mais frequentes e violentos. Enquanto o governo de Israel ganhava crescente apoio militar dos Estados Unidos, setores palestinos radicais formaram grupos guerrilheiros para tentar reaver as terras perdidas. Um desses grupos foi o Al Fatah, liderado por Yasser Arafat (1929-2004). Em 1964, o Al Fatah uniu-se a outros grupos para formar a **Organização para a Libertação da Palestina (OLP)**, liderada entre 1969 e 2004 por Arafat.

O palestino Yasser Arafat (1929-2004) visita refugiados palestinos e membros do grupo Al Fatah, do qual foi um dos líderes, em um campo nas proximidades de Trípoli, no Líbano. Foto de 1983.



Gianni Giansanti/Sygma/Corbis/Latinstock

Formação do Estado de Israel



Palestina após a guerra de 1948-1949



Mapas: Banco de imagens/Arquivo da editora

Adaptado de: DUBY, Georges. *Grand atlas historique*. Paris: Larousse, 2006.

FILME

Veja o filme *Munique*, de Steven Spielberg, 2005. Com base na operação de retaliação orquestrada pelo serviço secreto israelense ao atentado palestino nas Olimpíadas de Munique, o filme trata das questões e dilemas dos agentes secretos e de suas vítimas.

O governo de Israel enfrentou também a hostilidade dos demais países árabes, o que em vários momentos resultou em guerra. Uma das mais significativas foi a **Guerra dos Seis Dias**, em 1967. Militarmente superiores, as Forças Armadas de Israel venceram o confronto e anexaram a península do Sinai e a Faixa de Gaza (em poder do Egito), a Cisjordânia, (pertencente à Jordânia), e as colinas de Golã (na Síria), além da cidade de Jerusalém ao seu território.

Nesse processo, muitos palestinos que se encontravam nos territórios ocupados aderiram à OLP. Empenhada em chamar a atenção da comunidade internacional para a questão dos refugiados, a organização promoveu ataques terroristas contra alvos israelenses, como o sequestro seguido de morte de onze atletas durante as **Olimpíadas de Munique**, na Alemanha Ocidental, em 1972.

O presidente egípcio Anwar Sadat (o primeiro à esquerda) e o primeiro-ministro israelense Menachem Begin assinam tratado de paz mediado pelo presidente estadunidense Jimmy Carter (ao centro), em 1979. Entre outras medidas, o acordo previa a devolução da península do Sinai aos egípcios e o reconhecimento formal, por estes, do Estado de Israel. Os demais territórios ocupados durante a Guerra dos Seis Dias permaneceram sob o domínio israelense.



Consolidated News Pictures/Getty Images

P Professor(a), veja no Procedimento Pedagógico deste capítulo uma sugestão de **Atividade Alternativa** em torno da obra do quadrinista Joe Sacco.

Entre o medo e a esperança

A intransigência de ambos os lados impede um acordo de paz e a convivência pacífica entre palestinos e israelenses. Em 1987, eclodiu nos territórios ocupados por Israel um tipo de rebelião denominado **Intifada**, na qual os palestinos atiravam pedras e paus nos soldados de Israel. No ano seguinte, o Conselho Nacional Palestino, que reunia representantes da OLP e de outras organizações, proclamou unilateralmente a criação de um Estado palestino.

A proclamação não resultou em um Estado palestino soberano e autônomo. No entanto, deu origem à **Autoridade Nacional Palestina**, uma espécie de governo que tem Yasser Arafat como líder e é reconhecido internacionalmente como instância legítima na negociação de uma solução definitiva para a questão palestina.

Em setembro de 2000, os palestinos que viviam em territórios ocupados por israelenses iniciaram uma nova Intifada. Ataques fulminantes de tropas israelenses apoiadas por tanques de guerra e atentados de grupos palestinos provocaram a morte de centenas de civis e militares de ambos os lados.

Em 2001, o Exército israelense sitiou o quartel-general de Yasser Arafat em Ramallah, na Cisjordânia, e o manteve cercado até outubro de 2004, quando Arafat adoeceu gravemente, vindo a falecer no mês seguinte.

Em agosto de 2003, o governo do primeiro-ministro de Israel Ariel Sharon iniciou a construção de um enorme muro separando Israel da Cisjordânia, com o pretexto de impedir a entrada de terroristas palestinos em seu território. Em 2004, o Tribunal Internacional de Justiça de Haia considerou o muro ilegal, pois deixava 14% do território palestino no lado israelense.

Em 2012, a Organização das Nações Unidas aceitou a inclusão da Palestina como Estado observador não membro da organização mundial. A Palestina não tinha direito a voto, mas essa medida foi considerada um reconhecimento virtual da Palestina como Estado. A ONU reconheceu as fronteiras que vigoravam antes da Guerra dos Seis Dias, em 1967.



Bigin S. Sasmaz/Anadolu Agency/Getty Images

Crianças de origem judaica e palestina juntas em manifestação, realizada em Nova York, Estados Unidos, contra os ataques israelenses à faixa de Gaza. Foto de 2014.



Timothy A. Clary/AFP

Bandeira palestina hasteada em frente à sede da ONU, em Nova York, Estados Unidos. Foto de 2015.



Musa Al-Sheer/AFP

Grafite de Banksy no muro da Cisjordânia, que teria o objetivo de impedir a entrada de terroristas no território israelense. Para a Autoridade Nacional Palestina, o muro visa incorporar partes dos territórios palestinos ao Estado de Israel. Foto de 2012.

FILME

Veja o filme *Paradise Now*, de Hany Abu-Assad, 2005. Dois amigos palestinos são recrutados para realizar um atentado suicida e precisam esconder sua missão. Porém, o plano inicial fracassa e eles acabam separados um do outro, sem rumo e com bombas atadas ao corpo.

Palestinos trabalham na reconstrução de túnel existente entre a Faixa de Gaza e a fronteira com o Egito, destruído por bombardeio israelense, em 2009. Por meio de túneis como esse, os palestinos tentam furar o bloqueio que lhes é imposto pelo governo de Israel e levam para o seu território alimentos, roupas e também armamentos.

Wissam Nassar/Xinhua Press/Corbis/Lainstock



Pobreza e incerteza entre os palestinos

Enquanto a população de Israel convive com o medo dos constantes **atentados terroristas**, os palestinos são vítimas da violência das forças de Israel e sofrem por não terem uma terra própria. De acordo com a ONU, dos sete milhões de palestinos no mundo, quatro milhões são refugiados.

Além disso, um relatório do Comitê Internacional da Cruz Vermelha afirma que 1,5 milhão de palestinos da Faixa de Gaza vivem em condições de pobreza, sem recursos para reconstruir suas vidas. A razão é o bloqueio que o governo de Israel impõe à região, controlada pelo grupo Hamas desde 2007, após expulsar o Fatah da região. Para o governo israelense, a presença do Hamas no poder põe em risco a segurança de Israel.

Poucos dias após uma reconciliação entre Fatah e Hamas, em junho de 2014, a Faixa de Gaza voltou a ser palco de conflitos. Em reação ao sequestro e morte de três adolescentes por militantes palestinos em julho daquele ano, o governo israelense realizou ataques aéreos a Gaza, que foram retaliados com o lançamento de mísseis em direção a Israel. Alegando a intenção de destruir túneis construídos pelo Hamas para atacar Israel, as forças armadas israelenses invadiram a Faixa de Gaza, acirrando ainda mais o conflito.

Ao final de agosto, um cessar-fogo foi assinado. Mais de dois mil palestinos, entre civis e guerrilheiros, foram mortos no confronto, e 10 mil ficaram feridos.

O bloqueio estabelecido pelo governo de Israel impede a entrada de vestimentas, livros, veículos, geladeiras e materiais de construção na Faixa de Gaza, o que impossibilita os palestinos de reconstruírem suas residências, destruídas nos confrontos. Os palestinos da região têm acesso (bastante limitado) apenas à comida, medicamentos e produtos de limpeza. O fornecimento de água é precário e o saneamento básico é extremamente deficiente.

Nesta foto de 2012, um míssil israelense é lançado na cidade de Ashdod, em Israel. O sistema batizado de "Cúpula de Ferro" monitora, com radares, morteiros e mísseis lançados a partir da Faixa de Gaza em direção ao território de Israel. O país é um dos que mais investem em tecnologia bélica.



Jack Guenz/AFP



Mulheres de luta

O endocrinologista estadunidense Gregory Goodwin apresentou, em 1960, um medicamento que promoveu profundas mudanças culturais, demográficas e sociais: a **pílula anticoncepcional**. A nova droga transformou-se instantaneamente em um símbolo dos movimentos feministas. Com a pílula anticoncepcional, as mulheres passaram a ter controle sobre o momento de ter filhos e a possibilidade de não os ter.

O advento da pílula foi apenas um entre muitos processos ligados aos movimentos feministas. Durante a Revolução Francesa de 1789, por exemplo, foi fundada, sob a liderança da atriz Claire Lacombe, a **Sociedade de Mulheres Republicanas Revolucionárias** (SMRR). Na mesma época, outra mulher notável, Olympe de Gouges, insatisfeita com o fato de a **Declaração Universal dos Direitos do Homem e do Cidadão** não incluir o gênero

feminino, escreveu e divulgou uma *Declaração dos Direitos da Mulher*.

Em 1949, a escritora francesa Simone de Beauvoir (1908-1986) lançou o livro *O segundo sexo*. Na obra, a autora discute o papel secundário destinado à mulher na sociedade: “Não se nasce mulher, torna-se”, concluiu em seu livro. Na sociedade machista, cabem às mulheres a educação precária, os piores empregos e os salários mais baixos (mesmo quando exercem a mesma atividade que os colegas do sexo masculino). Além disso, pesa sobre seus ombros a responsabilidade exclusiva pelas atividades domésticas e pela educação dos filhos. Os valores morais predominantes também são opressores e determinam que a mulher deve casar-se virgem, obedecer ao marido e não se preocupar com o próprio prazer sexual. Os movimentos feministas colocam em xeque todas essas questões.



Leonardo Benassatto/Futura Press

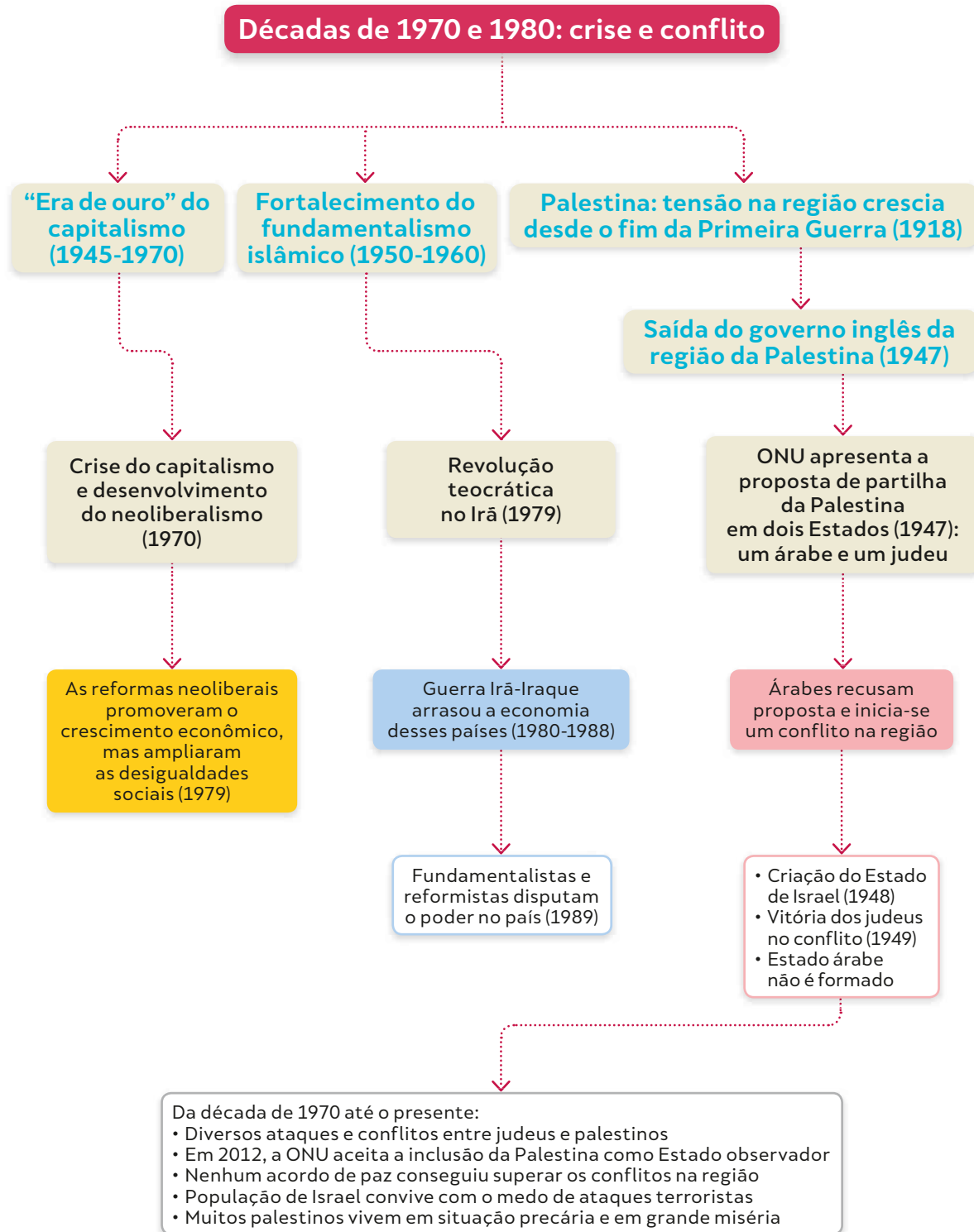
Manifestação pelos direitos das mulheres em São Paulo. Apesar dos muitos avanços no último século, as mulheres ainda sofrem discriminação, recebem salários menores e não têm todos os seus direitos individuais garantidos, o que se agrava no caso de mulheres negras, periféricas, homossexuais e transexuais. Foto de 2014.

DIÁLOGOS

- De acordo com os dados do Ministério da Saúde, todos os anos cerca de 500 mil garotas com menos de 20 anos de idade engravidam no Brasil – muitas delas, por falta de informação a respeito de métodos preventivos. Em grupos e sob a orientação do professor de Biologia, pesquise quais são os métodos contraceptivos mais comuns no Brasil e apresentem o resultado final do trabalho em cartazes.



ESQUEMA-RESUMO



- Entre as décadas de 1970 e 1980, o mundo foi marcado por diversos conflitos e por uma grande crise econômica. Com base nas informações do esquema-resumo, explique quais foram os antecedentes desses problemas e aponte seus desdobramentos.



ATIVIDADES

ORGANIZANDO AS IDEIAS



- 1 Explique como eram as relações entre árabes e judeus na Palestina até o começo da Primeira Guerra Mundial em 1914.
- 2 Quais foram os acontecimentos políticos que conduziram às tensões entre árabes e judeus na Palestina entre a Primeira Guerra Mundial e a partilha do território palestino, em 1947?
- 3 Por que os árabes não concordaram com o plano de partilha da Palestina proposto pela ONU em 1947?
- 4 Narre os conflitos militares entre palestinos e judeus a partir da criação do Estado de Israel, em 1948, e a criação da Organização para a Libertação da Palestina, a OLP, em 1964.
- 5 Durante os anos 1960 e 1970, os conflitos entre palestinos e israelenses se intensificaram. Que fatores contribuíram para agravar a situação da região nessa época?
- 6 Os conflitos entre palestinos e israelenses já duram quase setenta anos. Nesses conflitos, alguns episódios tornaram-se célebres, entre eles a primeira e a segunda Intifada. Explique o que são as Intifadas e quando elas eclodiram.
- 7 Os conflitos na região da Palestina continuam provocando efeitos negativos para as populações palestinas que vivem no território de Israel. Descreva como são as condições de vida dos palestinos atualmente.

INTERPRETANDO DOCUMENTOS: TEXTO E IMAGENS

- 1 Os textos que você vai ler agora foram escritos por dois importantes pensadores contemporâneos: o **escritor israelense Amós Oz** e o **intelectual palestino Edward Said**. Ambos tratam do conflito entre israelenses e palestinos. Depois de lê-los, responda às questões propostas.

Documento 1

Os palestinos estão na Palestina porque essa é a sua terra natal. Da mesma forma que a Holanda é a terra natal dos holandeses e a Suécia, a dos suecos. Os judeus israelenses estão em Israel porque não há nenhum outro país no mundo ao qual os judeus, como povo, como nação, possam chamar de seu lar.

Os palestinos tentaram, involuntariamente, viver em outros países árabes. Foram rejeitados, às vezes até humilhados e perseguidos, pela chamada “família árabe”. Tomaram conhecimento, da maneira mais dolorosa, de sua “palestinidade”, pois não eram desejados como libaneses, como sírios, como egípcios ou como iraquianos. Eles tiveram de aprender

pelo caminho mais difícil que são palestinos e que este é o único país em que podem viver.

De maneira estranha, o povo judeu teve uma experiência histórica de alguma forma paralela à do povo palestino. Os judeus foram expulsos da Europa. Meus pais foram expulsos da Europa há cerca de setenta anos. Exatamente da mesma forma que os palestinos foram expulsos da Palestina.

Quando meu pai era menino, na Polônia, as ruas da Europa estavam cobertas de pichações: “Judeus, vão para a Palestina”. Quando meu pai voltou, em visita à Europa, cinquenta anos mais tarde, os muros estavam cobertos de pichações: “Judeus, saiam da Palestina”.

Adaptado de: OZ, Amós. *Contra o fanatismo*. 2. ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004. p. 46-47.

Documento 2

A situação palestina em si é remediável, já que são os seres humanos que fazem a história e não o contrário. Para isso, precisamos de uma definição real de metas e objetivos. Estes devem incluir, em primeiro lugar, o fim da ocupação militar por Israel



e o fim dos assentamentos (colônias agrícolas judaicas nos territórios ocupados). Nenhum outro caminho pode levar a paz e a justiça aos palestinos.

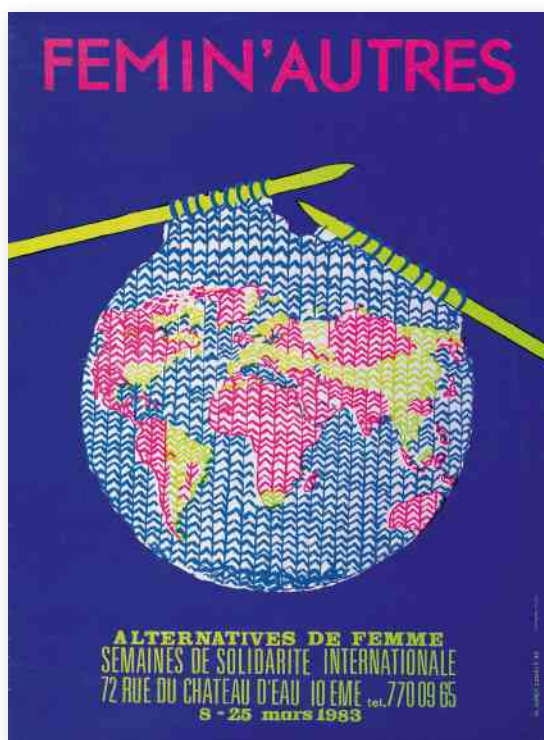
Deve haver mudanças de atitude também nas duas outras sociedades que têm um impacto central na Palestina: em primeiro lugar, os Estados Unidos, cujo governo dá a Israel um apoio sem o qual os eventos que hoje ocorrem na Palestina não poderiam ocorrer. O contribuinte norte-americano envia diretamente a Israel 3 bilhões de dólares em ajuda, além do constante fornecimento de armas, que somam um total de quase 5 bilhões de dólares. Essa ajuda deve ser interrompida ou radicalmente modificada.

Em segundo lugar, a sociedade israelense, que vem endossando passivamente as políticas racistas contra os palestinos “inferiores”, ou as vem apoiando ativamente, ao colaborar com o Exército, para implementar essa política imoral e humanamente inaceitável.

Também é verdade que os ataques de homens-bomba suicidas praticados por palestinos em Telavive não servem a nenhum propósito político ou ético. Eles são igualmente inaceitáveis. Há uma enorme diferença entre, de um lado, apoiar a desobediência organizada – ou protestos de massa – e, de outro, simplesmente explodir a si mesmo e a alguns poucos inocentes. Essa diferença tem de ser afirmada clara e enfaticamente e incluída de uma vez por todas em qualquer programa palestino sério.

Adaptado de: SAID, Edward W. *Cultura e política*. São Paulo: Boitempo, 2003. p. 67-68.

- a) Sintetize a opinião e os argumentos centrais de Amós Oz sobre a condição histórica de palestinos e israelenses. Que conclusão se pode tirar de seus argumentos?
 - b) No texto de Said, há uma proposta de metas e objetivos para se atingir a paz. Quais seriam as mudanças necessárias para alcançar a tão sonhada paz?
 - c) Com base nas reflexões dos dois autores e no conteúdo do capítulo, elabore um texto analisando a situação atual do conflito árabe-israelense.
- 2 Observe a imagem a seguir. Trata-se de um cartaz produzido para o evento Semanas de Solidariedade Internacional, ocorrido na França, em 1983. O evento, que ocorre até o presente, discute estratégias para um mundo mais solidário. Esse cartaz destaca o papel do feminismo no conjunto de políticas voltadas para a criação de **práticas solidárias e igualitárias**. Com base nisso, responda ao que se pede.



No topo do cartaz existe um jogo de palavras francesas envolvendo o termo feminino (*féminin*) e o termo outros (*autres*). Os dois termos foram unidos para formar uma nova palavra (*femin'autres*).

- a) Tanto a imagem do cartaz quanto o texto representam o feminino como a possibilidade de criar um mundo diverso e mais solidário. Explique como essa ideia está construída no cartaz.
 - b) Qual foi o papel do movimento feminista na transformação das relações sociais e da política ao longo do século XX?
 - c) Você conhece movimentos feministas que atuem em sua comunidade ou em outros lugares do Brasil? Em dupla, pesquisem o foco desses movimentos (onde e como atuam, que outros movimentos apoiam, etc.) e produzam, com os colegas de sala, um mural sobre o feminismo hoje.
- 3 Observe atentamente as imagens a seguir. São trechos do quadrinho *Notas sobre Gaza*, escrito pelo artista Joe Sacco. Na obra, ele resgata as memórias de palestinos que presenciaram a incursão militar israelense nas cidades de Khan Younis e Rafah, onde viviam os palestinos em 1956. Durante essas operações, centenas de palestinos foram mortos pelo Exército israelense. Com base nisso e na observação das imagens, responda ao que se pede.



Reprodução/Joe Sacco/Editora Companhia das Letras

- Qual é a situação descrita nos trechos do quadrinho? Como ele representa a atuação dos soldados israelenses no episódio?
- Para construir seu relato, Joe Sacco entrevistou um grande número de palestinos e utilizou as histórias que eles contaram para a criação do quadrinho. De que forma esse recurso de narrar as histórias reais das pessoas é representado no quadrinho?
- O quadrinho de Joe Sacco pode ser visto como um exemplo de História oral, na medida em que ele utiliza os relatos de pessoas que vivenciaram um acontecimento histórico para produzir sua narrativa sobre aquele acontecimento. Esse tipo de história se tornou um importante recurso utilizado pelos historiadores para narrar diversos acontecimentos históricos. Por que você considera importante a utilização da memória das pessoas que vivenciaram os acontecimentos históricos para a produção da narrativa histórica? Justifique sua resposta.

TESTE SEU CONHECIMENTO

1 (UFPR) Leia abaixo a definição de “refugiado”:

De acordo com a Convenção de 1951 relativa ao Estatuto dos Refugiados, são refugiados as pessoas que se encontram fora do seu país por causa de fundado temor de perseguição por motivos de raça, religião, nacionalidade, opinião política ou participação em grupos sociais, e que não possa (ou não queira) voltar para casa. Posteriormente, definições mais amplas passaram a considerar como refugiados as pessoas obrigadas a deixar seu

país devido a conflitos armados, violência generalizada e violação massiva dos direitos humanos.

Agência da ONU para refugiados (ACNUR).
Disponível em: <<http://www.acnur.org/t3/portugues/informacao-geral/perguntas-e-respostas/>>.

Sobre eventos históricos referentes à existência de refugiados na história contemporânea, considere as seguintes afirmativas:





1. Após a I Guerra Mundial, com a dissolução dos Impérios Otomano e Austro-Húngaro e a instauração do princípio de nacionalidade, milhões de refugiados europeus migraram dentro e fora da Europa.
2. Desde a criação do Estado de Israel, em 1948, milhões de palestinos ganharam dupla cidadania, resolvendo sua situação de refugiados durante o mandato britânico na Palestina.
3. O governo Vargas foi contrário à entrada de judeus no Brasil, quando muitos deles tornaram-se refugiados, migrando para fora da Europa, durante os anos 1930 e a II Guerra Mundial.
4. Entre o final do século XIX e o início do século XX, o Brasil recebeu uma grande quantidade de refugiados italianos, espanhóis, poloneses, japoneses e alemães.

Assinale a alternativa correta.

- a) Somente as afirmativas 1 e 3 são verdadeiras.
- b) Somente as afirmativas 1 e 4 são verdadeiras.
- c) Somente as afirmativas 1, 3 e 4 são verdadeiras.
- d) Somente as afirmativas 2, 3 e 4 são verdadeiras.
- e) As afirmativas 1, 2, 3 e 4 são verdadeiras.

2 (UFU-MG)

O período posterior à Segunda Guerra Mundial foi de enorme crescimento produtivo nos países desenvolvidos. Denominados de anos gloriosos ou de idade do ouro, o fato é que os primeiros trinta anos do pós-guerra constituíram uma era única na história contemporânea. A espantosa recuperação do mundo capitalista, quanto ao crescimento econômico e avanços tecnológicos, revolucionou as pautas de consumo e comportamento até então existentes.

PADRÓS, Enrique Serra. Capitalismo, prosperidade e Estado de bem-estar social. In: FILHO, Daniel Aarão Reis. FERREIRA, Jorge e ZENHA, Celeste (Org.). O século XX. O tempo das crises: revoluções, fascismos e guerras. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000, p. 229. (Adaptado.)

A euforia econômica que caracterizou o mundo capitalista nos trinta anos seguintes ao fim da II Guerra estava fortemente relacionada:

- a) ao crescimento dos níveis de desemprego, formando um Exército de mão de obra de reserva que estimulou a acumulação capitalista.
- b) ao desenvolvimento de outras formas de energia, com a conseqüente redução da dependência em relação ao petróleo.
- c) à recuperação da economia europeia, que, através do Estado de bem-estar social, conseguiu assegurar a acumulação capitalista em níveis elevados.
- d) à desindustrialização do Terceiro Mundo, tornando esta região especializada no fornecimento de matérias-primas para os países do centro do capitalismo.

3 (UPE) O fundamentalismo islâmico, uma tendência oculta por muito tempo, embora poderosa na vida do Oriente Médio, chamou a atenção do mundo com a Revolução Iraniana de 1979. Valendo-se da significativa renda do petróleo iraniano, o aiatolá Khomeini criou um 'Serviço para a exportação da Revolução islâmica'. No ano de 1982, milhares de militantes jovens de cerca de sessenta países estavam sendo treinados para divulgar sua mensagem contagiante por todo o mundo. A principal característica sociopolítica da Revolução Iraniana foi a:

- a) defesa de reformas sociais, além da tentativa de recuperar valores religiosos e tradicionais do islamismo.
- b) instauração de um governo democrático e a total separação entre religião e política, anulando o antigo Estado teocrático.
- c) resolução das tensões políticas entre Estados Unidos e Irã mediante acordos diplomáticos.
- d) aproximação com o Ocidente por meio de uma grande abertura social e política.
- e) radicalização no âmbito social e político, depois da morte de Khomeini, em 1989.

4 (Cefet-MG) Em 2005, o grafiteiro e ativista político inglês Banksy realizou uma série de trabalhos na região da Faixa de Gaza, especialmente no muro que a separa do

território israelense, conforme ilustrações seguintes.



Reprodução/CEFE-MG 2015

Sobre o conflito árabe israelense, é correto concluir que nos grafites acima, Banksy

- a) apoiou a construção do muro realizada pelo governo israelense.
 - b) legitimou a ação violenta de grupos fundamentalistas palestinos.
 - c) denunciou a aliança de Israel com as grandes potências capitalistas.
 - d) destacou a segregação dos palestinos comparando-os a prisioneiros.
 - e) usou a imaginação para expressar o cotidiano das crianças palestinas.
- 5** Existem historiadores que utilizam a denominação “era de ouro” do capitalismo para analisar um período de desenvolvimento econômico internacional. Leia as seguintes afirmativas sobre esse tema e escolha a opção correta. Em seguida, justifique o erro das afirmativas falsas:
- I. A “era de ouro” do sistema capitalista denomina o período compreendido entre o fim da Segunda Guerra Mundial e o início da década de 1970. Esse momento ficou marcado pela expansão do capitalismo e pelo crescimento do comércio internacional.
 - II. Um dos fatores que permitiram o crescimento econômico até a década de 1970 foi o fortalecimento da agricultura. No período, a maior parte dos países mundiais dependiam das atividades agrícolas para a expansão de suas economias.
 - III. Os ambientalistas, entre 1945 e 1970, conseguiram se mobilizar e impedir a degradação do meio ambiente, por isso a “era de ouro” do capitalismo é conhecida por ser um período de desenvolvimento industrial sustentável e que não causava danos ao meio ambiente.
 - IV. As transformações no preço do petróleo, que dobrou de preço em 1973, é um dos fatores que ajudam a entender a crise econômica que marcou o fim do período conhecido como “era de ouro” do capitalismo.
- a) As afirmativas I e IV estão corretas.
 - b) As afirmativas II e IV estão corretas.
 - c) As afirmativas I e III estão corretas.
 - d) As afirmativas II e III estão corretas.
 - e) As afirmativas III e IV estão corretas.
- 6** Diante da crise econômica iniciada na década de 1970, muitos economistas passaram a defender medidas para transformar as economias mundiais e superar os problemas econômicos. Leia as seguintes afirmativas sobre esse tema e escolha a opção correta. Em seguida, justifique o erro das afirmativas falsas:
- I. A crise do capitalismo na década de 1970 fez com que muitos economistas passassem a defender uma nova política econômica capaz de retomar o crescimento econômico que fora abalado pela crise.
 - II. Os economistas passaram a defender que uma forma de melhorar a economia era reduzir os gastos dos Estados, por isso deveriam ser adotadas medidas para privatizar empresas estatais e liberar o mercado para regular o preço dos bens e serviços.
 - III. O conjunto de medidas que passaram a ser defendidas por economistas na década de 1970 ficou conhecida como neoliberalismo. Tais medidas foram postas em prática no Reino Unido durante o mandato da primeira-ministra Margareth Thatcher, entre 1979 e 1990 e em outros países, incluindo os Estados Unidos.

IV. O neoliberalismo, com suas medidas voltadas para a redução do papel do Estado na economia e com a desregulamentação das relações trabalhistas, conseguiu conciliar dois efeitos distintos: crescimento econômico e justiça social. Ao final da década de 1980, a pobreza mundial

reduziu significativamente por conta disso.

- a) As afirmativas I, II e IV estão corretas.
- b) As afirmativas II, III e IV estão corretas.
- c) As afirmativas I, II e III estão corretas.
- d) As afirmativas I e II estão corretas.
- e) Todas as afirmativas estão corretas.

HORA DE REFLETIR

O conflito na região da Palestina, envolvendo árabes e judeus, tem efeitos catastróficos para a população que vive na região. Nesse caso, são especialmente as mulheres, crianças e pessoas mais velhas que sofrem com os efeitos dos conflitos. Em grupo, pesquise sobre o cotidiano das populações que vivem na região e o

impacto que o conflito tem na vida dessas pessoas. Em seguida, monte um cartaz publicitário ou escrevam uma canção com o intuito de conscientizar as pessoas sobre a situação e sobre a importância de uma solução para os conflitos na região. Depois, apresente o resultado do trabalho aos colegas em sala de aula.



MINHA BIBLIOTECA

PARA NAVEGAR

This land is mine. [Esta terra é minha]. Animação da judia-estadunidense Nina Paley parodia uma canção sionista, mostrando como, ao longo de milênios, a Palestina foi palco de conflitos entre povos que diziam ser donos da terra. Site em inglês. Disponível em: <<http://blog.ninapaley.com/2012/10/01/this-land-is-mine>>. Acesso em: 8 mar. 2016.

PARA ASSISTIR

Playtime – Tempo de diversão. Direção: Jacques Tati. 1967. França/Itália, Jolly Film, 1967, 124 min. Essa comédia representa as transformações da “era de ouro” do capitalismo na França: o protagonista, Hulot, se vê em meio a edifícios modernos, à proliferação do consumismo e a mudanças de costumes em seu país.

A separação. Direção: Asghar Farhadi. Irã, Imovision, 2011, 123 min. O filme levanta questões contemporâneas do Irã ao mostrar a separação de um casal de classe média alta, a ida de sua filha à Europa e a realidade da mulher de família tradicional, empregada contratada para cuidar do pai do marido.

Kedma. Direção: Amos Gitai. Israel/Itália/França, Agav Hafakot/Arte France Cinéma/BIM Distribuzione/MK2 Productions/MP Productions/R&C Produzioni, 2002, 100 min. Pouco após chegar à Palestina, nos últimos dias do mandato britânico, imigrantes ilegais judeus se envolvem na expulsão de árabes de um povoado. Na fala das personagens, a intolerância e a falta de perspectivas são notáveis.

PARA LER

O buda do subúrbio, de Hanif Kureishi, editora Companhia das Letras. O jovem Karim amadurece em meio à expansão da cultura de massa e à resposta dos movimentos de contracultura dos anos 1970. Filho de um indiano e uma inglesa, precisa enfrentar questões de identidade cultural e sexualidade enquanto descobre a vida em Londres.

Palestina, de Joe Sacco, editora Conrad. Essa reportagem em forma de história em quadrinhos, em dois volumes, traz a visão do autor a respeito do difícil cotidiano dos palestinos, após uma visita de dois meses à região.

11 O fim do bloco comunista

Com uma população de 144 milhões de habitantes, a Federação Russa é o maior país do mundo em extensão. Ao lado do Brasil, da Índia, da China e da África do Sul, a Federação Russa (Brics) é considerada uma das principais **economias emergentes** desde o início do século XXI, quando a economia do país cresceu acima da média mundial. Contudo, essa expansão foi afetada pela crise financeira mundial de 2008 e pela queda dos preços das *commodities* que o país exporta desde 2013.

Mesmo assim, sua situação econômica melhorou muito em relação ao início da década de 1990, logo após o fim da União Soviética, da qual fazia parte. Em um primeiro momento, a passagem de uma **economia planificada** para o modelo capitalista de mercado levou a uma profunda crise econômica. Neste capítulo estudaremos como ocorreu o fim da União Soviética e dos regimes comunistas do Leste Europeu.

Economia emergente:

entre os países “em desenvolvimento”, há um grupo, chamado de emergente, que estaria mais próximo de se tornar desenvolvido.

Economia planificada:

é a denominação dada às economias socialistas (e/ou comunistas), caracterizadas pela propriedade estatal dos meios de produção.

Celebração oficial dos 70 anos do fim da “Grande Guerra Patriótica”, como a Segunda Guerra Mundial é conhecida na Rússia. O evento, promovido pela maior nação da antiga União Soviética, foi visto como forma de se posicionar como potência política, econômica e militar da atualidade. Moscou, Rússia, maio de 2015.

OBJETIVOS DO CAPÍTULO

- Assimilar o processo de crises socioeconômicas e políticas que culminou com a extinção da União Soviética nas décadas finais do século XX.
- Relacionar o fim da URSS às alterações geopolíticas do Leste Europeu e ao fim da Guerra Fria.
- Compreender o significado do termo Brics e o papel da Rússia como país de economia emergente na atualidade.
- Analisar a relação entre a fragmentação da URSS e a eclosão de conflitos étnico-religiosos nos países que se originaram dela.
- Perceber o caráter ético da transparência na política, do acesso à informação e do respeito à pluralidade.



P Professor(a), veja no Procedimento Pedagógico deste capítulo uma sugestão de texto complementar que discute a questão da crise da União Soviética.

1 URSS: o início do fim

Entre o fim da Segunda Guerra Mundial e o início da década de 1980, a União Soviética polarizou com os Estados Unidos a disputa pela hegemonia mundial. Nesse período, o governo soviético garantiu direitos básicos à população (como o acesso à educação e à saúde), promoveu a industrialização e a pesquisa científica. A partir dos anos 1970, porém, essa sociedade altamente burocratizada e de economia estatizada começou a dar sinais de esgotamento.

Uma das razões para esse enfraquecimento era o controle da economia pela burocracia, com metas para todos os setores produtivos. Dessa maneira, o governo soviético estabelecia o que as fábricas deveriam produzir e em que quantidade, onde as matérias-primas deveriam ser compradas, qual seria o preço final dos produtos, o salário dos trabalhadores, etc.

Os burocratas que dirigiam as empresas tinham por objetivo principal atingir as metas. Como não havia concorrência, os fabricantes não se preocupavam em aprimorar a qualidade das mercadorias ou em oferecer uma grande variedade de bens de consumo.

Assim, na década de 1970, as indústrias soviéticas não acompanharam o aprimoramento tecnológico dos países capitalistas desenvolvidos em áreas como informática, microeletrônica, biotecnologia e telecomunicações. Em tempos de Guerra Fria, a URSS preferia destinar mais recursos à expansão da indústria bélica, para fazer frente aos Estados Unidos. Todos esses fatores somados colocaram a economia soviética à beira do colapso.

Incapazes de atingir as metas de produção estipuladas pelo governo, as fábricas apresentavam estatísticas falsas. Assim, enquanto os dados oficiais mostravam avanços na produção de bens, as gôndolas de lojas e mercados encontravam-se frequentemente vazias, até mesmo sem produtos básicos como farinha de trigo ou sabonete. Quando reaparecia algum produto, formavam-se extensas filas de compradores.

Nos últimos anos do comunismo da União Soviética, a dificuldade em encontrar artigos de primeira necessidade tornou-se cada vez maior. Nessa foto de 1987, pessoas fazem fila em Moscou para comprar sapatos.



VOCÊ SABIA?

Muitos soviéticos preferiam comprar artigos no mercado paralelo, embora os preços fossem mais altos do que os tabelados pelo governo. Diversos produtos estrangeiros só eram obtidos por meio do contrabando. Apenas os burocratas da *nomenklatura* – palavra que designava a elite do Partido Comunista e do governo – tinham acesso privilegiado aos produtos de luxo vindos do exterior.

A crise também afetou as indústrias de base, que se revelaram defasadas e ineficientes. No campo, as safras agrícolas não garantiam o sustento da população, o que levou o governo a importar alimentos. Além disso, havia corrupção generalizada no governo e no Partido Comunista, o único autorizado a atuar. Os enormes gastos para manter as tropas no Afeganistão também contribuíram para o aumento da crise (releia o Capítulo 7).

Gorbachev e a abertura soviética

Os soviéticos viam transformações econômicas, políticas e sociais com a ascensão de Mikhail Gorbachev ao poder em 1985. Ele propôs um plano conhecido como *perestroika* (reestruturação), com o objetivo de descentralizar a economia e garantir a retomada de seu crescimento.

O plano foi iniciado com o corte de recursos destinados à indústria bélica e com alguns acordos de desmilitarização firmados junto ao governo estadunidense. Decidiu-se também pela retirada das tropas soviéticas do Afeganistão no início de 1989.

Subsídios a empresas foram cortados, e o mercado passou a regular o preço de bens e serviços. As multinacionais passaram a se instalar na União Soviética, a bolsa de valores foi reaberta e muitas lojas privadas começaram a funcionar. Os soviéticos entraram em contato com itens do mercado de consumo global como roupas importadas e redes de restaurantes de *fast-food*.

Já a abertura política ocorreu por meio de um conjunto de medidas conhecido como *glasnost* (transparência): presos políticos foram libertados, a censura foi abolida (obras proibidas foram liberadas) e o pluripartidarismo foi instaurado.



Reprodução/Museu Wende, Los Angeles, CA.

O governo de Gorbachev buscou garantir respaldo popular para levar suas reformas adiante. O pôster desta foto é repleto de mensagens como "A *perestroika* começa com você! *Glasnost* é democracia!" e "Apoie a *perestroika*! Continue a Revolução!". Foto de 1989.

P Professor(a), veja no Procedimento Pedagógico deste capítulo uma sugestão de Atividade Alternativa para aprofundar a reflexão sobre a abertura política no Leste Europeu.

FILME

Veja o filme *O homem de mármore*, de Andrzej Wajda, 1976. Uma cineasta procura produzir um documentário sobre um pedreiro transformado em herói popular polonês – desaparecido há décadas – e esbarra nas dificuldades impostas pelas autoridades. Veja também a sequência do filme, *O homem de ferro*, lançada em 1981, após a criação do sindicato Solidariedade.

Estudantes de Varsóvia, na Polônia, manifestam-se, em 1988, contra o regime comunista. Eles carregam uma bandeira na qual está escrita a palavra “solidariedade”, nome da federação sindical polonesa que liderou a oposição. A incapacidade do governo polonês em superar o declínio econômico do país causou uma série de greves naquele ano.

2 Cai a “cortina de ferro”

No Leste Europeu, a insatisfação também aumentava. Em 1980, na Polônia, operários dos estaleiros de Gdańsk iniciaram uma greve que se espalhou por outros setores da classe trabalhadora em todo o país. Protestavam contra as péssimas condições de trabalho e reivindicavam o direito de se organizar em sindicatos livres de influência do governo.

Surgiu assim o sindicato **Solidariedade**, entidade liderada por Lech Walesa. Em pouco tempo, as reivindicações se ampliaram: contra a censura, a falta de liberdade e a escassez de alimentos, pelo fim do sistema de partido único, pela liberdade de organização sindical.

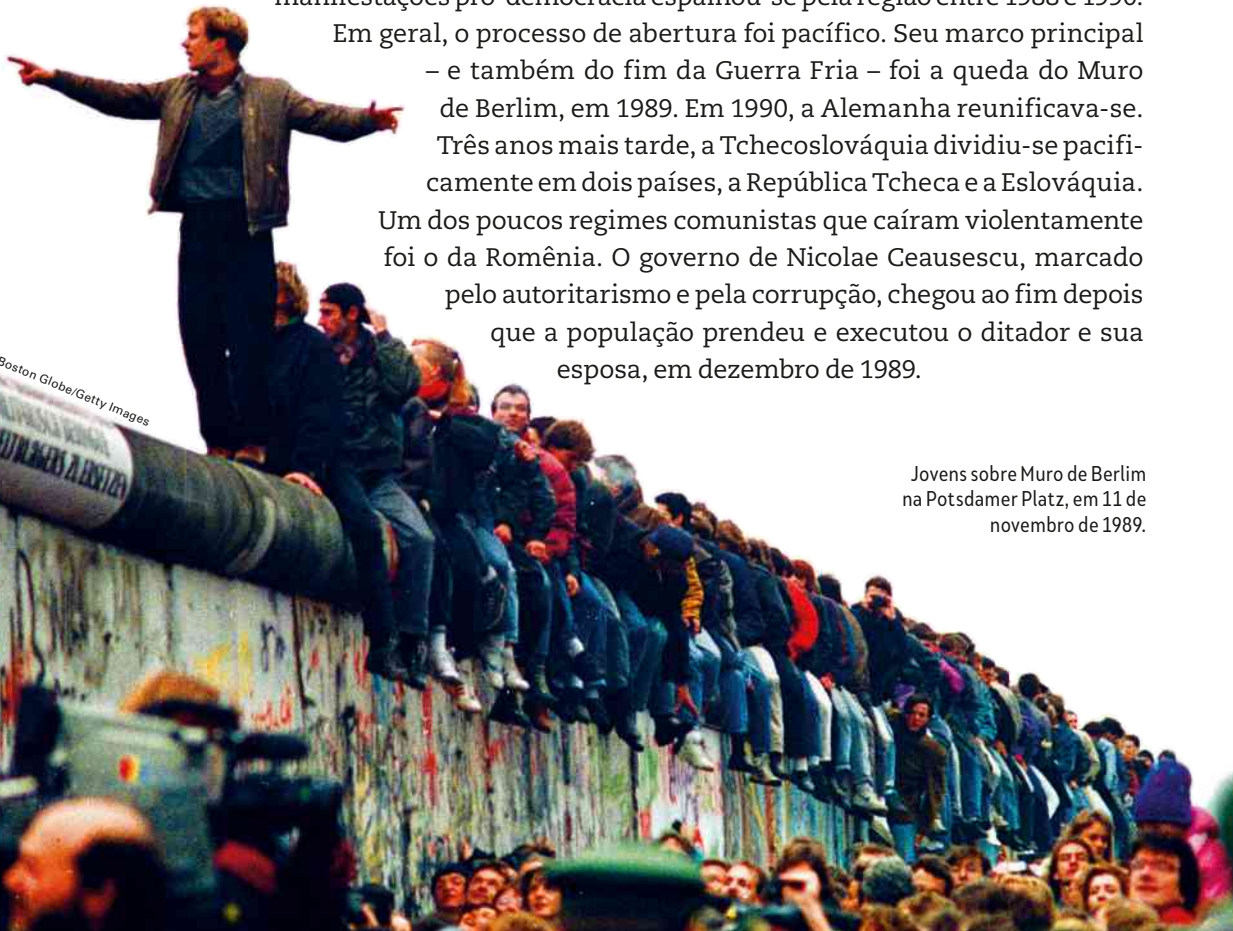


Bernard Bisson/Sygma/Corbis/Latinstock

Com suas reformas, Gorbachev estimulou a liberalização do regime também nos países do Leste Europeu, sob influência soviética. Com isso, uma onda de manifestações pró-democracia espalhou-se pela região entre 1988 e 1990.

Em geral, o processo de abertura foi pacífico. Seu marco principal – e também do fim da Guerra Fria – foi a queda do Muro de Berlim, em 1989. Em 1990, a Alemanha reunificava-se. Três anos mais tarde, a Tchecoslováquia dividiu-se pacificamente em dois países, a República Tcheca e a Eslováquia.

Um dos poucos regimes comunistas que caíram violentamente foi o da Romênia. O governo de Nicolae Ceausescu, marcado pelo autoritarismo e pela corrupção, chegou ao fim depois que a população prendeu e executou o ditador e sua esposa, em dezembro de 1989.



John Tlumacki/The Boston Globe/Getty Images

Jovens sobre Muro de Berlim na Potsdamer Platz, em 11 de novembro de 1989.

ORGANIZANDO AS IDEIAS



ATIVIDADES

- 1 Escreva um texto sobre a crise da economia soviética a partir da década de 1970.
- 2 A Polônia, nos anos 1980, sofreu profundas transformações políticas. Qual foi o papel do sindicato Solidariedade nessas transformações?
- 3 Para tirar a União Soviética da crise econômica em que estava em meados dos anos 1980, Mikhail Gorbachev propôs reformas econômicas e políticas, conhecidas respectivamente como *perestroika* e *glasnost*. Quais foram os aspectos centrais de cada uma delas?

INTERPRETANDO DOCUMENTOS: TEXTO

ATIVIDADE

- 1 O trecho a seguir é um fragmento da obra *O Fim do Homem Soviético*, escrito por Svetlana Aleksievitch, ganhadora do Prêmio Nobel de Literatura em 2015. Ela nasceu na região da União Soviética, em 1948. A partir dessas informações e da leitura do trecho a seguir, responda ao que se pede:

DIALOGANDO COM... LITERATURA

Relato 1

Uma noite, vínhamos do cinema, um homem jazia numa poça de sangue. Nas costas tinha um buraco de bala na gabardina. Ao lado dele estava um polícia. Foi a primeira vez que vi uma pessoa assassinada. Depressa me acostumei a isso. [...] Todas as manhãs encontravam um cadáver no pátio e nós já nem estremeíamos. Tinha começado o capitalismo a sério. Com sangue. Eu esperava sentir um choque, mas não sentia. Depois de Stalin ficamos com uma atitude diferente em relação ao sangue... Lembramo-nos de como os nossos matavam os nossos... E das mortes em massa de pessoas que não sabiam por que as matavam... Isso manteve-se, está presente na nossa vida. Crescemos entre carrascos e vítimas... Para nós é normal vivermos juntos. Não há fronteira entre o estado de paz e o estado de guerra.

Relato 2

Por que não condenamos Stalin? Eu dou-lhe a resposta... Para condenar Stalin, era preciso condenar os nossos familiares e conhecidos. As pessoas mais chegadas. Falo-lhe da minha família... O meu pai foi preso em trinta e sete; graças a Deus, voltou, mas cumpriu dez anos. Voltou e tinha muita vontade de viver... Ele próprio se admirava de querer viver depois de tudo o que tinha visto... Isso não acontecia a todos, nem de longe... A minha geração cresceu com os pais que voltavam das prisões ou da guerra. A única coisa que eles nos podiam contar era acerca da violência. Da morte. Raramente se riam, estavam muito calados. E bebiam... bebiam... No fim de contas tornavam-se alcoólicos. Uma segunda variante... Aqueles que não eram presos receavam que os prendessem. Tudo isto durava não um mês ou dois, mas anos – anos! E se não os prendiam, punha-se a questão: por que é que prendem todos, e a mim não? O que é que eu faço de errado? Podiam

prender, ou podiam mandar trabalhar para o Ministério do Interior... O Partido pede, o Partido ordena. A escolha era desagradável, mas muitos tinham de fazê-la. E agora acerca dos carrascos... Pessoas comuns, não horríveis. O meu pai foi denunciado por um vizinho... o tio lura... Por uma ninharia, como dizia a minha mãe. Eu tinha 7 anos. O tio lura levava-me à pesca com os filhos dele, levava-me no cavalo. Consertava a nossa vedação. Compreende, temos um retrato completamente diferente do carrasco – um homem comum, até bondoso... Normal... Prenderam o meu pai e alguns meses depois levaram um irmão dele, meu tio. No tempo de Lélsin deram-me o processo dele, havia lá diversas denúncias, uma delas assinada pela tia Ólia... Uma sobrinha... Uma mulher bonita, alegre... Cantava bem... Quando ela já era velha, perguntei-lhe: 'Tia Ólia, fale-me do ano de trinta e sete...' 'Esse foi um ano feliz na minha vida. Estava apaixonada', respondeu-me ela... O irmão do meu pai não voltou para casa. Desapareceu. Na prisão ou num campo de detenção, não se sabe. Para mim era difícil, mas mesmo assim fiz a pergunta que me atormentava: 'Tia Ólia, por que é que fizeste isso?' 'Onde é que viste uma pessoa honesta no tempo de Stalin?!' (Silêncio) E havia ainda o tio Pável, que servia na Sibéria, nas tropas do Ministério do Interior... Compreende, não existe o mal quimicamente puro... Não eram apenas Stalin, Beria... Era também o tio lura, e a bonita tia Ólia...

ALEKSIÉVITCH, Svetlana. *O fim do homem soviético*. Portugal: Porto Editora, 2015.

- a) De que maneira o primeiro relato descreve a passagem do comunismo ao capitalismo na região da União Soviética? No relato, há uma valorização do período comunista como um período de paz e segurança para os indivíduos que viviam na União Soviética?
- b) O segundo relato é uma reflexão sobre os crimes cometidos pelo regime stalinista e o envolvimento de pessoas comuns nessa questão. De que modo a pessoa entrevistada justifica que a população da União Soviética nunca tenha condenado Stalin por seus crimes?

Um desmonte longo e violento

Outro caso particular foi o da Iugoslávia, uma federação formada por seis repúblicas: Bósnia-Herzegovina, Sérvia, Croácia, Eslovênia, Macedônia e Montenegro. Entre 1945 e 1980, o país foi governado pelo marechal Tito, líder comunista que comandou a resistência contra o nazismo. Sua autoridade garantiu a união de uma população étnica e religiosamente diversificada sob um único Estado. Após a morte de Tito, em 1980, vieram à tona divergências entre as várias repúblicas.

Em 1991, quando a Croácia e a Eslovênia anunciaram sua independência, o presidente da Sérvia, Slobodan Milosevic, lhes declarou guerra. O conflito terminou em 1992, depois que forças de paz da ONU garantiram a emancipação das duas repúblicas.

Ainda em 1991, a Bósnia-Herzegovina e a Macedônia anunciaram sua emancipação. A minoria sérvia que vivia na Bósnia não concordou e, em 1992, tropas enviadas pelo governo de Milosevic tomaram o país. Mais de 200 mil bósnios muçulmanos foram mortos em uma gigantesca operação conhecida como “limpeza étnica”. A guerra terminou em 1995, quando forças militares da ONU obrigaram o governo de Milosevic a retirar suas tropas da Bósnia.

A Iugoslávia ficou restrita a Sérvia e Montenegro. Em 1997, albaneses reivindicaram a independência da província de Kosovo, na Sérvia, onde eram o grupo étnico majoritário. Teve início uma nova guerra civil, que se caracterizou pela deportação e pelo massacre da população albanesa. Com a intervenção das Tropas da Otan, o conflito chegou ao fim em 1999.

Kosovo ficou então sob administração da ONU, embora com seu próprio governo e parlamento. Em 2001, Milosevic foi preso e passou a ser julgado pelo Tribunal Internacional de Haia sob a acusação de genocídio. No ano seguinte, a Iugoslávia se transformou em república da Sérvia e Montenegro. Em 2006, a população montenegrina optou, em referendo, por se separar da Sérvia.

Em 2008, o primeiro-ministro kosovar, Hashim Thaci, anunciou a independência unilateral de Kosovo. Embora desde 2013 reconheça a legitimidade do governo e das instituições de Kosovo, a Sérvia ainda não considera a região um Estado independente.



Edifício destruído durante a guerra em Mostar, na Bósnia. Além de causar milhares de mortes, os conflitos na região durante os anos 1990 deixaram marcas que permanecem até hoje em sua economia e paisagem. Foto de 2015.

A fragmentação da Iugoslávia



Adaptado de: ATLANTE geográfico metodico De Agostini 2009-2010. Novara: Istituto Geografico De Agostini, 2009.

3 Fim da União Soviética

As mudanças implementadas por Gorbachev também provocaram problemas para a URSS. O Produto Interno Bruto, a renda *per capita* e a produtividade caíram. A dívida externa dobrou e a inflação em 1991 chegou a 100%. Com isso, a popularidade do líder soviético começou a cair.

Em agosto de 1991, antigos dirigentes do Partido Comunista, aliados a setores militares, tentaram dar um golpe de Estado. A população protestou nas ruas e os golpistas recuaram.

Um mês depois, as repúblicas bálticas (Letônia, Estônia e Lituânia) se declararam independentes da União Soviética. No começo de dezembro de 1991, os presidentes da Rússia, Ucrânia e Bielo-Rússia (atual Belarus) criaram a **Comunidade de Estados Independentes – CEI**. Pouco antes do fim do ano, Gorbachev renunciou à Presidência e declarou extinta a União Soviética.



Sergei Kharpukhin/AP Photo/Glow Images

Família assiste ao discurso de renúncia de Gorbachev pela televisão em Moscou, na Rússia. Foto de 1991.

A desintegração da União Soviética



Banco de imagens/Arquivo da editora

Adaptado de: DUBY, Georges. *Grand atlas historique*. Paris: Larousse, 2006.

Autonomia dos países integrantes

O país se desmembrou em 15 nações independentes, 20 repúblicas autônomas (16 delas dentro da recém-criada Federação Russa) e oito regiões autônomas (cinco das quais no interior da Federação Russa). Com exceção de Estônia, Letônia e Lituânia, os novos países aderiram à CEI.

Com o fim da União Soviética, minorias étnicas se engajaram em lutas de caráter nacionalista e separatista. Na Federação Russa, por exemplo, a Chechênia tem aspirações de ser um Estado autônomo. A resistência russa se dá por causa das jazidas petrolíferas da região, que está na rota de exportação do petróleo russo para a Europa ocidental.

Na Moldávia, na Geórgia e no Tajiquistão também há esse tipo de aspiração. Desde 1992, a Armênia e o Azerbaijão disputam a posse de Nagorno-Karabakh, um território de população majoritariamente armênia, encravado no Azerbaijão.

Xadrez da influência internacional

Embora a polarização do período da Guerra Fria tenha terminado, a Rússia ainda é importante na diplomacia internacional e mantém posições, muitas vezes, discordantes em relação às dos Estados Unidos. O desejo russo de manter uma esfera própria de influência resultou no apoio a partes adversárias às defendidas pelos estadunidenses em conflitos recentes no Oriente Médio – e na crise na Síria (desde 2011) –, nos Bálcãs e na Ucrânia.

Esta última começou em novembro de 2013, quando o presidente ucraniano Víctor Yanukovich, de origem russa, rejeitou um acordo político e econômico com a União Europeia. Opositores ao seu governo viram esse gesto como uma submissão aos interesses russos e organizaram protestos que foram violentamente reprimidos, resultando em dezenas de mortes. Com o acirramento das tensões, em fevereiro de 2014, Yanukovich deixou a capital Kiev e se instalou na cidade de Kharkiv, o que serviu de pretexto para o Parlamento ucraniano destituí-lo do cargo e convocar novas eleições.



Sergei Supinsky/AFP

Nos últimos dez anos, aumentaram as tensões entre ucranianos pró-União Europeia e pró-Rússia. A Ucrânia possui uma minoria étnica russa, concentrada no leste e no sul do país. Na foto, protesto em Kiev, em janeiro de 2014.

A medida encontrou resistência na Crimeia e na cidade de Sevastopol, ambas em território ucraniano, mas de população majoritariamente russa. Depois de militantes pró-Rússia tomarem o Conselho Supremo da Crimeia, em março de 2014, o Parlamento local convocou um referendo para definir se a região deveria se desligar da Ucrânia e solicitar sua anexação pela Rússia. O pleito, considerado ilegal por Ucrânia, Estados Unidos e União Europeia, foi favorável à união com a Rússia. Poucos dias depois, o território da Crimeia estava sob o controle de tropas russas.

Já a crise na Síria começou com o levante popular contra o ditador do país em 2011 (durante a Primavera Árabe), mas se transformou em uma guerra brutal envolvendo potências regionais e globais. A Rússia entrou no conflito, juntamente com o Irã, apoiando o governo do presidente ditador. No entanto, grupos extremistas islâmicos ligados ao Hezbollah e a Al-Qaeda também entraram na guerra com o objetivo de tomar o poder.

Em 2014 uma coalização liderada pelos Estados Unidos passou a promover apoio aos que faziam oposição ao presidente por meio de bombardeios contra os extremistas. Em fevereiro de 2015, Estados Unidos e Rússia acertaram um cessar-fogo. Para alguns analistas internacionais, embora tenha retirado suas forças do conflito, a Rússia conseguiu o objetivo estratégico de estabelecer sua influência na região. Quanto à Síria, em março de 2016 a situação do país ainda não estava resolvida. Cerca de 240 mil pessoas já morreram, sendo 12 mil, crianças.



ENQUANTO ISSO...

O rap ganha o mundo

O *rap*, gênero musical criado por negros e latinos das periferias das grandes cidades estadunidenses na década de 1970 e abreviatura para a expressão em inglês *rhythm and poetry* (ritmo e poesia), caracteriza-se por batidas marcadas e letras longas, quase sempre recitadas, em vez de cantadas. Entre os temas frequentemente abordados pelo *rap* estão a pobreza, a violência e o racismo.

Em 1984, o Run-D.M.C. tornou-se o primeiro grupo de *rap* a vender mais de 500 mil cópias de um álbum. No Brasil, entre os pioneiros do gênero estão Thayde & DJ Hum, GOG e Racionais MC's.

SUA OPINIÃO

- Em duplas, façam uma reflexão sobre a seguinte questão: o *rap* é um estilo musical que apresenta uma forte crítica social, expressando a perspectiva dos moradores das periferias das grandes cidades sobre seus problemas e suas aspirações. Com base nisso, selecionem um *rap* que vocês conheçam, analisem a letra e mostrem um trecho à classe numa sessão de audição musical que destaque aspectos desse estilo.



Marcel Maia/Futura Press

Grupo de rap RZO se apresenta na favela do Moinho, centro de São Paulo, em agosto de 2010.



ESQUEMA-RESUMO

O fim do bloco comunista

Início do esgotamento do modelo de desenvolvimento econômico e social da URSS (1970-)

A partir da década de 1980:

- Medidas reformistas iniciadas por Gorbachev: economia (*perestroika*) e política (*glasnost*)
- Crescimento das insatisfações no Leste Europeu
- Processo de abertura política pacífica no Leste Europeu
- Reunificação da Alemanha
- Ampliação da crise da União Soviética

Fim da URSS (1991)

Fragmentação violenta da Iugoslávia (1990-)

A partir da década de 1990:

- Desmembramento da URSS em diversos países
- Lutas nacionalistas e separatistas
- Rússia torna-se a principal potência da região

Conflitos e guerras civis resultaram no surgimento de novos países na região

Início de conflitos na Ucrânia que resultaram na anexação da Crimeia pela Rússia (2013)



Reprodução/Museu Mendes, Los Angeles, CA.

- A partir das informações do esquema-resumo, bem como de seus conhecimentos, explique como a crise da União Soviética, iniciada na década de 1970, se desdobrou nas décadas seguintes e provocou grandes alterações políticas e sociais até hoje na região que formava o bloco comunista.



ATIVIDADES

NÃO
ESCREVA
NO
LIVRO

ORGANIZANDO AS IDEIAS

- 1 Descreva como se deu o início do processo de fragmentação política da Iugoslávia na década de 1990 e relacione esse processo com o conflito que ocorreu na Bósnia entre 1992 e 1995.
- 2 A fragmentação do antigo território da Iugoslávia provocou diversos conflitos. Um deles foi a Guerra de Kosovo, iniciada em 1997. Explique o que foi esse conflito e descreva como é a situação política dessa região no presente.
- 3 Caracterize os problemas econômicos e políticos que eclodiram na União Soviética com as reformas implementadas por Gorbachev, que conduziram ao fim da URSS.
- 4 Cite alguns conflitos étnicos e nacionalistas ocorridos nos países da antiga União Soviética.
- 5 Com a queda do bloco soviético, a Rússia passou a ser considerada uma das principais economias emergentes do mundo. Além disso, o país continuou ocupando um papel importante no equilíbrio do poder internacional. Explique qual é a situação atual da Rússia tanto do ponto de vista econômico quanto do político.

INTERPRETANDO DOCUMENTOS: TEXTO E IMAGEM

- Os quadrinhos abaixo foram extraídos do livro *Área de segurança Gorazde: a guerra na Bósnia oriental*, do jornalista e quadrinista Joe Sacco. Trata-se de uma história, baseada em fatos reais, dos conflitos ocorridos durante a guerra na Bósnia em Gorazde. A região era um enclave bósnio de maioria sérvia, e sua população mesclava sérvios e bósnios muçulmanos. No trecho selecionado, um personagem narra os dias que antecederam a guerra na região. Depois de ler a história, responda às questões.





Joe Sacco/Ed. Conrad



SACCO, Joe. *Área de segurança Gorazde: a guerra na Bósnia oriental*. São Paulo: Conrad, 2001.

- Descreva como o narrador percebeu mudanças no estado de espírito das pessoas da região que indicavam um conflito prestes a explodir.
- Coloque-se na posição do narrador e procure experimentar o sentimento de que uma guerra está prestes a explodir, em razão das diferenças étnicas e religiosas entre vizinhos. Você acredita que seria possível manter-se neutro e não se envolver no conflito? Por quê?

TESTE SEU CONHECIMENTO



- (UFRGS-RS) Observe a figura abaixo.



Reprodução/UFRGS 2015

Em 1995, com a assinatura do Acordo de Dayton, a Guerra da Bósnia, uma das chamadas Guerras Iugoslavas, chegou ao fim. O confronto, um dos mais sangrentos da história europeia na segunda metade do século XX, foi resultado do processo de

- desmembramento da antiga Iugoslávia e ressurgimento de nacionalismos radicais na região.
- invasão da Iugoslávia pela União Soviética, após o colapso do regime comunista no país.
- formação de um Estado islâmico em Kosovo e sua posterior política expansionista.

- d) manutenção da rivalidade entre a República Checa e a Eslováquia nos Bálcãs.
- e) ascensão de Josep Broz Tito e sua política de unificação da chamada “Grande Sérvia”.

2 (UFSM-RS)

Em 9 de novembro é derrubado o Muro de Berlim. O governo [da Alemanha Oriental] não tinha condições de mantê-lo, a menos que partisse para uma repressão sangrenta. [...] Em apenas 3 dias, pelo menos 2 milhões de alemães-orientais passaram para Berlim Ocidental. [...] Já no lado ocidental, os alemães-orientais formavam filas enormes diante das discotecas e de lojas pornôs [...]. Embora não tivessem dinheiro suficiente para comprar, as pessoas olhavam tudo como se fosse um grande parque de diversões.

Fonte: ARBEX JR., José. SP: Moderna, 1993. p. 54-56.
Revolução em 3 tempos: URSS, Alemanha, China.

Reprodução/UFSM 2013



A partir do texto, pode-se afirmar que a queda do Muro de Berlim, em 1989, indica

- a) a falência do modelo socialista soviético em atender às demandas da população quanto à liberdade individual e ao consumo de bens e serviços.
- b) as grandes realizações do modelo socialista na saúde e educação, capazes de manter as massas distantes dos apelos do mundo do consumo de bens privados, próprios da economia capitalista.
- c) o resultado do cerco militar das potências capitalistas e, conseqüentemente, o esgotamento do sistema socialista de atender às demandas das populações dos países do Leste Europeu.
- d) o vigor do modelo socialista adotado pela Alemanha Oriental, o qual repetia o padrão soviético, porém era mais brando quanto à livre organização da sociedade e à liberdade de imprensa.

3 (FGV-SP)

O “socialismo real” agora enfrentava não apenas seus próprios problemas sistêmicos insolúveis mas também os de uma economia mundial mutante e problemática, na qual se achava cada vez mais integrado. Com o colapso da URSS, a experiência do “socialismo realmente existente” chegou ao fim. Pois, mesmo onde os regimes comunistas sobreviveram e tiveram êxito, como na China, abandonaram a ideia original de uma economia única, centralmente controlada e estatalmente planejada, baseada num Estado completamente coletivizado.

(Eric Hobsbawm, *Era dos extremos*. p. 458 e 481. Adaptado)

A partir do texto, é correto afirmar que:

- a) os países do socialismo real, como a União Soviética, acompanharam em parte as mudanças da década de 1970 e sobreviveram sem reformas, pois, mesmo sem o grande avanço técnico-científico, conseguiram neutralizar os graves efeitos da burocratização, da economia planificada, da proletarização da classe média e do obsoleto parque industrial e, ainda, mantiveram a unidade do bloco socialista.
- b) nos anos 1980, as reformas econômicas e políticas – a *perestroika* – colocaram os países do socialismo real no rumo do capitalismo, substituindo a ação estatal pelo mercado, com ênfase nas privatizações e na abertura para o capital estrangeiro, medidas que obtiveram pleno êxito e fizeram a economia perder suas características estatizantes, impedindo, ainda, o fim do bloco socialista.
- c) a unidade do bloco do socialismo real foi motivada pelo equilíbrio da estrutura política dos Estados em se adaptar às necessidades da economia de mercado, pois a planificação pelo Estado burocratizado é incompatível com a economia de mercado, apoiada no desenvolvimento



técnico-científico, nas crescentes privatizações, no apoio do capital externo e nas diferenciações salariais.

- d) nos países do socialismo real, os problemas externos, isto é, da economia mundial, a partir dos anos 1970, responsáveis pelas oscilações do comércio internacional, prevaleceram sobre os problemas internos, como a burocratização do Estado e o atraso técnico-científico, que sofreram reformas estatais nos anos 1980 e minimizaram as graves tensões sociais, mantendo a união do bloco socialista.
- e) além dos problemas internos da própria estrutura política endurecida pela burocracia e pelo autoritarismo, os países do socialismo real, a partir dos anos 1970, já inseridos no mercado mundial, enfrentaram o baixo desenvolvimento técnico-científico e as tensões sociais e ensaiaram, sem êxito, nos anos 1980, reformas políticas e econômicas para manter a unidade do bloco socialista.
- 4** Após a dissolução da União Soviética, a Rússia se tornou a principal potência dos territórios ocupados pelo regime comunista. Leia as seguintes afirmativas sobre o papel da Rússia no mundo contemporâneo e escolha a opção correta. Em seguida, justifique o erro das afirmativas falsas:
- I. A Rússia é considerada uma das quatro principais economias do mundo, ao lado de Brasil, Índia e China. Esses países formam o Brics e ultrapassaram as principais economias do planeta, como os Estados Unidos ou a Alemanha, em importância e crescimento econômico.
 - II. Mesmo com as transformações geopolíticas do final da Guerra Fria, a Rússia continua sendo uma importante potência na diplomacia internacional, inclusive com posições discordantes em relação aos Estados Unidos.
 - III. O governo russo luta para manter uma esfera própria de influência, o que fez com que a Rússia apoiasse partes adversárias àquelas defendidas pelo governo americano em conflitos recentes.
 - IV. A crise ucraniana resultou na anexação da Crimeia, uma região que fazia parte

da Ucrânia, mas tinha a maioria da população russa, pela forças russas.

- a) As afirmativas I, II e IV estão corretas.
 - b) As afirmativas II, III e IV estão corretas.
 - c) As afirmativas I, II e III estão corretas.
 - d) As afirmativas I e II estão corretas.
 - e) Todas as afirmativas estão corretas.
- 5** Com o fim do bloco comunista, teve início a fragmentação política da Iugoslávia, que foi marcada por intensos conflitos na região. Leia as seguintes afirmativas sobre esse tema e escolha a opção correta. Em seguida, justifique o erro das afirmativas falsas:
- I. O processo de fragmentação da Iugoslávia teve início em 1991, quando a Croácia e a Eslovênia anunciaram sua independência. O presidente da Sérvia, Slobodan Milosevic, não aceitou e declarou guerra contra as duas regiões. O conflito terminou em 1992, depois que forças de paz da ONU garantiram a emancipação das duas repúblicas.
 - II. Em 1991, a Bósnia-Herzegovina e a Macedônia anunciaram sua emancipação da Iugoslávia. No entanto, a minoria sérvia que vivia na Bósnia não concordou e isso fez com que, em 1992, tropas fossem enviadas pelo governo de Milosevic para impedir a separação. O conflito provocou a morte de mais de 200 mil bósnios muçulmanos. A guerra terminou em 1995, quando forças militares da ONU obrigaram o governo de Milosevic a retirar suas tropas da Bósnia.
 - III. No ano de 1997, os albaneses reivindicaram a independência da província de Kosovo, na Sérvia. Isso provocou o início de uma nova guerra civil. Para acabar com o conflito, tropas da Otan intervieram, pondo um fim nos enfrentamentos em 1999.
 - IV. O governo da Sérvia não considera a região do Kosovo como um Estado independente até o presente.
- a) As afirmativas I, II e IV estão corretas.
 - b) As afirmativas II, III e IV estão corretas.
 - c) As afirmativas I, II e III estão corretas.
 - d) As afirmativas I e II estão corretas.
 - e) Todas as afirmativas estão corretas.

HORA DE REFLETIR



P Professor(a), veja no Procedimento Pedagógico deste capítulo uma sugestão de **Atividade Alternativa** sobre a questão da transparência no governo brasileiro.

- A transparência das ações públicas é um dos princípios que norteiam a ética na política. Em 1986, o governo soviético agiu de forma transparente ao reconhecer que a explosão de um reator na usina nuclear de Chernobyl foi causada pelo emprego de tecnologia defasada e de uma mão de obra despreparada. Tratava-se de uma mudança de atitude após décadas de manipulação e ocultamento de informações à população.

O que você entende por transparência na política e nos negócios? O governo brasileiro é transparente em suas ações? Selecione um acontecimento ou processo político que, na sua opinião, demonstre a transparência do governo. Selecione também outro episódio que revele o contrário. Discutam em grupo e, ao final, selecionem alguns exemplos que sintetizem o assunto. Para terminar, um dos integrantes do grupo deve expor oralmente na classe o resultado do debate.



MINHA BIBLIOTECA

PARA NAVEGAR

Soviet lifestyle museum in Kazan.

Videoreportagem em um museu na cidade de Kazan, Rússia, que expõe objetos cotidianos da União Soviética das décadas de 1970 e 1980. Vídeo em russo com legendas em inglês. Disponível em: <http://rbth.com/multimedia/video/2013/09/19/back_in_ussr_soviet_lifestyle_museum_in_kazan_29971>. Acesso em: 28 mar. 2016

PARA ASSISTIR

Adeus, Lênin! Direção: Wolfgang Becker. Alemanha, Sony Pictures Classics, Warner Brothers Germany, 2003, 121 min. Uma alemã oriental defensora do regime desperta de um coma após a queda do Muro de Berlim. Para que ela não se frustre, seu filho fará de tudo para simular o cotidiano dos tempos socialistas.

Como eu festejei o fim do mundo. Direção: Catalin Mitulescu. França/Romênia, Les Films Pelléas, Strada Film, 2006, 106 min. Às vésperas da queda de Ceausescu na Romênia, uma jovem enfrenta um cotidiano repressor e marcado por trocas de favores, enquanto seu irmão mais novo fantasia com uma vida mais livre.



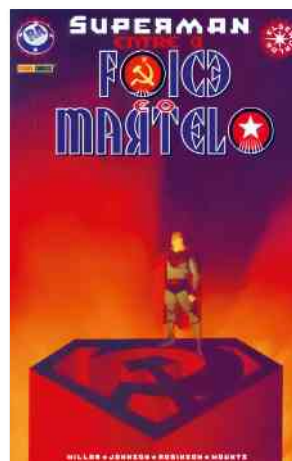
Reprodução/Catalin Mitulescu/MOVISION

Leviatã. Direção: Andrey Zvyagintsev, Rússia, Sony Pictures Classics, 2014, 140 min. Em uma cidade isolada no norte da Rússia, um homem se vê perseguido por um político corrupto, perdendo sua propriedade. Essa história, que trata de abuso de autoridade, foi recebida como uma crítica ampla à Rússia atual.

PARA LER

O diário de Zlata, de Zlata Filipovic, editora Companhia das Letras. Nas páginas de seu diário, a jovem Zlata registrou suas impressões e sentimentos sobre o cotidiano afetado pela Guerra da Bósnia.

Superman: entre a foice e o martelo, editora Panini. Essa série propõe uma história alternativa para um dos mais célebres super-heróis das HQs, o Super-Homem: e se ele tivesse sido criado na União Soviética, em vez de nos Estados Unidos, e o resultado da Guerra Fria fosse outro?



Reprodução/Editora Panini


12 Mundo globalizado

Uma das características mais marcantes do mundo em que vivemos é a constante aceleração tecnológica das comunicações e dos transportes. É possível acompanhar o *show* de um artista do outro lado do planeta e percorrer grandes distâncias com extrema velocidade, por exemplo.

Esse processo de “dissolução” das fronteiras que separavam as economias e as culturas dos povos do mundo é conhecido como **globalização**. Alguns historiadores afirmam que sua origem se deu na época das Grandes Navegações, mas essa integração, da maneira como conhecemos, se consolidou no final do século XX.

No mundo globalizado, o estímulo ao consumo é crescente. Somos bombardeados por filmes e todo tipo de publicidade que exaltam o consumo “do novo”, “do melhor”, “do mais avançado”.

O consumo exacerbado resulta em consequências ambientais sérias. Estudiosos de diversas áreas afirmam que o planeta pode entrar em colapso se continuarmos a abusar dos recursos naturais. Neste capítulo veremos como se deu o processo de globalização e algumas de suas consequências.



Homem anda em meio a toneladas de lixo em Sevastopol, Crimeia, em 2015.

OBJETIVOS DO CAPÍTULO

- Analisar a configuração socioeconômica e política que o mundo assumiu a partir dos últimos anos do século XX.
- Entender o processo de globalização e suas relações com as disparidades sociais e os conflitos políticos no mundo.
- Relacionar a questão do fundamentalismo religioso com o processo de globalização.
- Compreender os desafios para o futuro que se impõem aos governos e às sociedades atuais diante da nova ordem mundial.
- Confrontar o conceito trabalhado na Unidade – ética – com as decisões políticas, econômicas e militares da atualidade e seu impacto social.

1 Tempos de globalização

A dissolução da União Soviética em 1991 provocou profundas mudanças em todo o mundo. Os Estados Unidos tornaram-se a única superpotência do planeta, a maioria dos países socialistas aderiu à economia de mercado e as rivalidades político-ideológicas deram lugar a disputas de ordem econômica, comercial e tecnológica.

Com isso, acelerou-se o **processo de globalização**, em curso desde a década anterior. A grande marca desse movimento tem sido a integração da economia mundial sob comando das grandes corporações dos países mais desenvolvidos. As nações tornaram-se mais dependentes entre si nos aspectos econômico, cultural, tecnológico, financeiro e político.

Crescentes avanços nos meios de transporte e de comunicação facilitaram o rápido deslocamento de pessoas, mercadorias e informações de um ponto a outro do planeta. Tudo isso – além da redução das tarifas alfandegárias – contribuiu para a expansão do comércio e para a aceleração do fluxo de capitais entre os países. Tal crescimento motivou a criação, em 1995, da Organização Mundial do Comércio (OMC), entidade destinada a promover e regular o comércio entre os países.

As empresas também mudaram seu perfil. Até os anos 1960 e 1970, as chamadas **multinacionais** dirigiam, a partir de seus países de origem, filiais em outros países que produziam artigos completos, como automóveis, eletrodomésticos, etc. Atualmente, com o surgimento das empresas **transnacionais**, o processo de produção utiliza recursos de vários países ao mesmo tempo. Assim, um produto pode ter suas peças fabricadas em um país e ser montado em outro, de acordo com o preço da mão de obra e da matéria-prima. É comum, por exemplo, encontrar nas lojas tênis de empresas estadunidenses fabricados na China com borracha proveniente da Malásia.



Com a globalização, as grandes corporações utilizam recursos de vários países na fabricação de seus produtos e se instalam em lugares em que a mão de obra é mais barata, vendendo o produto final em todo o mundo. Na foto, multinacional instalada em Matsapha, na Suazilândia (África) em 2015.

2 Novos laços econômicos e comerciais

Embora continuem fortes, os **Estados** passaram a dividir cada vez mais seu poder decisório – em especial na área econômica – com organizações internacionais como o Fundo Monetário Internacional (FMI), o Banco Mundial e a OMC. Essas entidades, geralmente controladas pelo governo dos países desenvolvidos, impõem decisões nem sempre ajustadas aos interesses dos países em desenvolvimento.

Como forma de assegurar melhor capacidade de negociação, diversos países começaram a se organizar em torno de **blocos econômicos**. O exemplo mais significativo é a União Europeia (UE), criada em 1992 e que, no início de 2016, reunia 28 países.



Com a crescente unificação de políticas públicas da União Europeia, criou-se o cargo de *ombudsman* para o recebimento de denúncias de má administração em órgãos do bloco. Na foto, a irlandesa Emily O'Reilly, que assumiu a função de *ombudsman* da União Europeia em 2013, em conferência na Bélgica. Foto de 2015.

Além de constituir uma zona de livre-comércio, a UE conta com um Banco Central único, e a maioria dos países-membros substituiu suas moedas nacionais por uma moeda única, o Euro. O bloco conta também com órgãos centrais de caráter administrativo, como a Comissão Europeia e o Parlamento Europeu.

Em outras partes do mundo, formaram-se blocos econômicos como o Acordo de Livre-Comércio da América do Norte (Nafta), constituído por Estados Unidos, Canadá e México; a União Africana (UA), que reúne 54 países da África; e o Mercado Comum do Sul (Mercosul), formado por Brasil, Argentina, Paraguai, Uruguai e Venezuela. Em 2015, a Bolívia passou a integrar o bloco.

Especialistas apontam que o eixo mais movimentado do comércio mundial se deslocará, em pouco tempo, do Oceano Atlântico para o Pacífico. Isso se deve principalmente à intensificação do comércio dos Estados Unidos com países asiáticos e ao rápido desenvolvimento industrial destes nas últimas décadas, especialmente da **China** (veja o boxe Os Tigres Asiáticos, a seguir).

Assim, em outubro de 2015, doze países da região do Oceano Pacífico – entre eles Estados Unidos, Japão, Austrália e México – anunciaram o Acordo Estratégico Transpacífico de Associação Econômica (TPP), que prevê criar uma zona de livre-comércio englobando uma área responsável por 40% da economia mundial.

O gesto foi visto como reação ao protagonismo crescente da China no comércio internacional, principalmente com a entrada em vigor, em 2010, da Área de Livre-Comércio entre a Associação de Nações do Sudeste Asiático (Asean) e a China. Composta por onze países asiáticos – entre eles Cingapura, Malásia, Indonésia e Tailândia –, trata-se da maior zona de livre-comércio do mundo em termos populacionais.

FILME

Veja o filme **China Blue**, de Micha Peled, 2005. Nesse documentário, aspectos do processo de globalização aparecem pela perspectiva de uma funcionária e do dono de uma fábrica de calças no sul da China. Por trás dos produtos, vendidos a baixos preços em todo o mundo, estão altas margens de lucro, grandes migrações e condições exaustivas de trabalho.

Os Tigres Asiáticos

DIALOGANDO
COM... GEOGRAFIA

A partir dos anos 1960, algumas nações da Ásia atravessaram um momento de intenso desenvolvimento econômico, com taxas de crescimento atingindo 8% ao ano. Os chamados Tigres Asiáticos foram impulsionados pelo desenvolvimento industrial do Japão, iniciado na década de 1950.

Coreia do Sul, Taiwan (Formosa), Hong Kong e Cingapura experimentaram essa expansão econômica principalmente graças a altas taxas de poupança, elevados índices de investimento e baixos salários pagos à mão de obra qualificada. Os setores de eletroeletrônicos, vestuário e informática foram os que mais cresceram. No final da década de 1970, foi a vez dos novos Tigres: Indonésia, Tailândia e Malásia.

Em 1997, uma crise no sistema financeiro dos Tigres Asiáticos provocou quebra de empresas e levou governos a pedir empréstimos ao FMI. Bolsas de valores de todo o mundo caíram e a economia mundial viveu um período de instabilidade. A partir de 1999, a economia desses países retomou o crescimento.



Jung Yeon-Je/AFP

O investimento em educação nos Tigres Asiáticos levou à alta qualificação da mão de obra. Na foto, estudantes sul-coreanos se preparam para um teste similar ao vestibular, em Seul, 2013.



Alex Wong/Getty Images

Christine Lagarde, diretora do FMI, durante uma conferência em Washington, nos Estados Unidos, em 2016.

3 Um mundo desigual

Amparada pelo **liberalismo econômico**, a globalização não beneficiou a todos por igual. A maioria da população mundial continua sem ter acesso às novas tecnologias e aos novos bens de consumo.

De acordo com o Relatório do Desenvolvimento Humano de 2014, publicado pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (Pnud), 1,2 bilhão de pessoas sobreviviam com menos de 1,25 dólar por dia. Ainda segundo a ONU, em 2015, cerca de 702 milhões de pessoas (9,6% da população mundial) encontravam-se em estado de **pobreza extrema**, ou seja, não contavam com os recursos mínimos necessários para sua sobrevivência.

A pobreza também atinge os países ricos. Segundo o Bureau do Censo dos Estados Unidos de 2015, 46,7 milhões de estadunidenses são pobres, o que corresponde a 14,8% da população total do país. O número de crianças vivendo na pobreza em países desenvolvidos atingiu 76,5 milhões no ano de 2014, de acordo com a Unicef.

A contradição torna-se ainda mais flagrante quando são considerados os índices de desenvolvimento econômico e social dessas regiões. No Japão e nos Estados Unidos, por exemplo, a renda *per capita* é superior a 36 mil dólares por ano, a expectativa de vida está acima de 79 anos e os índices de analfabetismo, abaixo de 5%.

Desemprego e fluxos populacionais

A globalização e as políticas neoliberais também modificaram o funcionamento das indústrias. A fusão de grandes empresas e o processo de automação, no qual o trabalho é majoritariamente realizado por máquinas controladas por computador, provocaram altas taxas de desemprego.

Liberalismo econômico: teoria econômica que defende a liberdade de mercado e a intervenção mínima do Estado na economia.

LIVRO

Leia o livro *Diga que você é um deles*, de Uwen Akpam, Ediouro.

O livro reúne cinco contos ambientados em diferentes países da África, nos quais as dificuldades de sobrevivência material e de conflitos civis são vistas pelo olhar sensível de protagonistas infantis.

A migração de indústrias para países com mão de obra mais barata levou cidades estadunidenses a registrar altos níveis de desemprego e criminalidade.

Na foto, depredação causada pela miséria em Scranton, na Pensilvânia, Estados Unidos. Foto de 2014.



Carolyn Cole/Los Angeles Times/Getty Images

População economicamente ativa:

termo empregado para denominar o potencial de mão de obra com que o setor produtivo do país pode contar. São as pessoas que têm idade para trabalhar e estão efetivamente empregadas ou procurando emprego.

FILME

Veja o filme *Samba*, de Eric Toledano, 2015. Samba é um imigrante senegalês que, após dez anos morando e trabalhando na França, passa a ter problemas com sua situação ilegal no país. Uma executiva acaba se envolvendo com ele ao se tornar voluntária em um serviço de auxílio aos imigrantes.

Em 2014, cerca de 201 milhões de trabalhadores – quase 6% da **população economicamente ativa** mundial – estavam sem emprego, segundo a Organização Internacional do Trabalho (OIT). Nessa situação, muitos tentam a sorte em outros países, onde muitas vezes são **clandestinos** e trabalham na economia informal, sem direitos trabalhistas.

Outros sobrevivem de esmolas recebidas nas ruas das grandes metrópoles ou passam a viver em situação análoga à escravidão, quando contraem dívidas com o patrão antes mesmo de começar a trabalhar e o salário é insuficiente para quitar o débito.

Nos últimos anos, o volume de pessoas que imigraram para a Europa disparou, em razão de uma grave crise humanitária em regiões da África e do Oriente Médio. Somente no ano de 2015, o continente recebeu mais de 500 mil imigrantes e refugiados provenientes de países como Síria, Afeganistão, Somália, Nigéria, etc., segundo o Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (Acnur). Essas pessoas, que costumam enfrentar viagens arriscadas para atingir o continente europeu, fogem de perseguições políticas e religiosas, bem como de conflitos armados e guerras civis.

Em razão das diferenças sociais, étnicas e culturais, esses imigrantes costumam sofrer preconceito. Em alguns lugares, como Alemanha, Áustria e França, eles são vítimas frequentes da intolerância de grupos neonazistas. Muitos países vêm criando leis com o objetivo de restringir cada vez mais a presença de imigrantes com pouca qualificação profissional em seus territórios. Para conter o avanço de imigrantes e refugiados, países como Áustria, Eslovênia e Hungria cercaram parte de suas fronteiras.

Imigrante romena vive em uma propriedade industrial abandonada em Frankfurt, Alemanha. Foto de 2015. Cerca de uma dúzia de romenos vive nessa propriedade e sobrevive vendendo objetos coletados nas ruas em um mercado de pulgas local. Eles encontram a maioria de seus alimentos em latas de lixo. A Alemanha, assim como outros países da Europa ocidental, tem muitos imigrantes da Romênia. Enquanto muitos são qualificados e encontram empregos sazonais na construção e na agricultura, outros lutam para sair da miséria.



ORGANIZANDO AS IDEIAS



ATIVIDADES

- 1 Explique de que modo os avanços tecnológicos e as mudanças no perfil das empresas contribuíram para acelerar o processo de globalização em fins do século XX.
- 2 Explique o fortalecimento dos blocos econômicos regionais entre as últimas décadas do século XX e o primeiro decênio do século XXI e sua relação com os Estados nacionais.
- 3 Por que Coreia do Sul, Taiwan (Formosa), Hong Kong e Cingapura, entre outros países, foram chamados de Tigres Asiáticos?

INTERPRETANDO DOCUMENTOS: IMAGEM

ATIVIDADE

- 1 Observe atentamente a imagem a seguir. Trata-se de uma releitura da clássica obra *Guernica*, feita pelo artista espanhol Pablo Picasso em 1937. A releitura é resultado de um trabalho do caricaturista búlgaro Jovcho Savov e discute a questão dos refugiados no mundo globalizado. A partir da análise da imagem, bem como de seus conhecimentos históricos, responda ao que se pede.



Releitura de *Guernica*, sob a ótica do caricaturista J. Savov, 2015.

- a) Quais elementos da imagem permitem afirmar que o trabalho de Jovcho Savov é uma releitura da obra *Guernica* de Picasso?
- b) A obra do artista espanhol era uma representação dos horrores da guerra moderna, capaz de bombardear e matar populações civis indefesas. Por que o artista búlgaro realizou um diálogo com essa obra para representar a situação dos refugiados no mundo contemporâneo? Formule uma hipótese para responder a tal questionamento.
- c) Existem muitos grupos de refugiados no mundo globalizado. O trabalho de Savov faz referência aos refugiados sírios que buscam refúgio e proteção na Europa. O Brasil também vem recebendo um número significativo de refugiados nos últimos anos, como os próprios sírios e também haitianos. Pesquise sobre as condições dos refugiados no Brasil, destacando a maneira como são recebidos pelo governo e pela sociedade. Depois, discuta com os colegas o que descobriu sobre o tema e monte coletivamente um mural sobre a questão dos refugiados.

4 Ciranda financeira

Como vimos no Capítulo 10, os adeptos do neoliberalismo econômico defendem que os governos eliminem entraves às oportunidades de negócios ou que não tenham poder para diminuir os lucros das empresas.

Amparados nessas ideias, o governo dos Estados Unidos e organismos como o FMI, o Banco Mundial e bancos internacionais passaram a pressionar os governos de diversos países para afrouxar a regulamentação sobre seus sistemas financeiros.

A pressão surtiu efeito. Com regras menos rígidas, as instituições financeiras passaram a realizar operações de alto risco, que antes eram proibidas. O setor financeiro e os especuladores passaram a participar dessas operações, atraídos pelos altos lucros que elas ofereciam.

Com mais dinheiro em caixa, os bancos estadunidenses concediam grandes volumes de empréstimos a juros baixos para pessoas ou companhias interessadas na compra de imóveis. Muitas vezes, os bancos sequer se asseguravam de que essas pessoas tinham condições de quitar suas hipotecas.

Por meio de sofisticados mecanismos financeiros, os bancos transformavam as dívidas de seus clientes em títulos negociáveis. Como o preço dos imóveis estava em alta, a aquisição desses títulos gerava a perspectiva de bons lucros. Assim, esses títulos foram vendidos a outros bancos, instituições financeiras, seguradoras e fundos de pensão do mundo inteiro.



Chris Ratcliffe/Bloomberg/Getty Images

Manifestantes carregam bandeiras pelo oxi (“não”) às medidas de austeridade em Atenas, Grécia, 2015. Os reflexos da crise iniciada em 2007 levaram os países europeus a implementar determinações que provocaram desemprego e redução de direitos trabalhistas nos anos seguintes.

FILME

Veja o filme *Trabalho interno*, de Charles H. Ferguson, 2010. O documentário expõe de que maneiras os grandes operadores do mercado financeiro internacional, com o apoio de governos e políticos influentes, construíram a crise global iniciada em 2007.

Mundo em crise

Essa cadeia sofreu um forte abalo quando o governo dos Estados Unidos aumentou a taxa básica de juros para conter a inflação. Essa elevação provocou um significativo aumento no valor da dívida de quase dois milhões de compradores de imóveis, que ficaram sem condições de quitar suas hipotecas. O calote atingiu níveis cada vez mais elevados, muitos compradores perderam suas residências e o não pagamento deixou os bancos sem liquidez: sem dinheiro em caixa, eles não podiam nem continuar fazendo empréstimos, nem pagar os juros de quem investiu em seus títulos.

Em meados de 2007, o sistema financeiro entrou em uma crise que chegou ao auge em 2008. Empresas de financiamento, agências de hipotecas, seguradoras e bancos de diversas partes do mundo decretaram falência, e as bolsas de valores despencaram, o que causou significativas perdas para investidores e empresas. As perdas chegaram a 50 trilhões de dólares.

Em alguns países, como a Inglaterra, as pessoas sacaram todas as suas economias. Diversos países entraram em recessão, o que gerou uma grande alta nas taxas de desemprego. O FMI chegou a classificar a **crise** como a mais grave desde 1929. Essa crise reforçou ainda mais as desigualdes sociais ao redor do mundo.

O impacto da crise só não foi maior porque os governos deixaram de lado preceitos do neoliberalismo e intervieram no mercado, estatizando bancos ou emprestando dinheiro para que as instituições saldassem dívidas e garantissem o dinheiro na conta de seus correntistas. No começo de 2016 a crise ainda era intensa em boa parte dos países do planeta (veja o boxe a seguir).

DIALOGANDO
COM... SOCIOLOGIA

Mundo multipolar

O globo é assolado por crises: mudança climática, escassez de recursos, crises financeiras e de alimentos, proliferação nuclear e Estados falidos. Nenhum país sozinho consegue imaginar soluções para esses problemas. A própria ONU não está à altura da tarefa. Na realidade, como admitiu o primeiro-ministro britânico Gordon Brown [que ocupou o cargo entre 2007 e 2010], as organizações internacionais fundadas após a Segunda Guerra Mundial deixaram de atender às necessidades atuais.

A guerra do Iraque acabou com o sonho de uma era de “imperialismo liberal”, na qual os Estados Unidos disseminariam seus ideais por meios coercitivos. A crise financeira dos últimos anos acelerou ainda mais a mudança do equilíbrio do poder, dos Estados Unidos e da Europa para Índia, China, Rússia e países do Golfo Pérsico.

Novas alianças que coloquem um grupo de países contra outro não poderão resolver os desafios do século XXI. Novas formas de cooperação, de consulta e de compromisso internacionais, porém, terão um papel central em um mundo multipolar. O desafio será a elaboração de uma nova estrutura internacional e um equilíbrio organizado de interesses.

Texto elaborado com base em: NOWAK, Wolfgang. O fim do sonho da superpotência. *GVces* (Centro de Estudos em Sustentabilidade da Fundação Getúlio Vargas), São Paulo. Disponível em: <<http://gvces.com.br/o-fim-do-sonho-da-superpotencia?locale=pt-br>>. Acesso em: 22 abr. 2016.



Manifestantes ligados ao movimento Occupy Wall Street fazem rápida ocupação do Memorial do Vietnã, em Nova York, durante as manifestações trabalhistas do 1º de Maio de 2012. Esse movimento é formado por pessoas que criticam a ganância dos banqueiros e dos grandes capitalistas responsabilizando-os pela crise econômica.

5 Ascensão do fundamentalismo religioso

O fundamentalismo religioso é um fenômeno caracterizado pela forte influência da religião na cultura de um grupo social. Ele está presente em várias religiões, como o cristianismo, judaísmo, hinduísmo e também o islamismo. Os fundamentalistas defendem a obediência rigorosa e literal a um conjunto de princípios religiosos. No caso dos muçulmanos, os princípios encontrados no Alcorão, entendidos pelos fundamentalistas como eternos e imutáveis. Para o historiador Peter Demant, o fundamentalismo islâmico pode ser definido como uma ideologia política antimoderna, antissecularista e antiocidental, cujo projeto é “transformar a sociedade formalmente religiosa em uma comunidade religiosa voltada ao serviço a Deus e estabelecer o reino de Deus em toda a Terra”.

A expansão das riquezas promovida pela globalização teve benefícios, mas aumentou o desemprego e o empobrecimento de muitos setores da população de vários continentes. A diminuição do poder decisório dos Estados nacionais e a imposição da cultura globalizada sobre os valores culturais dos países periféricos agravaram a situação. No Irã, por exemplo, a proximidade da monarquia local com o Ocidente, justificada pelo petróleo abundante na região, causou uma revolta popular, a Revolução Islâmica (1979). O líder da oposição era o aiatolá Ruhollah Khomeini, que alertava a população sobre a desigualdade social causada pela má gestão do xá Reza Pahlevi.

A postura do novo governo era extremamente radical. Passaram a vigorar novas leis, baseadas no islamismo, e a ação de militantes islâmicos fez estadunidenses como reféns na embaixada dos Estados Unidos em Teerã. O Irã decretou o fim das afinidades com os Estados Unidos e o rompimento das relações diplomáticas entre os dois países.

Nesse contexto, grupos religiosos e políticos de países periféricos que se viam na mesma situação de exploração – como os do Oriente Médio e da África – passaram a recorrer ao fundamentalismo islâmico para enfrentar aquilo que consideram uma ameaça aos valores religiosos dos seus povos.

Alguns grupos fundamentalistas, como o Hamas e o Hezbollah, têm atuação e projeto político nacional restritos às fronteiras dos seus Estados Nacionais. Outros, como o Estado Islâmico e a Al-Qaeda, querem eliminar as fronteiras estatais e instituir um califado.

Com 1,6 bilhão de seguidores, o islamismo é a religião que mais cresce no mundo. A maioria dos muçulmanos encontra-se em países pobres ou em desenvolvimento, como Bangladesh, Egito, Índia, Iraque, Nigéria, Paquistão, Sudão e Indonésia. Essa situação favorece o crescimento dos grupos fundamentalistas nesses países, em especial extremistas empenhados na criação de sociedades regidas por uma interpretação estrita e questionável do Alcorão. Esses grupos atribuem a culpa pela situação de pobreza nessas regiões à exploração dos países desenvolvidos e à cultura ocidental.



Homenagem aos mortos dos ataques terroristas de 2015 na Place de la République (Praça da República) em Paris, França. Foto de 2015.

Quando a miséria gera fanatismo

A primeira organização de extremistas islâmicos de inspiração fundamentalista a realizar atos de grande repercussão mundial foi a Al-Qaeda. Ela surgiu durante a Guerra do Golfo (confronto entre Kuwait e Iraque), na qual os Estados Unidos apoiaram o Kuwait e instalaram tropas na península Arábica – berço do profeta Maomé e sede dos principais santuários do islã. A invasão ocidental somada à miséria e à destruição causadas pelo conflito criaram um cenário favorável ao fanatismo religioso. Osama Bin Laden (criador e líder da Al-Qaeda), apesar de se opor ao Iraque, não aceitava a permanência dos soldados estadunidenses na região e iniciou uma campanha de resistência contra os ocidentais que controlavam a região militarmente e tinham muita influência política. Militantes ligados a essa organização executaram, entre outros atentados, o que destruiu as torres gêmeas do World Trade Center, em Nova York, em 2001, no qual perderam a vida quase 3 mil pessoas.

O então presidente dos Estados Unidos, George W. Bush, reagiu declarando “guerra contra o terrorismo”.

“Guerra contra o terror”

No início de 2001, forças estadunidenses invadiram o Afeganistão, onde Bin Laden estaria escondido. A ação militar derrubou o governo dos religiosos fundamentalistas da milícia Talibã, que controlavam o país desde 1996. Cabe ressaltar que o Talibã é um grupo provincial e não participa de ataques aos países ocidentais. Além disso, apesar de ter sido destituído do governo formal, o grupo ficou ainda mais influente depois da invasão. Em março de 2003, os governos dos Estados Unidos e da Inglaterra lideraram uma coalizão militar que invadiu o Iraque e depôs o presidente Saddam Hussein, apesar da oposição do Conselho de Segurança da ONU, do governo de diversos países e da opinião pública internacional. A alegação de que o Iraque contava com armas de destruição em massa foi posteriormente desmentida por diversas autoridades.

Economicamente, a invasão impactou todo o mundo. Além de interromper a produção iraquiana de petróleo, a instabilidade política causada no Oriente Médio fez com que o preço do produto disparasse. Em 2003, quando os Estados Unidos chegaram à região, o preço do barril estava em torno de US\$ 25. Cinco anos mais tarde, em 2008, os preços chegaram a US\$ 140 por barril.

A retirada completa das tropas estadunidenses do Iraque aconteceu em 2011, depois de nove anos de ocupação. Já a ocupação do Afeganistão por forças estrangeiras deverá se prolongar por mais tempo. Embora a Otan tenha retirado suas tropas em 2014, o governo estadunidense prorrogou sua ação no país, alegando que era preciso treinar as forças armadas afegãs para enfrentarem o fortalecimento do Talibã.



Torres Gêmeas do World Trade Center, atingidas por aviões durante atentado terrorista em 11 de setembro de 2001.

Estado Islâmico e Boko Haram

Os métodos da Al-Qaeda serviram de modelo para um grupo que se organizou no noroeste do Iraque, ainda durante a ocupação estadunidense, e recentemente se expandiu para outras regiões. Liderado pelo iraquiano Abu Bakr al-Baghdadi, o autodenominado Estado Islâmico tornou-se conhecido ao disseminar pela internet vídeos de execuções de reféns e da destruição de monumentos históricos não identificados com a cultura islâmica. Tendo sob seu controle uma ampla área do Iraque e o leste da Síria, em junho de 2014, al-Baghdadi se declarou califa, o que gerou reações negativas da maior parte dos países de população muçulmana.

A situação da população síria já era dramática antes mesmo da tomada pelas forças do grupo fundamentalista, em 2013. Desde 2011, o país estava imerso em uma guerra civil entre defensores do ditador laico Bashar al-Asad – principalmente as forças armadas e milícias xiitas e alaúitas – e os di-

ferentes grupos que desejam tirá-lo do poder. Entre esses últimos, estão desde militantes por reformas democráticas (veja o box da página ao lado sobre a Primavera Árabe) até milícias fundamentalistas sunitas e de minoria étnica curda.



Jessy Olu/AP Photo/Glow Images

Moradores em frente às suas casas queimadas em ataques de militantes islâmicos na Nigéria. Foto de 2014.

Além de provocar milhares de mortes e a destruição da infraestrutura e das cidades sírias, o conflito levou mais de quatro milhões de sírios a deixar o país. Eles se refugiaram principalmente em países vizinhos, como Turquia, Líbano e Jordânia, ou nos países desenvolvidos da Europa.

Em março de 2015, outro grupo fundamentalista islâmico afiliou-se ao Estado Islâmico: o Boko Haram, que desde 2009 promove ataques terroristas e sequestros na Nigéria e atualmente controla o nordeste do país. O grupo, cujo nome significa “educação ocidental é proibida”, defende a implantação de um regime fundamentalista islâmico na região, de população majoritariamente muçulmana. Além disso, o Boko Haram promove ataques contra civis no sul da Nigéria, região de maioria cristã, e alvos do governo, visto como alinhado aos países ocidentais.

Desde a escalada dos conflitos, estima-se que mais de dois milhões de pessoas se deslocaram para outras regiões da Nigéria ou para países vizinhos, como Chade, Camarões e Níger.

VOCÊ SABIA?

A Primavera Árabe

Entre o fim de 2010 e 2011, ocorreu uma onda de protestos pró-democracia no norte da África e no Oriente Médio que ficou conhecida como Primavera Árabe. Em alguns países a manifestação levou à renúncia de presidentes. Esse foi o caso da Tunísia e do Egito, ambos governados por ditadores.

Por causa da grande repressão governamental contra os manifestantes, muitos movimentos se arrefeceram. Isso foi o que aconteceu na Argélia, Síria, Omã, Bahrein e Kuwait. Nos anos seguintes, as liberdades conquistadas em alguns desses países sofreram retrocessos: em 2013, um golpe militar derrubou o governo egípcio eleito democraticamente.



Christopher Furlong/Getty Images

A chamada Revolução de Jasmim levou à renúncia do ditador Zine Ben Ali e à realização de eleições livres. Foto de manifestação em Túnis, Tunísia, 2011.



ENQUANTO ISSO...

Movimentos antiglobalização

Ao mesmo tempo em que o neoliberalismo se fortaleceu a partir das últimas décadas do século XX, sua oposição também cresceu em diversos lugares do mundo. Conhecidos genericamente como **movimentos antiglobalização**, esses movimentos são formados por grupos variados que fazem oposição ao capitalismo financeiro internacional e aos acordos comerciais de livre-comércio. Também se manifestam contra a degradação ambiental provocada por indústrias, contra o uso do trabalho infantil, a exploração dos trabalhadores, etc.

Um dos primeiros marcos antiglobalização ocorreu em novembro de 1999 em Seattle (Estados Unidos). A cidade estava se preparando para a rodada de negociação da Organização Mundial do Comércio (OMC), que trataria de livre-comércio em escala mundial. Cerca de 100 mil manifestantes foram às ruas para protestar contra o encontro.

Outro grande acontecimento desses movimentos começou em 2011, quando centenas de milhares de pessoas acamparam em barracas nas ruas de diversas cidades do mundo para protestar contra a crise econômica iniciada em 2007-2008 e contra a impunidade dos responsáveis. Os grupos escolhiam, principalmente, lugares simbólicos do capitalismo para montar os



Juan Medina/Reuters/Latinstock

O deputado do partido Podemos, Alberto Rodriguez, discursa na sessão inaugural do parlamento espanhol em Madri, Espanha, 2016.

acampamentos. O fenômeno ficou conhecido pelo termo *occupy* acompanhado pelo nome da cidade ou do local específico onde ocorriam as manifestações. Um dos primeiros foi o de Nova York. Ficou conhecido como Occupy Wall Street (Ocupem Wall Street) por ter ocorrido em Wall Street, a rua que abriga a bolsa de valores da cidade. Essa tática de protesto se espalhou para diversos lugares do mundo.

Nos anos seguintes, esses movimentos cresceram e se tornaram mais coesos, passando até a participar de eleições. Na Grécia, por exemplo, a Frente da Esquerda Anticapitalista Grega (Antarsya, em inglês), organiza-se por meio de assembleias locais de militantes (municipais ou de bairro) que participam das eleições. A Espanha também tem um forte movimento anticapitalista, um de seus principais “braços” é o partido Podemos.



ESQUEMA-RESUMO

Mundo globalizado

A partir de 1991:

- Dissolução da União Soviética e aceleração da globalização
- Avanços tecnológicos nos meios de transporte e comunicação
- Formação das empresas transnacionais e de blocos econômicos
- Crescimento das desigualdades sociais

Início da crise no sistema financeiro internacional que agrava as contradições do mundo globalizado (meados de 2007)

Manifestações contra as desigualdades sociais (Occupy e Primavera Árabe): início da década de 2010

Christopher Furlong/Getty Images



Fortalecimento do fundamentalismo islâmico (entre o fim da década de 1999 e anos 2000)

“Guerra contra o terror” (2001)

Fortalecimento do Estado Islâmico na Síria e Iraque (2013-2014)

Fortalecimento do Boko Haram (2015)

- A partir das informações do esquema-resumo, bem como de seus conhecimentos, explique de que forma o processo de globalização provocou mudanças sociais no mundo a partir de 1991, bem como possibilitou o surgimento de novas formas de tensões e conflitos mundiais, como o fundamentalismo religioso e a guerra contra o terror.



ATIVIDADES

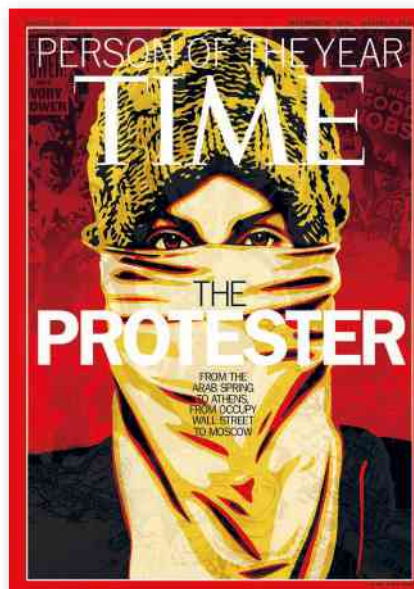
ORGANIZANDO AS IDEIAS



- 1 O processo de globalização e as transformações no sistema capitalista tiveram efeitos sociais bastante negativos para a população, como o aumento do desemprego. Explique como se deu esse processo.
- 2 Durante a Guerra Fria, o mundo estava organizado em uma ordem bipolar. Com o fim da União Soviética e do bloco comunista, essa ordem bipolar foi substituída por um mundo multipolar. O que significa falar em mundo multipolar e quais desafios essa nova ordem internacional precisa enfrentar no presente?
- 3 A crise econômica de 2008 foi provocada pelas transformações do mercado financeiro global. Explique de que modo a desregulamentação desse mercado, o crescimento do volume de negócios e a ampliação dos empréstimos no mercado imobiliário estadunidense foram fatores fundamentais para desencadear a crise.
- 4 Por que as medidas econômicas adotadas pelo governo da Europa e dos Estados Unidos diante da crise financeira de 2008 contrariam os princípios do neoliberalismo?
- 5 A expansão do fundamentalismo islâmico é tratada pela imprensa dominante como um fenômeno com origens na própria religião muçulmana. Elabore outra explicação para esse fenômeno tendo em vista o processo de globalização.
- 6 O Estado Islâmico e o Boko Haram são exemplos de grupos que promovem ações violentas contra populações civis apoiados em uma interpretação literal do Alcorão. Explique o que são esses grupos.

INTERPRETANDO DOCUMENTOS: IMAGEM

- 1 Observe a imagem ao lado. Trata-se da capa da edição especial da revista americana *Time*. Anualmente, essa revista elege uma personalidade do ano, por conta de suas realizações positivas ou negativas, que influenciaram o mundo naquele ano. A capa selecionada é da edição de 2011, que elegeu como personalidade do ano o manifestante. A partir da análise da imagem, responda ao que se pede.
 - a) A capa da revista foi produzida em 2011. Qual era o contexto histórico que justifica a escolha do manifestante como a personalidade do ano naquele momento?
 - b) O desenho do manifestante permite situá-lo em algum país específico? Por que a revista decidiu representá-lo dessa maneira? Formule hipóteses para responder aos questionamentos.
 - c) A capa é um registro do começo da década de 2010. Você acredita que a figura do manifestante continua relevante? Justifique sua resposta com exemplos concretos.



Reprodução/Time Inc.

O manifestante foi o escolhido pela *Time* em 2011.



TESTE SEU CONHECIMENTO

1 (Unicamp-SP)

Desde a queda do império comunista na Europa, nos anos 1989-1991, assiste-se a uma nova forma de messianismo político que consiste em impor o regime democrático e os direitos humanos pela força.

(Adaptado de Tzvetan Todorov, *Os inimigos íntimos da democracia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012, p. 55.)

O quadro descrito pelo texto pode ser analisado

- a) como herança das lutas anticoloniais exemplificada na organização em torno do Estado multiétnico, como ocorreu na África do Sul.
- b) como parte da nova ordem mundial sob a liderança dos EUA e seu poder bélico em regiões como a Síria e o Afeganistão.
- c) como o estabelecimento de um princípio que desestabiliza as lógicas internas de organização, como ocorreu no Iraque e na ex-Iugoslávia.
- d) como herança da Guerra Fria e como utilização da lógica militar que inviabiliza a adoção da democracia em regiões como a Ucrânia.

2 (Fuvest-SP)

O processo de expansão das características multilaterais do sistema ocidental nas diversas áreas do mundo conheceu crescente impasse a partir do início do novo século. A sustentabilidade de um sistema substancialmente unipolar mostrou-se cada vez mais crítica, precisamente em face das transformações estruturais, ligadas, antes de mais nada, ao crescimento econômico da Ásia, que pareciam complementar e sustentar a ordem mundial do pós-Guerra Fria. A ameaça do fundamentalismo islâmico e do terrorismo internacional dividiu o Ocidente. O papel de pilar dos Estados Unidos oscilou entre um unilateralismo imperial, tendendo a renegar as próprias características da hegemonia, e um novo multilateralismo, ainda a ser pensado e definido.

Silvio Pons. *A revolução global: história do comunismo internacional (1917-1991)*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2014.

O texto propõe uma interpretação do cenário internacional no princípio do século XXI e afirma a necessidade de se

- a) valorizar a liderança norte-americana sobre o Ocidente, pois apenas os Estados Unidos dispõem de recursos financeiros e militares para assegurar a nova ordem mundial.
- b) reconhecer a falência do modelo comunista, hegemônico durante a Guerra Fria, e aceitar a vitória do capitalismo e da lógica multilateral que se constituiu a partir do final do século XX.
- c) combater o terrorismo islâmico, pois ele representa a principal ameaça à estabilidade e à harmonia econômica e política entre os Estados nacionais.
- d) reavaliar o sentido da chamada globalização, pois a hegemonia política e financeira norte-americana tem enfrentado impasses e resistências.
- e) identificar o crescimento vertiginoso da China e reconhecer o atual predomínio econômico e financeiro dos países do Oriente na nova ordem mundial.

3 (IFSC)

Em meados da década de 1970, começou um período que muitos analistas chamam de Terceira Revolução Industrial, com o desenvolvimento da microeletrônica e das comunicações pela criação das redes de computadores, fibra óptica e satélites que proporcionaram o processamento e a difusão de informações numa velocidade cada vez maior. A facilidade de comunicação e transporte possibilitaram a expansão de empresas transnacionais pelo mundo todo.

Adaptado de MORENO, Jean Carlos; GOMES, Sandro Vieira. *História: cultura e sociedade. Ensino Médio*, Curitiba: Ed. Positivo, 2010, p. 324.

Sobre a globalização assinale a alternativa correta.

- a) Um dos efeitos da globalização foi o fim das crises econômicas em cadeia, pelo fato de a economia mundial ser coordenada por instituições centralizadas que planejam as ações financeiras em todo o mundo.
- b) As fusões e aquisições de grandes empresas impediram a mundialização do comércio, das indústrias e do capital financeiro, fortalecendo o mercado local.

P A citação à rede de *fast-food*, na questão do vestibular da UFPR, foi utilizada exclusivamente com fins didáticos e com o devido cuidado de não recomendar quaisquer de seus produtos nem a empresa.

- c) Podemos citar, como característica da globalização, a formação de oligopólios transnacionais, em vários ramos da indústria, do setor de serviços e na área financeira.
- d) O discurso político-econômico conhecido como neoliberalismo desenvolveu um conjunto de ideias que acabou gerando forte reação contra a globalização.
- e) O processo de internacionalização da economia, incluindo o fim dos países comunistas, contribuiu significativamente para a paz mundial levando à falência a indústria bélica.

4 (Uerj) Observe a imagem abaixo, do episódio ocorrido nos EUA, no dia 11 de setembro de 2001.



Reprodução/Robert Clark/UERJ, 2013

A queda das torres do World Trade Center foi certamente a mais abrangente experiência de catástrofe que se tem na História, inclusive por ter sido acompanhada em cada aparelho de televisão, nos dois hemisférios do planeta. Nunca houve algo assim. E sendo imagens tão dramáticas, não surpreende que ainda causem forte impressão e tenham se convertido em ícones. Agora, elas representam uma guinada histórica?

ERIC HOBSBAWM (10/09/2011)

A guinada histórica colocada em questão pelo historiador Eric Hobsbawm associa-se à seguinte repercussão internacional da queda das torres do World Trade Center:

- a) concentração de atentados terroristas na Ásia Meridional
- b) crescimento do movimento migratório de grupos islâmicos
- c) intensificação da presença militar norte-americana no Oriente Médio
- d) ampliação da competição econômica entre a União Europeia e os países árabes

5 (UFPR) A rede de *fast-food* McDonald's existe desde os anos 1950, mas somente a partir dos anos 1980 se tornou um dos símbolos do capitalismo norte-americano globalizado. Juntamente com o seu famoso sanduíche Big Mac, vendido mundialmente, a empresa também é conhecida por produzir sanduíches e pratos adaptados ao gosto regional de cada país: na Índia, onde a vaca é um animal sagrado, existe o McCurry Pan, nas versões vegetariana e com frango; na Indonésia e em Taiwan, é vendido o McRice Burger, um sanduíche que substitui o pão por massa à base de arroz; em Israel, existe o McShwarma, um sanduíche kosher (que segue os padrões religiosos judaicos de preparação de alimentos); dentre vários exemplos. Considere as afirmativas abaixo sobre o caráter da globalização associado a essa estratégia do McDonald's:

1. No caso do McDonald's, a globalização também é conhecida como "glocalização" – a articulação entre a oferta global de produtos e o preenchimento de demandas locais.
2. Nesse caso específico, a rede norte-americana oferece produtos regionais para facilitar sua aceitação em países tradicionalmente inimigos dos Estados Unidos, permitindo que a população reveja suas resistências.
3. A adaptação do cardápio norte-americano aos gostos locais é um exemplo da complexa relação que a globalização estabelece no cotidiano das pessoas em várias partes do mundo, tornando questionável a ideia de que esse fenômeno representaria somente a homogeneização ou americanização dos costumes.
4. Os exemplos citados mostram o esforço da rede norte-americana em competir com a culinária local, oferecendo opções mais baratas e saudáveis para seus consumidores, a fim de ampliar seu mercado. Assinale a alternativa correta.
 - a) Somente a afirmativa 1 é verdadeira.
 - b) Somente a afirmativa 4 é verdadeira.
 - c) Somente as afirmativas 2 e 4 são verdadeiras.
 - d) Somente as afirmativas 1 e 3 são verdadeiras.
 - e) Somente as afirmativas 2 e 3 são verdadeiras.

HORA DE REFLETIR



- Um dos maiores problemas éticos do mundo é a pobreza. Quase 10% da população mundial vive em estado de pobreza extrema e outra grande parcela da população vive com recursos mínimos para a sobrevivência. Esses níveis impedem o pleno exercício da democracia e impossibilitam que um número elevado de pessoas tenha condições para uma vida satisfatória e com direitos sociais plenos.
- 1 Reúna-se em grupo e discutam uma ação de conscientização das implicações éticas e políticas da pobreza e da concentração de renda. É possível criar uma canção, uma charge, um vídeo curto, um poema, uma apresentação de imagens, entre outras possibilidades.
- 2 Depois de produzir o material, apresentem aos colegas e discutam as ideias trabalhadas.



MINHA BIBLIOTECA

PARA NAVEGAR

Rede europeia antipobreza. Site com dados estatísticos sobre a pobreza na Europa. Disponível em: <www.eapn.pt>. Acesso em: 5 abr. 2016.

Acnur. Página em português da agência da ONU para refugiados, inclui tira-dúvidas e dados sobre refugiados no Brasil. Disponível em: <www.acnur.org/t3/portugues>. Acesso em: 5 abr. 2016.

Biblioteca virtual de Direitos Humanos. Reúne documentos de diferentes entidades internacionais a respeito de direitos humanos, além da legislação nacional sobre o tema. Disponível em: <www.direitoshumanos.usp.br>. Acesso em: 5 abr. 2016.



Reprodução <<http://www.direitoshumanos.usp.br>>

Museu virtual do cartum. Site reúne trabalho de cartunistas de diversos lugares do mundo. Disponível em: <www.cartoonvirtualemuseum.org/i_abertura_f.htm>. Acesso em: 5 abr. 2016.

PARA LER

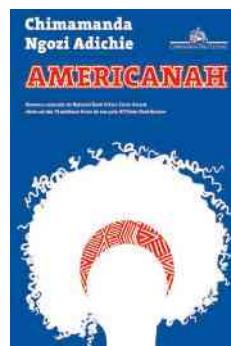
Globalização, democracia e terrorismo, de Eric Hobsbawn, Companhia das Letras. A coletânea traz textos e conferências do historiador britânico sobre temas centrais do mundo no século XXI, como a hegemonia dos Estados Unidos e do livre-mercado.

Viva a revolução, de Robert Crumb, editora Veneta. Coletânea do quadrinista estadunidense conhecido por sua ácida crítica social reúne histórias em que temas como degradação ambiental, discriminações e extremismo político são tratados de forma sarcástica.



Reprodução: Editora Veneta

Amerikanah, de Chimamanda Ngozi Adichie, editora Companhia das Letras. Uma jovem universitária nigeriana busca novas oportunidades nos Estados Unidos, onde enfrenta discriminações por ser mulher, negra e estrangeira. Quinze anos depois, ela retorna à Nigéria para encontrar outra realidade.



Reprodução: Editora Companhia das Letras

Desafios para um Brasil democrático

Em abril de 1996, 19 sem-terra foram assassinados pela polícia do estado do Pará, no município de Eldorado dos Carajás. Até maio de 2016 ninguém havia sido punido. O caso e a impunidade de seus mandantes representam uma pequena parcela da situação no campo. Em 2015 o Brasil ganhou, pela quarta vez consecutiva, o primeiro lugar no *ranking* mundial de violência no campo, segundo a ONG internacional Global Witness.

Além da violência no campo, a população brasileira sofre com diversos outros tipos de violência, promovidos pela ação ou pelo descaso dos governos – frequentemente, as ações policiais são abusivas, principalmente contra jovens pobres e negros. Outras violências são perpetuadas por preconceitos e intolerâncias. No Brasil, a média anual de mortes no trânsito – provocadas quase sempre por excesso de velocidade e/ou embriaguez –, por exemplo, é de 45 mil pessoas. Além disso, o machismo ceifa a vida de quase 5 mil mulheres e a homofobia é responsável pela morte de 400 pessoas todos os anos.

Embora o Brasil tenha alcançado diversas conquistas nos últimos anos – como ter saído do **mapa da fome** –, ainda há muito a ser feito para que se torne um país mais justo, igualitário e tolerante. Neste capítulo estudaremos algumas das contradições que marcam o Brasil contemporâneo.

Mapa da fome:

relatório da Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura (FAO) sobre a situação da fome e da subalimentação no mundo. Segundo o relatório, entre 2002 e 2014, o Brasil reduziu em 82% a população de brasileiros em subalimentação, e sua política de combate à fome passou a ser recomendada a outros países.

Nativos das etnias Kayapó e Pataxó formam uma linha em posição de batalha durante protesto em frente ao Congresso enquanto a lei que altera a demarcação de suas terras é discutida. A disputa por terras indígenas tem sido um dos principais fatores para a violência no campo. Brasília, DF, 2015.

OBJETIVOS DO CAPÍTULO

- Analisar as principais transformações socioeconômicas e políticas do Brasil a partir da década de 1980.
- Conhecer alguns aspectos da Constituição de 1988 que foram fundamentais para o fortalecimento da democracia no Brasil.
- Compreender as disparidades e as contradições da sociedade brasileira atual, assim como identificar os desafios a serem vencidos.
- Reconhecer, no conceito da Unidade – ética –, um importante valor universal de conduta, orientador das relações individuais e sociais.

1 Consolidação democrática

Durante as últimas três décadas, o Brasil passou por transformações que modificaram profundamente o perfil da nação. Essas mudanças foram resultado de uma conjunção de fatores externos – como o processo de globalização – e internos – como a definição de novas prioridades políticas, econômicas e sociais.

Na política, vem sendo construído um caminho de fortalecimento e estabilização da democracia, que nos primeiros 100 anos da República já sucumbiu algumas vezes ao autoritarismo.



Gilberto Alves/CBID A Press

Tancredo Neves durante eleição indireta para presidente da República no Colégio Eleitoral, no Congresso Nacional. Brasília, DF, 1985.

Constituição Cidadã

Promulgada em outubro de 1988, a atual Constituição brasileira foi a primeira a aceitar emendas populares. Assim, de 1986 a 1988, enquanto os constituintes discutiam sua elaboração, grupos com orientação política de esquerda e de direita – sindicatos, artistas, proprietários rurais, pastorais eclesiais, etc. – apresentaram suas propostas aos parlamentares.

Essa mobilização foi fundamental para que a Carta Magna de 1988 apresentasse importantes avanços na área de **direitos individuais e coletivos**. Em razão disso, o então presidente do Congresso, o deputado Ulisses Guimarães, chamou-a de **Constituição Cidadã** (veja a seção *Passado presente* a seguir).

Passados cerca de 30 anos desde que a nova Carta entrou em vigor, diversas garantias, como as que asseguram a efetiva aplicação das leis trabalhistas para todos os trabalhadores ou as que impedem a prática de violência por parte do Estado, nem sempre são cumpridas. Prova disso são as constantes denúncias de casos de trabalhadores em regime análogo à escravidão ou de violências praticadas por policiais.



Uma obra em andamento

Professor(a), veja no Procedimento Pedagógico deste capítulo uma sugestão de **Atividade Alternativa** para aprofundar o tema da Constituição.

Por decisão dos constituintes de 1988, diversos dispositivos da Constituição seriam regulamentados posteriormente, após mais discussões na sociedade. Assim, depois que a Carta entrou em vigor, 352 dispositivos ficaram aguardando a edição de leis ordinárias ou complementares, entre eles os que preveem reformas nos sistemas político e tributário.

Em 2015, quase trinta anos depois, 250 dispositivos haviam sido regulamentados, mas outros 115 ainda aguardavam a aprovação de suas respectivas leis por parte do Congresso. Desse total, 27 nem sequer contavam com propostas a serem debatidas entre os parlamentares.

Entre 1988 e 2015 a Constituição brasileira foi alterada por medidas previstas em noventa emendas. Uma das mais significativas foi a emenda número 16, aprovada em 1997, que reduziu de cinco para quatro anos o mandato do presidente, dos governadores e dos prefeitos e permitiu a reeleição desses gover-

nantes para um segundo mandato consecutivo. Veja outras novidades estabelecidas pela Constituição de 1988:

- Fim da censura prévia às artes e aos meios de comunicação.
- Proibição à prática de tortura.
- Criação do *habeas data*, instrumento jurídico que permite a qualquer pessoa ter acesso às informações a seu respeito em poder de órgãos públicos.
- Ampliação da licença-maternidade para 120 dias (a partir de 2012, prorrogável a um total de 180 dias, mediante solicitação da empresa) e criação da licença-paternidade, de cinco dias.
- Jornada de trabalho semanal máxima de 44 horas.
- Aplicação da reforma agrária em terras consideradas improdutivas.
- Voto facultativo para jovens de 16 a 18 anos.



Zanone Freissat/Folhapress

Integrantes do Movimento dos Trabalhadores Sem-Teto (MTST) carregam faixas e bandeiras durante manifestação por melhoria de moradia, em São Paulo, SP, 2014. O direito à moradia foi reconhecido explicitamente na Constituição brasileira por meio de emenda aprovada no ano 2000, mas ainda não está garantido na prática.

SUA OPINIÃO

- Em dupla ou trio, discutam se os direitos aprovados na Constituição de 1988 são ou não respeitados em nosso país. Em um cartaz, façam uma coluna enumerando os direitos que vocês consideram que estejam sendo respeitados e outra com os direitos que ainda não estão garantidos para a maioria da população. Apresentem o resultado à classe e debatam o assunto, levantando sugestões para assegurar os direitos que ainda não são garantidos para a maioria da população brasileira.

Balança comercial: relação entre as exportações e as importações de um país. Quando o valor das exportações excede o das importações, o país apresenta *superavit* e torna-se credor estrangeiro. Quando o valor das importações supera o das exportações, o país está em dívida com o estrangeiro e apresenta um *deficit* em sua balanço comercial.

Inflação: aumento persistente e acentuado dos preços em geral, do qual resulta uma contínua perda do poder aquisitivo da moeda.

FILME

Veja o filme *Terra estrangeira*, de Walter Salles e Daniela Thomas, 1996. Abalado pela morte da mãe e prejudicado pelas medidas de um pacote econômico, Paco aceita levar uma encomenda misteriosa para Portugal.

2 Década perdida

Entre meados das décadas de 1980 e 1990, o Brasil enfrentou uma profunda crise econômica e financeira. Ela foi marcada pelos elevadíssimos índices inflacionários, pelo aumento da dívida externa e por uma grande recessão, que provocou o aumento do desemprego e a diminuição do poder aquisitivo da população. Muitos analistas econômicos denominam esse período de “década perdida”.

A crise foi desencadeada por diversos fatores, como o endividamento externo ocorrido na década de 1970. Como vimos no Capítulo 9, a política de desenvolvimento durante a ditadura civil-militar brasileira foi marcada pela **intervenção do Estado na economia**. O governo implantou uma política protecionista que restringia a importação de produtos e oferecia grandes subsídios à iniciativa privada nacional. Além disso, diversas empresas que atuavam em setores diferenciados da economia (siderurgia, geração de energia, telefonia, etc.) pertenciam ao Estado – as chamadas **estatais**.

Em 1979, as taxas de juros internacionais subiram rapidamente, o que levou a um aumento significativo do montante a ser pago aos credores internacionais. Os Estados Unidos – então o principal parceiro comercial do Brasil – diminuíram seus gastos com artigos importados, por causa da crise do petróleo. Com isso, a **balança comercial** brasileira entrou em *deficit*.

Tudo isso levou a uma forte crise econômica. A produção industrial caiu, o *deficit* público aumentou e a **inflação** passou a crescer em um ritmo cada vez maior. A dívida externa, que em 1969 era de 4,3 bilhões de dólares, em 1990 havia saltado para 124 bilhões de dólares. A partir de 1979, a taxa anual de inflação permaneceu sempre com índices superiores a 50%. Em 1985, quando **José Sarney se tornou o primeiro civil a governar o Brasil desde 1964**, ela ultrapassava 200%.

Cinco anos mais tarde, em março de 1990, quando **Fernando Collor tomou posse na Presidência**, a inflação já era da ordem de 84% ao mês. Assim, o preço das mercadorias quase dobrava entre o começo e o fim de cada mês. A pobreza crescia, pois o salário dos trabalhadores não subia no mesmo ritmo em que os preços aumentavam.

Para tentar conter o aumento dos preços, entre 1986 e 1993 o governo colocou em prática uma série de planos de estabilização econômica que, em geral, praticavam o controle de preços e **salários**. Entretanto, a inflação baixava por alguns meses e voltava a subir em pouco tempo, corroendo novamente os salários.

Consumidora passa por prateleiras vazias em supermercado na capital de São Paulo, em 1986. Quando o governo impôs o congelamento de preços e salários para conter a inflação, muitos comerciantes preferiram não expor seus produtos à venda.



Arquivo do Jornal O Estado de S. Paulo/Agência Estado

Tempos de estabilidade e crescimento

A estabilidade econômica só seria alcançada durante o governo do presidente **Itamar Franco (1992-1994)**, que sucedeu Collor quando este renunciou, em 1992.

Fernando Collor de Mello (1990-1992) foi o primeiro presidente escolhido por meio de eleições livres e diretas desde 1960. Envolvido em denúncias de corrupção, tráfico de influência e pressionado por grandes manifestações populares, ele renunciou quando o Congresso abriu seu processo de **impeachment**.

Impeachment: medida pela qual se destitui, mediante deliberação do poder Legislativo, o ocupante do cargo governamental que pratica crime de responsabilidade.

Andre Pemmer/Editora Abril



Manifestantes ocupam o vale do Anhangabaú, no centro de São Paulo, durante mobilização a favor do **impeachment** do então presidente Fernando Collor de Mello, acusado de corrupção e tráfico de influência. Foto de 1992.

Em 1993, o governo Itamar pôs em prática o Plano Real, que previa uma diminuição gradativa dos índices inflacionários. Em 1994, o cruzeiro real foi substituído pelo **real**, moeda que circula no Brasil atualmente.

A estabilidade alcançada pela moeda e o controle da inflação fizeram com que o então ministro da Fazenda, **Fernando Henrique Cardoso (FHC)**, se tornasse conhecido em todo o país. Candidato à presidência, venceu o pleito de 1994 e foi reeleito em 1998.

Com a estabilização da moeda, o governo FHC reorganizou as regras do sistema bancário e renegociou as dívidas dos governos estaduais para fortalecer a economia. Uma medida significativa foi a **Lei da Responsabilidade Fiscal**, aprovada em 2000, que impede prefeitos, governadores e o presidente da República de gastar mais do que o estabelecido pelo orçamento público.

Desde meados da década de 1990 até 2014, houve um período favorável para a economia brasileira. Em 2010, no final do **segundo governo do presidente Luiz Inácio Lula da Silva (2007-2010)**, o PIB brasileiro aumentou 7,5%.

Como resultado, o desemprego diminuiu e o poder aquisitivo de setores das camadas mais pobres da população cresceu. As pessoas passaram a consumir cada vez mais bens e serviços aos quais até então não tinham acesso. De acordo com um estudo da Fundação Getúlio Vargas realizado em 2012, a classe média representa mais da metade da população brasileira (55,5%). Em 2002, ela representava 44,19% da população.



Egberto Nogueira/Abri/Imagem

A chamada Unidade Real de Valor (URV), atrelada ao dólar, garantiu a estabilização dos valores durante a transição do cruzeiro real para o real. Na foto, preços de bens de consumo informados em cruzeiros reais (CR\$) e os equivalentes em URVs, unidade de valor que sofria atualização diária. São Paulo, SP, 1994.

Recessão econômica

Ao lado da grande exportação de *commodities*, que favoreceu a balança comercial brasileira, o crescimento do consumo interno foi o principal motor da expansão econômica no final da primeira década do século XXI. Essa combinação de fatores permitiu que, em um primeiro momento, o país se recuperasse rapidamente da crise econômica mundial de 2008. Como vimos no Capítulo 11, esses fatores levaram muitos economistas a colocar o Brasil entre as quatro principais economias emergentes do mundo, ao lado da Rússia, da Índia e da China.

Por diversos motivos, a partir de 2014 observou-se uma piora nos indicadores econômicos brasileiros, o que levou o país a entrar em recessão. A conjuntura internacional permaneceu desfavorável, com recuperação mais lenta do que o previsto e queda do preço dos principais produtos de exportação nacionais. Além disso, o governo havia aumentado, por sucessivos anos, despesas e subsídios a fim de incentivar a economia interna por meio de programas sociais, mas não obteve o retorno esperado em aumento da arrecadação.

Outro problema foi o congelamento de tarifas como a da eletricidade e de combustíveis. Com isso, o governo e as empresas se endividaram, e o reajuste feito posteriormente levou a uma alta da inflação. Para evitar uma alta ainda maior, o Banco Central elevou os juros, medida que desestimula o crescimento da economia. Dessa maneira, em 2015, além da queda do PIB, houve uma rápida elevação do desemprego: após anos de constante queda, esse índice subiu de 6,5% para 9% em um ano.

O acesso ao crédito contribuiu para a movimentação da economia no início do século XXI. Centros comerciais como *shoppings centers* costumam concentrar as atividades de compra e venda e têm alta circulação de consumidores em temporadas como o Natal. Foto de *shopping center* em São Luís do Maranhão, em dezembro de 2012.



Maurício Alexandre/OLMP/D.A. - Press

3 Do protecionismo ao neoliberalismo

No início dos anos 1980, a economia do Brasil era uma das mais fechadas do mundo. Os produtos estrangeiros tinham uma tributação elevada, o que aumentava seus preços. Além disso, vigorava no país a Lei do Similar Nacional, que proibia a importação de artigos (mesmo que fossem de melhor qualidade) caso houvesse algum similar produzido no Brasil. Essa proibição estimulou a prática do contrabando.

A política protecionista fez com que o parque industrial brasileiro se tornasse tecnologicamente desatualizado, e muitos produtos deixavam a desejar em termos de qualidade. O consumo, por sua vez, era baixo, devido à pobreza de amplos setores da população e à crise econômica. A maior parte dos empresários não modernizava seus empreendimentos nem expandia a capacidade de produção de suas empresas pelos mesmos motivos. Era preferível investir o capital na especulação financeira, que garantia altos lucros em razão dos índices inflacionários.

Os investimentos públicos na área de infraestrutura também haviam sido reduzidos ao longo dos anos 1980.

O governo Collor promoveu a abertura do mercado ao comércio exterior, visando uma adequação à globalização. Para tanto, foram reduzidas as taxas de importação e eliminadas as restrições à entrada de produtos estrangeiros no Brasil.

Com a chegada dos artigos importados, os empresários constataram que, se não aprimorassem a qualidade de seus produtos, teriam dificuldades para competir com os concorrentes estrangeiros. Houve uma onda de investimentos em automação das linhas de produção, o que tornou suas empresas mais competitivas, mas levou muitos trabalhadores ao desemprego.

Diversas empresas não puderam arcar com os custos da modernização e fecharam suas portas, deixando milhares sem trabalho. Outra solução encontrada foi a demissão de funcionários e o repasse do serviço para empresas especializadas, que dispensam o pagamento de encargos trabalhistas – prática conhecida como **terceirização**. Houve também a formação de sociedades comerciais (fusões), o que contribuiu ainda mais para o aumento do desemprego.

Terceirização: prática que transfere para outras empresas alguns serviços, antes executados por funcionários contratados. Com a terceirização, a empresa delega a “terceiros” funções que fazem parte de seu processo produtivo. O objetivo da terceirização é reduzir custos de produção.



Norma Albano/Agência Estado

Vista aérea de fila de pessoas esperando para dar entrada no seguro-desemprego (benefício temporário concedido ao trabalhador desempregado) em região central de São Paulo, SP, 1992.

Privatizações

Ainda segundo os preceitos neoliberais, o governo Collor deu início à privatização de estatais, sob a alegação de que seriam deficitárias e pouco competitivas. O Programa Nacional de Desestatização, criado em 1990, permitia também que empresas estrangeiras comprassem estatais.

Essa política foi aprofundada durante os dois mandatos do presidente Fernando Henrique Cardoso (1995-1998; 1999-2002). O governo FHC autorizou a venda de diversas estatais, entre elas a Companhia Vale do Rio Doce, uma das maiores empresas produtoras e exportadoras de minério de ferro do mundo. O mesmo aconteceu com empresas de serviços públicos, como as de telecomunicações e energia elétrica, além das concessões de rodovias, portos, bancos estaduais, entre outros, que foram federalizados e depois vendidos à iniciativa privada.

Setores de esquerda questionaram as privatizações, alegando que a transferência do controle de empresas lucrativas (como a Vale) ou de áreas estratégicas da economia para a iniciativa privada enfraqueceria a soberania nacional e favoreceria a concentração de poder econômico. O governo argumentou que as empresas vendidas eram pouco competitivas, e que as privatizações melhorariam a qualidade dos serviços prestados.

Manifestantes durante protesto contra a privatização do sistema de hidrelétricas, realizado no centro de São Paulo, SP, 1999.



Milton Michida/Agência Estado

- 1 A Constituição Cidadã, promulgada em 1988, trouxe conquistas no campo dos direitos individuais e coletivos. Indique algumas dessas conquistas.
- 2 Explique a crise econômica e financeira dos anos 1980, tendo em mente o modelo de crescimento adotado pelo governo durante o regime militar.
- 3 O que o fim do protecionismo e a abertura do mercado na década de 1990, sob o governo de Fernando Collor, representaram para a economia brasileira?

4 Entre avanços e dificuldades sociais

Em 2003, o ex-metalúrgico **Luiz Inácio Lula da Silva** foi a primeira pessoa oriunda das classes populares a tornar-se presidente da República. Também foi a primeira vez que a população elegeu o líder de um partido de esquerda para conduzir a nação.

Em muitos aspectos, contudo, o governo Lula seguiu a política neoliberal de seu antecessor – manteve parte da equipe econômica do governo FHC; manteve ganhos dos grandes setores do capital, como os bancos; manteve aliança com partidos assumidamente neoliberais, etc. Diante disso, diversos grupos de esquerda romperam com o governo ainda durante o primeiro mandato.

O governo Lula pôs em prática, entretanto, uma política voltada para uma melhor distribuição de renda. Aumentou o salário mínimo com base em índices superiores aos da inflação, ampliou o crédito e diminuiu o desemprego. Implantou também um programa de transferência de renda aos mais necessitados.

Em 2016, mais de 13,9 milhões de famílias estavam contempladas por esse programa. Nesse período **Dilma Rousseff, primeira mulher presidente**, já estava em seu **segundo mandato**, iniciado em 2015. A contrapartida para ter direito ao benefício é manter as crianças da família na escola e vaciná-las regularmente.



Família de lavradores que recebem complemento de renda do programa governamental trabalhando na roça em Bom Jesus da Serra, BA, 2014.

A persistência da desigualdade



Morador de rua dorme enrolado em uma bandeira do Brasil, na porta de uma agência bancária. São Paulo, SP, 2014.

Nos últimos anos um dos avanços mais significativos do Brasil na área social foi na redução da pobreza. Entre 2001 e 2011, os 10% mais pobres do país tiveram um crescimento de renda acumulado de 91,2%, enquanto a parcela mais rica da população obteve, nesse mesmo período, um crescimento de 16,6%. Mesmo assim, a **concentração de renda continua a ser uma das mais elevadas do mundo**. De acordo com a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad), em 2013 o Coeficiente de Gini no Brasil era de 0,497 – quanto mais próximo o índice estiver de zero, mais igualitário será o país.

A concentração fundiária também é alarmante – uma das maiores do mundo. Segundo a série histórica do Censo Agropecuário, a **concentração da maior parte das terras do Brasil** nas mãos de um grupo reduzido de famílias de latifundiários praticamente não se alterou.

No que diz respeito à educação, ainda segundo a Pnad (2014), 13,2 milhões de brasileiros com mais de 15 anos são analfabetos – 8,3% dessa população. Na Região Nordeste, a taxa chega a 16,6%. Estima-se que 17,6% da população brasileira acima de 15 anos saiba ler e escrever apenas de maneira muito rudimentar – são os chamados analfabetos funcionais. Apenas nove países latino-americanos têm índices de analfabetismo tão elevados. Algumas das nações mais pobres do continente, como a Bolívia e o Paraguai, têm índices melhores nessa área.

Embora o trabalho infantil tenha diminuído nas últimas décadas, de acordo com dados de 2014 do IBGE, 3,3 milhões de crianças e adolescentes de 5 a 17 anos (8,1% do total) são obrigados a trabalhar, muitos deles em atividades insalubres e estafantes. Em 2002, esse número chegava a 5,4 milhões (12,6% do total).



Alunos do Centro Integrado de Educação de Jovens e Adultos assistem à aula em Campo Limpo, SP, 2014. Apesar de ter caído sensivelmente nos últimos vinte anos, a taxa de analfabetismo no Brasil ainda é uma das mais altas do continente.

Situação das minorias sociais

As mulheres continuam vítimas do preconceito e recebem salários até 30% inferiores aos dos homens na mesma função, além de terem menos oportunidades no mercado de trabalho (veja boxe na página 270 a respeito de outro grave problema, a violência contra a mulher).

Negros e pardos sofrem uma situação semelhante: além de seus salários serem inferiores aos dos brancos, eles têm menos acesso à educação e à saúde e são mais sujeitos ao desemprego. Essa situação reforça os argumentos de quem defende a implementação de políticas públicas de ação afirmativa, dirigidas à população negra com o objetivo de garantir a igualdade de oportunidades.

A violência direcionada à população LGBTI também é alarmante: a cada hora pelo menos uma dessas pessoas sofre algum tipo de agressão.

Quanto aos indígenas, além de lutar por maior agilidade no processo de demarcação de suas **terras**, também têm outros direitos desrespeitados, como o menosprezo às suas especificidades culturais ou a dificuldade de iniciar um curso de graduação, por exemplo, caso não tenham tido acesso a todos os ciclos da educação formal. Sofrem ainda com a propagação de doenças transmitidas pelos não indígenas e para as quais não têm autodefesa.

FILME

Veja o filme *A nação que não esperou por Deus*, de Lúcia Murat, 2015.

Esse documentário trata da situação dos indígenas Kadiwéu e aborda, entre outros aspectos, a ameaça que os grupos indígenas sofrem dos grandes pecuaristas.



Miguel Schincariol/AFP

VOCÊ SABIA?

De acordo com a Pnad, os 10% mais pobres da população detém 1,4% de toda a riqueza no país, enquanto os 10% mais ricos dividem entre si 40,3% dessa riqueza. Segundo cálculos do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), um cidadão pobre gasta durante um ano o que uma pessoa entre o 1% mais rico da população gasta em três dias.

Transexuais assistem à aula do TransCidadania, programa que oferece bolsas de estudo a esse grupo social em São Paulo, SP, 2015.

O combate à violência doméstica

Como se não bastassem o preconceito de que são vítimas e o medo pela exposição ao assédio em espaços públicos, muitas mulheres convivem com a violência em suas próprias casas. Dados levantados pela Fundação Perseu Abramo em 2010 apontavam que 43% das mulheres brasileiras já sofreram algum tipo de violência por parte de homens com quem têm ou já tiveram relações afetivas. Sete em cada dez entrevistados pela pesquisa *Percepção da Sociedade sobre Violência e Assassinatos de Mulheres*, encomendada pelo Instituto Patrícia Galvão em 2013, acreditam que as mulheres sofrem mais violência dentro de casa do que em espaços públicos; 54% dos entrevistados conhecem ao menos uma mulher que já foi agredida pelo parceiro.

As agressões mais comuns são tapas, empurrões, violência moral e psicológica. Há também inúmeros registros de ameaças mais violentas, como abusos sexuais e tentativas de homicídio.

Muitas mulheres, envergonhadas ou com medo de sofrer novas agressões, não levam esses fatos ao conhecimento da polícia. Entretanto, o número de denúncias vem aumentando após a aprovação da Lei Maria da Penha (2006). Esta tipifica a violência doméstica como crime e prevê até três anos de reclusão como pena.

A legislação prevê outras medidas de proteção, entre elas a que obriga o agressor a sair de casa e garante a proteção dos filhos. É possível fazer denúncias de casos de violência contra a mulher ou pedir orientação a respeito pelo telefone 180, que funciona 24 horas por dia, inclusive nos fins de semana e feriados.

Em março de 2016, o Senado aprovou um projeto que altera a Lei Maria da Penha (pendente na avaliação da Câmara dos Deputados em abril do mesmo ano). A intenção do projeto é estabelecer medidas protetivas aos centros de educação e reabilitação para os agressores.

“Lembramos, por fim, que a Convenção de Belém do Pará recomenda aos estados que adotem todas as medidas ao seu alcance para modificar os padrões sociais e culturais de conduta de homens e mulheres, inclusive a formulação de programas formais e não formais adequados a todos os níveis do processo educacional, a fim de combater preconceitos e costumes e todas as outras práticas baseadas na premissa da inferioridade ou superioridade de qualquer dos gêneros ou nos papéis estereotipados para o homem e a mulher, que legitimem ou exacerbem a violência contra a mulher”, diz o projeto.

Texto elaborado com base em: *Dossiê Violência contra as Mulheres*. Disponível em: <www.agenciapatriciagalvao.org.br/dossie/pesquisas>. Acesso em: 6 abr. 2016.



Fabio Rodrigues Pozebom/ABR

Vítima de diversas agressões por parte do ex-marido, Maria da Penha Maia Fernandes ficou paraplégica ao ser baleada por ele em uma tentativa de assassinato. Sua luta pela condenação do ex-marido levou o governo a aprovar, em 2006, a Lei Maria da Penha, que visa coibir a violência doméstica. Na foto, Maria da Penha em 2013.

DE OLHO NO MUNDO

Para muitos estudiosos, como o machismo está profundamente enraizado na formação social brasileira, seria muito difícil eliminá-lo totalmente. Outros acreditam que ações políticas e campanhas educativas podem reverter as concepções e práticas machistas entre as novas gerações. Reúna-se em grupo com os colegas e, juntos, façam uma pesquisa sobre esse tema. Tragam para a sala de aula artigos, reportagens e textos em geral que contribuam para compreender o problema de maneira ampla. No final, com a classe inteira, procurem responder à seguinte pergunta: quais seriam as estratégias mais eficazes para combater o machismo e ampliar a igualdade entre homens e mulheres no Brasil?

5 Violência urbana e corrupção

Roubos, assassinatos, sequestros e estupros ainda ocorrem em quantidades alarmantes, especialmente nas grandes cidades. Entre os diversos fatores que contribuem para a violência estão a desigualdade social, o desemprego, o uso abusivo de álcool e de **drogas**, a sensação de impunidade e a ineficiência da polícia.

O Brasil também está entre as nações com os **mais altos índices de mortes por arma de fogo do mundo**, em níveis comparáveis ao de países em guerra. Segundo o Mapa da Violência, realizado com dados do Ministério de Saúde, mais de 42 mil pessoas morreram baleadas no país em 2012 – 21,9 pessoas em cada grupo de 100 mil, o pior índice da série histórica. Dezesesseis milhões de armas de fogo circulam pelo país, 90% das quais estão nas mãos de civis.

Outra forma de crime corrói boa parte de nossas instituições: a **corrupção** (veja boxe na página 272), que se manifesta nas esferas pública e privada. De acordo com uma pesquisa feita em 2014 pela Transparência Internacional, ONG que avalia a corrupção em 175 países, o Brasil encontra-se em 69º lugar no *ranking* das nações menos corruptas do mundo. Em uma escala de 0 a 100, na qual o zero indica o país mais corrupto, a nota do Brasil foi 43.

Assim, embora não se possa ignorar os avanços, ainda há muito a ser feito pela ética e igualdade no Brasil: acabar com as profundas desigualdades sociais, combater a corrupção, extinguir a violência, **erradicar todas as formas de preconceito**. É preciso garantir condições de vida equivalentes para todos os setores da população e não apenas para um pequeno grupo de privilegiados.

E isso não é uma tarefa que diga respeito apenas ao Estado. Todos nós temos nossa parcela de responsabilidade nesse contínuo processo de construção de um mundo mais ético, justo e democrático.

FILME

Veja o filme **Falcão: Meninos do tráfico**, de Celso Athayde e MV Bill, 2006. Realizado em favelas de todo o país, o documentário mostra as motivações e consequências do envolvimento de dezessete jovens no tráfico de drogas e o papel das organizações criminosas nas periferias das cidades brasileiras.

Cartazes de campanhas contra a discriminação. O cartaz de cima é de uma campanha da Universidade Federal do ABC realizada em 2014. O de baixo é de uma iniciativa do Unaiids (um braço da ONU) lançada em 2013 contra todo tipo de discriminação.



Reprodução/IEE-UFABC



Reprodução/UNAIDS Brasil/ONU

O povo nas ruas

Entre 2013 e 2016, os brasileiros foram às ruas protestar diversas vezes. Em muitas dessas ocasiões, as manifestações eram contra a corrupção. As primeiras ocorreram em junho de 2013 e se colocavam contra aumentos nas tarifas do transporte público nas grandes capitais. Aos poucos, o movimento cresceu e passou a reunir pessoas que aproveitaram a visibilidade para defender causas variadas.

Esse movimento de origem popular ficou conhecido como “Jornadas de Junho”. Muitos manifestantes reivindicavam melhoria nos serviços públicos, principalmente nas áreas de educação e saúde. Outros protestavam contra a violência policial, os enormes gastos públicos empregados na construção dos estádios da Copa do Mundo de 2014, a corrupção na gestão pública e o governo da presidente Dilma Rousseff.

As manifestações se estenderam por vários dias e o governo, como resposta, apresentou propostas que incluíam, entre outras coisas, transformar a corrupção em crime hediondo e iniciar uma reforma política, proibindo, por exemplo, o financiamento de campanhas pela iniciativa privada.

Em 2014, a Operação Lava Jato ganhou visibilidade pública. Trata-se de uma investigação da Polícia Federal que apurava um esquema de lavagem de dinheiro público. Os investigadores encontraram provas de que um esquema de propinas teria desviado milhões de reais da Petrobras. Empresários, executivos de grandes construtoras e políticos de diferentes partidos acabaram sendo presos.

A operação Lava Jato teve o apoio de grande parcela da população, mas também recebeu críticas. De acordo com os grupos que a criticaram, as investigações foram feitas com caráter político-partidário, priorizando investigar as denúncias contra o partido da presidente (Partido dos Trabalhadores). A operação foi também acusada de vazar à imprensa informações que deveriam ser mantidas em sigilo.

Após a vitória da presidente Dilma Rousseff para um novo mandato presidencial (eleições de 2014), as manifestações de rua se ampliaram. Questionava-se, entre outras coisas, as contas da campanha da chapa vencedora; a corrupção no governo federal; a estagnação econômica, etc.

Por outro lado, grupos de esquerda também realizaram grandes manifestações de rua



Dario Oliveira/Anadolu Agency/Getty Images

Protesto a favor do *impeachment* de Dilma Rousseff em São Paulo, SP, 2016.



Nadia Sussman/Bloomberg/Getty Images

Protesto contra o *impeachment* de Dilma Rousseff no Rio de Janeiro, RJ, 2016.

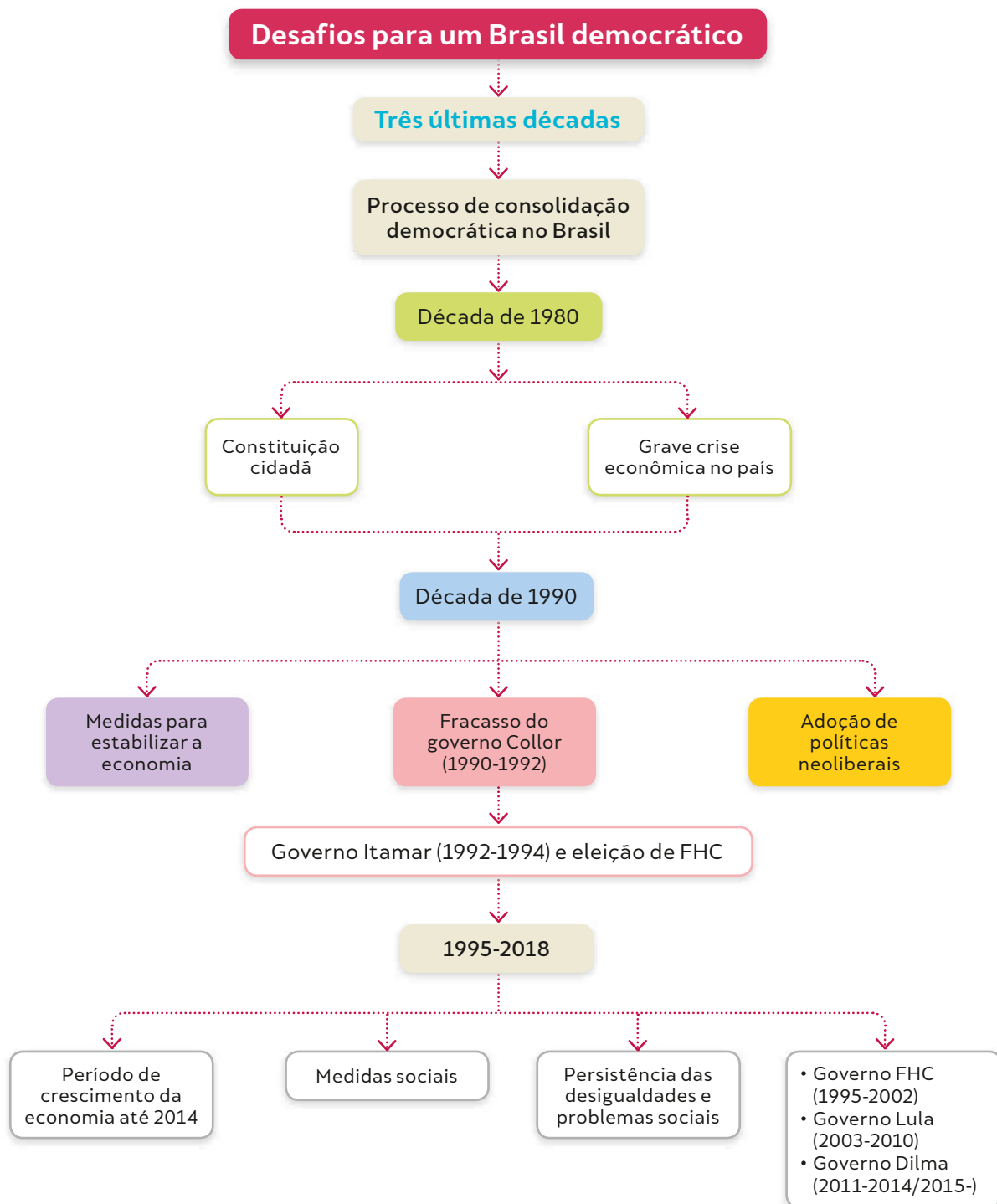
em defesa do governo. Para esses grupos, os partidos da oposição, aliados a alguns grupos de imprensa e a setores como o do empresariado, planejavam promover o que chamaram de “golpe de Estado”.

Em meio a esse embate, alguns setores da sociedade entraram com pedido de *impeachment* da presidente junto ao Congresso Nacional. Em 11 de maio de 2016, a presidente foi afastada por até 180 dias, período no qual o Senado brasileiro faria seu julgamento. O vice-presidente Michel Temer (PMDB) assumiu como presidente em exercício.*

* Situação até o fechamento da edição deste livro.



ESQUEMA-RESUMO



- A partir das informações do esquema-resumo, explique como se deu o processo de consolidação da democracia brasileira a partir da década de 1980 até o presente e aponte quais foram as principais medidas econômicas e sociais tomadas pelos governos brasileiros no período.



ATIVIDADES

NÃO
ESCREVA
NO
LIVRO

ORGANIZANDO AS IDEIAS

- 1 O combate à inflação foi um tema central na política econômica brasileira nas décadas de 1980 e 1990, mas só foi controlada em 1994. Indique quais foram os resultados políticos e econômicos do controle da inflação obtido com o Plano Real.
- 2 A política econômica brasileira foi orientada segundo os princípios do neoliberalismo a partir do governo de Fernando Collor. Explique o que eram esses princípios e indique se os princípios neoliberais foram abandonados a partir do governo Lula.
- 3 Em 2003, o ex-metalúrgico Luiz Inácio Lula da Silva tornou-se presidente do Brasil. Caracterize as principais medidas econômicas e sociais adotadas a partir de seu governo.
- 4 A desigualdade extrema entre ricos e pobres ainda persiste no Brasil? Explique sua resposta.
- 5 Uma das características que revela as desigualdades sociais existentes no Brasil é o preconceito e a violência praticados contra as mulheres. Aponte alguns dados que demonstrem essas práticas e indique algumas medidas tomadas para combater essa situação.
- 6 A democracia brasileira ainda precisa enfrentar uma série de desafios para se consolidar plenamente. Destaque alguns dos principais problemas e desafios que precisam ser enfrentados para a criação de uma sociedade mais democrática e ética.

INTERPRETANDO DOCUMENTOS: TEXTO E IMAGEM

- 1 Observe a imagem e leia o trecho do texto selecionado a seguir. Ambos tratam dos efeitos do rompimento de barragens de uma mineradora em Mariana (MG), em 2015. O acidente contaminou a bacia do rio Doce, que percorre cidades de Minas Gerais e do Espírito Santo. Com base nos documentos e em seus conhecimentos, responda ao que se pede.



Avener Prado/Folhapress

Ruínas de escola após passagem da lama com rejeitos de minérios em Mariana, MG, 2015.

Contaminação do rio Doce pode se estender por muitos anos

Sem um plano de recuperação, a contaminação do rio Doce pode se estender por muitos anos, após o acidente na barragem de Mariana. Essa conclusão faz parte de um relatório da Fundação SOS Mata Atlântica. [...]

A água do rio foi coletada em 18 pontos e, em somente dois, o índice de qualidade foi considerado regular. Em todos os outros a avaliação foi péssima. Entre os metais pesados encontrados acima dos níveis permitidos estão magnésio, chumbo, cobre, alumínio, ferro e manganês.

Os níveis de turbidez da água ficaram entre 5150 e 1220 UTNs, a unidade de valor usada para fazer a medição, sendo que o máximo aceitável é de 40 UTNs.

A coordenadora da rede de águas da SOS Mata Atlântica, Malu Ribeiro, diz [...] que a chuva contribui para o aumento da contaminação do rio: “Cada vez que chove, ao contrário do que foi dito, divulgado por algumas autoridades e pela própria empresa, não vai haver uma diluição, uma dispersão desses minérios. Eles não estão segmentando e, quanto mais chuva, mais lama é depositada”. Malu Ribeiro acrescenta que em todo o percurso de 650 km do rio Doce há contaminação desde o local do acidente até o litoral capixaba.

O prefeito de Colatina e presidente do Comitê da Bacia do Rio Doce, Leonardo Deptulski, afirma que não

há como saber o tempo que a lama vai ficar suspensa: “Tem uma característica que uma parte dessas partículas são muito pequenas, não decantam, ficam suspensas na água. Então dá a impressão que a água continua com o mesmo grau de quantidade de partículas, de turbidez”.

O governo negocia um acordo com a mineradora [...] para revitalizar o rio Doce, com 19 medidas socioeconômicas e 19 socioambientais. [...] o prefeito de Mariana, Duarte Junior, defende a inclusão do saneamento de esgoto pela empresa nas medidas: “Esperamos que [a mineradora] assuma isso, porque o fundo de R\$ 1 bilhão que foi determinado pelo Ministério Público vai ser direcionado para medidas compensatórias. A gente quer muito tratar a nossa rede de esgoto, porque a gente polui o nosso Ribeirão do Carmo, jogando a nossa rede de esgoto no rio. Seria um bem ao nosso meio ambiente, então estamos trabalhando dessa forma”.

Em Minas Gerais, o mar de lama também poluiu, além do rio Doce, os rios do Carmo e Gualaxo do Sul, na região de Mariana. Para a recuperação da bacia, também está em discussão a criação de um fundo de R\$ 20 bilhões.

JOVEM PAN. Contaminação do rio Doce pode se estender por muitos anos. Disponível em: <<http://jovempan.uol.com.br/programas/jornal-da-manha/contaminacao-do-rio-doce-pode-se-estender-por-muitos-anos.html>>. Acesso em: 6 abr. 2016.

- A imagem mostra uma intervenção que critica os danos ambientais causados no rio Doce. De que maneira a imagem realiza essa crítica?
- Com base no texto da reportagem, pode-se dizer que a crítica proposta na intervenção é condizente com as análises químicas e ambientais das condições atuais do rio Doce? Justifique sua resposta.
- Os danos ambientais causados pela exploração de minérios no Brasil não são os únicos exemplos de problemas causados por atividades econômicas que ameaçam o meio ambiente e a biodiversidade. Em grupo, pesquisem outros exemplos de danos ambientais causados por atividades econômicas no Brasil. Em seguida, discutam com os colegas os exemplos pesquisados e elaborem coletivamente um documento que destaca os principais problemas e alguns exemplos de medidas que podem ser adotadas pelo governo e pela sociedade civil para modificar esse cenário.



TESTE SEU CONHECIMENTO

- 1 (Cefet-MG) “Economicamente, o neoliberalismo fracassou, não conseguindo nenhuma revitalização básica do capitalismo avançado. Socialmente, ao contrário, o neoliberalismo conseguiu muitos dos seus objetivos, criando sociedades marcadamente mais desiguais e desestatizadas. Política e ideologicamente, todavia, o neoliberalismo alcançou enorme êxito, disseminando a simples ideia de que não há alternativas para os seus princípios, que todos têm de adaptar-se a suas normas.”

ANDERSON, Perry. Balanço do Neoliberalismo. In: SADER, Emir & GENTILI, Pablo (Orgs.). *Pós-neoliberalismo: as políticas sociais e o Estado democrático*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995, p. 23.

Ao longo da década de 1990, a referida política econômica manifestou-se no Brasil por meio da

- a) nacionalização do Sistema Telebrás.
 - b) criação da empresa Petróleo Brasileiro S.A.
 - c) inauguração do Estado de bem-estar social.
 - d) privatização da Companhia Vale do Rio Doce.
- 2 (IFSC) No final do segundo mandato de Fernando Henrique Cardoso, a eleição foi vencida pelo candidato do PT, um partido de oposição, que, após três tentativas, elege seu candidato Luiz Inácio Lula da Silva, que assume a presidência em 2003. Sobre este governo, assinale a alternativa correta.
- a) O governo “Lula” nacionaliza todas as empresas multinacionais, nega a dívida externa e instala um estado socialista no Brasil.
 - b) No seu primeiro mandato, é criado o Plano Real que estabiliza a economia do país, acabando com os altos índices de inflação e troca o nome da moeda.
 - c) Pela primeira vez, na história da república brasileira, um líder político de origem autenticamente popular, um torneiro mecânico, assumia a presidência da República por dois mandatos.
 - d) Logo que assume, o novo presidente acaba com as políticas sociais, como o programa Bolsa Família, criada pelo governo de Fernando Henrique.
 - e) O presidente “Lula” não foi reeleito, em

2006, devido à queda do PIB e ao crescimento do desemprego, fazendo com que a desigualdade social aumentasse durante o seu governo.

- 3 (UFF-RJ) Em outubro de 1994, embalado pelo sucesso do Plano Real, Fernando Henrique Cardoso foi eleito Presidente da República. Em seu discurso de despedida do Senado, se comprometia a acabar com o que denominava “Era Vargas”: “(...) Eu acredito firmemente que o autoritarismo é uma página virada na história do Brasil. Resta, contudo, um pedaço do nosso passado político que ainda atravanca o presente e retarda o avanço da sociedade. Refiro-me ao legado da Era Vargas.” (14/12/1994)

O presidente eleito governou o Brasil por dois mandatos, iniciando a consolidação da política neoliberal no país, principiada pelos presidentes Collor e Itamar Franco. Sobre os dois mandatos (1995-2002), pode-se afirmar que se caracterizam

- a) pela manutenção do poder aquisitivo dos que se aposentavam; estabelecimento do monopólio nacional sobre as telecomunicações, através das empresas estatais; e nacionalização do sistema financeiro.
- b) pelo elevado crescimento econômico, com média anual de cerca de 5% ao ano; grande investimento em infraestrutura e educação; distribuição de renda; e aumento da capacidade econômica do Estado.
- c) pela política social de inclusão, com a criação do Bolsa Família; facilitação do ingresso de carentes na Universidade; restrição aos investimentos estrangeiros; e elevados incentivos à agricultura familiar.
- d) pelo rompimento com a política econômica originada pelo “Consenso de Washington”; consolidação do sistema financeiro estatal; e reforço da legislação trabalhista gestada na primeira metade do século XX.
- e) pelo limitado crescimento econômico; privatização das empresas estatais; diminuição do tamanho do Estado; e apagão energético, que levou ao racionamento e ao aumento do custo da energia.

HORA DE REFLETIR



- 1 A sociedade brasileira ainda é marcada por grandes contradições que inviabilizam a plena realização de uma sociedade democrática e ética. As desigualdades sociais e as violências praticadas contra diversos grupos sociais (como as mulheres, as populações indígenas, a população LGBTI, os afrodescendentes, as crianças entre outros exemplos) são barreiras que impedem a plena democratização do país. Em sua opinião, de que modo a sociedade brasileira pode combater as desigualdades sociais e violências praticadas contra esses e outros grupos sociais? De que maneira você pode contribuir para ajudar nesse processo?
- 2 Em grupos, escolham uma situação real capaz de ilustrar o tema discutido. Montem uma pequena cena teatral, de curta duração, ensaiem os diálogos e apresentem o resultado à classe.



MINHA BIBLIOTECA

PARA NAVEGAR

Observatório Brasil da Igualdade de Gênero.

O site divulga informações a respeito da desigualdade de gêneros no Brasil. Disponível em: <www.observatoriodegenero.gov.br>. Acesso em: 12 abr. 2016.

Geledés. Site do instituto que combate o racismo, a discriminação e a violência contra a mulher negra, reúne notícias e artigos sobre esses temas e direitos humanos em geral. Disponível em: <www.geledes.org.br>. Acesso em: 12 abr. 2016.

Pnad. Página que reúne as pesquisas amostrais realizadas anualmente pelo IBGE com dados sobre escolaridade, renda, trabalho, etc. Disponível em: <www.ibge.gov.br/home/estatistica/pesquisas/pesquisa_resultados.php?id_pesquisa=40>. Acesso em: 12 abr. 2016.

PARA LER

Cidade de Deus, de Paulo Lins, editora Companhia das Letras, 1997. Romance inspirado em fatos reais, acompanha uma série de personagens em meio ao crescimento das facções de tráfico de drogas em um conjunto habitacional no Rio de Janeiro.

20 centavos, de Pablo Ortellado e outros, editora Veneta. Livro que procura analisar as diferentes facetas dos participantes dos protestos contrários ao aumento das tarifas do transporte público em todo o país, em 2013, e a cobertura realizada pelos meios de comunicação.

PARA ASSISTIR

Carne, osso. Direção: Caio Cavechini e Caio Juliano Barros, Brasil, 2011, 65 min. Documentário que mostra a rotina estafante e insalubre de trabalho em frigoríficos, um dos setores econômicos que mais cresceu no Brasil nas duas últimas décadas.

Que horas ela volta? Direção: Anna Muylaert, Brasil, 2015, 111 min. Uma empregada doméstica nordestina que vive em São Paulo reencontra sua filha após muitos anos. As diferenças de aspirações e atitudes vão levar a atritos entre a jovem, sua mãe e a patroa desta.

O som ao redor. Direção: Kleber Mendonça Filho, Brasil, 2012, 131 min. O cotidiano em um bairro de classe média no Recife e o medo disseminado da violência urbana são o mote para uma reflexão sobre a desigualdade social e o abuso de poder no Brasil.



Evaristo Sa/AFP

FECHANDO A UNIDADE

A seguir, você encontrará três documentos que abordam a questão da ética. O primeiro deles é um trecho do livro da filósofa brasileira Márcia Tiburi, *Como conversar com um fascista*, no qual a autora associa democracia com ética e discute isso a partir do cotidiano. O segundo documento é um quadrinho da série *Calvin e Haroldo*, criado por Bill Watterson. Já o terceiro é um trecho de um artigo do cientista político brasileiro Wanderley Guilherme dos Santos, no qual ele discute a questão da corrupção no Brasil. Após a leitura do material proposto, responda ao que se pede.

DOCUMENTO 1 – Livro

O afeto que anima a democracia é político, no seu sentido mais simples: produz elos, uniões, coletivos, transformações. Fica fácil entender se pensarmos que a democracia é bonita como é bonita uma festa em que pessoas se alegram com o que tem em termos de lugar, bebida e comida, danças e cerimônias. O principal da festa é a alegria. Com ela qualquer festa é possível. Mas uma festa precisa ser minimamente produzida. Alguém tem que achar o lugar, a música, algo para comer. Penso na beleza das festas mais simples em que tudo se move em nome do simples fato de que confraternizar, de estar juntos alegremente, é possível. Bom lembrar que a festa não está pronta se, de mau humor, não nos propusermos a ela.

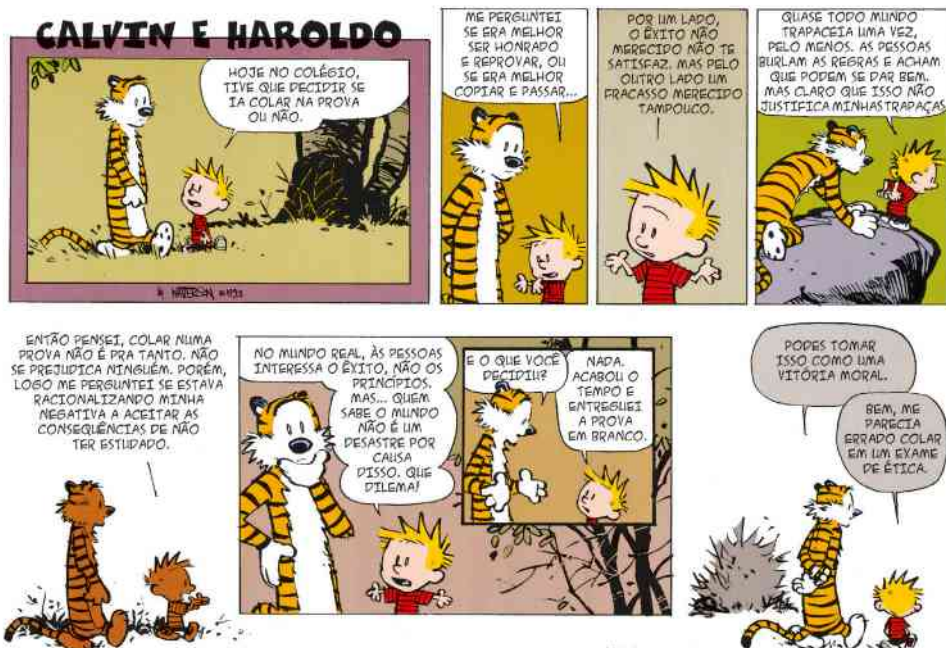
A democracia é um regime político e uma prática de governo, mas é também um ritual diário – como estar em festa no mundo com o que há de mais simples – que

precisamos praticar em família e no trabalho, na casa, na rua, no mundo virtual. Não há democracia sem respeito à singularidade e aos direitos fundamentais que o Estado, cada instituição, cada cidadão, deve ao outro com quem compartilha a vida, pública e privada.

A democracia é, portanto, uma forma política cuja característica é a alegria. A democracia é sempre alegre. A alegria é a força revolucionária interna à democracia. Mas ela precisa ser defendida para poder perdurar, porque a democracia é delicada. Porque a democracia é sempre criança. A imagem de uma criança que precisa de amor, de atenção, de cuidados para poder se tornar um adulto forte e preparado para a vida é sua expressão mais simples. Quem luta contra essa criança é perverso, ou autoritário.

TIBURI, Márcia. *Como conversar com um fascista*. Rio de Janeiro: Record, 2015, arquivo digital sem paginação.

DOCUMENTO 2 – Quadrinho



DOCUMENTO 3 – Artigo

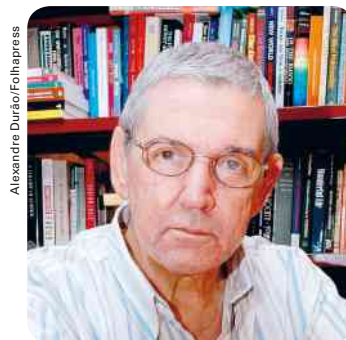
Tal como se propala mundo afora, o mal-estar de grandes segmentos da sociedade decorre da convicção de que as autoridades contratadas, via eleições, para administrar os recursos das comunidades, não estão oferecendo serviços à altura do acordado. Pior, estariam se apropriando ilegalmente de parte desses recursos públicos. Daí a suposição de que exista um conjunto de normas partidárias e eleitorais capaz de propiciar uma limpeza em regra nos costumes. Embora tal conjunto, se acaso existisse, não garanta tipo ou qualidade das políticas públicas que venham a instituir, alguns imaginam que pelo menos os recursos públicos não seriam mal administrados ou sequestrados de forma pecaminosa. Não conheço e sou cético quanto à existência de tão eficientes regras partidárias e eleitorais. Em todo caso, elas não se aplicariam ao outro lado das transações espúrias, isto é, os corruptores. Talvez no futuro, mas não agora, as sociedades disponham de filtros aptos a só deixarem vir ao mundo cidadãos virtuosos. Nesse quesito, e por enquanto, é forçoso reconhecer que o Brasil hospeda sensacional taxa de corruptores, alguns operando por meios persuasivos, outros por assédios agressivos.

Do jovem motoqueiro insinuando uma gorjeta ao policial que o multa por excesso de velocidade ao indignado cidadão que esbraveja contra as instituições políticas, mas, enquanto feliz proprietário de um estabelecimento comercial, oferece modesta propina para que o fiscal ignore as insatisfatórias condições de segurança de incêndio de seu negócio – são raríssimas as exceções à cultura prevalecente no Brasil, segundo a qual é quase sempre possível esconder uma ilegalidade promovendo outra.

E não há talvez brasileiro que nunca tenha sido objeto de ameaçadora pressão corruptora por parte dos profissionais liberais – médicos, advogados, dentistas, analistas, etc. – a cujos serviços recorre com frequência, deixando de cobrar-lhes recibos e tornando-se cúmplice de crimes fiscais. Pois, neste caso, são os corruptores e corruptos que se consideram iguais na demanda por ética na política, e até justificam a violência niilista de alguns grupos em passeatas intimidantes pelas ruas do Rio de Janeiro, São Paulo e outras cidades.

Se o conteúdo material das políticas de governo praticamente nada deve às regras eleitorais e partidárias, e se a taxa de corrupção na arena pública depende, em primeiro lugar, da taxa de corruptores privados, há motivo para duvidar de que a enorme balbúrdia em que se encontra a vida social e política do País, no momento, venha a resultar em ganhos civilizatórios universalmente aceitos.

SANTOS, Wanderley Guilherme dos. Corrupção pública depende de corruptor privado, 2 ago. 2013. Disponível em: <<http://ultimosegundo.ig.com.br/politica/2013-08-02/wanderley-guilherme-dos-santos-corrupcao-publica-depende-de-corruptor-privado.html>>. Acesso em: 11 fev. 2016.



O escritor e cientista político Wanderley Guilherme dos Santos em 2006.

REFLITA E RESPONDA

1. Márcia Tiburi faz uma associação entre a democracia e uma prática cotidiana que pode ser entendida com uma postura ética diante da vida e dos outros. Explique como ela faz essa associação.
2. No documento 2, o personagem Calvin é assolado por um questionamento ético. Qual é esse questionamento e qual é a implicação ética mais ampla proposta no quadrinho?
3. Em seu artigo, Wanderley Guilherme dos Santos afirma que uma reforma política não basta para superar os problemas políticos da corrupção. Por que ele afirma isso?
4. Existe uma relação entre o quadrinho de Calvin e aquilo que foi defendido no texto de Wanderley Guilherme dos Santos. Qual é essa relação?
5. Com base na leitura dos três documentos, elabore um texto explicando por que a democracia e a ética são duas posturas relacionadas e que exigem um esforço cotidiano para se realizar individual e coletivamente.

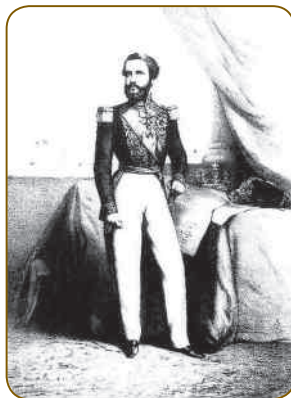


- 1 A língua de que usam, por toda a costa, carece de três letras; convém a saber, não se acha nela F, nem L, nem R, coisa digna de espanto, porque assim não têm Fé, nem Lei, nem Rei, e essa maneira vivem desordenadamente, sem terem além disto conta, nem peso, nem medida.

GÂNDAVO, P. M. *A primeira história do Brasil: história da província de Santa Cruz a que vulgarmente chamamos Brasil*. Rio de Janeiro: Zahar, 2004 (adaptado).

A observação do cronista português Pero de Magalhães de Gândavo, em 1576, sobre a ausência das letras F, L e R na língua mencionada demonstra a:

- simplicidade da organização social das tribos brasileiras.
 - dominação portuguesa imposta aos índios no início da colonização.
 - superioridade da sociedade europeia em relação à sociedade indígena.
 - incompreensão dos valores socioculturais indígenas pelos portugueses.
 - dificuldade experimentada pelos portugueses no aprendizado da língua nativa.
- 2 Essas imagens de dom Pedro II foram feitas no início dos anos de 1850, pouco mais de uma década após o Golpe da Maioridade. Considerando o contexto histórico em que foram produzidas e os elementos simbólicos destacados, essas imagens representavam um:



Reprodução/ENEM 2015

- jovem imaturo que agiria de forma irresponsável.
- imperador adulto que governaria segundo as leis.
- líder guerreiro que comandaria as vitórias militares.

- soberano religioso que acataria a autoridade papal.
- monarca absolutista que exerceria seu autoritarismo.

- 3 O que implica o sistema da pólis é uma extraordinária preeminência da palavra sobre todos os outros instrumentos do poder. A palavra constitui o debate contraditório, a discussão, a argumentação e a polêmica. Torna-se a regra do jogo intelectual, assim como do jogo político.

VERNANT, J. P. *As origens do pensamento grego*. Rio de Janeiro: Bertrand, 1992 (adaptado).

Na configuração política da democracia grega, em especial a ateniense, a ágora tinha por função

- agregar os cidadãos em torno de reis que governavam em prol da cidade.
- permitir aos homens livres o acesso às decisões do Estado expostas por seus magistrados.
- constituir o lugar onde o corpo de cidadãos se reunia para deliberar sobre as questões da comunidade.
- reunir os exércitos para decidir em assembleias fechadas os rumos a serem tomados em caso de guerra.
- congregar a comunidade para eleger representantes com direito a pronunciar-se em assembleias.

- 4 Ninguém nasce mulher: torna-se mulher. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado que qualifica o feminino.

BEAUVOIR, S. *O segundo sexo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 1980.

Na década de 1960, a proposição de Simone de Beauvoir contribuiu para estruturar um movimento social que teve como marca o(a):

- ação do Poder Judiciário para criminalizar a violência sexual.
- pressão do Poder Legislativo para impedir a dupla jornada de trabalho.
- organização de protestos públicos para garantir a igualdade de gênero.
- oposição de grupos religiosos para impedir os casamentos homoafetivos.

e) estabelecimento de políticas governamentais para promover ações afirmativas.

- 5 Os calendários são fontes históricas importantes, na medida em que expressam a concepção de tempo das sociedades. Essas imagens compõem um calendário medieval (1460-1475) e cada uma delas representa um mês, de janeiro a dezembro. Com base na análise do calendário, apreende-se uma concepção de tempo:



- a) cíclica, marcada pelo mito arcaico do eterno retorno.
b) humanista, identificada pelo controle das horas de atividade por parte do trabalhador.
c) escatológica, associada a uma visão religiosa sobre o trabalho.
d) natural, expressa pelo trabalho realizado de acordo com as estações do ano.
e) romântica, definida por uma visão bucólica da sociedade.

- 6 Ao deflagrar-se a crise mundial de 1929, a situação da economia cafeeira se apresentava como se segue. A produção, que se encontrava em altos níveis, teria que seguir crescendo, pois os produtores haviam continuado a expandir as plantações até aquele momento. Com efeito, a produção máxima seria alcançada em 1933, ou seja, no ponto mais baixo da depressão, como reflexo das grandes plantações de 1927-1928. Entretanto, era totalmente impossível obter crédito no exterior para financiar a retenção de novos estoques, pois o mercado internacional de capitais se encontrava em profunda

depressão, e o crédito do governo desaparece com a evaporação das reservas.

FURTADO, C. *Formação econômica do Brasil*. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1997 (adaptado).

Uma resposta do Estado brasileiro à conjuntura economia mencionada foi o(a):

- a) atração de empresas estrangeiras.
b) reformulação do sistema fundiário.
c) incremento da mão de obra imigrante.
d) desenvolvimento de política industrial.
e) financiamento de pequenos agricultores.

- 7 O problema central a ser resolvido pelo Novo Regime era a organização de outro pacto de poder que pudesse substituir o arranjo imperial com grau suficiente de estabilidade. O próprio presidente Campos Sales resumiu claramente seu objetivo: "É de lá, dos estados, que se governa a República, por cima das multidões que tumultuam agitadas nas ruas da capital da União. A política dos estados é a política nacional".

CARVALHO, J. M. *Os bestializados: o Rio de Janeiro e a República que não foi*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987 (adaptado).

Nessa citação, o presidente do Brasil no período expressa uma estratégia política no sentido de:

- a) governar com a adesão popular.
b) atrair o apoio das oligarquias regionais.
c) conferir maior autonomia às prefeituras.
d) democratizar o poder do governo central.
e) ampliar a influência da capital no cenário nacional.

8 Texto I

Olhamos o homem alheio às atividades públicas não como alguém que cuida apenas de seus próprios interesses, mas como um inútil; nós, cidadãos atenienses, decidimos as questões públicas por nós mesmos na crença de que não é o debate que é empecilho à ação, e sim o fato de não se estar esclarecido pelo debate antes de chegar a hora da ação.

TUCÍDIDES. *História da Guerra do Peloponeso*. Brasília: UnB, 1987 (adaptado).

Texto II

Um cidadão integral pode ser definido por nada mais nada menos que pelo direito de administrar justiça e exercer funções públicas; algumas destas, todavia, são

limitadas quanto ao tempo de exercício, de tal modo que não podem de forma alguma ser exercidas duas vezes pela mesma pessoa, ou somente podem sê-lo depois de certos intervalos de tempo prefixados.

ARISTÓTELES. *Política*. Brasília: UnB, 1985.

Comparando os textos I e II, tanto para Tucídides (no século V a.C.) quanto para Aristóteles (no século IV a.C.), a cidadania era definida pelo(a):

- a) prestígio social.
- b) acúmulo de riqueza.
- c) participação política.
- d) local de nascimento.
- e) grupo de parentesco.

- 9 Três décadas – de 1884 a 1914 – separam o século XIX – que terminou com a corrida dos países europeus para a África e com o surgimento dos movimentos de unificação nacional na Europa – do século XX, que começou com a Primeira Guerra Mundial. É o período do Imperialismo, da quietude estagnante na Europa e dos acontecimentos empolgantes na Ásia e na África.

ARENDETT. H. *As origens do totalitarismo*. São Paulo: Cia. das Letras, 2012.

O processo histórico citado contribuiu para a eclosão da Primeira Grande Guerra na medida em que:

- a) difundiu as teorias socialistas.
- b) acirrou as disputas territoriais.
- c) superou as crises econômicas.
- d) multiplicou os conflitos religiosos.
- e) conteve os sentimentos xenófobos.

- 10 Seguiam-se vinte criados custosamente vestidos e montados em soberbos cavalos; depois destes, marchava o Embaixador do Rei do Congo magnificamente ornado de seda azul para anunciar ao Senado que a vinda do Rei estava destinada para o dia dezesseis. Em resposta obteve repetidas vivas do povo que concorreu alegre e admirado de tanta grandeza.

Coroação do Rei do Congo em Santo Amaro, Bahia apud DEL PRIORE, M. *Festas e utopias no Brasil colonial*. In: CATELLI JR, R. *Um olhar sobre as festas populares brasileiras*. São Paulo: Brasiliense, 1994 (adaptado).

Originária dos tempos coloniais, as festas da Coroação do Rei do Congo evidenciam um processo de:

- a) exclusão social.
- b) imposição religiosa.

- c) acomodação política.
- d) supressão simbólica.
- e) ressignificação cultural.

11



Reprodução/ENEM 2013

Na imagem, da década de 1930, há uma crítica à conquista de um direito pelas mulheres, relacionado com a:

- a) redivisão do trabalho doméstico.
- b) liberdade de orientação sexual.
- c) garantia da equiparação salarial.
- d) aprovação do direito ao divórcio.
- e) obtenção da participação eleitoral.

12

No final do século XIX, as Grandes Sociedades carnavalescas alcançaram ampla popularidade entre os foliões cariocas. Tais sociedades cultivavam um pretensioso objetivo em relação à comemoração carnavalesca em si mesma: com seus desfiles de carros enfeitados pelas principais ruas da cidade, pretendiam abolir o entrudo (brincadeira que consistia em jogar água nos foliões) e outras práticas difundidas entre a população desde os tempos coloniais, substituindo-os por formas de diversão que consideravam mais civilizadas, inspiradas nos carnavais de Veneza. Contudo, ninguém parecia disposto a abrir mão de suas diversões para assistir ao carnaval das sociedades. O entrudo, na visão dos seus animados praticantes, poderia coexistir perfeitamente com os desfiles.

PEREIRA, C. S. Os senhores da alegria: a presença das mulheres nas Grandes Sociedades carnavalescas cariocas em fins do século XIX. In: CUNHA, M. C. P. *Carnavais e outras festas: ensaios de história social da cultura*. Campinas: Unicamp; Cecult, 2002 (adaptado).

Manifestações culturais como o carnaval também têm sua própria história, sendo

constantemente reinventadas ao longo do tempo. A atuação das Grandes Sociedades, descrita no texto, mostra que o carnaval representava um momento em que as:

- distinções sociais eram deixadas de lado em nome da celebração.
- aspirações cosmopolitas da elite impediam a realização da festa fora dos clubes.
- liberdades individuais eram extintas pelas regras das autoridades públicas.
- tradições populares se transformavam em matéria de disputas sociais.
- perseguições policiais tinham caráter xenófobo por repudiarem tradições estrangeiras.

- 13 Durante a realeza, e nos primeiros anos republicanos, as leis eram transmitidas oralmente de uma geração para outra. A ausência de uma legislação escrita permitia aos patrícios manipular a justiça conforme seus interesses. Em 451 a.C., porém, os plebeus conseguiram eleger uma comissão de dez pessoas – os decênviros – para escrever as leis. Dois deles viajaram a Atenas, na Grécia, para estudar a legislação de Sólon.

COULANGES, F. *A cidade antiga*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

A superação da tradição jurídica oral no mundo antigo, descrita no texto, esteve relacionada à:

- adoção do sufrágio universal masculino.
- extensão da cidadania aos homens livres.
- afirmação de instituições democráticas.
- implantação de direitos sociais.
- tripartição dos poderes políticos.

- 14 Rua Preciados, seis da tarde. Ao longe, a massa humana que abarrota a Praça Puertal Del Sol, em Madri, se levanta. Um grupo de garotas, ao ver a cena, corre em direção à multidão. Milhares de pessoas fazem ressoar o Slogan: “Que não, que não, que não nos representem”. Um garoto fala pelo megafone: “Demandamos submeter a referendo o resgate bancário”.

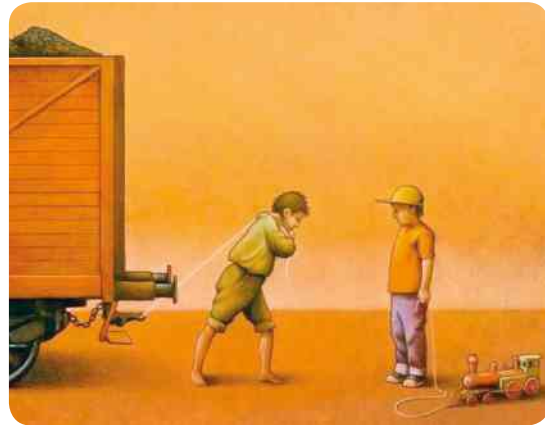
Rodriguez. O. *Puerta Del Sol, o grande alto-falante. Brasil de Fato*. São Paulo, 26 maio-1^o jun. 2011 (adaptado).

Em 2011, o acampamento dos indignados espanhóis expressou todo o descontentamento político da juventude europeia. Que proposta sintetiza o conjunto de reivindicações políticas destes jovens?

- Voto universal.
- Democracia direta.

- Pluralidade partidária.
- Autonomia legislativa.
- Imunidade parlamentar.

15



O artista gráfico polonês Pawla Kuczynskiego nasceu em 1976 e recebeu diversos prêmios por suas ilustrações. Nessa obra, ao abordar o trabalho infantil, Kuczynskiego usa sua arte para:

- difundir a origem de marcantes diferenças sociais.
- estabelecer uma postura proativa da sociedade.
- provocar a reflexão sobre essa realidade.
- propor alternativas para solucionar esse problema.
- retratar como a questão é enfrentada em vários países do mundo.

16 Texto I

Ela acorda tarde depois de ter ido ao teatro e à dança; ela lê romances, além de desperdiçar o tempo a olhar para a rua da sua janela ou da sua varanda; passa horas no tocador a arrumar o seu complicado penteado; um número igual de horas praticando piano e mais outras na sua aula de francês ou de dança.

Comentário do Padre Lopes da Gama acerca dos costumes femininos (1839) apud SILVA, T. V. Z. *Mulheres, cultura e literatura brasileira. Ipotasi – Revista de Estudos Literários*. Juiz de Fora, v. 2, n. 2, 1998.

Texto II

As janelas e portas gradeadas com treliças não eram cadeias confessas, positivas; mas eram, pelo aspecto e pelo seu destino, grandes gaiolas, onde os pais e maridos zelavam, sonegadas à sociedade, as filhas e as esposas.

MACEDO, J. M. *Memórias da Rua do Ouvidor* (1878). Disponível em: <www.dominiopublico.gov.br>. Acesso em: 20 maio 2013 (adaptado).



A representação social do feminino comum aos dois textos é o(a):

- a) submissão de gênero, apoiada pela concepção patriarcal de família.
- b) acesso aos produtos de beleza, decorrência da abertura dos portos.
- c) ampliação do espaço de entretenimento, voltado às distintas classes sociais.
- d) proteção da honra, mediada pela disputa masculina em relação às damas da corte.
- e) valorização do casamento cristão, respaldado pelos interesses vinculados à herança.

- 17** Tendo encarado a besta do passado olho no olho, tendo pedido e recebido perdão e tendo feito correções, viremos agora a página – não para esquecê-lo, mas para não deixá-lo aprisionar-nos para sempre. Avancemos em direção a um futuro glorioso de uma nova sociedade sul-africana, em que as pessoas valham não em razão de irrelevâncias biológicas ou de outros estranhos atributos, mas porque são pessoas de valor infinito criadas à imagem de Deus.

Desmond Tutu, no encerramento da Comissão da Verdade na África do Sul. Disponível em: <<http://td.camara.leg.br>>. Acesso em: 17 dez. 2012 (adaptado).

No texto, relaciona-se a consolidação da democracia na África do Sul à superação de um legado:

- a) populista, que favorecia a cooptação de dissidentes políticos.
- b) totalitarista, que bloqueava o diálogo com os movimentos sociais.
- c) segregacionista, que impedia a universalização da cidadania.
- d) estagnacionista, que disseminava a pauperização social.
- e) fundamentalista, que engendrava conflitos religiosos.

- 18** Dominar a luz implica tanto um avanço tecnológico quanto uma certa liberação dos ritmos cíclicos da natureza, com a passagem das estações e as alternâncias de dia e noite. Com a iluminação noturna, a escuridão vai cedendo lugar à claridade, e a percepção temporal começa a se pautar pela marcação do relógio. Se a luz invade a noite, perde sentido a separação tradicional entre trabalho e descanso – todas as partes do dia podem ser aproveitadas produtivamente.

SILVA FILHO, A. L. M. *Fortaleza: imagens da cidade*. Fortaleza: Museu do Ceará; Secult-CE, 2001 (adaptado).

Em relação ao mundo do trabalho, a transformação apontada no texto teve como consequência a:

- a) melhoria da qualidade da produção industrial.
- b) redução da oferta de emprego nas zonas rurais.
- c) permissão ao trabalhador para controlar seus próprios horários.
- d) diminuição das exigências de esforço no trabalho com máquinas.
- e) ampliação do período disponível para a jornada de trabalho.

- 19** A casa de Deus, que acreditam una, está, portanto, dividida em três: uns oram, outros combatem, outros, enfim, trabalham. Essas três partes que coexistem não suportam ser separadas; os serviços prestados por uma são a condição das obras das outras duas; cada uma por sua vez encarrega-se de aliviar o conjunto [...] Assim a lei pode triunfar e o mundo gozar da paz.

ALDALBERON DE LAON. In: SPINOSA, F. *Antologia de textos históricos medievais*. Lisboa: Sá da Costa, 1981.

A ideologia apresentada por Aldalberon de Laon foi produzida durante a Idade Média. Um objetivo de tal ideologia e um processo que a ela se opôs estão indicados, respectivamente, em:

- a) Justificar a dominação estamental/revoltas camponesas.
- b) Subverter a hierarquia social/centralizações burguesas.
- c) Impedir a igualdade jurídica/revoluções burguesas.
- d) Controlar a exploração econômica/unificação monetária.
- e) Questionar a ordem divina/Reforma Católica.

- 20** O principal articulador do atual modelo econômico chinês argumenta que o mercado é só um instrumento econômico, que se emprega de forma indistinta tanto no capitalismo como no socialismo. Porém os próprios chineses já estão sentindo, na sua sociedade, o seu real significado: o mercado não é algo neutro, ou um instrumental técnico que possibilita à sociedade utilizá-lo para construção e edificação do socialismo. Ele é, ao contrário do que diz o articulador, um instrumento do capitalismo. A sua utilização está levando a uma polarização da sociedade chinesa.

OLIVEIRA, A. A Revolução Chinesa. *Caros Amigos*, 31 jan. 2011 (adaptado).

No texto, as reformas econômicas ocorridas na China são colocadas como antagônicas à construção de um país socialista. Nesse contexto, a característica fundamental do

socialismo, a qual o modelo econômico chinês atual se contrapõe, é a:

- desestatização da economia.
- instauração de um partido único.
- manutenção da livre concorrência.
- formação de sindicatos trabalhistas.
- extinção gradual das classes sociais.

21

Voz do sangue
 Palpitam-me
 os sons do batuque
 e os ritmos melancólicos do blue.
 Ó negro esfarrapado do Harlem
 ó dançarino de Chicago
 ó negro servidor do South
 Ó negro da África
 Negros de todo mundo
 Eu junto ao vosso magnífico canto
 a minha pobre voz os meus humildes ritmos.
 Eu vos acompanho
 pelas emaranhadas Áfricas
 do nosso Rumo.
 Eu vos Sinto
 negros de todo o mundo
 eu vivo a nossa história
 meus irmãos.

Disponível em <www.agodtinhoneto.org>.
 Acesso em: 30 jun. 2015.

Nesse poema, o líder angolano Agostinho Neto, na década de 1940, evoca o pan-africanismo com o objetivo de:

- iniciar a luta por políticas de ações afirmativas na América e na África.
- reconhecer as desigualdades sociais entre os negros de Angola e dos Estados Unidos.
- descrever o quadro de pobreza após os processos de independência do continente africano.
- solicitar o engajamento dos negros estadunidenses na luta armada pela independência de Angola.
- conclamar as populações negras de diferentes países a apoiar as lutas por igualdade e independência.

22

Iniciou-se em 1903 a introdução de obras de arte com representações de bandeirantes no acervo do Museu Paulista, mediante a aquisição de uma tela que homenageava o sertanista que comandara a destruição do Quilombo de

Palmares. Essa aquisição, viabilizada por verba estadual, foi simultânea à emergência de uma interpretação histórica que apontava o fenômeno do sertanismo paulista como o elo decisivo entre a trajetória territorial do Brasil e de São Paulo, concepção essa que se consolidaria entre os historiadores ligados ao Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo ao longo das três primeiras décadas do século XX.

MARINS, P. C. G. Nas matas com pose de reis: a representação de bandeirantes e a tradição da retratística monárquica europeia. *Revista do LEB*, n. 44, fev. 2007.

A prática governamental descrita no texto, com a escolha dos temas das obras, tinha como propósito a construção de uma memória que:

- afirmava a centralidade de um estado na política do país.
- resgatava a importância da resistência escrava na história brasileira.
- evidenciava a importância da produção artística no contexto regional.
- valorizava a saga histórica do povo na afirmação de uma memória social.
- destacava a presença do indígena no desbravamento do território colonial.

23

Ora, em todas as coisas ordenadas a algum fim, é preciso haver algum dirigente, pelo qual se atinja diretamente o devido fim. Com efeito, um navio, que se move para diversos lados pelo impulso dos ventos contrários, não chegaria ao fim de destino, se por indústria do piloto não fosse dirigido ao porto; ora, tem o homem um fim, para o qual se ordenam toda a sua vida e ação. Acontece, porém, agirem os homens de modos diversos em vista do fim, o que a própria diversidade dos esforços e ações humanas comprova. Portanto, precisa o homem de um dirigente para o fim.

AQUINO, T. *Do reino ou do governo dos homens: ao rei do Chipre*. Escritos Políticos de São Tomás de Aquino. Petrópolis: Vozes, 1995 (adaptado).

No trecho citado, Tomás de Aquino justifica a monarquia como regime de governo capaz de:

- refrear os movimentos religiosos contestatórios.
- promover a atuação da sociedade civil na vida política.
- unir a sociedade tendo em vista a realização do bem comum.
- reformular a religião por meio do retorno à tradição helenística.
- dissociar a relação política entre os poderes temporal e espiritual.

BIBLIOGRAFIA

- ARNS, Paulo Evaristo. *Brasil: nunca mais*. 19. ed. Petrópolis: Vozes, 1985.
- ATLANTE geográfico moderno. Novara: Istituto Geográfico de Agostini, 1998.
- AYERBE, Luis Fernando. *A Revolução Cubana*. São Paulo: Ed. da Unesp, 2004.
- AZEVEDO, Antonio Carlos do Amaral. *Dicionário de nomes, termos e conceitos históricos*. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.
- AZEVEDO, Celia Maria Marinho de. *Onda negra, medo branco: o negro no imaginário das elites do século XIX*. São Paulo: Annablume, 2004.
- BARBOSA, Lucia Maria de Assunção (Org.). *De preto a afrodescendente: trajetos de pesquisa sobre relações étnico-raciais no Brasil*. São Carlos: Ed. da Ufscar, 2003.
- BETHELL, Leslie (Org.). *História da América Latina*. São Paulo: Edusp; Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2004. 7 v.
- BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Incola; PASQUINO, Gianfranco. *Dicionário de Política*. 5. ed. Brasília: Ed. da UnB; São Paulo: Imprensa Oficial, 2000. 2 v.
- BOUDON, Raymond; BOURRICAUD, François. *Dicionário crítico de sociologia*. 2. ed. São Paulo: Ática, 2001.
- BRODY, David Eliot; BRODY, Arnold R. *As sete maiores descobertas científicas da história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- BURKE, Peter. *Testemunha ocular: história e imagem*. Bauru: Edusc, 2004.
- CÂMARA CASCUDO, Luís da. *Dicionário do folclore brasileiro*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1988.
- _____. *História da alimentação no Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1983. 2 v.
- _____. *Made in África*. São Paulo: Global, 2002.
- CARDOSO, Maurício et al. *Negro e negritude*. São Paulo: Loyola, 1997.
- CARDOSO, Rafael. *A arte brasileira em 25 quadros*. Rio de Janeiro: Record, 2008.
- CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. *O racismo na história do Brasil*. 8. ed. São Paulo: Ática, 2002.
- CARR, Edward Hallett. *Que é História?* 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.
- CARVALHO, José Murilo de. *A formação das almas: o imaginário da República no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- _____. *Cidadania no Brasil: o longo caminho*. 4. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- _____. *Os bestializados*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- CHASTEEN, John Charles. *América Latina: uma história de sangue e fogo*. 3. ed. Rio de Janeiro: Campus, 2003.
- CHRISTO, Maraliz de Castro Vieira. *Pintura, história e heróis no século XIX: Pedro Américo e "Tiradentes esquartejado"*. Tese (Doutorado em História) – Unicamp, Campinas, 2005.
- CRUZ, Heloisa de Faria. *Trabalhadores em serviços: dominação e resistência (São Paulo – 1900/1920)*. São Paulo: Marco Zero/MCT-CNPq, 1991.
- CUMMING, Robert. *Para entender a arte*. São Paulo: Ática, 2000.
- CUNHA, Manuela Carneiro da (Org.). *História dos índios no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras/Secretaria Municipal de Cultura/Fapesp, 1992.
- D'ÁVILA, Luiz Felipe (Org.). *As constituições brasileiras: análise histórica e propostas de mudanças*. São Paulo: Brasiliense, 1993.
- DECCA, Maria Auxiliadora Guzzo de. *A vida fora das fábricas: cotidiano operário em São Paulo (1920-1934)*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- DEMANT, Peter. *O mundo muçulmano*. São Paulo: Contexto, 2004.
- DICIONÁRIO de História do Brasil. 4. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1976.
- DIETRICH, Ana Maria. *Caça às suásticas: o partido nazista em São Paulo sob a mira da polícia política*. São Paulo: Humanitas/Imprensa Oficial/Fapesp, 2007.
- FAIRBANK, John King; GOLDMAN, Merle. *China: uma nova história*. Porto Alegre: L&PM, 2008.
- FAUSTO, Boris. *História do Brasil*. São Paulo: Edusp/FDE, 1998.

- FERRO, Marc. *A revolução russa de 1917*. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1967.
- _____. *História das colonizações: das conquistas às independências, séculos XIII a XX*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- GASPARI, Elio. *A ditadura derrotada*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- _____. *A ditadura encurralada*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- _____. *A ditadura envergonhada*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- _____. *A ditadura escancarada*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- GORENDER, Jacob. *Combate nas trevas*. 6. ed. São Paulo: Ática, 2003.
- HAGEN, Rose-Marie; HAGEN, Rainer. *Los secretos de las obras de arte*. Madrid: Taschen, 2005. 2 v.
- HOBSBAWM, Eric J. *A era dos extremos: o breve século XX (1914-1991)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- _____. *A era dos impérios: 1875-1914*. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1988.
- _____. *Ecos da Marselhesa*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- _____. *Globalização, democracia e terrorismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- _____. *Mundos do trabalho*. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.
- _____. *O novo século: entrevista a Antonio Polito*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- _____. *Revolucionários*. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de (Org.). *História geral da civilização brasileira*. 5. ed. São Paulo: Difel, 1982. 11 v.
- IBGE. *Estatísticas históricas do Brasil: séries econômicas, demográficas e sociais de 1550 a 1988*. 2. ed. Rio de Janeiro, 1990.
- JANCSÓ, István (Org.). *Brasil: formação do Estado e da Nação*. São Paulo: Fapesp/Hucitec; Ijuí: Ed. da Unijuí, 2003.
- KARNAL, Leandro. *Oriente Médio*. São Paulo: Scipione, 1994.
- LEAL, Victor Nunes. *Coronelismo, enxada e voto*. São Paulo: Alfa-Ômega, 1975.
- LOPES, Nei. *Enciclopédia brasileira da diáspora africana*. São Paulo: Selo Negro, 2004.
- NEVINS, Allan; COMMAGER, Henry Steele. *Breve história dos Estados Unidos*. São Paulo: Alfa-Ômega, 1986.
- NOVAIS, Fernando A. (Dir.); ALENCASTRO, Luiz Felipe de (Org.). *História da vida privada no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. 4 v.
- OLIVER, Roland. *A experiência africana*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.
- PENNA, Lincoln de Abreu. *República brasileira*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.
- PERAZZO, Priscila Ferreira. *Prisioneiros da guerra: os "súditos do Eixo" nos campos de concentração brasileiros (1942-1945)*. São Paulo: Humanitas/Imprensa Oficial/Fapesp, 2009.
- PILAGALLO, Oscar. *O Brasil em sobressalto*. São Paulo: Publifolha, 2002.
- PRADO JR., Caio. *Formação do Brasil contemporâneo*. 11. ed. São Paulo: Brasiliense, 1971.
- PRESTES, Anita Leocadia. *A Coluna Prestes*. São Paulo: Brasiliense, 1990.
- PRIORE, Mary del (Org.). *Documentos de História do Brasil: de Cabral aos anos 90*. São Paulo: Scipione, 1997.
- _____. (Org.). *História das crianças no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1999.
- _____. (Org.). *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1997.
- _____.; VENÂNCIO, Renato Pinto. *O livro de ouro da história do Brasil*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2001.
- REIS FILHO, Daniel Aarão. *As revoluções russas e o socialismo soviético*. São Paulo: Ed. da Unesp, 2003.
- REVISTA DE HISTÓRIA DA BIBLIOTECA NACIONAL. Rio de Janeiro: Sociedade de Amigos da Biblioteca Nacional.

REVISTA HISTÓRIA VIVA. São Paulo: Duetto Editorial.

REVISTA NOSSA HISTÓRIA. Rio de Janeiro: Vera Cruz.

RIBEIRO, Darcy. *O povo brasileiro*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SADER, Emir. *Século XX: uma biografia não autorizada*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2000.

_____; JINKINGS, Ivana. *Enciclopédia contemporânea da América Latina e do Caribe*. São Paulo: Boitempo, 2006.

SANDRONI, Paulo. *Novíssimo dicionário de economia*. 10. ed. São Paulo: Best Seller, 2002.

SANTOS, Joaquim Ferreira dos. *Feliz 1958: o ano que não devia terminar*. 5. ed. Rio de Janeiro: Record, 1998.

SECRETO, María Verónica. *Soldados da borracha: trabalhadores entre o sertão e a Amazônia no governo Vargas*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2007.

SKIDMORE, Thomas E. *Brasil: de Castelo a Tancredo, 1964-1985*. 8. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

_____. *Brasil: de Getúlio a Castelo*. 6. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

_____. *Uma história do Brasil*. 4. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003.

SOUZA, Laura de Mello e (Org.). *História da vida privada no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. 4 v.

TAKEUCHI, Marcia Yumi. *O perigo amarelo: imagens do mito, realidade do preconceito (1920-1945)*. São Paulo: Humanitas, 2008.

TERRA paulista: histórias, arte, costumes. São Paulo: Cenpec/Imprensa Oficial, 2004. 3 v.

TURRA, Cleusa; Venturi, Gustavo (Org.). *Racismo cordial: a mais completa análise sobre preconceito de cor no Brasil*. São Paulo: Ática, 1995.

VILLA, Marco Antonio. *Canudos: o povo da terra*. 3. ed. São Paulo: Ática, 1999.

_____. *Vida e morte no sertão*. São Paulo: Ática, 2001.

VILLAS BÔAS, Orlando; VILLAS BÔAS, Cláudio. *A marcha para o Oeste*. São Paulo: Globo, 1994.

WEINSTEIN, Bárbara. *A borracha na Amazônia: expansão e decadência (1850-1920)*. São Paulo: Hucitec/Edusp, 1993.

WESSELING, H. L. *Dividir para dominar: a partilha da África (1880-1914)*. Rio de Janeiro: Ed. da UFRJ/Revan, 1998.

WILLMOTT, H. P. *Primeira Guerra Mundial*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

_____. et al. *Segunda Guerra Mundial*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

WILSON, Edmund. *Rumo à Estação Finlândia*. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

VOLUME 3

HISTÓRIA

Manual do Professor

SUMÁRIO

1. Pressupostos teóricos	291
2. Metodologia	292
3. Organização da obra	298
4. Nossa coleção e o Enem	303
5. Procedimentos pedagógicos	304
Sugestões de respostas das atividades	305
Capítulo 1 Do neocolonialismo à <i>Belle Époque</i>	305
Capítulo 2 Primeira Guerra Mundial e Revolução Russa	311
Capítulo 3 Brasil: do final do século XIX à Revolução de 1930	317
Capítulo 4 O período entreguerras e a ascensão do totalitarismo	323
Capítulo 5 Segunda Guerra Mundial	329
Capítulo 6 O Brasil durante o governo Vargas	335
Capítulo 7 Guerra Fria, capitalismo e socialismo	340
Capítulo 8 África, Ásia e América Latina: independência política	346
Capítulo 9 Da renúncia de Vargas às Diretas Já!	351
Capítulo 10 Décadas de 1970 e 1980: crise e conflito	360
Capítulo 11 O fim do bloco comunista	367
Capítulo 12 Mundo globalizado	371
Capítulo 13 Desafios para um Brasil democrático	377
6. Bibliografia	383



Photo12.com/Agência
France-Presse

1 Pressupostos teóricos

Vivemos em uma era de grandes conquistas. Os avanços científico-tecnológicos nas áreas da saúde, dos meios de comunicação, dos transportes, da agropecuária, entre outros, contribuíram para aumentar e melhorar a produção de alimentos, obter a cura de doenças, garantir maior velocidade na transmissão das informações e proporcionar muitas formas de conforto e diversão a uma parcela da população mundial. Porém, na contramão desse processo, milhares de pessoas não usufruem desses avanços e são excluídas de seus direitos básicos de cidadania, sem acesso a saúde, educação, saneamento básico, moradia e informação. Para agravar esse cenário, elas têm seus direitos a integridade física e moral constantemente violados.

A essas questões somam-se outros graves problemas, como a intolerância, verificada em seus mais variados aspectos: político, religioso, étnico, sexual, de gênero, de idade, de condição social, etc. Essa intolerância muitas vezes é levada a extremos, chegando a violência física, xenofobia, racismo, discriminação e muitas outras formas de desrespeito ao outro. Também são frequentes as violações de princípios éticos, como a corrupção, que implica sérios prejuízos ao desenvolvimento social, político e econômico das nações¹.

Outro dado alarmante da nossa era é a ameaça à existência dos seres vivos do planeta devida, entre outros fatores, ao consumo sem limites, ao desenvolvimento não sustentável e ao agravamento dos problemas ambientais, como o desmatamento, a extinção de espécies, a destruição da camada de ozônio, a poluição de rios e do ar, o aquecimento global, etc.

■ A importância da educação

Embora o quadro pareça desanimador, é importante compreender que a situação atual não é irreversível e, por isso, não devemos nos acomodar. **A História mostra que os sonhos e a crença no potencial criativo do ser humano foram o combustível essencial para a mudança das sociedades ao longo dos tempos.** Por isso, lutar por um mundo mais justo, tolerante, igualitário, solidário e fraterno não pode ficar restrito a poucos. É uma tarefa que compete a todos, independentemente de nacionalidade, idade, etnia, cultura ou convicções políticas, ideológicas e religiosas.

Apesar de acreditarmos que todos, desde os chamados cidadãos comuns até os representantes dos grandes conglomerados empresariais ou financeiros — passando, é claro, pelas mais variadas instâncias de poder —, têm a mesma responsabilidade nesse esforço de construir um mundo melhor, é inquestionável o

papel que a educação exerce no processo de desenvolvimento social da humanidade. **Por meio da educação, é possível formar indivíduos aptos a ler a realidade e capazes de interferir e modificar o mundo.**

■ O papel da História

Como a disciplina de História pode participar do processo de construção de um mundo melhor?

Por ser um instrumental para a compreensão das experiências sociais, culturais, tecnológicas, políticas e econômicas da humanidade ao longo do tempo, a **História tem papel fundamental na construção de um mundo mais solidário, fraterno e tolerante.** Por meio da História, os alunos podem compreender e tomar consciência de sua realidade social. Isso se concretiza, principalmente, quando eles percebem que seu presente, ou seja, seu cotidiano, suas crenças, seus valores, seus grupos sociais etc. integram um processo intimamente ligado ao passado. É no passado que estão as explicações de questões centrais de nossa realidade, de como elas foram construídas, modificadas ou consolidadas.

De fato, o ensino de História não apenas contribui para o desenvolvimento da consciência de cidadania do aluno, mas também oferece instrumentos que servem para a construção da própria identidade. Nas palavras do historiador francês René Rémond: “O entendimento do presente escapa a quem ignora tudo do passado e que só é possível ser contemporâneo do seu tempo tendo conhecimento das heranças, consentidas ou contestadas”².

Percebendo-se como integrante da sociedade (com a qual compartilha um passado e tem um presente em comum), o aluno também irá assumir, gradativamente, sua parcela de responsabilidade na construção do presente.

Longe de reduzir o estudo da História a um presenteísmo³ desvinculado dos fatos históricos ou de dar ao passado apenas um caráter utilitário, esse tipo de articulação aponta para uma questão central: a de que todos os atos humanos são históricos.

■ O livro didático

É nesse contexto que o livro didático se insere. Acreditamos que ele deve fornecer instrumentos e estratégias pedagógicas que possibilitem ao professor despertar em seus alunos interesses e motivações para agir no mundo em que vivem.

Esse exercício permitirá que os estudantes conheçam as semelhanças e as diferenças, as permanências e as rupturas de questões e valores na História,

¹ De acordo com a ONG Transparência Internacional, em 2015, o Brasil ocupava o 76º lugar no ranking sobre a percepção de corrupção no mundo. A nota do Brasil foi 38, em uma escala que vai de 0 (para os mais corruptos) a 100 (para os menos corruptos), caindo cinco pontos quando comparado com o ranking de 2014. No ranking daquele ano, foram avaliados 168 países.

² RÉMOND, René. *Introdução à História do nosso tempo*. Lisboa: Gradiva, 1994. p. 11.

³ O termo presenteísmo é uma expressão aplicada a um tipo de visão contemporânea que busca abolir o passado e a memória histórica e cujo alcance temporal não vai além do imediato. Sobre esse fenômeno afirma Eric Hobsbawm: “A destruição do passado – ou melhor, dos mecanismos sociais que vinculam nossa experiência pessoal à das gerações passadas – é um dos fenômenos mais característicos e lúgubres do final do século XX. Quase todos os jovens de hoje crescem numa espécie de presente contínuo, sem qualquer relação orgânica com o passado público da época em que vivem. Por isso os historiadores, cujo ofício é lembrar o que os outros esquecem, tornam-se mais importantes do que nunca. [...] Por esse motivo, porém, eles têm de ser mais do que simples cronistas, memorialistas e compiladores”. HOBBSBAM, Eric. *Era dos extremos: o breve século XX – 1914-1991*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. p. 13.

compreendam as singularidades do passado e, ao mesmo tempo, descubram as especificidades de nossa sociedade (comparada com outras do passado e do presente), em termos políticos, econômicos, sociais, religiosos, tecnológicos e culturais.

Nessa perspectiva, **esta coleção propõe auxiliar o(a) professor(a) de História a formar cidadãos críticos e atuantes no mundo em que vivem.** Para que isso se efetive, acreditamos ser essencial retirar a História do campo da erudição neutra ou da mera especulação do passado e colocá-la no campo da política, no melhor sentido da palavra⁴. Sentindo-se instigado pelas questões do seu cotidiano, os alunos poderão entender o passado como parte de um processo que lhes permite compreender e tomar consciência de sua realidade social para, a partir disso, atuar sobre ela.

2 Metodologia

Relação passado-presente

Esta coleção de História do Ensino Médio, composta de três volumes, destaca a **relação passado-presente**, que é abordada de diversas formas. As aberturas de Unidades, por exemplo, **trabalham conceitos que são caros ao mundo contemporâneo**, como diversidade religiosa, meios de comunicação de massa, ética, luta pela cidadania, política e participação, ciência e tecnologia, etc. Nas aberturas de capítulos, por sua vez, utilizamos temas ou fatos atuais relacionados ao conteúdo do capítulo.

A seção *Passado presente*, como o próprio nome indica, procura aprofundar a discussão sobre as relações entre o ontem e o hoje. Já a seção *Eu também posso participar* foi concebida com o objetivo de estimular os alunos a buscar relações no tempo e no espaço e reforçar sua participação cidadã no mundo. Finalmente, atividades como *Hora de refletir*, *Começo de conversa*, *Sua comunidade* e *De olho no mundo*, entre outras, têm o propósito de incentivar os alunos a consolidar e formalizar essas relações⁵.

Acreditamos que, ao trabalhar com a relação passado-presente, reforçamos a historicidade dos atos humanos, valorizamos a visão dialética da História e incentivamos os alunos a perceber que **a História é um processo aberto** e que os seres humanos não estão condenados a viver em nenhuma sociedade em particular. É a ação dos indivíduos – consciente ou não – que decide seu futuro⁶.

Fazer esse trabalho – direcionado para a relação entre passado e presente – não significa abandonar

os fatos e os processos do passado, mas sim dar-lhes sentido. Desse modo, nesta coleção procuramos referendar uma vasta gama de experiências vividas por diversos povos do planeta ao longo dos séculos, assim como alguns dos principais processos históricos da humanidade, desde seus primórdios até o mundo contemporâneo.

Preocupamo-nos em contemplar também processos, descobertas, sociedades, civilizações e povos geralmente ausentes das salas de aula. A seção *Enquanto isso...* cumpre, em parte, esse papel, pois, além de trabalhar a simultaneidade, permite trazer à tona experiências históricas diversificadas, contribuindo para deslocar o foco exclusivo da chamada história eurocêntrica⁷.

Outra preocupação da obra é destacar o papel de **diferentes grupos sociais ao longo da história**, abordando a participação das mulheres, das crianças, dos jovens e dos idosos nos processos históricos de constituição das diversas sociedades humanas. Isso é feito tanto por meio de textos e seções quanto por atividades diversas⁸. Além disso, esse Manual traz sugestões de propostas didáticas (os Procedimentos Pedagógicos) que podem ser desenvolvidas em sala de aula como forma de reforçar essas temáticas nas discussões dos conteúdos do livro.

Antigas sociedades orientais

Nesta coleção, foram abordadas diversas **sociedades orientais**, como a dos hindus, dos persas, dos fenícios, dos chineses, dos japoneses e dos hebreus, todos tratados no Volume 1. Salientamos, assim, a importância do legado desses povos ao mundo contemporâneo. Ao mesmo tempo, ao apresentar sociedades diferentes das existentes no mundo ocidental, tratamos da diversidade e da pluralidade étnica, cultural e religiosa, valorizando o respeito às diferenças e incentivando uma atitude de tolerância em relação ao outro.

A África

No caso das sociedades africanas, nossa preocupação foi ainda maior. Tratamos da cultura africana e afrodescendente ao longo de toda a coleção, seja dedicando capítulos exclusivos ou por meio de boxes em momentos oportunos.

Um de nossos objetivos foi **destacar a diversidade de povos que o continente africano abriga e o fato de eles terem não uma única história, mas experiências históricas e culturais variadas, distintas e ricas**⁹. Problematizar a história única, não apenas dos africanos e da

⁴ FENELON, Déa Ribeiro; CRUZ, Heloísa Faria; PEIXOTO, Maria do Rosário Cunha. In: FENELON, Déa Ribeiro et al. (Org.). *Muitas memórias, outras histórias*. São Paulo: Olho d'Água, 2004. p. 6.

⁵ Uma explicação pontual sobre a proposta de cada seção de texto e de atividades da coleção pode ser encontrada no item 3 (*Organização da obra*) deste Manual.

⁶ Ver SADER, Emir. *Século XX: uma biografia não autorizada*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2001. p. 129.

⁷ Exemplos dessa afirmação podem ser encontrados na seção *Enquanto isso...* dos Capítulos 4 e 10 do Volume 1, 1 e 3 do Volume 2 e 2 e 11 do Volume 3.

⁸ Exemplos disso podem ser encontrados na página 182 do Volume 1, página 140 do Volume 2 [seção *Eu também posso participar* do Capítulo 8] e na página 118 do Volume 3 [do Capítulo 6 no subtítulo *A Frente Negra Brasileira*].

⁹ No Capítulo 3 do Volume 1, por exemplo, destacamos o fato de a civilização egípcia ser africana, o que muitas vezes passa despercebido pelos alunos. Ver também o Capítulo 10 do Volume 1, que trata de alguns reinos africanos.

África, mas de outros povos e continentes, é um importante caminho para desenvolver o senso crítico dos alunos e incentivá-los a criar novas formas de se expressar e enxergar o mundo, além de desconstruir sentidos comuns e preconceitos. A escritora nigeriana Chimamanda Adichie faz uma interessante reflexão sobre o assunto: “é impossível falar sobre única história sem falar sobre poder. Há uma palavra, uma palavra da tribo Igbo, que eu lembro sempre que penso sobre as estruturas de poder do mundo, e a palavra é ‘nkali’. É um substantivo que livremente se traduz: ‘ser maior do que o outro’. Como nossos mundos econômico e político, histórias também são definidas pelo princípio do ‘nkali’. Como são contadas, quem as conta, quando e quantas histórias são contadas, tudo realmente depende do poder. Poder é a habilidade de não só contar a história de outra pessoa, mas de fazê-la a história definitiva daquela pessoa. O poeta palestino Mourid Barghouti escreve que se você quer destituir uma pessoa, o jeito mais simples é contar sua história, e começar com ‘em segundo lugar’. Comece uma história com as flechas dos nativos americanos, e não com a chegada dos britânicos, e você tem uma história totalmente diferente. Comece a história como fracasso do Estado africano e não com a criação colonial do Estado africano e você tem uma história totalmente diferente. (...) Quando nós rejeitamos uma única história, quando percebemos que nunca há apenas uma história sobre nenhum lugar, nós reconquistamos um tipo de paraíso”.¹⁰

Tanto estudos produzidos nas últimas décadas quanto a Lei nº 10.639 (e depois a Lei nº 11.645) indicam a necessidade de se fazer, na sala de aula, um trabalho mais sistemático e intenso em relação à história da África e dos afrodescendentes. Alguns estudos mostram, por exemplo, que muitas vezes as crianças, os adolescentes e os jovens afrodescendentes não se identificam como negros, uma vez que, quase sempre, são retratados nos meios de comunicação, incluindo os livros didáticos, em situações socialmente negativas: vinculados à pobreza, submissos (na condição de escravos e no ato de serem açoitados, por exemplo), relacionados à violência, etc.¹¹

Cientes disso, buscamos esclarecer como ocorreu o processo que resultou na lamentável exclusão social de boa parte da população afrodescendente no Brasil e no mundo. Ao mesmo tempo, procuramos destacar o relevante papel desempenhado pelos povos africanos ao longo da História. Na coleção, textos e imagens mostram, por exemplo, a participação dos africanos e afrodescendentes na construção da sociedade brasileira. Indivíduos que, ao longo dos séculos, ocuparam espaços na economia, na cultura e na política brasileiras, por meio de manifestação pública ou intelectual.¹²

Incluimos, também, informações, textos, imagens e atividades críticas que demonstram o quanto nossa cultura é marcada pela herança africana. Além disso, sempre que foi possível, incentivamos a reflexão sobre as formas de preconceito aparentemente “imperceptíveis” e enraizadas em nossa sociedade.

Povos indígenas

Em 1492, Cristóvão Colombo desembarcou na região que hoje conhecemos como América Central e, imaginando ter chegado à Índia, passou a chamar todos os nativos que ali viviam pelo nome genérico de índios. Passados mais de 500 anos, essa denominação ainda permanece no senso comum, de forma generalizada, muito embora seja conhecida a grande diversidade de povos indígenas que existem na América.

A imagem do indígena, quase sempre associada ao passado e estereotipada na clássica representação de “pessoas que andam nuas no meio da mata”, não representa de forma alguma a diversidade, as especificidades e as problemáticas históricas e atuais dos povos indígenas do continente americano.

Existem muitos estudos que analisam os nativos americanos na sua relação com os não indígenas, principalmente associados ao exótico ou à condição belicosa – em guerra contra outros povos (indígenas e não indígenas) ou como empecilho ao “desenvolvimento” da futura nação –, e também como povos domidos ou assimilados pelo colonizador. Nessa perspectiva, os indígenas são apresentados não como sujeitos históricos, mas como “coadjuvantes”¹³.

Essa visão, muito propagada principalmente pela historiografia do século XIX, tendeu a relegar os conhecimentos acumulados por esses povos ao esquecimento, assim como as singularidades de suas diversas culturas. Além disso, difundiu preconceitos na sociedade daquela época ao associar as populações indígenas ao atraso e à ignorância pelo fato de muitos desses povos não terem uma escrita formal. Por esse motivo, as nações indígenas muitas vezes foram taxadas pela historiografia tradicional como “povos sem cultura”.

Se do ponto de vista da cidadania essa atitude contribuiu para a manutenção do preconceito contra os povos indígenas, do ponto de vista da História e da Antropologia refletiu uma abordagem equivocada do conceito de cultura. Além disso, também colaborou para manter uma visão linear e evolutiva da História, uma vez que esses povos foram associados ao “primitivo”, enquanto o europeu (o colonizador) foi apresentado como modelo de civilização a ser alcançado por todos os povos.

Nesse cenário, é de importante necessidade um trabalho dedicado à história dos povos indígenas,

¹⁰ Ver o TED de Chimamanda Adichie, realizada em julho de 2009. Disponível em: <<http://tinyurl.com/gswkbec>>. Acesso em: 23 mar. 2016.

¹¹ Para ajudar a transformar essa situação, a História desempenha um papel destacado. Como afirma Selva Guimarães: “A História como disciplina formativa tem um papel central na luta pela superação da formação racista e no desafio de construção de um projeto de educação inclusiva, republicana, libertadora e plural”. GUIMARÃES, Selva. *Didática e prática de ensino de História*. Campinas: Papirus, 2012. p. 87.

¹² Além do painel geral que traçamos sobre a presença negra na colônia e no império (Capítulo 5 do Volume 2), abordamos a situação dos africanos e de seus descendentes em praticamente todos os capítulos de Brasil dos Volumes 2 e 3.

¹³ GRUPIONI, Luís Donisete Benzi. Livros didáticos e fontes de informações sobre as sociedades indígenas no Brasil. In: SILVA, Aracy Lopes da; GRUPIONI, Luís Donisete Benzi (Org.). *A temática indígena na escola: novos subsídios para professores de 1º e 2º graus*. Brasília: MEC/Mari/Unesco, 1995. p. 487.

tanto do passado como do presente, distante dessa visão eurocêntrica do mundo. Apesar de os estudos sobre a história das populações indígenas anterior à chegada do europeu ainda serem escassos e apresentarem muitas lacunas, há uma recente produção historiográfica que se preocupa em analisar esses povos com outro olhar, tratando-os como sujeitos da própria história e voltando-se para suas tradições e seus modos de vida (organização social, religiosidade, educação, crenças etc.). Além dos estudos e documentos indígenas que afirmam a necessidade de voltarmos nosso olhar para essas populações, a Lei n. 11 645, sancionada em março de 2008, é incisiva sobre a urgência de incorporar ao conteúdo programático escolar a história dos povos indígenas¹⁴.

Foi no sentido de contribuir de forma efetiva para a mudança dessa abordagem (que trata os povos nativos da América de forma generalizada e, muitas vezes, depreciativa) que trabalhamos a questão indígena nesta coleção. **Buscamos reforçar a historicidade dos povos indígenas**, assim como deixar claro para os alunos que **o contato entre indígenas e europeus não se resumiu a uma simples relação de dominador e dominado**¹⁵.

Acrescente-se ainda que em vários capítulos sobre a história do Brasil destacamos o indígena no tempo presente. Além de mencionar os problemas que essa população enfrenta hoje, procuramos mostrar também o quanto a herança indígena faz parte da nossa cultura.

Trabalho com conceitos

Embora tenhamos adotado uma perspectiva de História integrada e cronológica para a obra, o cerne de sua organização, assim como um dos pilares de sua metodologia, são as unidades conceituais. Elas foram criadas para serem **mais um suporte no trabalho de formação do espírito crítico do jovem cidadão em sala de aula**.

Esses conceitos foram pensados tendo em vista a coleção completa e um trabalho a ser realizado em três anos. Assim, os 42 capítulos dos três livros da coleção se dividem em 12 unidades conceituais, nas quais abordamos algumas das principais questões de nosso tempo. São elas: *Conhecimento e criatividade*; *Urbanização*; *Direito e democracia*; *Diversidade religiosa*; *Diversidade cultural*; *O trabalho*; *A luta pela cidadania*; *Política e participação*; *Ciência e tecnologia*; *Meios de comunicação de massa*; *Violência*; *Ética*.

Dois critérios principais nos levaram a definir o conceito de cada Unidade: a importância do assunto para a compreensão de diferentes aspectos da realidade

(sobretudo a realidade brasileira) e os momentos em que, no decorrer da História, esses conceitos se constituíram ou se evidenciaram.

Podemos exemplificar nossa proposta citando a Unidade 4 do Volume 1, *Diversidade religiosa*. Os capítulos nela compreendidos abrangem um período que vai de 1200 a.C. até os séculos XV e XVI, aproximadamente. Entre outros aspectos, esse período foi marcado pela consolidação das duas maiores religiões monoteístas do mundo contemporâneo: o cristianismo e o islamismo. Assim, aproveitamos um conteúdo já existente na organização cronológica da obra para promover uma reflexão sobre o sentido da religião para diferentes povos e a historicidade da religião, destacando, por exemplo, as principais características do islã e como essa religião se expandiu ao longo do tempo, as transformações no cristianismo nos séculos XV e XVI, entre outras questões. Trabalho semelhante é feito sobre as religiões africanas, um dos temas do Capítulo 10 dessa Unidade. Ainda para exemplificar, podemos mencionar a Unidade 2 do terceiro volume, que aborda o período entre 1920 e a Guerra Fria, aproximadamente. Nessa Unidade optamos por abordar o papel desempenhado pelos meios de comunicação de massa, pois foi nesse período que ocorreu a invenção da televisão e no qual o cinema, o rádio e a publicidade se difundiram pelo mundo. Foi também nessa época que o poder de penetração social desses meios de comunicação foi levado ao extremo, particularmente pelo uso que deles fizeram os regimes totalitários.

O vínculo entre os capítulos e o conceito da Unidade é estabelecido por meio de recursos variados, como os textos de abertura da Unidade. Em geral, esses textos apresentam, inicialmente, exemplos ou situações do cotidiano da maioria das pessoas (no presente), sugerindo aos alunos que o assunto abordado também diz respeito a eles e à sociedade em que vivemos. Em seguida, problematizamos o conceito apresentado, para, finalmente, relacioná-lo ao conteúdo dos capítulos. Dessa forma, fica claro para os alunos que aquele assunto contemporâneo liga-se, de alguma forma, ao passado¹⁶.

As discussões a respeito dos conceitos de cada Unidade continuam no interior dos capítulos, tanto no texto principal, dos boxes e das seções, quanto nas atividades sugeridas.

Na escolha dos conceitos a ser trabalhados na obra, buscamos aqueles adequados à realidade do aluno de Ensino Médio e, ao mesmo tempo, relacionados às necessidades do presente e ao entendimento do

¹⁴ Lei n. 11 645, de 10 março de 2008. Disponível em: <www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2008/lei/L11645.htm>. Acesso em: 19 mar. 2016.

¹⁵ A respeito dessa questão, comenta a professora Maria Regina Celestino de Almeida: “As relações de contato entre os índios e a sociedade ocidental eram vistas como simples relações de dominação impostas aos índios, de tal forma que não lhes restava margem de manobra alguma a não ser a submissão passiva a um processo de perdas culturais progressivas que os levaria à descaracterização e à extinção étnica. Nessa perspectiva, os índios do Brasil integrados à colonização, quer na condição de escravos ou de aldeados, diluíam-se nas categorias genéricas de escravos ou despossuídos da colônia. Assim, os tamoios, os aimorés, os goitacases eram índios bravos, mas perderam a guerra, foram absorvidos pelo sistema colonial como vítimas indefesas, aculturaram-se, deixaram de ser índios e saíram da História. Em nossos dias, as novas propostas teóricas da Antropologia e da História, disciplinas que ao se aproximarem desenvolvem e ampliam a noção de cultura, têm permitido uma outra compreensão das relações de contato entre índios e europeus, de suas experiências no interior dos aldeamentos e, conseqüentemente, da própria história indígena do Brasil”. ALMEIDA, Maria Regina Celestino de. Identidades étnicas e culturais: novas perspectivas para a história indígena. In: ABREU, Martha; SOIHET, Rachel (Org.). *Ensino de História: conceitos, temáticas e metodologia*. Rio de Janeiro: Faperj/Casa da Palavra, 2003. p. 27.

¹⁶ Sobre o texto de abertura, ver o item 3 (*Organização da obra*) deste Manual.

assunto no passado¹⁷. Vale dizer que não é nosso objetivo, nesta coleção, aprofundar os conceitos ao nível de discussões de natureza filosófica ou semântica, pois tal tarefa cabe aos cursos de graduação ou pós-graduação¹⁸.

■ Trabalho com imagens

O mundo contemporâneo é marcado por uma profusão de imagens e registros visuais que se manifestam nos mais variados suportes, como nos programas de televisão, nos anúncios de publicidade, nos filmes e na internet. Assim, o jovem cresce imerso nesse variado universo de imagens. Por essa razão, elas (pinturas, esculturas, mosaicos, ilustrações, mapas, fotografias etc.) se tornaram um elemento de suma importância no trabalho em sala de aula pois, entre outras possibilidades, permitem aos leitores (principalmente ao público mais jovem) a percepção de formas diversas da passagem do tempo histórico, bem como desenvolver neles um espírito crítico diante do objeto observado. Nesse caso, como ressalta a historiadora Ana Maria Mauad, para que as imagens possam ser pensadas de forma crítica e historicizada, há de se operar sobre a natureza histórica delas, buscando a sociedade que a produziu através do sujeito que a consumiu¹⁹.

Assim, para que o trabalho com imagens em sala de aula seja proveitoso, alguns objetivos são necessários. Primeiro, as imagens devem contribuir de fato para as discussões propostas na coleção e ser analisadas como documentos históricos. Outro aspecto a ser observado é o processo de **leitura e interpretação de imagens, que deve ajudar os alunos a entender o significado específico desses documentos, o contexto em que foram produzidos e as intenções de quem os produziu**, além de contribuir para torná-los aptos a fazer uma leitura crítica desse tipo de documento em outras situações de sua vida²⁰.

Foi com base nesses princípios que procuramos selecionar a iconografia apresentada na obra. O processo de escolha orientou-se no sentido de optar por imagens que de fato fossem mais um instrumento para a leitura e compreensão dos fatos, processos, conceitos e das realidades estudadas ao longo da coleção. Foi também nossa preocupação selecionar imagens que refletissem a produção iconográfica de variadas regiões do mundo em diversos tempos e lugares²¹.

Outro trabalho importante apresentado nessa coleção são as atividades com mapas, que permitem analisar e relacionar diferentes fenômenos em uma

determinada região, revelando o espaço como produto das relações sociais. Por funcionar como síntese de vários aspectos estudados no capítulo, sua leitura deve ser sempre recomendada, seja individualmente, seja de forma coletiva. Nesse sentido, foram propostas atividades com leitura e análise de mapas diversos ao longo dos volumes. Para a realização dessas atividades, é importante que os alunos observem as informações presentes na representação cartográfica, como a escala, as fronteiras de países ou regiões, o significado dos símbolos da legenda, além de confrontarem informações do mapa e do texto. Quando possível, devem comparar mapas que representam a mesma região em capítulos distintos. As atividades de análise de mapa podem ser usadas como instrumentos para dialogar com a disciplina de Geografia, visando à interdisciplinaridade.

■ Interdisciplinaridade e experimentação

Para que a educação garanta de fato o desenvolvimento das múltiplas dimensões do educando – cognitivas, sociais, políticas, afetivas, ética etc. –, é preciso também que **o conhecimento seja trabalhado como múltiplo, como algo não compartimentalizado**. Cada acontecimento, invenção, ideia, proposta política ou descoberta traz em si inúmeros interesses, informações, relações, que precisam ser evidenciadas e exploradas ao longo das aulas.

Para ilustrar essa preposição, vamos pensar no Renascimento iniciado no século XV (Capítulo 13 do Volume 1). Uma das maiores novidades da arte do período foi a perspectiva, princípio pelo qual as pessoas e os objetos passaram a ser representados em uma tela em suas posições e tamanhos proporcionais a partir de uma observação fixa (ver box da página 253, Capítulo 13, Volume 1). Essa inovação da arte só foi possível graças ao desenvolvimento de conhecimentos variados como a Matemática, a Física, etc. Outras descobertas científicas (como na área da Medicina) também influenciaram a produção de obras de arte no período e vice-versa (ver páginas 250 e 251 do Volume 1, especificamente).

Outros exemplos são as reflexões sobre temas como a exclusão social da mulher e da população negra, o papel dos movimentos sociais, a análise da cidadania e da participação política em diferentes momentos da História, entre outros, que são ampliados a partir da análise de gráficos, tabelas, imagens e variados dados e ferramentas fornecidos por diferentes saberes e campos científicos. No diálogo entre História

¹⁷ Conforme consta nas *Orientações curriculares para o Ensino Médio*, os conceitos para esse nível de ensino devem funcionar como “indicadores de expectativas analíticas”. Ver *Conhecimentos de História*. In: *Orientações curriculares para o Ensino Médio*. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/book_volume_03_internet.pdf, p. 71>. Acesso em: 19 mar. 2016.

¹⁸ Segundo o historiador Marcelo Jasmim, os conceitos sofrem alterações de sentido ao longo do tempo: “Quando consideramos a noção de revolução que aparecia há quatro ou cinco séculos, esse conceito significava o que Copérnico dizia em relação às ordens celestes. Revolução era o retorno do astro ao seu próprio lugar depois de realizar a sua órbita. Para nós, hoje em dia, revolução é o contrário disso. Não é restauração; é ruptura em relação ao lugar de origem”. (Citado em: *Linguagem e História* – Entrevista com Marcel Jasmim. Disponível em: <<http://tinyurl.com/zgtpx8t>>. Acesso em: 19 mar. 2016.)

¹⁹ Ver: MAUAD, Ana Maria. As imagens que educam e instruem – usos e funções das ilustrações nos livros didáticos de história. In: OLIVEIRA, Margarida Maria Dias de; STAMATTO, Maria Inês Sucupira (Org.). *O livro didático de História: políticas educacionais, pesquisas e ensino*. Natal: Ed. da UFRN, 2007. p. 110-111.

²⁰ Sobre as estratégias específicas de trabalho com imagens, ver as seções *Olho vivo* e *Interpretando documentos* no item 3 (*Organização da obra*) deste Manual.

²¹ Ver, por exemplo, o afresco minoico reproduzido na página 114 do Volume 1, o *Códice Mendoza* nas páginas 44 e 45 do Volume 2 e a pintura *Guernica* nas páginas 90 e 91 do Volume 3.

e Economia, por exemplo, podemos pensar: “*é possível desassociar a pobreza e a violência das teorias e práticas econômicas?*” (ver Capítulo 12 do Volume 3).

O que queremos destacar é que **o conhecimento é plural**. Mesmo que determinado acontecimento ou fato pareça estar ligado a uma área específica – como a Física, a Matemática, a História, a Medicina, por exemplo –, o conhecimento é resultado de diversas fontes e interesses inter-relacionados. É por isso que não podemos trabalhar as disciplinas escolares de forma estanque. Como afirma a linguista Karen Currie, “as disciplinas são fios entrelaçados do mesmo tecido”²².

Foi esse dinamismo do conhecimento que procuramos ressaltar ao longo de toda a coleção. **Por meio de textos, boxes, atividades, imagens, etc., procuramos evidenciar esse entrelaçamento dos saberes**. Além de o próprio texto, em muitos momentos, se referir ou se relacionar a diversas áreas do conhecimento, existem algumas seções nas quais procuramos apresentar de forma concreta como se dá a interdisciplinaridade. *Interpretando documentos*, por exemplo, é uma seção que utiliza diferentes gêneros textuais e iconográficos, inclusive de obras literárias, para discutir aspectos variados das sociedades, como mentalidades, inovações, fatos políticos e sociais, etc.²³. Já a seção *Olho vivo* utiliza os diversos componentes presentes em uma obra de arte – como a técnica, saberes matemáticos etc. – para ajudar a compreender determinado momento histórico. *Fechando a Unidade*, por sua vez, faz uso de diferentes gêneros textuais – quadrinhos, poesia, artigos –, além de gráficos, tabelas, fotografias e pinturas para refletir sobre o passado e o presente. A seção de atividades *Diálogos*, que aparece no interior de alguns boxes, também tem como finalidade evidenciar a interdisciplinaridade. Além disso, em diversos pontos dos capítulos, utilizamos o selo *Dialogando com...* de modo a evidenciar as relações da História com outras disciplinas do conhecimento.

É também com o intuito de levar os alunos a perceberem na prática a interdisciplinaridade que, ao longo da coleção, em diversos momentos, **propomos atividades de experimentação**, como gravação de vídeo, elaboração de músicas, poesias, jornais, encenação teatral, pesquisa de opinião, entrevistas, etc. Nesta coleção, em ocasiões em que essa interdisciplinaridade se torna mais evidente, foi aplicado o selo *Dialogando com...*

● Como “aprender”?

Tendo em vista a perspectiva de construção do conhecimento histórico e a formação para a cidadania, procuramos delinear como os alunos poderão aprender e compreender fatos e processos históricos e, também, entender a realidade em que vivem.

Sabemos que não existem receitas prontas ou infalíveis, mas acreditamos que um bom começo seja **incentivar os alunos a utilizar os saberes que já possuem, contribuindo para o resgate de sua autoestima pedagógica e social**. É essencial dar importância aos conhecimentos prévios dos alunos e oferecer-lhes a oportunidade de se expressar sobre esses conhecimentos, expondo suas opiniões e seus valores.

Acreditamos também ser importante realizar um trabalho no sentido de desenvolver a observação dos alunos em relação ao mundo em que vivem. Assim, eles poderão perceber que questões aparentemente simples da vida ou da comunidade em que vivem estão, muitas vezes, relacionadas com temas globais. Ao fazer isso, eles poderão identificar as relações sociais ao seu redor e relacioná-las (ou não) com as do passado. Essa atitude lhes servirá como ponto de partida para a compreensão tanto do presente como do passado.

Para concretizar essa possibilidade, oferecemos textos e discussões sobre importantes questões relacionadas ao passado e ao mundo contemporâneo, pois, como afirma o historiador Eric Hobsbawm, “ser membro da comunidade humana é situar-se com relação a seu passado”²⁴.

Tão importante quanto oferecer aos alunos textos e informações, é encontrar estratégias que os tornem capazes de fazer uma leitura do passado e do presente e prepará-los para transpor esse conhecimento para novas situações. Para isso, acreditamos ser *primordial* o papel do(a) professor(a), profissional com formação em História e conhecedor(a) da realidade de seus alunos. Ele(a) deve desenvolver estratégias que sejam pertinentes e adequadas à sua realidade escolar. É ele(a) que “pode ensinar o aluno a adquirir as ferramentas de trabalho necessárias, o saber-fazer, o saber-fazer-bem, lançar os germes do histórico. Ele é o responsável por ensinar o aluno a captar e a valorizar a diversidade dos pontos de vista. Ao professor cabe ensinar o aluno a levantar problemas e a reintegrá-los num conjunto mais vasto de outros problemas, procurando transformar, em cada aula de história, temas em problemáticas”²⁵.

Para nós, o livro didático, assim como outros materiais e procedimentos, pode ser um importante instrumento de apoio para o trabalho do professor. Além de ser um depositário dos conteúdos históricos organizados sistematicamente, ele também pode auxiliá-lo na tarefa de desenvolver competências e habilidades essenciais para a formação dos alunos, como leitura e análise, material de consulta, contextualização e interpretação de diversos tipos de fontes e testemunhos, tanto do passado quanto do presente, etc.

Foi com base nessas premissas que elaboramos esta coleção. Buscamos oferecer textos e imagens

²² CURRIE, Karen. *Meio Ambiente – Interdisciplinaridade na prática*. São Paulo: Papyrus, 2007. p. 11.

²³ Nesse sentido, vale destacar a importância da utilização de diferentes linguagens no ensino e na reflexão sobre a história. Como afirma Flávia Cópico Esteves, o “uso de diferentes fontes e linguagens – compreendidas entre imagens, obras literárias, artigos de jornal, filmes e música – compõe um terreno fértil para pensar a sala de aula não como um local de simples transmissão do conhecimento, mas como momento e espaço de produção do saber histórico”. ESTEVES, Flávia Cópico. *Interpretações do passado, leituras do tempo presente: notas sobre o diálogo entre história e cinema*. In: ABREU, Martha; SOIHET, Rachel; GONTIJO, Rebeca (Org.). *Cultura política e leituras do passado*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007. p. 481.

²⁴ HOBBSAWM, Eric. *Sobre História*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. p. 22.

²⁵ SCHMIDT, Maria Auxiliadora. *A formação do professor de História e o cotidiano da sala de aula*. In: BITTENCOURT, Circe (Org.). *O saber histórico na sala de aula*. São Paulo: Contexto, 2006. p. 57.

de naturezas diversas que possibilitem um trabalho consistente na compreensão da História e do presente. Entretanto, assim como no estudo de História não basta ao historiador ter evidências em mãos sem lhes fazer as perguntas corretas, também não basta colocar as informações e os documentos nas mãos dos alunos sem habilitá-los a lê-los e a interpretá-los.

■ Atividades

Além das estratégias utilizadas para trabalhar os conceitos das Unidades, diversas outras foram pensadas como facilitadoras no processo de aprendizagem dos alunos. Nesse contexto desenvolvemos as propostas das atividades desta coleção.

Organizadas tanto pelo prisma cognitivo²⁶ quanto pelo da formação básica de História, as atividades no interior dos capítulos são de natureza e objetivos variados²⁷.

Na atividade *Sua comunidade*, por exemplo, buscamos relacionar a discussão do conceito da Unidade ou do tema do capítulo à realidade local dos alunos. *Sua opinião* é outra atividade que, além de requerer que os alunos se posicionem sobre valores, crenças, polêmicas etc., ainda trabalha o desenvolvimento da habilidade de argumentação.

Já na seção *Olho vivo*, os alunos terão a compreensão de que as imagens podem ser interpretadas sob diferentes pontos de vista e não se constituem apenas em mecanismo para “ilustrar” o texto nem em uma “cópia fiel” dos acontecimentos. Nela, contextualizamos imagens como pinturas, monumentos, construções, estamparias, mapas, frisos, etc. e explicamos detalhes ou simbologias importantes de sua confecção.

Se na seção *Olho vivo* mostramos aos alunos que o trabalho de leitura de imagens é factível e apaixonante, na seção *Interpretando documentos* são eles que colocam em prática os conhecimentos adquiridos, fazendo a leitura e a interpretação de imagens e outros documentos. É também nessa seção que os alunos comparam documentos de naturezas semelhantes (como dois escritos) ou de naturezas diferentes (como um escrito e uma imagem). O trabalho de leitura de documentos também possibilita aos alunos assimilar e/ou reforçar as especificidades e conceitos próprios da História, como a de que um mesmo fato pode ter múltiplas interpretações, a transitoriedade do conhecimento histórico, etc.

Além disso, procuramos selecionar trechos de obras literárias, já que por meio delas é possível relacionar e articular as diversas áreas do conhecimento²⁸. Assim como as obras literárias, os filmes e os documentários

sugeridos ao longo da coleção são importantes recursos para obter o envolvimento dos alunos com a História e para trabalhar com áreas afins. Embora todos os livros e filmes indicados sejam pertinentes à faixa etária de alunos do Ensino Médio, é importante que o(a) professor(a), antes de referendar tais indicações, veja se elas são adequadas à realidade ou ao perfil de sua classe, região e escola.

O trabalho de integração da História com outras áreas do conhecimento foi uma preocupação constante na elaboração da obra e pode ser percebido também nas atividades nomeadas *Diálogos*.

Foi também nossa preocupação criar caminhos para **auxiliar o professor** no desenvolvimento ou reforço de competências e habilidades dos alunos, como pesquisar, localizar informações no texto, organizar exposições, trabalhar a cultura material e imaterial, fazer leitura de mapas, etc. Enquanto algumas atividades foram elaboradas para ser resolvidas individualmente, estimulando a capacidade de concentração e autonomia dos estudantes, outras têm como proposta a elaboração de respostas em grupo, escritas ou orais. Dessa maneira, **os alunos não só poderão desenvolver a capacidade de argumentação e raciocínio, mas também serão estimulados a trabalhar em equipe, trocar ideias, debater e respeitar a opinião do outro**²⁹.

■ Como avaliar

No universo escolar, a avaliação é um poderoso instrumento de diagnóstico do processo de aquisição do conhecimento por parte do educando e da relação didática estabelecida entre o professor e o aluno. Entendemos que a avaliação não se resume a provas nem pode ser vista como mero processo classificatório, com o intuito de identificar erros. Ao contrário, **é um meio que permite ao professor avaliar o grau de amadurecimento intelectual e pedagógico dos alunos e os acertos e erros das estratégias didáticas utilizadas**. Por essa razão, acreditamos ser primordial que os objetivos e os critérios da avaliação sejam claros tanto para o professor quanto para os alunos.

Considerando a organização da obra por unidades conceituais e nossa concepção de que o Ensino Médio deve contribuir efetivamente para a formação integral do aluno, apresentamos a seguir algumas propostas de avaliação contínua que podem servir como ponto de partida para que o professor organize um sistema de avaliação adequado à realidade de sua classe.

- a) *Avaliação no início da Unidade*: essa avaliação pode fornecer informações ao professor sobre o nível de conhecimento dos alunos em relação ao conceito e

²⁶ De modo geral, a proposta cognitiva contida nas atividades desta coleção segue o caminho definido pela *Matriz de Referência para o Enem 2012*, a saber: levar o aluno do Ensino Médio a 1) Dominar linguagens; 2) Compreender fenômenos; 3) Enfrentar situações-problema; 4) Construir argumentação; 5) Elaborar propostas. Ver *Matriz de Referência para o Enem 2012* no final deste Manual. Disponível em: <http://download.inep.gov.br/educacao_basica/enem/downloads/2012/matriz_referencia_enem.pdf>. Acesso em: 19 mar. 2016.

²⁷ Sobre as atividades, ver o item 3 (*Organização da obra*) deste Manual.

²⁸ Conforme observa o historiador Rafael Ruiz, o modelo narrativo nos permite conhecer tanto o ponto de vista do narrador quanto uma abordagem comparativa. O narrador, pelo fato de narrar, posiciona-se a partir de um ponto de vista, que fica explícito na própria narrativa. Ver: RUIZ, Rafael. *Literatura: novas formas de abordar o ensino de História*. In: KARNAL, Leandro (Org.). *História na sala de aula: conceitos, propostas e práticas*. São Paulo: Contexto, 2008. p. 91.

²⁹ Em *Orientações curriculares para o Ensino Médio* encontram-se diversas propostas de estratégias que podem ser utilizadas pelo professor para levar o aluno a desenvolver habilidades próprias aos estudantes do Ensino Médio. Ver *Conhecimentos de História*. In: *Orientações curriculares para o Ensino Médio*. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/book_volume_03_internet.pdf, p. 80-84>. Acesso em: 19 mar. 2016.

aos temas que serão discutidos na Unidade. Sugerimos que, por meio da seção *Começo de conversa*, o professor faça uma análise das aptidões, conhecimentos e interesses dos alunos, já tendo em mente os objetivos que pretende alcançar com o grupo.

b) *Avaliação no decorrer da Unidade*: possibilita principalmente verificar o processo de aquisição de conhecimentos dos alunos, o desenvolvimento da capacidade de observar e interpretar criticamente a realidade, bem como a validação ou não das

estratégias pedagógicas utilizadas pelo professor. Essa avaliação pode ser feita cotidianamente por meio da verificação da participação e do empenho dos alunos em trabalhos individuais ou coletivos, orais ou escritos, em pesquisas, debates, provas etc.

c) *Avaliação ao final da Unidade*: tem como objetivos fazer um diagnóstico sobre o que os alunos assimilaram ao longo da Unidade e se compreenderam de forma satisfatória os conceitos estudados nela.

3 Organização da obra

O quadro a seguir oferece uma visão da estrutura da obra com suas principais características.

ESTRUTURA DA OBRA		COMPONENTES
Unidade	Abertura de Unidade	Texto de abertura
	Capítulos	Atividade <i>Começo de conversa</i>
		Abertura de capítulo
		Texto central
		Boxes gerais
		<i>Passado presente</i>
		<i>Eu também posso participar*</i>
		<i>Olho vivo</i>
		<i>Enquanto isso...</i>
		<i>Esquema-resumo</i>
		<i>Minha biblioteca</i>
		Glossário
		Atividades no interior de boxes e seções
	<i>Sua comunidade</i>	
<i>Sua opinião</i>		
<i>De olho no mundo</i>		
Atividades no meio e ao final do capítulo	<i>Interpretando documentos</i>	
	<i>Teste seu conhecimento</i>	
	<i>Organizando as ideias</i>	
	<i>Hora de refletir</i>	
Fechamento de Unidade	Atividade <i>Fechando a Unidade</i>	

* Nos capítulos de História geral.

Unidades conceituais

» Texto de abertura

A ideia de pôr em prática um trabalho com conceitos **pressupõe a valorização do conhecimento que os alunos possuem sobre a sociedade e sobre as relações sociais, econômicas, políticas, culturais e do cotidiano.**

Por meio da mobilização de seu conhecimento prévio para a interpretação da realidade, mediada pela atuação do professor, esperamos que os alunos alcancem um nível de conhecimento adequado em relação aos conceitos históricos abordados na coleção.

Cabe observar que o texto de abertura não é um resumo dos assuntos que os alunos estudarão nos capítulos. As aberturas têm por finalidade potencializar

questões que os educandos, de modo geral, conhecem, mas sobre as quais provavelmente não refletiram de forma sistemática ou sob uma perspectiva histórica.

Antes de iniciar uma nova Unidade, o professor pode fazer um levantamento dos assuntos recentes no cotidiano da comunidade em que os alunos vivem, bem como dos grandes temas em discussão no Brasil e no mundo, apresentando-lhes exemplos relacionados ao conceito em questão. Isso pode ser feito utilizando notícias divulgadas pela imprensa ou por meio de músicas, poemas, textos de pensadores etc. É interessante incentivar os alunos a apresentar outros exemplos. O trabalho em torno de cada conceito pode ser feito também por meio de pesquisas complementares, cujos resultados podem ser apresentados na forma de seminários, cartazes, peças de teatro etc.

» Começo de conversa

No trabalho de mostrar aos alunos qual parte do assunto discutido é de seu conhecimento, criamos, em cada abertura de Unidade, a seção *Começo de conversa*.

Essa seção de atividades **tem como objetivo trabalhar os saberes prévios dos alunos**. Trata-se de questões que visam sensibilizá-los em relação ao conceito abordado, apoiando-se no conhecimento que eles já têm sobre o assunto³⁰. Procuramos ver o “conhecimento prévio” como um **repertório que faz parte da memória e da inteligência de todas as pessoas, independentemente da formação acadêmica ou do grupo socioeconômico a que pertencem**. Tais repertórios são adquiridos com a convivência familiar, o contato com amigos e grupos de convívio, pelas novelas, por jornais, filmes, músicas, etc.

Para evitar perguntas que se resumam ao mero “você conhece ou já ouviu falar...”, buscamos situações do cotidiano ou do mundo contemporâneo que liguem a realidade dos alunos ao conceito trabalhado. Vale lembrar que as perguntas elaboradas servem apenas de indicadores e, de acordo com a realidade da classe ou, por exemplo, das discussões do momento na mídia, o professor pode alterá-las.

Por se tratar de um instrumento para verificar o conhecimento prévio dos alunos sobre determinada situação ou determinado conceito, as respostas às perguntas dessa seção não devem ser encaradas sob o prisma do “certo ou errado”. Mas também por ter essa característica (de ser um avaliador do conhecimento do aluno), elas podem ser um valioso instrumento de avaliação dos próprios alunos, que, ao final do estudo da Unidade, terão a oportunidade de comparar seu conhecimento inicial com as respostas das atividades da seção *Fechando a Unidade*, que veremos a seguir.

» Fechando a Unidade

Ao término de cada Unidade criamos a seção *Fechando a Unidade*, na qual, por meio da leitura e da interpretação de documentos, propomos aos alunos emitir opiniões e elaborar de forma mais sistematizada suas ideias a respeito do conceito trabalhado, assim como ir além daquilo que foi discutido inicialmente.

Desse modo, a seção tem a finalidade de incentivar os alunos a sintetizar, a partir de discussões centradas no presente, as principais questões conceituais da Unidade.

Foi nossa preocupação oferecer nessa atividade **documentos com as mais variadas linguagens** – letras de músicas, textos teóricos, charges, histórias em quadrinhos, poemas, gráficos, mapas, artigos de jornais, trechos de romances etc.–, com o objetivo de ampliar o repertório dos alunos e desenvolver neles a capacidade de ler e interpretar diversos tipos e formatos de documentos.

■ Estrutura dos capítulos

» Aberturas

Em geral, a abertura dos capítulos apoia-se em algum fato ou acontecimento contemporâneo e o relaciona com o conteúdo que será ali estudado. Seu objetivo principal é sensibilizar os alunos para as questões da atualidade e o texto que irão ler em seguida. É possível substituir o tema apresentado nas aberturas por outro que esteja presente na mídia ou no cotidiano local e, na sequência, vinculá-lo ao conteúdo do capítulo.

» Texto central

Partindo do currículo básico de História exigido para o Ensino Médio, procuramos elaborar um texto com linguagem fluente, clara e objetiva, cuidando para atender à capacidade cognitiva da faixa etária dos alunos e para não incorrer na simplificação das ideias. E, sempre que foi possível, procuramos mostrar como ocorre a construção do saber histórico.

» Boxes gerais

Ainda que tenhamos nos preocupado em garantir o currículo mínimo no texto central, os boxes são de extrema importância dentro da estrutura da obra, pois apresentam informações que complementam o texto central. Por isso, é fundamental que os alunos leiam atentamente seu conteúdo, extraindo as ideias principais apresentadas.

Os boxes contêm textos tanto de nossa autoria como de historiadores, filósofos, literatos, artigos de revistas ou jornais, entre outros documentos. É importante orientar os alunos a perceber as diferenças entre essas variadas fontes e a observar quais delas são primárias e quais são secundárias.

É recomendável ainda solicitar aos alunos que identifiquem as ideias principais e anotem no caderno palavras ou expressões-chave para, em seguida, definir seus significados.

Os boxes gerais dividem-se entre os que não são acompanhados de créditos (com informações gerais) e aqueles nos quais trabalhamos informações retiradas pontualmente de documentos, livros, teses, revistas, jornais, sites e outras fontes. Os créditos atribuídos a estes últimos podem ser de naturezas diferentes: Citação da fonte, quando reproduzimos de forma *ipsis literis* textos de outros autores; *Elaborado com base em*: quando fazemos algumas alterações no texto de outros

³⁰ Ver, por exemplo, o texto de abertura e o *Começo de conversa* das Unidades 3 e 4 do Volume 1, das Unidades 1 e 2 do Volume 2 e das Unidades 3 e 4 do Volume 3.

autores, de modo a tornar a linguagem adequada aos alunos ou quando os textos são de nossa autoria, mas elaborados a partir de obras específicas que nos serviram de referência; *Adaptado*: quando houve algum trecho reescrito ou dividido em várias frases ou houve alguma palavra trocada. Sempre que possível, convém reforçar essas diferenças de autoria para que os alunos se habituem a observar preceitos básicos da leitura de textos, como o “quem fala” em cada documento.

» Seções

PASSADO PRESENTE

Esta seção tem como objetivo chamar a atenção para as **permanências e as rupturas históricas** em questões variadas suscitadas pelo texto central. Aparece em vários capítulos e aborda temas discutidos hoje, tais como: prós e contras de energias alternativas como o etanol; debate sobre os transgênicos, entre outras questões do mundo contemporâneo.

EU TAMBÉM POSSO PARTICIPAR

Hoje é inegável a ameaça que paira sobre a saúde do planeta, provocada tanto pela questão ambiental quanto pelos riscos decorrentes da convivência belicosa entre os povos. Diversas pesquisas revelam que essa situação tem se tornado cada vez mais um foco de preocupação da população mundial³¹.

Diante dos riscos atuais, as autoridades públicas das nações, com o apoio de instituições nacionais e internacionais e da população em geral, cada vez mais têm realizado esforços com o objetivo de conscientizar e mobilizar toda a sociedade acerca dos problemas ambientais e sociais que nos cercam. A tomada de consciência tem despertado em muitos o desejo de “fazer algo” para a preservação da vida no planeta e para melhorar as relações entre os seres humanos, o que revela a capacidade solidária das pessoas e o fato de que todos nós fazemos parte e podemos interferir no mundo em que vivemos.

A seção *Eu também posso participar nasceu justamente para reforçar a importância que cada um tem no processo global, ou seja, alertar a consciência cidadã dos alunos de modo a se perceberem como agentes históricos* que têm condições, de diversas formas, de alterar a realidade que os cerca.

Visto sob a perspectiva dos PCN, os assuntos desta seção se adequam aos *Temas Transversais*. Sobre a relação Temas Transversais e sala de aula, justifica o historiador José Alves de Freitas Neto:

Os temas transversais não devem ser vistos como opositores dos saberes considerados clássicos, mas necessidades e questões do presente, de grande importância, que não podem ser ignorados pelos educadores. Se o mundo, a família, os modelos mudaram, faz-se

*necessário uma nova prática escolar, que atualize e valorize a própria escola e os que nela estão. Considerar as questões trazidas pelas crianças e jovens dos ensinos Fundamental e Médio, como questões menores, significa reduzir suas preocupações e sua própria existência. O mundo deles e o nosso têm questões que não são menores do que as apresentadas em outras épocas por outros pensadores. São diferentes. Não permitir que os temas do cotidiano se façam presentes em sala de aula em detrimento dos grandes feitos do passado é ignorar a angústia dos alunos e educar com o olho voltado para trás, com um saudosismo injustificado que significa dizer que as questões de outras gerações foram mais importantes do que as da atualidade*³².

Nessa perspectiva, procuramos historicizar diversos problemas do mundo contemporâneo, **sempre com propostas concretas de participação dos alunos** no sentido de resolver ou minimizar aquele problema. Da invenção do papel pelas sociedades da Antiguidade, por exemplo, chega-se à importância da reciclagem do papel nos dias de hoje (ver Capítulo 4 do Volume 1). Economia de água, desperdício de alimentos, preservação de patrimônio público, intolerância, entre muitos outros temas, são abordados ao longo de toda a coleção.

OLHO VIVO

A seção *Olho vivo* tem o objetivo de levar o aluno a perceber que as imagens são resultado de seu tempo e estão, portanto, condicionadas à evolução técnica e científica das sociedades que as produziram (ver, por exemplo, a seção *Olho vivo* dos capítulos 13 do Volume 1, 11 do Volume 2 e 8 do Volume 3).

Na seção *Olho vivo*, procuramos mostrar, entre outros aspectos, o caráter ideológico da produção de obras imagéticas. Ao estudá-las, **os alunos terão recursos para compreender como imagens aparentemente “neutras” podem transmitir valores, ideologias, convencer pessoas, consolidar estereótipos etc.**³³

Finalmente, para que o trabalho de leitura e interpretação de imagens seja consolidado, é fundamental um exercício constante em sala de aula. Para isso, sugerimos alguns procedimentos específicos, como:

- orientar os alunos a observar a técnica empregada na produção do registro visual em questão;
- pedir a eles uma descrição minuciosa da imagem, incentivando-os a observar detalhes como enquadramento, ponto de vista, primeiro plano e fundo, personagens e objetos representados, cenário, entre outros, que poderiam passar despercebidos em uma leitura menos atenta; incentivá-los a identificar quem produziu a imagem e em que época, com o objetivo de compreender o contexto histórico;
- estimulá-los a fazer uma interpretação do objeto analisado, considerando seu valor como testemunho

³¹ Uma pesquisa realizada em 40 países em 2015 constatou que o Brasil lidera o ranking de grau de apreensão da população diante dos riscos das mudanças climáticas no planeta. Ver matéria *Maioria em 40 países é favorável à redução de emissão de gases*. Disponível em: <<http://tinyurl.com/gvtefc8>>. Acesso em: 19 mar. 2016.

³² FREITAS NETO, José Alves de. A transversalidade e a renovação no ensino de História. In: KARNAL, Leandro (Org.). *História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas*. São Paulo: Contexto, 2008. p. 64-65.

³³ Ver, por exemplo, a seção *Olho vivo* dos Capítulos 11 e 13 do Volume 1, 14 e 16 do Volume 2 e dos capítulos 4 e 8 do Volume 3.

de uma época (intenções de quem o produziu, se o objeto foi encomendado, provável significado etc.) e emitindo comentários com sua impressão sobre ele.

É interessante reforçar aos alunos sobre a variedade de interpretações que um mesmo documento pode ter, fazendo com que eles percebam que a interpretação realizada na atividade apenas é um possível caminho para compreender o objeto analisado.

ESQUEMA-RESUMO

Inserido no final de todos os capítulos, o *Esquema-resumo* apresenta uma síntese esquemática dos conteúdos trabalhados. A proposta da seção é fornecer ferramentas para que os alunos organizem de forma visual os conceitos e as informações analisados anteriormente, de modo a possibilitar uma retomada geral dos conteúdos. A seção é sempre acompanhada por uma atividade de síntese, que solicita a produção de um texto relacionando as informações trabalhadas no capítulo com o esquema. Dessa forma, a seção possibilita a revisão e a avaliação daquilo que foi discutido em sala de aula e pode ser utilizada também como um recurso adicional de estudo para os alunos.

ENQUANTO ISSO

Seção que tem por objetivo trabalhar a simultaneidade entre acontecimentos históricos de diferentes civilizações e regiões do mundo. Os assuntos nela registrados, em geral, não se relacionam ao tema central do capítulo. Outra contribuição desta seção é a possibilidade de abordar povos, processos, invenções e descobertas que geralmente são excluídos do cotidiano escolar, mas que nem por isso são menos importantes³⁴.

Longe de reduzir os temas e as questões abordados ao aspecto da “curiosidade”, **essa seção proporciona ao professor instrumentos para trabalhar com os alunos o fato de não existir uma história linear e única para a humanidade.**

MINHA BIBLIOTECA

Como afirma Eucídio Pimenta Arruda, “as mídias contemporâneas representam, ainda, o uso de diferentes linguagens (hipertexto, tevê, vídeo, áudio, etc.) pelos sujeitos e proporcionam transformações cognitivas, mudanças na forma de pensar e relacionar saberes e raciocínios”³⁵. Por essa razão, indicamos uma série de sugestões de filmes, romances, histórias em quadrinhos e *sites* relacionados aos assuntos abordados ao longo do capítulo. Essas informações foram reunidas ao final de cada capítulo na seção *Minha Biblioteca*. Ela está dividida em três partes: *Para Navegar*, *Para assistir* e *Para ler*. A primeira traz indicações de *sites*, a segunda de filmes e a terceira de livros variados. Algumas dessas obras também são indicadas na lateral

do texto central de cada capítulo. **Acreditamos que, dessa forma, os alunos se sentirão motivados a entrar em contato com a “leitura de mundo” que outras áreas do saber fazem dos acontecimentos históricos.**

O cinema pode ser um importante instrumento para a compreensão de determinados eventos ou acontecimentos históricos. Entretanto, os alunos precisam ser frequentemente alertados a perceber que, por mais realistas que aparentam ser, os filmes constituem representações da realidade e, como tal, transmitem valores ideológicos, políticos, sociais e culturais de quem os produziu.

Como afirma o historiador Marc Ferro, é necessário ter cautela ao analisar um filme, “principalmente a narrativa, o cenário, o texto, as relações do filme com o que não é filme: o autor, a produção, o público, a crítica, o regime. Pode-se assim esperar compreender não somente a obra como também a realidade que representa³⁶.”

Assim, é recomendável orientar os alunos a buscar informações básicas sobre um filme antes de assistir a ele: quem é o diretor; se os personagens retratados são verídicos; se existem críticas quanto à fidelidade historiográfica; se existem abordagens diferentes da que é apresentada pelo filme etc.

Além disso, antes de assistir a algum dos filmes indicados nesta obra, é importante que o professor verifique se eles são adequados à realidade ou ao perfil de sua classe, região e escola.

Se for realizar uma exibição, o professor pode orientar a sua turma a prestar atenção em determinadas passagens do filme que deseja ressaltar. Ao término da exibição, é interessante propor aos alunos que emitam opiniões sobre a obra. Peça a eles que comparem informações apresentadas pelo filme com seus conhecimentos e os conteúdos estudados no capítulo. Dessa maneira, eles estarão aguçando a capacidade de olhar criticamente filmes de conteúdos históricos.

Os *sites* indicados na seção também são outros instrumentos importantes que podem ser utilizados para complementar e ampliar as informações encontradas no livro didático. Fizemos uma seleção criteriosa, tendo como principal preocupação sugerir ao aluno, preferencialmente, *sites* confiáveis desenvolvidos por universidades, instituições públicas, organizações não governamentais etc. Procuramos, sempre que possível, apresentar *sites* em língua portuguesa e cujos conteúdos sejam acessíveis aos alunos de Ensino Médio. Porém, em alguns momentos, diante da qualidade do material encontrado, indicamos *sites* estrangeiros; quando isso acontece, informamos o idioma daquelas páginas. *Sites* cujos conteúdos são mais complexos encontram-se indicados no Manual do Professor, ao final dos procedimentos pedagógicos de cada capítulo. Sugerimos que o professor avalie a pertinência de apresentar estes *sites* para seus alunos.

³⁴ Ver, por exemplo, a seção *Enquanto isso...* dos Capítulos 3 e 8 dos Volumes 1, 2 e 11 dos Volumes 2 e 7 e 10 do Volume 3.

³⁵ ARRUDA, Eucídio Pimenta. Na tessitura das tramas virtuais: entre histórias, tecnologias e aprendizagens. In: FONSECA, Selva Guimarães; GATTI JÚNIOR, Décio (Orgs.). *Perspectivas do ensino de História*. Uberlândia: Edufu, 2011. p. 135.

³⁶ Citado em ROCHA, Antonio Penalves. *O filme: um recurso didático no ensino de História?* São Paulo: FDE. Diretoria Técnica, 1993. p. 17 (Série Lições com o cinema, n. 2).

Finalmente, por meio da utilização de obras literárias e histórias em quadrinhos, é possível **aprofundar aspectos históricos abordados no capítulo** e refletir sobre eles, além de estabelecer relações com outras áreas do conhecimento. A esse trabalho podem ser atribuídos outros significados se o professor desenvolver uma parceria com a disciplina de Língua Portuguesa ou Literatura, por exemplo, ou ainda incentivar a leitura completa da obra. Por isso, selecionamos obras clássicas, de autores consagrados da literatura mundial e nacional, assim como de autores contemporâneos.

» Atividades no interior dos boxes

As atividades dos boxes podem ser feitas individualmente ou em grupo. Elas estão divididas em quatro categorias descritas a seguir.

SUA COMUNIDADE

Por meio desta atividade, pretendemos **valorizar a história e a realidade da comunidade em que o aluno vive**. Além disso, como explicamos anteriormente, essa proposta tem também por objetivo demonstrar ao aluno que muitos aspectos da sua comunidade ou região estão diretamente relacionados a questões mais globais. Esta seção possibilita ao professor incentivar os alunos a desenvolver outras relações entre a história local e a nacional e/ou global (dimensão micro e dimensão macro) ao longo do curso.

SUA OPINIÃO

Nesta atividade, não se espera que os alunos forneçam uma “resposta correta”. O objetivo é **valorizar o conhecimento ou a opinião que ele tem sobre determinado assunto e dar-lhe voz**, um espaço de manifestação. Ao mesmo tempo, procuramos instigá-lo a formular hipóteses e a refletir criticamente sobre temas importantes, como ética e cidadania. Pode ser uma excelente oportunidade para incentivar os alunos a participar da aula. Mas é importante solicitar a eles que elaborem conceitualmente suas ideias e apresentem argumentos coerentes para que o debate não se limite ao “achismo”.

DIÁLOGOS

Esta atividade, que em boa parte das vezes envolve pesquisas e consolidação de informações, tem o propósito de sugerir que **o conhecimento não deve ser encarado de forma compartimentalizada**. Espera-se que os alunos percebam que o conhecimento está vinculado às várias áreas do saber. Por isso, as atividades aqui propostas envolvem pesquisas com outras disciplinas, como Literatura, Química, Biologia etc.

DE OLHO NO MUNDO

É mais uma estratégia para os alunos **aprofundarem o conhecimento sobre questões relacionadas ao presente**. Pretende-se, nesta seção, que eles

aprimorem sua capacidade de elaborar pesquisas e expor o resultado a que chegaram de forma objetiva e organizada, por meio de relatório, apresentação oral, dramatização, exposição etc.

» Atividades ao longo e ao final dos capítulos

INTERPRETANDO DOCUMENTOS: TEXTO E IMAGEM

Por meio desta atividade, procuramos trabalhar uma das questões centrais dos estudos históricos: a leitura e a interpretação de documentos. **Apresentando documentos extremamente variados, procuramos desenvolver nos alunos a capacidade de reconhecer a natureza das fontes históricas e o papel das diferentes linguagens**. Além das orientações específicas apresentadas em cada uma dessas atividades, é sempre possível incentivar os alunos a buscar respostas para perguntas, como: Qual a natureza do documento? Quem o produziu? Quando? Com que objetivo? Como chegou até nós? Qual a questão central do documento? Que tipo de mensagem seu autor quer transmitir? Que leitura você faz desse texto? Em sua opinião, existe algo que esteja subentendido na leitura do documento? Como ele nos permite conhecer o passado?

No caso de documentos textuais é recomendável, ainda, orientar os alunos a identificar as ideias principais e anotar no caderno palavras ou expressões-chave e, em seguida, definir seus significados.

ORGANIZANDO AS IDEIAS

Esta seção é apresentada em todos os capítulos. São atividades de verificação de leitura, compostas geralmente de perguntas distribuídas ao longo do capítulo. De modo geral, essas atividades permitem ao aluno desenvolver competências de interpretação de texto, localização e sistematização de informações, elaboração de textos mais sintéticos e objetivos, memorização etc.

HORA DE REFLETIR

Inserida no final de alguns capítulos, esta seção **trabalha os vínculos existentes entre o conceito da Unidade, o texto do capítulo e questões do presente, como formação cidadã e direitos humanos**. Também tem como objetivo levar o aluno a questionar valores, rever posições de forma responsável e coerente, formular hipóteses e analisar sua própria realidade³⁷.

Nesta seção, algumas vezes também são empregados gráficos e tabelas, para que os alunos exercitem a leitura e a análise desse tipo de linguagem.

TESTE SEUS CONHECIMENTOS

Inserida ao longo dos capítulos, esta seção traz atividades de vestibulares do Brasil, especialmente de universidades públicas estaduais e federais, e do Enem,

³⁷ Ver, por exemplo, *Hora de refletir* dos Capítulos 11 e 13 do Volume 1, dos Capítulos 4 e 7 do Volume 2 e dos Capítulos 1 e 10 do Volume 3.

possibilitando aos alunos o desenvolvimento de competências relacionadas à leitura e à interpretação de texto, bem como contribuindo para que eles apliquem os conhecimentos apreendidos nas aulas de História em outras situações. Há atividades do Enem, e também um panorama dos vestibulares de diferentes regiões do país. Com isso, a seção fornece instrumentos que, combinados com outros elementos trabalhados e desenvolvidos em sala de aula, podem ajudar na avaliação das propostas desenvolvidas durante as aulas. Como afirma a Diretoria de Avaliação da Educação Básica do Inep, “os especialistas reconhecem que os instrumentos de medida educacional possuem vantagens e limitações, sejam eles objetivos ou não. No entanto, ambos podem ser utilizados, indistintamente, para medir os mesmos aspectos do desempenho acadêmico. É assim que os itens objetivos permitem verificar tanto comportamentos simples, de memorização ou reconhecimento, como comportamentos mais complexos, envolvendo compreensão, aplicação, análise, síntese e avaliação”³⁸.

■ Considerações gerais

Como foi dito anteriormente, esta coleção procura desenvolver atividades de naturezas variadas. No entanto, é importante observar que, em todos os casos propostos ao longo da obra, **cabe ao professor avaliar se as atividades são adequadas à sua turma, se necessitam ser adaptadas ou, até mesmo, se não é o caso de dispensar algumas delas.**

Igualmente importante é fazer um trabalho contínuo no sentido de estimular os alunos a deixar sempre uma marca pessoal em suas respostas. Assim, eles acabarão desenvolvendo a capacidade de escrita clara e objetiva, de reflexão crítica, entre outras competências. Muitas das atividades sugeridas exigem dos alunos a elaboração de respostas complexas, na forma de relatórios ou dissertações. Nesses casos, acreditamos ser importante orientá-los a criar previamente um roteiro, no qual identifiquem o que pretendem abordar na introdução, no desenvolvimento e na conclusão do texto.

Da mesma forma, nas atividades que envolvem pesquisa de campo, é importante orientar os alunos a elaborar um roteiro prévio que contemple os acervos a ser pesquisados e os temas centrais da pesquisa. Em casos de depoimentos orais, eles devem ser orientados a respeito dos critérios que serão utilizados para a escolha dos entrevistados e quais perguntas serão formuladas. Pensamos ser fundamental também que seja ressaltada aos alunos a importância da bibliografia em suas pesquisas, elaborada de forma correta e citando as fontes utilizadas.

Com relação às atividades interdisciplinares, é recomendável que o professor discuta as propostas com os professores das disciplinas envolvidas e, só

depois, coloque-as em prática.

Embora saibamos que a exclusão digital atinge boa parte da população brasileira, não podemos ignorar o fato de que muitos alunos utilizam a internet como fonte para suas pesquisas. Entendemos que ela é apenas mais um entre os múltiplos recursos de pesquisa disponíveis e, portanto, seu uso não deve ser desestimulado. A nosso ver, a questão central no uso da internet pelos alunos é que eles saibam utilizá-la com senso crítico. Eles podem, por exemplo, aprender em quais sites buscar uma informação, pois, se por um lado o volume de informações disponível na internet é gigantesco, por outro, é também imenso o número de informações incorretas, imprecisas ou até mesmo falsas.

Dessa forma, procure orientá-los a pesquisar nos chamados “sites confiáveis”, ou seja, aqueles que contam com a chancela de universidades públicas, organizações não governamentais respeitadas, instituições conceituadas etc.

É fundamental que os alunos tenham consciência de que a pesquisa na internet não dispensa a consulta em outros acervos (como bibliotecas, centros de memória, arquivos públicos etc.) e fontes (como livros de autores especializados, documentos, jornais, entre outros).

4 Nossa coleção e o Enem

Quando foi implantado Novo Exame Nacional do Ensino Médio (Novo Enem), em 2009 o Ministério da Educação (MEC) estabeleceu princípios já citados por estudiosos e sugeridos nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN)³⁹: “O valor da formação não reside no armazenamento de muitas informações ou na memorização de muitos fatos, mas no desenvolvimento de estruturas mentais que permitem ao jovem e ao adulto enfrentar problemas novos usando as velhas e boas teorias científicas”⁴⁰.

Com essa perspectiva, acreditamos que a questão central dos profissionais da educação e da sociedade deve ser como transformar o ciclo básico em um processo educacional que de fato tenha sentido para os jovens e para sua ação no mundo de hoje. É nossa expectativa, portanto, que a educação básica brasileira priorize o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico do aluno, requisitos indispensáveis para a formação de uma sociedade voltada para a cidadania, a democracia e a justiça.

Em nossa concepção, trata-se de valorizar o papel do aluno como sujeito pensante; priorizar sua capacidade de análise e de interação com a realidade à sua volta; desenvolver seu raciocínio lógico e articular diferentes áreas do conhecimento.

Nossa coleção busca contemplar igualmente as recomendações e exigências da *Matriz de Referência para o Enem 2016* (disponível em: < <http://tinyurl.com/guhqez>>; acesso em 25 maio 2016). E foi preparada

³⁸ Ver *Guia de elaboração e revisão de itens*. Disponível em: <www.if.ufrj.br/~marta/enem/docs_enem/guia_elaboracao_revisao_itens_2012.pdf>. Acesso em: 19 mar. 2016.

³⁹ Ver Parâmetros Curriculares do Ensino Médio. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/component/tags/tag/33009>>. Acesso em: 25 maio 2016.

⁴⁰ CASTRO, Maria Helena Guimarães de; TIEZZE, Sérgio. A reforma do *Ensino Médio e a implantação do Enem no Brasil*. Disponível em: <<http://tinyurl.com/gm6n8k4>>. Acesso em: 12 abr. 2016.

com o propósito de colocar os alunos em condições de mobilizar os conhecimentos tradicionais do currículo de História e de outras disciplinas na busca de soluções criativas para os problemas de seu cotidiano e do mundo contemporâneo. Em diversos momentos da coleção, buscamos incentivar os alunos a enfrentar situações-problema, construir argumentação e elaborar propostas, como recomenda a *Matriz de Referência*.

5 Procedimentos pedagógicos

Sabemos que há diversos caminhos que podem ser percorridos para se ter uma aula de qualidade. Mas isso também depende de alguns fatores, como a atualização do professor, o material didático utilizado, o perfil da classe, entre outros. É por essa razão que, às vezes, uma dinâmica ou um caminho tem bons resultados com uma turma, mas não com outra.

Assim, os procedimentos pedagógicos elaborados para esse Manual evitam fornecer receitas para ministrar uma aula, mas buscam indicar caminhos ou metodologias que possam ser úteis para o melhor aproveitamento do conteúdo de cada capítulo com os alunos. Conforme mencionado anteriormente, **o papel do professor como mediador do conhecimento é insubstituível, e este Manual é apenas mais uma das ferramentas de que ele dispõe para planejar suas aulas.**

Nos *Procedimentos pedagógicos* dos capítulos **existem textos complementares, indicações bibliográficas, sites, filmes e atividades alternativas.** Esperamos que esse material auxilie o professor a aprofundar discussões ou aspectos abordados no capítulo e a trabalhar o respeito e a tolerância em sala de aula.

Após essas indicações, seguem-se as orientações de respostas para as atividades de cada capítulo. Salientamos, porém, que o professor não deve tomá-las como

verdade única a ser alcançada, mas, sim, como mais uma possibilidade de compreensão do tema estudado.

Em diversos pontos desta coleção, ao lado do texto do aluno, foi inserido um texto na cor azul, cujo objetivo é informar ao professor que nos Procedimentos pedagógicos existem informações capazes de auxiliá-lo em seu trabalho em sala de aula. São propostas de atividade alternativa ou atividade de inclusão, textos complementares ao conteúdo do livro, sugestões de encaminhamentos dos assuntos com os alunos, etc.

Inclusão

Uma das preocupações que tivemos neste Manual foi inserir informações e atividades que estimulem a reflexão sobre a diversidade observada nas mais variadas organizações sociais ao longo do tempo. Nesse sentido, um **tema importante foi o da inclusão.**

Em nosso entender, a ampliação dos mecanismos de cidadania nos países democráticos, nas últimas décadas, está diretamente relacionada à criação de uma escola capaz de atender os mais diversos grupos sociais, inclusive as pessoas com deficiência. Para isso, é imprescindível ir além da simples noção de permitir o acesso à escola desse grupo, mas criar um ambiente escolar no qual todas as pessoas possam participar efetivamente das atividades e se apropriar do currículo e dos conteúdos propostos. Tendo em vista esse objetivo, que envolve um amplo e variado conjunto de ações, esta coleção traz propostas, na parte 4 deste Manual (*Procedimentos pedagógicos*), de atividades de inclusão que propõem discussões e reflexões sobre o tema da deficiência e sobre formas de mobilizar os alunos e a comunidade escolar nessa questão.

Destacamos o que Pilar Arnaiz Sánchez explica sobre o tema da inclusão.

O conceito de inclusão trata de abordar as diferentes situações que levam à exclusão social e educativa de muitos alunos. E dessa forma faz referência não somente aos alunos com necessidades educacionais especiais [...], mas a todos os alunos das escolas. Ainda que este conceito esteja evoluindo, nesse momento pode ser muito útil considerá-lo como um agente de mudança conceitual. Quando defende que não basta que os alunos com necessidades educacionais especiais estejam integrados às escolas comuns, eles devem participar plenamente da vida escolar e social dessa comunidade escolar. Isto significa que as escolas devem estar preparadas para acolher e educar todos os alunos, não somente os considerados 'educáveis'. Por isso, a inclusão assume que a convivência e a aprendizagem em grupo são a melhor forma de beneficiar a todos, não somente às crianças rotuladas como diferentes [...].

A educação inclusiva é antes de tudo uma questão de direitos humanos, já que defende que não se pode segregar nenhuma pessoa como consequência de sua deficiência, de sua dificuldade de aprendizagem, do seu gênero ou mesmo se esta pertencer a uma minoria étnica (seria algo que contraria os direitos humanos). Em segundo lugar, é uma atitude, representa um sistema de valores e de crenças, não uma ação simplesmente, mas sim um conjunto de ações. Uma vez adotada esta perspectiva por uma escola ou por um sistema de ensino, deverá condicionar as decisões e ações de todos aqueles que a tenham adotado, posto que incluir significa ser parte de algo, formar parte do todo [...]. A noção de inclusão compreende dois conceitos básicos: o de comunidade e o de participação. Ambos caracterizam-se por sua conexão com os processos de inclusão e o caráter de processo atribuído a ela. Portanto, a educação inclusiva se propõe a aumentar a participação de todos os alunos no currículo escolar [...].

SÁNCHEZ, Pilar Arnaiz. A educação inclusiva: um meio de construir escolas para todos no século XXI. In: *Inclusão - Revista da Educação Especial*. Brasília: Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial, n. 1, out. 2005. p. 11-12.

Procedimentos pedagógicos

Professor, o eixo conceitual da **Unidade 1** aborda as relações entre **inovações tecnológicas, ciência** e suas consequências para a humanidade. Trata-se, principalmente, de discutir os limites éticos dessas relações e ressaltar a dinâmica histórica conflituosa que possibilitou seu desenvolvimento desde a Revolução Industrial, passando por uma vertiginosa aceleração na virada do século XIX para o XX.

O historiador Nicolau Sevcenko (1952-2014), ex-professor e pesquisador da área de História Contemporânea da Universidade de São Paulo (USP), associou a experiência tecnológica da contemporaneidade à imagem de um passeio de montanha-russa: ascensão contínua e persistente; mergulho vertiginoso; e, por fim, o *loop*, que é “o clímax da aceleração precipitada, sob cuja intensidade extrema relaxamos nosso impulso de reagir, entregando os pontos entorpecidos, aceitando resignadamente ser conduzido até o fim pelo maquinismo titânico”. Para jovens que nasceram em um mundo já totalmente integrado pela internet, com relativa facilidade de consumo dos mais diversos bens, e que cresceram relativamente afastados da ameaça de uma catástrofe beligerante, pode ser ainda mais fácil, quase automático, apontar primeiramente, senão exclusivamente, as benesses da tecnologia e da ciência. Evitar esse entorpecimento causado pela aceleração extrema da tecnologia, como afirmou Sevcenko, deve ser justamente a tarefa de toda **reflexão crítica e histórica**. A discussão proposta nas duas questões da seção *Começo de conversa*, na página 9, pode oferecer um momento de reflexão mais detida e necessária sobre os dois lados de toda inovação tecnocientífica e suas implicações sociais.

Professor, uma possibilidade de desenvolvimento da atividade é conduzir um debate aberto com toda classe a respeito dos benefícios e malefícios da tecnologia, dividindo os dois tipos de argumento em uma tabela na lousa para que fiquem claros a todos. Em seguida, os alunos podem registrar por escrito suas próprias impressões em seus cadernos. Esse debate inicial pode ainda tornar-se uma **Atividade de Inclusão**. Caso existam alunos com deficiência na turma, é possível discutir especificamente sobre as melhorias que a ciência e a tecnologia desenvolvidas desde o século XIX garantiram para a vida dessas pessoas. A partir disso, um caminho que pode ser interessante para uma reflexão crítica é juntar o tema da **ciência e tecnologia** com o da **cidadania**, levantando, ao lado das questões da seção *Começo de conversa*, outras como: o avanço tecnológico bastou para garantir a integração social e o respeito para as pessoas com deficiência? Todo desenvolvimento científico é acompanhado por preocupações éticas e sociais?

1. Resposta pessoal. Professor, é importante que os alunos reflitam sobre os diferentes sentidos que a tecnologia pode assumir na História e nas relações sociais. Mais do que uma dimensão puramente positiva ou negativa, é importante pensá-la em relação aos seus usos. Com base nisso, pode-se abordar a questão da neutralidade e da eficiência das experiências científicas. A ideia de que a ciência e os avanços tecnológicos trazem felicidade e conforto à humanidade ganhou força no século XIX e ainda é bastante presente e sedutora. Tal postura, muitas vezes, dificulta uma discussão crítica a respeito das consequências e formas de aplicação dos resultados das pesquisas nessas áreas. Os efeitos devastadores para o meio ambiente, causados pela produção e pelo consumo excessivo de “novidades tecnológicas”, a permanência da pobreza e a exploração de milhares de seres humanos nos levam a questionar a ligação entre ciência, progresso e civilização. Pode-se citar como exemplo de uso discutível dos avanços tecnológicos atuais o caso dos alimentos transgênicos e a refinada tecnologia de guerra.

2. Por meio dessa questão, pretendemos levar o aluno a refletir sobre os limites sociais e econômicos que impedem o acesso de boa parte da população aos avanços obtidos pelas pesquisas científicas-tecnológicas. Para ajudar nessa reflexão, pode-se questionar, por exemplo, o acesso da população a tratamentos de saúde, medicamentos e procedimentos médicos, desenvolvidos por grandes laboratórios multinacionais, que detêm a patente das descobertas científicas. O acesso à educação tecnológica, com aulas em laboratório de informática, e o acesso à internet também podem ser citados. É importante lembrar também que para muitas comunidades brasileiras nem mesmo o acesso a recursos básicos, como saneamento, está garantido. Nesse sentido, é importante que os alunos reflitam que os avanços propiciados pela ciência não bastam em si mesmos, mas é necessário também analisar os usos sociais desses avanços e os meios para que tais conquistas sejam disseminadas para o conjunto da sociedade, não se limitando a privilegiar pequenas parcelas da mesma.

CAPÍTULO 1

Do neocolonialismo à Belle Époque

Procedimentos pedagógicos

Uma sugestão para iniciar as discussões dos temas trabalhados no **capítulo 1** é retomar o conceito de **Revolução Industrial**, analisado no capítulo 8 do volume 2, e comparar as transformações iniciadas durante a Primeira Revolução Industrial, ocorrida a partir de finais do século XVIII, com a Segunda Revolução Industrial, iniciada em meados do século XIX. Para tanto, é possível destacar que a primeira foi marcada

pelo início da utilização da maquinofatura como forma de produção de mercadorias, especialmente aquelas máquinas movidas com a energia promovida pela queima do carvão. Já a segunda, possibilitada pelas inovações tecnológicas ocorridas ao longo do século XIX, foi marcada pelo desenvolvimento de novas máquinas, bem como pelo uso de novas fontes de energia, como o petróleo ou a eletricidade.

Esse processo pode ser relacionado, em seguida, com diversas transformações sociais importantes, como a concentração de capitais e a formação de empresas cada vez maiores, dando início ao **capitalismo monopolista**. Além disso, o uso de tecnologias que passaram a utilizar cada vez mais intensamente combustíveis fósseis deu início a transformações ambientais significativas no planeta. Finalmente, outra transformação importante associada com a Segunda Revolução Industrial foi o conjunto de mudanças no modo de vida das sociedades europeias que ficou conhecido como *Belle Époque*.

A questão das transformações ambientais pode ser aprofundada por meio da discussão da seção *Eu também posso participar*, na página 13, que traz a questão dos problemas relacionados ao uso de combustíveis fósseis. Essa atividade pode servir como introdução ao tema **capitalismo monopolista e imperialista**. Um caminho é apontar que, desde a descoberta do petróleo nos Estados Unidos, em 1859, a história das grandes companhias se confunde com a história das disputas pelo monopólio comercial, pela imposição de padrões de consumo e pela disputa por novos territórios/mercados. Não à toa, o historiador inglês Eric Hobsbawm (1917-2012) definiu esse período do século XIX como a **era do capital**: “O mundo inteiro tornou-se parte dessa economia. Essa criação de um único mundo expandido é talvez a mais importante manifestação de nosso período”. Nesse momento, é possível abrir uma discussão sobre as consequências da opção pelo petróleo como principal combustível do planeta. Não apenas os problemas ambientais mais evidentes, mas também as relações entre essa opção e o *boom* do automóvel; entre as guerras imperialistas e as crises financeiras (conferir a sugestão de filme, ao final dessas orientações).

Já com relação ao tema da *Belle Époque*, uma possibilidade de trabalho em sala de aula seria discutir a importância de diversas inovações tecnológicas que afetaram a vida cotidiana a partir de meados do século XIX, tais como a invenção do metrô, da bicicleta, do avião, entre outros exemplos. Com base nisso, pode-se destacar que tais inventos mudaram as relações das pessoas com o espaço e o tempo, acelerando as possibilidades de deslocamento e encurtando distâncias.

Outra consequência do desenvolvimento industrial e da formação de grandes empresas, durante a Segunda Revolução Industrial, foi a intensa exploração da África, da Ásia, da Oceania e de suas populações. Professor, uma sugestão para trabalhar essa questão, relacionando-a mais uma vez com o mundo atual, é questionar sobre a situação atual dos países que se tornaram colônia no século XIX. O texto da seção *Pasado presente*, na página 17, oferece uma abordagem ao mostrar as potencialidades sociais e econômicas

da África pós-colonial. Porém, em que medida estão realmente superadas as heranças da exploração imperialista do século XIX? A seção *Hora de refletir*, na página 28, mostra que as mais altas concentrações de famintos do mundo estão na África subsaariana e no sul da Ásia. Por que esse dado aparece mais em algumas áreas do planeta do que em outras? Como **Atividade Alternativa**, é possível propor a discussão dos efeitos econômicos e sociais de décadas de exploração colonial com uma análise de dados estatísticos e dos mapas *A partilha da África (1876-1914)*, na página 16, e *Colônias na Ásia e na Oceania (do século XV a 1914)*, na página 19. A partir desses mapas, pode-se visualizar a estreita correspondência entre as áreas do globo mais intensamente exploradas pelas potências europeias e as atuais áreas com mais famintos. Professor, por meio de uma pesquisa na internet, é possível levar aos alunos dados estatísticos sempre atualizados sobre o problema da fome e os países mais atingidos. Um exemplo é o site da Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura (FAO), que monitora a fome no mundo (disponível em: <www.fao.org/brasil/pt/>, acesso em: 18 abr. 2016). A utilização de mapas históricos e dados estatísticos é um caminho para esclarecer que muitos dos graves problemas de desigualdade na atualidade são fruto do desdobramento de **processos históricos**, como o **imperialismo do século XIX**.

Pode-se também, como forma de aprofundar a temática do avanço imperialista, propor aos **alunos que sistematizem coletivamente o processo de dominação e ocupação de territórios africanos e asiáticos** ao longo do século XIX. Essa proposta pode ser realizada após a discussão dos conteúdos das seções “África em pedaços”, “Europeus na Ásia” e “O Japão entra em cena” por meio da elaboração de uma tabela na lousa que pode ser preenchida com informações fornecidas pelos alunos, destacando questões variadas, como a **Conferência de Berlim**, o processo de ocupação inglês da Índia, a **Guerra do Ópio** e também o papel da **Era Meiji** na transformação do Japão em uma potência imperialista.

Durante a elaboração desse quadro comparativo, é possível articular duas temáticas: de um lado, a questão da resistência dos povos que sofreram a dominação imperialista. Nesse caso, é importante ressaltar que africanos e asiáticos lutaram contra o avanço das potências industriais, mas essa resistência nem sempre conseguiu impedir a dominação de seus territórios. Por outro lado, a questão do avanço imperialista na África e na Ásia permite discutir o tema **racismo científico**. Para isso, pode-se propor a leitura e a discussão da seção “Ciência e racismo”. Durante o debate desse tema, vale ressaltar que todas as teorias racistas científicas foram refutadas posteriormente, o que evidencia que não existe nenhuma base biológica ou natural que legitime a desigualdade social e a pobreza de qualquer região do planeta. Na realidade, o racismo científico serviu como uma forma de justificar a exploração das riquezas dos territórios colonizados pelas potências imperialistas a partir de meados do século XIX.

Outro assunto importante explorado no capítulo, a par com as inovações tecnológicas da *Belle Époque*, é a **expansão do regime democrático** e dos direitos nos

Estados Unidos e na Europa Ocidental. Uma forma de introduzir esse assunto é lembrar que essa expansão não se deu de forma natural e progressiva, mas foi resultado de uma série de conflitos que evidenciavam a entrada definitiva dos trabalhadores pobres na arena política dos países. Pode-se retomar o que foi estudado sobre o início da Revolução Industrial no século XVIII, e apontar que, desde então, sucederam-se lutas e reivindicações que tinham por objetivo alcançar melhores condições de vida e maior participação política para a classe operária.

Para aprofundar o tema **classes sociais** no século XIX, explorando ao máximo as tensões abertas entre burgueses e proletários, uma **Atividade Alternativa** possível é a exibição de um trecho do filme *Germinal* (1993), de Claude Berri. Baseado no romance naturalista homônimo (1885), de Émile Zola, o filme conta a história de mineiros franceses que decidem iniciar uma greve e rebelar-se contra seus patrões, abrindo uma série de conflitos imprevisíveis. Com a exibição dos primeiros 25 minutos desse filme, é possível fazer um contraponto entre as condições de vida da classe dos trabalhadores mineiros e a família burguesa detentora da mina de carvão. Em seguida, pode-se sugerir algumas perguntas para serem respondidas pelos alunos e servirem de base para a discussão coletiva: 1) Quais personagens se destacam nesse trecho? Que classe social representam?; 2) A partir desse filme, como você definiria a vida da classe operária no século XIX? E a vida da burguesia?; 3) O que mais lhe chamou atenção na cena em que a mulher proletária leva seus dois filhos ao interior da casa burguesa?

Esse antagonismo social entre classes pode ser abordado sem se distanciar do **eixo conceitual** da unidade, já que a luta dos trabalhadores cresceu muito à medida que a tecnologia e a ciência ajudaram a aperfeiçoar a exploração do trabalho. Em vez de significar uma melhoria para os operários, o avanço da tecnologia nas fábricas, em muitos casos, acentuou o ritmo de exploração, quando não significou demissões em massa. Professor, como **Atividade Alternativa** pode ser proposta a realização de uma pesquisa na qual os alunos explorem mais detidamente alguns movimentos sociais que lutaram por melhorias e transformações desde meados do século XIX até a Revolução Mexicana (1910), comentada na seção *Enquanto isso...*, na página 23. Outro caminho é lembrar a trajetória de **lutas das mulheres** contra a opressão e a violência, seja no ambiente doméstico, no trabalho ou na vida política. Pode-se sugerir que os alunos, em grupos, façam um levantamento prévio sobre esses movimentos sociais e políticos e, depois, conjuntamente na classe, decidam pelos mais relevantes e os distribuam, de forma que cada grupo de alunos fique responsável por pesquisar um deles.

Depois, em data previamente marcada, pode ser interessante que os alunos apresentem os resultados das pesquisas na forma de seminário para a classe, valendo-se de cartazes com imagens e informações sobre o movimento e de uma apresentação oral que procure relacionar protagonismo de grupos sociais (por exemplo: povos colonizados; proletários; mulheres) e processos históricos abordados neste capítulo (expansão

imperialista; desenvolvimento técnico-científico; expansão da democracia). Ao aproximar esses temas, o seminário pode servir como um dos instrumentos de **avaliação do processo de aprendizagem**.

DIÁLOGOS (p. 12)

Professor, entre algumas fontes alternativas de energia que podem ser citadas estão a energia eólica, a biomassa e a energia solar. Estimule os alunos a investigar de que forma e em quais setores essas fontes podem ser aplicadas. Outros tipos de tecnologia de produção de energia, como a energia atômica, podem ser pesquisados e avaliados quanto aos riscos e benefícios que oferecem. Solicite aos alunos que incluam no texto questões ligadas aos impactos ambientais dessas tecnologias de geração de energia e estabeleçam uma comparação com os custos ambientais da energia elétrica. A reportagem “Um bem cada vez mais raro e caro”, assinada pela jornalista Isabel Clemente e disponível em: <<http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EDR74565-6009,00.html>> (acesso em: 18 abr. 2016), traz informações que podem auxiliar na elaboração dessa pesquisa.

SUA COMUNIDADE (p. 13)

A elaboração das peças de uma campanha publicitária deve levar em conta que o uso do transporte individual não é motivado apenas pela necessidade (deslocamento mais rápido, falta de opções de transporte público, horários específicos para o deslocamento, etc.), mas também porque expressa um estilo de vida. Na mídia, a posse de um carro está associada às noções de independência, liberdade, conforto e *status* social. Provavelmente, eles irão apontar problemas relacionados ao transporte público (falta de linhas, desconforto na viagem, demora e falta de segurança). Todas essas questões podem ser discutidas antes de definir o objetivo das peças da campanha publicitária. Professor, é importante que os alunos tenham algumas noções sobre a linguagem publicitária para que se apropriem dessa forma de comunicação. Você pode propor que eles realizem a atividade em quatro etapas que levam em conta os processos de criação em propaganda. 1ª) a definição do objetivo da campanha; 2ª) a definição do público-alvo e das estratégias de mídia: se o objetivo é reduzir o uso do carro, a campanha deve atingir proprietários de automóveis. 3ª) A criação da imagem e do *slogan* da campanha: uma imagem e um *slogan* bem elaborados fazem a diferença. Nessa etapa, os grupos que decidiram fazer campanhas de rádio ou de televisão devem levar em conta o formato específico desses meios de comunicação, produzindo uma vinheta ou um “filme” (entre 30 segundos e 1 minuto). Pode ser produtivo analisar com os grupos outras campanhas publicitárias disponíveis na televisão ou na imprensa, para que eles identifiquem suas estratégias e formas. 4ª) Colocar a campanha “na rua”: os alunos podem produzir o material de campanha e “testá-lo” dentro e fora da escola, identificando como a campanha é recebida pelo público. Para finalizar,

pode-se organizar uma reflexão final da classe e fazer um balanço do resultado de cada grupo.

DE OLHO NO MUNDO (p. 15)

A resposta depende da realidade local e da reflexão do grupo em relação à discriminação e ao preconceito, que são conceitos mais abrangentes do que a noção de racismo. Como ponto de partida, pode-se discutir o significado dos termos *discriminação*, *preconceito* e *racismo*. Discriminação é o tratamento desfavorável dado a uma pessoa ou grupo com base em características físicas, étnicas, religiosas, etc. Por exemplo: não contratar uma pessoa pelo fato de ela ser gorda ou por não ser branca. Preconceito é o conceito ou opinião formado antecipadamente, sem conhecimento dos fatos, ou resultante de uma generalização ilógica de um fato. Trata-se de uma ideia preconcebida e desfavorável a um gênero, grupo étnico, religioso ou social. Afirmções feitas muitas vezes em nossa sociedade, como “mulher não sabe dirigir”, “homem não chora”, são exemplos de preconceito. Já racismo é uma doutrina que afirma haver relação entre características étnicas e desenvolvimento cultural. Segundo essa concepção, alguns grupos étnicos são, por natureza, superiores a outros. Foi o caso da segregação imposta pelo *apartheid* na África do Sul, por exemplo. Professor, é importante que as diferentes opiniões sejam ouvidas em sala de aula. Podem surgir grupos ou alunos que afirmem que não há essas práticas no Brasil. Solicite que exponham suas opiniões e argumentos. Não é preciso chegar a uma conclusão única, mas é importante criar um ambiente para que se valorizem as diversas opiniões sobre o assunto.

ORGANIZANDO AS IDEIAS (p. 20)

1. No período compreendido entre a segunda metade do século XIX e os primeiros anos do século XX, novas máquinas e diversos inventos surgiram. Podemos citar, cronologicamente: a bicicleta (1861), o metrô (1863), o bonde elétrico (1874), o telefone (1876), o fonógrafo (1877), a locomotiva elétrica (1879), o automóvel (1886), o telégrafo sem fio e o cinema (1895), entre outros. Além disso, no período ocorreram mudanças importantes para a atividade industrial, com a utilização do aço e a exploração do petróleo e da energia elétrica. Essas transformações resultaram naquilo que foi chamado de Segunda Revolução Industrial. Todas essas mudanças e inovações alteraram o funcionamento do capitalismo, resultando na concentração de capitais e na formação de empresas cada vez maiores, o que deu origem a um capitalismo monopolista, em oposição ao capitalismo competitivo da fase anterior.
2. A concentração de capitais nas grandes empresas provocou a necessidade de investimentos em outros continentes, como a África e a Ásia, e em outros países da América Latina. Também foi necessário ampliar as fontes de matérias-primas (carvão, ferro, petróleo) e aumentar os mercados consumidores

para os produtos industrializados europeus e estadunidenses. As potências europeias tinham ainda interesse geopolítico na formação de impérios coloniais, por isso se observou uma associação de interesses entre o capital monopolista e os Estados nacionais europeus. Essa associação produziu um novo tipo de imperialismo, isto é, uma expansão econômica e militar promovida pelas nações industrializadas da Europa e, posteriormente, pelos Estados Unidos.

3. A Conferência de Berlim procurou evitar conflitos entre as potências europeias, dividindo o continente africano segundo áreas de interesse e dominação das nações europeias. Na prática, a Conferência retalhou todo o continente, com exceção de três regiões que permaneceram independentes (uma parte do Marrocos, a Etiópia e a Libéria). As fronteiras foram criadas por acordos diplomáticos e não levaram em conta as divisões étnicas e culturais dos povos do continente. Por isso, diversos conflitos regionais eclodiram no final do século XIX. Esses conflitos se acirraram ainda mais no século XX, com o processo de independência das ex-colônias africanas. Já em relação à conquista da Índia, ela teve início no final do século XVI, com a criação da Companhia das Índias Orientais, destinada a estabelecer uma atividade comercial sistemática com a Índia e o Sudeste asiático. A partir de então, os ingleses instalaram feitorias em diversas cidades do subcontinente indiano (Madras, Bombaim, Calcutá, etc.). Assim, o território indiano foi pouco a pouco colocado na área de influência dos ingleses. No início do século XIX, embora o imperador mongol fosse o governante nominal da Índia, o país era de fato um protetorado da Inglaterra. Em 1876, a Índia tornou-se oficialmente parte do Império Britânico. A presença britânica afetou profundamente a cultura local, destruindo a tradicional economia indiana, especialmente as manufaturas de algodão. Esse longo processo de dominação estimulou o ódio dos indianos pelos britânicos, provocando rebeliões como a Revolta dos Cipaios, em 1857. Já a ocupação da China teve início efetivo em 1839. Nesse ano, o governo chinês destruiu um carregamento de ópio contrabandeado por navios ingleses. A Inglaterra, alegando uma violação às leis do livre-comércio, declarou guerra à China. O conflito deu início à Guerra do Ópio (1838-1842), vencida pelos ingleses, que exigiram a abertura de portos chineses aos produtos britânicos e a entrega da ilha de Hong Kong. Entre 1856 e 1858, eclodiu a Segunda Guerra do Ópio, que impôs novas derrotas aos chineses e ampliou ainda mais o poder britânico sobre a região.

INTERPRETANDO DOCUMENTOS: IMAGEM (p. 20)

- a) A imagem mostra uma cena cotidiana da sociedade inglesa abastada no período: o café da manhã em família. Na imagem, é possível identificar um jovem casal acompanhado por três empregados e um cão. Na mesa, vemos o

que parece ser um recipiente para servir chá e também pães e outros alimentos. Todos os objetos transmitem a ideia de um ambiente confortável e que denota a posição social privilegiada do casal. Além disso, vale destacar que os três empregados apresentam traços que podem ser identificados com os das populações que vivem na Índia, como a cor da pele, assim como as vestimentas que utilizam. Isso permite identificar que esse café da manhã está ocorrendo no território colonial inglês na Índia.

- b) Pode-se formular a hipótese de que o artista pretendia, com sua imagem, destacar que o território colonial inglês poderia ser visto como um local onde as relações sociais entre os membros das elites inglesas poderiam se desdobrar sem ruptura com os modos de vida existentes no território metropolitano. Dessa forma, a imagem seria um excelente recurso de propaganda a favor da dominação colonial e incentivaria outros membros da elite inglesa a se deslocar para os territórios coloniais e levar adiante o processo de ocupação dessas regiões.
- c) Além de expressar uma continuidade entre o modo de vida inglês na metrópole e na colônia, a imagem também constrói um discurso sobre a dominação imperialista e a submissão da população indiana. Isso ocorre por meio da relação entre ingleses e indianos na imagem. Enquanto o casal inglês se comporta como senhor, os indianos são representados como servçais, trabalhando para atender às necessidades dos ingleses.

ESQUEMA-RESUMO (p. 24)

A Segunda Revolução Industrial foi marcada por importantes inovações tecnológicas em diferentes áreas, como na comunicação, no transporte, nas técnicas de produção industrial e na medicina. Tais transformações provocaram mudanças na forma como o capitalismo estava organizado, já que foi nesse período que este assumiu características monopolistas. Com isso, os países industrializados adotaram políticas imperialistas voltadas para o controle de regiões do planeta ainda não industrializadas, como era o caso dos continentes asiático e africano. Esse avanço estava relacionado ao processo de concentração de capitais em virtude da ampliação das possibilidades produtivas nas indústrias e resultou em ações neocolonialistas que transformaram territórios africanos e asiáticos em colônias das potências industriais. Na África, a Conferência de Berlim (1884-1885) decidiu a forma como se daria a partilha do continente, o que resultou na quase completa dominação colonial da região em apenas duas décadas. Na Ásia também houve avanço de potências industriais que dominaram grandes territórios e os transformaram em colônias, como a Índia e partes da China. Uma exceção nesse processo foi o Japão, que conseguiu se transformar em potência imperialista a partir de 1868. Enquanto territórios

africanos e asiáticos eram submetidos à dominação imperialista, a Europa e os Estados Unidos passavam por um intenso processo de democratização de suas sociedades, com a luta por direitos políticos de grupos minoritários (como as mulheres), a organização dos operários e a formação de partidos políticos modernos. É por essa razão que se pode dizer que a Segunda Revolução Industrial resultou em transformações desiguais no planeta, já que em algumas regiões, seus efeitos provocaram transformações democráticas, enquanto em outras ocorreu a perda de direitos e de autonomia política.

ORGANIZANDO AS IDEIAS (p. 25)

1. A descoberta dos cientistas Koch e Pasteur de que as causas das doenças eram os agentes infecciosos microscópicos, como as bactérias, permitiu que novos tratamentos fossem desenvolvidos, reduzindo o número de mortes provocadas por algumas doenças, como tuberculose, cólera, febre tifoide, tétano e pneumonia. A constatação da importância do uso de antissépticos nas cirurgias foi essencial para impedir infecções pós-operatórias, aumentando o sucesso das operações. A descoberta dos analgésicos permitiu aliviar as dores e também realizar cirurgias mais demoradas, até então impraticáveis.
2. As ações político-militares dos países europeus sobre a África e a Ásia pretendiam conquistar e controlar regiões ricas em minérios e fontes de energia, bem como subjugar as populações que viviam nessas áreas. Para justificar essa dominação, os europeus e os estadunidenses utilizaram a ideia de “missão civilizadora”, ou seja, de que eles levariam aos “povos bárbaros” ou “primitivos” os valores da civilização ocidental e cristã (hipoteticamente superior, baseada no racismo científico).
3. O movimento de luta pela ampliação da democracia observado em diversos países da Europa levou à aprovação de leis que reformularam o antigo sistema eleitoral em nações como Inglaterra, Bélgica, Noruega e Suécia. Tais mudanças possibilitaram a formação dos primeiros partidos políticos modernos (compostos de integrantes da população em geral, e não só das elites), responsáveis por formular doutrinas e ideologias vinculadas às suas realidades. Além disso, as mulheres começaram a conquistar o direito de votar e de concorrer às eleições em vários países.
4. O proletariado começou a se configurar como classe na Inglaterra na segunda metade do século XVIII e nas primeiras décadas do século XIX, quando os trabalhadores perceberam que tinham interesses comuns e que só coletivamente poderiam obter conquistas importantes. Esse processo de organização se desenvolveu aos poucos durante a Revolução Industrial, quando a maioria dos trabalhadores dos campos se mudou para as cidades em busca de melhores condições de vida. O estafante trabalho nas fábricas, os baixos salários e as péssimas condições das moradias operárias motivaram

os diversos conflitos militares em vários países pobres, etc. Para auxiliar no debate, sugerimos o texto “Número de pessoas que passam fome está abaixo de 800 milhões: o próximo objetivo é a erradicação”, disponível no site da Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura: <www.fao.org.br/nppfea800mpoe.asp>. Acesso em 18 abr. 2016.

Sugestões de livros

LIMA, Waldemberg Oliveira de. *Germinal: exploração, consciência e luta*. Disponível em: <www.webartigos.com/artigos/germinal-exploracao-consciencia-e-luta/22544/>. Acesso em: 18 abr. 2016.

- Análise teórica e histórica do filme *Germinal* (1993), de Claude Berri.

THOMPSON, E. P. *A formação da classe operária inglesa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. 3 v.

- Análise da experiência histórica de lutas e identidades que constituíram a classe trabalhadora inglesa no decorrer da industrialização do país.

WILLIAMS, Trevor I. *História das invenções: do machado de pedra às tecnologias da informação*. Belo Horizonte: Gutenberg, 2010.

- Este livro é uma viagem pela história do mundo desde os seus primórdios por meio das principais invenções que transformaram a humanidade.

ZOLA, Émile. *Germinal*. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

- Primeiro livro a retratar a luta de classes no momento histórico de sua eclosão. Conta a história de mineiros franceses que decidem se rebelar contra seus patrões, iniciando conflitos imprevisíveis.

Sugestões de filmes

A história do petróleo (The History Channel, s.d.).

- Dividido em quatro episódios, o documentário narra a história do “ouro negro” desde sua descoberta na Pensilvânia, em 1859, até as mais recentes crises econômicas e diplomáticas causadas pela disputa de reservas de petróleo.

As sufragistas (Sarah Gavron, 2015).

- O filme narra a história de um grupo de mulheres que passam a coordenar atos de insubordinação no Reino Unido, no início do século XX, com o objetivo de conquistar o direito de votar.

Germinal (Claude Berri, 1993).

- Filme baseado no romance homônimo de Émile Zola, mostra a história de luta de mineiros franceses que resolveram rebelar-se contra seus patrões.

Sangue negro (Paul Thomas Anderson, 2008).

- O filme narra a história de um mineiro de prata fracassado que começa a prosperar com a exploração de petróleo.

Sugestões de sites

Darwin online. Disponível em: <http://darwin-online.org.uk/>. Acesso em: 18 abr. 2016.

- Site (em inglês) que apresenta diversas informações sobre a vida e a obra de Charles Darwin (1809-1882).

Darwin: descubra o homem e a teoria revolucionária que mudou o mundo. Disponível em: <www.darwinbrasil.com.br/>. Acesso em: 18 abr. 2016.

- Site da exposição *Darwin: descubra o homem e a teoria revolucionária que mudou o mundo*, realizada em algumas cidades brasileiras. O site apresenta material educacional sobre Darwin e informações sobre a exposição.

CAPÍTULO 2

Primeira Guerra Mundial e Revolução Russa

Procedimentos pedagógicos

O capítulo 2 inicia-se com a apresentação do período imediatamente anterior à Primeira Guerra Mundial (1914-1918), caracterizado pelo tênue equilíbrio diplomático entre as potências europeias, que, para se protegerem, investiam no fortalecimento de seus Exércitos e em inovações bélicas. Esse período de “paz armada” também foi marcado pelo surgimento do nacionalismo em alguns países do Velho Continente. Em seguida, o capítulo aborda os desdobramentos do conflito, ressaltando os efeitos catastróficos provocados pelo uso de uma tecnologia bélica inédita até então. Pode-se dizer que, a partir de 1914, os efeitos ambíguos do desenvolvimento técnico-científico, que já foram frisados no capítulo anterior, chegam ao seu extremo. Para tratar da Revolução Russa, o capítulo também volta aos seus antecedentes, a fim de entender a vitória bolchevique, em 1917, como parte de um processo histórico revolucionário que já convulsionava o país desde a década anterior. O capítulo finaliza discutindo os temas da formação da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS), em 1922, e da implantação do regime comunista no novo país.

No que tange à historiografia, faz alguns anos que um livro em específico consolidou-se como referência indispensável para o debate sobre esse período: *A era dos extremos: o breve século XX, 1914-1991*, de Eric Hobsbawm (ver *Texto complementar*, ao final das orientações deste capítulo). Na análise do autor, o século não se compõe pelo convencional conjunto de cem anos. Em vez disso, ele entende o século XX como um período histórico mais curto, porém coerente e completamente inteligível, iniciado com a eclosão da **Primeira Guerra Mundial** e encerrado com o **desmoronamento do sistema soviético**. Pode-se notar, portanto, a importância dos dois temas deste segundo capítulo para o estudo do nosso passado mais recente.

Para enveredar pelo **eixo conceitual** da unidade, é possível apresentar uma declaração do espanhol Severo Ochoa (1905-1993), ganhador do Prêmio Nobel de Fisiologia e Medicina em 1959: “O mais fundamental é o progresso da ciência, que tem sido realmente extraordinário [...]. Eis o que caracteriza nosso século!”. Sobre esse entusiasmo com o avanço científico, pode-se ressaltar que a Primeira Guerra levou a humanidade a

¹ In: HOBBSAWM, Eric J. *A era dos extremos: o breve século XX, 1914-1991*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. p. 12.

confrontar-se, pela primeira vez em uma escala global, com o poder destrutivo da tecnologia.

Professor(a), para entrar propriamente no tema, pode-se sugerir como **Atividade Alternativa** uma pesquisa sobre as grandes invenções que apareceram pela primeira vez no conflito mundial de 1914. Os alunos podem apresentar os resultados da pesquisa por meio de cartazes com imagens e legendas que expliquem os efeitos dessas inovações bélicas. Após a apresentação dos cartazes, pode-se aprofundar a questão com a leitura do texto *Os efeitos da guerra sobre a população civil*, na página 32, e com a análise das imagens da seção *Interpretando documentos: imagem*, na página 35.

O uso desse material é uma alternativa para discutir como as sociedades dos países envolvidos na guerra foram afetadas. É possível, então, destacar a proeminência das mulheres nesse período, seja nos *fronts* de batalha, seja nas indústrias nacionais, ocupando cada vez mais postos de trabalho, vagos por causa do alistamento militar em massa da população masculina economicamente ativa. A preocupação com novos objetos de estudo operou uma verdadeira revolução historiográfica a partir da primeira metade do século XX. Entre as novas preocupações da “Nova História”, estava a questão da história do cotidiano e da vida privada. No caso, sobre o estudo da sociedade civil diante das grandes guerras, o historiador quer alcançar os sentimentos e os dramas do ser humano comum diante dos problemas e desafios do dia a dia. Para alcançar essa intersubjetividade ou as ações individuais ordinárias, é preciso trabalhar com documentos não oficiais. Daí a importância dos registros fotográficos, dos diários, das cartas pessoais, etc. Os alunos podem ter contato com essa diversidade na seção *Interpretando documentos: texto*, na página 42. Depois da leitura de dois fragmentos de cartas íntimas de soldados, escritas nos *fronts* de batalha da Primeira Guerra, pode-se discutir um pouco mais sobre os dramas pessoais do confronto e sobre as particularidades desse tipo de documento. Responder às três questões sobre os trechos propostas no livro em um debate aberto com toda a turma pode ser uma boa maneira de concluir a discussão sobre o tema.

Relacionar grandes eventos com dramas pessoais também pode ser um bom jeito para entrar no tema do **nacionalismo**. Professor, talvez seja interessante abrir uma discussão sobre essa ideologia a partir do texto *Nacionalismo acirra conflitos*, na seção *Você sabia?* da página 31. Esboce na lousa, em diálogo com os alunos, um quadro que resalte as principais características que definem o nacionalismo e discuta as seguintes questões: essa ideologia ainda tem força a ponto de causar conflitos? Alguém conhece exemplos de conflitos nacionalistas atuais? Quais são os maiores efeitos dessa ideologia na vida das pessoas comuns? Nesse ponto, é possível tratar da xenofobia, da intolerância, das práticas genocidas que marcaram o século XX, como o **genocídio armênio**, abordado na seção *Enquanto isso...* da página 40. Em um debate aberto com toda a classe, pode-se buscar enumerar outros casos motivados por intolerância étnica e/ou religiosa, bem como suas consequências para os povos em questão. Em seguida,

divididos em grupos, os alunos podem refletir entre si sobre a intolerância e registrar em cartazes pelo menos três princípios fundamentais para o convívio que respeite as diferenças. Pode-se incentivar os alunos a produzir esses cartazes como se fossem peças de uma campanha publicitária sobre o tema, ou seja, eles devem chamar a atenção e comover o público. Os resultados podem ser, depois, expostos na escola. Essa atividade, para além do respeito às diferenças culturais, pode enveredar pelos desafios da **educação inclusiva** a partir de uma **Atividade de Inclusão**: dando voz aos alunos com algum tipo de deficiência, pode-se abrir um debate sobre como garantir uma plena integração dessas pessoas na comunidade escolar, com igualdade de acesso e oportunidades. Cartazes com essa preocupação também podem ser confeccionados.

Para fechar o tema da Primeira Guerra, fazendo mais uma relação com o presente, a seção *Hora de refletir* da página 45 levanta a questão da “indústria da guerra”. Certamente, os conflitos de 1914 a 1918 ajudaram a consolidar esse filão do comércio mundial. Desde então, muitas nações, ao mesmo tempo que pregam a paz, ganham milhões com exportação e impostos sobre a produção de armas. A questão fica ainda mais complexa se considerarmos o que movimenta o comércio internacional ilegal de armas. Professor, para concluir esse debate, pode-se executar como **Atividade Alternativa** a exibição de cerca de 15 minutos do filme *O senhor das armas* (2005), de Andrew Niccol, baseado na história real de Viktor Bout, um dos maiores contrabandistas de armas de fogo do mundo e que foi fornecedor de muitos ditadores e chefes de estado. Talvez seja mais interessante exibir as cenas em que o protagonista se reúne com ditadores para negociar a venda de armas (entre 12 e 17 minutos) e a parte em que se mostra como vivem as pessoas comuns em países consumidos por guerras civis sustentadas pelo tráfico de armas (entre 52 e 62 minutos). Como atividade de conclusão das discussões feitas até esse ponto, pode-se sugerir que os alunos escrevam uma redação com o seguinte tema: Como sustentar a tolerância em um mundo em que a guerra é um negócio?

Outro grande tema a ser trabalhado no capítulo é a **Revolução Russa**. Professor, muito mais do que um evento isolado e relacionado automaticamente ao comunismo, talvez seja interessante destacar o **processo histórico revolucionário** e a quais problemas ele respondia. Pode-se partir da análise da aquarela *Leilão de servos*, na página 36, para expor a conjuntura social e econômica da Rússia pré-1917. Na legenda, é possível saber que a aquarela foi pintada em 1910, momento em que o país já estava envolto em um turbilhão social que almejava deixar cenas como aquela de uma vez por todas no passado. Embora a servidão tivesse sido abolida na Rússia em 1861, a maioria da população, composta de camponeses pobres, ainda vivia em péssimas condições. É importante ressaltar isso para que os alunos percebam que 1917 não aconteceu de repente e, como evento histórico, não pode ser compreendido isoladamente. Da mesma maneira, não pode ser entendido como um movimento monolítico, em que os atores históricos agiriam com as mesmas expectativas e fariam as mesmas escolhas.

Professor, talvez seja interessante ressaltar os diversos momentos do processo histórico e quais tipos de projeto político eles representaram: a experiência de democracia participativa dos soviéticos, que teve bastante força até a morte de Vladimir Lenin, contraposta ao regime cada vez mais centralizado e burocrático imposto no governo de Josef Stalin. Construindo relações com o presente, pode ser proposta uma discussão sobre as últimas eleições no Brasil. Mesmo que não tenham votado, quais eram as expectativas dos alunos sobre os governos? É extremamente comum que governos acabem seguindo caminhos e tomando decisões que desagradam às pessoas que ajudaram a colocá-los no poder, ainda mais em um regime democrático, no qual há espaços para discordâncias. Hoje em dia, quais são os **instrumentos efetivos de participação política**? Como as pessoas podem agir para tentar influir nos rumos dos governos? É interessante destacar na discussão que a efetivação dos mecanismos participativos, bem como a ampliação de direitos políticos e sociais desde o século XIX, sempre estiveram relacionados com as lutas sociais. As revoluções, mesmo sendo controversas, foram fundamentais nessa trajetória. Pode-se, a partir disso, fazer uma relação com a seção *Eu também posso participar*, na página 38, sugerindo-se, em seguida, uma **Atividade Alternativa** que não leve em conta apenas os conteúdos trabalhados no capítulo, mas também questões relativas à **prática da cidadania**. Conforme a proposta da questão *Sua comunidade*, nesse mesmo box, os alunos, divididos em grupo, podem pesquisar sobre os órgãos públicos, ONGs e outras associações que promovam a democracia participativa em sua cidade nos mais diversos âmbitos. Depois, os resultados podem ser expostos em seminários.

ORGANIZANDO AS IDEIAS (p.35)

1. A expressão “paz armada” foi utilizada para fazer referência ao período compreendido entre o fim da Guerra Franco-Prussiana (1871) e o início da Primeira Guerra Mundial (1914), quando não ocorreram conflitos armados diretos envolvendo os países europeus. Durante esse período a maioria dos países europeus passou a adotar o serviço militar obrigatório e a fabricar armamentos em grande quantidade, visando intimidar as nações rivais, e estabeleceu alianças militares. Um dos desdobramentos dessas rivalidades foi o estímulo aos sentimentos nacionalistas, como o inconformismo francês diante da perda da Alsácia-Lorena para os alemães na Guerra Franco-Prussiana, ou as pretensões de alemães e italianos em ampliar seus impérios coloniais. Além disso, o expressivo desenvolvimento tecnológico da indústria bélica estimulou as rivalidades entre os países europeus. Todos esses fatores criaram um cenário propício para a eclosão da Primeira Guerra Mundial.
2. No início, a Primeira Guerra caracterizou-se pelo movimento intenso das tropas para conquistar territórios inimigos rapidamente. No entanto, o avanço real sobre o território inimigo era pequeno diante da quantidade de mortos, o que deu início à

chamada “guerra de trincheiras” ou “guerra de posições”, quando as tropas ficavam fixas em trincheiras (valas estreitas, profundas e de grande extensão, protegidas por arame farpado) e mantinham fogo permanente contra o inimigo. A “guerra de movimento” foi retomada a partir de 1917, quando os estadunidenses entraram no conflito trazendo grande número de soldados e mudando o equilíbrio de forças entre os países envolvidos na guerra.

3. O governo alemão, por causa das determinações do Tratado de Versalhes, foi obrigado a devolver a Alsácia-Lorena à França, perdeu suas colônias para os países vencedores e teve de restringir a ação de suas Forças Armadas. Além disso, o governo alemão teve de pagar uma indenização de 132 milhões de marcos às potências vencedoras.
4. Após o fim da Primeira Guerra, houve o desmembramento do Império Austro-Húngaro, que deu origem à Áustria, à Hungria e à Tchecoslováquia, e a desintegração do Império Turco Otomano, que deu origem à Turquia. A região da Alsácia e Lorena foi novamente incorporada à França. Professor, o importante nesta questão é que os alunos percebam o desmembramento ou a perda de território de alguns países e o surgimento de novas nações.

INTERPRETANDO DOCUMENTOS: IMAGEM (p. 35)

- a) A imagem representa uma multidão de mulheres e crianças cercado uma espécie de carroça. No centro da imagem, há mulheres distribuindo sopa para a multidão. Existem poucos homens. Pode-se formular a hipótese de que tais pessoas faziam parte das populações civis que não foram envolvidas diretamente na guerra, mas sofriram o impacto dessa guerra.
- b) Sim, a imagem mostra um grupo de pessoas que precisava da doação de alimentos para sobreviver às privações provocadas pela guerra. Essa situação afetou diversos países europeus. A população de Berlim, mostrada na fotografia, passava por privações desde 1915, quando começaram a ter racionamento de pão. Posteriormente, alimentos como carnes, laticínios, batata, açúcar e cereais também começaram a ser racionados. O inverno de 1916 e 1917 foi um período de especial privação para a população alemã por causa de uma colheita desastrosa.
- c) Com a guerra, as mulheres passaram a ocupar funções consideradas masculinas, dado que a maior parte dos homens economicamente ativos havia sido convocada para o conflito. Na França, por exemplo, mais de um milhão de mulheres trabalharam no setor de defesa nacional, armamento e aeronáutica em 1918. No Império Austro-Húngaro, entre 1913 e 1916, o emprego da força feminina na indústria pesada passou de 17,5% para 42,5%. Na Alemanha, em 1918, as mulheres compunham 35% da força de trabalho

nas indústrias. Funções de motorista de ônibus, de ambulância e até mesmo de soldado passaram a ser exercidas também por mulheres.

- d) A proposta da atividade é fazer com que os alunos reflitam sobre a condição de vida das populações idosas em nossa sociedade. A ideia é que os alunos identifiquem as políticas públicas destinadas a esse grupo social e reflitam sobre suas limitações e problemas que ainda precisam ser solucionados, destacando questões relacionadas com a saúde, a aposentadoria, os espaços de lazer, as políticas habitacionais, a mobilidade, entre outros aspectos. Para conseguir dados sobre o tema, é possível acessar o site da Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República: <www.sdh.gov.br/assuntos/pessoa-idosa/dados-estatisticos/dados-sobre-o-envelhecimento-no-brasil> (acesso em: 18 abr. 2016).

SUA COMUNIDADE (p. 38)

Esta atividade tem por objetivo refletir sobre formas efetivas de participação popular na gestão pública. Em diversas áreas do poder público, existem, por determinação legal, conselhos (de saúde, de educação, etc.) que podem interferir e definir os rumos da gestão pública. Professor, a pesquisa da classe é apenas um subsídio para que os alunos discutam as modalidades de participação com base em dados objetivos da cidade ou região onde moram. Você pode dividir a classe a partir de áreas de interesse: educação, saúde, esportes, cultura, habitação, transporte, etc. Assim, cada grupo faz o levantamento sobre um setor distinto do governo municipal. Pode-se conduzir o debate solicitando aos alunos que reflitam sobre o real interesse em desenvolver uma atuação política mais sistemática, em ONGs, associações de bairros, partidos ou nos conselhos do município. Para isso, um ponto de partida é avaliar em que medida eles conhecem os problemas reais da cidade (ou do bairro) e sua disposição para ajudar. Trata-se, portanto, de uma atividade que problematiza a prática da cidadania (ou sua ausência) entre os alunos.

SUA OPINIÃO (p. 40)

O tema tolerância e a perspectiva de uma cultura pela paz são assuntos fundamentais nas políticas da Organização das Nações Unidas (ONU) e de diversos organismos internacionais. Professor, esta atividade pode ser feita sem consulta a outros materiais, mas é importante discutir a relevância e a coerência dos princípios apresentados pelos alunos. É muito comum que se chegue a resultados pouco amadurecidos, afirmando apenas que se deve “respeitar as diferenças” ou que “todos têm direito a manifestar suas crenças religiosas”, etc. No caso dessas afirmações simplistas, pode-se questionar sua eficácia colocando em questão situações reais e históricas, como a manifestação de ideias religiosas que tratam outras religiões como inferiores ou inimigas. Por outro lado, pode-se fazer uma reflexão mais aprofundada com base em documentos

à disposição sobre o assunto. No site <www.dhnet.org.br/direitos/sip/onu/paz/dec95.htm> (acesso em: 18 abr. 2016), por exemplo, pode-se ler a *Declaração de Princípios sobre a Tolerância*, promulgada pela ONU em 1996.

ESQUEMA-RESUMO (p. 41)

No final do século XIX, teve início uma série de transformações que estimularam os conflitos entre as potências europeias culminando na Primeira Guerra Mundial. Essas mudanças estão relacionadas à corrida armamentista, à formação de alianças militares envolvendo diversos países europeu e ao surgimento de sentimentos nacionalistas em diversas partes da Europa. Com o início da Primeira Guerra Mundial, a ordem política existente passou por grandes mudanças, o que está diretamente relacionado com a brutalidade desse conflito. Ao final da guerra, os países derrotados sofreram penalidades e impérios desapareceram. As fronteiras europeias se transformaram e os Estados Unidos saíram fortalecidos economicamente. Um efeito indireto da guerra foi a Revolução Russa, que estourou em razão de uma crescente insatisfação com as desigualdades sociais na Rússia. O envolvimento do país na guerra acirrou ainda mais essas insatisfações e resultou no movimento revolucionário que derrubou o governo e criou um Estado comunista na região, o que também provocou transformações sociais em diversas regiões da Europa.

ORGANIZANDO AS IDEIAS (p. 42)

1. Até o começo do século XX, a Rússia era uma nação essencialmente rural. O país apresentava baixo desenvolvimento econômico, se comparado a outros países europeus. Do ponto de vista político, a Rússia vivia sob um regime monárquico absolutista, que exercia forte repressão sobre a população. A desigualdade social era grande, assim como as péssimas condições de vida dos trabalhadores russos do campo e das cidades. Esse contexto gerou grande insatisfação popular e criou condições para o surgimento de movimentos clandestinos de resistência ao regime e defensores de mudanças econômicas, sociais e políticas. Entre eles, estava o Partido Operário Social-Democrata Russo (POSDR), um grupo clandestino de orientação marxista. Esse partido agrupava duas tendências distintas. Uma era a bolchevique, liderada por Lenin, que propunha a formação de uma aliança operário-camponesa para lutar pelo poder e chegar ao socialismo. Segundo Lenin, só seria possível chegar ao socialismo depois de uma revolução. Os mencheviques, mais moderados, argumentavam que era preciso apoiar a burguesia, pois esta deveria liderar a luta contra o czarismo em uma revolução democrática. Só então se poderia organizar a classe operária para a revolução socialista.
2. Em 1905, cerca de 200 mil pessoas foram às ruas protestar por melhores condições de vida e salário. A polícia reagiu com violência, matando cerca de mil manifestantes. Os protestos se intensificaram. Uma greve geral paralisou o país. Pressionado, o

czar cedeu a algumas exigências dos revolucionários, legalizou partidos políticos e concedeu poderes legislativos à Duma (Parlamento russo). Embora o czarismo tenha sobrevivido, o país se transformou em uma monarquia constitucional. Ainda assim, o czar podia dissolver a Duma a qualquer momento e mantinha forte censura à imprensa.

3. A afirmação do historiador Marc Ferro faz referência à capacidade dos soviets em influenciar a política e a sociedade dentro da Rússia. Os soviets surgiram inicialmente como um conselho de trabalhadores democraticamente eleitos, com o objetivo de impulsionar as lutas sociais e políticas dos russos. Faziam parte desses conselhos operários, camponeses, soldados e intelectuais. Aos poucos, os soviets passaram a organizar greves, intermediar as negociações entre patrões e empregados e publicar jornais. Também assumiram responsabilidades que seriam do governo: passaram a cuidar do abastecimento, do trânsito, da iluminação e também fiscalizavam as ações governamentais.
4. Após a abdicação do czar, formou-se um novo governo sob a liderança dos mencheviques, que adotaram medidas reformistas, mas não atenderam às principais reivindicações dos camponeses e dos operários. Isso ampliou a insatisfação popular e abriu caminho para a Revolução de Outubro de 1917. A revolução derrubou os mencheviques, que foram substituídos pelo Partido Bolchevique, e deu início a um processo de profundas transformações na sociedade russa. O novo governo estatizou fábricas, estradas de ferro e bancos e confiscou os bens da Igreja. As grandes propriedades foram expropriadas e distribuídas aos camponeses. No plano externo, russos e alemães assinaram um tratado de paz em separado, o Tratado de Brest-Litovsk (1918), que culminou na saída dos russos da Primeira Guerra Mundial.
5. A ascensão dos bolcheviques ao poder deu início a uma guerra civil na Rússia. As antigas classes dominantes (senhores de terras, grandes empresários, generais do Exército czarista), com o objetivo de expulsar os bolcheviques do poder, formaram o Exército Branco, que ganhou o reforço das tropas militares de potências ocidentais (Estados Unidos, França, Inglaterra, Japão e Canadá). Sob a liderança de Trotski, os bolcheviques organizaram o Exército Vermelho. A disputa pelo poder levou o país a uma sangrenta guerra que terminou em 1921, com a vitória dos bolcheviques, e deixou um saldo de 13 milhões de mortos, número superior ao de pessoas mortas nos combates da Primeira Guerra Mundial.
6. Após chegar ao poder em outubro de 1917, o Partido Comunista, ou Bolchevique, tornou-se o único partido da Rússia. O poder dos soviets foi esvaziado, e a população viu-se excluída dos órgãos de decisão. No lugar do socialismo surgiu uma sociedade burocratizada, controlada por uma elite de funcionários privilegiados. No topo dessa sociedade estava o

Partido Comunista – comandado por Stalin –, que controlava integralmente todos os órgãos do Estado.

7. O mapa está dividido em duas partes. Na primeira, que mostra o território russo antes da União Soviética, é possível observar a grande extensão do território russo no período, mas também mostra que não existiam regiões de influência em torno desse território. Já a segunda parte, que mostra o território russo a partir da formação da URSS, indica as áreas anexadas pelos russos, as quais alargaram o tamanho desse território, bem como as regiões de influência próximas das fronteiras da União Soviética. Dessa maneira, é possível afirmar que o território russo ampliou-se significativamente depois da Revolução Russa e formação da União Soviética.

INTERPRETANDO DOCUMENTOS: TEXTO (p. 42)

- a) O primeiro relato descreve a guerra como uma experiência terrível, que se configura em uma carnificina dos soldados que lutam contra as forças alemãs. Além disso, ele acusa as decisões do quartel-general como responsáveis pelas mortes. Finalmente, faz uma contraposição entre a experiência terrível da guerra e o período de tranquilidade no qual os soldados vivem quando se encontram na reserva. Já o segundo relato descreve a situação de um soldado que não estava, no momento em que escreveu seu relato, diretamente envolvido nos combates, já que estava ferido e se encontrava em repouso até sua completa recuperação. Nesse caso, ele descreve uma paisagem agradável e tranquila, mas reclama da má alimentação.
- b) As cartas e os diários indicam aspectos cotidianos da guerra, bem como a visão dos indivíduos comuns diante do conflito. É possível, por exemplo, entender como os soldados enxergavam os combates e as decisões dos generais e das lideranças políticas e militares envolvidas no conflito, como era a alimentação, os períodos sem atividade e de repouso, etc. Os diários e as cartas também permitem analisar os medos e as tensões enfrentados pelos soldados e pelas populações civis, bem como as relações estabelecidas entre aqueles que estavam nas frentes de batalha e aqueles que estavam distantes da guerra. Tais relatos, ao contrário das grandes decisões e dos documentos diplomáticos, indicam aspectos humanos do conflito e ajudam a desconstruir a visão grandiosa e patriótica que frequentemente aparece nos documentos considerados oficiais.
- c) O estudo da história do cotidiano ajuda a entender outros aspectos da História no âmbito privado e a dimensionar a forma como os grandes processos históricos afetam a vida dos indivíduos em seus aspectos mais cotidianos. Assim, essa perspectiva permite refletir sobre a relação

entre acontecimentos e processos globais e a vida dos indivíduos, ajudando a complexificar nossa visão da História e fornecendo elementos para a reflexão sobre nosso próprio cotidiano.

TESTE SEU CONHECIMENTO (p. 43)

1. B 2. B 3. D
4. Apenas as afirmativas III e IV são verdadeiras; assim, a alternativa correta é a letra E. O erro da primeira afirmativa é indicar que o Tratado de Versalhes foi o único tratado assinado para encerrar o conflito. Na realidade, ele foi apenas um dos tratados mais importantes, e outros países derrotados também assinaram tratados similares. Já o erro da segunda afirmativa é indicar que a guerra não provocou alterações geopolíticas na Europa. Na realidade, a ordem geopolítica da Europa sofreu grandes mudanças ao final da guerra, principalmente com a desintegração de impérios, como o Austro-Húngaro e o Turco Otomano.
5. Apenas as afirmativas I e III são verdadeiras; assim, a alternativa correta é a letra C. O erro da segunda afirmativa é indicar que o governo revolucionário assinou o Tratado de Brest-Litovsky com a França. Foi assinado com a Alemanha. Já o erro da quarta afirmativa é indicar que o Partido Comunista adotou medidas para reforçar os poderes dos soviets, porém os soviets deixaram de ser um espaço para discussão democrática e passaram apenas a executar as ordens do partido.

HORA DE REFLETIR (p. 45)

A proposta da atividade é fazer com que os alunos reflitam sobre o impacto da indústria de armas na economia mundial. É importante que os alunos relacionem o comércio de armas com o fortalecimento de regimes autoritários e de grupos terroristas ou que utilizam ações violentas para controlar politicamente determinadas regiões do planeta. O comércio de armas também provoca tensões entre diferentes países, já que estimula corridas armamentistas e disputas para garantir a supremacia bélica em regiões onde existe o risco de conflito. Um exemplo é a venda de armamentos para os grupos em conflito na Síria. A decisão de países da União Europeia ou da Rússia em vender armamento para esses grupos é vista, por analistas, como um dos fatores que provocou a ampliação dos conflitos na região e o fortalecimento de grupos violentos que buscam controlar o Estado sírio. Outro exemplo é a utilização de armas brasileiras pela polícia turca durante a violenta repressão aos protestos ocorridos contra o governo do país, em 2013. Professor, outro aspecto que pode ser abordado na pesquisa dos alunos é a eleição de deputados financiados pela indústria de armas no Brasil. Segundo o Instituto Sou da Paz, com base em dados registrados no TSE, em 2014 a indústria de armas do país financiou 30 candidatos, dos quais 21 foram eleitos.

■ Texto complementar

No trecho a seguir, Eric Hobsbawm analisa o impacto da Primeira Guerra Mundial na configuração do “breve século XX”.

Em 1914 não havia grande guerra fazia um século, quer dizer, uma guerra que envolvesse todas as grandes potências, ou mesmo a maioria delas, sendo que os grandes participantes do jogo internacional da época eram as seis “grandes potências” europeias (Grã-Bretanha, França, Rússia, Áustria-Hungria, Prússia – após 1871 ampliada para Alemanha – e, depois de unificada, a Itália), os EUA e o Japão. Houvera apenas uma breve guerra em que mais de duas das grandes potências haviam combatido, a Guerra da Crimeia (1854-6), entre Rússia, de um lado, e a Grã-Bretanha e a França do outro. Além disso, a maioria das guerras envolvendo grandes potências fora rápida. A maior delas não fora um conflito internacional, mas uma guerra civil dentro dos EUA (1861-5). Media-se a extensão da guerra em meses, ou mesmo (como a guerra de 1866 entre a Prússia e a Áustria) semanas. Entre 1871 e 1914 não houvera na Europa guerra alguma em que Exércitos de grandes potências cruzassem alguma fronteira hostil, embora no Extremo Oriente o Japão tivesse combatido (e vencido) a Rússia em 1904-5, apressando com isso a Revolução Russa.

Não houvera, em absoluto, guerras mundiais. [...]

Tudo isso mudou em 1914. A Primeira Guerra Mundial envolveu todas as grandes potências, e na verdade todos os Estados europeus, com exceção da Espanha, os Países Baixos, os três países da Escandinávia e a Suíça. E mais: tropas do ultramar foram, muitas vezes pela primeira vez, enviadas para lutar e operar fora de suas regiões. [...]

Locais, regionais ou globais, as guerras do século XX iriam dar-se numa escala muito mais vasta do que qualquer coisa experimentada antes. Das 74 guerras internacionais travadas entre 1816 e 1965 que especialistas americanos, amantes desse tipo de coisa, classificaram pelo número de vítimas, as quatro primeiras ocorreram no século XX: as duas guerras mundiais, a guerra do Japão contra a China em 1937-9, e a Guerra da Coreia. Cada uma delas matou mais de 1 milhão de pessoas em combate. [...] Em suma, 1914 inaugura a era do massacre.

HOBBSAWM, Eric J. *A era dos extremos: o breve século XX, 1914-1991*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. p. 30-32.

Sugestões de livros

FERRO, Marc. *A Grande Guerra (1914-1918)*. Lisboa: Edições 70, 2008.

- Análise detalhada da Primeira Guerra Mundial feita por um dos principais nomes da historiografia francesa.

LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre (Org.). *História: novos problemas, novas abordagens, novos objetos*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988. v. 3

- Coletânea de textos expõe os pressupostos dessa corrente historiográfica e as inovações que trouxeram para a disciplina.

MACMILLAN, Margaret. *A Primeira Guerra Mundial* – que acabaria com as guerras. São Paulo: Globo, 2014.

- A autora mostra como a Europa de 1900 foi marcada por um clima de confiança no progresso que se alterou a partir de um conflito que mataria milhões de pessoas e arruinaria os países envolvidos.

CAPÍTULO 3

Brasil: do final do século XIX à Revolução de 1930

Procedimentos pedagógicos

Este capítulo encerra a Unidade 1 do livro. Portanto, trata-se de um momento de reforço e arremate das questões do **eixo conceitual “ciência e tecnologia”**: relações entre inovações tecnológicas, ciência e suas consequências para a humanidade. Os dois capítulos anteriores discutiram, em nível mundial, a dinâmica histórica conflituosa que possibilitou e, ao mesmo tempo, alimentou-se do desenvolvimento dessas relações desde a Revolução Industrial, passando por uma vertiginosa aceleração na virada do século XIX para o XX. Professor, talvez uma introdução ao conteúdo do capítulo 3 seja uma contextualização do início da república brasileira na *Belle Époque*, ressaltando como o **processo de proclamação do novo regime** esteve imbricado com a crença na ciência e no ideal de progresso. Pode-se apontar que os principais quadros do Exército envolvidos na deposição do imperador dom Pedro II tinham, no geral, formação inspirada pelo **cientificismo** que se consolidava na segunda metade do século XIX e, em particular, pelo **positivismo** francês. A república, para eles, seria o destino de todas as nações desenvolvidas.

Pode ser interessante apontar aos alunos que os novos padrões urbanos e industriais foram, aos poucos, sendo inseridos na sociedade brasileira. Como exemplo, é possível discutir com eles os dados do texto *Início da expansão industrial*, na página 48, que mostram como foi vertiginosa a multiplicação das indústrias, principalmente no Rio de Janeiro e em São Paulo, e, em seguida, questioná-los sobre as mudanças sociais decorrentes dessa industrialização. Talvez seja interessante tentar criar ligações com o presente. Pode-se questionar, por exemplo, sobre o que acontece quando uma grande indústria se instala em uma região nova. Para além dos benefícios das vagas de emprego, existem problemas envolvidos? Os alunos podem ter ou conhecer experiências para compartilhar.

As cidades brasileiras cresciam desordenadamente para comportar levas de imigrantes europeus e negros libertos em busca de novas oportunidades. Para organizar e administrar essas novas cidades, principalmente no que se referia às classes pobres, consideradas “perigosas” pelas elites, as inovações tecnológicas e o discurso científico foram determinantes: novas máquinas para nivelar morros, canalizar rios, refazer ruas e construir avenidas, seguindo de perto a tecnologia das reformas urbanas das maiores metrópoles europeias. No plano do discurso, o **racismo** e o **higienismo** davam

o aval científico para práticas de exclusão e até mesmo sacrifício de grupos populares.

Aqui pode ser interessante ressaltar que esse processo de “modernização” republicana da sociedade brasileira foi acompanhado de diversas crises e movimentos convulsivos e traumáticos. Pode-se apontar, em um primeiro momento de explanação, que todos os movimentos sociais elencados neste capítulo têm em comum algum grau de crítica às transformações do período e, sobretudo, ao modo como vinham sendo conduzidas pelos primeiros governos republicanos. As greves operárias, as revoltas urbanas contra a demolição de cortiços ou a vacinação obrigatória, os **movimentos messiânicos**, o cangaço, o **tenentismo**, o **modernismo**, entre outros, corresponderam à forma como diferentes classes sociais reagiram ao que julgaram como o caráter célere e autoritário dessa “modernização”. Esses movimentos colocaram em evidência reivindicações que ecoam até hoje na sociedade brasileira: condições dignas de trabalho e existência; direito à moradia; direito à terra; redistribuição da riqueza; direito ao voto; protagonismo feminino; reformas políticas, etc. Uma **Atividade Alternativa** que pode ser sugerida aos alunos é a realização de uma pesquisa e um seminário que visem unir a história desses movimentos à **prática da cidadania** atual. Cada um dos grupos ficaria responsável por levantar informações e materiais sobre cada um dos movimentos sociais tratados no capítulo ou até mesmo sobre outros que tenham ocorrido no mesmo período. O objetivo é contar um pouco sua história, frisando as principais reivindicações do movimento e aproximando-as do contexto atual: há grupos organizados que ainda combatem pela mesma causa? Pode-se, ainda, incentivar os alunos, na hora da apresentação, a partir da situação atual e tratar do problema em perspectiva histórica. Como formas alternativas de exposição, pode-se incentivar o uso de reportagens, trechos de documentários que abordem a questão em foco e até entrevistas feitas pelos próprios alunos com algum participante de movimentos sociais de sua cidade. Essa pode ser também uma importante atividade de **avaliação** dos conteúdos aprendidos, bem como uma atividade que incentive o exercício da **cidadania**.

Ainda unindo reflexão e prática cidadã, é possível incentivar um debate sobre o **racismo** em nossa sociedade, questionando os alunos sobre o ideal de “embranquecimento” defendido por parte da elite brasileira do final do século XIX. De onde vinha essa ideia? Quais seriam os planos para “embranquecer” a população? Será que os alunos ainda identificam esse ideal no Brasil? Pode-se lembrar que o **racismo científico** surgiu no século XIX para justificar o imperialismo. Para parte da elite brasileira, ele serviu como justificativa para lidar discriminatoriamente, a partir da abolição, com a liberdade da população negra. Pode-se apontar que os governos brasileiros do final do império e início da república não tomaram nenhuma atitude para oferecer aos recém-libertos condições dignas de trabalho e moradia, fossem na zona rural ou urbana. Pelo contrário, excluíram esse grupo e ainda apostaram majoritariamente na imigração europeia, vista como mais capacitada para o trabalho, civilizada

e propícia para o futuro embranquecimento da nação. Além do descaso das autoridades, a população negra viu seus costumes serem condenados pelo discurso médico e criminológico da época, ambos também embasados no **racismo científico**. Como o capítulo destaca, a culinária de origem africana passou a ser reprovada e combatida por médicos, e a capoeira e as práticas religiosas foram tipificadas como crimes no primeiro **Código Penal** do período republicano, de 1890, o que só contribuiu para a consolidação de estereótipos negativos relacionados à população negra.

A partir dessa questão, pode-se discutir sobre a força e a permanência desses estereótipos por meio de um trabalho com a seção *Interpretando documentos: texto*, na página 61. O exercício, que trata da responsabilidade criminal de crianças e adolescentes no Código Penal de 1890, permite uma reflexão sobre o **racismo**. Os debates anteriores e posteriores à aprovação do Código foram totalmente marcados pela questão racial e que um de seus expoentes foi o médico **Nina Rodrigues** (1862-1906). Reconhecido defensor do **racismo científico**, ele publicou, em 1894, *As raças humanas e a responsabilidade penal*, em que criticava o texto final do Código brasileiro por se basear no que definia como a “falácia da igualdade”. Totalmente amparado pelos pressupostos da criminologia da época, Nina definia a existência de “ontologias raciais e a permanência de variações relevantes, tanto orgânicas como biológicas e cerebrais”. Pressupondo a existência de raças inferiores, entre as quais a negra, ele entendia que essas não poderiam ser julgadas pelos códigos de povos civilizados. No Brasil, suas ideias contribuíram muito para a construção de estereótipos criminais relacionados aos negros e pardos.

É sabido que o racismo não tem mais fundamentação científica, mas será que podemos dizer que os estereótipos raciais foram desconstruídos? Por que será que a população carcerária brasileira é majoritariamente negra? Professor, é possível fazer essa discussão sobre a atualidade, valendo-se de alguma reportagem² ou outro tipo de material que aponte para as diferenças de oportunidades entre brancos e negros. Como **Atividade Alternativa**, pode-se pedir aos alunos que escrevam uma redação que relacione a atual situação da maioria da população negra do Brasil com as decisões tomadas pelos governos logo após a abolição e nas primeiras décadas da república.

ORGANIZANDO AS IDEIAS (p. 54)

1. A exploração comercial do látex deu um salto a partir de 1886, com a invenção do automóvel e a necessidade de borracha para a confecção dos pneus. O Brasil passou a responder por 90% de toda a produção de látex mundial. Assim, entre 1895 e 1915, a Amazônia passou por um rápido enriquecimento que promoveu o surgimento de uma elite formada por banqueiros, comerciantes e seringalistas. Manaus e Belém se modernizaram e prédios, como o Palácio do Governo e o Teatro Amazonas foram construídos como símbolos dessa prosperidade. Porém, o cultivo de seringueiras em grandes propriedades organizado pelos ingleses no Ceilão (atual Sri Lanka) e em Cingapura desbancou os produtores brasileiros e, em 1919, as vendas brasileiras no mercado externo não chegavam a 10% das exportações mundiais do produto.
2. Na virada do século XIX para o XX, o Brasil respondia por 75% de toda a produção mundial de café, sendo São Paulo seu principal produtor no Brasil. Nesse cenário, parte dos lucros obtidos com a exportação de café foi investido em atividades como o comércio, a indústria e a construção de ferrovias. O estado de São Paulo se industrializou em grande escala, abrigando, já na década de 1920, o maior e mais diversificado polo industrial do país. As primeiras indústrias brasileiras produziam principalmente bens de consumo não duráveis, como tecidos, roupas, calçados, chapéus, alimentos, sabão, bebidas, entre outros.
3. Nos primeiros tempos da industrialização brasileira, não havia uma legislação capaz de garantir direitos aos trabalhadores. Eles cumpriam extensas jornadas de trabalho, entre 10 e 14 horas diárias, recebiam baixíssimos salários, trabalhavam em ambientes insalubres, sofriam com os acidentes constantes e não contavam com férias e descanso remunerado nos fins de semana. As mulheres e as crianças recebiam salários ainda menores. As mulheres costumavam sofrer assédio sexual de patrões e capatazes, e as crianças costumavam ser punidas com castigos físicos. Esse cenário estimulou o surgimento das primeiras organizações de trabalhadores para ajuda mútua. Os imigrantes politizados nas fábricas trouxeram propostas políticas do movimento operário europeu, como o socialismo e o anarquismo. Até o final dos anos 1930, houve intensa mobilização do operariado nacional, o que resultou em greves generalizadas em várias capitais brasileiras. Os trabalhadores reivindicavam melhores salários, redução da jornada de trabalho e reconhecimento de seus direitos. O governo agiu de forma repressiva. Por exemplo, em 1907, foi aprovada uma lei (Lei Adolfo Gordo) que permitia a expulsão de imigrantes considerados perigosos para a ordem social.
4. Na grande imprensa, a população negra era representada de forma negativa e estereotipada, baseada no racismo científico do século XIX. Diante desse quadro, membros da comunidade negra recorreram à imprensa alternativa e fundaram diversos jornais, por meio dos quais divulgavam as ideias das principais lideranças negras do país. Ao publicar matérias de interesse da população negra e abrir espaço para seus poetas e escritores, esses

² Ver a reportagem “Branços têm mais acesso a penas alternativas; negros vão mais para a prisão”, que apresenta dados sobre as diferenças de julgamento de negros e brancos pelo sistema judicial brasileiro. Disponível em: <<http://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2014/11/27/brancos-tem-mais-acesso-a-penas-alternativas-negros-vao-mais-para-prisao.htm>>. Acesso em: 19 abr. 2016.

jornais ajudaram a reforçar os laços de identidade étnica entre os afrodescendentes, contribuindo para que essas pessoas valorizassem cada vez mais sua negritude e estimulando-as a reivindicar constantemente seus direitos de cidadãos.

ORGANIZANDO AS IDEIAS (p. 61)

1. A Constituição de 1891 estabeleceu o sistema federativo e o presidencialismo como forma de governo e determinou a divisão do Estado em três poderes – Legislativo, Executivo e Judiciário. Os senadores deixaram de ser vitalícios e houve a separação entre o Estado e a Igreja. A nova Carta estabeleceu também o voto universal (não mais censitário) masculino. No entanto, somente homens maiores de 21 anos de idade e alfabetizados podiam votar (analfabetos, mendigos, soldados, religiosos e mulheres não tinham direito ao voto). A duração do mandato presidencial foi fixada em quatro anos. A escolha dos integrantes do Poder Executivo deveria ser feita por meio de eleições diretas.
2. A Política dos Governadores consistia em um acordo de reciprocidade entre os governadores e o presidente da república. O objetivo era garantir a eleição somente dos deputados federais que apoiassem o presidente. Em troca, o presidente concederia verbas para a realização de obras nos estados, não interferiria nas nomeações para cargos públicos estaduais e usaria sua influência para impedir o avanço de grupos de oposição nessas regiões. No âmbito estadual, a base de apoio dessa política era a aliança entre os governadores e os coronéis do interior, que controlavam, na esfera local, os resultados das eleições. Isso possibilitou o fortalecimento de práticas clientelistas, ou seja, os coronéis controlavam o resultado das eleições pela garantia do comprometimento do voto do eleitor e, em troca, oferecia a eles favores e benefícios. Essa prática, muitas vezes, era coercitiva e violenta. Os coronéis se apoiavam nas condições de vida das populações, geralmente de extrema pobreza, que dependiam dos grandes proprietários de terra.
3. O deslocamento da população mais pobre para a periferia das grandes capitais brasileiras foi resultado de um processo para “civilizar” a sociedade brasileira. Esse processo foi desencadeado a partir de 1902, quando Rodrigues Alves assumiu a presidência do Brasil e decidiu transformar o Rio de Janeiro em uma cidade semelhante às principais capitais europeias. Na remodelação do Rio de Janeiro, as pequenas casas e cortiços foram derrubados e em seu lugar foram construídos novos prédios. As ruas ganharam iluminação elétrica e bondes elétricos passaram a circular pela cidade. Essa ideia de que a “civilização” chegava ao Brasil espalhou-se para outras capitais brasileiras, que também promoveram melhorias urbanas e realizaram uma série de obras que embelezaram as cidades. Porém, assim como ocorreu no Rio de Janeiro, a população mais

pobre também se viu expulsa das regiões centrais, deslocando-se para a periferia.

4. A pobreza dos trabalhadores, decorrente da falta de terra (concentrada nas mãos dos grandes proprietários), é o principal denominador comum entre as guerras de Canudos e do Contestado. Essa situação fez com que milhares de pessoas buscassem amparo junto a líderes messiânicos que se diziam porta-vozes do mundo divino na Terra. A violência dos coronéis, que exploravam o trabalho dos camponeses e não admitiam contestações à sua autoridade, também motivava os pobres do campo a buscarem auxílio nesses movimentos.
5. Professor, o objetivo dessa atividade é problematizar a ligação entre o coronelismo e o cangaço, ainda que os dois fenômenos tenham ocorrido separadamente e, muitas vezes, em oposição. De modo geral, pode-se dizer que as milícias locais organizadas pelos coronéis, através da contratação de jagunços, acabaram saindo de seu controle e passaram a atuar de forma independente, nos grupos do cangaço. A violência e a ausência do poder jurídico do Estado são elementos que possibilitaram ambos os fenômenos.

INTERPRETANDO DOCUMENTOS: TEXTO (p. 61)

- a) O Código previa que aqueles incapazes de serem responsabilizados pelos seus atos deveriam ser entregues aos cuidados de suas famílias ou recolhidos em hospitais de alienados. Essa era a denominação dada, no período, aos hospitais psiquiátricos.
- b) Uma criança poderia ser legalmente penalizada a partir dos 9 anos. Porém, entre 9 e 14 anos, o juiz deveria avaliar se a criança ou o adolescente tinha discernimento do que estava realizando. Pessoas maiores de 14 anos já eram consideradas plenamente responsáveis por seus atos e seriam punidas da mesma forma que os adultos. A punição prevista para as crianças e os adolescentes era o recolhimento em estabelecimentos disciplinares industriais.
- c) Espera-se que os alunos reflitam sobre a relação entre a maioria penal e o direito ao voto, de modo a perceber que a sociedade adotava medidas que restringiam ao máximo o direito ao voto, já que um indivíduo considerado apto a perceber a responsabilidade pelos seus atos criminais poderia não ser considerado apto a votar. Nesse caso, a maioria legal começava efetivamente após os 14 anos. Porém, o direito ao voto só era conquistado após os 21 anos. Nesse intervalo, o indivíduo tinha responsabilidades legais, porém não tinha direitos políticos.
- d) O Código Penal Brasileiro de 1890 previa que as crianças e os adolescentes que praticassem atos ilegais fossem encaminhadas para instituições disciplinares industriais. Isso significa que elas

deveriam trabalhar em indústrias como forma de correção de seus atos. Assim, as crianças consideradas criminosas poderiam ser utilizadas como mão de obra barata para as indústrias que começavam a se expandir no período.

ESQUEMA-RESUMO (p. 67)

Do ponto de vista econômico, a República Oligárquica foi marcada pela grande importância da economia agroexportadora baseada no café. Porém, nesse período, novas atividades econômicas ganharam importância, como a extração da borracha e a atividade industrial. Do ponto de vista social, houve um crescimento do operariado e a organização sindical desses trabalhadores. A população brasileira cresceu e recebeu um grande número de imigrantes europeus e asiáticos. O período também foi marcado por grandes contradições sociais e por processos excludentes da população, especialmente no que dizia respeito à discriminação étnica contra a população negra. Já do ponto de vista político, existiu um intenso controle das elites. Isso ocorria por meio da Política dos Governadores e pelas práticas coronelistas. No início da república, foi criada uma nova Constituição, que também ajudou a ampliar o poder político das elites. Apesar disso, a República Oligárquica foi marcada por movimentos de contestação. Esses assumiram diversas formas, como a Revolta da Vacina, os movimentos messiânicos que se formaram em Canudos ou Contestado, ou ainda a Revolta da Chibata. A partir do final da década de 1910, esses movimentos se intensificaram, assim como as críticas ao governo republicano. Tal processo se desdobrou na década seguinte e culminou na Revolução de 1930, que marcou o fim da República Oligárquica.

ORGANIZANDO AS IDEIAS (p. 68)

1. No final do século XIX e início do século XX, o Brasil foi um dos principais destinos de imigrantes europeus, que vinham para trabalhar principalmente nas lavouras de café do Sudeste. Ao mesmo tempo que assimilaram hábitos e costumes vigentes no país, os imigrantes contribuíram para modificar diversos aspectos de nossa cultura, como os modos de vestir, comer, pensar, agir e se divertir. Transformaram-se, assim, em um dos componentes de formação do povo brasileiro.
2. O descontentamento com o regime oligárquico era resultado do esgotamento do pacto entre os grupos da elite no poder e da insatisfação de vários setores da sociedade com os rumos políticos e econômicos do país. Entre estes setores, estavam a classe trabalhadora, as camadas médias urbanas, os militares e algumas facções da própria elite. Assim, um dos primeiros exemplos de descontentamento foi o movimento conhecido como Reação Republicana, organizado pela oposição e liderado pelos partidos republicanos do Rio Grande do Sul, da Bahia, do Rio de Janeiro e de Pernambuco. As lideranças da Reação Republicana uniram-se em

torno da candidatura do fluminense Nilo Peçanha à presidência. Eles contavam com o apoio de setores militares, o que contribuiu para ampliar a crise do governo. Outro exemplo importante de descontentamento foi o movimento conhecido como tenentismo, que pregava a moralização dos costumes políticos, o fim das oligarquias, a centralização do poder, a implantação do voto secreto, uma política nacionalista e o fortalecimento da instituição militar.

3. O movimento dos 18 do Forte marcou o início da luta tenentista contra o regime oligárquico. Cerca de 300 jovens militares se sublevaram no Forte de Copacabana, em 5 de julho de 1922, mas foram reprimidos pelo governo federal. A maioria dos revoltosos se rendeu e apenas 18 enfrentaram as tropas do governo. Depois, em 5 de julho de 1924, uma revolta tenentista eclodiu em São Paulo, marcando a continuidade do movimento. Dessa vez, as tropas revoltosas, depois de 23 dias de combate, escaparam dos bombardeios na capital paulista e seguiram para Foz do Iguaçu, no Paraná, sob a liderança do major Miguel Costa. Em 1925, a coluna paulista se uniu aos militares gaúchos, sob a liderança do capitão Luís Carlos Prestes. A fusão das duas frentes de rebeldes deu origem à chamada “Coluna Prestes”, que percorreu 25 mil quilômetros pelo interior do Brasil combatendo as forças do governo e defendendo os ideais tenentistas. Em 1927, os líderes da Coluna, reduzida a cerca de 600 soldados mal armados e esgotados pela marcha, decidiram se refugiar na Bolívia, pois não haviam recebido o auxílio esperado de novas rebeliões tenentistas.
4. Em outubro de 1929, a quebra da Bolsa de Nova York levou o Brasil a uma grave crise econômica: muitas fábricas faliram, milhares de pessoas foram demitidas e o preço da saca de café despencou, abalando toda a economia nacional. O governo federal não atendeu aos apelos de ajuda dos fazendeiros que, por sua vez, ficaram insatisfeitos. Para agravar a crise, as eleições presidenciais marcadas para março de 1930 estavam tumultuadas pelas alianças políticas que disputavam o pleito: Washington Luís apoiou a candidatura do paulista Júlio Prestes para sucedê-lo, contrariando acordos políticos anteriores. Inconformados, vários líderes políticos formaram a Aliança Liberal, lançando a candidatura do gaúcho Getúlio Vargas à presidência da república, com o paraibano João Pessoa para vice-presidente.
5. Nas eleições presidenciais de março de 1930, foi eleito o candidato do governo, Júlio Prestes. Embora a Aliança Liberal tivesse aceitado o resultado, os setores tenentistas que apoiavam a candidatura de Getúlio Vargas articularam um movimento insurrecional. O assassinato de João Pessoa, no Recife, serviu de estopim para o movimento revolucionário, que eclodiu em 3 de outubro de 1930. Em 24 de outubro, uma junta militar depôs Washington Luís e, no início de novembro, entregou a presidência da república a Getúlio Vargas.

- a) Na fotografia dos 18 do Forte, é importante destacar que ela mostra, no primeiro plano, um grupo de indivíduos uniformizados e armados marchando na orla da praia. Há também uma multidão no plano de fundo da imagem, mas não é possível identificar com clareza quem são essas pessoas. Assim, pelo contraste entre o primeiro plano e o plano de fundo, pode-se dizer que a fotografia destaca a personalidade desses indivíduos, exaltando a bravura deles.
- b) Espera-se que os alunos identifiquem o sentido político dessa fotografia, na medida em que ela construiu uma imagem simbólica muito clara a respeito da resistência contra o governo. Assim, a bravura dos indivíduos envolvidos no movimento dos 18 do Forte se tornava um modelo para outros movimentos, expressando inclusive a ideia de que era melhor morrer lutando do que aceitar passivamente aquilo que se considerava errado no governo. Essa atividade é um excelente momento para se discutir, em sala de aula, a fotografia como uma fonte histórica. Para isso, antes que os alunos iniciem a reflexão proposta na atividade, é possível destacar a ideia de que toda fotografia é uma representação e também uma fonte histórica. Por isso, o historiador precisa analisá-la como qualquer outro documento, lançando questionamentos que permitam situar a imagem no seu contexto, bem como identificar as relações sociais e políticas que deram origem ao documento. Além disso, é importante lembrar que a fotografia não é um puro reflexo da realidade, mas uma produção simbólica que representa a realidade a partir de determinado ponto de vista.

TESTE SEU CONHECIMENTO (p. 68)

1. B 2. B 3. E 4. E
5. As afirmativas I, III e IV são verdadeiras; assim, a alternativa correta é a letra C. O erro da afirmativa II é indicar que o Brasil passou a controlar a região do Acre sem negociar com o governo boliviano. O Acre se tornou um território brasileiro após a assinatura do Tratado de Petrópolis, entre o governo brasileiro e o boliviano.
6. Todas as afirmativas são verdadeiras; assim, a alternativa correta é a letra E.

HORA DE REFLETIR (p. 71)

Professor, a proposta dessa atividade é fazer com que os alunos reflitam sobre os impactos do desenvolvimento tecnológico na sociedade, no meio ambiente e na melhoria geral da vida humana. Esse tema pode ser pensado sob diferentes perspectivas. De um lado, há aqueles que afirmam que o desenvolvimento tecnológico é um processo benéfico e essencialmente positivo, inclusive defendendo a possibilidade de utilização de

tecnologias sustentáveis para resolver, futuramente, os problemas ambientais causados pelo intenso uso da tecnologia. Do outro lado, há aqueles que enxergam o desenvolvimento tecnológico como um processo que traz, além dos benefícios produtivos, problemas sociais que podem resultar em uma piora significativa no modo de vida humano no futuro, ou mesmo na impossibilidade da continuidade das sociedades humanas como conhecemos. A questão do impacto da tecnologia na vida humana é muito polêmica e, mesmo entre especialistas, não existem posições consensuais a respeito dos seus impactos na vida humana, na organização da sociedade e no meio ambiente. Independentemente da opinião do aluno, é importante ele perceber que os avanços tecnológicos nem sempre representam melhoria da qualidade de vida da população. Basta citar, por exemplo, o caso do desenvolvimento da energia nuclear, fruto das mais sofisticadas pesquisas tecnológicas, utilizada tanto na produção de armas nucleares, que podem pôr em risco a existência da humanidade na Terra, quanto na medicina nuclear, usada na cura de doenças graves e que pode salvar vidas. Nesse sentido, a proposta da atividade, muito mais do que oferecer respostas definitivas, é propor um momento de problematização entre os alunos sobre a questão da tecnologia e suas relações com as transformações sociais.

FECHANDO A UNIDADE (p. 72)

1. O documento 1 traz declarações do físico britânico Stephen Hawking a respeito do desenvolvimento de tecnologias de inteligência artificial. Segundo o cientista, tais tecnologias poderiam avançar por conta própria e evoluir mais rapidamente que os seres humanos. Com isso, os humanos não conseguiriam competir com as máquinas e seriam desbancados. Além disso, no curto prazo, o desenvolvimento de máquinas desse tipo implicaria a eliminação de milhões de postos de trabalho humano, criando problemas sociais e econômicos. Vale destacar que nem todos os cientistas consideram a inteligência artificial uma ameaça para a espécie humana.
2. O documento 4 descreve a paisagem terrestre completamente devastada pelo uso de tecnologias militares, que acabaram saindo do controle. No trecho, o narrador afirma que a Europa foi inteiramente exterminada e a maior parte da América do Norte estava inteiramente imprestável para a vida humana. Além disso, no início do trecho, o narrador afirma que existem novas máquinas que ele nunca vira antes, sinal de que está ocorrendo um processo de transformação das tecnologias inteligentes utilizadas na guerra. Assim, pode-se dizer que essa ficção imagina um futuro muito semelhante aquele que fora previsto pelo físico no documento 1, no qual os seres humanos foram ultrapassados pelas máquinas e perderam o controle da Terra.
3. O documento 3 é uma representação elaborada no final do século XIX que imagina como seria a vida humana no futuro, durante o século XX. Esta

representação mostra um espaço preenchido por estruturas áreas, balões e algumas formas de aeronaves que estão sendo utilizadas para transportar pessoas. É possível observar um número variado de indivíduos se reunindo em restaurantes e outros espaços. Assim, o futuro é representado como um tempo de progresso e de desenvolvimento da sociedade humana. Já a imagem do documento 2 é uma cena de um filme de ficção científica contemporâneo. É possível observar uma paisagem devastada e as figuras humanas se preparando para algum tipo de guerra ou combate. Ao contrário da representação presente no documento 3, a representação proposta pela ficção científica presente no documento 2 é negativa e mostra a sociedade humana ameaçada pelo desenvolvimento tecnológico.

4. Nos documentos selecionados, o avanço tecnológico é ora representado como um fato positivo para a espécie humana e para a sociedade, ora de forma negativa e ameaçadora. Assim, trechos do documento 1 e a imagem do documento 3 destacam aspectos positivos, como o avanço nas tecnologias de deslocamento ou a possibilidade de utilização da inteligência artificial para a melhoria da vida humana. Já outros trechos do documento 1 e os documentos 2 e 4 representam a tecnologia como ameaçadora e capaz de destruir as possibilidades de existência dos seres humanos, ou pelo menos arruinar a sociedade que conhecemos. É importante que os alunos reflitam sobre essas duas posturas e se posicionem diante do tema. Ao final, é possível propor uma discussão coletiva sobre a questão, de modo que os alunos possam socializar suas conclusões e debater seus posicionamentos.
5. Professor, o objetivo desta questão é explorar a criatividade do aluno a partir das inúmeras possibilidades colocadas pelas tecnologias em desenvolvimento e, ao mesmo tempo, levá-lo a refletir sobre as consequências de seu uso. Independentemente da qualidade técnica da charge e da opinião defendida pelo aluno, deve-se observar se o tema foi trabalhado de forma crítica.

● Texto complementar

Sidney Chalhoub é historiador e professor da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Neste trecho, ele analisa a utilização do conceito “classes perigosas” pelos políticos brasileiros do final do século XIX, bem como o início da união entre higienismo e política no processo de urbanização brasileira.

Vamos encontrar o conceito de classes perigosas como um dos eixos de um importante debate parlamentar ocorrido na Câmara dos Deputados do Império do Brasil nos meses que se seguiram à lei de abolição da escravidão, em maio de 1888. Preocupados com as consequências da abolição para a organização do trabalho, o que estava em pauta na ocasião era um projeto de lei sobre repressão à ociosidade. [...]

Na verdade, o contexto histórico em que se deu a adoção do conceito de “classes perigosas” no Brasil

fez com que, desde o início, os negros se tornassem os suspeitos preferenciais. Na discussão sobre a repressão à ociosidade em 1888, a principal dificuldade dos deputados era imaginar como seria possível garantir a organização do mundo do trabalho sem o recurso às políticas de domínio características do cativeiro. [...]

As classes pobres não passaram a ser vistas como classes perigosas apenas porque poderiam oferecer problemas para a organização do trabalho e a manutenção da ordem pública. Os pobres ofereciam também perigo de contágio. [...]

[...] E houve então o diagnóstico de que os hábitos de moradia dos pobres eram nocivos à sociedade, e isto porque as habitações coletivas seriam focos de irradiação de epidemias, além de, naturalmente, terrenos férteis para a propagação de vícios de todos os tipos.

CHALHOUB, Sidney. *Cidade febril: cortiços e epidemias na Corte imperial*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. p. 20-29.

Sugestões de livros

FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília A. N. (Org.). *O Brasil republicano: o tempo do liberalismo excludente*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. v. 1.

- Parte de uma coleção de quatro volumes, esta coletânea de artigos de especialistas aborda o período que vai da proclamação da república até 1930.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil do século XIX*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

- Nesse livro, a autora busca compreender o debate racial durante o período monárquico e o início da República.

SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

- A partir das trajetórias e obras de Euclides da Cunha e Lima Barreto, o autor oferece um panorama das relações entre história, ciência e cultura no Brasil da Primeira República.

Sugestão de filme

Quanto vale ou é por quilo? (Sérgio Bianchi, 2005).

- Analogia entre o antigo comércio de escravos e a atual exploração da pobreza pelo marketing social, o filme oferece boas reflexões sobre as diferenças sociais entre negros e brancos no Brasil.

Sugestões de sites

Dicionário da Elite Política Republicana (1889-1930). Disponível em: <<http://cpdoc.fgv.br/dicionario-primeira-republica>>. Acesso em: 19 abr. 2016.

- Site do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea da Fundação Getúlio Vargas (CPDOC-FGV) com informações biográficas sobre políticos e outras personalidades da Primeira República brasileira.

Meninos do Contestado. Disponível em: <<http://topicos.estadao.com.br/contestado>>. Acesso em: 19 abr. 2016.

- Especial do jornal *O Estado de S. Paulo* que apresenta entrevistas com sobreviventes da Guerra do Contestado e diversas outras informações sobre o conflito.

Procedimentos pedagógicos

Antes de aprofundar os temas do capítulo em si, é interessante propor uma discussão a partir do eixo conceitual da **Unidade 2 (meios de comunicação de massa)** em sala de aula. Para isso, pode-se questionar os alunos sobre os meios de comunicação atuais, principalmente se os jornais, as revistas, os programas televisivos e as redes sociais podem influenciar nossa maneira de pensar nos mais diversos aspectos. Por exemplo, as propagandas publicitárias, muitas vezes, criam estereótipos sobre determinados grupos sociais, bem como promovem padrões de comportamento relacionados ao consumo, à beleza, ao modo de se vestir, de pensar e de ser. As redes sociais oferecem um espaço de discussão política e troca de conhecimentos, mas ao mesmo tempo podem ser utilizadas de forma negativa, incentivando atitudes preconceituosas e violentas ou disseminando notícias falsas. Os jornais e as revistas, por sua vez, podem distorcer e ocultar informações sobre os acontecimentos, agindo de forma parcial para defender um ponto de vista e/ou privilegiando determinados grupos políticos e econômicos.

A partir desses exemplos, é importante promover uma discussão com os alunos, tendo como base as questões da seção *Começo de conversa*, na página 75. O objetivo da atividade é levá-los a perceber a importância de checar e analisar todas as informações recebidas de modo crítico, incentivando sempre a busca pelo conhecimento, a reflexão e a promoção de um espaço de discussão democrático.

COMEÇO DE CONVERSA (p. 75)

1. A proposta da atividade é fazer com que os alunos reflitam sobre os meios de comunicação de massa e discutam a importância de estarem informados. A atividade pode ser aproveitada para questionar as diferentes fontes de informação, como redes sociais, jornais, revistas e jornais televisivos. Professor, aproveite essa atividade para questionar os alunos sobre o tema da fonte única de informação e sobre a confiabilidade daquilo que se lê na internet e nas redes sociais, destacando a importância de checar as informações e fontes, bem como ler criticamente todo tipo de informação que é oferecida nos meios de comunicação de massa.
2. A resposta é pessoal. É importante que os alunos reflitam sobre a necessidade de realizar sempre uma leitura crítica dos meios de comunicação de massa, já que muitas vezes seus conteúdos podem atender a interesses diversos e que precisam ser identificados para melhor compreender o que está sendo dito e defendido. Assim, é necessário identificar quem produziu as informações, quais

fontes foram utilizadas para isso, se a informação traz mais de um ponto de vista, quais recursos foram utilizados, entre outros aspectos. Professor, o poder exercido pelos meios de comunicação de massa levou à criação de organizações voltadas para o fornecimento alternativo de informações e para a reflexão crítica sobre os discursos da mídia. Exemplos são o CMI (Centro de Mídia Independente: <www.midiaindependente.org/>) e o Observatório da Imprensa (<<http://observatoriodaimprensa.com.br/>>). Acessos em 19 abr. 2016).

3. O *cyberbullying* é uma prática muito comum no presente. Com o intenso uso das redes sociais, muitas pessoas praticam violências com outras publicamente, por meio de postagens e comentários que podem causar grande sofrimento àqueles que são atacados. Essas práticas precisam ser combatidas e discutidas entre os jovens. Nesse sentido, é fundamental que todos tenham consciência da gravidade de praticar *cyberbullying* e percebam que esse comportamento é inaceitável. Em segundo lugar, é importante denunciar essa prática quando identificar que ela está sendo realizada por algum conhecido. Nesse caso, as redes sociais oferecem ferramentas que ajudam nas denúncias. Mas, às vezes, a denúncia precisa ser feita diretamente às autoridades brasileiras. Para isso, o governo federal criou a plataforma Humaniza Redes, em 2015, que serve para denunciar essas práticas e apoiar as pessoas que sofreram *cyberbullying*. Para conhecer a plataforma, basta visitar o endereço <www.humanizaredes.gov.br/> (acesso em: 19 abr. 2016).
4. A proposta da atividade é fazer com que os alunos reflitam sobre os usos possíveis das redes sociais para fortalecer as práticas democráticas e a reflexão política. Nesse caso, é importante lembrar que é possível utilizar as redes sociais para discutir propostas, acompanhar notícias e informações, interagir com políticos e ativistas e ampliar as possibilidades de reflexão crítica sobre a política e a democracia. Porém, é importante lembrar que as redes sociais também podem ser utilizadas para disseminar notícias falsas e para atacar pessoas que defendem posições políticas distintas. Assim, a reflexão crítica e a leitura atenta do que se publica é fundamental para que o uso político das redes sociais se torne uma ferramenta importante para o fortalecimento da democracia.

CAPÍTULO 4

O período entreguerras e a ascensão do totalitarismo

Procedimentos pedagógicos

O capítulo 4 aborda o período compreendido entre as duas Grandes Guerras do século XX e tem como objetivo analisar os fatores que criaram um clima de instabilidade política e econômica, contribuindo para a eclosão da Segunda Guerra Mundial.

Convém iniciar o capítulo a partir da prosperidade econômica dos Estados Unidos após a Primeira Guerra Mundial. Para isso, pode-se analisar o estímulo ao consumo através da publicidade visando relacionar o consumismo às estruturas econômicas e produtivas da época e da atualidade. Pode-se propor também uma discussão sobre o tipo de publicidade que mais estimula o consumo em épocas específicas do ano. Uma sugestão interessante seria estimular um debate sobre como a publicidade associa a ideia de felicidade a serviços e produtos, como carros, roupas, etc.

Na parte 2, *Queda da Bolsa de Nova York*, na página 79, analisa-se a crise econômica que assolou os Estados Unidos e o mundo após o período de crescimento e progresso econômico industrial estadunidense. É sugestivo orientar os alunos sobre a **interdependência da economia mundial**, à exceção da URSS, em relação à economia estadunidense. Esse fator, somado aos preceitos liberais de **não intervenção do Estado na economia**, contribuiu para a deflagração e a expansão da crise. O boxe **Bolsa de Valores**, na página 79, apresenta uma explicação sobre o que é uma bolsa de valores.

Sobre as ideologias totalitárias que serviram de molde para determinados governos ditatoriais da Europa, como a Itália fascista, a Alemanha nazista e a URSS stalinista, é interessante fazer uma análise geral sobre o conceito de totalitarismo, relacionando seu surgimento à conjuntura de crise no **pós-Primeira Guerra Mundial**. Para isso, os alunos podem ser orientados a diferenciar um regime democrático liberal, fundado na tradição iluminista, das teses totalitárias. Procure expor em um quadro as características básicas de um regime democrático e as de um regime totalitário para que fique nítido seus antagonismos.

Feito isso, é importante analisar o contexto de surgimento do fascismo italiano. Apesar de a Itália estar no grupo de vencedores na Primeira Guerra Mundial, muitos grupos nacionalistas mais radicais, que formariam o núcleo e a base de apoio ao Partido Fascista, consideravam sua vitória como “mutilada”. O pós-guerra também trouxe à Itália empobrecimento e aumento da inflação. Dessa forma, é importante relacionar a **ascensão do fascismo** com os problemas decorrentes da Primeira Guerra Mundial, assim como o crescimento dos partidos e de ideologias de esquerda, principalmente socialistas e comunistas. Com base nisso, os alunos podem compreender que o fortalecimento das doutrinas totalitárias surgiu também como uma forma de combater os movimentos de esquerda. Foi até por causa do avanço das esquerdas que Benito Mussolini criou o movimento *Fasci Italiani di Combattimento* em 1919, base do Partido Fascista Italiano. Outro ponto importante na consolidação do fascismo na Itália foi a intervenção do Estado nas relações trabalhistas, com a instituição da *Carta del Lavoro* (Carta do Trabalho). Com isso, o governo concedeu determinados benefícios aos trabalhadores, garantindo apoio ao regime. Mas essa legislação proibiu greves e extinguiu os sindicatos. Para o fechamento desse item, pode-se propor uma **Atividade Alternativa** que consiste em debater com os alunos sobre a sedução que o discurso totalitário pode ter para a sociedade, inclusive a atual. Geralmente, esses discursos apresentam

a promessa de ordem, organização e a exaltação do nacionalismo, em detrimento de uma suposta desorganização provocada pela manutenção das liberdades individuais, características dos regimes democráticos. Pode-se levar essa discussão para o presente ao apontar que em momentos de crise econômica e política em nosso país, muitas vezes surgem pessoas e grupos que defendem a interrupção da ordem democrática e a volta de um regime autoritário.

Sobre semelhanças e diferenças entre o nazismo e o fascismo italiano destacamos: o **Partido Fascista Italiano** foi o primeiro a chegar ao poder na Europa e acabou servindo de modelo tanto para o Partido Nazista quanto para o próprio Adolf Hitler em sua trajetória rumo à construção do Terceiro *Reich*. O nazismo apresenta alguns aspectos, como o **arianismo** e o **antisemitismo**, que o torna específico e o diferencia do fascismo italiano. Além da força e do carisma personalista de Adolf Hitler, o Partido Nazista chegou ao poder com o apoio de parte da população, não só de segmentos empresariais interessados em deter o avanço das esquerdas, mas também de grupos da classe trabalhadora, que projetava no nazismo a superação da crise econômica e certos ganhos trabalhistas (ver *Texto complementar 2*). Nesse sentido, e considerando o eixo conceitual dessa unidade, a propaganda teve papel fundamental em criar um consenso entre parte da população de que a política totalitária seria o melhor para a Alemanha. Em cartazes e panfletos da época, Hitler é apresentado como aquele que vai “salvar a pátria”. Após a consolidação do Terceiro *Reich*, muitos filmes também foram produzidos e utilizados como propaganda do regime. Também é importante discutir a perseguição aos opositores e às minorias étnicas, principalmente aos judeus. Aos poucos, os judeus perderam sua cidadania até que finalmente começaram a ser enviados aos campos de concentração. Nesse momento, pode ser interessante trabalhar a questão da **intolerância** e da **xenofobia** nos dias atuais e como ambas podem levar a tragédias, como o holocausto. Nesse caso, é possível traçar um paralelo com a situação atual da Europa, que vive um crescente clima de tensão e xenofobia. Na seção *Eu também posso participar*, na página 86, os alunos podem refletir sobre a importância da democracia, da liberdade de expressão e de pensamento, das eleições livres e do voto consciente. O objetivo é mostrar a importância da participação política da população não apenas nas eleições em si, mas no processo político como um todo.

Para explorar uma terceira forma de regime totalitário, é possível propor a discussão do subtítulo *Totalitarismo soviético*. Para isso, pode-se retomar as questões trabalhadas no capítulo 2 deste volume e lembrar os alunos que o líder do Partido Comunista, Josef Stalin, venceu a disputa contra seus opositores pelo controle da União Soviética e passou a ser considerado uma figura que reprimia duramente os que o questionassem. Nessa perspectiva, pode-se explicar que esse processo deu origem a um regime totalitário também na União Soviética. O governo adotou medidas violentas para controlar a população, inclusive com a detenção de mais de 5 milhões de pessoas, trabalho

compulsório para garantir o desenvolvimento do país e criação de campos de trabalho forçados, chamados de *gulags*.

Para retomar os temas trabalhados, é possível solicitar aos alunos que organizem uma síntese comparativa dos três regimes totalitários, destacando características comuns e diferenças entre eles. Essa atividade pode ser realizada em pequenos grupos, os quais podem apresentar suas ideias aos demais de modo que a sala elabore um registro comum sobre essa temática.

O último item do capítulo se dedica ao estudo das contradições e do processo de radicalização política que levaram à eclosão da **Guerra Civil Espanhola**. É importante que fique claro que o conflito não foi apenas um mero prelúdio da Segunda Guerra Mundial. Analisar a situação da Espanha na década de 1930 é um bom caminho para se compreender o clima de radicalização política entre as forças de direita e as forças de esquerda na Europa. Durante a Guerra Civil Espanhola, os nazistas testaram a sua Força Aérea, a *Luftwaffe*, com a Legião Condor bombardeando a cidade basca de Guernica, que tinha tendência separatista. O bombardeio serviu de inspiração para o monumental painel do pintor espanhol **Pablo Picasso**, *Guernica*, analisado de forma detalhada na seção *Olho vivo*, na página 90. Picasso nunca permitiu que *Guernica* fosse exposto na Espanha enquanto durasse a ditadura franquista. Apenas em 1977, quando foram realizadas as primeiras eleições livres na Espanha desde 1936, é que a obra foi para a terra natal de seu autor.

ORGANIZANDO AS IDEIAS (p. 81)

1. Entre 1914 e 1920, a riqueza dos Estados Unidos aumentou cerca de 250% devido às exportações de diversos produtos (gêneros alimentícios, armamentos, etc.) não só para os países da Europa, mas também para a América Latina e a Ásia. Esse processo foi acompanhado pela mecanização da produção agrícola, pelo aumento da produção industrial e pelo crescimento do comércio e do consumo, já que o preço das mercadorias caiu com a melhora geral nos níveis produtivos. Embora a riqueza produzida no período estivesse concentrada nas classes média e alta e não alcançasse a maior parte da população, criou-se a ilusão de que a prosperidade era generalizada.
2. A partir dos anos 1920, o ingresso de imigrantes passou a ser controlado porque começaram a ser vistos como ameaça ao emprego dos trabalhadores estadunidenses e como responsáveis pela difusão de ideias anarquistas e socialistas. Os que não escondiam suas concepções revolucionárias eram perseguidos e deportados do país. Outra evidência do crescimento da intolerância foi o fortalecimento de organizações que perseguiam minorias, como a Ku Klux Klan, que perseguia negros, judeus, imigrantes e líderes trabalhistas.
3. Após um período de euforia econômica, a quebra da Bolsa de Nova York, em 1929, foi um evento

marcado pela queda dos preços das ações, o que refletiu de forma desastrosa em todos os setores da economia dos Estados Unidos. Uma superprodução – muito além da capacidade de consumo da população nos Estados Unidos – gerou aumento dos estoques, diminuição da produção e demissão de trabalhadores. No dia 24 de outubro de 1929, o preço das ações despencou, levando à quebra (*crash*, em inglês) da bolsa. O impacto do *crash* para a economia norte-americana foi catastrófico. A renda nacional reduziu-se à metade, milhares de bancos, fábricas e casas comerciais faliram. Cerca de 15 milhões de trabalhadores ficaram desempregados e, no campo, muitos agricultores, sem ter como pagar as dívidas, abandonaram suas terras. A fome e a miséria espalharam-se pelo país. A Grande Depressão propagou-se rapidamente para outros países que mantinham relações comerciais com os Estados Unidos ou contavam com investimentos de capital estadunidense. A produção industrial das principais nações capitalistas caiu em até 50% e o comércio mundial desestruturou-se. O governo do presidente Roosevelt propôs uma nova política, conhecida como *New Deal* (Novo Acordo), que procurava articular as ações do governo com a iniciativa privada, intervindo diretamente na economia. Entre as medidas de Roosevelt estavam: a desvalorização do dólar para tornar as exportações mais competitivas; empréstimos aos bancos para evitar novas falências; implantação de um sistema de seguridade social, com a criação do seguro-desemprego; criação de um vasto programa de obras públicas com o intuito de gerar novos empregos; contratação de 3 milhões de jovens para projetos ambientais; a criação do salário mínimo; o direito de organização sindical; e o estímulo à produção agrícola.

INTERPRETANDO DOCUMENTOS: IMAGEM (p. 81)

- a) Essa associação é realizada por meio da imagem. Nela, uma família, formada por um pai, uma mãe e uma criança, está reunida numa poltrona e próxima a um aparelho de rádio. Como todos estão muito próximos, a imagem transmite a sensação de harmonia e carinho familiar. Além disso, as cores da imagem reforçam a sensação de um ambiente acolhedor e feliz, criando no espectador a ideia de que aquele lar é formado por uma família bem-sucedida e harmoniosa. Nesse caso, o rádio aparece como o complemento desse sucesso, já que a família se reúne na sala para escutar o rádio, fazendo com que o aparelho se torne uma parte importante da harmonia familiar.
- b) A propaganda foi produzida nos anos 1930, quando os Estados Unidos enfrentavam os efeitos da crise de 1929. Estimular o consumo era uma forma de ajudar a retomar o crescimento econômico e superar os problemas causados pela crise, criando novos empregos e retomando a produção.

- c) O *american way of life* estava diretamente associado com o consumo de bens duráveis. Assim, a imagem construída na propaganda é um exemplo desse ideário na medida em que existe uma relação entre a felicidade e a capacidade de se consumir alguma coisa. Dessa forma, aquele que observa a propaganda pode ficar com a sensação de que só seria possível ter uma família feliz como aquela se pudesse comprar um rádio ou outros bens de consumo.
- d) A resposta é pessoal. A ideia é que os alunos reflitam criticamente sobre as propagandas do presente e percebam que elas continuam trazendo inúmeros valores implícitos, como associar o consumo com a felicidade e a realização plena dos ideais de vida. Também é importante que os alunos percebam como esse tipo de postura estimula o consumismo em vez de criar práticas de consumo consciente, porque as pessoas acabam comprando bens que nem sempre são necessários, apenas para tentar alcançar aquele tipo de felicidade que é proposto nas propagandas. Professor, caso julgue oportuno, é possível propor um momento coletivo de análise de propagandas em sala de aula. Nesse caso, os alunos podem reunir o material pesquisado individualmente para um trabalho em grupo de análise e reflexão sobre o tema. Com isso, é possível traçar um perfil das propagandas e identificar temas e questões que são mobilizados para estimular o consumo. Esse material pode ser reunido em um mural ou outra forma de apresentação visual. Por se tratar de uma atividade de leitura e reflexão de imagem e texto, é possível propor um trabalho interdisciplinar com a Língua Portuguesa, de modo a aprofundar a reflexão sobre recursos textuais utilizados nas propagandas com a finalidade de estimular o consumo.

ESQUEMA-RESUMO (p. 93)

As crises do período entre 1919 e 1939 tiveram efeitos distintos nos Estados Unidos e na Europa. No caso americano, a década de 1920 foi marcada pelo intenso crescimento econômico, possibilitado pelo desenvolvimento tecnológico e pela expansão do consumo. Foi nesse período que surgiu o *american way of life*, expressão utilizada para se referir às classes médias e altas dos Estados Unidos que passaram a adotar altos padrões de consumo e se beneficiar com a expansão econômica do período. Ainda assim, esse momento foi marcado pelo fortalecimento de práticas de intolerância nos Estados Unidos, principalmente contra imigrantes, negros, judeus e outras minorias sociais. Esse cenário foi alterado com a crise de 1929, caracterizada por problemas econômicos, políticos e sociais: falência de empresas, alto índice de desemprego, desabastecimento, fome, aumento da pobreza, etc. A partir de 1933, o governo norte-americano adotou o *New Deal*, medidas que aliviaram alguns problemas

provocados pela depressão, mas os seus efeitos mais amplos só foram observados após o início da Segunda Guerra Mundial. Já na Europa, a década de 1920 foi marcada por um forte abalo nos regimes liberais e democráticos europeus. A destruição da Europa provocada pela Primeira Guerra Mundial e a crise de 1929 contribuíram para o surgimento de regimes totalitários e que se opunham aos princípios liberais. Os principais exemplos de regime totalitários foram a ascensão do fascismo na Itália, em 1922, do nazismo na Alemanha, em 1933, e do stalinismo na União Soviética, em 1925. Além disso, em outros países, a crise política também se manifestou, provocando conflitos diversos. Um exemplo disso é o caso da Espanha, onde ocorreu uma grande guerra civil entre falangistas e a Frente Popular.

ORGANIZANDO AS IDEIAS (p. 94)

1. O totalitarismo é uma forma de organização do Estado, na qual o poder político está nas mãos de um pequeno grupo de pessoas organizadas em um partido único. Embora o partido se apoie em uma base popular, apenas seus líderes têm poder de decisão e ocupam também os postos médios e altos da administração do Estado. Partido e Estado, então, se confundem e, por meio da repressão policial, exercem controle sobre as vidas pública e privada dos indivíduos. Além disso, o apoio à base popular, que dá legitimidade aos governos totalitários, é conquistado por meio do uso intensivo dos meios de comunicação de massa que exaltam o regime, o governo e o líder, retratado com qualidades excepcionalmente ideais.
2. A Itália saiu da Primeira Guerra Mundial com uma grave crise econômica, o que favoreceu o surgimento de movimentos contrários ao governo. Um desses movimentos foi fundado por Benito Mussolini, em 1919. Chamado de *Fascio de Combattimento*, o grupo reunia defensores das ideias de extrema direita baseadas em princípios ultranacionalistas, anticomunistas e antiliberais. As milícias armadas desse grupo – os “camisas-negras” – agiam de forma cruel com os opositores, com o aval do governo. Em 1921, eles criaram o Partido Nacional Fascista e, no ano seguinte, sob a liderança de Mussolini, realizaram a Marcha sobre Roma, com cerca de 30 mil militantes. Dias depois, o governo do rei Vítor Emanuel III convidou Mussolini para ocupar o cargo de primeiro-ministro. Mussolini começou a se impor aos poucos como ditador. Após sua eleição, os partidos políticos foram extintos, exceto o Partido Nacional Fascista. O governo impôs um controle rigoroso dos meios de comunicação e as greves foram proibidas. Todas as organizações não fascistas tornaram-se ilegais. No início dos anos 1930, os fascistas, liderados por Mussolini, centralizavam todo o poder.
3. Com o fim da Primeira Guerra, a Alemanha mergulhou numa crise de grandes proporções: rebeliões armadas de grupos socialistas e de trabalhadores, a economia arrasada e uma das maiores inflações de todos os tempos. Além disso, havia certo

sentimento de desonra e revanchismo decorrente dos termos do Tratado de Versalhes impostos aos alemães ao fim da Primeira Guerra. Essas condições favoreceram a formação do Partido Nazista, sob a liderança de Adolf Hitler, de orientação ultranacionalista e que defendia a instauração de um governo forte, capaz de lutar pela recuperação da Alemanha e da grandeza nacional.

4. Hitler, como *führer*, anulou a Constituição de 1919, instituiu a censura e suspendeu direitos e garantias civis. A polícia secreta alemã (a Gestapo) e as tropas de elite nazistas (SS) começaram a perseguir, prender e torturar líderes religiosos, ciganos, homossexuais, judeus, líderes sindicais, comunistas e opositores em geral. Ao mesmo tempo, alcoólatras, doentes mentais e pessoas com deficiência eram internados à força e submetidos a cirurgias de esterilização. Intelectuais, artistas e cientistas foram obrigados a exilar-se no exterior e os que permaneceram correram o risco de ser enviados aos campos de concentração. A partir de 1934, o antissemitismo tornou-se política oficial do Estado, e os judeus foram proibidos de trabalhar em órgãos públicos, seus bens foram confiscados e eles não podiam mais se casar com pessoas consideradas arianas. O Estado interveio diretamente na economia, promovendo a construção de obras públicas, incentivando a indústria de armamentos e definindo formas de planejamento econômico. Com a recuperação da economia, Hitler reconstruiu o poder militar da Alemanha e colocou em prática uma política territorial expansionista, violando o Tratado de Versalhes.
5. Com Stalin, o governo da União Soviética tornou-se cada vez mais centralizado, suprimindo a vida democrática, os direitos dos indivíduos, prendendo e assassinando seus opositores e criando um Estado totalitário de partido único – o Partido Comunista da União Soviética –, rígido e burocrático. Os direitos individuais e coletivos foram praticamente extintos, as greves proibidas e o terror de Estado transformado num dos componentes da vida soviética. A polícia secreta perseguiu os opositores do regime e até mesmo antigos aliados. Os camponeses que reagiram à coletivização forçada nas fazendas estatais foram igualmente presos e assassinados. Muitos foram enviados para os *gulags*, campos de trabalho forçado que abrigavam os opositores do regime. O stalinismo também silenciou uma geração extremamente criativa de intelectuais e artistas. Controlada pelo governo, a imprensa tornou-se mera propagandista do regime. Graças a ela e aos departamentos de propaganda, o ditador era cultuado em paradas militares e retratos pelo país. Assim, com Stalin, o sonho de uma sociedade igualitária e democrática transformou-se num pesadelo de um Estado policial ferreamente controlado pela liderança do Partido Comunista.
6. A Guerra Civil Espanhola foi um conflito armado entre dois grupos antagônicos que disputavam o

poder na Espanha. De um lado, a Frente Popular, legitimamente eleita em 1936, que reunia setores democráticos republicanos e grupos de esquerda apoiados pelos trabalhadores e por uma parte das classes médias. Do outro, a Falange, facção golpista liderada por Francisco Franco, de tendência fascista e de caráter nacionalista, que agrupava militares, grandes proprietários de terra, representantes da Igreja e da burguesia urbana. Ao final do conflito, os falangistas venceram e Franco assumiu o poder como ditador, no qual permaneceu até sua morte, em 1975. Questões ideológicas contribuíram para que a Guerra Civil Espanhola ganhasse dimensões internacionais. Os falangistas, grupo de direita, conseguiram o apoio dos governos da Itália e da Alemanha, que, na época, viviam sob os regimes do fascismo e do nazismo, respectivamente. Já a Frente Popular, que tinha em suas fileiras comunistas, conseguiu o apoio do governo da União Soviética, que vivia sob o comunismo. A União Soviética, a Itália e a Alemanha enviaram armas, veículos de guerra e combustível para as tropas que apoiavam. Portugal, que apoiou os militares rebelados, enviou 13 mil soldados para lutarem contra a Frente Popular. Os republicanos, por sua vez, contaram com a força de 50 mil voluntários vindos de 53 países que formaram as Brigadas Internacionais. A França, a Inglaterra e os Estados Unidos preferiram manter a neutralidade.

INTERPRETANDO DOCUMENTOS: TEXTO E IMAGEM (p. 94)

1. a) A filósofa afirma que o pai de família, utilizado como representante da população comum, passou a apoiar o regime nazista por causa da preocupação com a sua segurança e a da sua família. Quando ele passou a se sentir ameaçado pela crise econômica da Alemanha, abandonou outros valores, como a convicção política, ou mesmo parte de sua dignidade humana, em favor apenas de apoiar aqueles que promettessem trazer a segurança econômica de volta, no caso, o regime nazista.
- b) As condições econômicas “caóticas de nossos tempos” estão associadas com a crise do capitalismo inaugurada em 1929, após a quebra da Bolsa de Nova York. Esse acontecimento teve um impacto muito grande na vida econômica da Alemanha, trazendo instabilidade e problemas sociais diversos. Foi esse fato que possibilitou o fortalecimento do nazismo e a transformação de Hitler no chefe do governo alemão.
- c) A resposta é pessoal, porém é importante levar em conta o sentido do argumento de Hannah Arendt. Ela defende que a ação política dos indivíduos comuns tornou possível a formação de um regime totalitário capaz de realizar as mais violentas ações. Nesse caso, a responsabilidade advém das escolhas políticas tomadas pelos indivíduos que apoiaram o regime. Ainda

que isso não implique um envolvimento direto com as ações violentas, se uma pessoa apoia outro indivíduo que defende propostas violentas, segundo a filósofa, ela também se torna responsável pelas consequências das ações de quem ela apoiou. Com base nisso, pode-se discutir a importância de uma conscientização política como ferramenta contra a formação de regimes autoritários e violentos. Assim, é possível debater em sala de aula o que significa assumir a responsabilidade pela decisão política e buscar agir com consciência no momento de escolha de políticos e outros representantes que tomarão decisões em nome do país. Vale destacar que os alunos podem argumentar na direção contrária, defendendo que a pessoa não pode ser responsabilizada pela decisão que um político toma após a eleição. Esse tipo de argumento precisa ser problematizado, já que ele provoca o esvaziamento da ação política, a qual só se limitaria a ser exercida durante a eleição. Na realidade, mesmo após a eleição, os políticos precisam continuar contando com o apoio e a aceitação popular, do contrário não podem levar adiante suas propostas e medidas.

2. a) As imagens mostram crianças e adolescentes realizando atividades físicas. Na imagem da esquerda, as jovens estão praticando ginástica. Na outra, as crianças estão segurando cães com focinheiras, possivelmente animais que podem adotar um comportamento violento e que precisam ser contidos.
- b) Pode-se formular a hipótese de que o uso de adolescentes nas propagandas nazistas era uma forma de ressaltar a juventude alemã, vista como o futuro da grande nação. Além disso, o fato de os jovens estarem realizando atividades físicas pode sugerir a ideia de exaltação da força, da beleza e da pureza do povo alemão.
- c) Resposta pessoal. A proposta da atividade é fazer com que os alunos reflitam sobre o protagonismo juvenil, percebendo que os jovens também participam da política por meio de suas ações. Por isso, é fundamental que os jovens reflitam criticamente sobre os processos sociais de seu tempo de modo a contribuir no fortalecimento das democracias e no combate às práticas autoritárias que possam se manifestar na sociedade. Esse tipo de postura pode ser alcançado de diversas formas, como a participação em debates políticos, o envolvimento em organizações sociais que defendam a democracia, a manifestação de opiniões políticas em redes sociais, as manifestações públicas, por meio do voto, entre outras.

HORA DE REFLETIR (p. 97)

Nas eleições, é certo que parte dos eleitores vota com base em convicções políticas e ideológicas, construídas ao longo da vida e definidas pelo seu modo de vida, contexto social, etc. No entanto, outra parte dos eleitores tem suas posições diretamente influenciadas pelo *marketing* político. Isso porque uma série de fatores – que podemos resumir sob os termos “despreparo” e “alienação” – caracteriza o eleitorado da maioria dos países, tanto desenvolvidos como em desenvolvimento. Em geral, as propostas dos candidatos se baseiam em suas próprias ideias e em seus objetivos depois de eleitos. No entanto, nas campanhas, não há dúvidas de que muitos candidatos divulgam e enfatizam aquilo que eles acreditam ser o desejo dos eleitores. Nesse jogo, para saber o que está por trás das propostas dos candidatos, o eleitor deve procurar conhecer a história de vida desses políticos a fim de confirmar se eles agem com coerência, analisando mandatos anteriores ou sua vida pública.

Professor, você pode incentivar a criatividade dos alunos na produção dos textos da atividade. Não é preciso que um panfleto seja elaborado com uma linguagem seca e muito “certinha”. Você pode pedir à classe que se imagine na situação de um eleitor que tenha que responder à seguinte pergunta: “o que você gostaria de ler para fazê-lo refletir sobre seu voto?”. Isso pode contribuir para que os alunos tenham não apenas um domínio mais efetivo da linguagem escrita, mas também se esforcem para ter ideias mais criativas e fugir do senso comum. Uma forma de trazer a proposta da atividade para o cotidiano direto dos alunos é permitir que o panfleto utilize também a linguagem da internet, como memes, *gifs*, etc. Nesse caso, os alunos podem trocar a proposta do panfleto pela proposta de uma postagem semelhante às produzidas nas redes sociais.

■ Texto complementar 1

No texto a seguir, o historiador e professor José Jobson de Arruda faz uma análise sobre as razões imediatas da crise de 1929.

A crise de 1929 foi causada, sobretudo, pela insistência americana em manter depois da guerra (Primeira Guerra Mundial) o mesmo ritmo de produção alcançado durante o conflito, quando abastecia os países envolvidos nos combates, fornecendo desde gêneros alimentícios até produtos industrializados e combustível.

Com a paz, os países europeus recomeçaram a produção de bens que importavam dos Estados Unidos durante o conflito. Com isso caíram as exportações do país e o mercado interno americano viu-se abarrotado de produtos que não conseguia absorver. A solução seria reduzir a produção em determinados setores, o que provocaria séria crise econômica e social: a curto prazo, a indústria, a agricultura e a mineração teriam que diminuir o movimento de seus negócios, o que representaria baixa nos seus lucros e maior número de desempregados. A política do governo, essencialmente liberal, não poderia cogitar em intervir na produção; os empresários, por sua vez, só viam seus interesses

TESTE SEU CONHECIMENTO (p. 95)

1. E 3. A 5. A
2. B 4. B

imediatos, logo, não concordavam com essa solução. Imaginava-se que o progresso e a estabilidade do país fossem suficientemente fortes para absorver qualquer excedente de produção.

ARRUDA, José Jobson de Andrade. A crise do capitalismo liberal. In: REIS FILHO, Daniel Aarão; FERREIRA, Jorge; ZENHA, Celeste (Org.). *O século XX, o tempo das crises: revoluções, fascismos e guerras*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2005. p. 23.

■ Texto complementar 2

No texto a seguir, o sociólogo alemão Norbert Elias analisa o impacto da “derrota” alemã na Primeira Guerra para a “boa sociedade alemã”, que construiu um governo fraco, a República de Weimar, possibilitando a ascensão do nazismo.

[...] O fim do regime (kaiser) e a destruição do país após a guerra perdida aumentaram as oportunidades de chegada ao poder de grupos anteriormente à margem, em primeiro e destacado lugar, as organizações de trabalhadores. Pela primeira vez na história da Alemanha, seus representantes assumiram o governo. Como sempre em tais casos, a ascensão de grupos marginais que costumavam estar em posições inferiores na escala social – um antigo fabricante de arreios foi o sucessor do kaiser – foi sentida por muitos membros da “boa sociedade alemã” como uma insuportável ferida em seus sentimentos de autoestima.

ELIAS, Norbert. *Os alemães: a luta pelo poder e a evolução do habitus nos séculos XIX e XX*. Rio de Janeiro: Zahar, 1997. p. 169-170.

Sugestão de livro

REIS FILHO, Daniel Aarão; FERREIRA, Jorge; ZENHA, Celeste (Org.). *O século XX, o tempo das crises: revoluções, fascismos e guerras*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

- O livro é composto de oito artigos de historiadores brasileiros que analisam de forma didática temas relevantes do século XX, como a crise do capitalismo liberal, a formação e a lógica do socialismo soviético, a afirmação dos fascismos e a Segunda Guerra Mundial.

Sugestões de filmes

Os intocáveis (Brian de Palma, 1987).

- O filme é uma romantização de um fato real: o esforço em prender o criminoso Al Capone. O enredo se desenvolve em meio à Grande Depressão dos anos 1930, na qual também imperava nos Estados Unidos a chamada Lei Seca.

1984 (Michael Radford, 1984).

- Baseado na obra homônima de George Orwell, o enredo idealiza um futuro distópico onde a sociedade é governada por um regime totalitário.

Sugestão de site

Núcleo de Estudos Contemporâneos – História. Disponível em: <www.historia.uff.br/nec/totalitarismo>. Acesso em: 22 abr. 2016.

- Site produzido pelo departamento de História da Universidade Federal Fluminense sobre temas de História Contemporânea.

CAPÍTULO 5

Segunda Guerra Mundial

Procedimentos pedagógicos

O capítulo 5 discute as causas e os desdobramentos da Segunda Guerra Mundial (1939-1945), iniciando com a análise dos problemas políticos, sociais e econômicos que arruinaram o equilíbrio político estabelecido após a Primeira Guerra e provocou um novo conflito mundial. Em seguida, o capítulo destaca o desenvolvimento da guerra, o crescente envolvimento de países e o seu impacto social. A parte final do capítulo discute o fim da Segunda Guerra Mundial e a reorganização do equilíbrio político internacional em torno das duas potências vencedoras: os Estados Unidos e a União Soviética.

Como forma de retomar o eixo conceitual da unidade, é possível abordar os **usos estratégicos de meios de comunicação** por militares e civis, como rádio transmissores e radares de navegação aéreos e marítimos e a maneira como as informações eram veiculadas por jornais impressos, revistas ilustradas, programas de rádio e propagandas oficiais dos países envolvidos no conflito.

Uma maneira interessante de iniciar este debate é estimular os alunos a pensarem sobre o alcance dos meios de comunicação, seu poder de disseminar **ideologias** e influenciar a **opinião pública**. É importante também motivar os alunos a exercerem uma leitura crítica de seus conteúdos e posicionamentos, atentando, inclusive, para o que é silenciado ou não divulgado.

O conceito de **documento histórico** pode ser retomado para se pensar nas especificidades dos jornais, das revistas, das fotografias e dos filmes como registros que podem ser analisados criticamente pelos historiadores para estudar e compreender as sociedades humanas ao longo do tempo. Nesse caso, esse tipo de registro precisa ser pensado a partir da diferenciação entre **fontes escritas** e **fontes não escritas** e do caráter de “neutralidade” ou mera ficção que alguns deles ainda carregam.

No caso específico da Segunda Guerra Mundial, uma proposta de **Atividade Alternativa** é a exibição de trechos do programa especial “Mídia vai à guerra”, produzido pelo Observatório da Imprensa por ocasião dos setenta anos do início do conflito (disponível em: <www.youtube.com/watch?v=SjVf7qu6N5Q>, acesso em: 20 abr. 2016). Esta atividade é uma forma de introduzir a reflexão sobre o papel dos meios de comunicação de massa na Segunda Guerra. Para os temas que envolvem este capítulo, sugerimos, especialmente, a exibição das três primeiras partes do programa nas quais o conflito midiático criado durante a Segunda Guerra fica evidente.

O papel dos jornais impressos na mobilização das populações em torno dos temas da guerra aparece já no início do programa e permite estimular a discussão sobre o fato ocorrido, a opinião publicada e a opinião pública. Os chamados “anos de ouro” das revistas ilustradas como a *Life* e a *Time* também são retratados nestes episódios e, neste momento, é possível chamar a atenção para o papel da fotografia como protagonista desses meios de

comunicação, uma vez que ela abriu a possibilidade de visualização dos acontecimentos da guerra, antes conhecidos prioritariamente por meio das narrativas escritas. É interessante ressaltar que a **disseminação de fotografias** da Segunda Guerra foi possível graças à evolução das câmeras portáteis, que se tornaram mais ágeis, facilitando seu uso nos campos de batalha.

Algumas fotografias que marcaram o imaginário da Segunda Guerra, como as de autoria do célebre fotógrafo húngaro Robert Capa (cujo verdadeiro nome era Endre Ernő Friedmann que mudou de nome para fugir das perseguições nazistas), foram reproduzidas no programa. Mesmo se tratando de fotos feitas no “calor do momento” e por isso carregadas de um forte “estatuto de verdade”, como as imagens do cogumelo atômico formado pela explosão da **bomba em Hiroshima**, é possível discutir algumas estratégias usadas durante o ato de fotografar e no momento de editar as imagens para ressaltar/ocultar determinados aspectos afinados com as ideologias em questão.

A mesma perspectiva crítica pode ser adotada para se pensar nas estratégias utilizadas para compor os cinejornais alemães e americanos exibidos em cinemas de diversos países neste período. Esse meio de comunicação explorou ao máximo o poder das imagens e transformou as notícias em uma eficiente **propaganda política** que também serviu de estímulo aos soldados nos campos de batalha.

A mobilização da população por meio de campanhas midiáticas nos rádios e cinemas em prol da guerra que incentivavam, por exemplo, a doação de metais para a fabricação de armas, a economia de gás e a criação de hortas durante os períodos de crise de abastecimento revelam o poder de alcance destas propagandas e algumas dificuldades enfrentadas pela população civil. Este tema aparece na seção *Eu também posso participar*, na página 101. Além de aproximar os alunos de algumas questões que afetavam o cotidiano dos civis durante a guerra, essa seção também incentiva a recuperação e a doação de objetos que já não usamos mais e que podem ser de grande utilidade para outras pessoas.

Após a exibição dos episódios, um debate sobre os aspectos que mais chamaram a atenção dos alunos pode ser estimulado, na medida em que possibilitará também a exposição de dúvidas sobre o tema em questão.

A possibilidade de conhecer elementos do cotidiano das pessoas afetadas pela Segunda Guerra pode ser o mote inicial para as discussões dos temas tratados no capítulo, uma vez que o texto de abertura do capítulo fala sobre o livro *Diário de Anne Frank*, um relato escrito entre 12 de junho de 1942 e 1º de agosto de 1944 por uma garota judia nascida na Holanda. Nele, Anne Frank detalha os horrores que ela, sua família e outros judeus enfrentaram enquanto permaneceram escondidos dos nazistas em um “anexo” secreto de um escritório em Amsterdã. A leitura de trechos do diário para a classe pode ser uma boa estratégia de sensibilização e introdução do assunto, pois trata da percepção de uma garota com idade bem próxima a da maioria dos alunos.

O boxe da página 108 explica o que foi o **holocausto**, a prática do extermínio sistemático de judeus, opositores e diversos grupos considerados pelos alemães

nazistas como “impuros” e “inferiores”. Retomando a sequência proposta no capítulo, pode-se estimular os alunos a pensarem sobre os fatores que levaram a este quadro descrito por Anne Frank em seu diário, lembrando, assim, o contexto geral do término da **Primeira Guerra Mundial** e seus desdobramentos que incentivaram o início de um novo conflito. As determinações do Tratado de Versalhes que impuseram severas punições à Alemanha, as perdas territoriais e o avanço da crise econômica são algumas das questões não resolvidas no contexto da Primeira Guerra e que contribuíram para a eclosão da Segunda Guerra Mundial.

As **políticas expansionistas** da Alemanha, do Japão e da Itália, desrespeitando fronteiras estabelecidas pelo **Tratado de Versalhes**, e os acordos da **Liga das Nações** em busca de novos mercados consumidores e fontes de matéria-prima contribuíram para enfraquecer ainda mais o frágil equilíbrio entre as nações.

A seção *Interpretando documentos: imagem*, na página 103, permite a discussão sobre as alianças firmadas antes do início da Segunda Guerra Mundial por meio da análise de uma charge que trata do **Pacto Ribentrop-Molotov** ou **Pacto Germano-Soviético**. Esse é um tratado de não agressão firmado às vésperas da Segunda Guerra Mundial entre a Alemanha e a União Soviética que previa, em linhas gerais, cinco anos de paz entre os dois países e a invasão da Polônia (que seria dividida entre as duas nações), dos Países Bálticos e da Finlândia. Na página 100, é possível acompanhar e compreender, por meio do mapa *Expansão alemã (1935-1939)*, o avanço dos nazistas. O rápido avanço militar do Eixo nos primeiros anos do conflito está associado ao grande poder bélico da Alemanha, que dispunha de uma grande força aérea, denominada **Luftwaffe**, e promovia ataques-surpresa, chamado *blitzkrieg* (guerra-relâmpago). A resolução da questão 3 da seção *Organizando as ideias*, na página 103, é uma boa forma de sistematizar esses conteúdos.

A partir do estudo sobre a divisão da França em duas partes após a ocupação alemã, em meados de 1940, e a atuação dos chamados colaboracionistas, pode-se discutir sobre as formas de resistência durante a Segunda Guerra. Para isso, é interessante promover a leitura do boxe *Resistência*, na página 101, que trata da resistência civil ao nazifascismo em toda a Europa e na própria Alemanha, mobilizando membros de diversas classes sociais, religiosos, artistas e intelectuais em diferentes tipos de ações. Professor, a foto emblemática da resistência civil francesa feita por Robert Capa, reproduzida no mesmo boxe, nos dá uma dimensão da organização desses grupos. Além desse material, o filme *Um ato de liberdade* também pode servir de recurso para se pensar na importância das formas de resistência à expansão do nazismo na Europa, desde que observados seus limites ideológicos e suas particularidades como obra de arte. Esse tema também é desenvolvido na questão 2 proposta na seção *Organizando as ideias*, na página 111.

Sobre o início da invasão da União Soviética pelas tropas nazistas, em 1941, é importante ressaltar que o inverno rigoroso de Moscou associado à estratégia da terra arrasada promovida pelas tropas soviéticas

contribuiu para uma expressiva derrota alemã. Na **charge** da página 105, Belmonte se refere a esse episódio, conhecido como **Batalha de Stalingrado** (1942-1943). Nessa charge, Adolf Hitler, vestido de menina, é repreendido por Stalin, numa clara demonstração da fragilidade dos alemães a partir desse momento.

A análise do mapa *A guerra na Europa e no norte da África (1943-1945)*, na página 105, pode auxiliar na compreensão dos acontecimentos que redefiniram a guerra: a já citada ação dos soviéticos, que expulsaram os alemães da URSS, e a entrada dos Estados Unidos na guerra ao lado dos **Aliados**.

Os conflitos entre os Estados Unidos e o Japão na chamada “frente do Pacífico” têm como destaque o fulminante ataque aéreo japonês contra Pearl Harbor, base militar estadunidense no Pacífico, em dezembro de 1941, ocorrido após as sanções comerciais impostas ao Japão. Esta ofensiva foi a justificativa do governo estadunidense para declarar guerra ao Japão e aos outros países do **Eixo**. Ao mesmo tempo, os governos de outros países, ainda neutros, entre os quais o brasileiro, eram pressionados para que fizessem o mesmo. O mapa da página 107, *A guerra no Pacífico (1941-1945)*, pode ajudar na visualização desses combates.

A Segunda Guerra Mundial se aproxima do fim com as limitações do avanço japonês. Entretanto, para selarem sua vitória, os Estados Unidos seriam responsáveis por um dos episódios mais violentos desse conflito: o lançamento da bomba atômica sobre as cidades japonesas de **Hiroshima e Nagasaki**, nos dias 6 e 8 de agosto de 1945, respectivamente. Este episódio pode servir de exemplo para se debater com os alunos a relação entre o avanço da tecnologia e o seu uso para a destruição. Nessa discussão, também é interessante receber o auxílio de outras disciplinas, numa **atividade interdisciplinar**, como a **Física** e a **Química**, que poderão fornecer informações importantes sobre a energia nuclear, os seus usos e os seus efeitos (no caso, os efeitos da radiação na população em razão da explosão da bomba atômica).

O saldo aterrador da Segunda Guerra não deixa dúvidas sobre as dimensões do conflito: 50 milhões de mortos, dos quais 35 milhões de civis. A União Soviética sofreu as maiores perdas: 20 milhões de habitantes. Além de milhares de mortes nos conflitos, os países como França, Inglaterra, Alemanha, União Soviética e Japão encontravam-se em escombros, com toda a infraestrutura de transporte inutilizada, os campos devastados e mais mortes eram provocadas pela fome e doenças.

As consequências da guerra, como a criação da ONU, a assinatura da **Declaração Universal dos Direitos Humanos** e o novo rearranjo de forças entre Estados Unidos e União Soviética, podem ser melhor compreendidas com o auxílio da seção *Esquema-resumo*, na página 110. Por meio dela, os alunos terão uma dimensão sistematizada da Segunda Guerra e poderão ser incentivados a explicar cada uma das consequências apontadas.

Retomando o eixo conceitual que articula esta unidade e para fechar o estudo desse capítulo, a atividade da seção *Hora de refletir*, na página 114, propõe uma discussão sobre a presença maciça dos meios de comunicação na atualidade e sua importância política para

a organização de diversos grupos sociais. Ao mesmo tempo, esta atividade possibilita um debate sobre as relações dos jovens com estes canais de comunicação e os ajustes necessários, na opinião dos alunos, para que tais relações sejam mais proveitosas.

ORGANIZANDO AS IDEIAS (p. 103)

1. As tensões sociais e políticas eram bastante variadas. Um primeiro ponto está relacionado aos tratados de paz, que foram criados ao final da Primeira Guerra para delimitar os territórios das nações europeias. Isso fez com que etnias até então unidas fossem separadas com novas divisões arbitrárias e com que outras nações se sentissem prejudicadas, especialmente no que dizia respeito à Alemanha, que perdeu importantes territórios, teve de pagar uma pesada indenização aos países vencedores e foi culpabilizada pelo conflito. Outro ponto está relacionado às tensões provocadas pela crise econômica na década de 1920, que desestabilizou governos europeus e estimulou a consolidação de Estados totalitários e ultranacionalistas. Finalmente, existia outro foco de tensão que era a consolidação de blocos de nações com afinidades político-ideológicas distintas, o que contribuiu para abalar o equilíbrio mundial e estimular conflitos diretos.
2. A política expansionista dos países do Eixo teve como principais características o desrespeito às fronteiras estabelecidas no Tratado de Versalhes e o investimento estatal na indústria bélica. A conquista de novas terras estava ligada ao domínio de mercados consumidores e matérias-primas. Isso explica episódios como a invasão da região chinesa da Manchúria pelas tropas japonesas, a ação do Exército italiano que ocupou a Etiópia e a Albânia e a expansão alemã sucessivamente na Renânia, na Áustria, nos Sudetos, na Boêmia, na Morávia e na Polônia.
3. No início da guerra, a Alemanha demonstrou seu poder bélico utilizando a força aérea e os ataques-surpresa, o que possibilitou a conquista de diversos países europeus em poucos meses, como a Noruega, a Dinamarca, Luxemburgo, a Bélgica, a Holanda e a França. Apesar do fracasso das tentativas alemãs de invadir a Inglaterra, as forças do Eixo também tiveram sucesso em outras regiões do mundo, avançando no norte da África, no Mediterrâneo e nos Bálcãs.

INTERPRETANDO DOCUMENTOS: IMAGEM (p. 103)

- a) As duas figuras representadas na imagem são os líderes da Alemanha nazista, Adolf Hitler, e da União Soviética stalinista, Josef Stalin. Além da forma caricata como os líderes foram representados, é possível observar a presença de símbolos dos regimes que eles representavam em suas roupas, como a suástica nazista e o martelo e a foice, que simboliza o comunismo.

- b) A aliança é representada como uma relação construída a partir da divisão de recursos entre os dois países. Isso fica evidente no fato de duas figuras precisarem dividir um único pé de bota, enquanto os outros dois pés estão desprotegidos. Além disso, as calças rasgadas também reforçam a sensação de penúria. Assim, pode-se dizer que a imagem constrói uma representação negativa do Pacto Ribentrop-Molotov.
- c) A resposta é pessoal, mas é importante que os alunos percebam que o riso e o humor desempenham uma função política muito importante, na medida em que ajudam a construir uma representação do mundo que questiona o poder e a autoridade de outras figuras ou grupos sociais. Nesse caso, ridicularizar os líderes totalitários era uma forma de agir politicamente contra o fortalecimento desses regimes, bem como ampliar o apoio popular para a organização de ações contrárias a tais regimes. Como a imagem foi produzida na Inglaterra, no contexto da Segunda Guerra Mundial, era fundamental conquistar o apoio da população por meio da ridicularização daqueles que eram vistos como opositores do governo inglês. Vale destacar que a produção satírica foi muito importante na propaganda política durante a Segunda Guerra Mundial, sendo utilizada por todos os países envolvidos como forma de mobilizar a população e fortalecer seus esforços de guerra.

ESQUEMA-RESUMO (p. 110)

A Segunda Guerra Mundial está relacionada às tensões políticas e econômicas provocadas ao final da Primeira Guerra Mundial. A situação internacional durante o período entre guerras foi marcada por crises econômicas e dos regimes democráticos liberais, pela formação de governos totalitários e por uma forte política expansionista de algumas potências mundiais. Outro aspecto importante para compreender o início da guerra é a formação de alianças militares, como o Eixo. Em 1939, os governos alemão e soviético firmaram um pacto de não agressão, o que permitiu a invasão da Polônia por forças nazistas em 1939, dando início ao conflito. Entre 1939 e 1941, as forças do Eixo conseguiram avançar militarmente e conquistar vitórias. Entre 1942 e 1945, porém, as forças do Eixo foram derrotadas tanto na Europa quanto na Ásia, e a guerra chegou ao fim com a vitória das forças aliadas. A guerra provocou a radical alteração do equilíbrio mundial que existia até então. Além disso, provocou a morte de cerca de 50 milhões de pessoas, entre as quais um grande número de civis. O conflito foi marcado também pelo Holocausto, a política de extermínio sistemático de judeus, opositores e todos aqueles considerados inferiores pelos alemães (ciganos, homossexuais, pessoas com deficiência, etc.), e pelo uso de bombas atômicas contra populações civis no Japão. Ao final da guerra, a Alemanha derrotada foi dividida entre as potências vencedoras, criou-se a Organização das Nações Unidas

para evitar novos conflitos mundiais e a ordem mundial assumiu a forma de uma bipolarização entre o bloco capitalista e o bloco socialista.

ORGANIZANDO AS IDEIAS (p. 111)

1. Em agosto de 1939, a Alemanha e a URSS assinaram o Pacto Ribentrop-Molotov, um acordo de não agressão bélica que possibilitou a invasão da Polônia pelos alemães. No entanto, em julho de 1941, Hitler rompeu o pacto e iniciou a operação Barbarossa, atacando a União Soviética. Com isso, a URSS entrou na guerra, aliando-se à Inglaterra contra os países do Eixo. Após o contra-ataque soviético, que deu início à derrota alemã, os russos ocuparam todo o leste europeu até Berlim, em abril de 1945.
2. A população civil reagiu das mais variadas maneiras à expansão do nazismo na Europa. Muitos grupos pegaram em armas para lutar na resistência contra as tropas alemãs. Outros divulgaram panfletos contrários ao nazismo. Na Alemanha, muitas pessoas ajudaram a esconder judeus perseguidos pelos nazistas em suas residências. Não foram raros os casos de judeus que conseguiram escapar do país com a ajuda de terceiros.
3. A política expansionista japonesa no Pacífico se opunha aos interesses estadunidenses e ameaçava a segurança da costa oeste dos Estados Unidos. Em resposta às sanções econômicas estadunidenses ao Japão, em dezembro de 1941 a base militar de Pearl Harbor foi atacada pela força aérea japonesa. Em maio do ano seguinte, os japoneses haviam conquistado as Filipinas, Cingapura, Hong Kong, a atual Indonésia e outras regiões. O conflito na China, na Indochina e na Indonésia envolveu tropas chinesas, australianas e britânicas, além de japonesas e estadunidenses. O quadro começou a mudar a partir de junho de 1942, quando a marinha estadunidense derrotou os japoneses na batalha de Midway. Daquele momento em diante, as forças dos Estados Unidos iniciaram um contra-ataque, selando sua vitória em agosto de 1945 com a explosão de duas bombas atômicas nas cidades de Hiroshima e Nagasaki.
4. A partir da rendição alemã, em maio de 1945, Estados Unidos, União Soviética e Inglaterra reuniram-se entre julho e agosto do mesmo ano, em Potsdam, para definir os termos do acordo de paz. Boa parte das decisões ali tomadas já havia sido proposta em fevereiro daquele ano, durante uma reunião semelhante realizada em Ialta, na Crimeia. Pela Conferência de Potsdam ficou acertada a divisão da Alemanha em quatro zonas de influência sobre controle dos Estados Unidos, da União Soviética, da França e da Inglaterra. Berlim também sofreria o mesmo tipo de divisão. Definiu-se ainda que a Alemanha pagaria 2 bilhões de dólares em indenização aos países vencedores e que os líderes nazistas seriam julgados por uma corte internacional, o Tribunal de Nuremberg. Finalmente, confirmou-se naquele encontro a criação de uma nova entidade

internacional destinada a preservar a paz e garantir o entendimento entre os povos: a Organização das Nações Unidas (ONU).

5. A entrada dessas duas potências na Segunda Guerra foi decisiva porque desestabilizou as forças dos países do Eixo. Em outubro de 1942, no norte da África, tropas alemãs foram derrotadas por forças anglo-estadunidenses. Em fevereiro de 1943, os soviéticos conseguiram expulsar os alemães de Stalingrado e deram início ao avanço em direção a Berlim. A caminho da Alemanha, libertaram diversos territórios sob o domínio dos alemães: Polônia, Romênia, Bulgária, Noruega, Hungria e parte da Tchecoslováquia. Por sua vez, os estadunidenses ocuparam a Sicília e outras regiões da Itália, em 1943, e a Normandia, na França, em 6 de junho de 1944, no famoso “Dia D”. Finalmente, Berlim caiu em mãos soviéticas em abril de 1945, enquanto a resistência japonesa no Pacífico foi totalmente destruída pelos norte-americanos.
6. Com o fim da guerra, diversas regiões do planeta estavam devastadas: as cidades estavam em escombros, os campos destruídos e as rodovias e ferrovias inutilizadas. A fome e as doenças dizimavam a população de vários lugares. Na África e na Ásia, inúmeros povos começaram a lutar por sua independência. Em 1948, os países-membros da ONU assinaram a *Declaração Universal dos Direitos Humanos*, um documento que definiu princípios universais para o convívio em sociedade, como o direito à vida, à liberdade e à igualdade entre todos os indivíduos. Esta declaração deu origem a dois tratados que definiram as bases legais dos direitos humanos da ONU: o Tratado Internacional dos Direitos Civis e Políticos e o Tratado Internacional dos Direitos Econômicos, Sociais e Culturais. Com o fim da Segunda Guerra, houve um novo rearranjo de forças: os Estados Unidos e a União Soviética consolidaram-se como as duas maiores potências do planeta. Em torno deles, formaram-se dois blocos antagônicos de poder: o bloco capitalista, sob a liderança dos Estados Unidos, e o bloco socialista, capitaneado pela União Soviética. Esse antagonismo deu origem à Guerra Fria.

INTERPRETANDO DOCUMENTOS: IMAGEM (p. 111)

- a) O primeiro cartaz foi produzido em 1939, ano em que teve início a Segunda Guerra Mundial. Nesse momento, a França declarava guerra aos alemães e se preparava para enfrentá-los no campo de batalha. Já o segundo cartaz é de 1941, quando a França já tinha sido derrotada e ocupada pelas forças alemãs. No período, o país foi dividido em duas partes: uma diretamente ocupada pelos alemães; outra com um governo autônomo, mas que colaborava com os alemães.
- b) Não. O primeiro cartaz defende a luta contra os alemães e a organização dos esforços de guerra dos franceses para deter o avanço nazista. Para isso, os franceses representam seu território como a terra da liberdade, o que permite identificar por oposição que a Alemanha seria o lugar da falta de liberdade. Vale destacar que o cartaz foi produzido para ser divulgado na região da Alsácia, que faz fronteira com o território alemão. Assim, a placa representaria justamente o local onde começa o território francês, a terra da liberdade. Já o segundo cartaz, produzido já durante o período da ocupação alemã, defende a luta ao lado dos alemães contra as forças soviéticas. Por isso, a França é representada como um dos territórios que compõe a grande coalizão que levará adiante a cruzada contra o bolchevismo.
- c) O primeiro cartaz mobiliza elementos históricos relacionados à Revolução Francesa, como o soldado que veste trajes comumente associados ao período revolucionário. O título do cartaz também faz alusão a esse aspecto, ressaltando que os franceses formam os soldados da revolução. Nesse sentido, a ideia é associar a Revolução Francesa e a luta pela liberdade à luta contra as forças nazistas. O segundo cartaz mobiliza outro tipo de referência histórica: as Cruzadas cristãs da Idade Média. Dessa forma, ele associa a luta santa do passado com a luta contra as forças comunistas da União Soviética. A ideia é representar tal luta como a união do Ocidente contra um inimigo que representa valores diferentes, tal qual o Ocidente teria se unido durante as lutas medievais para combater os infiéis. É importante destacar que ambos os cartazes utilizam uma representação anacrônica do passado de modo a criar uma correspondência entre acontecimentos anteriores com as necessidades do presente. Cabe ao historiador analisar criticamente essa correspondência e destacar que ela foi construída para atender aos interesses políticos do presente. Por isso, é fundamental realizar uma leitura crítica das representações que são construídas sobre o passado para não perder de vista os usos políticos que marcam tais narrativas.
- d) A resposta é pessoal, mas é importante que os alunos identifiquem que os cartazes eram fundamentais para a comunicação entre as autoridades públicas e a população, especialmente em períodos nos quais não existiam ainda os meios de comunicação em massa. O desenvolvimento tecnológico dos meios de comunicação possibilitou a invenção de novas técnicas de comunicação, como as propagandas televisivas, radiofônicas ou mesmo aquelas que existem na internet. Além disso, a invenção das redes sociais e outras tecnologias aceleradas de comunicação possibilitaram o desenvolvimento de meios ainda mais dinâmicos de comunicação. As propagandas publicitárias e os *outdoors*, por exemplo, podem cumprir as mesmas funções dos cartazes no passado.

1. B 2. E 3. D
4. Apenas as afirmativas III e IV são verdadeiras; assim, a alternativa correta é a letra D. O erro da primeira afirmativa é indicar que a invasão da União Soviética marcou o início da Segunda Guerra Mundial. Na realidade, foi apenas a invasão da Polônia que marcou o início do conflito. A União Soviética foi invadida apenas dois anos depois, em 1941. Já o erro da segunda afirmativa é indicar que o Pacto Ribentropp-Molotov era uma aliança militar. Na realidade, ele consistia somente em um pacto de não agressão. Outro erro é apontar que os alemães se opunham ao Eixo, quando eles faziam parte dessa aliança militar.

HORA DE REFLETIR (p. 114)

A proposta da atividade é fazer com que os alunos reflitam sobre a qualidade e os recursos disponíveis para a comunicação e a informação voltados para o público jovem, em especial aquele tipo de informação que permite a organização e a reflexão política dos jovens. Nesse sentido, os alunos podem pensar em diversos exemplos, como jornais e programas televisivos, publicações impressas como livros, revistas e jornais, programas de rádio e todo tipo de conteúdo produzido na internet. Além disso, a proposta é que os alunos reflitam sobre o protagonismo juvenil e a importância da mobilização política dos jovens. Ao final da reflexão, os alunos devem gravar um áudio sobre o tema. Essa gravação pode assumir formas variadas, como uma pequena vinheta, um comentário ou mesmo um *podcast*, um estilo muito popular na internet de gravação, similar a um programa de rádio, mas que traz um conteúdo específico sobre um tema determinado e que conta com os recursos de compartilhamento das redes sociais e outras ferramentas digitais. Nesse caso, os alunos podem gravar suas ideias sobre a questão da organização política dos jovens e divulgar o material pelas redes sociais. É possível dar continuidade à experiência com a gravação de novos programas e o desenvolvimento de um trabalho interdisciplinar na escola, envolvendo disciplinas como Língua Portuguesa, Geografia e Sociologia.

■ **Texto complementar**

No livro *Eichmann em Jerusalém: um relato sobre a banalidade do mal*, a filósofa Hannah Arendt trata do julgamento de Adolf Eichmann, um dos principais responsáveis pelos campos de concentração nazistas, e discute o que seria a banalidade do mal. Ela afirma que Eichmann não passava de um burocrata eficiente, que cumpria ordens e não se sentia responsável pelas mortes. A banalidade do mal, para a autora, se refere ao fato de o indivíduo não mais perceber o próprio agir, não sendo capaz de se colocar no lugar do outro e avaliar o que representa o próprio ato.

O problema com Eichmann era exatamente que muitos eram como ele, e muitos não eram nem perversos, nem sádicos, mas eram e ainda são terríveis

e assustadoramente normais. Do ponto de vista de nossas instituições e de nossos padrões morais de julgamento, essa normalidade era muito mais apavorante do que todas as atrocidades juntas, pois implicava que – como foi dito insistentemente em Nuremberg pelos acusados e seus advogados – esse era um tipo novo de criminoso, efetivamente *hostis generis humanis*, que comete seus crimes em circunstâncias que tornam praticamente impossível para ele saber ou sentir que está agindo errado. Sob esse aspecto, as provas no caso de Eichmann eram ainda mais convincentes que as provas apresentadas no julgamento dos criminosos de guerra, cujas alegações de consciência tranquila podiam ser descartadas mais facilmente porque combinavam o argumento da obediência a “ordens superiores” com várias *bazófigas* sobre ocasionais desobediências. Mas embora a má-fé dos acusados fosse manifesta, a única base para se provar efetivamente a consciência pesada seria o fato de os nazistas, e especialmente as organizações criminosas a que Eichmann pertencera terem estado muito ocupados em destruir a prova de seus crimes durante os últimos meses de guerra. E essa base era bastante frágil. Não fez mais que comprovar o reconhecimento de que a lei de assassinato em massa, devido a sua novidade, ainda não era aceita por outras nações; ou, na linguagem dos nazistas, que eles tinham perdido sua luta para “libertar” a humanidade do “domínio dos subumanos”, principalmente da dominação dos Sábios de Sion; ou, em palavras comuns, o fato não provaria mais do que a admissão da derrota. Algum deles teria sofrido de consciência pesada se tivesse vencido?

ARENDR, Hannah. *Eichmann em Jerusalém: um relato sobre a banalidade do mal*. Trad. José Rubens Siqueira. São Paulo: Companhia das Letras, 1999. p. 299-300.

Sugestões de livros

HERSEY, John. *Hiroshima*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

- O livro é composto de relatos de sobreviventes das explosões das bombas atômicas após um ano da tragédia.

PEREIRA, N. M.; GITZ, I. *Ensinando sobre o Holocausto na escola: informações e propostas para professores dos ensinos fundamental e médio*. Porto Alegre: Penso, 2014.

- O livro tem como objetivo auxiliar os professores dos ensinos fundamental e médio nas atividades que abordam o tema do Holocausto.

Sugestão de filme

Rapsódia em agosto (Akira Kurosawa, 1991).

- O filme narra o drama de uma família japonesa afetada pelo ataque atômico a Nagasaki.

Sugestão de site

United States Holocaust Memorial Museum. Disponível em: <www.ushmm.org/ptbr>. Acesso em: 20 abr. 2016.

- Site do Memorial do Holocausto (USHMM), situado em Washington, dedicado à preservação da memória dos sobreviventes do Holocausto.

O Brasil durante o governo Vargas

Procedimentos pedagógicos

O capítulo 6 trata da era Vargas (1930-1945), geralmente dividida em três períodos: o Governo Provisório (1930-1934), o Governo Constitucional (1934-1937) e o Estado Novo (1937-1945). Para evitar que essas etapas sejam vistas como um bloco homogêneo, o capítulo evidencia os confrontos de interesses que levaram à cada uma das mudanças institucionais. Foi nesse contexto de disputas e de afirmação da figura de Getúlio Vargas que os **meios de comunicação de massa** ganharam pela primeira vez relevância na política brasileira, o que aproxima os temas do capítulo do **eixo conceitual** da unidade.

No conjunto, essas gestões de Getúlio Vargas fizeram o Brasil deixar sua condição de país agrário-exportador para se transformar em uma sociedade urbano-industrial. Seu governo foi marcado pelo crescimento acentuado das grandes metrópoles, pelo desenvolvimento das indústrias de base, pela exaltação do nacionalismo, pelo controle sobre o mundo do trabalho e pela consolidação do Estado como planejador econômico. Essas transformações na sociedade e no Estado brasileiro foram tão significativas que, muitas vezes, elas encobrem o autoritarismo, a precariedade das liberdades e os entraves à organização política igualmente marcantes no período. Até mesmo a memória de Vargas, entre o governante autoritário e o líder popular carismático, acaba pendendo para o lado mais simpático. Pode-se dizer que essa valoração, em grande parte, foi estabelecida por atores do próprio período, que souberam utilizar, além dos já tradicionais meios impressos, as transmissões radiofônicas para propagandear os feitos das administrações de Vargas, bem como enaltecer a personalidade do chefe maior da nação.

Professor, para introduzir a discussão sobre o “governo Vargas”, pode ser interessante **partir do conhecimento prévio dos alunos**, pedindo que cada um escreva em seu caderno, na forma de um pequeno texto ou apenas tópicos, o que sabem sobre Getúlio Vargas e seus governos. Em seguida, pode-se dividir as ideias na lousa em dois grupos: “positivas” e “negativas”. Uma alternativa, então, é destacar que todo governo político se esforça para construir uma imagem positiva de si próprio, como forma de conquistar apoio popular para suas medidas.

Com base nessa discussão inicial, é possível apresentar os elementos que permitem contextualizar o governo Vargas, destacando que esse período pode ser dividido em três períodos principais: o governo provisório (1930-1934); o período entre as duas Constituições (1934-1937); e o Estado Novo (1937-1945). Uma forma de trabalhar essa temática é apresentar as principais características dos três períodos, ressaltando como o período inicial foi um momento de consolidação do novo governo, incluindo a adoção das primeiras medidas para a construção de uma imagem positiva do regime (com a criação, por exemplo, do Ministério da Educação e Saúde) e também de criação de uma legislação trabalhista

para regulamentar as relações entre empregados e empregadores no país. Em seguida, pode-se destacar as principais características da Constituição de 1934, bem como as disputas políticas que se desenrolaram no período, como o enfrentamento da Ação Integralista Brasileira e da Aliança Nacional Libertadora. Finalmente, essa discussão pode ser encerrada destacando os problemas políticos e tensões sociais que abriram caminho para o golpe que deu origem ao Estado Novo.

A partir dessa discussão que contextualiza os diferentes momentos do governo Vargas, pode-se aprofundar alguns temas. Nesse caso, pode-se, em primeiro lugar, propor a realização da atividade da seção *Interpretando documentos: texto*, da página 121, que solicita a leitura e a interpretação de documentos relacionados com a política educacional do governo Vargas. Em seguida, é possível discutir a seção *Olho vivo*, da página 122, que analisa os símbolos mobilizados pelos integralistas como forma de defender suas propostas políticas no período. Além disso, outro tema importante que pode ser discutido nesse momento é a questão do movimento negro e a luta contra o preconceito racial e a discriminação no período. Uma forma de trabalhar essa questão é propor a leitura e discussão do subtítulo *A Frente Negra Brasileira*, da página 118. Após essa discussão, para explorar a questão do preconceito racial no período, pode-se propor a realização da atividade *Interpretando documentos: imagem*, da página 127.

Em seguida, pode-se abordar a temática da participação brasileira na Segunda Guerra Mundial, bem como a maneira como esse fato está relacionado com o caminho para redemocratização e para o fim do Estado Novo. Nesse caso, é importante relacionar a questão do envolvimento brasileiro no conflito com negociações políticas e econômicas do Brasil com os Estados Unidos. Outro fato que pode ser destacado é a mobilização popular defendendo o envolvimento do Brasil no conflito, como forma de ajudar no combate aos avanços do **Eixo** na Europa e outras regiões do mundo. Esse tipo de mobilização popular começou a ganhar força a partir de 1942, o que ajuda a entender o processo de distensão dos controles políticos e sociais utilizados pelo Estado Novo para manter o controle do país. A partir de então, movimentos populares começam a ganhar força e passam a exigir a redemocratização do país. Por conta disso, em 1945, o governo Vargas deu início ao processo necessário para restaurar a democracia no país.

Finalmente, para retomar o **eixo conceitual da unidade**, a questão dos meios de comunicação de massa, e relacioná-lo com a temática do capítulo, pode-se propor uma discussão sobre o uso de técnicas de propaganda pelo governo Vargas, como as diretrizes do **Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP)**. Pode-se apontar, no entanto, que o DIP nada mais era do que o órgão sucessor de outros dois similares: o Departamento Oficial de Propaganda (DOP), de 1931, e o Departamento de Propaganda e Difusão Cultural (DPDC), de 1934. Desde o seu início, portanto, o governo Vargas preocupou-se em investir na construção de sua imagem e, pela primeira vez na história do Brasil, o Estado criou órgãos específicos para isso.

A partir disso, pode ser interessante questionar os alunos se, atualmente, o governo brasileiro tem órgãos responsáveis pela autopromoção. A partir dessa questão, é possível incentivar os alunos a descobrir quais seriam esses órgãos. Além disso, se for possível fazê-lo durante a aula, pode-se utilizar computadores com acesso à internet para visitar o site oficial do Governo Federal e levantar algumas questões: qual a importância da internet para a comunicação no mundo atual? Qual a utilização que o governo faz da internet? Haveria na atualidade algum meio mais eficaz de autopromoção? Em seguida, voltando ao governo Vargas, pode-se, então, apontar que o rádio era o meio de comunicação mais moderno da época. Em plena era da internet e dos *smartphones*, é difícil dimensionar o verdadeiro impacto que a difusão do rádio, como primeiro grande veículo de comunicação de massa, causou na vida das pessoas nas primeiras décadas do século XX. Mais difícil ainda dimensionar hoje, em uma cultura de consumo e produção de imagens, **o impacto da propaganda falada** naqueles anos. Para começar a trabalhar essa historicidade, pode-se ler em conjunto com os alunos o texto do boxe *A era do rádio no Brasil*, na página 124, ressaltando que a primeira transmissão radiofônica no país aconteceu em 1922, mas que foi durante o governo Vargas que o rádio se popularizou e tornou-se um **meio de comunicação de massa**. Além de regulamentar a concessão de emissoras e permitir a divulgação de comerciais, o que gerou lucros que incentivaram mais investimentos na expansão do alcance do rádio, os órgãos de propaganda estatais souberam muito bem usar o rádio como instrumento político. Professor, aqui pode ser interessante perguntar aos alunos sobre seu costume de ouvir rádio hoje em dia. Será que todos sabem o que é o programa *Voz do Brasil*? Pode-se apontar que se trata do programa de rádio mais antigo do Brasil e do hemisfério sul, há mais de 80 anos no ar. Criado em 1935, chamou-se *Programa Nacional* até o Estado Novo e tinha por objetivo divulgar as ideias do presidente. Em 1938, o nome mudou para *Hora do Brasil* e passou a ter transmissão obrigatória por todas as emissoras do país, servindo de principal meio de propaganda oficial da ditadura e do culto da personalidade de Getúlio. Em 1946, depois de quase ser extinto como um ranço da ditadura, o programa ganhou o nome de *Voz do Brasil* e começou a assumir o formato mais próximo do atual, com espaço para notícias dos três poderes. Como **Atividade Alternativa** para trabalhar essa influência política do rádio, pode-se acessar o site da Secretaria de Educação a Distância do Ministério da Educação (SEED/MEC)³, em que é possível ouvir um trecho da abertura da primeira transmissão da *Hora do Brasil* e do primeiro discurso de Vargas a ser veiculado nessa nova fase. Um caminho é incentivar os alunos a descreverem a sensação que a abertura do programa, a voz do locutor, de Getúlio e o efeito de suas mensagens causam no ouvinte, tentando imaginar-se em um mundo sem televisão e internet. Caso a turma tenha algum aluno com

deficiência visual, essa pode ser uma interessante **Atividade de Inclusão**, incentivando que esse aluno descreva para todos as sensações causadas pelas gravações: que ideias passam sobre o governo e a figura de Vargas? E a música que abre a transmissão, que emoção quer causar? A identificação da música pode ser um mote interessante para abordar outro uso que o governo Vargas fez do rádio: de divulgação de uma política cultural de exaltação do nacionalismo. Quando se escolheu a ópera *O Guarani*, de Antonio Carlos Gomes (1836-1896), para abrir seus programas oficiais, o governo procurava exaltar, ao mesmo tempo, um verdadeiro mito de origem da nacionalidade brasileira e a capacidade criativa do indivíduo nacional, que se equiparava aos dos grandes países vistos como civilizados.⁴

Professor, pode-se nesse momento lembrar que a “era de ouro” do rádio no Brasil esteve totalmente relacionada à exaltação cultural nacionalista, principalmente no que se referia à produção musical, não apenas a considerada erudita, mas também sua versão mais popular. Nas diretrizes do DIP, o samba deveria deixar de cantar a malandragem para enaltecer o trabalho e promover uma imagem ufanista do país e do Estado Novo. Era a gestação do “samba exaltação”, cujo exemplo mais bem acabado foi “Aquarela do Brasil”, de Ary Barroso, composta em 1939 e vencedora de um concurso promovido pelo DIP. Como **Atividade Alternativa**, pode ser interessante reproduzir essa canção na classe e, com a letra em mãos, discutir conjuntamente qual imagem do país ela constrói. É uma imagem do Brasil que persiste até hoje? Uma alternativa, então, é apontar que essa canção, como tantas outras, retrata um Brasil harmonioso, exalta as riquezas naturais e não fala do povo ou de qualquer problema social. Mas se se coubesse a cada aluno fazer uma representação do Brasil, como ela seria? Ela se aproximaria da representação legitimada pelo Estado Novo e tantas vezes repetida? Depois da discussão, pode-se incentivar os alunos a produzirem sua própria representação. O meio de apresentação pode ser totalmente livre, incentivando a criatividade de cada um e a pluralidade de visões: textos, poesias, desenhos, músicas, vídeos...

A partir dos trabalhos apresentados, pode-se encerrar os temas do capítulo inspirando-se na discussão proposta na seção *Hora de refletir*, na página 130. Será que, mesmo vivendo em uma democracia, podemos falar de algum tipo de censura? A “censura econômica” existe de fato, conforme apontada no texto? Além das questões colocadas no capítulo, pode-se propor uma discussão sobre a “censura econômica” na política atual: qual o peso das corporações nas campanhas eleitorais e na definição das políticas públicas? Já que estamos em uma democracia, como buscar alternativas a esse modelo de política “censurada” pelo poder econômico? Pode-se também incentivar os alunos a refletirem e escreverem uma redação sobre o tema “Eleições democráticas e censura econômica”, que pode ser utilizada como meio de **avaliação** dos conteúdos do capítulo.

³ Disponível em: <http://webeduc.mec.gov.br/midiaseducacao/material/radio/radio_intermediario/radiobrasil_consolidacao.htm>. Acesso em: 20 abr. 2016.

⁴ Carlos Gomes inspirou-se no romance indianista homônimo de José de Alencar para compor a ópera que estreou em 1870, em Milão, na Itália, com enorme sucesso. O livro, de 1857, foi o primeiro da trilogia de Alencar (que se completaria com *Iracema*, 1865, e *Ubirajara*, 1874) que celebrava o contato entre europeus e indígenas como base da nacionalidade brasileira.

1. Getúlio Vargas iniciou seu governo destituindo governadores (à exceção do governador de Minas Gerais) e nomeou interventores, muitos dos quais egressos do tenentismo. Além disso, Vargas dissolveu o Congresso Nacional, as Assembleias Legislativas estaduais e as Câmaras municipais e instaurou um regime de emergência. No campo econômico, reconquistou o apoio dos grandes cafeicultores, a elite derrotada pela revolução, adotando medidas que procuravam recuperar os preços do café no mercado internacional. Para isso, começou a comprar e queimar os excedentes do produto. Vargas instituiu uma nova legislação trabalhista que o transformou num dos presidentes mais populares da história do país. A partir de então, com seu governo fortalecido, ele passou a criar uma nova legislação eleitoral. Em 1932, o governo aprovou o novo Código Eleitoral, que introduziu várias alterações no processo eleitoral (criação da Justiça Eleitoral, instituição do voto secreto, redução da idade mínima dos eleitores, instituição do voto feminino). Com isso, o governo ampliou as possibilidades de participação política, reduziu o poder dos coronéis sobre os eleitores e coibiu as fraudes eleitorais. As eleições para a Assembleia Constituinte foram marcadas para maio de 1933, quando 254 deputados foram eleitos, entre eles, a primeira deputada brasileira, a médica Carlota Pereira de Queirós. A Constituição foi promulgada em julho do ano seguinte, incorporando a legislação trabalhista em vigor, acrescentando a ela o salário mínimo e o Tribunal do Trabalho. Ainda em julho, os constituintes elegeram Vargas presidente da república, para o período entre 1934 e 1938.
2. Com a criação do Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio, em novembro de 1930, o governo criou uma série de leis de proteção ao trabalhador, como a regulamentação do trabalho feminino e infantil, a jornada máxima de oito horas diárias, o descanso semanal remunerado e o direito a férias (em vigor desde 1925, mas que nunca tinha sido colocado em prática). Esta legislação trabalhista era apresentada como uma “dívida do governo” aos trabalhadores, um ato de generosidade do próprio Vargas. A expressão “pai dos pobres” foi cunhada em virtude desta política paternalista, aprovada ainda no início dos anos 1930, e ajudou a esvaziar toda a luta e o protagonismo da classe trabalhadora, que desde a virada do século XIX para o XX já vinha se mobilizando por melhores condições de trabalho e de vida. Além disso, outro fator que permite questionar a adoção do termo “pai dos pobres” pode ser observado na maneira como Getúlio Vargas conduziu a política sindicalista no Brasil. O governo implantou, em 1931, a Lei de Sindicalização que estabeleceu o controle do governo sobre os sindicatos e reduziu a capacidade de mobilização e contestação dos trabalhadores. A lei transformou os sindicatos em órgãos consultivos do poder público. Para funcionar, os sindicatos precisavam de autorização

do Ministério do Trabalho, que podia intervir nas assembleias e afastar diretores sindicais. Desse modo, o governo ampliava seu controle sobre os sindicatos e os trabalhadores.

3. A AIB, formada em 1932, defendia uma ditadura de direita, semelhante à de Mussolini na Itália, ou seja, tinha inspiração fascista. Esse movimento reunia intelectuais, religiosos, alguns ex-tenentistas e setores das camadas médias e da burguesia. Tinha como lema “Deus, Pátria e Família”. Ideologicamente, era um movimento de caráter nacionalista, antiliberal, anticomunista e contrário ao capitalismo financeiro internacional. Os integralistas defendiam o controle do Estado sobre a economia e o fim da pluralidade partidária e da democracia representativa. Já a ANL surgiu em março de 1935 e era fortemente influenciada pelo Partido Comunista do Brasil, mas reunia também grupos populares de variadas tendências: socialistas, liberais, anti-integralistas, intelectuais independentes, estudantes e ex-tenentistas descontentes com o autoritarismo de Vargas. Seu programa político era nacionalista e anti-imperialista. Seus integrantes defendiam a suspensão do pagamento da dívida externa, a nacionalização de empresas estrangeiras e a reforma agrária. A ANL cresceu rapidamente, mas, quatro meses depois de sua fundação, foi declarada ilegal pelo presidente Vargas. A partir de então, seus militantes passaram a agir na clandestinidade.

INTERPRETANDO DOCUMENTOS: TEXTO (p. 121)

- a) Para Francisco Campos, a finalidade do ensino secundário é essencialmente formativa, ou seja, deve desenvolver as faculdades de apreciação, de juízo, de critério, que são essenciais para todas as atividades humanas. Ele critica as concepções de ensino que enxergavam o ensino secundário apenas como uma etapa de passagem e de preparação para o ensino superior. Assim, contra essa visão pragmática e aplicada do ensino, ele defendia a proposta de uma formação ampla, humanista e capaz de formar intelectualmente o indivíduo.
- b) A proposta de reforma educacional do governo Vargas visava a criação de uma elite mais bem preparada intelectualmente. Assim, o projeto defendido por Campos pode ser visto como um exemplo dessa concepção, na medida em que ele defendia que a educação não tinha um caráter meramente técnico ou preparatório para o ensino superior, mas sim uma formação ampla do indivíduo, capaz de lhe ajudar a resolver todo tipo de problema da vida prática. Além disso, a disposição da grade disciplinar, com ampla variedade de disciplinas e o oferecimento de diversas línguas estrangeiras, reforça essa perspectiva, já que expressa uma concepção de educação ampla e que aborda toda a variedade de conhecimentos humanos.

O governo Vargas pode ser dividido em três períodos principais. O primeiro, entre 1930 e 1934, é conhecido como Governo Provisório. Nesse período, o governo tomou medidas para fortalecer o Poder Executivo e ajudar os cafeicultores, bem como promoveu reformas educacionais e na legislação trabalhista. Além disso, iniciou reformas na legislação eleitoral para a criação de uma nova Constituição, o que ocorreu em 1934. Ainda nesse ano, Vargas foi eleito pelos constituintes presidente da república, marcando a segunda fase de seu governo. Este ocorreu entre 1934 e 1937 e foi marcado pela intensa polarização política, especialmente aquela que opôs a Ação Integralista Brasileira (AIB) e a Aliança Nacional Libertadora (ANL). Após o fracasso da Intentona Comunista, o governo Vargas tomou medidas para restringir as liberdades individuais e ampliar seus poderes. Posteriormente, em 1937, o governo aproveitou a existência de um suposto plano de conspiração comunista para realizar um golpe de estado e suspender a Constituição de 1934. Isso marcou o início do Estado Novo, a terceira fase do governo Vargas. Durante o Estado Novo, surgiu um regime autoritário e repressivo, que passou a controlar os meios de comunicação e a combater seus opositores para se manter no poder. Foi durante o Estado Novo que o Brasil se envolveu na Segunda Guerra Mundial, lutando ao lado dos Aliados contra as forças do Eixo. As críticas ao regime autoritário de Vargas se fortaleceram a partir de 1942, crescendo ainda mais nos anos seguintes, principalmente devido ao fato de que, no Brasil, Vargas mantinha um governo autoritário e, no exterior, lutava ao lado dos Aliados contra os nazistas. Essa contradição, somada a outros fatores, provocou o fim do Estado Novo em 1945, com o afastamento de Vargas do poder.

ORGANIZANDO AS IDEIAS (p. 127)

1. Em novembro de 1935, a ANL e o PCB lideraram um levante que tinha o intuito de tomar o poder e implantar o comunismo no Brasil. A insurreição, derrotada, fez com que o governo promovesse uma forte repressão aos comunistas e decretasse estado de sítio. Sob esse clima de tensão, Getúlio Vargas articulou com as Forças Armadas e os governadores sua permanência no poder. Isso foi favorecido, em 1937, pelo Plano Cohen, uma falsa conspiração comunista para a tomada do poder, que foi montado por um capitão integralista. Embora se tratasse de um plano falso, Vargas o utilizou como se fosse verdadeiro e em 10 de novembro de 1937 ordenou o fechamento do Congresso por tropas do Exército. Em transmissão radiofônica, o presidente declarou canceladas as eleições e anunciou a instauração do Estado Novo, segundo ele um governo “forte, de paz, justiça e trabalho”.
2. Com a criação do DIP, em 1939, o governo estabeleceu diversas formas de controle dos meios de comunicação e de divulgação da propaganda oficial do governo. O DIP possuía agentes encarregados de fazer a censura a jornais, revistas, rádios, livros e cinema. Eles também elaboravam as peças publicitárias que mostravam o presidente como uma figura paternal, bondosa, severa e exigente. O órgão elaborava também cine documentários, livros e cartilhas escolares que enalteciam a figura de Vargas e transmitiam noções de patriotismo e civismo.
3. As primeiras transmissões radiofônicas ocorreram em 1922 no Brasil. Entre 1922 e 1928, surgiram dezenove estações de rádio no país, mas ainda não existia uma regulamentação pública das transmissões. Alguns anos depois, em 1932, o governo iniciou a regulamentação e a concessão de rádios. Além disso, passou a permitir a divulgação de comerciais nas transmissões. Em 1940, o governo Vargas transformou a Rádio Nacional em um instrumento de propaganda do governo. Com isso, teve início a Era de Ouro do rádio brasileiro. Nesse período, artistas se tornaram ídolos nacionais e composições musicais, que enalteciam Vargas e seu governo, se tornaram conhecidas no país inteiro. O rádio, assim, se tornou um importante meio de comunicação na sociedade brasileira.
4. No início da Segunda Guerra, o governo Vargas manteve uma posição ambígua, mostrando-se favorável ora às forças do Eixo, ora às tropas Aliadas. Ideologicamente, dadas as condições autoritárias do governo brasileiro, o Estado Novo aproximava-se dos países do Eixo. Em 1940, o presidente chegou a elogiar o sucesso das forças nazistas na Europa. No entanto, o governo estadunidense pôs em prática apolítica de boa vizinhança, enviando ao Brasil empréstimos, vantagens comerciais e apoio técnico. Em 1942, depois que navios mercantes brasileiros foram afundados por submarinos alemães, Vargas declarou guerra aos países do Eixo.
5. As manifestações populares e estudantis a favor da participação do Brasil no conflito a favor dos Aliados deram início a um lento processo de distensão na atmosfera sufocante do Estado Novo. Em 1943 e em 1945 houve outras manifestações, agora pelo fim do Estado Novo e pela volta da democracia, de diferentes grupos de políticos e intelectuais. Em 1945, Vargas pôs fim à censura da imprensa, anistiou os presos políticos (incluindo Luís Carlos Prestes) e convocou eleições para uma Assembleia Constituinte. Surgiram novos partidos e a campanha eleitoral teve início. Para evitar a permanência de Vargas, alguns generais passaram a exigir sua renúncia. Em 1945, o Estado Novo chegou ao fim.
6. Em 1945, surgiram diversos partidos políticos, como a União Democrática Nacional (UDN), formada por setores das classes médias e altas, o Partido Social Democrático (PSD), composto de antigos coronéis e interventores nos estados, o Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), constituído por líderes sindicais ligados ao Ministério do Trabalho, e o Partido Comunista do Brasil (PCB), que voltou a ser legalizado. O queremismo, por sua vez, foi um movimento que defendia a permanência de Getúlio Vargas no poder do país. Esse movimento foi defendido por membros do Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), com o apoio

do Partido Comunista e de alguns sindicatos. Porém, a pressão de militares impediu que a campanha tivesse êxito.

INTERPRETANDO DOCUMENTOS: IMAGEM (p. 127)

- a) Na primeira foto, há um garoto negro no canto esquerdo do quadro. Na segunda, uma fotomontagem, o garoto negro foi substituído por um menino branco. Na foto 3, publicada no jornal, foi acrescentada uma legenda superposta à imagem do garoto negro, suprimindo-o de vez. A hipótese mais segura para tal mudança refere-se a uma concepção racista que via no garoto negro uma espécie de “mácula”, de aspecto negativo a ser suprimido da foto oficial. Pode-se observar até que o garoto é o único negro da fotografia. Professor, estas fotos foram analisadas no artigo de Marcelo Alves, citado na fonte, mas não há nenhuma informação sobre o garoto negro (quem seria, por que estava lá, etc.).
- b) Trata-se de um ato cerimonial em que todos os participantes posam, em semicírculo, para o instante do registro fotográfico. No centro, aparece o ministro Lindolfo Collor com um “canudo” do Estatuto do Sindicato e, ao seu lado esquerdo, o presidente da Associação, Silveira Mello. As demais pessoas, todas muito solenes e bem-vestidas, deviam ser membros da Associação e convidadas para a cerimônia oficial. Professor, você pode ressaltar que foi exatamente a formação em semicírculo que ampliou o destaque dado ao garoto negro, pois, embora ele esteja no canto inferior esquerdo, é uma das pessoas que ficaram em primeiro plano, enquanto o ministro e as demais autoridades, apesar de estarem no centro da foto, ficaram num plano mais distante.
- c) Professor, embora a resposta seja pessoal, espera-se que os alunos comentem, por exemplo, que, no Brasil, atualmente, ainda há uma participação reduzida dos negros nas campanhas publicitárias ou nos programas televisivos, colocando em evidência o racismo em nossa sociedade. Quando isso acontece, não é raro filmes, novelas e séries atribuírem a atores negros uma posição coadjuvante ou papéis de personagens associados a aspectos negativos (criminalidade, por exemplo) ou apresentarem uma imagem estereotipada da população afrodescendente. Muitas vezes, as campanhas publicitárias promovem a beleza da mulher branca em detrimento da beleza da mulher negra, do cabelo liso em detrimento do cabelo crespo, etc. Diversos exemplos de práticas racistas poderão ser citados pelos alunos. O objetivo é fazer com que eles percebam que o racismo ainda está presente em nossa sociedade sob diferentes formas e precisa ser combatido por todos.

TESTE SEU CONHECIMENTO (p. 128)

1. A
2. D
3. C

4. Apenas as afirmativas II e IV são verdadeiras; assim, a alternativa correta é a letra C. O erro da primeira afirmativa é indicar que após o Manifesto dos Mineiros foi convocada a Assembleia Constituinte. Isso só ocorreu em 1945, e não em 1943. O erro da terceira afirmativa é apontar que o PTB tinha lideranças contrárias ao governo Vargas. Na realidade, esse partido defendeu a continuidade do governo Vargas, de onde surgiu o movimento do quererismo.

HORA DE REFLETIR (p. 130)

Além do peso que os interesses econômicos sempre tiveram nos meios de comunicação tradicionais, como jornais e programas televisivos, é importante que os alunos reflitam sobre os mecanismos econômicos que influenciam na circulação e na disponibilidade de informações na internet. As redes sociais, por exemplo, dependem diretamente dos anunciantes e das publicações pagas para propiciar lucros para seus investidores. Dessa forma, muitas notícias que ganham destaque são aquelas que foram pagas ou sustentadas por anunciantes. Os mecanismos de busca, como o Google, também são afetados por isso. Outro aspecto do peso econômico na internet é a necessidade de produzir notícias e conteúdos que tragam muitos visitantes para sites, o que estimula notícias sensacionalistas e pouco criteriosas, já que estas se disseminam rapidamente entre os usuários. No caso das empresas jornalísticas tradicionais, ainda que elas defendam uma postura objetiva na divulgação das notícias e afirmem que possuem uma postura de liberdade e autonomia diante de qualquer interesse financeiro, há inúmeras discussões sobre os mecanismos de controle que submetem estas empresas a seus patrocinadores ou à posição política de seus proprietários. É importante que os alunos consigam compreender que essas relações não são facilmente identificadas, especialmente no campo político, como o apoio de canais de televisão e emissoras de rádio a certos candidatos ou governos constituídos. Professor, você pode apontar questões que conduzam a classe a aprofundar o debate. Selecione, por exemplo, um jornal de sua cidade publicado no domingo; mostre-o à classe e faça uma estimativa sobre o espaço nas páginas destinado à publicidade e o espaço destinado a notícias. Depois, identifique quem são os principais anunciantes e peça aos alunos que apontem se esse jornal publicou notícias negativas a respeito dos seus anunciantes. Ao final, os alunos deverão sintetizar suas reflexões em uma apresentação visual, de modo a deixar clara a posição do grupo e possibilitar a divulgação das ideias em outros espaços da comunidade escolar.

• Texto complementar

No trecho a seguir, a socióloga Astréia Batista analisa o surgimento do “samba exaltação” no contexto do Estado Novo, destacando o caso de Aquarela do Brasil.

Embora essa perspectiva de arrumar a produção musical brasileira dentro de um ideal nacional civilizador tenha esbarrado na posição forte que a música ocupa na formação de nossa identidade cultural, não

podemos dizer que, pelo menos parcialmente e temporariamente, ele não tenha conseguido algum êxito, respaldada por uma política cultural de forte participação do Estado, via censura, e outros tipos de controle dos meios de comunicação de massa. [...]

A Aquarela, pela imagem de Brasil que Ary nela “descortina” (ufanista e exótica), vai corresponder ao modelo de música popular desejado pelo DIP, tendo sido inclusive vencedora de um concurso promovido por aquele Departamento.

Essa congruência entre discurso musical e discurso político oficial ligou, fortemente, a obra de Ary Barroso com a ideologia estado-novista. Acredito que este seja um dos fatores que influenciaram no grande sucesso que a Aquarela do Brasil obteve, principalmente como símbolo musical do país aqui e no exterior.

A ligação, consciente ou não, permanece como natural nestes mais de 60 anos de existência da Aquarela, uma vez que ela passou a ser, no início da década de 90, música tema da Hora do Brasil – programa de rádio criado pelo Estado Novo – em substituição ao O Guarani de Carlos Gomes. Este fato pode ser entendido como seu reconhecimento, por parte do Governo, enquanto peça clássica do repertório da música brasileira.

BATISTA, Astréia Soares. *Outras conversas sobre os jeitos do Brasil: o nacionalismo na música popular*. São Paulo: Annablume; Fumec, 2002. p. 31-32.

Sugestões de livros

D'ARAUJO, Maria Celina (Org.). *As instituições brasileiras da era Vargas*. Rio de Janeiro: Ed. Uerj; Ed. Fundação Getúlio Vargas, 1999.

- Coletânea de artigos de especialistas sobre as mais diversas áreas do Estado e da sociedade brasileira entre 1930 e 1945.

PANDOLFI, Dulce (Org.). *Repensando o Estado Novo*. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas, 1999.

- O foco desta coletânea de artigos é especificamente o governo ditatorial de Vargas.

Sugestão de filme

Era Vargas – 1930 a 1935 (Eduardo Scorel, s.d.).

- O filme oferece uma visão sobre o processo que levou Getúlio Vargas ao poder e sua consolidação até a eclosão do Levante Comunista de 1935.

Sugestão de site

Memorial Getúlio Vargas. Disponível em: <www0.rio.rj.gov.br/memorialgetuliovargas>. Acesso em: 20 abr. 2016.

- Site criado pela prefeitura do Rio de Janeiro, que apresenta uma exposição virtual sobre a era Vargas.

CAPÍTULO 7

Guerra Fria, capitalismo e socialismo

Procedimentos pedagógicos

O capítulo 7, dedicado ao estudo da **Guerra Fria**, procura explicitar o embate envolvendo as duas superpotências que emergiram da Segunda Guerra Mundial: os Estados Unidos, representando o sistema

capitalista; e a União Soviética, defendendo a sua versão para o socialismo.

Com base no eixo conceitual da unidade, é possível relacionar o uso dos meios de comunicação e da propaganda, ao longo das discussões propostas no capítulo, com a construção dos discursos que legitimavam as ideologias e os modos de vida em que as duas superpotências estavam baseadas.

O capítulo se divide em sete itens considerados importantes para a compreensão da Guerra Fria ao longo da segunda metade do século XX. Uma possibilidade para iniciar as discussões é explicar o conceito de bipolaridade, expondo que antes da Segunda Guerra, o mundo estava organizado segundo um equilíbrio de poder que era essencialmente baseado nas disputas políticas entre países europeus. Porém, após o fim da guerra, esse equilíbrio se rompeu e se formou uma ordem mundial bipolar (Estados Unidos x URSS). Vale lembrar, como será discutido em capítulos posteriores, que essa ordem se transformou com o fim da Guerra Fria, dando origem a um novo equilíbrio de poder internacional, assentado na lógica da “multipolaridade”.

A partir do **item 1** deste capítulo é interessante explicitar que a denominação Guerra Fria está associada ao fato de inexistir um conflito militar direto entre Estados Unidos e União Soviética. Isso ocorreu, entre outras razões, por causa da existência de um armamento bélico e nuclear capaz de provocar a destruição mútua das duas potências. A seção *Você sabia?*, na página 133, trabalha essa questão e pode ser discutida em sala de aula para reforçar a temática.

Além disso, pode-se discutir o mapa *Zonas de influência na Europa (após a Segunda Guerra Mundial)*, na página 132, que representa os chamados **blocos capitalista e socialista**, os dois grupos de países que estavam sob a liderança ou influência dos Estados Unidos ou da União Soviética. No entanto, é importante reforçar que esses países não eram totalmente subservientes aos designios dos estadunidenses ou soviéticos e que se aliavam a esta ou aquela superpotência de acordo com seus próprios interesses estratégicos, suas perspectivas de desenvolvimento e a manutenção do *status* estabelecido.

Para discutir os temas abordados no **item 2**, como a polarização ideológica e a criação de discursos e propagandas que justificavam a conduta de um dos lados e desacreditavam o outro, é possível destacar as características da **Doutrina Truman** e do **macarthismo**. Por meio deles, os Estados Unidos tinham o objetivo de conter o avanço da influência soviética tanto no campo externo quanto no interno. Além de meios políticos, os estadunidenses também fizeram largo uso do cinema para mostrar que aqueles que viviam sob o capitalismo eram prósperos, livres e felizes, enquanto o mundo socialista era totalitário e infeliz. A União Soviética também se valeu de estratégias semelhantes para impedir a infiltração das ideias capitalistas em seu território e áreas de influência.

A divisão da Alemanha se torna um excelente exemplo para trabalhar a ideia de bipolaridade e blocos políticos opostos. A partir dos mapas da página 134, que mostram a divisão da Alemanha e de Berlim, pode-se apontar aos alunos que ela é oriunda das estratégias

geopolíticas do final da Segunda Guerra Mundial, mas que a sua divisão em dois países distintos, um capitalista aliado aos Estados Unidos e o outro socialista sob a influência soviética, é fruto do novo contexto gerado pela Guerra Fria e pelos interesses de ambas as superpotências em expandir suas áreas de influência ou deter o avanço do outro. Enfatize a situação insólita da cidade de Berlim, onde metade da cidade ficou sob a soberania da **Alemanha Ocidental** (República Federal Alemã – RFA) e a outra parte coube à **Alemanha Oriental** (República Democrática Alemã – RDA) culminando com a construção do muro que dividiu a cidade em duas “metades”: uma capitalista e outra socialista. Se possível, comente que os dois países tinham seleções de futebol ou delegações olímpicas distintas. Para aprofundar o tema e fazer uma relação com a atualidade, é interessante trabalhar a seção *Passado presente*, na página 135, que apresenta exemplos atuais de muros que dividem sociedades com interesses diferentes. Por meio dessa seção, pode-se promover uma discussão sobre como os muros impedem o direito de ir e vir das pessoas, bem como promovem a intolerância e o desrespeito em vez do diálogo e de uma atitude de paz.

Outro aspecto muito simbólico da Guerra Fria foi a ação da **espionagem**, principalmente o embate entre a CIA e a KGB. Esses serviços de espionagem foram criados para obter informações sigilosas dos países adversários, especialmente no que dizia respeito às pesquisas científico-tecnológicas, e executar atividades de contrainformação, atuando em questões políticas, militares e diplomáticas. A espionagem foi muito explorada nos filmes americanos e soviéticos. A KGB e os soviéticos, por exemplo, foram demonizados pelo cinema americano. Uma abordagem interessante e que pode atrair a atenção dos alunos seria discutir o que é um espião. Quando ele trabalha em seu país, está defendendo suas fronteiras de possíveis invasores com o uso de inteligência e tecnologia. Quando está trabalhando fora, é um profissional a serviço de um governo estrangeiro para atender uma agenda de interesses que muito provavelmente não coincide com a do país visitado. Lembre que a espionagem ainda hoje é utilizada pelos governos. Um exemplo recente foi o vazamento de documentos secretos que mostraram que os Estados Unidos vinham espionando cidadãos brasileiros e até mesmo o governo do país, ameaçando a soberania do Brasil.

Ainda sobre esse tema, é importante destacar que os serviços de espionagem impulsionaram as corridas armamentista e espacial na medida em que utilizaram amplamente da tecnologia e da inteligência para realizar suas ações. Convém ressaltar que Estados Unidos e União Soviética queriam mostrar sua hegemonia também no campo científico e tecnológico. Com isso, as indústrias bélicas receberam investimentos para desenvolver armamentos cada vez mais potentes e destruidores, como a bomba de hidrogênio, assim como a conquista do espaço, por meio do lançamento de satélites e de missões para chegar ao solo lunar.

Ao abordar as tensões envolvendo os Estados Unidos e Cuba, é importante informar os alunos que só atualmente os dois países voltaram a estabelecer um diálogo a fim de estreitar as relações entre ambos e

romper o embargo econômico imposto a Cuba após esta se declarar um regime socialista alinhado à União Soviética. É possível utilizar um mapa para mostrar a localização e a proximidade geográfica entre os dois países e identificar o problema estratégico que surgiu para os Estados Unidos na época: era preciso combater o avanço socialista próximo ao seu território e também evitar que o “exemplo da Revolução Cubana” se alastrasse para o restante da América Latina.

ORGANIZANDO AS IDEIAS (p. 139)

1. A Guerra Fria caracterizou-se pela divisão do planeta entre dois blocos antagônicos de países, um capitalista e outro socialista, logo após a Segunda Guerra Mundial. Baseado no poder bélico, financeiro e tecnológico, o governo estadunidense assumiu o papel de líder dos países capitalistas e pretendeu reconstruir a Europa e uma nova ordem mundial. O bloco comunista, por sua vez, era formado por vários países do leste e do centro da Europa e recebeu o apoio de outros governos socialistas, como o da China e de Cuba. Faziam parte desse bloco a Polônia, a Tchecoslováquia, a Hungria, a Romênia, a Bulgária, a Albânia, a antiga Alemanha Oriental e a Iugoslávia. A Guerra Fria só terminou em 1991, com o fim da União Soviética. O nome Guerra Fria remete ao fato de nunca ter havido uma guerra direta entre os dois países líderes dos blocos, Estados Unidos e União Soviética. A interferência política dos dois países se fazia sentir em diversos conflitos localizados, por meio da espionagem, de subsídio econômico, do fornecimento de armas e assessores militares, etc.
2. O macarthismo está relacionado à polarização ideológica – que teve reflexos na economia, na política, e na sociedade entre os dois blocos antagônicos durante a Guerra Fria. Nos Estados Unidos, vários eventos marcam essa polarização. Em 1947, o então presidente dos Estados Unidos, Harry Truman, criou a Doutrina Truman, que oferecia sustentação econômica, política e militar aos países ocidentais para criar forças de contenção ao comunismo, e o Plano Marshall, uma ajuda para a reconstrução do continente europeu, destruído pela guerra. Ainda em 1947, o temor da “subversão comunista” dentro do próprio país levou o governo estadunidense a criar a CIA, um serviço secreto de espionagem. Em 1949, os Estados Unidos lideraram a criação de uma aliança militar, a Organização do Tratado do Atlântico Norte (Otan). Em 1950, o ingresso do senador McCarthy à frente do Comitê de Atividades Antiamericanas intensificou a campanha de intimidação contra intelectuais, líderes trabalhistas e funcionários do governo acusados de “esquerdismo”. O macarthismo, assim, foi uma verdadeira “caça às bruxas”, marcada pela perseguição de todas as pessoas suspeitas de simpatizarem com o comunismo.
3. Dois efeitos políticos da Guerra Fria foram a divisão da Alemanha e as guerras envolvendo os Estados Unidos e países nos quais existiam grupos que defendiam intensamente a criação de um regime

comunista. A Alemanha foi dividida em dois países distintos, que se tornaram zona de influência dos blocos antagônicos. Em 1948, os governos dos Estados Unidos, da França e da Inglaterra entregaram às autoridades alemãs eleitas a administração das três regiões de Berlim sob sua guarda. Em 1949, foram criados dois estados alemães independentes: a República Federal da Alemanha (ou Alemanha Ocidental), liberal e capitalista, e a República Democrática da Alemanha (ou Alemanha Oriental), de economia planificada, socialista e totalitária. Além disso, a capital da Alemanha, Berlim, também foi dividida em duas partes. Em 1961, para impedir as fugas da Alemanha Oriental para a Ocidental, os soviéticos construíram um muro que dividiu ao meio a cidade de Berlim. Fortemente vigiado por soldados, o chamado *muro da vergonha* transformou-se no símbolo da Guerra Fria. Já as guerras envolvendo os Estados Unidos e países nos quais existia o risco da expansão do comunismo foram duas: a Guerra da Coreia e a do Vietnã. Em ambos os países se encontravam grupos que defendiam os comunistas e os capitalistas: a Guerra da Coreia opôs o Exército da Coreia do Norte (comunista) ao da Coreia do Sul (capitalista). O governo dos Estados Unidos se envolveu no conflito, sob a bandeira da ONU, ao lado da Coreia do Sul. A península da Coreia terminou dividida em dois países, divisão que permanece até hoje. No Vietnã, o norte era comunista e o sul, capitalista. Temendo que os comunistas conseguissem a unificação territorial, o governo dos Estados Unidos entrou na guerra defendendo o lado capitalista, mas foi derrotado. O Vietnã foi unificado em um único país, e seu governo adotou o regime comunista.

INTERPRETANDO DOCUMENTOS: IMAGEM (p. 139)

- a) O conceito de ideologia pode ser definido como um sistema de ideias e de crenças políticas, econômicas, culturais, etc. que funciona de forma mais ou menos coerente. Sendo assim, a primeira imagem é um exemplo da ideologia socialista por elaborar uma representação do mundo que enxerga a sociedade capitalista como aquela que explora os trabalhadores e que não é socialmente justa. Já a segunda imagem evidencia a forma como a ideologia capitalista enxergava o comunismo como uma ameaça ao seu modo de vida e que, por isso, precisava ser contida por meio da força militar.
- b) As duas imagens constroem representações que expressam as tensões políticas da Guerra Fria. Pode-se dizer que ambas representam o bloco oposto de forma negativa e ameaçadora. A imagem soviética ressalta a exploração dos trabalhadores e a agressão imperialista como características centrais do bloco capitalista. Já a representação americana destaca a importância do uso das armas atômicas contra as forças soviéticas, destacando que essa era a única maneira de combater efetivamente os adversários.

ESQUEMA-RESUMO (p. 147)

O período chamado de Guerra Fria foi marcado pela bipolarização da ordem mundial em dois grandes blocos: o bloco capitalista, sob a liderança dos Estados Unidos, e o bloco socialista, sob a liderança da União Soviética. Os dois países realizaram uma intensa guerra ideológica pelo controle de regiões do planeta e pela ampliação de suas zonas de influência. Para isso, utilizaram a propaganda, os serviços de espionagem, as alianças militares (Otan do lado capitalista e Pacto de Varsóvia do lado socialista), a corrida armamentista e também espacial, etc. Por conta dessas disputas, ocorreram inúmeros conflitos em partes diversas do globo, como a Guerra da Coreia e a Guerra do Vietnã, na qual os Estados Unidos tentaram conter o avanço do comunismo; a Revolução Chinesa, que derrubou o governo do país e instaurou um regime comunista, e a Revolução Cubana, que fez o mesmo no país americano. Vale destacar que tais movimentos provocaram mudanças no equilíbrio de poder do período e contribuíram para a eclosão de novos conflitos, como a ruptura do governo chinês com o governo soviético e a disseminação de ideias socialistas na América Latina, o que provocou duras reações do governo americano para impedir a formação de novos regimes socialistas na América.

ORGANIZANDO AS IDEIAS (p. 148)

1. A China se transformou em um país comunista em 1949, quando comunistas chineses venceram uma guerra civil de 22 anos contra as forças do então presidente Chiang Kai-shek (1887-1975). No dia 1º de outubro de 1949, Mao Tsé-tung (1893-1976) proclamou a República Popular da China. Porém, apesar da vitória dos comunistas, a guerra civil provocara grande destruição no país. Apenas 0,6% da população trabalhava nas poucas indústrias. A produção de alimentos era incapaz de atender a toda a população do país, o que provocava grandes crises de fome na região.
2. Os planos de desenvolvimento econômico ficaram conhecidos como o Grande Salto para Frente (1958-1962). Estas medidas foram inspiradas no modelo de planejamento econômico soviético e tinham por finalidade acelerar o processo de crescimento e transformar a China num país tão industrializado quanto a Inglaterra. Milhões de chineses foram mobilizados para trabalhar na construção de rodovias, fábricas, cidades, diques e lagos, o que contribuiu para o surgimento de pequenas indústrias no interior do país. Foram criadas unidades produtivas autossuficientes, as chamadas comunas populares, que desenvolviam atividades agropecuárias, industriais, comerciais, administrativas e educacionais. Cada comuna era formada por cerca de 20 mil pessoas e tinha metas preestabelecidas para cumprir. O Grande Salto, contudo, foi um fracasso, pois os objetivos fixados pelo governo eram excessivamente ambiciosos. A produção agrícola se desorganizou e milhões de pessoas morreram de fome e exaustão.

Já o rompimento com o governo da União Soviética foi provocado por divergências político-ideológicas entre os governos dos dois países. Um dos motivos da crise foi o receio dos soviéticos de transferir conhecimentos na área nuclear para os chineses. Apesar da resistência soviética, a China testou sua primeira bomba em 1964 e produziu, três anos depois, a bomba de hidrogênio. Outra fonte de divergência entre as duas nações foi a política de “coexistência pacífica” de Krushev, que enfatizava a importância das negociações diplomáticas com os Estados Unidos e dava menos apoio aos movimentos de libertação nacional na África, na Ásia e na América Latina. Na concepção chinesa, a ênfase deveria ser dada para apoiar as revoluções e combater o imperialismo estadunidense. A crise levou ao rompimento entre os dois regimes comunistas, em 1960, com a retirada dos consultores soviéticos do território chinês.

3. A Revolução Cultural foi um movimento liderado por Mao Tsé-tung, com o apoio de milhões de jovens que compunham a Guarda Vermelha. Essas pessoas perseguiram as autoridades do Partido Chinês e todos aqueles acusados de defender valores burgueses, como intelectuais e pessoas comuns. Durante esse período, muitos acusados foram humilhados publicamente, enviados para campos de reeducação ou mortos. Assim, a Revolução Cultural fortaleceu o poder de Mao Tsé-tung.
4. O início da Revolução Cubana remonta a 1955, quando Fidel Castro e Ernesto Che Guevara organizaram um grupo armado e tentaram derrubar o governo de Fulgêncio Batista. Atacados no desembarque em Cuba, os sobreviventes se refugiaram nas florestas, onde organizaram um movimento de guerrilha, com o apoio da população camponesa e de grupos de resistência urbana. Em 1959, o movimento chegou ao poder e derrubou o governo de Batista. Sob a liderança de Fidel, o governo revolucionário desapropriou os grandes latifúndios, distribuiu terras entre os camponeses e nacionalizou as grandes empresas, muitas delas de origem estadunidense. Em 1961, o governo assumiu publicamente o caráter socialista da Revolução Cubana. Muitos opositores foram mortos ou fugiram para o exílio nos Estados Unidos.
5. Um dos fatores que contribuiu para a disseminação do socialismo na América Latina foi o apoio do governo cubano a movimentos socialistas em diversos países da região. Che Guevara, por exemplo, se envolveu em movimentos guerrilheiros na Bolívia. Além disso, no Chile, um governo socialista chegou ao poder por meio da eleição em 1970. Porém, a reação estadunidense ao crescimento do socialismo na América Latina foi rápida e brutal. Na Bolívia, agentes da CIA deram treinamento aos militares que, em outubro de 1967, capturaram e mataram Che Guevara. No Chile, os Estados Unidos participaram ativamente do golpe que derrubou o governo socialista de Salvador Allende, em 1973. Na Nicarágua, entre 1975 e 1978, o governo estadunidense

deu apoio militar ao ditador Anastásio Somoza que combatia as forças guerrilheiras de perfil socialista. Os Estados Unidos também apoiaram governos que perseguiram movimentos de esquerda, como no Brasil durante a ditadura militar. No caso africano, muitos jovens do continente passaram a defender as ideias socialistas, o que deu origem a importantes lideranças, como o senegalês Leopold Senghor, Amílcar Cabral, um dos líderes da luta contra o colonialismo português na Guiné e em Cabo Verde; e Agostinho Neto, em Angola.

6. A Revolução Sandinista foi uma ação guerrilheira para derrubar a ditadura de Anastásio Somoza na Nicarágua. A Frente Sandinista assumiu o poder em 1979, quando tiveram início grandes mudanças socioeconômicas: a reforma agrária, o combate ao analfabetismo, a melhoria da saúde pública, a nacionalização dos bancos e companhias de seguro, etc. Essas transformações provocaram o crescimento econômico da Nicarágua de 7% em menos de dois anos. Na política externa, o governo da Nicarágua aproximou-se de Cuba e da União Soviética. Em 1981, o governo estadunidense passou a financiar grupos paramilitares antissandinistas, dando início a uma guerra civil que só terminou em 1987, quando um acordo de paz pôs fim aos conflitos.

INTERPRETANDO DOCUMENTOS: IMAGEM (p. 178)

- a) O tema central do cartaz é a necessidade de preparação para a guerra, especialmente a guerra contra o “imperialismo”. Esse tema pode ser identificado nas frases de Mao Tsé-tung escritas nos quadros da parede e na parte inferior do cartaz. Na cena descrita, um grupo de homens e mulheres participam de uma reunião, na qual um homem em pé parece comandar. Além das fardas, pode-se observar também na postura e no semblante de todos a atitude de seriedade e disposição que o tema da guerra exige. Finalmente, à esquerda, ao fundo do cartaz, atrás da janela, pode-se observar um treinamento militar: um grupo de homens em fileiras empunham armas e realizam atividades físicas.
- b) O chamado “culto à personalidade” era uma estratégia da propaganda política utilizada especialmente por Stalin e Mao Tsé-tung para centralizar o poder, fundindo a figura do líder político ao Estado e ao partido. Dessa forma, estes líderes eram representados praticamente como “super-homens”, com poderes para conduzir o país ao futuro e dotados de uma inteligência superior que deveria ser respeitada e obedecida. No cartaz, vários elementos contribuem para esta valorização excessiva do líder: o quadro na parede com a foto de Mao Tsé-tung e as frases na parede e na parte inferior do cartaz, que são de sua autoria. Finalmente, sobre a mesa, pode-se observar dois livros vermelhos pequenos, numa clara referência ao chamado

Livro Vermelho de Mao Tsé-tung, uma coletânea de citações de Mao que serviu de fundamento ideológico do Estado chinês, especialmente durante a Revolução Cultural.

TESTE SEU CONHECIMENTO (p. 149)

1. B
2. B
3. D
4. Todas as afirmativas são verdadeiras; assim, a alternativa correta é a letra E.
5. Apenas as afirmativas I e II são verdadeiras; assim, a alternativa correta é a letra D. O erro da terceira afirmativa é indicar que apenas os Estados Unidos desenvolveram tecnologia espacial durante a Guerra Fria. A União Soviética também desenvolveu esse tipo de tecnologia. Já o erro da quarta afirmativa é indicar que houve conflitos diretos entre os americanos e os soviéticos durante a Guerra Fria. Não ocorreu nenhum conflito direto entre as duas potências no período.

HORA DE REFLETIR (p. 151)

O objetivo principal desta atividade é desconstruir a ideia de que a violência é a única saída – ou a primeira opção ou, ainda, a solução mais rápida e fácil para resolver conflitos (entre nações ou entre pessoas). Embora algumas análises critiquem o que chamam de “ineficiência” do pacifismo quando os adversários não atuam com a mesma ética, espera-se que os alunos entrem em contato com as propostas de movimentos ou ONGs que tenham o pacifismo como bandeira.

A Unesco chegou a declarar o ano 2000 como o “ano internacional por uma cultura de paz”. (Unesco. *Culture of Peace: what is it?* Disponível em: <www3.unesco.org/iycp/uk/uk_sum_cp.htm>. Acesso em: 25 abr. 2016.) Os pacifistas não se manifestam hoje somente contra as guerras. Entre suas ações estão passeatas em prol da igualdade entre homens e mulheres, o boicote a produtos de empresas que usam o trabalho infantil ou maltratam animais, a luta por direitos civis igualitários para grupos minoritários, a defesa de medidas de justiça social (como a melhoria da educação, das políticas públicas de transporte ou de moradia), entre outros exemplos. Nesse sentido, é possível propor aos alunos que observem que muitos grupos utilizam estratégias pacifistas no presente, especialmente os movimentos que visam conquistar o apoio popular como forma de pressionar os governantes. Com base nas discussões, os alunos deverão montar cartazes que tratem da temática do pacifismo e também com exemplos de situações nas quais essa postura política se manifesta. Esse trabalho pode ser montado em um espaço coletivo da escola, de modo a dar visibilidade ao tema da pesquisa e propiciar novas discussões sobre a importância da cultura da paz e do diálogo como forma de negociação política. Isso é especialmente importante dentro do ambiente escolar, já que toda postura que fortalece o diálogo pode ser usada para minimizar situações de conflito entre os alunos e outros participantes do espaço escolar.

FECHANDO A UNIDADE (p. 152)

1. Ele descreve sua função como consultor de inteligência do governo americano, na qual ele era responsável por vasculhar, sem mandados judiciais, as comunicações de qualquer indivíduo que o governo tivesse interesse em investigar. Assim, a comunicação de qualquer pessoa poderia ser examinada a qualquer momento, sem controles ou limitações. Para Snowden, essa ação é uma clara violação do direito internacional, dos direitos humanos e da legislação americana. Na perspectiva dele, a espionagem ilimitada subverte a noção de justiça e pode afetar de modo muito negativo as liberdades individuais. Foi por isso que ele denunciou o sistema de espionagem utilizado pela inteligência estadunidense no presente.
2. De acordo com o documento 3, a internet modifica os hábitos das pessoas, assim como os jornais, o rádio e a televisão modificaram no passado. A grande novidade da internet é que ela permite aos indivíduos estabelecerem uma vida paralela ao das relações da sociedade real. Essa outra forma de vida, chamada de virtual, possibilita aos indivíduos manterem amizades, relacionamentos amorosos, atividades profissionais, entre muitas outras possibilidades, com indivíduos fisicamente distantes. Nesse sentido, esses novos hábitos possuem muitos lados positivos, porém trazem também alguns aspectos negativos, entre os quais destaca-se o *cyberbullying*. Essa prática resulta em novas formas de violência contra os indivíduos e um de seus agravantes é que ela não respeita nem o espaço privado dos indivíduos, já que as mensagens violentas se disseminam pela internet e podem atingir as pessoas mesmo quando elas estão em suas casas ou em outros espaços considerados privados.
3. A crítica do documento 1 é voltada para o risco de substituição das relações sociais reais pelas relações sociais virtuais. Para fazer isso, a imagem utiliza um jogo de palavras entre a vida, no sentido convencional do termo, e a vida enquanto unidade de duração de uma partida no jogo de *videogame*. Quando o pai gato vai explicar para seu filho alguma coisa importante sobre a vida, no primeiro sentido, ele responde que já sabe o que precisa saber sobre a vida, no segundo sentido, perdendo a oportunidade de aprender aquilo que o pai queria ensinar. Vale destacar que a crítica da charge não é contra o uso dos meios de comunicação que permitem uma vida virtual (como as redes sociais ou os *videogames*), mas apenas uma forma de lembrar que seu uso excessivo pode ser negativo para a vida dos indivíduos e suas relações com os demais.
4. A resposta é pessoal, mas para realizar essa atividade pode ser importante promover um debate sobre o tema da privacidade. Nesse sentido, é possível discutir com os alunos o que eles entendem por privacidade e relacionar isso à questão da espionagem e do controle de informação, bem como de

que modo a perda da privacidade pode afetar a vida cotidiana da sociedade. A proposta da atividade é fazer com que os alunos reflitam sobre a importância da privacidade e do controle das informações que os governos e as empresas privadas possuem sobre os indivíduos, já que isso pode afetar sensivelmente as possibilidades de organização política e as liberdades individuais na sociedade. Quando um governo acessa a comunicação dos indivíduos, há grandes riscos daqueles que organizam protestos ou medidas contrárias ao governo sofrerem sanções ou ameaças. Nesse caso, pode-se recuperar o exemplo do próprio Snowden, que atualmente tem sua segurança ameaçada pelo governo dos Estados Unidos em razão de sua luta em favor da privacidade dos indivíduos.

5. Resposta pessoal. As ações propostas devem considerar formas de conscientizar os indivíduos sobre o caráter violento do *cyberbullying* e de qualquer tipo de postura ofensiva ou agressiva nas redes sociais. Além disso, é fundamental que os alunos destaquem a importância de ser cuidadoso na divulgação de informações pessoais ou aspectos privados da vida nas redes sociais. Outro ponto que merece destaque é a necessidade de ler criticamente as informações divulgadas nas redes sociais, bem como evitar o compartilhamento de informações duvidosas ou que possam ser utilizadas para agredir ou provocar outros indivíduos ou grupos sociais.

■ Texto complementar

No texto a seguir, o historiador britânico Eric Hobsbawm analisa o *status quo* estabelecido pelos Estados Unidos e pela União Soviética durante a Guerra Fria.

[...] A Segunda Guerra Mundial mal terminara quando a humanidade mergulhou no que se pode encarar, razoavelmente, de Terceira Guerra Mundial, embora uma guerra muito peculiar. Pois, como observou o grande filósofo Thomas Hobbes, “a guerra consiste não só na batalha, ou no ato de lutar: mas num período de tempo em que a vontade de disputar pela batalha é suficientemente conhecida”.

A peculiaridade da Guerra Fria era de que, em termos objetivos, não existia perigo iminente de guerra mundial. Mais que isso: apesar da retórica apocalíptica de ambos os lados, mas sobretudo do lado americano, os governos das duas superpotências aceitaram a distribuição global de forças no fim da Segunda Guerra Mundial, que equivalia a um equilíbrio de poder desigual mas não contestado em sua essência. A URSS controlava uma parte do globo, ou sobre ela exercia predominante influência – a zona ocupada pelo Exército Vermelho e/ou outra Forças Armadas comunistas no término da guerra – e não tentava ampliá-la com o uso da força militar. Os EUA exerciam controle e predominância sobre o resto do mundo capitalista. Em troca, não intervinha na zona aceita de hegemonia soviética.

HOBBSBAM, Eric. *Era dos extremos: o breve século XX (1914-1991)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p. 224.

Sugestões de livros

HOBBSBAM, Eric. *Era dos extremos: o breve século XX (1914-1991)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

- Ensaio biográfico do século XX feito pelo renomado historiador inglês.

TELO, Antonio José. *Do Tratado de Tordesilhas à Guerra Fria*. Blumenau: Editora da FURB, 1996.

- O livro estuda os sistemas de equilíbrio mundial desde a criação do Tratado de Tordesilhas até a Guerra Fria.

Sugestão de filme

A companhia (Mikael Salomon, 2007).

- O filme narra o embate entre espiões da CIA e da KGB durante a Guerra Fria.

Sugestão de site

O Muro de Berlim. Disponível em: <http://super.abril.com.br/multimedia/info_510878.shtml>. Acesso em: 25 abr. 2016.

- Infográfico virtual desenvolvido pela *Superinteressante* sobre a história do Muro de Berlim.

Procedimentos pedagógicos

A **Unidade 3** apresenta como eixo conceitual a questão da violência física e simbólica que marca não só as ações dos chamados Estados-Nações, mas também as próprias relações de poder que permeiam qualquer relação social. Pode-se iniciar a unidade perguntando aos alunos quais seriam as formas de violência exercidas ao longo da História. Especificamente na História Contemporânea, a violência foi pensada a partir do aparato estatal que, revolucionando ou conservando a ordem, se valeu de suas estruturas para excluir grupos indesejados. Exemplo disso foi a “fase do Terror” da **Revolução Francesa (1789)**, que guilhotinou os contrarrevolucionários.

A partir disso, como **Atividade Alternativa**, sugere-se solicitar aos alunos que identifiquem formas de violência vividas no cotidiano, diferenciando, por exemplo, a violência física de uma tortura num contexto de ditadura militar e a violência simbólica (psíquica) do *bullying* no espaço escolar. Para isso, a sugestão é dividir a sala em grupos. O primeiro grupo poderá descrever formas de violência ao longo da História e o segundo formas de violência no cotidiano. A partir dos dados obtidos, os grupos poderão socializar as conclusões. Pretende-se, assim, auxiliá-los na identificação daquilo que mudou ou permaneceu como manifestações de práticas violentas nas sociedades contemporâneas. Essa atividade pode ser reforçada com as questões da seção *Começo de conversa*, na página 155.

1. A proposta da atividade é fazer com que os alunos reflitam sobre as diferentes formas que a violência pode assumir nas relações cotidianas. Nesse caso, é importante alargar a compreensão de que a violência só ocorre quando existe alguma forma de constrangimento ou dano físico. Na realidade, existem diversas formas de violência que se manifestam no cotidiano sem implicar diretamente em dano físico, como aquelas provocadas por xingamentos, ofensas, formas de pressão psicológica, opressão contra práticas culturais, relações sociais desiguais que provocam sofrimento em determinados grupos, entre muitos outros exemplos. É com base nessa compreensão ampliada de violência que os alunos podem destacar exemplos que presenciaram e analisá-los. Durante a atividade, também é possível identificar diferentes formas de violência no ambiente escolar, como o *bullying*. A partir disso, pode-se propor aos alunos que reflitam sobre formas de minimizar as relações sociais violentas, tanto no espaço escolar, quanto em outros espaços sociais.
2. O *bullying* se tornou um grande problema nas escolas atualmente. Assim, é fundamental que o tema seja discutido em sala de aula e que os alunos reflitam sobre a forma como essa violência afeta as vítimas e também os agressores. Para isso, os alunos podem destacar o que entendem pelo termo e refletir sobre meios de inibir essa prática. Além disso, é importante reforçar que o *bullying* envolve diferentes atitudes. Para auxiliar nessa discussão, é possível apresentar a seguinte definição de *bullying*, disponível em um dossiê especial sobre o tema na revista *Nova Escola*: “*Bullying* é uma situação que se caracteriza por agressões intencionais, verbais ou físicas, feitas de maneira repetitiva, por um ou mais alunos contra um ou mais colegas. O termo *bullying* tem origem na palavra inglesa *bully*, que significa valentão, brigão. Mesmo sem uma denominação em português, é entendido como ameaça, tirania, opressão, intimidação, humilhação e maltrato”. (Disponível em: <<http://revistaescola.abril.com.br/formacao/bullying-escola-494973.shtml>>. Acesso em: 25 abr. 2016.)

CAPÍTULO 8

África, Ásia e América Latina: independência política

Procedimentos pedagógicos

O capítulo 8 apresenta os processos de descolonização da África e da Ásia após a Segunda Guerra Mundial (1945), assim como os conflitos e as intervenções militares na América Latina ao longo do século XX. Os itens 1 ao 4 abordam os processos de independência nos países africanos, alicerçados pelos movimentos nacionalistas e pelas distintas formas de luta e resistência, bem como relaciona esses processos aos golpes militares e às profundas segregações raciais e espaciais

em algumas regiões do continente africano, como o *apartheid* na África do Sul. O tema 5 discute os movimentos nacionalistas que sustentaram os processos de independência dos países asiáticos, com destaque para a Índia e as práticas de **desobediência civil** de Mahatma Gandhi. Finalmente, os últimos itens abordam a América Latina e seus impasses políticos ao longo do século XX: movimentos nacionalistas e populismo; os caminhos da industrialização; a guerra ao comunismo e a violência das ditaduras militares.

Uma das formas de introduzir o primeiro item do capítulo é propor uma reflexão, que envolva a participação direta dos alunos, sobre o conceito de **autodeterminação dos povos**, vale dizer, a capacidade de um povo de se autogovernar e decidir os rumos de sua soberania como Estado-Nação (ver *Glossário* na página 157). Nesse sentido, é possível propor um desafio: Como os alunos se organizariam caso fossem os responsáveis pelos rumos de um país, uma cidade, um bairro ou uma escola? A atividade poderá contar com um debate de propostas e com a votação das mesmas numa turma ou entre turmas. A ideia é incentivar soluções elaboradas de maneira coletiva e democrática.

Ainda sobre as alternativas políticas pela independência e liberdade na África e na Ásia, as figuras de **Nelson Mandela** na luta contra o *apartheid* na África do Sul e a de **Mahatma Gandhi** pela independência da Índia evidenciam histórias de superação e indicam o caminho da não violência. A exibição dos filmes indicados no capítulo seguida por debate entre os alunos é sempre um procedimento interessante para aprofundar a reflexão em sala de aula. Convém pontuar que a estratégia da *não violência* física não exclui a possibilidade de que o movimento de resistência possua elementos de violência simbólica.

É interessante ainda, como contraponto da solução pacífica, sugerir a organização de uma **Atividade Alternativa** que consiste na criação de uma exposição fotográfica que problematize a luta armada pela libertação de alguns países africanos. O caso de Angola, a chamada “Luta de Libertação Nacional”, pode ser um exemplo interessante. Divididos em dois grupos, os alunos fariam um levantamento fotográfico, a partir de *sites* indicados em sala de aula (ver sugestões na seção *Minha Biblioteca*, na página 177) sobre a guerra de independência nessa região. Um grupo pode procurar fotografias dos angolanos lutando pela independência e o outro grupo, pesquisar imagens dos soldados portugueses contra a independência. A atividade permitirá um debate entre as visões distintas sobre a independência angolana (1975), que completou 40 anos em 2015.

No item 6, sobre **o nacionalismo e o populismo na América Latina**, convém mencionar as semelhanças e as diferenças dos diversos regimes de governo nacionalistas e populistas numa América Latina marcada pela interferência estadunidense ao longo do século XX. Uma estratégia interessante para expor o conteúdo é analisar as pinturas do **muralismo** mexicano, principalmente as de Diego Rivera, David Siqueiros e José Clemente Orozco, que não só reafirmam um nacionalismo que valoriza as matrizes indígenas dos povos latino-americanos, como dá forma e voz aos povos oprimidos do continente em face dos regimes autoritários e da

possibilidade de luta pela libertação. A seção *Olho Vivo*, na página 170, possibilita uma interessante inserção no mundo da arte a partir do engajamento político de **Diego Rivera**, que retrata a história da América marcada por diversas personagens em distintas lutas de libertação.

Nesta linha, vale lembrar que tal temática se confunde, após 1945, com a Guerra Fria e os esforços dos Estados Unidos de controlar e evitar a todo custo a influência das revoluções de cunho socialista na América Latina. Após a Revolução Cubana, em 1959, e a aproximação de Fidel Castro com a União Soviética, a diplomacia estadunidense, através da CIA, passou a apoiar direta ou indiretamente a implantação de ditaduras civis-militares em praticamente toda a América Latina. Nesse sentido, seria interessante propor, como **Atividade Alternativa**, uma oficina de análise de documentos históricos, solicitando ao aluno a identificação dos termos que indiquem as principais características da **Operação Condor**, conduzida sob o governo de Augusto Pinochet, à frente de uma operação que assassinou mais de 30 mil chilenos: “A Operação Condor, formalizada em reunião secreta realizada em Santiago do Chile no final de outubro de 1975, é o nome que foi dado à aliança entre as ditaduras instaladas nos países do Cone Sul na década de 1970 — Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, Paraguai e Uruguai — para a realização de atividades coordenadas, de forma clandestina e à margem da lei, com o objetivo de vigiar, sequestrar, torturar, assassinar e fazer desaparecer militantes políticos que faziam oposição, armada ou não, aos regimes militares da região⁵”. Nesse caso, é possível fazer indicações em sala de aula, a partir das fontes documentais existentes no site da Comissão da Verdade, de modo que os alunos possam refletir sobre os documentos e observar aspectos do ofício do historiador.

Para trabalhar as questões relativas às violações dos direitos humanos na América Latina, na Ásia e na África, vale recorrer à seção *Hora de refletir* na página 177, que propõe uma cuidadosa e necessária reflexão sobre a importância de se defender os valores democráticos contra qualquer forma de tortura física e psicológica. Numa contemporaneidade marcada pelas tecnologias digitais, os alunos poderão desenvolver vídeos que possam, por exemplo, conter depoimentos de pessoas que de alguma forma testemunharam violações aos direitos humanos e propor, a partir das entrevistas, estratégias para evitar tais práticas na sociedade civil. A ideia é compartilhar memórias e histórias a partir da exibição dos vídeos-documentários elaborados pelos alunos. Outra alternativa seria elaborar uma espécie de catálogo de expressões de insulto que aparecem nas redes sociais e debater, em sala de aula, por que os mesmos são utilizados e quais direitos eles ignoram.

DIÁLOGOS (p. 160)

Segundo o Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados (Acnur), órgão ligado à ONU, são

consideradas refugiadas as pessoas que se encontram fora do seu país devido ao “fundado temor de perseguição por motivos de raça, religião, nacionalidade, opinião política ou participação em grupos sociais, e que não possa (ou não queira) voltar para casa”. Em outras palavras, pessoas que se deslocaram forçosamente da sua região de origem para outra (no mesmo país ou para fora do país). Ainda conforme o Acnur, outras definições foram acrescentadas, ao longo das últimas décadas, ampliando a noção para indivíduos que deixaram o país graças a conflitos armados, violência generalizada, violação massiva dos direitos humanos ou ausência de oportunidades de trabalho. Segundo o órgão, até 2014, cerca de 59,5 milhões de pessoas no mundo já tinham se deslocado em função de guerras e conflitos armados. Entre 2013 e 2014, houve “um aumento de 8,3 milhões de pessoas forçadas a fugir.

Professor, um excelente material de apoio pode ser encontrado no livro *Êxodos*, do fotógrafo Sebastião Salgado (São Paulo: Companhia das Letras, 2000), que registra em fotografias os principais processos de migração forçada no final do século XX.

ORGANIZANDO AS IDEIAS (p. 164)

1. Com o fim da Segunda Guerra Mundial, as potências europeias não tinham mais condições materiais e políticas para defender a continuidade de seus territórios coloniais, por isso, diante da pressão dos Estados Unidos e da União Soviética, mas também da mobilização das populações que viviam nos territórios colonizados, teve início o processo de independência na África e na Ásia. Esse processo assumiu formas diferentes. Em algumas regiões, a independência se deu por meio da luta armada, como é o caso dos movimentos ocorridos na Tunísia, no Marrocos Francês e na Argélia. Em outros locais, a emancipação foi obtida por meio da negociação política entre os territórios coloniais e as metrópoles, como na Guiné, em 1958, na Nigéria (1960), em Serra Leoa (1961), no Quênia (1963), entre outras.
2. A guerra separatista na Nigéria, em 1967, foi resultado das lutas do povo da etnia ibo contra o regime autoritário que se formou no país após um golpe de estado. Situações como essa ocorreram em diversos países africanos após a emancipação, pois as fronteiras entre as colônias tinham sido constituídas de modo arbitrário pelos países europeus. Assim, a mesma colônia passou a abrigar etnias diferentes e tradicionalmente rivais. No processo de emancipação, as rivalidades étnicas eclodiram provocando, em algumas regiões, guerras civis violentas. Além disso, a simples independência política não poderia resolver de uma só vez os grandes problemas da África, muitos deles gerados pelo tráfico de escravos e pelo colonialismo, que levaram à desarticulação das economias tradicionais e a sua vinculação à monocultura voltada para o mercado externo.

⁵ Ver: Comissão Nacional da Verdade. Disponível em: <www.cnv.gov.br>. Acesso em: 25 abr. 2016.

3. A África do Sul surgiu sob a colonização de holandeses e ingleses. Após a independência, em 1931, a minoria branca de origem holandesa, os *africâneres* (ou bôeres), passou a exercer o domínio político sobre diversas etnias negras. Desde 1911, eles haviam aprovado um conjunto de leis restringindo os direitos da população negra, que fundou um partido, o *Congresso Nacional Africano* (CNA), para defender seus direitos. Em 1948, foi instituído formalmente o *apartheid* (separação, em africâner) – uma política segregacionista que impedia o acesso de negros à posse de terras, à participação política, a áreas ou serviços (como praias, ônibus, escolas) e proibia o casamento entre brancos e negros. Em 1960, durante um protesto pacífico, 67 negros foram massacrados pela polícia. O CNA foi declarado ilegal e seu líder, Nelson Mandela, preso e condenado à prisão perpétua. Na década de 1970, a mobilização da comunidade internacional contra o regime segregacionista começou a fazer efeito: o país foi expulso da Comunidade Britânica, submetido a sanções políticas e econômicas pela ONU e os atletas sul-africanos foram impedidos de participar de competições internacionais. Em 1990, sob forte pressão externa e interna, o presidente Frederik de Klerk libertou Mandela e legalizou o CNA. Aos poucos, o novo governo revogou as leis do *apartheid*. Em 1994, com o fim da segregação, Nelson Mandela foi eleito presidente da África do Sul.
4. A luta pela independência da Índia foi liderada por Mahatma Gandhi, que utilizou estratégias de não violência para se opor ao domínio britânico. O início desta luta ocorreu em 1919, quando uma greve geral mobilizou milhões de pessoas contra a dominação inglesa. Depois da Segunda Guerra Mundial, a pressão popular e a crise econômica levaram muitos ingleses a defender a emancipação indiana, obtida em 1947. A região foi dividida inicialmente em dois países, a Índia, de maioria hindu, e o Paquistão, de população muçulmana. A parte oriental do Paquistão, em 1971, por sua vez, daria origem a um novo país, o atual Bangladesh.

INTERPRETANDO DOCUMENTOS: TEXTO (p. 164)

- a) Ele destaca como a Segunda Guerra Mundial afetou a vida dos quenianos, que foram obrigados a participar do conflito pelos ingleses e a abrigar prisioneiros italianos em seu território. Outro ponto que ele destaca é a luta contra o colonialismo, que também afetou diretamente a vida e o cotidiano dos quenianos. Finalmente, ele também aborda a questão dos regimes formados após a independência do país, que adotaram medidas violentas para reprimir e controlar a população queniana.
- b) Segundo ele, os escritores ajudaram a dar voz à luta contra o colonialismo e a criar uma nova África, defendendo a autonomia e a liberdade do continente. Além disso, ele defende o papel das línguas nativas nesse processo, já que os escritores passaram a abandonar as línguas

européias, como o inglês, e a adotar idiomas nativos, como o gikuyu, de modo a reforçar os vínculos de suas produções com as culturas africanas e potencializar esse processo de construção de uma identidade da nova África.

- c) O escritor não tem uma visão completamente positiva do Quênia no presente. Ele entende que o processo de independência política não significou a liberdade econômica da região, já que os recursos africanos ainda são controlados por corporações estrangeiras. Além disso, os governos do país tomaram medidas violentas contra a população. Assim, ainda que ele afirme que o país se encontra em uma posição melhor no presente, a insegurança continua e a economia ainda não se encontra suficientemente estável para garantir o desenvolvimento social do país.

SUA OPINIÃO (p. 172)

Resposta pessoal. A atividade tem por objetivo levar o aluno a refletir sobre formas camufladas de preconceito existentes em nossa sociedade. São exemplos dessas práticas o uso de expressões racistas no linguajar, a desconfiança que algumas pessoas apresentam em relação aos negros, as dificuldades dos negros em ascender profissionalmente, etc.

É possível ao aluno até mesmo discordar da existência do racismo camuflado no âmbito da comunidade em que ele próprio vive. É importante ressaltar que já existe legislação penal sobre o assunto e que mudar a mentalidade é um processo complicado e lento. Políticas de ação afirmativa podem ser parte da solução, mas dependendo da região do país e dos valores da comunidade, podem ser também contraproducentes.

ESQUEMA-RESUMO (p. 173)

A África, a Ásia e a América Latina passaram por intensas transformações ao longo do século XX. Movimentos que lutavam contra as práticas colonialistas começaram a ganhar força em regiões da África e da Ásia no início desse século e se fortaleceram ainda mais ao final da Segunda Guerra Mundial. Tais movimentos assumiram duas características: a pacífica e a armada. Na África, conseguiram promover a independência de diversas colônias, originando novos países. Porém, muitos desses países foram afetados por graves problemas sociais, decorrentes da colonização, especialmente no que diz respeito à existência de etnias e grupos rivais em um mesmo território devido à Partilha da África feita pelos europeus, que contribuíram para a eclosão de guerras civis e golpes militares. Além disso, na África do Sul, após a independência, teve início um duro regime de exclusão social da população negra conhecido como *apartheid*. Este só chegou ao fim em 1994, depois de muita luta e da pressão internacional. Na Ásia, as diversas colônias também passaram por processos de independência. Entre elas, destaca-se o caso indiano, onde a independência foi alcançada por meio da desobediência civil e não violenta, influenciando

outros movimentos políticos ao longo do século XX. O resultado da independência indiana foi a divisão da região em dois países: o Paquistão e a Índia. A América Latina, no início do século XX, foi marcada pelo surgimento de movimentos nacionalistas e populistas. Tais movimentos conseguiram promover mudanças políticas na região, com a formação de governos que criticavam os poderes das antigas oligarquias, e deram início ao processo de industrialização das economias latino-americanas. Após a Segunda Guerra Mundial, os governos latino-americanos, por influência dos Estados Unidos, passaram a adotar políticas de combate ao comunismo. Essas políticas acabaram resultando em golpes militares em diversos países, que adotaram medidas autoritárias e violentas para controlar a população e as economias dos países da região.

ORGANIZANDO AS IDEIAS (p. 174)

1. A onda nacionalista experimentada na América Latina a partir do início do século XX atingiu diversas classes sociais e teve início no México, com a Revolução de 1910. De lá, repercutiu para outros países do continente. Um traço marcante desta onda era a rejeição às influências estrangeiras e a defesa da cultura e da arte latino-americanas (pintura, dança, música, culinária, literatura, etc.). Os nacionalistas também celebravam a mestiçagem entre brancos, negros e índios que deu origem à população latino-americana. No caso do México, a tradição dos povos asteca, a história nacional e a cultura popular foram as fontes de inspiração para diversos artistas. No Brasil, na segunda metade dos anos 1920, muitos modernistas começaram a exaltar as raízes nacionais e os tipos formadores da nossa nacionalidade, principalmente, o negro e o indígena. Tempos depois, o Carnaval e a música popular também foram incorporados oficialmente como símbolos nacionais pelo governo Vargas.
2. O populismo se instaurou em muitos países da América Latina como produto de certas relações sociais e políticas, nas quais as práticas baseadas em preceitos democráticos foram substituídas por relações pessoais entre a população, ou setores dela, e um líder político que agia supostamente em nome do povo. O contexto político para esse fenômeno surgiu nos anos 1930: em decorrência da crise econômica de 1929, provocada pela queda da Bolsa de Nova York, aumentaram as desigualdades sociais e a instabilidade política, contribuindo para o surgimento de líderes populistas. Entre seus principais representantes podemos citar Lázaro Cárdenas, no México, Getúlio Vargas, no Brasil, José Maria Velasco Ibarra, no Equador, Jacobo Arbens, na Guatemala, e Juan Domingo Perón, na Argentina. Os governantes populistas costumavam dizer que estavam no poder para defender o “povo”. Este era tratado como um aglomerado homogêneo de pessoas, como se não houvesse divisões de classe ou grupos distintos. Utilizando uma linguagem nacionalista facilmente entendida pelo povo e marcada por críticas ao imperialismo e às oligarquias dominantes, os governantes populistas dirigiam-se diretamente à população, sem depender da mediação de partidos e instituições políticas consolidadas.
3. Com a quebra da Bolsa de Nova York, em 1929, as exportações latino-americanas (produtos agropecuários e minérios, basicamente) caíram drasticamente, e os artigos manufaturados tornaram-se inacessíveis. Como forma de suprir a ausência destes produtos, alguns governos latino-americanos, como os do Brasil, do México, da Argentina e do Chile, adotaram políticas de estímulo à expansão da atividade industrial (política econômica conhecida como “substituição de importações”). Isso se manifestou por meio de investimentos diretos do governo ou de incentivos à iniciativa privada. Em tais países surgiram siderúrgicas, hidrelétricas, indústrias de bens duráveis, que promoveram mudanças importantes no perfil econômico dessas nações. Os países que investiram na industrialização distanciaram-se economicamente de nações como o Haiti, Honduras ou o Equador, que continuaram com suas economias atreladas à exportação de produtos agrícolas.
4. Com o início da Guerra Fria, o governo dos Estados Unidos passou a pressionar as lideranças latino-americanas no sentido de engajá-las no combate ao comunismo. A criação da Organização dos Estados Americanos (OEA), em 1948, foi um dos resultados dessa política. Entre seus objetivos estava o de garantir a segurança do continente diante da ameaça de subversão comunista. Nesse contexto, o governo estadunidense apoiou várias ditaduras de direita no continente, como as de Rafael Trujillo, na República Dominicana, e a de Fulgêncio Batista, em Cuba. Durante o governo de John Kennedy, foi criada a Aliança para o Progresso, programa que visava promover reformas sociais no continente, com o intuito de enfraquecer a influência dos movimentos de esquerda na região. Na década de 1960, o governo estadunidense também apoiou direta e indiretamente diversas ditaduras militares de direita que se estabeleceram em países como o Brasil, a Argentina e o Uruguai e o Chile.
5. As ditaduras militares na América Latina começaram a surgir na década de 1960 em meio a crises econômicas e à luta contra o comunismo incentivada pelos Estados Unidos no contexto da Guerra Fria. Os primeiros golpes militares ocorreram no Brasil e na Bolívia, em 1964, seguidos da Argentina, em 1966, do Peru, em 1968, do Panamá, em 1968, do Uruguai e do Chile, ambos em 1973. De modo geral, eram governos autoritários e violentos que perseguiram, prendiam, torturavam e muitas vezes assassinavam as pessoas consideradas ameaças ao regime, como intelectuais, artistas, estudantes, políticos, jornalistas, etc. As ditaduras militares na América Latina foram marcadas pela forte censura aos meios de comunicação, pela repressão aos movimentos sociais contrários ao regime e pela constante violação dos direitos humanos.

6. Os militares tentaram promover a recuperação econômica de seus países. Em alguns casos, como no Brasil, essa preocupação levou à intervenção do Estado na economia, o que promoveu altas taxas de crescimento econômico. Foi a época do chamado “milagre econômico”. No longo prazo, porém, as políticas adotadas pelos militares geraram graves crises econômicas e o aumento das desigualdades sociais. A recessão que se seguiu abalou as ditaduras e, entre 1979 e 1990, treze países retornaram ao regime democrático, entre eles, Brasil, Argentina, Chile, Uruguai, Guatemala e Bolívia.

INTERPRETANDO DOCUMENTOS: IMAGEM (p. 174)

- a) O mural combina representações de diferentes tradições sociais. Na extremidade esquerda, por exemplo, é possível observar povos indígenas que viviam na América antes da chegada dos europeus trabalhando e produzindo diferentes objetos. Na segunda parte do mural, ainda ao lado esquerdo, pode-se observar a representação de colonos europeus. O centro do painel representa a mistura das tradições nativas com o avanço tecnológico, sendo possível observar a presença de uma máquina moderna, mas também de povos indígenas. Além disso, o painel dá destaque para a representação da artista mexicana Frida Kahlo, reforçando a ideia da cultura americana como uma síntese de diferentes culturas. A parte direita do mural retoma os mesmos elementos e reforça a ideia de que a América é o resultado da combinação de diferentes culturas, povos e tradições. Com base nisso, Rivera constrói um painel que combina tradição e modernidade como a base para o desenvolvimento do continente americano.
- b) A proposta da atividade é fazer com que os alunos aprofundem a temática do muralismo e identifiquem os principais elementos dessa manifestação artística que se desenvolveu no México no início do século XX. Para a realização dessa atividade, é possível propor um trabalho interdisciplinar envolvendo História e Arte, de modo a identificar a importância do muralismo para o desenvolvimento de novas formas de expressão artística no século XX, bem como da arte latino-americana. Caso julgue oportuno, é possível apresentar o mural em um espaço público da escola, de modo a destacar a importância desse movimento e propor reflexões sobre as artes latino-americanas.

TESTE SEU CONHECIMENTO (p. 175)

1. D 2. E 3. B
4. Apenas as afirmativas I e IV são verdadeiras; assim, a alternativa correta é a letra D. O erro da segunda afirmativa é indicar que Angola era uma colônia inglesa, quando na realidade era uma colônia

portuguesa. O erro da terceira afirmativa é indicar que a luta armada não foi utilizada como forma de conquistar a independência das colônias africanas. Isso ocorreu em diversos territórios coloniais, como Angola ou Argélia, entre outros.

5. Todas as afirmativas são verdadeiras; assim, a alternativa correta é a letra E.

HORA DE REFLETIR (p. 177)

O objetivo da atividade proposta é fazer com que o aluno reflita a respeito da violência institucional no país e da confiança da população na ação da polícia militar. O ponto de partida é um relatório de 2004 da Anistia Internacional, segundo o qual a tortura é amplamente praticada pelos “agentes da lei” nas delegacias de polícia do Brasil. Entre os diversos fatores que contribuem para a perpetuação dessa prática estão a impunidade aos torturadores e o corporativismo entre as classes de profissionais envolvidos. Uma das consequências dessa situação é o descrédito da população em relação à polícia. Uma pesquisa divulgada pela Escola de Direito de São Paulo da Fundação Getúlio Vargas (FGV) revela que quase 70% da população brasileira não confia na ação da polícia militar. Com base nisso, é possível discutir que a violência policial, o abuso de poder e as práticas de tortura realizadas por agentes de instituições públicas impedem o pleno exercício da democracia. Além disso, é importante que os alunos reflitam e elaborem hipóteses para entender a continuidade dessas práticas, que podem ser relacionadas com o passado autoritário do Brasil, especialmente o período do regime militar no país. Professor, você pode encontrar excelentes subsídios para este debate no site do Observatório das Violências Policiais (disponível em: <www.ovp-sp.org>, acesso em: 25 abr. 2016), que analisa sistematicamente as práticas da polícia (militar e civil) do estado de São Paulo. Para a elaboração dos vídeos, os alunos podem utilizar recursos muito simples, como as câmeras de celulares, de modo a organizar suas ideias e apresentar as informações debatidas durante a realização da atividade. Caso julgue conveniente, os vídeos poderão ser exibidos em sala de aula, criando um espaço para discussão coletiva das ideias produzidas na atividade.

■ Texto complementar

Uma forma interessante de apreender o sentido histórico da violência e dos oprimidos na América Latina é pela leitura da obra *As veias abertas da América Latina*, do escritor uruguaio Eduardo Galeano. Reproduzimos a seguir um trecho desse livro.

É a América Latina, a região das veias abertas. Do descobrimento aos nossos dias, tudo sempre se transformou em capital europeu ou, mais tarde, norte-americano, e como tal se acumulou e se acumula nos distantes centros do poder. Tudo: a terra, seus frutos e suas profundezas ricas em minerais, os homens e sua capacidade de trabalho e de consumo, os recursos naturais e os recursos humanos. O modo de produção

e a estrutura de classes de cada lugar foram sucessivamente determinados, do exterior, por sua incorporação à engrenagem universal do capitalismo. Para cada um se atribuiu uma função, sempre em benefício do desenvolvimento da metrópole estrangeira do momento, e se tornou infinita a cadeia de sucessivas dependências, que têm muito mais do que dois elos e que, por certo, também compreende, dentro da América Latina, a opressão de países pequenos pelos maiores seus vizinhos, e fronteiras adentro de cada país, a exploração de suas fontes internas de viveres e mão de obra pelas grandes cidades e portos (há quatro séculos já haviam nascido dezesseis das 20 cidades latino-americanas atualmente mais populosas). Para os que concebem a História como uma contenda, o atraso e a miséria da América Latina não são outra coisa senão o resultado de seu fracasso. Perdemos; outros ganharam. Mas aqueles que ganharam só puderam ganhar porque perdemos: a história do subdesenvolvimento da América Latina íntegra, como já foi dito, a história do desenvolvimento do capitalismo mundial.

GALEANO, Eduardo. *As veias abertas da América Latina*. Porto Alegre: L&PM, 2010. p. 18.

Sugestões de livros

BITTENCOURT, Marcelo. *Dos jornais às armas*. Trajectórias da contestação angolana. Lisboa: Vega Editora, 1999.

- O autor discute o papel dos intelectuais angolanos no processo de independência de Angola.

LÖWY, Michel. *Walter Benjamin: aviso de incêndio*, uma leitura das teses “Sobre o conceito de História”. São Paulo: Boitempo, 2005.

- Estudioso da obra de Walter Benjamin, Michael Löwy analisa as teses sobre o conceito de História. Para Löwy, Benjamin conseguiu articular arte, política e teologia, criando uma nova visão da História.

ODÁLIA, Nilo. *O que é violência?* São Paulo: Brasiliense, 1983.

- O autor discute as diversas formas de violência que marcaram as sociedades humanas.

Sugestão de filme

Infância roubada (Gavin Hood, 2006).

- O filme narra os dramas de um jovem negro, líder de uma gangue de assaltantes e assassinos num bairro segregado de Johannesburgo na década de 1950. A narrativa põe em evidência os horrores do *apartheid*.

Sugestões de sites

Angola: nos trilhos da independência. Disponível em: <www.projectotrilhos.com>. Acesso em: 25 abr. 2016.

- Site que reúne testemunhos, memórias e histórias do movimento nacionalista que libertou Angola do domínio português.

Biblioteca Virtual de Direitos Humanos – USP. Disponível em: <www.direitoshumanos.usp.br>. Acesso em: 25 abr. 2016.

- O site, organizado pela Comissão de Direitos Humanos da Universidade de São Paulo, reúne documentos sobre a história dos direitos humanos ao longo da História contemporânea.

Comissão Nacional da Verdade. Disponível em: <www.cnv.gov.br>. Acesso em: 25 abr. 2016.

- Site do Governo Federal voltado às investigações sobre as ditaduras militares brasileiras e os mortos e desaparecidos políticos no período.

CAPÍTULO 9

Da renúncia de Vargas às Diretas Já!

Procedimentos pedagógicos

O capítulo 9 apresenta e discute as principais contradições que marcaram a instável república brasileira a partir de meados do século XX.

Para iniciar o capítulo, recomenda-se a retomada da conjuntura internacional: a Guerra Fria. Uma vez inserido nesse quadro, o governo Dutra (1945-1950) buscou se apoiar nas políticas liberais e coibir a livre atuação de partidos de esquerda. Uma maneira alternativa e divertida para despertar o interesse dos alunos é usar o humor ácido do Barão de Itararé, pseudônimo irreverente do jornalista gaúcho Aparício Torelly (1895-1971), que criou diversas frases de efeito sobre os políticos brasileiros.

O Barão de Itararé representa a síntese bem-humorada das tragédias sociais brasileiras. Alguns de seus textos e frases podem ser encontrados no jornal *A manha*, digitalizado e disponível na Hemeroteca Digital Brasileira da Biblioteca Nacional, indicada na seção *Sugestões de sites*, ao final das orientações deste capítulo. Convém explorar algumas frases de efeito que Aparício Torelly cunhou contra os desmandos dos políticos e ditadores. Assim, uma sugestão de **Atividade Alternativa** é levar os alunos para o laboratório de informática da escola e orientá-los a entrar no site da Hemeroteca Digital Brasileira e fazer a busca pelos termos: “Barão de Itararé”, “A manha” e “Aparício Torelly”. Seria interessante organizar três grupos e ao final da pesquisa, elaborar um quadro ou tabela com as frases que eventualmente sejam críticas à classe política e ao autoritarismo dos governos.

Sobre o segundo governo de Getúlio Vargas (1951-1954), cabe explorar sua herança trabalhista numa conjuntura internacional refratária às políticas nacionalistas voltadas aos trabalhadores e contrária às ideias comunistas. Uma estratégia interessante é abordar os ataques realizados por Carlos Lacerda (UDN), através do jornal *A Tribuna da Imprensa*, contra o governo e especificamente contra Getúlio Vargas. É importante ressaltar, com isso, que o suicídio de Vargas em agosto de 1954 não foi só resultado das pressões de um golpe midiático e militar, mas também deu significativo alento à continuidade democrática representada pela vitória de Juscelino Kubitschek (1956-1960) nas eleições seguintes. O governo JK, com o Plano de Metas (os 50 anos em 5), inaugura uma era de euforia conhecida como os **anos dourados**, marcado pelo desenvolvimento industrial, artístico e cultural do país, com a intensa produção de sambas-canções e de um novo estilo musical, chamado de **bossa nova** (ver boxe da página 183). Além disso, o modernismo na Arquitetura (vide a construção de Brasília e as curvas

da arquitetura de Oscar Niemeyer) e o **Cinema Novo** de Glauber Rocha promoveram inovações estéticas importantes. Para incentivar os alunos a conhecerem a produção cultural desse período da história do Brasil seria interessante organizar um sarau que contemple as famosas canções da bossa nova e/ou uma exibição dos críticos filmes do Cinema Novo, seguidos de um debate com a turma. Uma vez diante de uma atividade mais complexa e que exige mais tempo e dedicação, recomenda-se um “sarau histórico” como uma **Atividade Alternativa**, que eventualmente poderá se apresentar para toda a comunidade escolar. A ideia é organizar a turma em grupos: um que lidere a organização da atividade e outro que possa tocar/manejar os instrumentos musicais e cantar.

É importante observar também que, paralelamente aos acontecimentos políticos, sociais e culturais mais conhecidos, desde a década de 1940 lideranças negras, por meio do Teatro Experimental do Negro (ver seção *Passado presente* na página 180), reivindicavam uma Constituição que contemplasse o racismo como crime. Convém evidenciar que a luta contra a discriminação racial e étnica não é novidade do século XXI, as mesmas são de longa data e mostram a permanência do racismo na sociedade brasileira.

Sobre os movimentos sociais, os mesmos ansiavam por reformas necessárias. As **Ligas Camponesas**, descritas no box da página 184, reivindicavam a tão aguardada reforma agrária. Nas cidades, as classes trabalhadoras e parte da classe média que tinha acesso às universidades e aos bens de consumo do capitalismo tardio brasileiro exigiam reformas mais profundas. Com a renúncia de Jânio Quadros (1961), o vice-presidente João Goulart herdou a polarização política entre conservadores e progressistas e, uma vez diante das pressões internacionais da Guerra Fria, foi deposto pelo golpe civil-militar de 1964. Sobre esse aspecto, é importante ressaltar que o golpe foi amparado por setores conservadores da classe média, da Igreja Católica, dos grandes proprietários de terra e de parte do empresariado brasileiro. Os discursos a favor e contra a deposição de Jango podem ser analisados em sala de aula a partir das capas e de editoriais dos jornais da época, indicando quais setores sociais reivindicavam as **reformas de base** e quais eram contra o que na época se chamava de ameaça de “cubanização do Brasil” ou do “perigo comunista”.

Finalmente, o período que vai de 1964 a 1985 é marcado pelo governo de cinco presidentes militares indicados pelas forças armadas. Período ainda controverso na memória recente da sociedade brasileira. Vale começar o tema com uma necessária reflexão sobre o que o historiador Eric Hobsbawm chamou de “a terra de ninguém entre a história e a memória”, uma vez que boa parte da geração nascida nos anos que precederam o golpe representa ainda hoje significativa parcela da população brasileira em plena atividade nos mais diversos setores sociais. Significa dizer que a fronteira entre a história vivida (os acontecimentos) e a história como interpretação do historiador é sempre muito frágil, porque, nesse caso da ditadura militar brasileira, são acontecimentos absolutamente recentes que ainda envolvem memórias enraizadas na experiência de

vida de cada um. Nesse sentido, abordar as polêmicas da ditadura civil-militar passa por uma defesa intransigente dos direitos humanos, reforçando que não há justificativa alguma que autorize o uso da força bruta e da barbárie da tortura, exercida pelo Estado, contra a sociedade civil.

A respeito das resistências contra a ditadura, o cinema é sempre uma alternativa válida para discutir a atuação de diversos grupos que lutaram pelas liberdades democráticas. A seção *Sugestões de filmes*, ao final das orientações deste capítulo, elenca alguns filmes fundamentais que reconstituem os dramas e as violências do período. A essa altura, vale retomar a influência dos Estados Unidos na ditadura militar brasileira a partir da Operação *Brother Sam*, analisada recentemente pelo historiador Carlos Fico (ver indicação bibliográfica ao final dessas orientações). Quanto aos documentos “secrets”, hoje parcialmente desclassificados, é possível encontrá-los no site da **Comissão Nacional da Verdade (CNV)**, também indicado na bibliografia, criada pela Lei 12528/2011, instituída em 16 de maio de 2012 e encerrada em 2014. Como resultado, a Comissão elaborou um extenso relatório, que pode ser encontrado no próprio site, sobre os órgãos e agentes do Estado responsáveis pelos crimes de tortura e assassinato durante a ditadura militar, os perfis dos desaparecidos políticos, os métodos e as práticas de tortura, bem como as atividades desenvolvidas pela comissão. Sobre o tema, é interessante discutir a seção *Passado presente*, na página 192, que trata dos mortos e desaparecidos políticos durante a ditadura militar brasileira. Para aprofundar o tema, sugere-se, como **Atividade Alternativa**, uma oficina de pesquisa sobre o relatório final da Comissão Nacional da Verdade. O objetivo é organizar a turma em três grupos, que deverão ficar responsáveis por estudar um dos três volumes do relatório final.

Além de evidenciar os horrores da tortura com filmes e fontes primárias, na seção *Hora de refletir*, na página 201, há uma boa oportunidade para questionar o significado histórico do golpe de 1964, uma vez que ainda somos herdeiros dos problemas criados pela ditadura. Vale a pena expor que, a despeito de problemas governamentais de qualquer ordem, devemos nos comprometer com a defesa das liberdades democráticas e do respeito aos direitos humanos. Pode-se sugerir um debate ou uma dramatização na qual os alunos possam expor ambos os lados da moeda.

Outra forma de estudar a repressão promovida pelo Estado brasileiro no período é analisar as músicas e os jornais da época que foram censurados. A partir do box *Um país amordaçado*, na página 190, é possível selecionar algumas canções e publicações indicadas e pedir aos alunos que as encontrem na internet. Com os documentos em mãos, os alunos podem analisar de que forma os artistas e jornalistas “driblaram” a censura para ter suas obras divulgadas. Nesse trabalho, é importante identificar os termos e as metáforas que indicam alguma crítica ao regime militar. Para fechar a atividade, os alunos podem se colocar no lugar dessas pessoas e produzir uma canção, uma reportagem, um poema, etc. sobre algum acontecimento da ditadura militar brasileira, lembrando-se sempre de utilizar metáforas

para se referir aos governos militares e às práticas de tortura, por exemplo. O resultado do trabalho deve ser apresentado para o restante da classe ou, se possível, para toda a comunidade escolar.

Apartir do tema da “abertura lenta, gradual e segura”, convém questionar a ideia de que o governo Geisel (1974-1979) tenha sido, desde o início, o governo da abertura política. Isso porque houve a continuidade da repressão, numa clara demonstração de que a tortura e o assassinato não foram meros excessos de algumas autoridades, mas a linha mestra do sistema repressivo, conforme interpretação do historiador Marcos Napolitano, em bibliografia indicada. Exemplos dessa situação foram as circunstâncias das mortes do metalúrgico Manuel Fiel Filho e do jornalista Vladimir Herzog. Para trabalhar o assunto com os alunos, pode-se recorrer às fotografias do assassinato de Vladimir Herzog, disponíveis no site do **Instituto Vladimir Herzog**, e analisar os elementos que configuram a montagem do suposto suicídio. Herzog, após sofrer bárbaro espancamento pelos agentes do DOI-Codi, morreu nos porões da ditadura. Os agentes anunciaram oficialmente que ele havia cometido suicídio e forjaram a cena de maneira atabalhoada: com uma tira de pano, amarraram o corpo pelo pescoço à grade de uma janela e convocaram um perito do Instituto Médico Legal para fotografar a “prova” de que o preso dera fim à própria vida, em um surto de enlouquecido arrependimento por ter escrito uma confissão que aparecia rasgada, no chão.

Sobre a **Lei da Anistia**, é importante fazer uma discussão sobre o fato dessa lei ter perdoado os torturadores. Pergunte aos alunos se eles acham que essa lei deve ser revista e que os agentes repressores do Estado na época devem ser julgados e punidos. É importante os alunos terem em mente que o Brasil é signatário de documentos internacionais que classificam os crimes de tortura como imprescritíveis. Além disso, o relatório final da Comissão Nacional da Verdade apontou os responsáveis pelos crimes de tortura e assassinato no período da ditadura militar no país. Mesmo assim, eles não foram punidos, diferentemente do que ocorreu em outros países, como a Argentina. Esse tema é muito polêmico e envolve interesses políticos e ideológicos.

Feito isso, é importante os alunos entenderem o significado histórico da ascensão dos metalúrgicos do ABC, dos intelectuais, dos artistas e de setores da classe média e da Igreja católica, que constituíram as bases do movimento das **Diretas Já!**. Documentários e vídeos, indicados na seção *Sugestões de filmes*, ao final destas orientações, evidenciam os anseios pela redemocratização. Mais uma vez, sugere-se uma “mostra” com os discursos feitos pelos participantes das Diretas Já. Uma opção interessante pode ser o documentário *30 anos de democracia: Diretas Já*, produzido pela Univesp TV. O filme apresenta uma série de documentos (jornais, vídeos e fotografias) sobre o tema e os rumos do Brasil após a ditadura militar.

Todavia, há que se ressaltar o caráter conservador da abertura, que não passou pelo voto popular, mas sim pela escolha parlamentar do candidato Tancredo Neves. Com a morte de Tancredo, José Sarney (vice) assumiu a presidência do país.

Na seção *Fechando a unidade*, na página 202, uma série de documentos auxilia o aluno na interpretação das várias formas de violência que permearam a África, a Ásia e a América Latina. De fato, as histórias dos respectivos continentes apontam que a violência não se dá apenas no âmbito do monopólio estatal, como nos lembra o sociólogo britânico Anthony Giddens. As próprias relações sociais de regiões historicamente marcadas pelo genocídio e pela exclusão de diversos grupos são pautadas pela violência física e simbólica que se propaga na vida cotidiana. Cumpre, portanto, continuar na defesa dos direitos humanos e no constante aperfeiçoamento da democracia.

DE OLHO NO MUNDO (p. 184)

A violência no campo é um tema de relevância nacional que tem chamado a atenção de autoridades brasileiras, movimentos sociais e organismos internacionais.

Professor, você pode orientar os alunos a montarem um único painel cronológico com os dados obtidos pela pesquisa. É importante, no entanto, que eles compreendam que a violência no campo constitui um empecilho estrutural (ou seja, que não é passageiro nem ocasional) para a ampliação da democracia no Brasil. Para isso, eles precisam identificar não apenas o acontecimento (um conflito, um assassinato ou mesmo um massacre), mas suas consequências: a existência ou não de investigação, os processos criminais, os julgamentos e, por fim, a condenação dos culpados e o cumprimento da pena, se tiver havido. Os endereços eletrônicos a seguir podem ser um ponto de partida para aprofundar a reflexão com a classe ou mesmo para estabelecer os dados da pesquisa: Comissão Pastoral da Terra-CPT (<www.cptnacional.org.br>), Rede Pesquisa e Ação sobre a Terra (<www.acaoterra.org/?lang=pt_br&debut_article_langue=30>), Centro de Mídia Independente (<<http://prod.midiaindependente.org>>). Acessos em: 26 abr. 2016.

ORGANIZANDO AS IDEIAS (p. 186)

1. Com o fim da ditadura do Estado Novo, surgiram pelo menos três novos partidos com forças significativas. A UDN (União Democrática Nacional), que se organizou como oposição à herança varguista, defendia os princípios liberais e expressava os interesses dos grandes proprietários de terra e da indústria aliada ao capital estrangeiro. O PSD (Partido Social Democrático) era formado por remanescentes do Estado Novo, como ex-interventores estaduais e controladores das máquinas político-administrativas do antigo regime. Designava-se como um partido de centro. O PTB (Partido Trabalhista Brasileiro) mostrava-se um pouco mais à esquerda no espectro político brasileiro e surgiu valendo-se do apoio da estrutura sindical montada durante o governo Vargas. O partido procurava atrair as camadas populares dos grandes centros urbanos satisfeitas com a obra social e trabalhista do Estado Novo. Outra força política existente na

época era o Partido Comunista Brasileiro (PCB), que em 1947 foi considerado ilegal, tendo seus mandatos parlamentares no Congresso cassados. A Constituição de 1946 garantiu o direito de greve e assegurou às mulheres o direito de voto, mas manteve a restrição aos analfabetos, que compunham quase a metade da população brasileira.

2. JK assumiu a presidência tendo como mote de campanha o *slogan* “50 anos em 5”, ou seja, ele pretendia realizar em cinco anos de governo aquilo que outros presidentes levariam 50 anos para concretizar. Para tanto, ele se apoiava no chamado Plano de Metas, que previa a aplicação de vultosos recursos nas áreas de energia, transporte, indústria de base, educação e alimentação. Na verdade, apenas os três primeiros setores receberam a maior parte dos investimentos. Como resultado, em pouco tempo foram construídas usinas hidrelétricas e siderúrgicas e implantadas as indústrias automobilística e de construção naval. A maior parte dessas obras foi realizada no Sudeste. O resultado desse programa foi o aumento da produção industrial: entre 1957 e 1961, o PIB brasileiro cresceu a uma média de 7% ao ano. Com maior poder aquisitivo, a classe média saiu às compras, aquecendo a economia brasileira. Entretanto, a construção de Brasília, no Planalto Central, contribuiu para o aumento da dívida externa brasileira e gerou déficit nas contas públicas. Para cobrir esse *déficit*, o governo passou a emitir papel-moeda em grande quantidade, aumentando a inflação: em 1959, o custo de vida no país aumentou quase 40%. A expressão “anos dourados” refere-se, em princípio, a esse aumento do poder aquisitivo das classes médias e à ampliação do consumo de novos produtos. Essa prosperidade e o otimismo refletiram-se também no campo cultural. A construção de Brasília consolidou a base da arquitetura moderna; a bossa nova revolucionou a música da época misturando influências do samba e do jazz. O Cinema Novo exibiu as grandes contradições sociais do país, enquanto o teatro foi transformado pelas experiências de companhias como o Teatro Brasileiro de Comédia (TBC), o Teatro de Arena, o Teatro Oficina e o Teatro Experimental do Negro. Na mesma época, a televisão começou a popularizar-se no Brasil, e algumas emissoras foram criadas nas grandes cidades. Na literatura, *Grande sertão: veredas*, obra-prima de Guimarães Rosa, provocou grande impacto em 1956. Até no campo esportivo, os êxitos da seleção brasileira na Copa de 1958, na Suécia, e em 1962, no Chile, e a conquista do título mundial de boxe por Éder Jofre contribuíram para aumentar o clima de otimismo.
3. O presidente Jânio Quadros renunciou sete meses depois de assumir o cargo, dando início a uma grave crise política. A Constituição definia que o vice-presidente, João Goulart, deveria assumir o cargo. Porém, ele era visto por muitos como defensor do comunismo. Por isso, os parlamentares da UDN,

o alto comando das Forças Armadas e os grupos conservadores se opunham à sua posse. De outro lado, no Exército, grupos ligados ao governador do Rio Grande do Sul, Leonel Brizola, do PTB, ameaçavam resistir caso João Goulart fosse impedido de assumir a presidência. O país esteve à beira de uma guerra civil. Para solucionar a crise institucional e política, o Congresso Nacional aprovou uma emenda à Constituição para instaurar o parlamentarismo no Brasil. Desse modo, João Goulart seria empossado na presidência, mas com poderes limitados, uma vez que as funções de chefe de governo ficariam nas mãos do primeiro-ministro. O parlamentarismo vigorou entre setembro de 1961 e janeiro de 1963, quando um plebiscito definiu o retorno do país ao regime presidencialista. Ao assumir a presidência em janeiro de 1963, João Goulart apresentou um programa de governo pautado no combate à inflação, nas reformas sociais e na retomada do crescimento econômico e industrial brasileiro. Para efetivar esse plano, ele colocou em prática as chamadas reformas de base. Entre as principais medidas defendidas por João Goulart estavam a reforma agrária, o direito de voto aos analfabetos e aos militares de baixa patente, a nacionalização das empresas concessionárias de serviços públicos e o imposto progressivo (quanto maior a renda, mais alta a alíquota do imposto). Os setores conservadores acreditavam que Jango queria implantar o comunismo no Brasil com essas medidas, criando um clima de tensão. Em 13 de março de 1964, um grande comício na estação Central do Brasil, no Rio de Janeiro, em apoio às reformas de base, contou com 150 mil pessoas. No ato, Jango assinou decretos nacionalizando as refinarias de petróleo e anunciou a desapropriação de terras ao longo das ferrovias federais como medida política da reforma agrária. Em resposta, seis dias depois, a oposição levou à rua cerca de 500 mil pessoas numa passeata em São Paulo, conhecida como Marcha da Família com Deus pela Liberdade. Sob a liderança de empresários, representantes das classes médias urbanas e setores do clero, os manifestantes denunciavam o “comunismo” de João Goulart. Essa passeata representou o apoio político e social necessário para derrubar o presidente. Em 31 de março de 1964, o chefe do estado-maior do Exército, general Castelo Branco, com o apoio do governo estadunidense, de lideranças udenistas, dos meios de comunicação, de empresários e de amplos setores das classes médias conduziu um golpe militar que destituiu Jango do poder.

INTERPRETANDO DOCUMENTOS: IMAGEM (p. 187)

- a) Na fotografia, é possível observar a presença de seis pessoas do elenco da peça, entre homens e mulheres. As idades são variadas e o que há de comum no elenco é que os atores e atrizes são afrodescendentes. Pode-se formular a hipótese

de que os atores são todos negros pelo fato do grupo discutir a questão racial no Brasil e chamar atenção para os problemas do preconceito, além de resgatar valores humanos e culturais da população afrodescendente.

- b) O Teatro Experimental do Negro foi fundado em 1944 com a proposta de resgatar e afirmar os valores humanos e culturais dos afrodescendentes no Brasil por meio da arte, da educação e de outras iniciativas culturais. Durante a elaboração da Constituição de 1946, lideranças do TEN elaboraram um documento pedindo aos parlamentares que aprovassem uma lei que considerasse o racismo crime de lesa-pátria. Embora a lei não tenha sido aprovada, a mobilização do TEN levou à aprovação da Lei Afonso Arinos, em 1951, que tipificava o racismo como contravenção penal. O TEN também organizava palestras e promovia aulas de alfabetização para os negros no Brasil. Além disso, estimulou a produção artística, ao montar peças de teatro com atores negros. Apenas com a Constituição de 1988, o racismo foi considerado crime.
- c) A proposta da atividade é fazer com que os alunos pesquisem informações sobre grupos que discutam a questão racial no Brasil e que busquem valorizar a cultura negra e as tradições afrobrasileiras. Nesse caso, os alunos podem privilegiar, em suas pesquisas, a existência de grupos na própria comunidade em que vivem, destacando ações artísticas, mas também outras formas de organização. Com base nisso, pode-se discutir a importância de ações como essas na formulação de medidas afirmativas de combate ao racismo, de fortalecimento de práticas identitárias e culturais e de organização política da população negra no Brasil.

DE OLHO NO MUNDO (p. 190)

A atividade tem por finalidade refletir sobre a continuidade do trabalho de artistas e intelectuais que permanecem ativos no mundo contemporâneo. Dessa forma, os alunos podem compreender que o período da ditadura militar não está tão distante no tempo, como pode parecer para as novas gerações.

Professor, a classe pode ser dividida em pequenos grupos de pesquisa e cada um deles deve receber uma das personalidades artísticas. Com isso, durante as apresentações, pode-se ter uma visão mais ampla e variada sobre o tema. Pode-se também incentivar os alunos a elaborar apresentações a partir das obras artísticas pesquisadas. Assim, as músicas de Chico Buarque, por exemplo, podem ser cantadas pelo grupo, ou um trecho do livro de Ignácio de Loyola Brandão pode ser lido de modo dramatizado, e assim por diante. Se preferir, sugira aos alunos que selecionem também trechos das obras produzidas durante o regime militar, incentivando-os a discutir sobre as diferenças entre as produções artísticas do período e as atuais.

ESQUEMA-RESUMO (p. 197)

Com o fim do Estado Novo, em 1945, o país passou por uma grande reorganização política, com o surgimento de novos partidos e a criação de uma nova Constituição. Nesse contexto, o primeiro presidente eleito foi Eurico Gaspar Dutra, em dezembro de 1945. Seu governo foi marcado pela adoção de políticas liberais e por problemas econômicos que se repetiriam em outros governos. Além disso, foi um período de intensificação de práticas anticomunistas no país. O governo Dutra foi seguido pelo governo de Getúlio Vargas. Porém, Vargas não terminou seu mandato. Por causa de uma crescente crise política, ele se suicidou em 1954. No ano seguinte, foi eleito Juscelino Kubitschek. Seu governo ficou conhecido pelas políticas desenvolvimentistas, de estímulo à indústria e à produção cultural. No entanto, algumas medidas, principalmente a construção de Brasília, contribuíram para aumentar a inflação. Jânio Quadros, que sucedeu a JK, assumiu o poder com a tarefa de “limpar” a corrupção do país e moralizar os costumes da sociedade brasileira. Porém, uma crise política fez com que ele renunciasse. Como seu vice era Jango, associado à herança varguista e ao comunismo, os setores conservadores se articularam para impedir a sua posse. Para resolver o embate, o Congresso mudou a forma de governo do país, que passou do presidencialismo para o parlamentarismo, retornando posteriormente ao presidencialismo. A posse de Jango, em 1963, e suas medidas populares, como a reforma agrária, incomodaram ainda mais os setores conservadores da sociedade, como empresários, parte do clero e representantes da classe média. Isso acabou resultando no golpe militar de 1964. O governo civil-militar que se instalou no país foi marcado pelo intenso autoritarismo, pela repressão aos opositores, pela censura aos meios de comunicação, intelectuais e artistas e por constantes violações aos direitos humanos (torturas, assassinatos, etc.).

ORGANIZANDO AS IDEIAS (p. 198)

1. As primeiras medidas autoritárias foram a criação de dispositivos, chamados Atos Institucionais, por meio dos quais o governo regularia o sistema político do país. O AI-1 estabeleceu as eleições indiretas para presidente, concedeu ao novo mandatário o direito de decretar estado de sítio sem aprovação prévia do Congresso, suspendeu temporariamente a estabilidade de todos os funcionários públicos e autorizou o governo a cassar mandatos de parlamentares e suspender seus direitos políticos por dez anos, sem apelação judicial.
2. A Guerrilha do Araguaia foi organizada por militantes do PC do B que, a partir de 1968, começaram a se instalar na região do Araguaia, na divisa entre os atuais estados de Pará e Tocantins. Seus integrantes pretendiam derrubar o governo militar por meio das armas e implantar o socialismo no país. Em 1972, o movimento foi descoberto e o governo enviou tropas do Exército para combater os guerrilheiros.

Depois de dois anos de ação, o Exército desarticulou a guerrilha, torturando, matando ou prendendo os cerca de 80 militantes que haviam se estabelecido na região conhecida como Bico do Papagaio.

3. O AI-5, decretado em dezembro de 1968, permitiu ao presidente fechar o Congresso, legislar sobre qualquer assunto, intervir nos estados, aposentar funcionários públicos, suspender o *habeas corpus* para os chamados crimes políticos, entre outras medidas. O AI-5 também tornou mais rígida a censura à imprensa e à produção artística e editorial, estabelecendo uma espécie de “golpe dentro do golpe”. Em resposta à violência do regime, muitos jovens decidiram abandonar os protestos pacíficos e ingressar na luta armada para tentar derrubar o governo.
4. Entre 1969 e 1974, o Produto Interno Bruto cresceu a uma taxa média de 11% ao ano, uma das maiores do mundo. Isso foi resultado dos elevados investimentos do governo em obras de infraestrutura, de expansão das exportações e do crescimento do mercado interno. Por meio de empresas estatais, o governo realizava investimentos para consolidar setores básicos da economia, como a área de telecomunicações e a geração de energia. Muitos desses recursos vinham de empréstimos obtidos a juros baixos em bancos estrangeiros. Durante esse período foram construídas obras de custos extremamente elevados, como a usina hidrelétrica de Itaipu e a ponte Rio-Niterói. Graças a uma política de facilitação do crédito, a classe média passou a adquirir automóveis, eletrodomésticos e outros bens de consumo. O milagre econômico começou a dar sinais de esgotamento a partir de 1974, com a crise mundial de petróleo, que afetou a economia brasileira, provocando o aumento da dívida externa e da inflação no país.
5. A Lei da Anistia, aprovada em 1979, permitiu o retorno dos exilados políticos ao Brasil, mas ao mesmo tempo perdoou os agentes repressores do Estado. Apesar disso, a lei representou um grande avanço no processo de abertura política do país. Já a campanha das Diretas Já, ocorrida entre 1983 e 1984, constituiu um dos maiores movimentos cívicos de toda a história do país. A população de muitas cidades foi para as ruas para pressionar o Congresso Nacional a aprovar a emenda constitucional apresentada pelo deputado Dante de Oliveira, do PMDB, que restabelecia as eleições diretas para a presidência da república. Comícios gigantescos foram realizados nas principais cidades do país, mobilizando os mais amplos setores da sociedade. Apesar dessa imensa mobilização popular, o Congresso rejeitou a proposta e, assim, as eleições de 1985, que conduziram o civil Tancredo Neves à presidência, foram mais uma vez indiretas.

INTERPRETANDO DOCUMENTOS: IMAGENS (p. 198)

1. a) Na primeira charge, a crítica se refere à ditadura militar, que justificava a sua longa permanência no poder, como um “momento delicado”, mas

transitório. A diferença de tamanho entre a ampulheta, que marca o tempo, e o observador amplia ainda mais o efeito cômico da charge. A segunda charge, por sua vez, refere-se à supressão das eleições presidenciais, ao controle da vida política e à prática de cassação dos deputados. Na última charge, o autor critica dois aspectos relacionados ao contexto político e econômico dos anos 1970. De um lado, ironiza as difíceis condições de vida da população, ao indicar que “cada brasileiro” que consegue acordar vivo no dia seguinte pode ser considerado um vitorioso. Trata-se de uma crítica à crise econômica que iniciou em meados da década de 1970 com o crescimento da dívida externa e o aumento da inflação. Por outro lado, a sobrevivência desses brasileiros é vista apenas como uma contribuição para o “crescimento de nosso mercado” e o interesse das “multinationais em aqui investir”. Portanto, a charge critica a internacionalização da economia, sugerindo que as empresas estrangeiras são as únicas a se beneficiarem do país.

- b) No texto, o autor trata da impossibilidade do diálogo e ironiza o fato de que, diante da oposição, o regime militar utiliza a mordaza, isto é, silencia os opositores e faz um monólogo, ou seja, o discurso de um único “ator”. Num provérbio tradicional, a frase seria mais ou menos a seguinte: “É da discussão que nasce o entendimento” ou “É da discussão que nasce o consenso”. No entanto, com humor, o texto aborda a censura à imprensa, aos meios de comunicação e aos artistas. Notícias, livros, filmes, músicas, peças de teatro só chegavam ao público depois de passar pelo crivo dos censores. Jornais, como o próprio *O Pasquim*, tinham seus exemplares apreendidos e seus diretores eram presos quando desobedeciam aos censores.
- c) A resposta é pessoal, mas pode-se levar em conta três elementos importantes para uma discussão prévia com a classe. Em primeiro lugar, a liberdade de imprensa é um conceito fundamental dos países democráticos e uma conquista do chamado Estado de direito, isto é, dos regimes que tenham garantido um nível seguro de democracia e justiça social, por intermédio de um sistema jurídico estável e legítimo. Isso significa que nenhum regime tem o direito de cercear o trabalho de profissionais ligados à divulgação de informações ou de impedir a publicação de críticas ao governo. Mas é preciso também levar em conta que o poder dos meios de comunicação provocou a desestabilização de governos democraticamente eleitos, como foi o caso do Brasil, durante o governo de João Goulart, e do Chile, durante o governo de Salvador Allende, por exemplo. Portanto, muitos defendem que uma verdadeira liberdade de imprensa deve ser acompanhada por um sistema democrático de acesso e controle dos meios de comunicação,

evitando a atual concentração de poder nas mãos de poucas grandes corporações. Finalmente, é preciso refletir sobre a importância do humor na crítica jornalística, cuja liberdade de ironizar, divertir, debochar e denunciar as estruturas de poder deve ser ampla. Sem essa liberdade, a imprensa se torna uma espécie de porta-voz das elites e perde sua função crítica e investigativa.

2. a) As imagens evidenciam que a sociedade civil se organizou de diferentes formas, em contextos variados, para questionar as medidas adotadas pelo governo civil-militar, tanto com relação à repressão e censura quanto com relação às medidas econômicas adotadas pelo governo.
- b) A primeira imagem é do início de 1968. Nesse período, a linha dura tinha acabado de chegar ao poder, com a posse do general Costa e Silva como chefe do governo. Assim, o regime vinha tomando medidas para ampliar a repressão e combater os movimentos que questionavam suas ações. Ao longo de 1968, diversos acontecimentos vão refletir essa nova postura do governo, como a prisão de estudantes no Congresso da UNE, a violenta repressão de greves em Contagem, Minas Gerais, e Osasco, em São Paulo, entre outros eventos. Já a segunda imagem, produzida no final da década de 1970, marca o período de abertura “lenta e gradual” do regime, com medidas para diminuir o controle político exercido pelo governo e a repressão de manifestações populares e jornalísticas.
- c) As greves operárias de 1978 e 1979, na região do ABC paulista, foram as primeiras grandes paralisações ocorridas no Brasil desde 1968. À frente do movimento encontrava-se o presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo, Luiz Inácio Lula da Silva. Os protestos eram não apenas por aumentos salariais, mas também contra a ditadura militar e pelo retorno da democracia no país. A onda grevista alastrou-se para outras cidades, como Osasco e Guarulhos, e posteriormente atingiu outros estados, por meio de paralisações parciais ou por categorias e em diferentes momentos. Além dos metalúrgicos, profissionais de outras categorias também cruzaram os braços, como professores, funcionários públicos, bancários, jornalistas, médicos, trabalhadores da construção civil etc. Até 1980, cerca de 2 milhões de pessoas haviam participado de greves. A repressão do governo resultou em choques entre a polícia e manifestantes e alguns líderes sindicais foram presos e enquadrados na Lei de Segurança Nacional. Essas greves contribuíram significativamente para acelerar o fim da ditadura militar.

TESTE SEU CONHECIMENTO (p. 199)

1. E
2. B
3. B
4. B

HORA DE REFLETIR (p. 201)

Durante a discussão da atividade, é importante que os alunos retomem elementos discutidos ao longo do capítulo, como a institucionalização da censura, o uso constante da tortura e outras formas de violência, o controle da opinião pública, a perseguição política, entre outros exemplos de práticas adotadas pelo regime civil-militar no Brasil que demonstram como essa forma de governo implica a violação dos direitos humanos e a redução dos direitos dos cidadãos. É importante os alunos compreenderem que, apesar de a democracia apresentar inúmeros problemas, incluindo diversas formas de violência praticadas pelos agentes públicos (como a violência policial), essa forma de governo ainda possibilita a crítica social e a organização de grupos diversos para exigir mudanças e propor meios para a superação dos problemas sociais. Assim, ainda que a democracia brasileira apresente falhas, esta forma de governo abre caminho para a organização social em busca da superação dos mesmos. Para a dramatização, os alunos podem elaborar uma situação curta, entre cinco e dez minutos, que problematize os argumentos que defendam um governo autoritário. Professor, caso julgue conveniente, as dramatizações podem ser apresentadas para o restante da comunidade escolar, possibilitando a ampliação da discussão entre todos.

FECHANDO A UNIDADE (p. 202)

1. A canção narra o cotidiano de um jovem pobre na sociedade brasileira. O personagem precisa enfrentar o duro cotidiano em busca de oportunidades, além de conviver com a violência e o risco de ser morto por conta dela. Nesse caso, a canção elabora uma mensagem de que é preciso lutar contra essa ordem e se esforçar para superar as dificuldades, mesmo que os problemas sejam inúmeros. Assim, a violência é representada em duas dimensões, de um lado a violência física e o risco de ser morto, de outro a violência social e estrutural que advém das dificuldades que precisam ser superadas pelo jovem para conseguir oportunidades em nossa sociedade.
2. Os documentos demonstram que os homicídios são a principal causa de morte entre os jovens no Brasil. De acordo com a tabela, os homicídios correspondem a 46% das mortes, enquanto causas naturais correspondem a 26,8% das mortes de jovens entre 16 e 17 anos no país. Com isso, o número de mortos por 100 mil habitantes varia de 13,8 no Tocantins até 147 em Alagoas. Por isso, pode-se dizer que em todos os estados brasileiros os homicídios de jovens se enquadram na categoria de epidemia, de acordo com os índices previstos pela OMS.
3. A questão possibilita que o aluno proponha soluções para proteger os jovens da violência e criar medidas sociais que ajudem a diminuir os homicídios entre esse grupo, como mencionado nos documentos debatidos. Professor, embora a resposta seja pessoal, você pode lembrar os alunos

que os homicídios estão relacionados a diversas contradições de nossa sociedade, como a pobreza, a falta de oportunidades, a violência policial, a força do crime organizado, entre outros fatores. Nesse sentido, as propostas podem ser variadas, como medidas de inclusão social, oportunidades de estudo e de realização profissional, meios mais eficazes para combater a violência policial e minimizar a criminalidade, entre outros exemplos. É importante problematizar respostas que enfatizem a escolha individual, já que isso pode implicar a responsabilização das vítimas. Dado o alto índice de homicídios em nossa sociedade, é importante lembrar que isso assume características estruturais e que demandam mudanças sociais amplas.

4. O filósofo questiona aquilo que ele entende que é uma crítica liberal da violência, a qual pode ser formulada em termos genéricos e que apontam como responsáveis pela violência determinados agentes, os quais são representados de forma negativa e moralizada. Assim, a violência seria responsabilidade de tal ou tal agente social, que age de forma autoritária ou preconceituosa. Segundo o filósofo, esse tipo de discurso obscurece os elementos estruturais que organizam a violência em nossa sociedade, no caso as contradições e desigualdades sociais. Assim, é possível se espantar com a violência que emana de revoltas sociais, já que elas parecem inexplicáveis para o discurso liberal. A proposta de Žižek é que a reflexão sobre a violência lance um olhar para essa dimensão estrutural do fenômeno, que está relacionada com os problemas sociais em nosso mundo. Desse modo, suas ideias podem ser relacionadas com o contexto de grande violência contra jovens, considerando que essa violência não é o resultado apenas de agentes sociais que atuam de forma preconceituosa e cruel, mas das estruturas sociais de nossa sociedade.
5. A composição de um *rap* pode ser uma forma criativa e lúdica de refletir sobre os impactos da violência em nosso cotidiano, chamando a atenção para a necessidade de combatê-los. Esse trabalho pode resultar em um vídeo, capaz de ser disponibilizado na internet, ou também em uma apresentação para toda a comunidade escolar.

● **Texto complementar**

Para despertar o interesse dos alunos vale usar o humor ácido do Barão de Itararé, pseudônimo irreverente do jornalista gaúcho Aparício Torelly (1895-1971) apresentado pelo Centro de Estudos da Mídia Alternativa:

É considerado um dos fundadores do jornalismo alternativo no país e um dos pioneiros do humorismo brasileiro. Com os jornais A Manhã e Almanaque, ele ironizou as elites, criticou a exploração e enfrentou os governos autoritários. Preso inúmeras vezes, nunca perdeu o seu senso de humor. Frasista genial, cunhou incontáveis pérolas. Cansado de apanhar da polícia secreta do Estado Novo, colocou na porta do seu escritório uma placa com a hoje famosa frase “entre

sem bater”. Político sagaz, ele percebeu a guinada progressista de Getúlio Vargas e respondeu aos críticos udenistas: “Não é triste mudar de ideias; triste é não ter ideias para mudar”. Militante do Partido Comunista do Brasil (PCB), Aparício foi eleito vereador pelo Rio de Janeiro em 1946 com o lema “mais leite, mais água e menos água no leite” – denunciando fraudes da indústria leiteira. Seu mandato foi combativo e irreverente. Segundo o então senador Luiz Carlos Prestes, “o Barão não só fez a Câmara rir, como as lavadeiras e os trabalhadores. As favelas suspendiam as novelas para ouvir as sessões que eram transmitidas pela rádio”. Ele teve o mandato cassado juntamente com a anulação do registro do PCB, em 1947, e declarou solenemente: “Eu saio da vida pública para entrar na privada”. O seu jornal, A Manhã, foi novamente empastelado e, com dificuldades financeiras, escreveu: “Devo tanto que, se eu chamar alguém de ‘meu bem’, o banco toma”.

Centro de Estudos da Mídia Alternativa.

Disponível em: <www.baraodeitarare.org.br/>. Acesso em: 14 abr. 2016.

Sugestões de livros

ANDRÉ, José Carlos Mendes. *Elementos para uma leitura da obra de Aparício Torelly, o Barão de Itararé*: humor, projeto & design gráfico. Dissertação de Mestrado, FAU/USP, 2004.

- Dissertação que analisa a obra de Aparício Torelly não somente pelo viés do humor crítico, mas também pela produção gráfica dos periódicos dirigidos por ele.

FICO, Carlos. *O grande irmão: da operação Brother Sam aos anos de chumbo. O governo dos Estados Unidos e a ditadura militar brasileira*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

- A obra narra as relações diplomáticas entre a ditadura militar brasileira e o governo estadunidense.

GIDDENS, Anthony. *O Estado-nação e a violência*. São Paulo: Edusp, 2001.

- A obra apresenta a visão de Giddens sobre a formação do Estado nacional contemporâneo e suas relações com o industrialismo e a economia capitalista.

NAPOLITANO, Marcos. *História do regime militar brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2014.

- Napolitano narra as agruras da ditadura civil-militar brasileira perpassando temáticas como a crise do governo João Goulart, a participação civil e o papel da cultura na resistência à ditadura.

Sugestões de filmes

Marighella (Isa Grinspum Ferraz, 2011).

- O documentário narra a trajetória de Carlos Marighella, líder comunista e parlamentar baiano, vítima de inúmeras prisões e torturas.

Vlado: 30 anos depois (João Batista de Andrade, 2006).

- O documentário reconstitui os momentos mais dramáticos da trajetória de Vladimir Herzog.

Sugestões de sites

Biblioteca Nacional – Hemeroteca Digital Brasileira. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/>>. Acesso em: 26 abr. 2016.

- Site da Biblioteca Nacional que reúne um amplo acervo de periódicos desde o século XIX.

Centro de Estudos da Mídia Alternativa – Barão de Itararé. Disponível em: <www.baraodeitarare.org.br/>. Acesso em: 26 abr. 2016.

- Site do centro de estudos que se dedica à democratização da mídia e da informação a partir da memória de Aparício Torelly.

UNIDADE 4 Ética

Procedimentos pedagógicos

O eixo conceitual da **Unidade 4** é ética. Como se trata de um conceito bastante amplo e complexo, apontamos algumas possibilidades que ajudam a aproximá-lo do cotidiano dos alunos. Para iniciar um debate sobre o tema, talvez seja produtivo incentivá-los a pensar no constante exercício de avaliação que fazemos diante de pessoas, situações e comportamentos cotidianos, atribuindo-lhes assim **valores éticos**. Pensar sobre eles ajuda a compreender e aprimorar nossas condutas.

Consideramos imprescindível que se esclareça, no entanto, que não nascemos conscientes das noções de “bem” e “mal”, “certo” ou “errado”, “justo” ou “injusto” e que, portanto, somos formados segundo alguns princípios éticos considerados importantes em nossa sociedade. Mais do que a obediência mecânica a um conjunto de regras que fundamentam as condutas em nosso meio social, geralmente herdadas de nosso meio cultural (regras morais), a ética envolve a reflexão sobre valores e princípios e o comprometimento com toda a coletividade e as futuras gerações.

Assim como as regras, os valores éticos variam de acordo com as condições históricas, políticas e econômicas de cada sociedade. Depois das chamadas guerras mundiais, por exemplo, surgiram questionamentos quanto ao uso de armas de destruição em massa e aos genocídios, como procuramos abordar em capítulos anteriores. Atualmente, novos questionamentos relacionados, por exemplo, ao meio ambiente, à prática da sustentabilidade e às evoluções na área da Biologia ampliam ainda mais o debate acerca das questões éticas; temos então, as chamadas **ética ambiental** e a **bioética**.

Esse tema, mesmo que avançando um pouco no conteúdo do capítulo, pode ser trabalhado na seção *Eu também posso participar*, na página 209, que estimula a reflexão sobre a relação entre hábitos de consumo e impactos ambientais. O uso racional de sacolas e embalagens plásticas, por exemplo, é uma atitude ética que depende da mudança de mentalidade dos consumidores e comerciantes a partir da revisão de comportamentos cotidianos e que pode gerar uma grande mudança para toda a sociedade a médio e longo prazo. Os professores de Biologia, Química e Língua Portuguesa podem auxiliar nesta atividade e contribuir

para o aprofundamento dos temas que envolvem o **consumo** e a **degradação ambiental**.

Nesse sentido, a seção *Começo de conversa* indica a possibilidade de aplicação de atitudes consideradas éticas em contextos variados, como nos esportes, na política, no jornalismo e na medicina. Ao serem desafiados a pensarem sobre atitudes éticas dentro do espaço escolar, os alunos terão a oportunidade de compreender que todos os envolvidos neste ambiente são responsáveis por praticar e estimular o comportamento ético. Professor, ao mencionarem os comportamentos considerados antiéticos, é importante tomar cuidado para que os alunos não mencionem nomes a fim de evitar o constrangimento de colegas ou funcionários. O importante é que se perceba que, muitas vezes, cometemos pequenas atitudes antiéticas no dia a dia e não nos damos conta disso.

COMEÇO DE CONVERSA (p. 205)

1. A proposta da atividade é fazer com que os alunos reflitam sobre o conceito de ética a partir de um exemplo preciso e relacionado ao seu cotidiano. Nesse caso, é importante refletir sobre o que significa falar em ética no espaço escolar. Em primeiro lugar, a reflexão deve levar em conta a existência de diferentes agentes que atuam na escola: alunos, professores, coordenadores, funcionários, diretores, entre outros. A partir disso, é importante destacar de que modo a relação entre esses agentes precisa ser constituída para assumir um sentido ético. É possível, nesse caso, que os alunos apontem o cumprimento de regras ou de condutas como exemplos de princípios éticos. Porém, é importante alargar essa definição a fim de englobar não apenas o lado das regras, mas também as relações que se estabelecem nesse espaço, de modo a criar um ambiente de aprendizado e que valorize a tolerância, o respeito e a diversidade. Outro aspecto importante é discutir que os princípios éticos valem para todos, ainda que as regras dentro do espaço escolar possam variar de acordo com o papel de cada agente. Ao final da atividade, é importante que os alunos reflitam sobre si próprios a partir daquilo que foi discutido. Professor, caso julgue conveniente, é possível propor aos alunos que discutam coletivamente as respostas ao final da atividade.
2. O termo antiético pode ser utilizado em diferentes contextos e a proposta da atividade é fazer com que os alunos reflitam sobre essa temática. Nesse caso, é importante, em primeiro lugar, recuperar aquilo que foi discutido sobre a ética como uma relação. Assim, ter uma atitude antiética implica se comportar de forma negativa ou contrária aquilo que foi estabelecido nas relações sociais. Com base nisso, é possível apontar inúmeros exemplos de atitude antiética, como a falta de respeito com a diversidade, o comportamento intolerante e violento, toda forma de discriminação social, atitudes que impeçam o diálogo, entre outras

possibilidades. Vale destacar que é possível que os alunos associem o conceito de antiético apenas com o descumprimento de regras (como colar em uma prova ou furar uma fila). Porém, é importante discutir essa associação e ampliá-la, na medida em que a ética não está necessariamente associada apenas com o cumprimento de regras, mas com aquilo que se estabelece nas relações sociais entre os indivíduos.

CAPÍTULO 10

Décadas de 1970 e 1980: crise e conflito

Procedimentos pedagógicos

O capítulo 10 discute os conflitos e os problemas sociais que se desenrolaram no mundo contemporâneo, especialmente entre as décadas de 1970 e 1980. Para isso, está dividido em três partes. A primeira discute o processo de expansão e de crise da economia global no pós-guerra, relacionando-o à adoção de políticas neoliberais, especialmente a partir da década de 1970. Em seguida, o capítulo trata da Revolução Iraniana, que resultou na formação de um governo teocrático no país. Finalmente, a terceira parte discute o histórico conflito entre judeus e palestinos, especialmente após a criação do Estado de Israel, em 1948.

Considerando o texto de abertura do capítulo, pode-se iniciar o estudo sobre a **expansão do sistema capitalista** após a Segunda Guerra Mundial e que durou até os primeiros anos da década de 1970. Este período foi caracterizado pelo historiador Eric Hobsbawm como a “era de ouro” do capitalismo. A euforia gerada pela rápida expansão das indústrias, favorecida pelos baixos preços do petróleo, e o aumento na produção de alimentos e de produtos manufaturados foram acompanhados também de uma estabilidade da situação do proletariado devido à oferta de empregos e ao acesso maior aos bens de consumo, entretenimento e conhecimento, embora a riqueza geral não chegasse à maioria das populações, especialmente no chamado **Terceiro Mundo**.

Essa situação, porém, começou a se alterar em 1973, quando os membros da Opep decidiram dobrar o preço do barril de petróleo, provocando uma crise mundial. Houve também a suspensão do fornecimento do petróleo para os países que apoiavam Israel durante a guerra entre árabes e judeus (**Yom Kippur**). Com isso, o número de desempregados em toda a Europa aumentou substancialmente e constatou-se uma retração da indústria até mesmo nos Estados Unidos. A recessão e o desemprego elevaram as **desigualdades sociais**, especialmente em países da África, Ásia e América Latina.

Essa crise levou ao fortalecimento do **neoliberalismo** e à consequente diminuição do chamado Estado de bem-estar social. Com isso, houve cortes de gastos nas áreas sociais, gerando sérios impactos na vida da população mais pobre. A política de livre mercado,

alinhada com a globalização, que exigia economias mais competitivas, contribuiu para esse processo. O quadro *Você sabia?*, na página 211, traz uma explicação do termo **neoliberalismo**.

Professor, o filme *Ou tudo ou nada*, de 1997, e a imagem de um protesto no Reino Unido, em 1989, indicados na página 210, permitem explorar os movimentos de resistência contra estas políticas neoliberais desde o início de sua implementação e podem ser trabalhados como uma **Atividade Alternativa** em sala de aula. Nesse caso, proponha aos alunos que descrevam como essas obras representam a resistência de indivíduos e grupos sociais diante da adoção de políticas neoliberais. Além disso, é possível solicitar aos alunos que estabeleçam comparações em sala de aula com outras práticas de resistência social que se desenrolam no presente.

Outro importante aspecto a ser destacado neste período foi a entrada em massa das mulheres no mercado de trabalho e nas universidades, chegando a números próximos ao da frequência masculina na década de 1980, em países considerados mais desenvolvidos. Mesmo que não se possa afirmar que isso, neste primeiro momento, fosse resultado apenas de debates sobre a emancipação feminina, o movimento feminista começou a se fortalecer nos anos 1960 e foi importante para colocar em pauta a condição da mulher na sociedade. Hobsbawm classifica estas mudanças em essenciais para se compreender as revoluções culturais deste período e afirma que esta se caracterizou, principalmente, por novas formas de relação entre os sexos e as gerações⁶.

Esse tema pode ser aprofundado com o boxe *Enquanto isso*, na página 219, que aborda a trajetória da emancipação feminina e dos movimentos feministas tendo como ponto de partida a criação da pílula anticoncepcional em 1960. Nessa mesma seção, a atividade *Diálogos* propõe uma conversa com o presente por meio de uma pesquisa sobre o uso dos métodos contraceptivos no Brasil na atualidade, que pode ser feita com o auxílio do professor de Biologia. Os altos índices de gravidez na adolescência, constatados por pesquisas recentes, indicam a necessidade de reforçar as informações e os espaços de debates sobre os métodos contraceptivos disponíveis e acessíveis às mulheres, especialmente para esta faixa etária. É importante que se incentive a reflexão sobre o motivo da opção por tais métodos, como o preservativo masculino e a pílula anticoncepcional, a eficácia dos mesmos e a responsabilidade de ambos os sexos no momento da prevenção.

Ainda sobre as mulheres e a emancipação feminina, a seção Interpretando documentos: imagem, na página 221, traz um cartaz produzido para divulgar a Semana de Solidariedade Internacional, ocorrido na França, em 1983, e destaca a importância do feminismo nas lutas por políticas e práticas solidárias.

Apesar de os movimentos feministas e por igualdade de gênero terem conquistado grandes melhorias nas vidas das mulheres em diversos países, é inegável que muitos avanços ainda são necessários. A discriminação e

⁶ HOBBSAWM, Eric. *A era dos extremos: o breve século XX. 1941-1991*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

a violência contra a mulher, especialmente as mulheres negras e pobres, estão inseridas em um tipo específico de relação social, chamada de **questões de gênero**. Pode-se dizer que, em nosso mundo, existem diferenças sociais que são desdobramento das diferenças de gênero. A permanência de valores ligados à sociedade patriarcal e à supervalorização do masculino, tomado como representante de toda a humanidade, estão entre os principais motivadores destas desigualdades. Atualmente, no Brasil, são constantes as manifestações e os debates que buscam promover o respeito à diversidade e a igualdade de fato entre os diferentes gêneros.

O tópico *Revolução teocrática* aborda a ascensão de grupos fundamentalistas nos países muçulmanos entre as décadas de 1960 e 1970, a crítica à ocidentalização dos costumes nestes países e a Revolução Iraniana que conduziu o aiatolá Ruhollah Khomeini ao poder em 1979, instaurando uma república teocrática. Professor, para aprofundar o conceito de fundamentalismo pode ser interessante esclarecer que, embora se associe o termo à religião, especialmente ao islã, existem outras formas de fundamentalismo como o político, o econômico e o cultural. E, quando nos referimos ao fundamentalismo religioso, é importante lembrar que este termo surgiu no contexto do protestantismo estadunidense no começo do século XX, quando se pretendia preservar alguns pontos fundamentais da fé cristã e se elaborou uma série de artigos defendendo, entre outras coisas, a infalibilidade da Bíblia (ver *Texto complementar*, ao final das orientações deste capítulo).

Mesmo que as críticas dos países ocidentais aos países islâmicos sejam frequentemente mobilizadas pelo conceito de fundamentalismo religioso, é importante lembrar que as religiões cristãs também já praticaram e praticam atos fundamentalistas quando querem impor sua religião como verdadeira, ou mais “pura”, negando outras formas de manifestação religiosa, como a dos povos africanos, ou mesmo desrespeitando os ateus. Mais uma vez, pode se retomar a importância da ética e dos respeitos às diferenças para que sejam superadas estas questões.

Outra crítica bastante recorrente diz respeito ao **Estado teocrático**, onde os poderes políticos e religiosos se confundem e os governos se pautam nos princípios religiosos para administrarem questões jurídicas, éticas e até de segurança nacional. Ao contrário do Estado teocrático, o **Estado laico** não oficializa qualquer tipo de religião e separa os conceitos religiosos dos interesses do governo. Entretanto, observando a composição dos governos em diversos países ocidentais, incluindo o Brasil, não é difícil identificar a presença de líderes religiosos buscando influenciar as questões relativas ao comportamento das sociedades.

Outro ponto importante a se destacar é que existem também grupos que se opõem aos fundamentalistas no Irã, chamados de **reformistas**, e que buscam mais liberdade política e cultural.

O **item 3** deste capítulo, intitulado *Retorno dos judeus à Palestina*, aborda as principais características e motivações do conflito árabe-israelense a partir de algumas informações sobre a história da ocupação da Palestina, especialmente, o movimento sionista, no final do século

XIX, que defendia e incentivava o retorno dos judeus à região por meio de financiamentos feitos por famílias judaicas ricas. É importante notar que o conflito se intensificou após a criação do Estado de Israel, em 1948, que também contribuiu para aumentar o número de refugiados palestinos sem território. Os mapas *A formação do Estado de Israel e A Palestina (1948-1949)*, na página 216, respectivamente, ajudam os alunos a visualizarem as transformações ocorridas no território.

A expulsão de um grande número de palestinos de suas terras após as guerras de 1948-1949, sendo obrigados a viverem como refugiados no Líbano, na Jordânia, na Síria e na faixa de Gaza, e a diminuição dos direitos daqueles que permaneceram nas terras ocupadas por Israel acirraram ainda mais os conflitos entre palestinos e judeus. Com isso, diversos grupos guerrilheiros, como o Al Fatah, liderado por Yasser Arafat (1929-2004), surgiram, compondo com outros grupos a **Organização para a Libertação da Palestina (OLP)**.

Atualmente, os dois povos convivem com o medo de ataques terroristas de um lado (Israel) e a fome, a violência e a falta de um território do outro (Palestina). A publicação *Palestina*, de Joe Sacco, indicada na seção *Para ler*, na página 226, procura mostrar, em formato de história em quadrinhos, o difícil cotidiano dos palestinos e pode ser um bom recurso didático para conhecer mais detalhes desta realidade. Nesse caso, é possível utilizar essa obra como ponto de partida para uma **Atividade Alternativa**. Pode-se propor a leitura e a discussão de alguns trechos do livro, ressaltando como o quadrinista representou o conflito e quais questões sociais ele aborda nele. Ao final da discussão, é possível propor aos alunos que produzam uma história em quadrinhos sobre a os conflitos entre judeus e palestinos. Essa atividade pode ser realizada em grupos e os resultados finais podem ser apresentados em sala de aula para discussão coletiva.

Outro ponto importante é discutir sobre a importância da convivência pacífica entre os povos, valorizando as diversas iniciativas de instituições, ONGs, universidades ou indivíduos dedicados a cultivar o convívio pacífico e solidário entre os mesmos. Os textos que compõem a atividade *Interpretando documentos: texto*, na página 222, do escritor israelense Amós Oz e do intelectual palestino Edward Said, também foram selecionados no intuito de fomentar o debate acerca das mudanças necessárias de ambos os lados para se alcançar a paz. Para finalizar, a seção *Hora de Refletir*, na página 226, estimula a aproximação dos alunos do cotidiano das populações que vivenciam o conflito árabe-israelense ao propor a criação de campanhas que promovam a paz na região, retomando, mais uma vez, a questão central da unidade – ética.

DE OLHO NO MUNDO (p. 209)

A atividade tem por finalidade incentivar os alunos a protagonizar uma ação efetiva de combate ao consumo predatório. É importante que eles leiam atentamente o texto do box ou pesquisem em outras fontes sobre o uso racional das sacolas de supermercado

para que o resultado da atividade seja mais reflexivo. Professor, é muito comum que, em atividades mais criativas (dramatização, elaboração de músicas, imagens ou vídeos), os alunos se esqueçam dos conteúdos e se envolvam com entusiasmo no “produto” a ser realizado. Se isso ocorre, o resultado do trabalho é muitas vezes empobrecido, podendo ser marcado até por opiniões preconceituosas ou superficiais. Por isso, pode ser necessário questionar e instigar os alunos a aprofundar suas opiniões antes de iniciar a criação da peça publicitária.

ORGANIZANDO AS IDEIAS (p. 212)

1. Esse período foi chamado de “era de ouro” do capitalismo pelo historiador Eric Hobsbawm, em virtude da forte expansão desse sistema. De modo geral, tanto nas potências capitalistas desenvolvidas como em países sob sua esfera de influência (chamados de “países periféricos”), esse período foi marcado pelo crescimento da oferta de empregos e da massa salarial, pelo desenvolvimento econômico e industrial, pelo aumento da produção de alimentos e de artigos industrializados, entre outras características. Um exemplo das contradições do período é o dano ambiental provocado pelo crescimento econômico, como o aumento da poluição do ar e das águas, o desmatamento e o aquecimento global. Esses problemas foram denunciados por grupos ambientalistas, que passaram a se mobilizar contra a degradação do meio ambiente.
2. Em 1971, o governo dos Estados Unidos desvalorizou o dólar, com o propósito de diminuir o impacto dos gastos com a Guerra do Vietnã na dívida nacional. Isso provocou alteração no valor de todas as outras moedas. Esse foi um dos primeiros acontecimentos que estão relacionados às transformações do capitalismo no período. Em 1973, a Organização dos Países Exportadores de Petróleo (Opep), entidade constituída principalmente de países árabes, decidiu dobrar o preço do barril, provocando uma crise de proporções mundiais. Além disso, a Opep, durante a chamada Guerra do Yom Kippur, chegou a suspender a venda de petróleo aos países que apoiavam o governo de Israel. Assim, a alta do preço do petróleo e a desvalorização do dólar provocaram mudanças econômicas que resultaram na redução drástica do ritmo de produção de muitas empresas e na demissão de muitos trabalhadores. As principais economias do mundo capitalista baixaram seu ritmo de crescimento e a inflação disparou em boa parte dos países. A pobreza em países da África, da Ásia e da América Latina aumentou e houve recessão e desemprego na década de 1980. Diante disso, muitos países ocidentais passaram a adotar medidas neoliberais para salvar a economia. Tais medidas, como a privatização de empresas estatais do setor produtivo e a diminuição dos gastos do governo com políticas sociais, surtiram efeito e fizeram com que o crescimento econômico voltasse, mas com outros problemas: o aumento das desigualdades em todo

o mundo capitalista e do número de pessoas que passou a viver na miséria.

3. Governado pelo xá Mohamed Reza Pahlevi desde meados de 1950 graças ao apoio de potências ocidentais, o Irã passava por um processo de ocidentalização dos costumes. O xá havia suspendido diversas restrições impostas às mulheres e estimulado a educação e a industrialização. Essa política desagradava os religiosos fundamentalistas, que defendiam uma leitura ao pé da letra do Alcorão e se opunham à ocidentalização dos países islâmicos do Oriente Médio. Além disso, o governo do xá era acusado de beneficiar apenas a parcela mais rica da população. Também havia denúncias de corrupção e revolta contra a ação da polícia secreta, que reprimia, torturava e assassinava opositores. Em 1978, os protestos contra a monarquia se ampliaram, sob a liderança do aiatolá Ruhollah Khomeini, exilado em Paris. Em janeiro de 1979, o xá foi obrigado a fugir do Irã e o governo foi entregue a Khomeini, que instalou uma república teocrática no país, prendeu e assassinou os seguidores do xá e revogou as iniciativas de modernização do Irã, obrigando as mulheres a cobrir os cabelos em público e proibindo a música não religiosa, por exemplo.

INTERPRETANDO DOCUMENTOS: TEXTO (p. 213)

- a) O princípio básico do individualismo é a afirmação de que cada pessoa só pode se ocupar de um campo limitado da realidade. Assim, um indivíduo não pode elaborar regras ou princípios que poderiam ser aplicados a todos os demais, já que ele não tem a capacidade de analisar todas as variáveis necessárias para a formulação de tais princípios. Por causa disso, não existe nenhum tipo de prerrogativa ou direito que possibilite aos indivíduos obrigarem os demais a se comportarem da forma que eles consideram mais correta. Essa teoria do individualismo abre caminho a um tipo de liberalismo político, social e econômico, na medida em que ele afirma que não é legítimo criar regras para obrigar ou constranger os indivíduos a realizar determinadas atividades, ou proibir outras. Nesse caso, todos são livres para decidir de acordo com seus interesses o que é melhor a ser realizado.
- b) De acordo com Hayek, as pessoas não podem interferir nas decisões das outras pessoas pelo fato de não terem capacidade de discernir o que é melhor ou pior para as demais. Isso não implica na inexistência de regras coletivas ou sociais, mas apenas que tais regras devem ser formuladas e concordadas por todos que delas participarão. Nesse sentido, pode-se dizer que esse tipo de individualismo enfraquece a atuação do Estado, na medida em que este só pode interferir naquele campo em que todos os indivíduos entram em acordo. Nos demais aspectos da vida, o Estado não teria o direito de atuar como um juiz para decidir o que é certo ou errado.

- c) Não, o neoliberalismo não defende a completa inexistência do Estado. O que os teóricos do neoliberalismo, entre os quais se destaca Hayek, defendem é que o Estado deve interferir em espaços mínimos da vida social, especialmente naqueles nos quais os cidadãos admitiriam unanimemente que é necessária a interferência do Estado.
- d) A proposta da atividade é fazer com que os alunos reflitam sobre as implicações éticas da teoria individualista proposta por Hayek e seguida por outros teóricos do neoliberalismo. Nesse sentido, é possível que os alunos apontem as dificuldades de organizar as relações sociais segundo os princípios individualistas, na medida em que determinados indivíduos, especialmente aqueles que formam grupos minoritários no interior da sociedade, podem se encontrar desprotegidos de garantias que permitam o acesso a direitos ou recursos para a sobrevivência. Além disso, pode-se apontar que existem efeitos concretos da aplicação das políticas neoliberais que demonstram que tais princípios, longe de trazer igualdade social e diminuição dos conflitos, provocam a ampliação das desigualdades existentes nas sociedades. Por outro lado, os alunos podem também concordar que é importante respeitar a individualidade e defender que tais princípios podem garantir às pessoas que ajam de acordo com seus interesses e não sofram a opressão de outros grupos ou mesmo do Estado. Professor, essa atividade pode resultar em pontos de vista distintos entre os alunos, assim pode ser conveniente propor uma discussão em sala de aula, de modo que aqueles que enxergam a teoria individualista de Hayek de modo negativo apresentem seus argumentos e o mesmo para aqueles que concordam com essa teoria. Ao final, pode-se tentar formular uma posição consensual em sala de aula, ou mesmo apontar a impossibilidade de construir um consenso em torno dessa teoria.

DIÁLOGOS (p. 219)

Esta atividade, feita em parceria com o professor de Biologia, deve promover discussões a respeito da responsabilidade que implica a gestação e a criação de um filho na adolescência. Outro aspecto a destacar é que as relações sexuais implicam responsabilidades éticas e de saúde, como a de praticar sexo seguro com o uso de preservativos e de conhecer os principais métodos contraceptivos tanto para homens como para mulheres. Diferentemente dos preservativos, os outros métodos contraceptivos, como a chamada pílula do dia seguinte, o diafragma, o DIU, e também procedimentos cirúrgicos, como a laqueadura e a vasectomia, não evitam doenças sexualmente transmissíveis. Seria interessante orientar os alunos a elaborar um quadro para cada um desses métodos com as seguintes informações: modo de usar, benefícios e contraindicações.

ESQUEMA-RESUMO (p. 220)

A partir do final da Segunda Guerra Mundial, iniciou-se um período de grande expansão do capitalismo. Entre 1945 e 1970, o desenvolvimento econômico permitiu o rápido crescimento das atividades industriais e, conseqüentemente, a oferta de empregos e o aumento do consumo em diversas regiões do mundo. No entanto, esse desenvolvimento não ocorreu de maneira igual em todo o planeta e foi acompanhado por conflitos. No Oriente Médio, por exemplo, as décadas de 1950 e 1960 foram marcadas pelo fortalecimento do fundamentalismo islâmico e pelos conflitos entre palestinos e israelenses por conta das tensões resultantes da proposta de divisão da Palestina. Na década de 1970, as tensões mundiais se agravaram com o início da crise do capitalismo decorrente da desvalorização do dólar e do aumento do preço do petróleo. Por conta disso, diversos governos passaram a adotar medidas neoliberais para socorrer a economia, o que permitiu a retomada do crescimento econômico, mas também a ampliação das desigualdades sociais. Foi também na década de 1970 que teve início a Revolução Iraniana, que derrubou o governo de Mohamed Reza Pahlevi e instituiu um regime islâmico no país em 1979. No ano seguinte, a Guerra Irã-Iraque arrasou a economia dos dois países e ampliou os problemas sociais no Oriente Médio. Até o presente, um governo islâmico comanda o Irã e existe uma disputa pelo poder entre fundamentalistas e reformistas. Já na Palestina, os conflitos iniciados em 1947 continuam sem perspectiva de uma negociação de paz entre israelenses e palestinos.

ORGANIZANDO AS IDEIAS (p. 221)

1. No início do século XIX, a região da Palestina estava dominada pelo Império Turco Otomano e era habitada majoritariamente por árabes que seguiam a religião muçulmana. No final do século XIX, ganhou força o movimento sionista, que defendia o retorno dos judeus à Palestina. Com isso, houve um aumento no número de judeus na região, especialmente através de financiamentos das famílias judaicas mais ricas. Sob inspiração socialista, imigrantes judeus fundaram fazendas coletivas, os *kibutzim*, onde compartilhavam as mesmas moradias, refeições, escolas, etc.
2. Durante a Primeira Guerra Mundial, o governo inglês conseguiu o apoio de chefes das comunidades árabes para expulsar os turcos otomanos da Palestina. Em troca, prometeu apoiar a formação de um grande reino árabe que se estenderia da península Arábica até parte da Síria. No entanto, um acordo secreto entre França e Inglaterra dividiria a região entre os dois países. Além disso, os ingleses se comprometeram com a comunidade judaica internacional a apoiar a criação de um Estado judeu na Palestina. A Palestina, sob domínio britânico, começou a receber um afluxo cada vez maior de imigrantes judeus. Essa imigração aumentou ainda mais quando o regime nazista assumiu o poder da Alemanha, nos anos 1930, o que deu origem às primeiras tensões entre

os dois povos. Sentindo-se ameaçados, os árabes palestinos passaram a hostilizar colônias e cidades judaicas. A perseguição nazista aos judeus comoveu a opinião pública internacional, legitimando iniciativas mais agressivas do movimento sionista. Organizações armadas judaicas introduziam judeus na Palestina sem a autorização do governo inglês e promoviam ações terroristas contra alvos árabes e ingleses na região.

3. Os árabes não aceitaram o plano de partilha da ONU alegando que a população árabe na Palestina, na época de 1,25 milhão de habitantes, era o dobro da judaica, estimada em 600 mil pessoas. Apesar da superioridade numérica dos árabes-palestinos, o plano da ONU concedeu aos judeus 56,5% do território e aos árabes 42,9%. Além disso, muitos árabes acabariam residindo em áreas sob controle judaico.
4. Em 15 de maio de 1948, um dia depois da criação do Estado de Israel, a Liga Árabe, aliança militar formada pelos governos do Líbano, da Síria, do Iraque, do Egito e da Transjordânia (atual Jordânia), lançou suas tropas contra Israel. Começava assim a primeira guerra entre árabes e israelenses. O conflito, terminado em 1949, modificou o cenário do Oriente Médio, pois os árabes saíram derrotados e desunidos e a criação proposta do Estado palestino não se concretizou. Cerca de 75% do território passou para o controle do Estado de Israel, enquanto o restante foi dividido entre Egito e Transjordânia. A cidade de Jerusalém foi dividida entre Israel e Transjordânia. Expulsos de suas terras, cerca de 750 mil palestinos passaram a viver em campos de refugiados criados no Líbano, na Jordânia, na Síria e na Faixa de Gaza. Os que permaneceram nas terras ocupadas pelas forças de Israel tiveram seus direitos restringidos e passaram a ser tratados como cidadãos de segunda classe. A partir de então, tanto os refugiados em outros países árabes quanto os palestinos sob jurisdição de Israel passaram a defender com veemência cada vez maior seu direito a um Estado palestino autônomo. Mais tarde, criaram grupos guerrilheiros, como o Al Fatah, que passou a utilizar a luta armada para reconquistar suas terras perdidas.
5. Os conflitos entre Israel e os demais países árabes resultaram em conflitos como a Guerra dos Seis Dias, em 1967, e a Guerra do Yom Kippur, em 1973. A superioridade militar israelense, com grande apoio dos Estados Unidos, levou à ampliação dos territórios sob seu domínio, mas também conduziu muitos palestinos a apoiar a Organização para Libertação da Palestina (OLP), sob a liderança de Yasser Arafat. Para chamar a atenção da comunidade internacional, braços ligados à OLP intensificaram ações terroristas contra alvos israelenses, como o ataque aos atletas israelenses nas Olimpíadas de Munique, em 1972.
6. Intifada é o nome pelo qual ficaram conhecidos os levantes palestinos contra a presença israelense na Faixa de Gaza e na Cisjordânia. A primeira Intifada

ocorreu em 1987 e caracterizou-se pela grande desigualdade de forças entre os combatentes: de um lado encontravam-se os jovens palestinos armados de pedras e, de outro, os soldados israelenses, com seus tanques e armas pesadas. A segunda Intifada começou em 2000, por meio de atentados terroristas. Os ataques das tropas israelenses apoiadas por tanques de guerra e os atentados de grupos palestinos provocaram a morte de centenas de civis e militares de ambos os lados.

7. Atualmente, os palestinos são vítimas da violência das forças de Israel e sofrem por não terem uma terra própria. A ONU estima que dos 7 milhões de palestinos no mundo, cerca de 4 milhões são refugiados. Além disso, 1,5 milhão de palestinos vivem em condição de pobreza. Os palestinos ainda precisam lidar com o bloqueio econômico imposto por Israel, o que impede a entrada de roupas, livros, veículos, geladeiras e materiais de construção na Faixa de Gaza. Dessa forma, os palestinos não conseguem reconstruir suas residências e ter acesso a bens necessários para a vida. Por isso, eles vivem com um precário sistema de abastecimento de água e saneamento básico.

INTERPRETANDO DOCUMENTOS: TEXTO E IMAGENS (p. 221)

1. a) Segundo o autor, há paralelos entre a história dos palestinos e a dos judeus. Ambos viveram em outros territórios fora da Palestina e foram hostilizados: os palestinos entre os árabes e os judeus nos países europeus. Portanto, ambos descobriram que não havia outro lugar para se viver a não ser na Palestina (ou Israel, que o autor utiliza como sinônimo). Desse modo, Amós Oz sugere que é preciso encontrar uma forma de convívio entre os dois povos, já que ambos precisam do mesmo território para se sentirem como um povo, uma nação.
- b) Said propõe, por um lado, que seria imprescindível a retirada das colônias agrícolas israelenses dos territórios ocupados na Cisjordânia, o fim do apoio estadunidense ao Estado de Israel (tendo em vista que esse apoio alimenta a guerra contra os palestinos) e o fim das políticas racistas endossadas pelo Estado israelense contra os palestinos. Por outro lado, Said condena as ações terroristas realizadas por palestinos contra pessoas inocentes, argumentando que essas práticas não servem a nenhum propósito político ou ético.
- c) A resposta é pessoal, mas é preciso refletir previamente com os alunos sobre a complexidade do problema, apontando os diversos interesses políticos e os pontos de vista históricos em jogo. Nesta questão, é importante que o aluno, ao tomar posição sobre o tema, seja capaz de refletir sobre argumentos opostos e respeitar posições contrárias. Esse é o princípio da tolerância e o ponto de partida para uma reflexão sobre a paz no Oriente Médio.

2. a) Essa ideia é construída no cartaz de duas maneiras. Em primeiro lugar, pela associação de palavras, que expressa a ideia de que a ação das mulheres pode fazer a diferença, de que um outro mundo e outras relações sociais podem surgir com o fortalecimento das mulheres e a atuação política de movimentos feministas. Além disso, o cartaz constrói essa mensagem principalmente por meio da imagem. Nela, vemos um globo terrestre sendo produzido por meio de uma costura. É importante lembrar que, em nossa sociedade, a costura é uma atividade associada ao feminino. Assim, é como se o cartaz apontasse que a atividade feminina pode construir outro mundo. Outro ponto que merece destaque é que a costura implica na produção de uma roupa, a qual é utilizada para proteger e aquecer, duas ações que estão diretamente associadas com a ideia de solidariedade. Nesse caso, a imagem produz uma associação entre a ação feminina e a criação de um mundo mais solidário.
- b) O movimento feminista questionou diversos valores da sociedade machista que se constituiu ao longo dos séculos em nosso mundo, como o fato das mulheres receberem salários mais baixos, terem os piores empregos e não terem o direito de participar da política, bem como os valores morais que afirmavam que a mulher deveria casar virgem, obedecer ao marido, entre outros aspectos.
- c) A proposta da atividade é fazer com que os alunos pesquisem e conheçam mais detalhes sobre o movimento feminista no presente. Nesse caso, é importante que, em primeiro lugar, os grupos busquem identificar movimentos que atuem na comunidade em que vivem, já que é uma forma de conhecer a realidade local e refletir sobre o papel desses movimentos na luta política por maior igualdade na região em que vivem. Em seguida, os alunos podem pesquisar informações sobre grupos feministas que atuam em outras regiões do país. Vale destacar que, durante a pesquisa, é importante identificar algumas das causas defendidas por esses grupos, como eles se organizam e atuam, bem como os resultados que a luta por maior igualdade social já alcançou. A montagem do mural pode destacar aspectos variados da pesquisa e criar um panorama mais amplo da questão no país. Caso seja possível, é interessante montar o mural em um espaço coletivo da escola, de modo a dar maior visibilidade ao tema.
3. a) A situação descrita no quadrinho é a invasão de uma cidade habitada por palestinos pelas tropas israelenses. De acordo com o quadrinho, os soldados realizaram a invasão com o objetivo de procurar homens que não tinham se entregado às forças israelenses e também armas. Por causa disso, os soldados iniciaram uma operação bastante truculenta de revista das casas e das

pessoas, obrigando as mulheres a permanecer em posições humilhantes e ameaçando crianças com suas armas. Nesse sentido, o quadrinho ressalta a violência da ocupação e o tratamento desumano dos soldados diante das populações palestinas.

- b) Joe Sacco mostra, nos quadrinhos, o rosto das mulheres acompanhado de seus nomes. Com isso, ele identifica a pessoa que lhe narrou um determinado acontecimento, dando voz a seus dramas e a sua própria história.
- c) A resposta é pessoal, mas é importante que os alunos levem em conta diversos fatores. Em primeiro lugar, pode-se apontar que a história oral permite a recuperação de uma experiência direta dos acontecimentos, que pode ser relatada ao historiador e transformada em uma narrativa sobre o passado. Com base nisso, o historiador pode refletir sobre essa memória e sobre a maneira como as pessoas vivenciaram os processos históricos analisados. Outro aspecto que pode ser destacado é que a história oral é uma forma de recuperar acontecimentos históricos que não foram registrados em outros documentos. Nesse sentido, o massacre dos palestinos é um exemplo importante, na medida em que é por meio da narrativa das pessoas que vivenciaram as operações do Exército de Israel na região que se torna possível conhecer o lado palestino desse episódio, enquanto as fontes oficiais só trazem a perspectiva israelense do conflito na região. Além disso, pode-se apontar também que a história oral pode fornecer informações desconhecidas, bem como permite identificar os efeitos que os processos históricos provocam na vida de pessoas comuns, entre outras possibilidades.

TESTE SEU CONHECIMENTO (p. 223)

1. A 2. C 3. A 4. D
5. Apenas as afirmativas I e IV são verdadeiras; assim, a alternativa correta é a letra A. O erro da segunda afirmativa é indicar que o crescimento econômico até a década de 1970 foi possibilitado pelo fortalecimento da agricultura, quando na realidade foi a expansão industrial que permitiu esse desenvolvimento. Já o erro da terceira afirmativa é indicar que os ambientalistas conseguiram impedir a destruição ambiental até a década de 1970. Na realidade, esse período foi marcado por um desenvolvimento econômico que criou grandes problemas ambientais.
6. Apenas as afirmativas I, II e III são verdadeiras; assim, a alternativa correta é a letra C. O erro da quarta afirmativa é indicar que o neoliberalismo conseguiu promover desenvolvimento econômico com a redução da pobreza. Na realidade, as políticas neoliberais ampliaram as desigualdades sociais e a pobreza mundial.

A proposta da atividade é fazer com que os alunos reflitam sobre os impactos dos conflitos na região da Palestina na vida de crianças, mulheres e idosos. Nesse caso, é importante destacar que esses grupos precisam lidar não apenas com a violência, mas também com a pobreza. Existem muitos relatos e notícias de crianças que são mortas durante os ataques das tropas israelenses ou os atentados de grupos palestinos. Para a realização da atividade, os alunos podem pesquisar informações em jornais, revistas, livros e também utilizar documentários. Nesse caso, uma obra importante é o filme *Promessas de um Novo Mundo* (Promises, Justine Shapiro, B. Z. Goldberg, Carlos Bolado, 2001), que conta a história de sete crianças que vivem na região da Palestina. Com base no material pesquisado, a proposta é que os alunos produzam um cartaz publicitário ou uma canção. É importante que utilizem a criatividade de modo a conciliar as informações sobre a temática com uma expressão visual ou sonora que atraia a atenção dos demais.

• Texto complementar

Ao buscar compreender alguns motivadores ideológicos da tragédia do dia 11 de setembro nos Estados Unidos, o autor explicita os fundamentos básicos dos fundamentalismos islâmico, judaico e cristão aponta algumas de suas consequências.

[...] Os três fundamentalismos têm em comum o tradicionalismo em questões morais e uma posição retrógrada quanto ao estatuto da mulher. São puritanos e misóginos. Mas esse tradicionalismo não implica uma rejeição em bloco da modernidade.

Todos eles aceitam a modernidade técnico-econômica. Os fundamentalistas islâmicos vêm de estratos sociais urbanos, muitos têm formação universitária, conhecem a fundo todos os segredos do capitalismo financeiro (têm contas na Suíça e jogam na Bolsa) e manejam a tecnologia militar mais sofisticada. Os pregadores fundamentalistas cristãos dominam todas as técnicas da comunicação de massas, falam em estádios gigantescos e alcançam audiências inimagináveis por meio do rádio e da televisão. Os fundamentalistas judeus podem usar roupas e barbas do tempo do queto, mas muitos estão plenamente ligados aos circuitos financeiros do capitalismo moderno.

Em compensação, todos dão as costas à modernidade política, cujas características de pluralismo e de respeito aos direitos humanos são incompatíveis com a estrutura autoritária do fundamentalismo. E todos repudiam a modernidade cultural, caracterizada pelo advento da visão secular do mundo, pelo deslocamento da religião para a esfera do foro íntimo, da vida privada, tendências que não podem se conciliar com a natureza teocrática do fundamentalismo.

Quais as causas do fundamentalismo? Alguns fatores são específicos. No caso do fundamentalismo islâmico e do fundamentalismo “pentecostal” brasileiro, por exemplo, podemos apontar a anomia resultante

do processo de urbanização, a dissolução dos vínculos tradicionais de solidariedade, a discriminação étnica, a marginalidade social e a perda de prestígio do marxismo como religião laica. Mas há também fatores comuns, aplicáveis a todas as variantes do fundamentalismo, como a dificuldade de inserção na economia, numa fase em que o capitalismo tem características estruturalmente excludentes, e a desorientação diante do desaparecimento dos valores tradicionais, em consequência do processo de globalização.

Com sua capacidade de recriar nexos de solidariedade grupal, de dotar a vida de sentido e finalidade, de inventar um passado mítico em que não existiam as tensões e as incertezas do mundo contemporâneo, de alimentar a esperança numa vida futura que possa compensar todas as humilhações do presente e de fazer da religião uma trincheira de resistência cultural, capaz de enfrentar as pressões niveladoras provocadas pela globalização, o fundamentalismo parece constituir uma resposta para todas as frustrações da vida moderna.

É uma falsa resposta. O fundamentalismo impede o homem de pensar por si mesmo, desativa sua razão e simplifica realidades complexas. Esse triplice déficit corresponde exatamente ao perfil dos fanáticos que perpetraram os atentados nos Estados Unidos. Podemos não saber sua identidade, mas conhecemos sua personalidade: deformados pelo fundamentalismo, esses homens eram sem sombra de dúvida heterônomos, irracionais e simplificadoros. Nunca houve missão mais urgente que combater o fundamentalismo. E nunca houve tarefa mais difícil, porque, se as causas do fundamentalismo forem realmente as apontadas acima, ele não é nem um erro teórico nem uma perversão moral, mas o efeito objetivo de fatores cuja eliminação requer nada menos que uma correção de rumos na estrutura de nossa modernidade.

ROUANET, Sergio Paulo. Os três fundamentalismos. Artigo publicado originalmente no jornal *Folha de S. Paulo*, Caderno Mais, 21 out. 2001.

Sugestões de livros

BACKMANN, Rene. *Um muro na Palestina*. Rio de Janeiro: Record, 2006.

- O autor parte do episódio da construção do muro da Cisjordânia, de seus postos de controle e de sua manutenção para traçar um retrato da tensão entre israelenses e palestinos.

HARVEY, David. *Neoliberalismo: história e implicações*. Tradução de Adail Sobral e Maria Stela Gonçalves. São Paulo: Edições Loyola, 2008.

- A obra apresenta as características gerais do Estado neoliberal e analisa a construção da ideologia de liberdade, considerada responsável pelo sucesso da difusão do neoliberalismo.

MARCONDES, Danilo. *Textos básicos de ética de Platão a Foucault*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

- Coletânea de autores importantes para compreender a ética, como Platão, Aristóteles, Santo Agostinho, São Tomás de Aquino, Descartes, etc.

Sugestões de filmes

O feminismo no Brasil e no mundo (Francisco Paolis, 2011).

- No programa *Diálogo sem fronteira*, a pesquisadora e escritora Margareth Rago aborda a trajetória histórica do feminismo, desde o século XIX até a sua expansão na década de 1970. Disponível em: <<http://tinyurl.com/zKt2su4>>. Acesso em: 26 abr. 2016.

De gravata e unha vermelha (Miriam Chnaiderman, 2015).

- Documentário brasileiro que traz entrevistas com personalidades que questionaram os estereótipos construídos para cada sexo.

Sugestão de site

Universidade Livre Feminista. Disponível em: <<http://feminismo.org.br/>>. Acesso em: 26 abr. 2016.

- Projeto coletivo e colaborativo que divulga e fomenta ações educativas, culturais e artísticas entre mulheres de diferentes segmentos da sociedade.

CAPÍTULO 11

O fim do bloco comunista

Procedimentos pedagógicos

O capítulo 11 discute o processo de crise socioeconômica e política que culminou com a extinção da União Soviética nas décadas finais do século XX. Ao mesmo tempo, busca dimensionar como as alterações geopolíticas provocadas pelo fim da URSS impactaram os países do Leste Europeu, especialmente em relação aos conflitos étnico-religiosos na região que constituía a Iugoslávia. O capítulo também analisa o significado do termo Brics, avaliando as implicações da formação desse grupo e o papel que a Rússia exerce nele. Por meio desses temas, propõe-se debater, de forma geral, o caráter ético (eixo conceitual da unidade) da **transparência na política, do acesso à informação e do respeito à pluralidade**.

Para iniciar as atividades do capítulo, é importante fazer uma pequena introdução sobre como, a partir da década de 1970, a economia da União Soviética começou a dar sinais de esgotamento, muito em decorrência da forma como estava organizada. Ressalte que a estatização completa da economia e seu controle na mão de burocratas resultou em baixa produtividade e poucos avanços tecnológicos, especialmente em comparação aos resultados registrados pelos países capitalistas mais desenvolvidos. Para embasar os argumentos apresentados nessa introdução e destacar também o lado social da crise do comunismo, pode ser bastante proveitoso ler com a sala o *Texto complementar*, ao final das orientações deste capítulo, de Eric Hobsbawm, que discute as principais razões que trouxeram a sensação de crise para os atores históricos da época. Com base nele e na introdução, os alunos podem responder à questão 1 da seção *Organizando as ideias*, na página 231, que pede para sistematizar os elementos que compuseram a crise da União Soviética.

Para trabalhar com as reformas implementadas por Mikhail Gorbachev, a sala pode ser dividida em dois grandes grupos, sendo um responsável por pesquisar a *perestroika* e o outro a *glasnost*. No momento de passar as instruções para os grupos, convém ressaltar que não se trata de uma apresentação formal, mas sim uma conversa, na qual eles deverão apontar para o restante da turma as principais reformas relacionadas ao termo pesquisado e procurarão ver suas consequências para o mundo soviético. Dessa forma, é possível reunir a sala em um círculo para discutir os temas selecionados. Durante a conversa, convém mostrar que, antes mesmo da subida de Gorbachev ao poder, já existiam movimentos dentro do bloco socialista que pressionavam por uma abertura política dos regimes do Leste Europeu (caso do Solidariedade, na Polônia). Porém, esses movimentos ganharam um estímulo a partir das reformas implementadas pelo líder russo.

Ao trabalhar a *glasnost*, também é possível usar o exemplo do acidente nuclear da usina de Chernobyl, na Ucrânia, em 1986, para discutir a noção de ética. Para isso, é importante descrever brevemente o ocorrido, mostrando como, ao contrário da tônica que prevaleceu no regime comunista, o governo soviético admitiu falhas no manuseio da tecnologia, nos procedimentos utilizados para solucionar o problema e na remoção das pessoas da área contaminada. A partir daí, pode-se aproveitar a atividade da seção *Hora de refletir*, na página 241, para estabelecer uma relação com o tempo presente e a realidade dos alunos, estimulando uma reflexão sobre a transparência de nosso próprio governo.

Caso julgue conveniente, essa pode ser uma boa oportunidade para discutir a **Lei de Acesso à Informação (LAI)**, que estabeleceu o princípio da transparência na divulgação de informações do poder público. A lei, aprovada em 2011, permite que qualquer cidadão requirite a informação que julgar necessária de qualquer órgão público (municipal, estadual ou federal), dentro de alguns limites legalmente estabelecidos. Para comprovar sua eficácia, uma **Atividade Alternativa** pode incentivar os alunos a fazer o teste na prática. Em grupo, a sala pode escolher uma informação de um órgão específico que deseja ter conhecimento, entrar no *site* <www.acessoainformacao.gov.br> (acesso em: 27 abr. 2016), fazer o cadastro e requisitá-la. A partir da resposta obtida e do tempo de espera para sua divulgação, os alunos podem avaliar a transparência do governo brasileiro e conhecer melhor seus direitos como cidadãos.

Retornando ao capítulo, é fundamental trabalhar a abertura política na Tchecoslováquia, na Alemanha, na Polônia e na Romênia. Uma sugestão é elaborar uma **Atividade Alternativa** que consiste na produção de documentários sobre os quatro casos. A sala pode ser dividida em quatro grupos, sendo cada um responsável por narrar os principais fatos, mostrar os principais líderes e descrever a participação e a organização popular durante a abertura política no país escolhido. Antes de selecionar fotos e vídeos na internet para compor o documentário, cada grupo deverá fazer uma pesquisa para escrever um roteiro. Professor, é importante revisar esse documento, fazendo os devidos ajustes antes que os alunos comecem a edição do vídeo. Assim que a tarefa estiver concluída,

poderá ser feita uma sessão para a exibição dos documentários. Nesse momento, é importante que os alunos tenham em mente a seguinte questão: em que medida o programa reformista de Gorbachev influenciou na abertura política desses países? A partir dela, será possível compor um quadro comum a todos os eventos e relacioná-los a mudanças de caráter mais amplo.

Para discutir o caso da Iugoslávia, propõe-se fazer uma introdução que dê conta da violência do processo de independência das repúblicas que compunham essa federação. É importante que os alunos acompanhem a explicação observando o mapa *A fragmentação da Iugoslávia*, na página 232, para que se localizem geograficamente. Com essa base, é possível novamente separar a sala em grupos – dessa vez seis – para a realização de uma **Atividade Alternativa Interdisciplinar**. A proposta consiste em utilizar as ferramentas e o aporte conceitual da **Geografia** para elaborar uma descrição completa dos países formados a partir da dissolução da Iugoslávia: Bósnia-Herzegovina, Sérvia, Croácia, Eslovênia, Macedônia e Montenegro. Essa descrição deve ser feita no formato de uma página da Wikipédia e cada grupo deve dar conta dos seguintes tópicos em seu texto: geografia, demografia, sistema de governo, economia e religião. Assim que a atividade estiver concluída, convém entregar uma tabela a todos os alunos com os mesmos tópicos selecionados para o texto. Com ela em mãos, eles deverão ler os textos produzidos pelos colegas e completar a tabela com as principais informações coletadas. Dessa forma, terão uma **visão de conjunto da diversidade presente nos países formados a partir da fragmentação da Iugoslávia**, o que ajudará a entender melhor as condições nas quais se ajustaram os conflitos na região.

Professor, para finalizar os estudos desse capítulo, pode ser proveitoso discutir como a Rússia, mesmo não tendo a força que tinha durante a Guerra Fria, ainda é um país-chave dentro da geopolítica mundial, sendo capaz de fazer frente aos interesses estadunidenses em muitos aspectos. Dentro desse quadro, é importante mostrar que uma das frentes de atuação da Rússia consistiu na formação e no desenvolvimento dos **Brics**, grupo de países emergentes formado também pelo Brasil, pela Índia, pela China e pela África do Sul. Para trabalhar esse tema, pode-se lançar a seguinte pergunta aos alunos: quais os dois principais objetivos dos Brics? Em seguida, incentive-os a navegar pelo site desse órgão (disponível em: <<http://brics.itamaraty.gov.br>>, acesso em: 27 abr. 2016) e ler alguns textos que lá se encontram. Eles forneceram informações importantes sobre os principais objetivos do grupo, a saber: reformar as estruturas de gestão econômico-financeiras do mundo, atualmente centradas nos pilares definidos pela FMI e pelo Banco Mundial e reformar a estrutura das Nações Unidas e de seu Conselho de Segurança, democratizando seu acesso a outros países. Nesse ponto, é possível ainda questionar a sala sobre as implicações desses objetivos. Com base nas respostas, procure ressaltar que tais reformas procuram alterar a relação de forças política e econômica que mantém o controle de determinadas instituições e do capital na mão de certo número de países desenvolvidos. A ideia, portanto, é democratizar mais o poder político e as finanças mundiais.

1. A atividade proposta tem por objetivo a elaboração de um texto que seja capaz de articular diferentes informações para analisar a crise econômica soviética, assunto central na dissolução do bloco socialista. Pode-se dizer que, a partir da década de 1970, a União Soviética começou a viver uma grave crise econômica que tinha origem na excessiva burocratização das atividades produtivas, na inexistência de concorrência, na defasagem tecnológica que atingia suas indústrias de bens de consumo e de base, além da corrupção generalizada instalada na máquina pública e em diversos setores da sociedade. Disso resultavam a maquiagem de estatísticas sobre a produção, o desabastecimento de bens no mercado interno e a formação de um mercado paralelo de produtos contrabandeados.
2. O Solidariedade foi uma das mais bem-sucedidas experiências de oposição aos Partidos Comunistas em países do Leste Europeu. Ele surgiu em 1980, quando trabalhadores dos estaleiros da cidade de Gdańsk, na Polônia, entraram em greve contra as péssimas condições de trabalho e pelo direito de se organizarem em sindicatos. Graças à organização do sindicato e à liderança do operário Lech Walesa, em pouco tempo as reivindicações dos trabalhadores ganharam repercussão internacional e deixaram claras as questões políticas que defendiam: contra a censura, a falta de liberdade, a escassez de alimentos e pelo fim do regime de partido único. Portanto, a atuação do Solidariedade foi decisiva para pôr fim ao regime comunista polonês.
3. A *perestroika* ('reestruturação', em russo) era um programa de reformas que deveria descentralizar a economia e garantir a retomada do crescimento econômico da União Soviética. Para chegar a esses objetivos, Gorbachev cortou recursos destinados à indústria bélica e firmou acordos de desmilitarização com o governo estadunidense. Também ordenou a retirada das tropas soviéticas do Afeganistão. Ao mesmo tempo, o governo soviético privatizou empresas estatais e fechou as que eram deficitárias, dispensou funcionários corruptos ou improdutivos, cortou subsídios e deixou o mercado regular o preço das mercadorias. Finalmente, a *perestroika* também permitiu a entrada de multinacionais no país, reabriu a Bolsa de Valores e permitiu o funcionamento do comércio privado. Já a abertura política, a *glasnost*, teve início com a liberação de presos políticos, o fim da censura e a instituição do pluripartidarismo, pondo fim ao monopólio do Partido Comunista. Além disso, a "transparência" também atingiu os órgãos oficiais de notícias, que pararam de divulgar notícias falsas para a população com a finalidade de glorificar o regime. No campo cultural, obras proibidas (livros, filmes, pinturas, etc.) foram liberadas, possibilitando aos soviéticos entrarem em contato com uma produção cultural praticamente desconhecida.

- a) O relato destaca o processo de transição do comunismo ao capitalismo por meio de um novo tipo de violência: o assassinato de pessoas na rua por conta de crimes diversos. Isso era um acontecimento nunca antes presenciado por quem fez o relato apresentado pela escritora Svetlana Aleksievitch. Porém, isso não implica uma memória afetiva saudosista do período comunista. Na realidade, o relato é marcado pela lembrança de outras formas de violência que marcavam a sociedade comunista durante a existência da União Soviética. De acordo com o relato, as mortes eram comuns e as pessoas cresciam entre carrascos e vítimas numa alusão aos processos de perseguição política que foram postos em prática para garantir o controle do regime comunista sobre a população. Assim, se a transição para o capitalismo deu origem a novos crimes, isso não significa que, na perspectiva de quem fez o relato, a época anterior era desprovida de violência ou de mortes.
- b) O relato destaca o envolvimento das pessoas comuns no que dizia respeito ao controle político durante a União Soviética. Assim, para denunciar os crimes e as violências cometidos pelo governo, seria necessário também denunciar os parentes e conhecidos próximos. Por causa disso, as pessoas que viveram na União Soviética durante o stalinismo acabaram não denunciando os crimes do regime. Nesse sentido, o relato destaca a falta de liberdades políticas durante o stalinismo, na medida em que só era possível controlar a população com o envolvimento das próprias pessoas comuns nessa tarefa.

SUA OPINIÃO (p. 235)

Apesar de o gênero ter ganhado espaço em uma vertente que se adaptou à indústria cultural, ainda existe muito preconceito e pouca comunicabilidade entre o mundo do *rap* periférico, os meios de comunicação de massa e as camadas médias. De fato, certos aspectos, como o tratamento dado à mulher em várias letras de *rap*, podem ser motivos de crítica e, de um ponto de vista moralizador, a abordagem de temas violentos nas letras pode ser visto como condenável. No entanto, o *rap* expressa uma visão de mundo que é resultado das condições sociais e econômicas dos jovens pobres das grandes cidades. A expansão do gênero musical nessas camadas resultou, posteriormente, numa pluralidade de manifestações, e hoje o empoderamento e possibilidades críticas tipicamente associados às letras de *rap* já foram apropriados por mulheres e LGBTIs, por exemplo. Portanto, é preciso refletir sobre todo esse contexto social para compreender melhor o alcance e as características desse estilo musical. Professor, o trecho a seguir, extraído de um artigo da *Revista Fapesp*, apresenta uma abordagem mais complexa do movimento *hip-hop*, especialmente no caso brasileiro:

“É por meio do canto, da dança e do grafite que os participantes do *hip-hop* demonstram suas posições políticas e ideológicas. Para eles, o fazer político não está reservado somente para os que se especializam nessa área. Com suas rimas no *rap*, seus passos no *break* e imagens transmitidas em seus desenhos reproduzidos nos grafites, estão assumindo uma posição política e fazendo aliança com outras formas de expressão que são, a um só tempo, políticas, sociais e culturais”, explica João Batista de Jesus Felix, autor da tese de doutorado *Hip-hop: cultura e política no contexto paulistano*, orientada por Lilia Schwarcz e defendida na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP. Para o pesquisador, o *hip-hop* é um degrau a mais alcançado pela população negra e pobre brasileira que fez do seu lazer uma forma de protesto contra a violência e as condições a que é submetida pela sociedade.”

ESQUEMA-RESUMO (p. 236)

A crise da União Soviética teve início na década de 1970 e foi marcada pelo esgotamento do modelo de desenvolvimento econômico e social do bloco comunista. Existem diversas razões que explicam esse processo, como a grande burocratização das atividades produtivas, a defasagem tecnológica, a corrupção generalizada, os intensos gastos militares, entre outros fatores. Por causa disso, durante a década de 1980, o governo soviético tomou medidas reformistas para tentar promover o crescimento econômico e garantir a abertura política da região. Tais medidas, porém, não foram suficientes para conter a crise. Além disso, nesse período, houve um grande crescimento das insatisfações no Leste Europeu, o que resultou em movimentos que lutavam por liberdades políticas e pelo fim do controle da União Soviética na região. Isso tudo provocou, no fim da década de 1980 e início da década de 1990, o processo de abertura política do Leste Europeu, a reunificação da Alemanha e a dissolução da União Soviética. Além disso, outro país comunista do Leste Europeu, a Iugoslávia, passou por diversos conflitos separatistas que provocaram a fragmentação do país e o surgimento de novos Estados. Com o fim da União Soviética, novos países surgiram, assim como o fortalecimento de lutas nacionalistas e separatistas na região. Ainda assim, a Rússia emergiu como a principal potência da região, inclusive com a capacidade de interferir em outros países, como ficou evidente na crise ucraniana a partir de 2013.

ORGANIZANDO AS IDEIAS (p. 237)

1. A dissolução da Iugoslávia foi resultado de dissensões internas que afloraram a partir da morte do líder comunista Tito, em 1980, e que se acirraram durante a década de 1990. Elas levaram a sucessivas guerras entre os diversos povos que integravam o país, de etnias e com crenças religiosas distintas. Em 1991, as repúblicas da Croácia e da Eslovênia anunciaram sua independência. O presidente da Sérvia, Slobodan Milosevic, contrário ao desmembramento da Iugoslávia, declarou guerra às duas repúblicas. O

As respostas são pessoais. As perguntas têm o propósito de levar o aluno a refletir sobre o conceito de transparência nas relações políticas, empresariais e comerciais e sobre os valores éticos de uma sociedade. A transparência na gestão da coisa pública deve se traduzir em medidas de combate à corrupção nas esferas pública e privada, incentivando a probidade administrativa, a eficiência na utilização dos recursos públicos e a divulgação, sem restrições, de informações de interesse coletivo. Ao assimilar o conceito de transparência, o aluno estará em condições de formular hipóteses a respeito da transparência, ou de sua ausência, nas ações de governo nas esferas municipal, estadual e federal. De acordo com dados de 2014 da Transparência Internacional, ONG que avalia a corrupção em todo o mundo, o Brasil encontra-se no 69º lugar na lista das nações menos corruptas do planeta. A pesquisa feita incluiu 175 países.

• Texto complementar

No texto a seguir, o historiador Eric Hobsbawm demonstra como a crise da União Soviética era tanto de ordem econômica, devido às mudanças na indústria e no comércio, quanto de ordem social, graças à piora dos índices sociais na região.

[...] à medida que a década de 1970 passava para a de 1980, foi ficando cada vez mais claro que havia alguma coisa de seriamente errado em todos os sistemas socialistas [...]. A diminuição no ritmo da economia soviética era palpável. A taxa de crescimento de quase tudo que nela contava, e podia ser contado, caiu constantemente de um período de cinco anos para outro após 1970: Produto Interno Bruto, produção industrial, produção agrícola, investimento de capital, produtividade de trabalho, renda real per capita. Se não estava de fato em regressão, a economia avançava no passo de um boi cada vez mais cansado. Além disso, muito longe de se tornar um gigante do comércio mundial, a URSS parecia estar regredindo internacionalmente. Em 1960, suas grandes exportações eram maquinaria, equipamentos, meios de transporte e metais ou artigos de metal, mas em 1985 dependia basicamente para suas exportações (53%) de energia (isto é, petróleo e gás). Por outro lado, quase 60% de suas importações consistiam em máquinas, metais etc. e artigos de consumo industriais. Tornara-se algo assim como uma colônia produtora de energia para economias industriais mais avançadas [...].

Na verdade, na década de 1970 era claro que não só o crescimento econômico estava ficando para trás, mas mesmo os indicadores sociais básicos, como o da mortalidade, estavam deixando de melhorar. Isso minou a confiança no socialismo talvez mais que qualquer outra coisa, pois sua capacidade de melhorar a vida da gente comum através de maior justiça social não dependia basicamente de sua capacidade de gerar maior riqueza.

HOBBSAWM, Eric. *A era dos extremos: o breve século XX, 1914-1991*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. p. 456-457.

Sugestões de livros

BANCHER, Flávia. *A queda do Muro de Berlim e a reidentificação da História*. São Paulo: Ateliê, 2003.

- O livro analisa a repercussão e os significados da queda do Muro de Berlim na vida das pessoas que moravam na cidade no momento do ocorrido.

FERON, Bernard. *Iugoslávia: a guerra final do milênio*. São Paulo: L&PM, 1999.

- Conjunto de artigos que discutem aspectos variados das guerras que resultaram na fragmentação política da Iugoslávia.

LIMA, Bernardo Pires de. *A Síria em pedaços*. Lisboa: Tinta da China, 2015.

- A obra narra as diversas fases do conflito que destruiu a maior parte do território sírio e forçou a migração de boa parte da sua população.

SEGRILLO, Angelo. *O declínio da União Soviética: um estudo das causas*. Curitiba: Prismas, 2014.

- O livro analisa os fatores históricos internos e externos que provocaram o declínio e a posterior queda da União Soviética a partir da década de 1970.

Sugestões de filmes

Adeus, Lenin! (Wolfgang Becker, 2003).

- História de um filho que tenta esconder de sua mãe, militante da RDA recém-saída do coma, que o muro de Berlim havia caído junto com o regime socialista.

Diários da Bósnia (Joaquim Sapinho, 2005).

- O documentário narra os conflitos armados presenciados pelo diretor Joaquim Sapinho enquanto vivia na Bósnia. A partir dos relatos coletados, o diretor discute a ideia de civilização e o conceito de Europa.

Sugestão de site

BRICS. Disponível em: <http://brics.itamaraty.gov.br/pt_br/>. Acesso em: 27 abr. 2016.

- Site do Itamaraty com documentos sobre os Brics.

CAPÍTULO 12

Mundo globalizado

Procedimentos pedagógicos

O capítulo 12 trata do processo de globalização que se consolidou no final do século XX, relacionando-o ao quadro de disparidades culturais e sociais, bem como aos conflitos políticos que marcaram ou marcam a contemporaneidade. O eixo conceitual desta unidade – a ética e seus dilemas – é uma questão central para o mundo que se configurou nas últimas décadas.

Como muitos autores já apontaram, a globalização pode ser definida como o ápice do processo de internacionalização do mundo capitalista. Sua consolidação, portanto, está estreitamente ligada com o fim do mundo bipolar, o fortalecimento da hegemonia estadunidense e a defesa do livre mercado, acompanhados, no plano ideológico, pelo estabelecimento da crença na existência de laços inexoráveis entre democracia, liberalismo econômico e progresso. Professor, para

introduzir o tema, pode ser interessante apontar que se chegou ao ponto de se falar em *fim da História* para se descrever o momento de “vitória” do capitalismo sobre o socialismo de Estado representado principalmente pela URSS. Em 1989, justamente no momento em que o Estado soviético enfrentava uma crise que levou ao seu fim, o cientista político nipo-estadunidense Francis Fukuyama, funcionário do Departamento de Estado dos Estados Unidos, escreveu um ensaio intitulado *O fim da História?* (ver referência nas *Sugestões de livros*, ao final das orientações deste capítulo), no qual defende a tese de que a humanidade teria chegado ao ponto final de sua evolução ideológica com a vitória da democracia liberal sobre o fascismo e, por último, sobre o comunismo. Escrito no contexto da consolidação do liberalismo político e econômico na Europa e de sua rápida expansão pela Ásia, entre os “Tigres Asiáticos”, o texto de Fukuyama define que o fim da História significa, na verdade, o esgotamento de qualquer alternativa para o capitalismo e os regimes democrático-liberais. Na opinião do autor, aí estaria o destino de todos os povos civilizados, incluindo os do Terceiro Mundo, depois que fossem progressivamente varridos ranços históricos como nacionalismos e fundamentalismos ideológicos, culturais e políticos.

Depois dessa explanação, pode-se discutir com os alunos essa relação entre “fim da História” e o processo de globalização, incentivando que cada um dê sua opinião, registrando-a no caderno na forma de uma breve redação com base nas seguintes questões: Quais são os maiores benefícios da globalização? Todas as pessoas em todas as partes do mundo podem senti-la da mesma forma? A quais grupos mais interessaria essa visão de que o mundo globalizado representaria o “fim da História”? Quando as redações estiverem prontas, pode-se abrir um espaço de debate, de modo que os alunos possam ler suas opiniões e refletir sobre os argumentos dos colegas. Professor, para orientar o debate, pode-se apontar que, como contraponto aos elogios à globalização e suas benesses, especialistas das mais diversas áreas do conhecimento vêm advertindo sobre os perigos do pensamento único e sobre o sistema de dominação e exclusão que sustentam o privilégio de pouquíssimas pessoas. O historiador inglês Perry Anderson, por exemplo, ainda nos primeiros anos da década de 1990, escreveu uma das primeiras respostas ao ensaio de Francis Fukuyama, na qual apontava que seria irreal esperar que o modelo de desenvolvimento e consumo dos países desenvolvidos fossem totalmente reproduzidos no Terceiro Mundo. Ele foi taxativo ao apontar que, na era da globalização do capital, “o privilégio de uns poucos requer a miséria de muitos, para ser sustentável” (ver referência nas *Sugestões de livros*, ao final). Nessa perspectiva, esperar que a globalização nesses moldes traga progresso para todos os países não passa de uma ilusão. Para reforçar esse argumento, pode-se apontar que em nenhum outro momento da história da humanidade viu-se tantas inovações tecnológicas e produção de riqueza como no período que se inicia logo após a Segunda Guerra Mundial e vem até os dias atuais. Porém, ao mesmo tempo, nunca se viu o abismo entre ricos e pobres ser

tão gigantesco (ver *Texto complementar*, ao final das orientações deste capítulo). Após esse debate, pode ser interessante que os alunos voltem às suas redações e confrontem suas opiniões iniciais. Um caminho possível, então, é questionar se algum aluno mudou sua opinião inicial e por quê.

Entre os autores que, nas últimas décadas, mais se destacaram na crítica ao processo de globalização e da imposição de um pensamento único foi o geógrafo brasileiro Milton Santos (1926-2001), que escreveu *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*. Professor, para aproveitar as reflexões desse eminente estudioso brasileiro, pode-se propor como **Atividade Alternativa** a exibição do documentário *Encontro com Milton Santos: o mundo global visto do lado de cá* (Silvio Tendler, 2006), mais precisamente os primeiros vinte e três minutos. Este trecho, além de mostrar um pouco o pensamento do geógrafo brasileiro, apresenta imagens de alguns confrontos sociais que se originaram como reações ao processo de globalização e de expansão do neoliberalismo na América do Sul. O Consenso de Washington é citado como evento fundamental para o aprofundamento desses processos e para a crise de diversas economias. Inicialmente, pode-se explicar que se tratou de um conjunto de regras estabelecidas, em um documento de 1989, por instituições financeiras, como o FMI e o Banco Mundial, sediados na capital estadunidense, e que tinham por objetivo receitar medidas de ajustamento neoliberal para países em desenvolvimento que se encontravam em dificuldades. Após a exibição do filme e dessa discussão preliminar, pode ser interessante propor aos alunos uma pesquisa sobre o significado histórico do Consenso de Washington e suas consequências para a globalização. Complementando a pesquisa, os alunos podem apresentar também informações sobre algum movimento que tenha se organizado em oposição às políticas neoliberais e à imposição da globalização nos moldes atuais. Há os exemplos dos movimentos destacados no filme, além de outros nas seções *Enquanto isso...* e *Você sabia?*, ambas na página 253. Divididos em grupos, os alunos podem apresentar os resultados das pesquisas em seminários para o restante da classe, destacando principalmente as críticas feitas à globalização pelo movimento escolhido, bem como as alternativas sugeridas.

Ainda se valendo do documentário, pode-se incentivar que os alunos reflitam sobre a afirmação de Milton Santos (aos 3 minutos e 10 segundos) de que o verdadeiro **fundamentalismo**, hoje em dia, é o **consumo**. O que será que o autor quis dizer com isso? Qual a ligação possível entre consumismo e globalização? É possível recapitular com os alunos outros trechos do próprio documentário que mostram como as grandes empresas organizam sua produção nos mais diversos pontos do planeta, sempre em busca de matérias-primas e mão de obra mais barata. Uma exploração, portanto, que está intrinsecamente ligada com as demandas impostas pelos padrões do consumismo. Os alunos podem pesquisar casos de denúncias contra empresas relacionados à superexploração do trabalho, à exploração do trabalho infantil, à destruição do meio ambiente, entre outros aspectos. Os resultados dessa

pesquisa podem ser apresentados na forma de uma “campanha publicitária ao inverso”. Nessa campanha, feita por meio de cartazes ou vídeos, algum produto previamente escolhido seria apresentado não por seus atributos e qualidades, mas por todas as práticas reprováveis envolvidas em sua produção. Como conclusão da atividade, pode-se sugerir que cada grupo, ao final de sua apresentação, sugira algumas medidas que considerem mais éticas, tanto para empresas como para consumidores, nessa era global.

Milton Santos proferiu essa frase sobre o fundamentalismo do consumo no final da década de 1990. Se estivesse vivo e a proferisse mais próximo dos dias atuais, é provável que colocasse também o fundamentalismo religioso entre os grandes problemas do mundo globalizado. Pode-se dizer que um dos maiores dilemas éticos da contemporaneidade é como lidar com o confronto de culturas e resolver os conflitos inerentes ao encontro de diferentes visões de mundo, encontrando um denominador comum. Será que é possível alcançar esse ponto de convivência sem que um dos lados tente se impor pela força? Por falar em encontro de culturas, outro fenômeno da ordem do dia que cria dilemas éticos e impasses políticos são os fluxos migratórios. A seção *Interpretando documentos: imagem*, na página 247, oferece, a partir da análise de uma releitura da obra *Guernica*, de Picasso, um interessante exercício de reflexão sobre a questão dos refugiados no mundo globalizado. Professor, para guiar a análise, pode-se apontar as relações entre conflitos militares, guerras e deslocamentos populacionais. Conflitos que atingem a população civil, destroem vidas e obrigam milhões de pessoas a se arriscarem em busca de melhores condições de vida em um país mais rico. Um exemplo preciso dessa precariedade são os migrantes africanos que se jogam no mar Mediterrâneo em embarcações simplórias, em total situação de risco, para tentar alcançar a Europa. No Brasil, observa-se nos últimos tempos um grande fluxo de refugiados sírios e haitianos. Talvez seja interessante incentivar os alunos a pesquisarem sobre pessoas nessa situação e, se possível, entrevistá-las, para, depois, posicionarem-se eticamente sobre a questão dos refugiados, não só no Brasil, como no mundo todo.

Por fim, a seção *Hora de refletir*, na página 258, aponta para outro problema ético atual, já citado neste procedimento, que é a pobreza extrema de uma parte considerável da população mundial. Ao final da seção, sugere-se que os alunos discutam uma ação de conscientização das implicações éticas e políticas da pobreza e da concentração de renda e criem uma apresentação sobre o tema, que pode ser uma canção, uma charge, um vídeo curto, um poema, uma apresentação de imagens, etc. Pode ser interessante sugerir aos alunos que reflitam também sobre o fundamentalismo religioso e façam uma apresentação nos mesmos moldes. Em conjunto, essas reflexões e apresentações que se relacionam com a questão da ética no mundo globalizado podem servir como material de avaliação do processo de aprendizagem referente aos conteúdos e conceitos deste capítulo e da unidade.

1. Os avanços tecnológicos do final do século XX, sobretudo nas áreas de informática, transporte e comunicações, modificaram a relação da sociedade com o espaço geográfico. Por causa disso, ações realizadas em uma empresa ou governo podem repercutir imediatamente no outro extremo do globo terrestre. Hoje, por meio da internet, por exemplo, é possível obter informações e se comunicar instantaneamente com pessoas em qualquer país. Tudo isso contribuiu para acentuar características importantes da globalização, como a expansão do comércio internacional, o fluxo internacional de capitais e o aumento da interdependência entre as nações. Além disso, tais mudanças possibilitaram uma transformação importante no perfil das grandes empresas. Estas estavam organizadas, até os anos 1960 e 1970, nos moldes do modelo das multinacionais, funcionando a partir de matrizes, localizadas nos países de origem das empresas, e em filiais em outros países que produziam artigos completos, como automóveis, eletrodomésticos, etc. Porém, nas últimas décadas esse modelo se alterou, sendo substituído pelas empresas transnacionais, nas quais o processo de produção utiliza recursos de vários países ao mesmo tempo. Isso possibilita, por exemplo, que um produto tenha suas peças fabricadas em um país e ser montado em outro, de acordo com o preço da mão de obra.
2. A expansão da globalização fez com que os Estados nacionais, embora permaneçam fortes, passassem a dividir o poder decisório com organizações internacionais, como o FMI, o Banco Mundial, a OMC, etc. Para garantir condições de negociação num mundo cada vez mais globalizado, diversos países começaram a se organizar em torno de blocos econômicos, como a União Europeia (UE); o Tratado Norte-Americano de Livre-Comércio (Nafta) entre os Estados Unidos, o México e o Canadá; a União Africana (UA), que reúne 54 países da África, e o Mercado Comum do Sul (Mercosul), reunindo Brasil, Argentina, Uruguai, Paraguai e Venezuela. Recentemente, países da Ásia, entre eles a China, Cingapura, Malásia e Indonésia, assinaram um acordo prevendo a criação da maior zona de livre-comércio do mundo em população; em contraposição, Estados Unidos, Japão, Austrália, México e outros países anunciaram uma zona de livre-comércio ao redor do oceano Pacífico, que deverá ser a maior em atividade econômica. De todos esses blocos, a UE é o que mais avançou no processo de integração dos países, articulando uma zona de livre-comércio, um Banco Central único e uma moeda única, além de contar com a criação da Comissão Europeia e do Parlamento europeu. Assim, a UE se torna um espaço político que vai além da noção moderna de Estado nacional.
3. Tigres Asiáticos é o nome dado a esses países (e, posteriormente, também a Indonésia, Tailândia e Malásia) em virtude dos elevados índices de

crescimento que experimentaram entre meados da década de 1960 e os anos 1990. Nesse período, boa parte dos países ocidentais apresentavam crise e desemprego, enquanto os Tigres Asiáticos atingiam taxas de crescimento de aproximadamente 8%. Impulsionados pelo desenvolvimento industrial do Japão e pelo bom nível de escolarização de seus trabalhadores, entre outros fatores, esses países experimentaram uma forte expansão econômica até 1997, quando foram abalados por uma crise, mas voltaram a se recuperar após 1999.

INTERPRETANDO DOCUMENTOS: IMAGEM (p. 247)

- a) No primeiro plano da imagem de Jovcho Savov é possível observar uma série de figuras que remetem diretamente ao trabalho de Pablo Picasso. São rostos humanos, animais e objetos elaborados segundo o mesmo estilo das figuras que foram utilizadas em *Guernica*. Dessa forma, fica evidente ao observador que Savov está realizando uma releitura do trabalho do pintor espanhol.
- b) Pode-se dizer que a proposta da obra de Jovcho Savov é denunciar os horrores aos quais os refugiados estão submetidos enquanto tentam buscar um refúgio longe de seus países de origem. Nesse sentido, a imagem realiza uma contraposição bastante direta desses horrores. Enquanto as figuras que representam os refugiados, que seguem o estilo artístico de *Guernica* e aparecem em primeiro plano, indicam grande sofrimento e tormentos na viagem marítima, inclusive com algumas figuras se afogando, no plano de fundo da imagem é possível observar um navio de cruzeiro, no qual as pessoas são transportadas em segurança e sem dificuldades. Tais pessoas, possivelmente turistas de países desenvolvidos, não oferecem nenhum tipo de socorro ou ajuda aos imigrantes. É o choque entre as duas realidades que permite a comparação entre o horror da guerra moderna e o horror da crise dos refugiados no mundo contemporâneo.
- c) A proposta da atividade é fazer com que os alunos pesquisem e levantem informações sobre a maneira como o Brasil tem acolhido refugiados nos últimos anos. Nesse sentido, é importante destacar que as crises provocadas pelo processo de globalização provocaram uma imensa ampliação no número de refugiados no mundo inteiro. Entre 2005 e 2014, o número de pessoas refugiadas passou de 37,5 milhões para 59,5 milhões. Desses refugiados, a maior parte vem da Síria, onde 7,6 milhões de pessoas precisaram se deslocar de suas regiões de origem em busca de segurança e proteção. Em razão disso, entre 2011 e agosto de 2015, o Brasil concedeu o *status* de refugiado a 2077 sírios, um número superior ao oferecido pelos Estados Unidos e muitos países do sul da Europa, como a Grécia, a Itália, a Espanha ou Portugal. Apesar da recepção facilitada, os sírios

que chegam ao Brasil enfrentam problemas diversos, entre os quais destaca-se o problema da moradia, já que muitos encontram dificuldades em conseguir um lugar adequado para morar. Há também relatos sobre a dificuldade para conseguir emprego.

ESQUEMA-RESUMO (p. 254)

O mundo globalizado está relacionado com as transformações sociais, políticas e econômicas que se aceleraram com o fim da União Soviética em 1991. Tais transformações foram marcadas pelo grande desenvolvimento das tecnologias de transporte e comunicação, que possibilitaram uma grande alteração na forma como a sociedade se relaciona com o tempo e o espaço. Isso contribuiu para o surgimento de grandes empresas transnacionais e de blocos econômicos regionais. Porém, a globalização não foi marcada apenas por transformações econômicas positivas, mas também pelo crescimento das desigualdades sociais em muitas regiões do planeta, por conta da ampliação do desemprego e da concentração de renda. Além disso, o próprio capitalismo enfrentou crises relacionadas com o processo de globalização. Em 2008, teve início uma grave crise no sistema financeiro internacional, que afetou de diversas maneiras muitos países. Essa crise agravou as contradições do mundo globalizado e estimulou manifestações de contestação das desigualdades sociais, como o movimento *Occupy* e a Primavera Árabe. Outro efeito da globalização foi o fortalecimento de movimentos fundamentalistas religiosos, que promoveram ataques terroristas em diversas partes do mundo. Isso iniciou a guerra contra o terror, na qual os Estados Unidos passaram a realizar operações militares para enfraquecer grupos extremistas, mas também possibilitou a formação de novos grupos fundamentalistas, como o Estado Islâmico e o Boko Haram.

ORGANIZANDO AS IDEIAS (p. 255)

1. A globalização transformou o modo de funcionamento e a estrutura das indústrias, provocando fusões de grandes empresas, automação e redução do quadro de operários, substituídos aos milhões por robôs e máquinas. Essas mudanças contribuíram para o aumento do desemprego. Além disso, milhares de trabalhadores de países pobres migram para países ricos em busca de melhores condições de vida, porém acabam frequentemente sobrevivendo na clandestinidade, com empregos sem proteção trabalhista ou mesmo com a mendicância nas ruas das grandes cidades europeias ou estadunidenses.
2. A expressão mundo multipolar foi criada para analisar o equilíbrio internacional que surgiu após a Guerra Fria e o enfraquecimento da hegemonia dos Estados Unidos. Nesse caso, o equilíbrio de poder internacional depende não apenas da economia e da força política dos Estados Unidos e dos países europeus, mas também da Índia, da China, de países do Golfo Pérsico, entre outros. Além disso, teve início

a organização de novas alianças e compromissos internacionais. Nesse contexto, os desafios internacionais são muito variados, como a crise financeira global, a proliferação nuclear, os Estados falidos, a mudança climática e a escassez de recursos.

3. Apoiados nos princípios do neoliberalismo, o governo dos Estados Unidos e organismos internacionais, como o FMI e o Banco Mundial, pressionaram os governos de diversos países a eliminarem as restrições legais que limitavam o funcionamento do sistema financeiro. Essas regulamentações tinham por objetivo limitar formas de especulação que poderiam colocar em risco o mercado financeiro. A pressão permitiu cada vez mais que as instituições financeiras realizassem operações de alto risco, antes proibidas. Isso ampliou o volume de negócios e atraiu especuladores que lucravam com essas operações de risco de modo significativo. A ampliação dos ativos dos bancos internacionais criou novas possibilidades de empréstimos a juros baixos. Nos Estados Unidos, esses empréstimos foram dirigidos principalmente para o mercado imobiliário, atraindo milhares de pessoas sem renda fixa, interessadas em comprar sua casa. O aquecimento do mercado provocou a elevação do preço dos imóveis, atraindo ainda mais interessados, mas os compradores nem sempre podiam pagar suas hipotecas. Por meio de sofisticados mecanismos financeiros, os bancos transformavam as dívidas em títulos negociáveis com outros bancos e instituições financeiras. Quando o governo estadunidense aumentou a taxa de juros, toda essa cadeia veio abaixo, com o aumento das dívidas e a consequente inadimplência de milhões de pessoas. Sem recursos em caixa, empresas do mercado financeiro (bancos, seguradoras, etc.) começaram a falir, provocando um pânico de dimensões globais que atingiu as bolsas de valores e provocou perdas generalizadas.
4. Segundo os princípios do neoliberalismo, o Estado não deveria intervir na economia, pois as leis de mercado seriam capazes de resolver naturalmente os problemas por meio da livre-iniciativa econômica dos agentes particulares. No entanto, depois que a crise financeira estourou, diversos governos intervieram de modo significativo no mercado, estatizando bancos à beira da falência e oferecendo volumosos empréstimos para instituições financeiras saldarem suas dívidas.
5. O processo de globalização, ao mesmo tempo que promoveu a expansão das riquezas e a integração das economias em escala mundial, contribuiu para o aumento do desemprego e da desigualdade social, o enfraquecimento dos Estados nacionais e de valores culturais de muitos países que se encontram na periferia do sistema. É nesse contexto que se pode analisar a expansão do fundamentalismo islâmico. A maioria dos muçulmanos encontra-se em países pobres, como Bangladesh, Egito, Iraque, Nigéria, Sudão etc. Muitas dessas pessoas tornam-se fundamentalistas, pois associam sua situação

desfavorável à influência crescente, em seus países, de valores éticos, religiosos e culturais do ocidente. Em geral, os grupos extremistas relacionados ao islã defendem a criação de sociedades regidas seguindo uma interpretação estrita do Alcorão.

6. O Estado Islâmico é um grupo que surgiu no noroeste do Iraque durante a ocupação americana da região e depois iniciou sua expansão para outras áreas do Oriente Médio. Utilizando como modelo os métodos da Al-Qaeda, o líder desse movimento, o iraquiano Abu Bakr al-Baghdadi, conseguiu controlar amplas áreas do Iraque e o leste da Síria. Em junho de 2014, ele se declarou califa da região. Já o Boko Haram é outro grupo fundamentalista islâmico que promove ataques terroristas na Nigéria com o objetivo de criar um regime fundamentalista no país. Em março de 2015, esse grupo se afiliou ao Estado Islâmico.

INTERPRETANDO DOCUMENTOS: IMAGEM (p. 255)

- a) Em 2011, o mundo passava por grandes transformações relacionadas com a crise econômica iniciada em 2007, que provocou a desaceleração da economia, alta do desemprego e recessão. Os efeitos dessa crise estimularam protestos em diversas partes do mundo, como o movimento *Occupy Wall Street*, nos Estados Unidos, e a Primavera Árabe, iniciada entre o fim de 2010 e ao longo de 2011, que foi marcada por uma onda de protestos em favor da democracia e por melhores condições de vida em países do norte da África e do Oriente Médio. Assim, a ação dos manifestantes ganhou uma importância política bastante grande, provocando reações violentas de muitos governos. Por isso, o contexto global no período justifica a escolha da figura do manifestante como personalidade do ano pela revista *Time*. Para aprofundar essa reflexão, sugerimos o texto a seguir, que discute a relação entre o movimento *Occupy*, a crise econômica mundial e a desigualdade social. “[...] Os ‘ocupas’ pelo mundo, em particular os de Wall Street, Nova York, onde os protestos começaram em setembro e chegaram a reunir 15 mil pessoas, definem-se como a ‘mobilização dos 99%’, isto é, a parcela da população negativamente afetada pela desigualdade econômica. [...] A desigualdade econômica mina sistematicamente o funcionamento democrático. Isso ocorre devido a pelo menos dois mecanismos. Primeiro, os ricos têm acesso mais fácil aos tomadores de decisão e capacidade de influenciá-los, de modo legal ou ilegal. Segundo, há um viés nas arenas políticas para atender aos interesses da parcela da população que controla os fluxos de investimento. Isso porque, se não há investimentos, o mercado de trabalho se fragiliza, prejudicando os trabalhadores (menos emprego) e onerando o Estado (menos arrecadação de impostos e mais repasses a políticas sociais). Mesmo em

sistemas democráticos, propostas políticas que não atendem aos interesses dos ricos são muitas vezes deixadas de lado, por mais que gerem benefícios reais à sociedade. Os 'ocupas' põem na pauta política justamente a discussão de alternativas aos regimes econômicos desiguais e a experimentação do igualitarismo democrático radical. E, com exceção dos ricos, que de fato saem perdendo, participar dessa discussão é do interesse de toda a população." (PESCHANSKI, João Alexandre. Os 'ocupas' e a desigualdade econômica. In: HARVEY, David. *Occupy*. São Paulo: Boitempo, 2012. p. 27-30.)

- b) A proposta da revista foi representar o manifestante como uma figura global e não o associar com a luta de um grupo específico ou com os problemas de apenas uma região ou país. Para atingir esse fim, a revista representou o manifestante de forma genérica, sem utilizar vestimentas que caracterize uma cultura determinada ou um grupo social específico. Pode-se dizer apenas que o manifestante tem pele branca, mas não é possível inferir sua origem ou o país ao qual ele pertence. Nesse caso, é possível dizer que o manifestante foi eleito pelo fato de questionar as estruturas globais da sociedade, não podendo ser limitado ao contexto particular dessa ou daquela sociedade.
- c) A resposta é pessoal, mas é importante que os alunos destaquem a existência, na atualidade, de diversos exemplos de manifestações contra a falta de democracia, a desigualdade social e outros problemas sociais em diferentes partes do planeta. Os alunos podem lembrar, entre outros exemplos, das manifestações ocorridas durante a COP-21, conferência que discutiu as transformações ambientais no final de 2015, as inúmeras manifestações ocorridas em países europeus por causa da crise econômica, como na Grécia ou na Espanha, as manifestações contrárias aos grupos fundamentalistas que realizaram ataques terroristas na França em 2015, aquelas relacionadas com a crise migratória, entre outras. Pode-se também lembrar de exemplos de manifestações no Brasil, como os protestos realizados contra o aumento do preço das passagens do transporte coletivo ou por melhores condições na educação. Vale lembrar que movimentos iniciados no começo da década de 2010, como o *Occupy* e a Primavera Árabe, perderam sua força, mas as causas que tais movimentos defendiam continuam sendo politicamente relevantes e novos grupos passaram a defender ações que lutam por ideais semelhantes.

TESTE SEU CONHECIMENTO (p. 256)

1. B 3. C 5. D
2. D 4. C

HORA DE REFLETIR (p. 258)

A proposta da atividade é fazer com que os alunos reflitam sobre as implicações éticas da pobreza e do crescimento da desigualdade social. Nesse sentido, pode-se discutir que o fato de as políticas nacionais, bem como aquelas adotadas por instituições transnacionais (como a ONU), terem possibilitado a manutenção das desigualdades sociais e da pobreza extrema evidencia um dos problemas éticos mais importantes em nosso mundo, na medida em que viver em condições de pobreza impossibilita o pleno exercício de direitos sociais e de cidadania, bem como oferece inúmeros riscos para pessoas e grupos sociais diversos. Por isso, é fundamental chamar a atenção para essa temática e conscientizar a sociedade da importância de se criar políticas públicas que ajudem a reverter a pobreza. A ideia é que cada grupo tenha liberdade para escolher o formato que lhe parecer mais adequado, como canção, charge, vídeo curto (utilizando celulares, por exemplo), poemas, apresentações em *slides*, cartazes, etc. Pode-se também pensar em recursos baseados na linguagem das redes sociais, como postagens, memes, *gifs* animados, entre outros. Na apresentação aos colegas é importante ressaltar que a pobreza não é um fato natural, mas o resultado de processos sociais mais amplos e que precisa ser associada com a globalização e as transformações econômicas do capitalismo. Além disso, é muito importante que a discussão afirme a necessidade de políticas públicas para reverter a pobreza. Professor, caso julgue oportuno, é possível alargar a apresentação dos trabalhos para o restante da comunidade escolar. Nesse caso, essa pode ser uma etapa extra da atividade, realizada após a discussão em sala de aula, de modo a envolver os demais membros da comunidade escolar na reflexão sobre a pobreza e as implicações éticas e políticas que estão relacionadas a ela.

▀ Texto complementar

O trecho a seguir, de Nicolau Sevcenko, faz uma crítica à imposição da globalização nos moldes do neoliberalismo.

[...] Os argumentos em favor desse rearranjo [da globalização neoliberal] enfatizam o que é caracterizado como seus aspectos positivos: a difusão das ideias e informações, a atualização e transferência das tecnologias, o rebaixamento dos custos das mercadorias e a ampliação das opções para os consumidores. [...]

Mas seus aspectos negativos são cautelosamente ocultados, dada sua natureza alarmante: a rápida concentração de renda, o desemprego em massa, a exploração e mortalidade infantil, a difusão da miséria desamparada, o crescimento do tráfico de drogas, o aumento da criminalidade e da violência, a instabilidade financeira que torna a ordem mundial cada vez mais volátil e insegura. Bastam alguns dados para revelar o rumo turbulento que o mundo vai tomando. O Relatório de Desenvolvimento Humano da Organização das Nações Unidas, na sua edição de 2000, revela que a disparidade de renda entre os países mais ricos e os mais pobres, que era da ordem de 3 para 1 em 1820,

atingiu 44 para 1 em 1973, chegou a 72 para 1 em 1992 e está atualmente ao redor de 80 para 1. [...]

Dados como esses deixam bem claro quem está pagando os custos da globalização e quão alto eles são. Esse aumento crítico da desigualdade social é sem dúvida o legado mais perverso do século XX para o XXI. [...]

SEVCENKO, Nicolau. *A corrida para o século XXI: no loop da montanha-russa*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. p. 42-43.

Sugestões de livros

ANDERSON, Perry. *O fim da História* — De Hegel a Fukuyama. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1992.

- O historiador britânico analisa diferentes versões a respeito da ideia de fim da História, refuta a tese de Francis Fukuyama em *O fim da História e o último homem* (1992) e discute a situação do socialismo após a queda do Muro de Berlim.

BAUMAN, Zigmunt. *Globalização: as consequências humanas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

- O sociólogo polonês faz um balanço histórico do processo de globalização e levanta algumas inquietantes questões sobre seu desenvolvimento.

FUKUYAMA, Francis. *O fim da História e o último homem*. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.

- Publicação do controverso ensaio escrito em 1989. No texto, Fukuyama apresenta sua tese sobre o fim da História, relacionando-a com a vitória das democracias capitalistas sobre o comunismo da URSS.

Sugestões de filmes

Encontro com Milton Santos ou O mundo global visto do lado de cá (Silvio Tendler, 2006).

- Documentário sobre a globalização a partir do pensamento do geógrafo Milton Santos.

The Corporation (Jennifer Abbott, Mark Achbar; 2003).

- Documentário que analisa o poder das grandes corporações no mundo globalizado.

Sugestão de site

Organização das Nações Unidas. Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/>>. Acesso em: 28 abr. 2016.

- Site que permite o acompanhamento das iniciativas e dos trabalhos da ONU.

CAPÍTULO 13

Desafios para um Brasil democrático

Procedimentos pedagógicos

O capítulo 13 destaca as principais transformações políticas, econômicas e sociais ocorridas no Brasil a partir de meados da década de 1980. Dividido em 5 partes, o capítulo discute o processo de redemocratização e de consolidação da democracia no país, bem como as políticas econômicas adotadas para recuperar o crescimento e trazer estabilidade para a economia brasileira. Outro tema abordado no capítulo é o da introdução de políticas neoliberais no Brasil, bem como o efeito delas na sociedade brasileira. Finalmente, o capítulo discute os avanços sociais conquistados nas últimas décadas e destaca os problemas sociais que ainda não foram resolvidos e que se apresentam como desafios para a consolidação da democracia e da ética no Brasil.

Professor, a menção aos casos graves de violência registrados no Brasil na atualidade, exemplificados na

abertura, pode ser uma forma interessante de iniciar a reflexão proposta neste capítulo: **os desafios para um Brasil democrático**. Os diversos tipos de violência que acometem a população brasileira, motivadas por desigualdades sociais, preconceitos, machismo e desrespeitos às leis, estão associados às contradições sociais e políticas presentes em nossa trajetória democrática. É importante que se perceba que alguns desses exemplos se relacionam diretamente à conduta dos cidadãos e não somente aos nossos governantes, o que nos faz retomar a importância dos **valores éticos** para o aprimoramento da democracia.

Ao abordar as principais transformações políticas, sociais e econômicas ocorridas no Brasil a partir da década de 1980, como a importância da Constituição de 1988 no fortalecimento do regime democrático, a crise financeira que marcou a década de 1990, as consequências da adoção de políticas neoliberais, os efeitos nocivos da corrupção na gestão pública, a estagnação econômica e os avanços e retrocessos na área social, o capítulo ajuda a esclarecer muitos aspectos de nossa atualidade e mostra como o Brasil ainda precisa avançar em muitos setores para garantir a plena democracia. Um reflexo desses obstáculos foram as manifestações que tomaram conta das ruas entre 2013 e 2016, detalhados no box *O povo nas ruas*, na página 272, que destaca também a luta pela permanência dos direitos já conquistados e a defesa do próprio processo democrático.

Um importante marco da história de nossa recente democracia é a promulgação da **Constituição de 1988**, chamada de **Constituição Cidadã** por contar com a mobilização de diferentes setores da sociedade brasileira em prol da **defesa de direitos individuais e coletivos**. Entre outros aspectos, a nova Constituição pôs fim à censura prévia às artes e aos meios de comunicação, proibiu a prática de tortura, restabeleceu eleições diretas para os cargos de presidente da república, governadores e prefeitos, garantiu o direito ao voto para os analfabetos, eliminou a jornada de trabalho semanal máxima e garantiu direitos individuais como o direito à vida, à liberdade de crença, à informação, entre outros.

Considerada a mais completa Constituição do Brasil, se comparada às anteriores (245 artigos e nove títulos), alguns críticos lembram, entretanto, que o anseio em englobar o máximo de temas que protegessem o cidadão em um período pós-ditadura acabou por criar artigos repetitivos e abriu brechas para a elaboração de emendas posteriores que podem comprometer o texto original. A seção *Passado presente*, na página 261, busca esclarecer estas características ao promover uma reflexão sobre como a democracia está em constante construção, exigindo muito mais que a elaboração de leis e maneiras de concretizar os direitos que a Constituição reconhece.

A atividade *Sua opinião*, na mesma seção, pode auxiliar nesta reflexão, na medida em que permite a exposição da percepção dos alunos sobre o respeito aos direitos previstos na **Constituição de 1988**. Professor, para uma ampliação desse quadro, pode-se propor uma **Atividade Alternativa** que estimule um debate acerca dos **deveres dos cidadãos**, também previstos na Constituição, como cumprir as leis, votar para escolher nossos representantes, respeitar os direitos do outro e proteger a natureza.

Os alunos podem, por meio de uma pesquisa, relacionar alguns destes deveres e explicar em um pequeno texto a importância de termos consciência dos nossos deveres para que a cidadania seja fortalecida.

O tópico *Década perdida*, na página 262, traça um panorama das dificuldades econômicas nas décadas de 1980 e 1990, com altos índices de inflação e aumento da dívida externa, que trouxeram sérias dificuldades para a população brasileira. A adoção de medidas neoliberais durante o **governo Collor** estimulou a abertura do mercado brasileiro ao comércio exterior, por meio de incentivos fiscais, e provocou a diminuição dos gastos com mão de obra e a terceirização dos serviços como forma de se adequar ao novo mercado. A política de privatizações também marcou o período (especialmente durante os governos de Collor e Fernando Henrique Cardoso) e foi responsável pela venda de empresas lucrativas e estratégicas para a economia nacional, como a Vale do Rio Doce, empresas de telecomunicações, energia elétrica, concessões de rodovias, portos e bancos, à iniciativa privada, com a justificativa de melhorar os serviços, o que nem sempre se observou.

Sobre a atuação das empresas, especialmente aquelas geridas por capitais estrangeiros, é interessante pensar, além da qualidade dos produtos e serviços, em seu compromisso com as leis de nosso país, como aquelas que visam preservar o meio ambiente e a saúde dos trabalhadores e da comunidade em geral. Nesse sentido, o texto e a imagem selecionados na seção Interpretando documentos: texto e imagem, na página 274, abordam o rompimento da barragem da empresa controlada pela Samarco Mineração S.A. (um empreendimento das empresas Vale S.A. e da anglo-australiana BHP Billiton), em 2015, no subdistrito de Bento Rodrigues, a 35 km de Mariana, em Minas Gerais. Este acidente foi responsável pelo desaparecimento do vilarejo, pela morte de 18 pessoas e pela contaminação do rio Doce, sendo considerado o maior desastre ambiental da história brasileira. Os rejeitos de mineração presentes na lama atingiram a bacia do rio Doce, prejudicando diversos municípios de Minas Gerais e do Espírito Santo. Sem um plano de recuperação, os efeitos desse acidente continuarão por mais de cem anos, segundo ambientalistas. A atividade proposta incentiva o debate acerca deste e de outros problemas ambientais causados por atividades econômicas e que ameaçam nossa biodiversidade. Os altos índices de degradação ambiental registrados no Brasil estão entre os desequilíbrios socioeconômicos a serem vencidos.

Outro tema desenvolvido no capítulo é o processo de *impeachment* sofrido pelo então presidente Fernando Collor de Mello, primeiro presidente escolhido por meio de eleições diretas após o longo período de ditadura militar, bem como a adoção de uma política econômica capaz de trazer estabilidade e crescimento. Ambos os casos indicam o longo caminho de amadurecimento que a democracia no Brasil teve que percorrer com o final do regime autoritário.

A criação, em 1993, de um plano econômico para diminuir gradativamente a inflação e a substituição da moeda (de cruzeiro real para real) durante o governo **Itamar Franco** e **Fernando Henrique Cardoso** deram

início a um período de estabilidade e de crescimento da economia que durou até 2014. A queda do desemprego e o aumento do poder aquisitivo de setores das camadas mais pobres da população, permitindo novos hábitos de consumo, associados a algumas ações que visavam promover a distribuição de renda (como o aumento real do salário mínimo e a criação do Programa Bolsa Família), causaram transformações significativas na sociedade, até então marcada por um grande número de pessoas vivendo na miséria.

As eleições de um ex-operário para presidente da República em 2003 (**Luiz Inácio Lula da Silva**) e da primeira mulher presidenta em 2011 (**Dilma Rousseff**) pareciam indicar também um amadurecimento dos debates políticos, das instituições democráticas e até de avanços no âmbito dos costumes. Contudo, a persistência da desigualdade e suas consequências, como a violência urbana e no campo, além de problemas graves na administração do país, como os casos de corrupção envolvendo políticos do governo, de partidos da oposição e de empresários, indicam que ainda são muitos os desafios a serem vencidos no Brasil.

A persistência da desigualdade, **embora tenha ocorrido um aumento da renda entre os mais pobres**, entre 2001 e 2011, pode ser constatada, ainda, avaliando-se os dados referentes à concentração de renda e riqueza entre a minoria mais rica da população e o baixo IDH (Índice de Desenvolvimento Humano) do Brasil, se considerado os bons números de nosso PIB (Produto Interno Bruto). Esses dados podem ser mais bem explorados com a seção *Você sabia?*, na página 269.

O machismo e a violência contra a mulher e os grupos **LGBTI** (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais, Transgêneros e Intersexuais) também estão entre os graves problemas que ainda marcam nossa sociedade. O boxe *O combate à violência contra a mulher*, na página 270, traz dados sobre os efeitos das violências praticadas contra as mulheres, bem como sobre algumas leis que visam coibir a violência doméstica (como a citada **Lei Maria da Penha**, de 2006). A seção é um bom recurso para iniciar a abordagem do tema, que pode ser enriquecido com o auxílio do professor de Sociologia. É importante esclarecer que, quando se fala em violência contra a mulher e grupos LGBTI, não estamos nos referindo apenas à violência física, geralmente mais visível, mas também à violência psicológica, sexual, patrimonial e moral, que também precisam ser identificadas e combatidas. Atitudes que costumam passar despercebidas, como comentários machistas e humilhantes, geralmente em tons de brincadeira e ciúme doentio, a proibição ou a condenação de fazer algo, como usar determinada roupa, ter amizades, trabalhar fora e a constante culpabilização da mulher por casos de descontrole estão entre as mais comuns.

O **feminicídio**, nome que se dá ao crime de assassinato de mulheres por homens, motivado pelo machismo, ainda é pouco discutido fora de círculos especializados, embora em 2016 tenha sido reconhecido como um tipo qualificado de homicídio e considerado um crime hediondo. Pesquisas e relatos indicam que a violência doméstica conjugal está ligada aos altos índices de feminicídio no Brasil, o que reforça a urgência de debater esse tema em

casa, nas escolas, entre grupos de amigos e em outros espaços. A atividade proposta na seção *De olho no mundo*, na página 270, incentiva a mobilização em torno do tema a partir de pesquisas, reflexões sobre nossos hábitos culturais e sugestões de combate às desigualdades entre homens e mulheres no Brasil. Um exemplo de mobilização bastante atual que tem possibilitado o aumento de denúncias de violência doméstica e machismo em geral são as campanhas nas redes sociais. As *hashtags* de denúncia, por exemplo, encorajaram mulheres a falarem sobre situações vividas e que permaneciam em segredo por medo ou por vergonha.

Nesse mesmo sentido, a seção *Hora de refletir*, na página 277, retoma a importância do respeito aos direitos, da tolerância e do comportamento ético no combate às desigualdades e às violências praticadas contra grupos sociais considerados minoritários, como afrodescendentes, indígenas, LGBTI, crianças, idosos, entre outros. Além das iniciativas governamentais, procura-se valorizar as condutas éticas nas relações individuais e sociais.

Os documentos disponibilizados na seção *Fechando a unidade*, na página 278, retomam o tema da ética e buscam associá-lo a questões debatidas ao longo da unidade, como a ética na política, o respeito à democracia e a ética em nossas atitudes cotidianas. No primeiro documento, um texto da filósofa Márcia Tiburi, aborda-se a democracia como prática institucional e cotidiana que deve permear todas as nossas relações, nas esferas pública e privada. A analogia entre a democracia e uma criança sempre em crescimento e o seu aprimoramento é interessante para se pensar em nossas responsabilidades no cuidado com a democracia, que se fortalece ou se enfraquece de acordo com os caminhos que escolhemos seguir.

A **tirinha de Calvin** (documento 2) auxilia nesta questão, na medida em que retrata uma experiência em que o personagem foi obrigado a refletir sobre a melhor atitude a ser tomada diante de uma situação do cotidiano escolar. Embora, aparentemente, a atitude de colar na prova não fosse prejudicial a outras pessoas, ou mesmo uma transgressão grave aos olhos de muitos, uma vez que quase “todo mundo trapaceia pelo menos uma vez na vida” (segundo o personagem), Calvin é levado a questionar se este comportamento não seria uma justificativa para o fato de não ter se preparado para a prova (chamando a atenção para nossas responsabilidades). Mesmo afirmando que tendemos a valorizar mais o êxito, mesmo quando não merecido, o personagem conclui que, alcançado desta forma, o êxito não seria justo ou mesmo satisfatório para ele, colocando em questão o caráter ético de seu comportamento.

Nessa linha, o texto do cientista político Wanderley Guilherme (documento 3) aborda a corrupção na esfera política no Brasil e sua relação com a corrupção privada, aquela praticada em nosso cotidiano em ações que já se tornaram corriqueiras, e acaba por caracterizar o chamado “jeitinho brasileiro”. Todos os documentos procuram enfatizar a importância das posturas éticas e democráticas que se aprimoram na medida em que são colocadas em prática, possibilitando também promover o bem comum.

SUA OPINIÃO (p. 261)

Resposta individual, pois refere-se à avaliação de cada um sobre os direitos sociais constituídos e efetivamente respeitados no Brasil. Essa resposta pode depender da realidade local. Pode-se, no entanto, orientar os alunos a refletirem sobre o assunto com os pais ou em outros ambientes, para ampliar seus conhecimentos. De modo geral, podemos falar que várias conquistas da Constituição de 1988 melhoraram a vida da população brasileira, especialmente das camadas populares. Alguns direitos trabalhistas (direito de greve, 44 horas semanais, licença-maternidade, etc.) têm sido efetivamente cumpridos e fiscalizados em grande parte do país. Porém, eles não atingiram toda a população trabalhadora e, ainda, há diversas denúncias de trabalho análogo à escravidão tanto no campo, quanto nas cidades, por exemplo. Outra mudança importante estabelecida pela nova Constituição foi o conjunto de normas legais que controlam a ação do Estado e impedem que arbitrariedades sejam cometidas, como a tortura, a prisão sem justificativa ou a sonegação de informação a pessoas investigadas, rompendo-se, desse modo, com uma antiga herança do Estado brasileiro, historicamente acostumado ao arbítrio e à violência, especialmente contra a população mais pobre. Entretanto, ainda há notícias de tortura, de condições indignas em presídios e de violência policial contra jovens nas favelas, por exemplo. Além disso, a Constituição garantiu diversos direitos aos indígenas, como o direito à terra que tradicionalmente ocupam. No entanto, na prática, empresas madeireiras, fazendeiros e o agronegócio continuam invadindo os territórios indígenas a fim de explorar os recursos naturais dessas áreas, provocando inúmeros conflitos que desestabilizam essas populações e a manutenção de seus costumes e tradições. Professor, você pode ponderar com os alunos que a maioria dos direitos definidos em lei faz parte das reivindicações dos movimentos e organizações sociais, que pressionam o Estado no sentido de exigir o cumprimento da lei.

ORGANIZANDO AS IDEIAS (p. 267)

1. Entre os principais direitos aprovados pela nova Constituição encontram-se o fim da censura prévia às artes e aos meios de comunicação, a proibição à tortura, o *habeas data* (direito de cada indivíduo ter acesso às informações a seu respeito em poder de órgãos públicos), a ampliação da licença-maternidade para um mínimo de 120 dias e a criação da licença-paternidade de cinco dias, a jornada semanal de 44 horas, a reforma agrária em terras improdutivas e o voto facultativo para jovens de 16 a 18 anos.
2. O modelo de desenvolvimento econômico adotado pelo regime militar estava baseado na intervenção generalizada do Estado na economia, por meio de uma política protecionista que envolvia restrições a importações, subsídios à iniciativa privada nacional e a manutenção de empresas estatais em diversos setores da economia. Esse modelo exigia

um volumoso aporte financeiro que foi captado em bancos estrangeiros. Em fins dos anos 1970, esse modelo foi colocado em xeque com o aumento das taxas de juros internacionais, o que elevou o montante da dívida externa em poucos anos. Somou-se a isso a recessão estadunidense, que levou os Estados Unidos, maior parceiro comercial do Brasil na época, a reduzir o volume de suas importações, provocando *déficit* na balança comercial brasileira. Esse quadro foi agravado com o aumento do preço do barril de petróleo pela Opep, elevando ainda mais as despesas brasileiras, já que o país importava petróleo. O resultado desses fatores foi uma grave crise econômica na década de 1980, que durou até meados dos anos 1990. A crise se manifestou pela queda da produção industrial, pelo crescimento do *déficit* público e pelo aumento da inflação em um ritmo cada vez maior. A dívida externa brasileira, que em 1969 era de 4,3 bilhões de dólares, em 1990 havia saltado para 124 bilhões de dólares.

3. O governo Collor rompeu uma longa tradição de protecionismo da indústria nacional, ao seguir os preceitos do neoliberalismo. Collor estimulou a abertura do mercado brasileiro ao comércio exterior sob o argumento de que as empresas brasileiras precisavam se adequar ao mercado mundial, cada vez mais globalizado. Então, reduziu as taxas de importação e eliminou as restrições à entrada de produtos estrangeiros. As medidas provocaram efeito imediato: artigos do mundo inteiro começaram a ocupar as lojas brasileiras, atraindo rapidamente consumidores em busca de produtos com maior qualidade ou menor preço. Em consequência, as indústrias do país que não conseguiram se modernizar e aprimorar seus produtos não tiveram condições de competir com os estrangeiros e fecharam as portas. Outras que se mantiveram em funcionamento automatizaram a produção e demitiram funcionários, visto que uma das formas de diminuir custos e manter a competitividade era reduzir gastos com a mão de obra, terceirizando os serviços.

DE OLHO NO MUNDO (p. 270)

Trata-se de uma atividade reflexiva, mas que incentiva os alunos a levantarem dados e subsídios sobre o tema. A discussão de fundo refere-se à própria dinâmica da transformação social e à existência (ou não) de práticas culturais imutáveis. Essa é uma ideia muito reproduzida pelo senso comum – a de que os “brasileiros” têm certas características imutáveis (machismo, indolência, bom humor, cordialidade, etc.) – e que diminui, muitas vezes, o impacto de ações políticas, como a Lei Maria da Penha. Por sua vez, também é recorrente a perspectiva de que leis rigorosas e multas elevadas (ou punições legais) podem provocar efeito nas práticas culturais (as leis de trânsito, como o uso obrigatório do cinto de segurança, são utilizadas frequentemente como exemplos). Para o desenvolvimento do debate, é importante que os alunos tenham refletido sobre isso

e que elaborem argumentos sobre o significado das ações políticas e educacionais, numa perspectiva de longo prazo – visto que as mudanças culturais, às vezes, só podem ser verificadas em décadas. Professor, você pode contribuir para o debate, apresentando para a classe as transformações históricas nos padrões culturais brasileiros: a diminuição do poder do patriarca quando comparado com as famílias do século XIX, por exemplo, a introdução de padrões modernos de casamento (com base no sentimento amoroso e não nas decisões dos pais), a liberação feminina e a prática do sexo antes do casamento (embora ainda haja fortes restrições religiosas em certas regiões e grupos sociais), a popularização de métodos contraceptivos (como a pílula e a camisinha), etc. Todas essas transformações são recentes, mas resultam de processos culturais de longa duração que se transformam lentamente e nem sempre são compreendidos pelos alunos.

ESQUEMA-RESUMO (p. 273)

A consolidação da democracia no Brasil vem ocorrendo nas três últimas décadas, após a redemocratização e o retorno das eleições livres no país em meados da década de 1980. Com isso, foi criada a Constituição de 1988, chamada de Constituição Cidadã. Porém, ao mesmo tempo que o país retornava à normalidade democrática, a economia brasileira enfrentava uma grave crise, com altos índices de inflação e aumento da dívida externa. Os presidentes eleitos tomaram medidas diversas para tentar controlar essa crise, mas isso só ocorreu efetivamente em meados da década de 1990. Para tanto, foram adotadas políticas neoliberais que promoveram a abertura da economia brasileira e diminuíram o papel do Estado na economia. Após o fracasso do governo Collor (1990-1992), que culminou com o *impeachment* do presidente, o país foi sucedido por governos que levaram adiante medidas que possibilitaram o crescimento da economia (Plano Real, por exemplo) e também medidas sociais com o objetivo de diminuir as desigualdades, como o Bolsa Família. Com isso, de meados da década de 1990 até 2014, a economia brasileira cresceu e a pobreza diminuiu. Porém, isso não significa o fim das desigualdades e dos problemas sociais. Estes persistem no Brasil até o presente.

ORGANIZANDO AS IDEIAS (p. 274)

1. Em primeiro lugar, a estabilidade econômica obtida pelo controle da inflação garantiu a eleição de Fernando Henrique Cardoso, ministro da Fazenda do governo Itamar Franco e o responsável direto pelo Plano Real. Lançado como candidato a presidente, ele venceu o pleito de 1994 e foi reeleito em 1998. Em segundo lugar, com a estabilização da moeda, o governo brasileiro teve condições de implementar uma série de medidas que fortaleceram o modelo econômico adotado, como a reorganização das regras do sistema bancário e a renegociação das dívidas dos governos estaduais. Nesse campo, uma das medidas mais significativas foi a aprovação,

em 2000, da Lei da Responsabilidade Fiscal, cujo objetivo é impedir que prefeitos, governadores e o próprio presidente da República gastem mais do que o estabelecido pelo orçamento público.

2. O neoliberalismo previa a abertura da economia ao comércio exterior, a redução de taxas de importação, a eliminação das restrições à entrada de produtos estrangeiros no Brasil, a privatização de empresas estatais, entre outras características. Os princípios centrais do neoliberalismo não foram abandonados no governo Lula, que também adotou medidas para melhorar a distribuição de renda no país.
3. O governo Lula seguiu, em muitos aspectos, a política econômica neoliberal de Fernando Henrique Cardoso. Já no campo da política social, o governo iniciou ações que procuraram promover maior distribuição de renda e diminuir as desigualdades sociais no país. Nesse campo, duas medidas foram importantes: o aumento real do salário mínimo (reajustado em índices superiores ao da inflação) e o Bolsa Família, um programa de transferência de renda para famílias em situação de pobreza ou de miséria. Para ter direito ao benefício, as famílias deviam oferecer contrapartidas, como manter filhos na escola e vacinar as crianças de acordo com o calendário anual de vacinação. Muitos opositores afirmam que esse programa tem caráter assistencialista e que, portanto, promoveria a “acomodação” das camadas mais baixas da sociedade, uma vez que a verba substituiria a procura por trabalho. Porém, o Bolsa Família possibilitou reduzir pela metade o índice de miseráveis no país, embora ainda existam elevadas desigualdades sociais.
4. Apesar dos grandes avanços sociais e do crescimento econômico da última década, o Brasil continua a apresentar desigualdades sociais acentuadas. Um dos sinais dessa desigualdade pode ser verificado pelo Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) medido anualmente pelo Pnud (Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento). Das 188 nações investigadas em 2014, o Brasil ficou em 75º lugar, com o índice 0,755, uma posição baixa, considerando que a economia brasileira é uma das dez maiores do mundo. Além disso, a concentração de renda do país é extremamente elevada: enquanto 10% da população mais rica do país detém 40,3% de toda a riqueza no país, no outro extremo, os 10% da população mais pobre dividem entre si 1,4% da riqueza gerada no país. Há também uma forte concentração fundiária, responsável pela pobreza das populações rurais. Cerca de 13,2 milhões de brasileiros (com mais de 15 anos) ainda são analfabetos, enquanto 17,6% da população tem apenas conhecimentos rudimentares da escrita e da leitura. Ainda existem cerca de 3,3 milhões de crianças e adolescentes de 5 a 17 anos (8,1% do total) obrigados a trabalhar, muitos deles em atividades insalubres e estafantes; mulheres e negros sofrem diversos tipos de preconceito que se refletem no menor acesso à educação

e à saúde, em salários inferiores e no maior risco de desemprego. Além disso, as populações indígenas sofrem com os lentos processos de demarcação de suas terras e têm seus direitos desrespeitados por fazendeiros, madeireiros, garimpeiros e posseiros que invadem seus territórios.

5. Dados levantados pela Fundação Perseu Abramo, em 2010, indicam que 43% das mulheres brasileiras já sofreram algum tipo de violência praticada por homens com quem têm ou já tiveram relações afetivas. Outra pesquisa indicou que sete em cada dez mulheres entrevistadas acreditam que as mulheres sofrem mais violência dentro de casa do que em espaços públicos. Além disso, 54% das pessoas entrevistadas conhecem ao menos uma mulher que já foi agredida pelo parceiro. Para transformar essa realidade, foi criada a Lei Maria da Penha em 2006, que estabelece punições específicas para a violência doméstica e prevê medidas que visam à proteção das mulheres. Isso estimulou o crescimento das denúncias contra a violência doméstica no país.
6. Além das desigualdades sociais e da violência e discriminação contra as mulheres, a sociedade brasileira é marcada por muitos outros problemas, como a violência urbana, o alto índice de mortes por conta do uso de armas de fogo, a corrupção, problemas ambientais, diversas formas de preconceito, entre outros.

INTERPRETANDO DOCUMENTOS: TEXTO E IMAGEM (p. 274)

- a) A intervenção consiste na frase: “Aqui tinha uma escola.” Além disso, o autor escreveu sobre a lousa, um objeto típico da escola, ressaltando de forma ainda mais clara a responsabilidade da mineradora na devastação ambiental de uma grande região no Brasil.
- b) Sim, a reportagem indica que o dano ambiental no rio é muito grande, o que permite caracterizar a situação atual como um rio morto. A avaliação da água em quase todos os pontos testados foi péssima, indicando a presença de metais pesados acima dos níveis permitidos, bem como com uma turbidez da água muito acima do que é aceitável. Além disso, a reportagem indica que a recuperação natural do rio, por meio das chuvas, por exemplo, não ocorrerá, já que cada vez que chove, a situação piora ainda mais. Por isso é impossível dizer atualmente o tempo que vai levar para que a lama deixe de ficar suspensa no rio. A única maneira de reverter isso é com pesado investimento na recuperação dos rios afetados, o que deve exigir pelo menos R\$ 20 bilhões.
- c) A proposta da atividade é fazer com que os alunos investiguem as diversas situações de danos ambientais causadas por atividades produtivas no Brasil. Além da catástrofe que devastou o rio Doce, é importante lembrar da

destruição de grandes regiões de vegetação nativa, o impacto da construção de hidrelétricas em rios e outras regiões do país, as queimadas, o vazamento de óleo no litoral, entre muitos outros exemplos. Além de pesquisar sobre os problemas ambientais no Brasil, é importante que os alunos pensem em medidas que podem ajudar a evitá-los, como o maior controle do governo sobre as operações de empresas no Brasil, a adoção de medidas sustentáveis para a produção, o boicote dos consumidores às empresas que causam problemas ambientais, a responsabilização criminal daqueles envolvidos com empresas que causam danos ambientais, entre outros exemplos. Professor, caso julgue conveniente, pode-se propor a criação de um mural coletivo com as informações e ideias discutidas.

TESTE SEU CONHECIMENTO (p. 276)

1. D 2. C 3. E

HORA DE REFLETIR (p. 277)

A proposta da atividade é fazer com que os alunos reflitam sobre a importância da sociedade em agir em prol da transformação dos problemas sociais e das desigualdades e violências que marcam o nosso país. Nesse caso, é fundamental que os alunos destaquem que essa tarefa não está restrita a um reduzido número de pessoas ou a determinadas instâncias do poder. Todos os cidadãos têm um papel importante no combate às desigualdades e violências, buscando formas de criar um país melhor e mais igualitário. Professor, incentive os grupos a fazerem uma cena curta e simples, por exemplo, com 1 minuto e 2 personagens. A intenção é que, por intermédio da cena, eles sejam conduzidos a uma discussão prática sobre o tema, evitando generalizações ou idealizações muito vagas sobre o combate às desigualdades e violências sociais. Se julgar oportuno, os grupos podem apenas construir os diálogos e fazer uma leitura dramatizada, descrevendo a cena, sem precisar encená-la.

FECHANDO A UNIDADE (p. 278)

1. Para a autora, a democracia existe enquanto existir o desejo das pessoas por ela. É por isso que ela defende que a democracia é uma forma de afeto político que busca construir uniões coletivas entre os indivíduos de forma análoga ao de uma festa. Sendo assim, para existir a democracia é necessário uma prática alegre estabelecida cotidianamente, na qual todos lutam pelo respeito à individualidade e aos direitos fundamentais de todos. Sem esse cuidado cotidiano, a democracia pode ser derrotada por posturas autoritárias e que não respeitam a diversidade e a vida de todos.
2. O questionamento ético de Calvin é se ele deve ou não deve colar na sua prova no colégio. Ele reflete

sobre isso a partir do seguinte dilema: se é melhor ser reprovado de forma honrada, ou se é melhor copiar a prova dos outros e ser aprovado mesmo sem merecer. Esse dilema expressa a tensão entre respeitar as regras e não obter um benefício ilícito e burlar as regras de modo a se beneficiar privativamente. A implicação desse dilema é colocar o respeito à regra e aos direitos coletivos em primeiro lugar, ou abrir mão dos direitos coletivos em favor de uma vantagem individual. Com base nisso, pode-se dizer que Calvin está refletindo sobre a essência da corrupção, qual seja, a legitimidade (ou não) de burlar uma regra coletiva em favor de si próprio. Caso o indivíduo considere legítimo burlar as regras, ele acaba defendendo a lógica de que a corrupção não é uma falha ética. Caso ele respeite a regra, mesmo que isso signifique prejuízos para si próprio, ele se coloca contra a corrupção e defende uma postura ética diante das regras coletivas.

3. Wanderley Guilherme dos Santos defende que as reformas políticas não seriam capazes de resolver o problema da corrupção pelo fato de que elas não acabariam com a causa efetiva do problema: os corruptores. Estes são os indivíduos que realizam ações cotidianas e diversas para encobrir práticas ilegais e promover outras, como pagando propina para agentes públicos ou ignorando a cobrança de impostos e taxas. Assim, sem modificar as práticas dos corruptores, o cientista político não acredita que as propostas de reforma política sejam, por si sós, capazes de trazer ganhos civilizatórios significativos no Brasil.
4. Sim, pode-se relacionar o dilema ético de Calvin com a questão dos corruptores, na medida em que o ato de burlar uma regra coletiva para encobrir uma falha é a essência das práticas de corrupção levadas adiante pelos corruptores. Assim, caso Calvin tivesse optado por colar na prova, ele estaria se enquadrando na categoria de corruptores denunciada por Wanderley Guilherme dos Santos.
5. Espera-se que os alunos relacionem os documentos da seção de modo a destacar que a democracia envolve uma relação dos indivíduos com os demais de modo a garantir os direitos individuais e o respeito às regras coletivas. Sendo assim, pode-se dizer que a democracia só pode se manifestar plenamente quando os indivíduos adotam uma prática ética diante dos demais, respeitando as regras comuns e lutando para que todos tenham suas individualidades respeitadas. Além disso, é fundamental que os indivíduos combatam as pequenas práticas corruptoras que enfraquecem as regras e o funcionamento das instituições públicas. Com base nisso, é possível retomar a metáfora proposta pela filósofa Márcia Tiburi de que a democracia é como uma criança que precisa de cuidados e proteção e que é de responsabilidade de todos aqueles que desejam a manutenção das relações democráticas no país.

Sugestões de livros

BENTO, Berenice. (2011). *Na escola se aprende que a diferença faz a diferença*. Estudos Feministas, 19(2), p. 549-559. Disponível em: <www.scielo.br/pdf/ref/v19n2/v19n2a16.pdf>. Acesso em: 28 abr. 2016.

- O artigo busca refletir sobre o comportamento das instituições escolares diante da multiplicidade de sujeitos que fogem às normas de gênero.

JESUS, Jaqueline Gomes de. *Orientações sobre a população transgênero: conceitos e termos*. Brasília: Ed. do autor, 2012. E-book disponível em: <http://issuu.com/jaquelinejesus/docs/orienta__es_popula__o_trans>. Acesso em: 28 abr. 2016.

- Cartilha com termos e conceitos relativos à população transgênero.

POCHMANN, Márcio; AMORIM, Ricardo (Org.). *Atlas da nova estratificação no Brasil. Proprietários, concentração e continuidade*. São Paulo: Cortez Editora, 2009. v. 3.

- A coletânea de artigos analisa as raízes históricas da concentração de riqueza no Brasil.

Sugestões de filmes

HollySiz The light (Benoît Pétré, 2014).

- Clipe de uma canção que se assemelha a um curta-metragem. Aborda as reações de adultos e crianças diante de um menino que decide ir à escola de vestido. Disponível em: <www.youtube.com/watch?v=Cf79KXBCIDg>. Acesso em: 28 abr. 2016. Sugestão feita com fins didáticos, sem intenção de estimular o consumo de produtos ou marcas.

Anjos do Sol (Rudi Lagemann, 2006).

- História de uma menina de 12 anos, do interior do Nordeste brasileiro, vendida por sua família a um recrutador de prostitutas.

Sugestões de sites

Dossiê Violência contra as Mulheres. Disponível em: <www.agenciapatriciagalvao.org.br/dossie/>. Acesso em: 28 abr. 2016.

- Dossiê digital que sistematiza dados, pesquisas, informações e análises sobre a violência contra as mulheres, inclusive nas redes sociais.

Feminicídio no Brasil. Disponível em: <<http://feminicidionobrasil.com.br/>>. Acesso em: 28 abr. 2016.

- Reúne textos sobre as origens históricas e culturais do machismo, depoimentos de vítimas da violência praticada por homens, dados atualizados do feminicídio, etc.

LGBT Brasil. Disponível em: <www.lgbtbrasil.com.br/Home>. Acesso em: 28 abr. 2016.

- Página oficial do movimento LGBT que tem como objetivo combater as diferentes formas de discriminação, especialmente motivadas por identidades de gênero e orientações sexuais.

Maria Mulher: Organização de Mulheres Negras. Disponível em: <www.mariamulher.org.br/>. Acesso em: 28 abr. 2016.

- Site do grupo Maria Mulher, que defende os direitos humanos das populações marginalizadas e excluídas.

QUESTÕES DO ENEM

Respostas

1. D	7. B	13. B	19. A
2. B	8. C	14. B	20. E
3. C	9. B	15. C	21. E
4. C	10. E	16. A	22. A
5. D	11. E	17. C	23. C
6. D	12. D	18. E	

6 Bibliografia

ABREU, Martha; SOIHET, Rachel. *Ensino de História: conceitos, temáticas e metodologias*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003.

ALMANAQUE *Brasil Socioambiental* (2008). São Paulo: Instituto Socioambiental, 2007.

BARBOSA, Lucia Maria de Assunção et al. *De preto a afrodescendente*. Trajetos de pesquisa sobre relações étnico-raciais no Brasil. São Carlos: Edufscar, 2004.

BENTO, Maria Aparecida S. *Cidadania em preto e branco*. São Paulo: Ática, 2006.

BITTENCOURT, Circe (Org.). *Osaber histórico na sala de aula*. São Paulo: Contexto, 1997.

_____. *Ensino de História: fundamentos e métodos*. São Paulo: Cortez, 2004.

BLOCH, Marc. *Apologia da História ou O ofício de historiador*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BORGES, Vavy Pacheco. *O que é História*. São Paulo: Brasiliense, 1980.

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade*. São Paulo: T. A. Queiroz/Edusp, 1987.

BRASIL. Secretaria Especial de Políticas de Promoção de Igualdade Racial. Subsecretaria de Políticas de Ações Afirmativas. *Plano Nacional de Implementação das Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação das Relações Etnicorraciais e para o Ensino de História e Cultura Afrobrasileira e Africana*. Junho de 2009.

BURKE, Peter. *O que é história cultural?* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

CABRINI, Conceição et al. *O ensino de História – Revisão urgente*. São Paulo: Brasiliense, 1987.

CARR, Edward Hallett. *Que é História?* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

CARRETERO, Mario. *Construir e ensinar – as Ciências Sociais e a História*. Porto Alegre: Artmed, 1997.

CHESNEAUX, Jean. *Devemos fazer tábula rasa do passado?: sobre a História e os historiadores*. São Paulo: Ática, 1995.

DELGADO, Lucília de Almeida Neves. *História oral: memória, tempo, identidades*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

DMITRUK, Hilda Beatriz. *A história que fazemos: pesquisa e ensino de História*. Florianópolis: Grifos, 1998.

- FABREGAT, Clemente Herrero; FABREGAT, Maria Her-
rero. *Como preparar uma aula de História*. Lisboa: Asa,
1991.
- FARIA, Maria Alice. *Como usar o jornal na sala de aula*.
São Paulo: Contexto, 2008.
- FENELON, Déa Ribeiro et al. (Org.). *Muitas memórias,
outras histórias*. São Paulo: Olho d'Água, 2004.
- FERRO, Marc. *A manipulação da História no ensino e nos
meios de comunicação – a história dos dominados em
todo o mundo*. São Paulo: Ibrasa, 1983.
- FREITAS, Marcos Cezar (Org.). *Historiografia brasileira
em perspectiva*. São Paulo: Contexto, 1998.
- GAY, Peter. *O estilo na História*. São Paulo: Companhia
das Letras, 1990.
- GUZZELLI, Cesar Augusto Barcellos et al. (Org.). *Ques-
tões de Teoria e Metodologia da História*. Porto Alegre:
Editora Universidade/ UFRGS, 2000.
- HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo:
Editora Revista dos Tribunais, 1990.
- HASENBALG, Carlos. *Discriminação e desigualdades
raciais no Brasil*. Belo Horizonte: UFMG; Rio de Janeiro:
luperj, 2005.
- HERNANDEZ, Leila Leite. *A África na sala de aula – vi-
sita à história contemporânea*. São Paulo: Selo Negro
Edições, 2005.
- HOBSBAWM, Eric. *Sobre História*. São Paulo: Compa-
nhia das Letras, 1998.
- IOKOI, Zilda Marcia Gricoli (Org.). *História e linguagens*.
São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2002.
- KARNAL, Leandro (Org.). *História na sala de aula – Con-
ceitos, práticas e propostas*. São Paulo: Contexto,
2003.
- LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre (Org.). *História: novos
problemas*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988.
- _____. *História: novas abordagens*. Rio de Janeiro:
Francisco Alves, 1988.
- _____. *História: novos objetos*. Rio de Janeiro: Fran-
cisco Alves, 1988.
- LEVEBVRE, Henry. *O direito à cidade*. São Paulo: Moraes
Editora, 1991.
- LIMA, Ivan et al. (Org.). *Os negros, os conteúdos escolares e
a diversidade cultural*. Florianópolis: Núcleo de Estudos
Negros, 1998. 2 v.
- MARCOVITCH, Jacques. *Para mudar o futuro: mudanças
climáticas, políticas públicas e estratégias empresariais*.
São Paulo: Edusp/Saraiva, 2006.
- MONTENEGRO, Antonio Torres. *História oral e memó-
ria: a cultura popular revisitada*. São Paulo: Contexto,
1992.
- MORAN, Emílio F. *Nós e a natureza: uma introdução às
relações homem-ambiente*. São Paulo: Senac, 2008.
- MUNANGA, Kabengele. *Rediscutindo a mestiçagem no
Brasil: identidade nacional versus identidade negra*.
Belo Horizonte: Autêntica, 2006.
- MUNANGA, Kabengele; GOMES, Nilma Lino. *O negro no
Brasil de hoje*. São Paulo: Global, 2006.
- NAPOLITANO, Marcos. *Como usar o cinema na sala de
aula*. São Paulo: Contexto, 2004.
- OLIVEIRA, Margarida Maria Dias de; STAMATTO, Maria
Inês Sucupira (Org.). *O livro didático de História: políticas
educacionais, pesquisas e ensino*. Natal: EDUFRN, 2007.
- PINSKY, Jaime (Org.). *Cidadania e educação*. São Paulo:
Contexto, 1999.
- _____. *O ensino de História e a criação do fato*. São Paulo:
Contexto, 1988.
- RAGO, Margareth; GIMENEZ, Renato. *Narrar o passado,
repensar a História*. Campinas: IFCH-Unicamp, 2000.
- SCHMIDT, Maria Auxiliadora; CAINELLI, Marlene. *Ensi-
nar a História*. São Paulo: Scipione, 2004.
- SCHWARCZ, Lília Moritz; REIS, Letícia Vidor de Sousa.
Negras imagens. São Paulo: Edusp, 1996.
- SILVA, Aracy Lopes da (Org.). *A questão indígena na sala
de aula*. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- SILVA, Aracy Lopes da; GRUPIONI, Luis Donisete Benzi.
*A temática indígena na escola: novos subsídios para pro-
fessores de 1º e 2º graus*. Brasília: MEC/MARI/Unesco,
1995.
- SILVA, Marcos A. da. *História – O prazer em ensino e
pesquisa*. São Paulo: Brasiliense, 1995.
- _____. (Org.). *República em migalhas: História regional
e local*. São Paulo: Marco Zero, 1990.
- SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão (Org.). *Livros didá-
ticos de História e Geografia: avaliação e pesquisa*. São
Paulo: Cultura Acadêmica, 2006.
- VIEIRA, Maria do Pilar de Araújo et al. *A pesquisa em
História*. São Paulo: Ática, 1989.



ISBN 978-850817984-8



9 788508 179848